

**ASSOCIATIVISMO CULTURAL E CRIATIVIDADE
INOVAÇÃO, COESÃO SOCIAL E MUDANÇA SUSTENTÁVEL
ESTUDO DE CASO – A CASA BÔ**

por

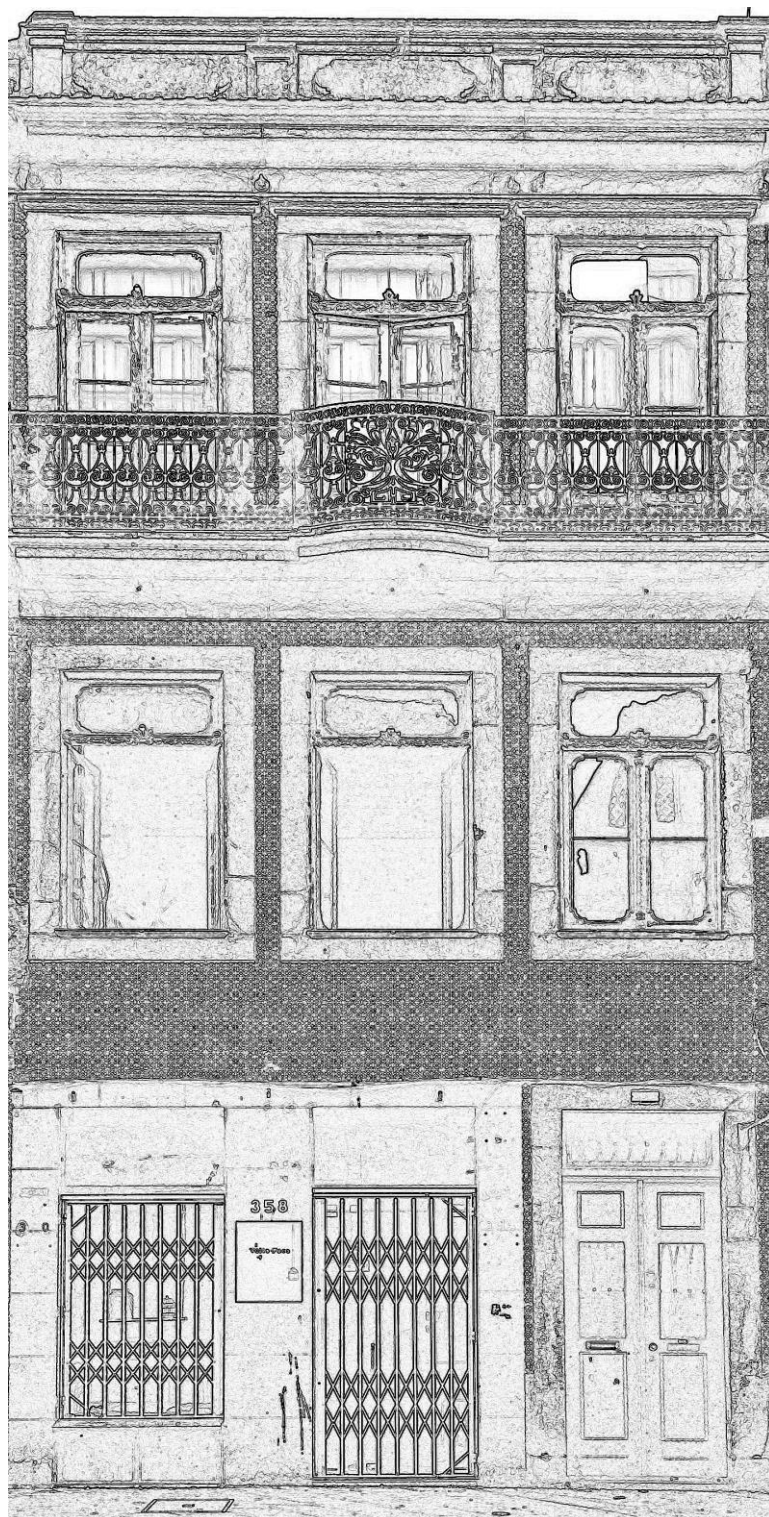
André Luis Quintino Principe

Dissertação de Mestrado em Economia e Gestão da Inovação

Orientada por

Professor Doutor Manuel António Fernandes da Graça
Professora Doutora Helena Maria de Azevedo Coelho dos Santos

Porto
2016



Ao tio Raul (in memoriam)

ao bô Miguel (in memoriam)

e à família bô

Nota Biográfica

André Luis Quintino Príncipe nasceu em 1976 em São Paulo, Brasil. É luso-brasileiro, filho de mãe portuguesa e de pai brasileiro, neto de italianos.

Começou a trabalhar em 1992 aos 16 anos na SABESP - Companhia de Saneamento Básico do Estado de São Paulo, conciliando o trabalho com os estudos.

Formou-se no Secundário Técnico na Escola Técnica Federal de São Paulo, obtendo grau de Auxiliar Técnico em Eletrotécnica em 1996. Ingressou em 1997 na Universidade São Judas Tadeu – USJT, obtendo em 2001 o grau de bacharel¹ em Direito e habilitação como Advogado com a aprovação no Exame de Ordem da OAB/SP². Foi orador em cursos extracurriculares de Ética no Direito na USJT, no tema em que defendeu na Monografia sobre a publicidade jurídica no Brasil, Estados Unidos e Canadá.

Entre 2000 e 2001 residiu e fez cursos de inglês em Vancouver, Canadá.

Em 2008, fez pós-graduação em Gestão de Projetos pela UNINOVE³. Foi membro do PMI – *Project Management Institute* dos capítulos de São Paulo e Nova Iorque.

Foi Consultor Sênior pela Ernst & Young de 2010 a 2013, trabalhando em projetos de diversos ramos de atividade no Brasil, América do Sul e Central.

Em 2011, obteve certificado internacional em Gestão de Projetos pela NYU – *New York University*, no período de pouco mais de um ano em que residiu em Nova Iorque.

Reside no Porto desde 2014, ano em que ingressou no Mestrado em Economia e Gestão da Inovação pela FEP – Faculdade de Economia da Universidade do Porto. Na cadeira de Empreendedorismo, destacou-se num desafio em grupos para obtenção do maior retorno financeiro num período de sete dias a partir do capital inicial de cinco euros, ao adotar uma estratégia de produção e venda de brigadeiros. O resultado foi a venda de 520 unidades, num montante de 226 euros e 4.420 % de lucro, mais que o dobro do montante dos demais sete grupos juntos, batendo o recorde da cadeira desde a criação da atividade.

Atualmente é presidente do Conselho Fiscal da AABP – Associação dos Amigos do Brasil no Porto e foi membro do *Creative Mornings*, capítulo do Porto.

¹ O grau de bacharel em Direito no Brasil equivale à Licenciatura em Direito em Portugal.

² Ordem dos Advogados do Brasil – Seccional São Paulo.

³ Universidade Nove de Julho, em São Paulo, Brasil.

Agradecimentos

À DGES – Direção-Geral de Ensino Superior, pelo apoio financeiro.

Aos meus orientadores,

Professor Doutor Manuel António Fernandes da Graça, por me convencer pelo estudo de caso e pelas inspiradoras aulas na cadeira de Criatividade, principalmente pelas expressões mágicas e pelos momentos inesquecíveis, e

Professora Doutora Helena Maria de Azevedo Coelho dos Santos, pelo apoio e por ter aceito o convite e me fazer acreditar no potencial da dissertação.

Ao Ângelo Lopes, pela amizade, pelas partilhas, pela casa bô, pelo belo exemplo;

À Associação Cultural, Ambiental e de Solidariedade Social - casa bô e à família bô, pelas partilhas, pela acolhida calorosa, pela experiência inestimável.

Aos 18 entrevistados, meu muitíssimo obrigado pela partilha que enriqueceu e tornou possível esta investigação.

À Junta de Freguesia do Bonfim, em especial ao

Sr. José Soares - Pelouro da Educação, Cultura e Lazer e

Sra. Alda Pena – Pelouro da Coesão Social, pela pronta atenção e contribuições.

Ao Sr. António Luis Ferreira, CEO da empresa Gestão de Topo, Lda. e

Ao Sr. Fernando Cabral, CEO da empresa Sistemas do Futuro, Lda., pelas valorosas contribuições.

Aos amigos do Mestrado: Daniel Fangueiro, Rui Gonçalves, Filipe Sá, Miguel Vaz,

Tiago Morais e Armando Sena, pelas partilhas, pelas inúmeras boleias, pela amizade;

Em especial ao Filipe Mota, pelo apoio, por todas as partilhas preciosas e pela atenção em todos os momentos.

Aos amigos de longa data da Federal Cleiton Santoia, Arturo Pasquale Viola e Giovanni Armando, pelas contribuições preciosas.

Ao amigo de infância Andres Costa, pelas sobrevidas ao meu computador portátil e pelas inúmeras contribuições nas pesquisas.

À Ana Cristina Saladrigas, pelo apoio e equilíbrio.

Aos meus pais, por tudo.

E a minha estimadíssima esposa Juliana Alves, pela companhia, pelo carinho, pelo incentivo, pelo apoio incondicional, pelas poucas horas de sono durante toda a dissertação ao ficar do meu lado, por todo o amor, por tudo.

Resumo

Nesta investigação, utilizou-se como estudo de caso uma associação cultural da Freguesia do Bonfim, no Porto, a casa bô. Essa organização sem fins lucrativos do terceiro setor promove eventos culturais e sociais por meio da atração da classe artística e do público em geral. A classe artística desenvolve atividades no campo das chamadas indústrias criativas. A criatividade é a uma ferramenta e condição intrínseca do trabalho artístico nesse processo.

Analisa-se em que medida a criatividade e iniciativas criativas da classe criativa artística e dos membros da denominada família bô contribuem para a sustentabilidade da associação, promovem o desenvolvimento pessoal e quais as influências das interações da coletividade ocorridas no espaço físico da casa bô na atração e na criação de uma rede cooperativa comunitária entre indivíduos, demais associações e outras entidades.

Analisa-se a efetividade do donativo consciente na inclusão e coesão social para geração de economia social e qual a relevância do ambiente criativo e de iniciativas criativas para a capacidade de inovação social.

Verifica-se de que forma as finalidades dos pilares Cultural, Ambiental e de Solidariedade Social da casa bô se interligam no cumprimento dos objetivos de cariz social e como fortalecem a união de pessoas e entidades por meio dos valores da associação em ações de voluntariado.

Estuda-se o papel da associação no cumprimento de carências sociais não atendidas pelo Estado e quais as contribuições da casa bô para a comunidade local do Bonfim, para a cidade do Porto e para a sociedade.

Por fim, analisa-se como o efeito das intervenções de cariz social da casa bô funciona como força motriz para as sinergias de uma rede comunitária emergente na procura de mudança social e de um novo modelo de sociedade que privilegia a coesão social e o cultivo de relações humanas mais saudáveis na promoção do bem-estar social.

Palavras-chave: Criatividade, Economia Social, Inovação Social, Associativismo, Sustentabilidade, Coesão Social.

Classificação JEL: A13; D63; I31; L31; O35; Z11

Abstract

This research's focus of study was the casa bô (bô home) an association of the Bonfim parish, Porto. This third sector non-profit organization promotes cultural and social events by attracting both the artistic community and the general public. The artists develop activities in the field of the so-called creative industries. Creativity is a tool and intrinsic condition of the artwork in this process.

It analyses the extent to which creativity and creative initiatives from the artistic community and the members of the so-called bô family contribute to the association's sustainability, promote personal development. It also looks into the impacts the collective interactions that occur in the physical space of bô house in attracting and the creation of a cooperative network between individuals, other associations and other entities within the community.

This study analyses the effectiveness of conscious donation in social inclusion and cohesion to generate social economy and the relevance of the creative environment and creative initiatives for capacity of social innovation.

It investigates the mechanisms of how the aims of the Cultural, Environmental pillars and Social Solidarity at bô home intertwine in meeting the social nature of objectives and how it strengthens the union between persons and entities through the association values in voluntary work.

It also considered the role of the association in meeting social needs not met by the state and which contributions bô home gives to the local community of Bonfim, the city of Porto and the wider society in general.

Finally, it examines the effect of the interventions of social nature run by bô home as driving force to the synergy of an emerging community network in the search for social change and a new community model that fosters social cohesion and growing healthier human relationships in promoting social welfare.

Keywords: Creativity, Social Economy, Social Innovation, Associativism, Sustainability, Social Cohesion.

JEL Codes: A13; D63; I31; L31; O35; Z11

Índice

Nota Biográfica.....	ii
Agradecimentos.....	iii
Resumo.....	v
Abstract.....	vi
Índice.....	vii
Índice de Figuras.....	x
Índice de Quadros.....	xi
Lista de abreviaturas e siglas.....	xii
INTRODUÇÃO.....	1
CAPÍTULO 1. CONCEITOS E CONTEXTOS.....	7
CAPÍTULO 2. TRABALHO DE CAMPO – ESTRUTURA E METODOLOGIA.....	16
2.1. Questões da investigação.....	16
2.2. Motivação para escolha da casa bô como estudo de caso.....	18
2.3. Escolha da modalidade e Metodologia de Pesquisa Científica.....	21
2.4. Tipo de pesquisa.....	21
2.5. Técnicas de pesquisa.....	22
2.5.1. Levantamento documental.....	23
2.5.2. Entrevistas não-diretivas.....	23
2.5.3. Entrevistas por escrito.....	30
2.5.4. Diário de observação.....	32
2.6. Uso e recolha de dados quantitativos.....	35
2.7. Da recolha de dados qualitativos.....	36
2.7.1. Ferramentas e técnicas para recolha e análise de dados.....	37
CAPÍTULO 3. A ASSOCIAÇÃO CULTURAL CASA BÔ.....	40
3.1. Breve Histórico.....	40
3.2. Estatuto Social, Missão e Visão.....	41
3.2.1. Valores da casa bô e importância das relações humanas.....	43
3.3. Bases da associação casa bô.....	44
3.4. Pilares de atuação da casa bô.....	45
3.5. Estrutura organizacional da casa bô.....	47
3.5.1. Equipa da associação casa bô (membros da família bô).....	52
3.6. Logótipo da associação casa bô.....	53
3.7. Espaços físicos da sede da associação casa bô.....	56
3.8. Eventos e atividades da casa bô.....	59
3.8.1. Eventos e atividades internas.....	60
3.8.2. Eventos e atividades externas.....	65

CAPÍTULO 4. A CASA BÔ E A SOCIEDADE.....	74
4.1. Associações Culturais no Porto e região	74
4.2. Indústrias Culturais no Porto	78
4.2.1. Análise de tipos e número de eventos culturais dos nove equipamentos culturais da amostragem	79
4.2.2. Análise de tipos e número de eventos entre as associações culturais da amostragem ..	88
4.2.3. Análise de tipos e número de eventos entre a casa bô e os equipamentos culturais que não sejam associações culturais	95
4.3. O terceiro setor em Portugal.....	99
4.3.1. Modalidades de organizações sem fins lucrativos	100
4.3.2. Associativismo em Portugal.....	103
4.4. Aspetos jurídicos do associativismo.....	106
4.5. O Estado-providência na oferta da cultura e ações sociais	106
4.6. A Sociedade-providência e a casa bô como agente de ação social.....	108
4.7. Modelo de Negócio	109
4.8. Processo de criação de valor da casa bô.....	110
4.9. A casa bô como objeto de estudo académico e politécnico	111
4.10. A casa bô e a imprensa digital e escrita.....	112
CAPÍTULO 5. ECONOMIA, SUSTENTABILIDADE E INOVAÇÃO SOCIAL	115
5.1. As categorias económicas dos pilares sociais da associação casa bô.....	115
5.2. Sustentabilidade social autogerida	119
5.2.1. Despesas fixas da casa bô	120
5.2.2. Receitas financeiras e gerais da casa bô.....	122
5.2.3. Comparação entre as receitas e as despesas	130
5.2.4. Registo contabilístico	132
5.3. Captação de recursos – apoios regionais e europeus	135
5.4. A casa bô e a Inovação Social.....	143
5.4.1. Rede colaborativa comunitária.....	144
5.4.2. <i>Benchmarking</i> como técnica para inovações sociais.....	146
5.4.3. Ampliação e exploração de novos espaços além da sede associativa	149
5.4.4. Uso da tecnologia para a criação de novas respostas às necessidades sociais	149
5.4.5. Criação de novos projetos que se encaixem em fontes de financiamento europeus ...	150
CAPÍTULO 6. A CASA BÔ E A CRIATIVIDADE	151
6.1. A criatividade na economia social	151
6.2. Economia criativa	154
6.3. Escala da economia cultural e criativa na união europeia	155
6.4. As indústrias criativas e suas relações com a casa bô e demais equipamentos culturais	157
6.4.1. Representatividade da amostragem dos eventos das indústrias culturais em relação à classificação das indústrias criativas da UNCTAD.....	159
6.5. O público, a classe criativa artística e as relações com o espaço da casa bô	162

6.6. O papel da casa bô na cidade do Porto como cidade criativa	163
6.7. A criatividade e sua importância no contexto português e mundial como competência social	164
6.8. O ambiente da casa bô como laboratório criativo e de iniciativas criativas	168
6.9. A casa bô como ambiente de atração da classe criativa artística emergente	169
6.10. A casa bô e a cultura de <i>no blaming</i>	170
6.11. Desconstrução do tempo como medida e regra social.....	174
CAPÍTULO 7. CONTRIBUTOS, DESAFIOS E UMA NOVA TEORIA.....	179
7.1. Contributos.....	181
7.2. Desafios e próximos passos	187
7.3. Uma proposta de teoria: os 4 Ts do desenvolvimento da Economia da Coesão Social	194
CONCLUSÕES	202
 APÊNDICES	
BIBLIOGRAFIA	
ANEXOS	

Índice de Figuras

Figura 1: os três componentes da criatividade.	12
Figura 2: modelo de diário de observação.	34
Figura 3: fotos dos cartazes com a missão e a visão na casa bô.	43
Figura 4: modelo de organização funcional.	47
Figura 5: modelo de organização projetada.	48
Figura 6: modelo de organização matricial fraca.	49
Figura 7: modelo de organização matricial balanceada.	49
Figura 8: modelo de organização matricial forte.	50
Figura 9: logótipo da casa bô.	54
Figura 10: fachada da casa bô.	57
Figura 11: exemplos de eventos do Viral Agenda com classificações segregadas.	63
Figura 12: membros da família bô durante a festa de São João (2016)..	67
Figura 13: alojamento da missão em Aboadela (2016)..	68
Figura 14: integrantes da missão na chegada ao alojamento em Aboadela.	69
Figura 15: arte de divulgação do festival bô. Fonte: <i>website</i> do festival bô.	71
Figura 16: distância entre a casa bô no Porto e o parque de campismo em Amarante.	71
Figura 17: distância entre o centro de Amarante e o local do festival, junto ao rio Tâmega.	72
Figura 18: distribuição do emprego total em Portugal de 2006 por setor	105
Figura 19: <i>Business Model Canvas</i> da casa bô.	110
Figura 20: pesquisa dos códigos CAEs da casa bô, no <i>website</i> do SICAE.	116
Figura 21: quadro das despesas na casa bô do 1.º andar.	121
Figura 22: gastos e investimentos no setor cultural na União Europeia, entre 2003 e 2012	136
Figura 23: os 16 programas operacionais de apoios europeus do Portugal 2020.	138
Figura 24: dotação orçamentária dos quatro eixos do PO ISE.	139
Figura 25: organização Green House.	148
Figura 26: interações dos tipos de criatividade, UNCTAD	153
Figura 27: volume de negócios das CCIs na união europeia em 2012, em biliões de euros.	155
Figura 28: volume de negócios do segmento da música na UE em 2012.	156
Figura 29: volume de negócios do segmento das artes performativas na UE em 2011	156
Figura 30: volume de negócios do segmento das artes visuais na UE em 2011	157
Figura 31: classificação da UNCTAD para as indústrias criativas	159
Figura 32: Habilidades requeridas dos estudantes para o século XXI.	165
Figura 33: percentuais de criatividade de Portugal no ranking comparado com o mundo.	166
Figura 34: percentuais de Portugal no ranking de criatividade comparado com o mundo.	167
Figura 35: classificação do nível de felicidade de Portugal.	180
Figura 36: percentual de critérios para escolha de um destino de viagem ou acomodação	185
Figura 37: proposta de teoria desta investigação, os 4 Ts.	196
Figura 38: cartaz símbolo do Festival bô, 2016.	200

Índice de Quadros

Quadro 1: questão principal e secundárias do trabalho.....	18
Quadro 2: diferenças entre pesquisa quantitativa e qualitativa.....	22
Quadro 3: lista de entrevistas presenciais transcritas.....	26
Quadro 4: lista de entrevistas por escrito.....	31
Quadro 5: lista dos 21 diários de observação.....	35
Quadro 6: abordagem 5W1H.....	38
Quadro 7: pilares de atuação e finalidades da casa bô.....	46
Quadro 8: corpo diretivo da casa bô.....	53
Quadro 9: total de eventos internos por tipo e mês da casa bô.....	61
Quadro 10: comparação da classificação de eventos Viral Agenda e UNCTAD.....	62
Quadro 11: eventos internos observados na casa bô e sua classificação segundo a UNCTAD.....	64
Quadro 12: eventos externos por tipo e por mês da casa bô.....	65
Quadro 13: eventos externos da casa bô observados durante a investigação.....	66
Quadro 14: associações culturais no Porto e região.....	75
Quadro 15: popularidade das associações culturais no Facebook.....	77
Quadro 16: eventos e tipos de eventos de nove indústrias culturais no Porto.....	80
Quadro 17: resumo e estatísticas dos eventos em nove indústrias culturais no Porto.....	80
Quadro 18: eventos e tipos de eventos de associações culturais no Porto.....	89
Quadro 19: resumo e estatísticas dos eventos e tipos de eventos das associações culturais.....	90
Quadro 20: representatividade dos tipos de eventos nas indústrias e associações culturais.....	92
Quadro 21: eventos das indústrias culturais no Porto e casa bô.....	96
Quadro 22: resumo e estatísticas dos eventos das indústrias culturais no Porto e a casa bô.....	97
Quadro 23: classificação ICNPO, com destaques para as associações culturais.....	101
Quadro 24: grupos e áreas das ESNL. Em destaque, grupo das associações culturais.....	102
Quadro 25: total de associações culturais em Portugal.....	104
Quadro 26: notícias da casa bô na imprensa durante o período da investigação.....	113
Quadro 27: estimativa de despesas fixas da casa bô.....	121
Quadro 28: diários de observação, com destaque aos diários para estimativa de receitas.....	123
Quadro 29: diários de observação com os eventos eletivos por tipo e agrupados.....	124
Quadro 30: estimativa de receitas financeiras da casa bô.....	125
Quadro 31: valores percentuais da retenção em benefício da casa bô.....	125
Quadro 32: estimativa de receita calculada a partir dos diários de observação.....	126
Quadro 33: estimativas de receitas financeiras da casa bô.....	127
Quadro 34: estimativa de receitas financeiras dos jantares vegetarianos da casa bô.....	128
Quadro 35: quadro resumo de receitas e despesas casa bô.....	131
Quadro 36: resumo das possíveis medidas cabíveis para a casa bô.....	140
Quadro 37: classificação da UNCTAD para os nove tipos de indústrias criativas.....	158
Quadro 38: classificação de indústrias criativas por tipo de evento das nove indústrias.....	160
Quadro 39: valores sociais entre a sociedade atual e um novo paradigma.....	198

Lista de abreviaturas e siglas

APIs	<i>Appllication Programming Interface</i> (Interface de Programação de Aplicações)
CAE	Classificação Portuguesa de Atividades Económicas
CCI	<i>Creative and Cultural Industry</i> (Indústria Criativa e Cultural)
CEO	<i>Chief Executive Officer</i> (Diretor Executivo)
CRP	Constituição da República Portuguesa
CC	Código Civil Português
Docs.	Documentos
ESNL	Entidades do Setor Não Lucrativo
EU	União Europeia
FEP	Faculdade de Economia da Universidade do Porto
G.A.S.Porto	Grupo de Associação Social do Porto
ICNPO	<i>International Classification of Nonprofit Organizations</i> (Classificação Internacional de Organizações Não Lucrativas)
INE	Instituto Nacional de Estatística
IPSS	Instituições Particulares de Solidariedade Social
NIPC	Número de Identificação de Pessoa Coletiva
ONG	Organização Não-Governamental
ONGA	Organizações Não-Governamental de Ambiente
ONGD	Organização Não-Governamental para o Desenvolvimento
ONL	Organizações Não-Lucrativas
OSFL	Organização Sem Fins Lucrativos
OTOC	Ordem dos Técnicos Oficiais de Contas
PO ISE	Programa Operacional Inclusão Social e Emprego
P&D	Pesquisa e Desenvolvimento
PIB	Produto Interno Bruto
PMBOK®	<i>Project Management Body of Knowledge</i> (Conjunto de Conhecimentos de Gestão de Projetos)
SICAE	Sistema Integrado de Classificações de Atividades Económicas
UDIPSS-Porto	União Distrital das Instituições Particulares de Solidariedade Social do Porto
UNCTAD	<i>United Nations on Conference of Trade and Development</i> (Conferência das Nações Unidas sobre Comércio e Desenvolvimento)
UNESCO	Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura
WEF	<i>World Economic Forum</i> (Fórum Económico Mundial)

INTRODUÇÃO

No início desta investigação serão expostos o projeto de investigação, a justificação da temática escolhida, a relevância desta dissertação, a pertinência com as cadeiras do Mestrado e quais os seus contributos para a área de Economia e Gestão da Inovação.

O tema deste trabalho é relacionado à economia social do terceiro setor e sobre a criatividade da classe artística – como as interações dos agentes, o espaço físico, os valores, a cultura organizacional numa associação cultural são ou não influenciadoras para geração de economia social, sustentabilidade, inovação social, coesão e mudança social para o cumprimento de seus objetivos estatutários e sociais. Escolheu-se como estudo de caso uma associação cultural na zona da Freguesia do Bonfim, no Porto, a casa bô - Associação Cultural, Ambiental e de Solidariedade Social.

Como questões secundárias, analisam-se quais são as motivações que atraem o público, os associados (autodenominados membros da família bô) e a classe artística. Qual o perfil desses agentes? Que tipo de arte e cultura promovem? Há difusão de conhecimento técnico artístico? Que tipos de iniciativas criativas ocorrem no espaço associativo? Quais são os fatores que favorecem a criatividade?

Outras questões são abordadas como de que maneira múltiplos pilares de atuação (cultura, ambiente e solidariedade social) contribuem ou não com consecução das finalidades sociais da casa bô? Como a associação cultural administra e potencializa sinergias com diferentes pilares e objetivos?

Explora-se também uma breve comparação entre algumas associações culturais do Porto para se perceber se há padrões, e quais são, bem como que tipos de eventos e atividades são mais desenvolvidas em cada espaço associativo, ou espaço alternativo, ou *off*, como se encontrou na literatura (Vivant, 2012). Da mesma maneira, é feita uma comparação apenas entre as indústrias culturais ou equipamentos culturais, lugares tidos como mais tradicionais para atividades de artes e cultura. Na cidade do Porto, são locais como a Casa da Música, Serralves, o Coliseu do Porto, entre outros.

Uma comparação entre os espaços alternativos e os tradicionais também foi feita para se perceber as diferenças de escala e tipos de eventos que cada instituição promove. Estuda-se qual o potencial da casa bô para captação de recursos financeiros para financiar seus projetos, sendo uma organização social sem fins lucrativos.

Outras perguntas são feitas no intuito de corroborar com um entendimento amplo da questão central da investigação, como em que medida a criatividade e o perfil do espaço associativo potencializa e favorece inovações sociais? Qual o papel e potencial exploração da tecnologia numa associação cultural?

Por fim, questiona-se quais os desafios e limitações que as associações culturais enfrentam e quais os contributos de um espaço associativo para o público, seus membros, a classe artística, a comunidade local do Bonfim e a sociedade de forma geral?

A dissertação está dividida em sete capítulos, e cada um deles tem o propósito de responder parte das questões levantadas ou servir de apoio para contextualizar a estrutura do trabalho ou dar subsídios para a integração entre tópicos discutidos em cada um dos capítulos.

O Capítulo 1 faz um apanhado dos principais conceitos levantados nas questões e discutidos nos demais capítulos. Os contextos de cada conceito são delineados para uma percepção clara do objeto de estudo. Parte dos conceitos e definições desta investigação foram feitos nos próprios capítulos quando se percebeu a relevância de contextualizar a linha de pensamento com a aproximação das definições e o desenvolvimento dos capítulos.

O Capítulo 2 discute como foi o trabalho de campo e qual a estrutura e metodologia utilizadas na investigação, iniciando pela questão principal e as secundárias, os motivos que levaram para a escolha da casa bô como estudo de caso e quais os métodos usados na investigação. Indica o tipo de pesquisa utilizado, nesse caso o método quantitativo para a comparação e análises das indústrias culturais do Porto e o qualitativo com a recolha, transcrição e análise de entrevistas, a observação de campo e anotação das informações e produção de diários de observação com um cabeçalho de informações comuns para comparação e análise. Por fim, cita-se o uso das ferramentas e técnicas para recolha encerram esta seção.

O Capítulo 3 apresenta e analisa individualmente o objeto de estudo desta investigação, a associação cultural casa bô, contando um pouco da história, da ideia e fundação da associação, analisando-se também o seu estatuto social, a missão e a visão da organização e quais são os valores disseminados pela casa bô.

Adicionalmente, analisam-se quais as bases de formação dos fundadores e dos membros do corpo diretivo, bem como quais os pilares de atuação de forma

pormenorizada, a estrutura organizacional, quem são os associados e porquê se denominam membros da família bô.

Ainda sobre o espaço associativo, exploram-se em detalhes na forma descritiva os espaços físicos da casa bô, a fim de se perceber em quais ambientes ocorrem as principais interações e qual o potencial da sede para os atuais e futuros projetos. O logótipo também é abordado, e, por fim, analisam-se os eventos internos e externos ocorridos a fim de se perceber as nuances entre as ofertas de arte e cultura da casa bô, a variedade de eventos e sua quantidade, dentre outros aspetos que serão também abordados no capítulo seguinte, quando comparada com outras associações culturais e equipamentos culturais.

O Capítulo 4 retrata alguns aspetos da relação da casa bô com a sociedade. Inicia-se com um breve mapeamento de algumas das associações culturais do Porto e de alguns equipamentos culturais tradicionais, reconhecidos inclusive no contexto turístico da cidade do Porto, a fim de se perceber qual a oferta, o volume e as variações que cada espaço cultural oferece para seu público, a comunidade local, a classe artística e a cidade do Porto como um todo.

Análises comparativas e percentuais são feitas dentre as nove indústrias culturais da amostragem: Casa da Música, Casa da Horta, Coliseu do Porto, casa bô, Espaço Compasso, Hard Club, Maus Hábitos, Rés-da-rua e Serralves. São feitas três análises distintas: entre os nove locais juntos, entre apenas as associações culturais e entre as indústrias culturais tradicionais e a casa bô.

O perfil do terceiro setor em Portugal é analisado, assim como é feita uma análise das modalidades de organizações sem fins lucrativos. Uma breve análise estatística sobre o associativismo em Portugal é feita para perceção do volume de associações existentes e a relação entre o número de habitantes em Portugal e das características gerais do setor.

Apontam-se quais os papéis do Estado-providência para suprir a demanda de cultura e outras carências sociais, sendo Estado-providência uma terminologia que aponta o Estado como tutor na promoção dos deveres e direitos da população em procura de coesão e diminuição de desigualdades sociais (Ramos, 2005), e o papel das associações culturais como Sociedade-providência na oferta de serviços e ações sociais realizados por meio de voluntariado que, via de regra, originalmente são atividades de competência do Estado, mas que de forma complementar são carências cumpridas pelas ESNL (Entidades do Setor Não Lucrativo), entre as quais a casa bô faz parte.

Na sequência, o modelo de negócio da casa bô e a proposta de criação de valor da associação são analisados com o uso da ferramenta *Business Model Canvas*. Outras relações com a sociedade, como o interesse académico português e internacional em projetos de investigação que foram identificados na fase de recolha de dados são mencionados, bem como a repercussão do trabalho da associação casa bô com as menções da associação em notícias da imprensa digital e escrita.

No Capítulo 5 será abordada a economia social gerada pela casa bô e a sustentabilidade financeira da associação com a análise das suas despesas fixas e receitas financeiras, bem como será verificado como se há a ocorrência de registo contabilístico e financeiro da associação. Por fim, é feito um mapeamento dos possíveis apoios financeiros portugueses e europeus disponíveis para verificar quais os potenciais projetos futuros que a casa bô como associação cultural, ambiental e de solidariedade social pode promover e executar nesses três pilares de atuação.

Adicionalmente, verifica-se de que forma a casa bô promove inovação social e quais as principais ações e motivações para as inovações que promovem. Analisa-se a forma de mobilização da classe artística nesse processo e quais os anseios desse perfil dos membros da família bô e da classe artística em procura de mudança social sustentável, numa dinâmica de disrupção e desprendimento dos antigos e atuais modelos sociais existentes em prol de uma consciencialização coletiva, baseada em valores centrados menos na economia de mercado e mais na coesão social e na aproximação das pessoas e na valorização de suas relações humanas.

O Capítulo 6 explora as relações existentes entre a casa bô, a criatividade e as interações sociais, relacionando as iniciativas criativas e a importância da criatividade nas principais fases e processos de gestão de suas atividades na consecução dos objetivos dos seus pilares de atuação. Analisa-se ainda como a criatividade favorece ou não as interações entre o público, a classe artística, os membros da família bô e as interações e contributos da casa bô para a comunidade do Bonfim, a cidade do Porto e a sociedade.

No Capítulo 7 são apontados os principais contributos da casa bô para a sociedade em geral e os desafios para os seus próximos passos e o futuro. Como benefícios, destacam-se a questão social e económica da reabilitação urbana para revitalização e desenvolvimento da comunidade local do Bonfim, os jantares sociais, a promoção e

desenvolvimento individual do artista e indivíduos em geral (empoderamento), o turismo, a democratização da cultura com o donativo consciente e atividades externas.

Como desafios e próximos passos, destacam-se questões como limitações estruturais e financeiras, melhorias de comunicação, modelo de arrecadação, sustentabilidade a longo prazo, gestão e controlo contabilístico, captação de recursos, adoção de melhores práticas, burocracias para administração de organizações sociais, modelo de estrutura organizacional, modelo de vivência comunitária, atração de público de diferentes faixas etárias e novos projetos inovadores sociais são abordadas nesse ponto.

No item 7.3, o autor enveredou-se numa proposta de uma nova teoria para o desenvolvimento de um novo ramo da Economia, derivado da Economia Social do terceiro setor e da teoria da economia criativa de Richard Florida, nomeada aqui como Economia da Coesão Social. Esta teoria foi nomeada de os 4 Ts do desenvolvimento da Economia da Coesão Social e tem como variantes em relação à teoria dos 3 Ts de Florida o fato de: não se considerar a tecnologia; considerar o talento como o da classe criativa, porém com mais especificidade a classe criativa artística; considerar a tolerância num sentido de inclusão ainda mais amplo, nesse caso a solidariedade social, e o quarto T é a união das pessoas numa convergência de consciência coletiva, de união dos seres, nomeada de todos somos um. Optou-se pela criação desta teoria e do novo ramo económico pelo fato de se enquadrar nos resultados empíricos desta investigação.

Em relação às contribuições desta investigação, a economia e gestão da inovação estão diretamente ligadas com os estudos na área da economia social, na medida em que esta forma alternativa de economia abre oportunidades para frentes de trabalho e principalmente ações de empreendedorismo social, com o empoderamento dos indivíduos com as diversas formações e oficinas que são ministradas em espaços associativos.

Além disso, abre-se a discussão para temas pouco discutidos e que merecem maior relevância, como a gestão das organizações do terceiro setor, oportunidades de captação de recursos e apoios financeiros nacionais e europeus, as dificuldades e entraves para a abertura e manutenção de organizações do terceiro setor, e por último, e não menos importante, a importância e o impacto social que a existência de organizações como as associações culturais podem trazer em suas comunidades locais, fortalecendo e revitalizando às áreas em sua volta, sem contar o suprimento de carências sociais não atendidas pelo Estado de maneira efetiva.

Sobre as cadeiras do Mestrado em Economia e Gestão da Inovação e a pertinência com esta investigação, as competências e conhecimentos adquiridos em pelo menos sete das cadeiras auxiliaram e tiveram contributos importantes para esta investigação.

Na cadeira de Teoria e Sistemas de Inovação, houve aprendizados e saberes com as discussões sobre os diferentes tipos de inovações e suas taxinomias; na cadeira de Políticas de Inovação, houve a oportunidade de conhecer apoios europeus e entender sua mecânica, o que permitiu o mapeamento de muitas oportunidades de apoios e incentivos do programa Portugal 2020 no âmbito das entidades sem fins lucrativos para esta investigação e contextualização; na cadeira de Competitividade, houve competências que permitiram mapear a cadeia de valor de associações culturais para entender melhor o seu funcionamento e gestão; em Empreendedorismo, houve a oportunidade de analisar e interpretar o modelo de negócio da casa bô com o uso de ferramentas como o *business model canvas*; na cadeira de Crescimento Económico, houve a oportunidade de conhecer as teorias baseadas em modelos e variáveis endógenas e exógenas que afetam o comportamento da economia e explicam o nível de bem-estar social dos países de acordo com elementos como o nível de renda per capita e o PIB (Produto Interno Bruto) dos países, o que permitiu traçar um paralelo com um modelo de sociedade alheio à economia de mercado, baseada na coesão social e na solidariedade social como medida de bem-estar social em detrimento da acumulação de capital; na cadeira opcional de Estudos de Mercado, houve ganho de competências para realizar as recolhas e análises de dados quantitativos e qualitativos neste trabalho; e por fim, a cadeira de Criatividade e Mudança Organizacional, que forneceu diversas ferramentas sobre criatividade e sobre novas perspetivas de solução de problemas em ambientes organizacionais, e que serviu de base e estímulo para a escolha da temática desta investigação.

Finalizou-se esta investigação com conclusões acerca dos principais pontos discutidos durante os capítulos integrantes deste trabalho ao final do Capítulo 7.

CAPÍTULO 1. CONCEITOS E CONTEXTOS

Reúnem-se neste capítulo conceitos e definições de termos que serão abordados ao longo desta investigação. Por se tratar de um estudo de caso sobre a relação da criatividade e a economia social em uma organização sem fins lucrativos do terceiro setor, entendeu-se importante abordar os conceitos mais diretamente ligados à temática, como também outros indiretamente relacionados e interligados, além de pontuar na medida do possível aqueles conceitos que não fazem parte do escopo desta pesquisa.

Percebeu-se em alguns casos uma particular quantidade considerável de termos análogos em relação a um mesmo conceito, como foi o caso das variações da economia não monetária, onde se encontram termos como economia solidária, economia comunitária e economia social, sendo esta última usada com maior incidência na literatura e, portanto, foi o termo adotado neste trabalho.

Ainda no campo da Economia, outro conceito de interesse é o da Economia Criativa, uma vez que o objeto do estudo de caso tem como recursos humanos envolvidos, agentes da chamada classe criativa, particularmente da classe artística, formada em sua grande maioria por agentes que desenvolvem e manifestam seu trabalho tendo a criatividade como fator intrínseco e essencial para expressão e realização de seu trabalho.

No caso em questão, a conceptualização terá o propósito de contextualizar a não incidência em uma das questões secundárias da investigação, que reside na possibilidade ou não da ocorrência da economia criativa no associativismo no terceiro setor.

Após elencar os conceitos-chave e apontar suas definições, realizou-se uma contextualização entre como os autores inserem seu ponto de vista em relação aos conceitos elencados, procurando-se identificar pontos de interseção e diferenças nos conceitos apontados.

No que tange ao termo Economia, há pelo menos três significados para distinção. O primeiro diz respeito ao uso estrito e austero no uso de algum bem ou valor. O segundo está relacionado com o resultado comum à série de atividades das relações económicas de um lugar, seja uma cidade, país, etc. O terceiro, qualificando a Economia como ciência, relaciona o termo na sistematização do conhecimento da Economia como atividade (Singer, 1998, p. 7). É neste último significado que reside o conceito raiz em que serão analisadas a seguir algumas das derivações da Economia como ciência, quando relacionadas direta ou indiretamente com o escopo deste trabalho.

O termo Economia Social não é um termo recente, pois de acordo com Azevedo *et al.* “há muito tempo que se usa a expressão Economia Social. Na Comissão Europeia esta traduz-se na consideração de quatro tipos de organizações: as associações, as fundações, as mutualidades e as cooperativas” (2010, p. 19).

Em se tratando de um trabalho com o objeto de estudo vocacionado nas organizações do terceiro setor, ou seja, num rol de organizações sem finalidade de lucro para a satisfação de serviços e objetivos de cariz social, a Economia gerada será de caráter não mercantil.

Na Economia regulada pelo mercado do modo de produção capitalista, conhecida por economia mercantil ou de mercado, há uma livre iniciativa dos chamados agentes económicos, em que as empresas fazem parte da propriedade privada, e estas geram bens ou serviços à venda como mercadorias e funcionam de acordo com os fatores de produção como mão-de-obra (ou força de trabalho), que é recompensada com um salário, o espaço para desenvolvimento da atividade económica e o capital de investimento para viabilizar os empreendimentos. O objetivo é o lucro (ou a mais-valia, como é dito no marxismo), que é o valor excedente por exemplo entre o custo de fabrico e venda de um produto. Os agentes se dividem entre a classe proprietária ou burguesia, detentora dos meios de produção, e o proletariado ou classe não-proprietária do outro lado (Azevedo *et al.*, 2010).

A economia social é uma derivação da Economia que atua em consonância com a economia mercantil, que é a predominante na sociedade capitalista. É uma vertente no sentido de que as organizações que geram esse tipo de Economia o fazem por meio de ações e serviços sociais, com a principal característica de atuação sem a finalidade de lucro.

A palavra lucro aqui pode causar confusão ou desconforto por parte da literatura, uma vez que o termo em si pode ser mal utilizado ou interpretado, já que na perspetiva da UDIPSS-Porto (União das Instituições Particulares de Solidariedade Social do Porto), as organizações sem fins lucrativos podem ter lucro ou ter algum objetivo direcionado ao excedente, desde que o objetivo dessa acumulação seja o reinvestimento em novos projetos sociais e a própria sustentabilidade (económica) da instituição (Azevedo *et al.*, 2010, p. 19).

A economia social possui outras expressões, como a economia de comunhão, setor solidário, setor voluntário (Azevedo *et al.*, 2010). Existem ainda outros termos, como

economia comunitária, economia não-monetária, economia não-mercantil, economia de redistribuição, uma vez que assumem obrigações do Estado de forma subsidiária no cumprimento de seus objetivos (Ramos, 2005), ou ainda economia da partilha. Optou-se nesta investigação pelo seu termo mais reconhecido, economia social.

Da economia social, discute-se sobre outro termo a partir das ações solidárias que geram economia social, a sustentabilidade. No contexto social, a expressão sustentabilidade social ou apenas sustentabilidade está ligada à estabilidade financeira das organizações sem fins lucrativos. A sustentabilidade nesta investigação é verificada com a análise entre as despesas fixas e as receitas financeiras da casa bô.

Sobre o terceiro setor, composto pelo grupo de organizações sem fins lucrativos como as fundações, as cooperativas, as mutualidades e associações em geral, faz parte das entidades da sociedade civil e é assim chamado, pelas palavras de Azevedo *et al.*,

“dizemos por vezes Terceiro Setor. Porque assumimos que existem outros dois, as empresas e as instituições do sector público. O sector das organizações privadas que não têm como fim primeiro o lucro será o terceiro sector. É um termo internacionalmente utilizado, curto e de fácil memorização” (Azevedo *et al.*, 2010, p. 18).

Como se pode perceber, o terceiro setor tem como pressuposto a sua diferenciação tanto da esfera pública, quanto da privada, uma vez que este setor é composto por instituições privadas, sendo algumas consideradas de interesse público, como as fundações civis de direito privado, caso de Serralves e Casa da Música, com a diferenciação na seara privada pelo fato de não serem organismos com a finalidade de exploração de lucro para sua existência, pelo contrário, prevalece o cunho social. Nesse caso, “tornou-se comum a referência ‘organizações sociais’. ‘Sociais’ no sentido amplo, para a resolução de problemas da sociedade” (Azevedo *et al.*, 2010, p. 18).

Há sempre nos casos das organizações do terceiro setor um pressuposto social que garante a essas instituições determinadas discriminações positivas de forma a viabilizar sua criação e existência sem a necessidade de obtenção de lucro, e sim, geralmente são organismos voltados a prestações de serviços nas áreas sociais, cumprindo em caráter subsidiário funções que originalmente por força da lei seriam do Estado.

Existem outras definições para as instituições do terceiro setor. Uma delas é OSFL (Organizações Sem Fins Lucrativos) e é usada pela UDIPSS-PORTO⁴. Este termo é o preferido pela instituição, uma vez que:

“O enfoque desta expressão está nas “Organizações” que têm uma característica muito especial, inerente à motivação para sua criação e para a sua actividade, que é a de existirem para outro fim que não o lucro – um fim cultural, de lazer, recreativo, educacional, de saúde, de solidariedade social, de desenvolvimento local, ambiental, de promoção de direitos, de defesa de interesses, de promoção do voluntariado e da filantropia, de culto religioso, etc. Claro que essa característica é destacada pela negativa, mas não o poderia ser pela positiva dado o elevado número possível de fins a que estas organizações se podem dedicar”. (Azevedo *et al.*, 2010, p. 20) (grifos nossos).

Outra denominação para o terceiro setor é um termo mais recente chamado Organizações da Sociedade Civil. Esta denominação teve a intenção de alargar o conceito das empresas (pessoas coletivas de direito privado) como entidades da iniciativa da sociedade civil. Sobre a questão aponta Azevedo *et al.*:

“Bom, o serão, mas enquanto nas empresas existe o sentido de propriedade – as empresas são propriedade de alguém que procura que o seu investimento seja remunerado -, nas organizações sem fins lucrativos tal não existe. As organizações sem fins lucrativos não são propriedade de alguém” (2010, p. 18)

Além das denominações já apresentadas, tem-se a ONG e ONGD, vistas a seguir:

“existe também a denominação ONG ...nasceu como designação associada às organizações sedeadas em países desenvolvidos com actividade em países em vias de desenvolvimento. Na nossa legislação estão consagradas como ONGD . Por isso, na sua génese ONG é parte integrante do sector das organizações sem fins lucrativos, não o seu todo” ⁵(Azevedo *et al.*, 2010, p. 19).

As variações continuam, e outra denominação, dada pela OTOC (Ordem dos Técnicos Oficiais de Contas), considera o terceiro setor como “Setor Não Lucrativo” e na perspectiva económico-jurídica “...este tipo de entidades e organizações reside no desenvolvimento de actividades que prosseguem o bem-estar social, portanto, na oferta de bens e serviços quase públicos” (Santos *et al.*, 2012, p. 5).

Sobre a presença e interferência do Estado na sociedade, dois conceitos são relevantes para esta investigação: o Estado-providência e a Sociedade-providência. O primeiro diz respeito ao dever do Estado no cumprimento das questões de coesão e inclusão sociais, com o intuito diminuir as desigualdades sociais e oferecer condições de amparo aos mais necessitados. O segundo diz respeito ao papel que as organizações

⁴ “UDIPSS-Porto”, <http://www.udipss-porto.org/pt/>, acedido em 23 setembro 2016.

⁵ ONG significa Organizações Não-governamentais, e ONGD é Organizações Não-Governamentais para o Desenvolvimento.

sociais do terceiro setor assumem ao cumprirem de forma subsidiária ou complementar as necessidades sociais que o Estado não consegue dar a devida assistência.

O Estado-providência tem sua definição de origem francesa, ao assumir um papel mais assistencialista no desenvolvimento de intervenções sociais principalmente no período do pós-guerra. É uma expressão dada ao Estado quando assume um perfil na melhoria das condições e bem-estar da população. Visa também redistribuição de renda com a aplicação de políticas sociais inclusivas. Sendo assim, “as políticas sociais não constituem, em si, um conceito, mas antes um conjunto de intervenções públicas” (Ramos, 2005, p. 2003 *apud* Ramos, 2003).

Na Sociedade-providência por sua vez, o termo tem uma relação direta com a finalidade e os objetivos de atuação das organizações sem fins lucrativos do terceiro setor, uma vez que presta atividade de assistencialismo e solidariedade social que são originalmente de competência estatal. Sobre a atuação da sociedade civil na esfera social, pode-se dizer que a Sociedade-providência, por meio do terceiro setor se encontra numa “posição de complementaridade (através do estabelecimento de parcerias), ou mesmo de substituição do papel e actividades públicas, nomeadamente na área social” (Santos *et al.*, 2012, p. 5).

Vistos os conceitos de Economia e economia social, passa-se agora a definir os conceitos de criatividade e inovação dentro do contexto social.

Em relação à criatividade, pode-se defini-la como “o processo pelo qual ideias são geradas e transformadas em coisas que possam ser valorizadas” ou “o uso de ideias para produzir novas ideias” (Organização das Nações Unidas, 2012, p. 4).

A criatividade dos indivíduos tem sido alvo de estudos, e não há consenso sobre a questão de a “criatividade ser um atributo humano ou um processo pelo qual ideias originais são criadas” (Organização das Nações Unidas, 2012, p. 3).

Segundo Amabile, os três componentes da criatividade presentes nos indivíduos são: a motivação, a *expertise* e as habilidades de pensamento criativo. Os três componentes juntos conduzem à criatividade (2001, p. 4).



Figura 1: os três componentes da criatividade (Amabile, 2001, p. 4).

A *expertise* diz respeito ao conhecimento prévio do indivíduo, que pode ser técnico, intelectual, etc. As habilidades de pensamento criativo determinam os níveis de imaginação e flexibilidade para a abordagem de problemas e a motivação é algo que é criada, relativa a um sentimento interior para se resolver problemas que gerem soluções muito mais criativas do que por exemplo, recompensas monetárias (Amabile, 2001, p. 5).

Nesta investigação, partiu-se do pressuposto que uma associação cultural, por atrair e abrigar a classe artística, parte integrante da nomeada classe criativa (Organização das Nações Unidas, 2012), possui um elevado número de indivíduos com aptidões para as três componentes da criatividade, e consequentemente, considerados capazes de serem criativos e de realizarem iniciativas dentro e em prol da associação cultural.

No contexto da classe artística, a *expertise* poderá estar relacionada às técnicas artísticas adquiridas e desenvolvidas ao longo dos anos. As habilidades de pensamento criativo podem ser determinadas pelo talento e aptidão pela profissão artística e a motivação é algo intrínseco no artista no momento que escolhe o que gosta e lhe proporciona prazer como meio de vida. É uma procura maior pelo prazer de se fazer e de se viver como gosta ao passo de uma procura monetária para compensar sua atividade ou performance artística.

Nesse sentido, o Sr. Ângelo Lopes em entrevista⁶ relatou sobre a casa bô e a vivência de artista coabitando num mesmo espaço:

“[...] portanto, isso é a base que nós nos propormos a fazer, que é criarmos essa atmosfera e essas circunstâncias que todos nós nos sentimos naturalmente bem e integrados e motivados para estar, e liberdade para estar, e para ser quem nós somos, e para vivermos essa experiência como nós achamos e temos que viver, sem ninguém a ditar regra e normas desnecessárias e a orientar o nosso trabalho...”

[...] o espaço que nos acolhe em quanto estamos neste processo de transição a procura de algo que realmente nos preencha e realize como atividade profissional...”

Corroborando com a ideia do Sr. Ângelo sobre o propósito da casa bô no contexto motivacional para o trabalho, Amabile afirma que “a motivação intrínseca, é uma das que mais podem ser [componentes da criatividade] influenciadas pelo ambiente de trabalho” (2001, p. 5).

Amabile utiliza os três tipos de componentes da criatividade no contexto empresarial, no sentido de afirmar que os gerentes são capazes de influenciar para a ocorrência de um ou mais desses componentes, por meio das práticas e das condições do ambiente de trabalho (2001, p. 4).

Em relação à inovação, o conceito pode ser definido de diferentes maneiras. Amabile *et al.*, definem que toda inovação começa com ideias criativas e que é a implementação com sucesso dessas ideias num contexto organizacional (Amabile *et al.*, 1996, p. 1155). Já Hult *et al.* construíram um modelo hipotético em que a capacidade de inovação depende de fatores como a orientação do mercado, do aprendizado e a orientação empresarial do negócio, resultando esses componentes combinados em inovação e consequente performance do negócio (2004, p. 430).

Existem diferentes taxinomias para as inovações, como por exemplo as inovações as radicais e as incrementais, contudo, como o estudo de caso é direcionado para uma organização sem fins lucrativos, baseada e mantida pela economia social, quando houver referência à inovação, utilizar-se-á o conceito de inovação social, que está ligado à solução e aplicação de novas ideias para os problemas ou carências da esfera social.

Na perspectiva de Azevedo *et al.*, inovação social é a procura ou uma reflexão sobre novas formas de contribuir para o bem-estar social, decidindo sobre as melhores formas de ir ao encontro das expectativas das partes interessadas carenciadas (2010, p. 26).

⁶ Entrevista transcrita disponível no apêndice deste trabalho. Lopes, A.. (2016, agosto 03). *Entrevista pessoal*.

Criatividade e inovação não são sinónimos. A inovação depende da criatividade para se criar algo original ou para se melhorar algo já existente. De acordo com a Organização das Nações Unidas, o conceito de inovação teve uma ampliação significativa para além do seu carácter funcional, científico ou tecnológico, de forma a também considerar mudanças estéticas ou artísticas. O relatório da entidade aponta “para a distinção entre inovação “leve” e tecnológica, embora reconheçam que elas sejam inter-relacionadas” (2012, p. 4).

O próximo conceito que se faz pertinente é o das indústrias criativas. De acordo com Jason Potts, o conceito de indústrias criativas surgiu pela primeira vez no início de 1990, numa época em que o “contexto de uma proposta de reforma radical para as artes e os mecanismos de financiamento da política cultural” (2011, p. 8).

A UNCTAD (*United Nations on Conference of Trade and Development*) define as indústrias criativas em pelo menos cinco diferentes aspetos. O primeiro deles a define como “os ciclos de criação, produção e distribuição de produtos e serviços que utilizam criatividade e capital intelectual como insumos primários”. Os demais pontos que mais se aproximam do contexto desta investigação, nesse caso as indústrias criativas do meio artístico, são os que aproximam o conceito das indústrias criativas em um conjunto de atividades baseado no conhecimento nas artes, ou “serviços intelectuais ou artísticos intangíveis com conteúdo criativo, valor económico e objetivos de mercado” (Organização das Nações Unidas, 2012, p. 8).

Esta última definição traz um componente importante para a diferenciação das atividades e eventos artísticos das associações culturais para a definição de que tipo de economia é gerada: economia social ou criativa. Dado o momento que a atividade artística envolve componentes criativos na sua criação e execução, o tipo de economia gerada por essa atividade será definido pelo valor económico e os objetivos de mercado. Assim, será promovida economia social quando realizada no centro de uma organização sem fins lucrativos como uma associação cultural, e poderá assumir natureza de economia criativa quando no âmbito de uma indústria ou equipamento cultural tradicional.

Do ponto de vista das partes interessadas ou sujeitos desta investigação, há uma série de conceituações que se assemelham ou dizem respeito a um mesmo tipo de indivíduo. Utilizou-se termos como indivíduos, atores, agentes e recursos humanos

quando se mencionou as pessoas de uma maneira geral, sem que houvesse alguma ligação com entidade ou papel social específico.

Quando relacionados às entidades sociais, utilizou-se para os indivíduos pertencentes a esta coletividade os termos membros, associados, colaboradores, frequentadores, utilizadores, ou de modo mais específico quando membros da associação casa bô, nesse caso membros da família bô, como costumam ser assim denominados internamente nessa comunidade.

Os artistas, como são mais conhecidos, são também citados quando de forma genérica ou no coletivo como classe artística, classe criativa artística, comunidade artística ou na forma singular como agentes culturais ou agentes culturais criativos. Por se tratar de indivíduos pertencentes às classificações das indústrias criativas, é inerente considerar que um artista é alguém criativo por natureza, e, portanto, o uso do termo na sua terminologia.

O termo comunidade local foi utilizado para designar os indivíduos ou coletividades vizinhos da casa bô, dentre eles as pessoas que residem nas proximidades e que usufruem ou interagem com a associação, os idosos do lar de idosos, os jovens da escola do Bonfim e a própria comunidade ligada à Junta de Freguesia do Bonfim.

Por fim, define-se o termo empoderamento, que vem do inglês *empowerment* e foi pela primeira vez desenvolvido por Julian Rappaport no campo da psicologia comunitária, e no contexto desta investigação este termo é relacionado ao desenvolvimento pessoal ou do indivíduo dentro das práticas comunitárias e cooperativas dos espaços associativos.

O empoderamento pessoal possibilita a emancipação dos indivíduos, com aumento da autonomia e da sua liberdade. O nível grupal desencadeia respeito recíproco e apoio mútuo entre os membros do grupo, promovendo o sentimento de pertencimento, práticas solidárias e de reciprocidade. O empoderamento estrutural favorece e viabiliza o engajamento, a corresponsabilização e a participação social na perspectiva da cidadania (Kleba *et al.*, 2009, p. 742).

Alguns outros conceitos foram desenvolvidos e tiveram seu contexto explicado nos capítulos em que o assunto foi abordado, na medida em que se percebeu que a proximidade daria melhor ênfase para o desenvolvimento da argumentação e análise.

CAPÍTULO 2. TRABALHO DE CAMPO – ESTRUTURA E METODOLOGIA

Neste capítulo será detalhada a estrutura do trabalho de campo, a organização sem fins lucrativos do terceiro setor escolhida, o critério para sua escolha e a metodologia adotada.

O trabalho de campo foi realizado em uma Associação Cultural, Ambiental e de Solidariedade Social – a casa bô. Escolheu-se esta organização sem fins lucrativos pelo fato de possuir uma variedade significativa de manifestações artísticas (música ao vivo, dança, poesia, exposições permanentes e temporárias, entre outras) e desta forma, concentrar e atrair um número considerável de agentes criativos com talentos únicos e diversificados.

2.1. Questões da investigação

A questão de investigação teve um primeiro direcionamento a partir do momento em que se demonstrou interesse na temática das cidades criativas. Houve um primeiro interesse em se explorar um tema nessa linha de pesquisa, e a partir dela surgiram subtemas como indústrias criativas, agentes criativos, a classe criativa, os lugares e ambientes criativos e as iniciativas criativas.

Pensou-se em seguida na possibilidade de se utilizar a cidade de Porto uma das referências de objeto de estudo, e acerca dessa linha investigativa cogitou-se a possibilidade de verificar o potencial criativo da cidade do Porto em comparação com outras cidades já reconhecidamente consideradas criativas. Uma possível limitação e restrição na recolha de dados e possibilidade de se trabalhar em maior parte com dados secundários acabou por desencorajar a investigação por esse prisma.

Numa ótica mais local e específica, houve a cogitação de se investigar a criatividade e as iniciativas criativas da classe criativa na cidade do Porto. Nesse ínterim, partiu-se da ideia de se realizar um estudo de caso. O local escolhido foi a associação cultural casa bô. E não foi por acaso. Considerou-se o fato da motivação anterior que já havia durante o andamento do mestrado em se perceber a capacidade de sustentabilidade económica dessa associação que foi apresentada ao Mestrado antes de sua inauguração em março de 2015, pelo Sr. Ângelo Lopes, fundador e presidente.

Aproveitou-se um subtema da linha temática das cidades criativas para se estudar a relação da criatividade como fator influenciador e potencializador em prol das finalidades da associação cultural, a fim de se perceber o quanto o fenómeno de atração da classe criativa artística influencia ou não na própria sustentabilidade dessa organização sem fins lucrativos do terceiro setor. Assim, definiu-se a questão principal e demais questões secundárias da seguinte forma:

Questão principal

De que formas a criatividade e iniciativas criativas da classe artística da casa bô contribuem para a sua sustentabilidade e consecução de seus fins culturais, ambientais e solidários?

Questões secundárias

1. Há relações entre o espaço físico e o favorecimento das interações entre o público e a classe criativa artística?
2. Há uma cultura organizacional que favoreça a criatividade e a atração do público e da classe artística?
3. De que maneira múltiplos pilares de atuação (cultura, ambiente e solidariedade) podem ou não contribuir para o funcionamento e fortalecimento da casa bô?
4. Há a ocorrência de padrões entre as atividades da casa bô e outras associações culturais?
5. Que tipos de oportunidades a casa bô propicia para a classe criativa artística local e de outras regiões e que não ocorrem em outras indústrias culturais (Casa da Música, etc.)?
6. A casa bô agrega valor para a comunidade local e para o Estado?
7. A casa bô gera economia social e economia criativa?

8. Em que medida há ou não sustentabilidade financeira? Que fatores contribuem ou não para esse processo?
 9. Qual o potencial da casa bô para angariação de recursos e crescimento?
 10. Qual a relação entre o perfil da casa bô, a criatividade e a inovação?
 11. Quais são os fatores que contribuem ou não para a criatividade e as iniciativas criativas artísticas?
 12. Em que medida a criatividade é crucial para a existência e razão de ser da casa bô?
 13. Em que medida a tecnologia favorece ou prejudica o *modus operandi* da casa bô?
 14. Que tipos de desafios e limitações associações culturais enfrentam e como influenciam a criatividade e iniciativas criativas?
 15. Quais os principais contributos da casa bô para o público, a classe artística, a sociedade e a criatividade?
-

Quadro 1: questão principal e secundárias do trabalho. Fonte: elaborado pelo autor.

2.2. Motivação para escolha da casa bô como estudo de caso

A primeira notícia que se teve sobre a casa bô e que despertou interesse para esta investigação ocorreu em janeiro de 2015, quando o então na altura colega de sala do Mestrado de Economia e Gestão da Inovação e idealizador da associação, o Sr. Ângelo Lopes, juntamente com outros dois colegas, o Sr. Rui Almeida e Sr. Armando Sena, apresentaram um trabalho para a cadeira de Competitividade. Dois meses mais tarde a casa bô foi inaugurada, em 21 de março de 2015 e contou com a presença de boa parte dos colegas do mesmo Mestrado que na altura tiveram contato com a ideia na apresentação prévia.

Outro fato que corroborou para o critério de escolha da casa bô foi o *feedback* recebido pelo professor da cadeira de Competitividade em meados de 2015. O professor na altura havia entendido a ideia como muito altruísta, mas que dificilmente um empreendimento baseado nos pilares apresentados teria condições de se autossustentar ou mesmo durar de forma viável depois do primeiro ano de existência. Muitos colegas do

Mestrado concordaram com a opinião, baseados pelo *feedback* do professor, pelo formato da proposta do modelo de negócio da associação apresentada e pelo conhecido número de empreendimentos que em geral fecham em seu primeiro ano de existência.

Segundo notícia da comunicação social impressa veiculada em 2009⁷, de acordo com dados do INE (Instituto Nacional de Estatística), em 2007, por exemplo, cerca de 30% das empresas encerraram suas atividades antes de concluído o primeiro ano de atividade, e dos 70% das empresas que resistem abertas no segundo ano, apenas 53,8% chegam ao terceiro ano de atividade. Assim, mais da metade das empresas abertas em Portugal (62,34%) não chegam ao terceiro ano de existência, o que é um número bastante elevado e influenciador no momento de uma primeira avaliação de um novo empreendimento ou modelo de negócio.

Deve-se destacar que os dados se referem a empresas com fins lucrativos, porém refletem uma realidade que acaba por gerar um sentimento coletivo de pessimismo ou descrença na possibilidade de sucesso de um empreendimento que num primeiro momento, aparentemente, não tenha *know-how* ou um modelo de negócio muito bem estruturado, seja ele de natureza com ou sem fins lucrativos. Corrobora ainda com esta ideia o fato de 2.484 empresas terem sido declaradas insolventes pelos Tribunais portugueses apenas nos primeiros meses de 2015⁸.

Nessa conjuntura, houve duas motivações imediatas que influenciaram na escolha da associação cultural como estudo de caso: quais as motivações que levaram o idealizador da casa bô a interromper o Mestrado e sua ocupação profissional para dedicação exclusiva na nova empreitada e a curiosidade em se constatar se a associação sobreviveria ao primeiro ano e quais seriam os resultados obtidos nesse período.

Contrariando as primeiras impressões e previsões académicas, a casa bô comemorou seu primeiro aniversário em 19 de março de 2016, com a realização de 104 eventos⁹, dentre concertos, oficinas, workshops, tertúlias, danças, *jam sessions*, teatro, ioga, poesia, palestras, monólogos, sessões de meditação, apresentação de documentários,

⁷ “Portugal é o país onde mais empresas fecham”, *Jornal de Notícias* (2009 junho 27). <http://www.jn.pt/economia/interior/portugal-e-o-pais-onde-mais-empresas-fecham-1277142.html>, acedido em 4 setembro 2016.

⁸ “Quase 2.500 empresas faliram este ano em Portugal”, RTP Notícias (2015 julho 06). http://www.rtp.pt/noticias/economia/quase-2500-empresas-faliram-este-ano-em-portugal_n842391, acedido em 4 setembro 2016.

⁹ “1.º aniversário da casa bô”. Página da casa bô na rede social Facebook. em <https://www.facebook.com/coopcasabo/events>, acedido em 4 setembro 2016.

comemoração de datas festivas e eventos temáticos, com uma média de mais de oito eventos por mês. Adicionalmente, a página da rede social Facebook da associação recebeu mais de 4.000 gostos no seu primeiro ano de vida, totalizando 4.715 gostos no início de setembro de 2016, sinalizando uma popularidade e alcance de público bem acima da média frente às demais organizações do gênero, tópico que será analisado com maior ênfase no Capítulo 4.

Outro fator que influenciou na escolha desta associação para o estudo de caso, foi o interesse desta dissertação estar ligada à área de conhecimento da Criatividade e à temática das cidades criativas. O fato da associação atrair diferentes atores da classe criativa de diferentes indústrias criativas, de acordo com a classificação feita pela UNCTAD (Organização das Nações Unidas, 2012), em maior parte dos setores das Artes, nesse caso, das Artes Performativas (a música ao vivo, o teatro, a dança, etc.) e das Artes Visuais (pinturas, gravuras, fotografia, etc.), bem como do setor do Patrimônio Cultural, dentro das Expressões Culturais Artísticas (artesanatos, festivais e celebrações), suscitou uma das questões centrais deste estudo, de como a interação de agentes criativos de diferentes indústrias criativas e múltiplas vertentes num mesmo ambiente pode ou não contribuir para as suas manifestações da criatividade e iniciativas criativas e quais os contributos diretos e indiretos relacionados para os agentes criativos, a associação, a comunidade local e para a Cidade do Porto. Outra questão não menos importante é que tipo agente criativo é atraído para uma organização associativa do terceiro setor e como ocorre a difusão da arte e cultura por meio das iniciativas criativas e a criatividade. Quais as relações e interligações que se criam entre os agentes e as diferentes iniciativas criativas em prol do indivíduo, do público e da coletividade?

Um último fator, determinante para a escolha da casa bô como estudo de caso, foi a pronta disponibilidade e abertura por parte do Sr. Ângelo Lopes que se mostrou favorável ao projeto desde o primeiro contato, oferecendo acesso total às dependências da associação e contato com os recursos que se fizessem necessários para o trabalho. Esta colaboração irrestrita estendeu-se também da mesma forma dentre todos os agentes envolvidos durante a recolha de dados, seja com flexibilidade e disponibilidade para as entrevistas, as observações, a recolha documental e atendimento para esclarecimento de dúvidas e questões adicionais que ocorreram durante esta fase, o que contribuiu

sobremaneira numa pesquisa aprofundada e fundamental para a análise e resultados obtidos.

2.3. Escolha da modalidade e Metodologia de Pesquisa Científica

Tendo em vista as motivações primárias para a escolha da investigação, sejam elas a curiosidade sobre uma nova associação cultural em que se teve notícia e que emergiu por conta de um dos pares do Mestrado, bem como o desejo de se investigar dentro da área da Criatividade, Economia e Inovação a temática das Cidade Criativas, a modalidade escolhida para a dissertação de Mestrado foi o estudo de caso.

O estudo de caso é uma pesquisa focada num caso particular, que seja significativo em relação a um universo de casos análogos e potencialmente representativo. O caso escolhido deve servir para fundamentar uma generalização para casos semelhantes, possibilitando inferências. Os dados devem ser recolhidos com rigor e seguindo procedimentos da pesquisa de campo. A análise deve igualmente ser rigorosa e apresentada em forma de relatórios qualificados (Severino, 2007, p. 121).

A pesquisa de campo e recolha de dados na investigação incluiu predominantemente recolha de documentos, entrevistas, diários de observação e registos fotográficos, estes últimos para auxílio na descrição mais detalhada das observações e para ilustração no corpo do trabalho quando necessário e conveniente.

Nesse sentido, pareceu pertinente o foco da dissertação em um estudo de caso, em especial uma associação cultural face à temática proposta, no intuito de se concentrar numa partícula do assunto para exploração do seu universo, como já havia sido preceituado nas aulas da cadeira de Criatividade¹⁰ do Mestrado de Economia e Gestão da Inovação e lembrado pelos orientadores desta investigação¹¹.

2.4. Tipo de pesquisa

O tipo de pesquisa utilizada foi predominantemente de uma abordagem qualitativa, e algumas análises parciais feitas com dados quantitativos. Preferiu-se este tipo ao invés da estratégia quantitativa, uma vez que tanto o perfil do estudo, como o acesso e os de

¹⁰ Faculdade de Economia da Universidade do Porto. Mestrado de Economia e Gestão da Inovação. Unidade curricular: Criatividade e Mudança Organizacional; código 2EGIN03.

¹¹ Faculdade de Economia da Universidade do Porto. Mestrado de Economia e Gestão da Inovação. Unidade curricular: Dissertação, Projeto, Estágio; código 2EGIN10.

dados disponíveis eram mais favoráveis e mais indicados para as questões desta investigação.

Para melhor ilustrar as diferenças dos tipos de pesquisa e reforçar o motivo da estratégia adotada, segue abaixo uma tabela com as principais diferenças entre a pesquisa quantitativa e qualitativa:

Estratégias		
	Quantitativas	Qualitativas
Dados	Números	Textos
Análise	Estatística	Interpretação
Protótipo	Pesquisa de Opinião	Entrevista em profundidade
Qualidade	<i>Hard</i>	<i>Soft</i>

Quadro 2: diferenças entre pesquisa quantitativa e qualitativa. (Bauer *et al.*, 2015, p. 23).

Enquanto na estratégia quantitativa a recolha e análise de dados está centrada em números e estatísticas, e o protótipo baseia-se numa recolha mais superficial e numa larga escala a partir de uma pesquisa de opinião, onde a preocupação é a análise das variáveis recolhidas para apontar numericamente condutas dos indivíduos, na estratégia qualitativa privilegiam-se os documentos textuais que dependem de interpretação não centrada em resultados matemáticos ou estatísticos, e sim, baseado em padrões de comportamentos e incidências mais interpretativas e subjetivas.

Como a questão central e as secundárias estão voltadas para uma compreensão e interpretação de comportamentos, análises numéricas mostram-se menos satisfatórias nesse perfil de análise, e como a natureza do objeto de estudo é mais e intangível, indutivo e baseado em *insights*, a análise qualitativa apresenta-se mais indicada, uma vez que se procura o conhecimento pela primazia da compreensão, construindo uma realidade subjetiva.

2.5. Técnicas de pesquisa

As técnicas de pesquisa constituem os procedimentos operacionais que concernem à mediação prática para a realização das pesquisas necessárias para a investigação. As técnicas podem ser fundadas em diferentes metodologias e epistemologias. Por outro

lado, precisam ser compatíveis com os métodos adotados e com os paradigmas da linha de pesquisa adotada (Severino, 2007, p. 14).

Ainda sobre metodologia:

“Nas ciências sociais, a metodologia corresponde a um conjunto de regras de como a pesquisa deve ser abordada, ou seja, relaciona-se com determinados procedimentos de forma a tornar o conhecimento válido e aceite pela comunidade científica – um conhecimento com autoridade, credível.” (Lopes, 2009, p. 101).

Por se tratar de um tipo de pesquisa de abordagem qualitativa, as técnicas de pesquisa utilizadas foram definidas de acordo com o seu potencial contributo para esta investigação. Nesse sentido, as técnicas qualitativas adotadas foram a documentação, as entrevistas não diretivas e os diários de observação.

2.5.1. Levantamento documental

A documentação para a pesquisa “é toda forma de registro e sistematização de dados, informações, colocando-os em condições de análise por parte do pesquisador” (Severino, 2007, p. 124).

Utilizou-se como critérios para recolha os documentos que previamente foram solicitados pelo conhecimento de sua existência e relevância para a análise, os documentos identificados durante a fase de recolha de dados, seja no período ou durante a realização das entrevistas ou das observações e por último, documentos identificados após o período de recolha de dados que se fizeram necessários em caráter complementar para análise e resposta de alguma lacuna ou questão relacionada com a investigação.

Nesse sentido, os documentos levantados foram:

- Docs. 01. Sobre a casa bô na média (Anexo 1);
- Docs. 02. Estatuto Social da casa bô (Anexo 2);
- Docs. 03. Missão e Visão da casa bô (Anexo 3);
- Docs. 04. Sobre a abertura da casa bô (Anexo 4);
- Docs. 05. Trabalho da cadeira de Competitividade sobre a casa bô, *Business Model Canvas* (Anexo 5);
- Docs. 06. Sobre captação de recursos (Anexo 6);
- Docs. 07. Material de divulgação da casa bô, eventos na casa bô, Festival bô e missão em Aboadela (Apêndice 4, nos diários de observação).

2.5.2. Entrevistas não-diretivas

A entrevista é uma “técnica de coleta de informações sobre um determinado assunto, diretamente solicitadas aos sujeitos pesquisados. Trata-se, portanto, de uma interação entre pesquisador e pesquisado” (Severino, 2007, p. 124).

Há dois tipos de entrevistas passíveis de uso na abordagem qualitativa. As não-diretivas ou as estruturadas.

As entrevistas não-diretivas (ou não-estruturadas, semidiretivas ou semidirigidas) são as que o investigador faz a recolha das informações por meio do discurso livre dos agentes entrevistados. Nesse procedimento,

“o entrevistador mantém-se na escuta atenta, registrando todas as informações e só intervindo discretamente para, eventualmente, estimular o depoente. De preferência, deve praticar um diálogo descontraído, deixando o informante à vontade para expressar sem constrangimentos ou representações”. (Severino, 2007, p. 125).

Nas palavras de Pocinho, a entrevista não-diretiva:

“A entrevista semidiretiva, ou semidirigida, é, certamente, a mais utilizada em investigação social. É semidiretiva no sentido em que não é inteiramente aberta nem encaminhada por um grande número de perguntas precisas. Geralmente, o investigador dispõe de uma série de perguntas guias, relativamente abertas, a propósito das quais é imperativo receber uma informação da parte do entrevistado. Mas não colocará, necessariamente, todas as perguntas pela ordem em que as anotou e sob a formulação prevista. Tanto quanto é possível, “deixará andar” o entrevistado, para que este possa falar abertamente, com as palavras que desejar e pela ordem que lhe convier. O investigador esforçar-se-á, simplesmente, por reencaminhar a entrevista para os objetivos de cada vez que o entrevistado deles se afastar e por colocar as perguntas às quais o entrevistado não chega por si próprio, no momento mais apropriado e de forma tão natural quanto possível.” (Pocinho, 2012, p. 97).

Já as entrevistas estruturadas são aquelas em que há um direcionamento e as perguntas são elaboradas com antecedência à entrevista. Neste tipo de entrevista há uma equiparação com o questionário, com a diferença de ter um tom pessoal, diferentemente da impessoalidade do questionário, e “com questões bem diretivas, obtém, do universo de sujeitos, respostas também mais facilmente categorizáveis, sendo assim muito mais útil para o desenvolvimento de levantamentos sociais” (Severino, 2007, p. 125).

Levando-se em conta os dois tipos de entrevistas, optou-se pelo modelo de entrevistas não-diretivas. Como a natureza da investigação está ligada às diferentes interações entre os agentes criativos, o público, os membros da casa bô em diferentes perspetivas, sem a necessidade de necessariamente categorizar as respostas dos entrevistados em procura de padrões com o intuito de um levantamento, seja ele social ou não, fez-se mais sentido fazer perguntas abertas e deixar o entrevistado falar abertamente sobre as perguntas feitas. Quando necessário, foram feitas pequenas intervenções para

direcionar a entrevista para dentro do objeto de estudo desta pesquisa em algum momento em que o entrevistado se distanciou do tema, e em outros momentos aproveitou-se a oportunidade de informações novas não previstas para aprofundar a nova questão trazida à tona.

A entrevista estruturada não traria os mesmos resultados e benefícios para esta investigação, uma vez que moldaria o assunto discutido com a delimitação e controle da conversa por meio de perguntas dirigidas pensadas previamente. A ideia nesta pesquisa foi explorar o universo sem delimitar fronteiras quanto ao conteúdo, dado à subjetividade das questões central e periféricas. Estabelecer um limite seria mais funcional em outro contexto. Aqui procurou-se extravasar as possibilidades em procura da maior diversidade de respostas, considerando os diferentes perfis pessoais e profissionais dos entrevistados em procura de *insights* e aplicação de um método indutivo de pesquisa.

De acordo com Pocinho, verifica-se que a entrevista é essencialmente importante no estudo de caso nesta investigação, uma vez que:

“O método de entrevista é especialmente adequado na análise do sentido que os atores dão às suas práticas e aos acontecimentos com os quais se veem confrontados: os seus sistemas de valores, as suas referências normativas, as suas interpretações de situações conflituosas ou não, as leituras que fazem das próprias experiências, etc. É útil também na análise de um problema específico: os dados do problema, os pontos de vista presentes, o que está em jogo, os sistemas de relações, o funcionamento de uma organização, etc. Pode também ser utilizado na reconstituição de um processo de ação, de experiências ou acontecimentos do passado”. (Pocinho, 2012, p. 97) (grifos nossos).

Percebe-se a importância deste método, uma vez que sua utilização e adequação colide diretamente com as questões centrais e as periféricas desta investigação, uma vez que se procura compreender as interações entre os diferentes atores da associação, muito baseado nas motivações pessoais e contribuições individuais e coletivas da criatividade para a comunidade, por meio do entendimento do próprio funcionamento da casa bô.

Feitas essas considerações, optou-se por montar um guião de entrevista para a abordagem da maioria dos assuntos necessários numa única entrevista com o intuito de todos os tópicos importantes fossem questionados e mencionados. O guião incluiu questões sobre informações pessoais de cada entrevistado, como nome completo, idade, formação e profissão, e sobre a casa bô, perguntou-se sobre o histórico da casa, o projeto (a associação), os atores (os agentes criativos, o público, os membros da associação, as parcerias), os recursos financeiros e ações para o futuro.

O guião¹² foi utilizado em sua totalidade intencionalmente apenas na primeira entrevista, e de forma parcial nas demais, de acordo com os critérios objetivos e subjetivos percorridos adiante.

Além do guião de entrevista, criou-se um documento, protocolo de consentimento, para que houvesse uma manifestação por escrito de cada um dos entrevistados sobre a sua autorização para a utilização do conteúdo da entrevista para a investigação e também para garantir ao entrevistado que o conteúdo da entrevista será apenas utilizado apenas para esse fim. Os entrevistados em sua totalidade assinaram os protocolos de consentimento, no início ou no final de cada entrevista.

Foram entrevistadas presencialmente 14 pessoas, num total de aproximadamente seis horas e 40 minutos de entrevistas. As entrevistas foram gravadas e transcritas. Na lista de entrevistas havia indivíduos com maior e menor grau de envolvimento com a casa bô, de acordo com os critérios utilizados para a amostragem.

A lista dos agentes com informações dos entrevistados e sobre as entrevistas está disponível abaixo:

#	Data 2016	Duração	Entrevistado	Nacionalidade	Papel na Casa Bô
1	03/ago	140 min	Ângelo Lopes	Portugal	Fundador e presidente casa bô
2	08/ago	38 min	Suzana Agante	Portugal	Frequentadora
3	08/ago	53 min	Vitor Hugo Moreira	Portugal	Membro família bô; Dinamizador da Noite de Poesia
4	12/ago	25 min	Blanca Maris	Itália	Hóspede temporária
5	14/ago	22 min	Valeria Keller	Hungria	Hóspede temporária; Fotógrafa freelancer
6	15/ago	06 min	Ângelo Lopes	Portugal	Fundador e presidente casa bô
7	15/ago	10 min	Joana Sousa	Portugal	Membro família bô
8	15/ago	15 min	Jonas Nobre	Portugal	Membro família bô
9	25/ago	17 min	Nicoli Siqueira e Valdemar Pinto Júnior	Brasil (ambos)	Artistas - Músicos
10	27/ago	06 min	Angela Du Toit	Austrália	Voluntária festival bô - Associação Sol em movimento
11	27/ago	07 min	Nuno Santos	Portugal	Membro família bô
12	28/ago	14 min	Elizabeth Clark	Inglaterra	Membro família bô
13	31/ago	26 min	Catarina Ferreira	Portugal	Membro família bô
14	22/set	21 min	Alda Pena	Portugal	Pelouro da coesão social da Junta de Freguesia do Bonfim

Quadro 3: lista de entrevistas presenciais transcritas. Fonte: elaborado pelo autor.

¹² O guião está reproduzido no Apêndice 1.

Quanto aos critérios para as entrevistas, houve a adoção de critérios objetivos e subjetivos para se determinar a sua amostragem, de forma que o universo analisado fosse minimamente heterogêneo o suficiente para se identificar o maior número de particularidades, *inputs*, *insights* e contribuições que se aproximassem dos objetivos desta investigação. Por outro lado, procurou-se estabelecer um certo grau de homogeneidade ao se escolher mais de um agente com perfil e características análogas, a fim de se perceber a ocorrência ou não de padrões ou similaridades na análise no cruzamento das entrevistas.

Quanto aos critérios objetivos, procurou-se escolher as amostras de acordo com as seguintes características dos agentes descritos a seguir:

- Grau de conhecimento e envolvimento com a casa bô

Optou-se por incluir na amostra entrevistados altamente envolvidos na associação, como o idealizador, o Sr. Ângelo Lopes, entrevistados com médio envolvimento, com a frequentadora Sra. Suzana Agante, bem como frequentadores eventuais, como a Sra. Blanca Maris;

- Papel social do agente para a casa bô: dinamizador de eventos, membro da associação, público e agentes de organizações pares

Procurou-se entrevistar desde organizadores da casa bô, como membros antigos assíduos e membros recentes, frequentadores assíduos e eventuais, dinamizadores de eventos semanais e dinamizadores pontuais, hóspedes temporários da associação, frequentadores de apenas eventos externos da associação e, agentes de organizações pares;

- Entrevistas com homens e mulheres, de diferentes faixas etárias

Inclui-se na amostra um equilíbrio entre os homens e mulheres entrevistados, a fim de se obter amostras com diferentes pontos de vista. Em relação à faixa etária, os entrevistados têm entre 20 e 45 anos, havendo assim uma limitação nesse critério principalmente nas faixas de idade acima dos 45 anos, incluindo a terceira idade, tendo dessa forma uma ausência de *feedbacks* dessa faixa. Porém, o intervalo de faixas de idade da amostragem recolhida corresponde majoritariamente aos membros, dinamizadores e público que frequentam a associação;

- Diversidade de nacionalidade

Considerando a diversidade de frequentadores e dinamizadores de países europeus e lusófonos, incluiu-se na amostragem entrevistados de diferentes nacionalidades, sendo eles: Portugal, Brasil, Itália, Hungria e Inglaterra;

- Diversidade na formação acadêmica e área de atuação profissional

Incluiu-se na amostragem entrevistados de diferentes papéis sociais em relação à casa bô, considerando também as diferentes formações acadêmicas e profissões dos entrevistados. Com este critério buscou-se perceber a multiplicidade de motivações que atraem os entrevistados com diferentes perfis sociocultural e econômico.

Quanto aos subjetivos, houve a adoção dos seguintes critérios para a amostragem dos entrevistados:

- Relevância da entrevista para mapeamento do histórico da casa bô

Optou-se por ter como entrevista principal a do Sr. Ângelo Lopes, uma vez que além de idealizador, o Sr. Lopes é o maior articulador da associação. Nesse sentido, foi realizada uma entrevista mais extensa e detalhada, com a utilização de um guião de entrevista previamente preparado, contudo, não limitando as perguntas apenas àquelas do roteiro do documento. O intuito foi tentar esgotar a recolha do maior número de informações sobre a história da associação, as motivações que a levaram a existir, as finalidades e os seus valores;

- Ordem cronológica das entrevistas

Com exceção da primeira entrevista, mencionada no tópico anterior, as demais entrevistas ocorreram de acordo com o critério de agendamento e disponibilidade dos entrevistados, sem que houvesse a necessidade de se recolher as entrevistas seguindo alguma cronologia, uma vez que não houve relevância na recolha de dados prévia de uma entrevista para a ocorrência das seguintes;

- Aleatoriedade

Parte das entrevistas aconteceu de forma aleatória. Algumas amostras foram escolhidas durante ou após as observações, onde se percebeu que o perfil do entrevistado se encaixava nos critérios objetivos ou entendeu-se que havia contribuições relevantes em conversas prévias informais que funcionaram como uma espécie de triagem;

- Serendipidade

Algumas entrevistas foram escolhidas ao acaso, de forma a evitar que possíveis pré-julgamentos ou pré-conceitos limitassem a escolha e qualidade da amostragem. Este critério foi adotado também como forma de otimizar o tempo para potenciais entrevistados que estavam disponíveis em locais e horas que se permitissem a recolha. Havia a premissa da entrevista não ser utilizada em caso de não haver um contributo, porém, todas as entrevistas feitas apresentaram conteúdo relevante, particularidades e padrões que enriqueceram a sua análise individual e conjunta;

- Quantidade de perguntas

Em relação à quantidade, não houve uma estipulação de número mínimo ou máximo de perguntas, nem a necessidade da ocorrência das mesmas perguntas nas entrevistas. Como o critério adotado para o tipo de entrevista foi o não-diretivo, as perguntas foram feitas de maneira não programada, de forma que nem mesmo houve a necessidade de preocupação com uma ordem dos assuntos discutidos. As perguntas foram feitas casualmente, de forma a estimular o entrevistado a discorrer sobre um determinado assunto ou questão de forma livre.

Em alguns momentos, para se dirimir dúvidas, preencher alguma lacuna, ou auxiliar o entrevistado para o sentido de uma fluidez da conversa, foram feitas perguntas mais pontuais e específicas para estes fins. Adicionalmente, a falta de ordem dos assuntos e perguntas e entrevistados ocorreu muitas vezes de forma espontânea ou intencional, com a preocupação de evitar respostas padronizadas ou possivelmente condicionadas às variáveis que cada ordem de perguntas potencialmente pode criar;

- Duração das entrevistas

Assim como na quantidade de perguntas, não houve limite de tempo mínimo ou máximo de cada entrevista. Os tempos de entrevistas foram livres e variaram no intervalo de seis minutos a duas horas e vinte minutos, tendo em vista o conjunto de critérios objetivos e subjetivos supracitados, com a preocupação centrada na disponibilidade e conforto do entrevistado para a entrevista e a qualidade e contribuição das respostas recolhidas.

Apesar de haver a probabilidade de uma relação diretamente proporcional em se obter uma maior quantidade de material, com mais *insights*, *inputs* e variáveis em entrevistas com maior quantidade de perguntas e maior duração, porém, também seria diretamente proporcional o aumento de esforço tanto para a recolha como para a análise dos dados, sem contar a possibilidade da diminuição da qualidade do material recolhido com o decorrer numa entrevista mais longa, a partir do momento que entrevistas longas cansam mais mentalmente e fisicamente tanto o entrevistador e o entrevistado. Dessa forma, optou-se por se balancear a duração das entrevistas levando-se em conta o conjunto de critérios objetivos e subjetivos, evitando sempre que possível extrapolar ou limitar o esforço para recolha e posterior análise, bem como a qualidade potencial do material recolhido.

2.5.3. Entrevistas por escrito

Além das 14 entrevistas pessoais em que houve interação direta com o inquirido, optou-se em alguns casos por uma segunda via para se entrevistar algumas pessoas em que não houve ou haveria a possibilidade de se formalizar uma entrevista pessoalmente. Em alguns casos, durante as observações, identificou-se algumas pessoas com potencial para contributos relevantes para esta investigação e que não teriam disponibilidade para participar do estudo, se não fosse por uma via mais flexível. Em alguns casos, houve o envio das instruções e todas as perguntas via *chat* de conversas da rede social Facebook, com o recebimento das respostas pela mesma via ou e-mail.

Foi o caso, por exemplo, de dois turistas internacionais (um americano e uma turista da Macedónia), ambos residindo em Nova Iorque e que estavam de passagem pela cidade do Porto e assistiram a um concerto na casa bô. Optou-se por uma breve conversa após o concerto para explicar sobre a investigação e para recolha de um canal de contato para envio posterior de uma entrevista para ser preenchida e enviada por e-mail.

Noutro caso, mais especificamente sobre o interesse em entrevistar algum representante da Junta de Freguesia do Bonfim para se perceber qual a visão e opinião da presença da casa bô na freguesia, após algumas tentativas presenciais e via telefónica durante o mês de agosto e começo de setembro, em que não foi possível o contato muito pelo fato da fase de recolha de dados ter coincidido com mês de férias da maioria dos representantes da Junta de Freguesia, optou-se pelo contato via e-mail para solicitação de

uma entrevista formal. Em caso de indisponibilidade de agenda, ofereceu-se como alternativa a via por e-mail. Dos cinco e-mails enviados para o corpo diretivo da junta de freguesia, houve uma resposta, indicando indisponibilidade de agenda para entrevista formal, porém dispôs-se ao envio da entrevista pelo meio digital.

Considerou-se o envio de entrevistas por escrito e não inquéritos por questionário, uma vez que a escala de envio era demasiado pequena, e o interesse nas respostas era baseado em experiências particulares de cada um dos inquiridos, o que inviabilizou a utilização da técnica do inquérito por questionário, que depende de uma formatação mais elaborada como técnicas de amostragem, codificação de perguntas e uso de análise estatística, que convém em amostragens mais numerosas e direcionadas.

Nesse sentido, de acordo com Pocinho:

“dado o grande número de pessoas geralmente interrogadas e o tratamento quantitativo das informações que deverá seguir-se, as respostas à maior parte das perguntas são, normalmente, pré-codificadas, de forma a que os entrevistados, obrigatoriamente, escolham as suas respostas entre as que lhes são formalmente propostas” (Pocinho, 2012, p. 95).

Dessa forma, foram enviadas 11 entrevistas por e-mail e via *chat* de conversa da rede social Facebook, havendo o recebimento de cinco respostas.

#	Data envio	Data recebimento	Entrevistado	Nacionalidade	Papel na Casa Bô
1	07/set	07/set	Elie Humy	Estados Unidos	Público no concerto Felipe Antunes e Hélio Flanders
2	07/set	09/set	Elena Mihajlovska	Macedónia	Público no concerto Felipe Antunes e Hélio Flanders
3	09/set	14/set	Marta Fernandes	Portugal	Público no concerto Felipe Antunes e Hélio Flanders
4	13/set	19/set	José Soares	Portugal	Pelouro da Educação, Cultura e Lazer da Junta da Freguesia do Bonfim
5	14/set	25/set	Mauricio Umann	Brasil	Dinamizador voluntário no festival bô

Quadro 4: lista de entrevistas por escrito. Fonte: elaborado pelo autor.

2.5.4. Diário de observação

O diário de observação é um documento de suporte para a observação direta. A observação é “todo procedimento que permite acesso aos fenômenos estudados. É etapa imprescindível em qualquer tipo ou modalidade de pesquisa” (Severino, 2007, p. 125). Pode ser definida também como “método de investigação que capta os comportamentos no momento em que eles se produzem e em si mesmos, sem a mediação de um documento ou de um testemunho” (Pocinho, 2012, p. 99).

Ainda de acordo com Pocinho, em relação à observação direta:

“O campo de observação do investigador é, em princípio, infinitamente amplo e só depende, em definitivo, dos objetivos do seu trabalho e das suas hipóteses de partida. A partir delas, o ato do seu trabalho será estruturado, na maior parte dos casos, por uma grelha de observação previamente constituída” (2012, p. 99) (grifos nossos).

Em complementação ao levantamento documental e às entrevistas não-diretivas, utilizou-se para esta investigação uma terceira técnica de pesquisa para fins de registo das observações diretas na fase de recolha de dados, com a criação do documento intitulado diário de observação. Este documento teve como finalidade funcionar como uma grelha de observação. A grelha reúne uma série de informações detalhadas de observações feitas no interior da casa bô durante a ocorrência de eventos, de atividades externas da associação ou mesmo de observações de agentes criativos em outras Associações ou outros espaços.

Nas palavras de Pocinho:

“estas grelhas definem, de modo muito seletivo, as diferentes categorias de comportamentos a observar. As frequências e as distribuições das diferentes classes de comportamento podem, então, eventualmente, ser calculadas para estudar as correlações entre estes comportamentos e outras variáveis destacadas pelas hipóteses (2012, p. 99) (grifos nossos).

O diário de observação criado possui em sua grelha informações espaciais para determinação do local onde ocorreu a observação, informações temporais como o horário de início e fim da observação, bem como o horário agendado, nos casos de eventos e atividades programadas com antecedência. Esta variável permite verificar a incidência ou não de atrasos dos eventos. Mais do que verificar a pontualidade das atividades, esta variável tem como objetivo perceber a relação que a classe criativa tem com o tempo.

A grelha possui campos para a nomeação das atividades, como também suas classificações. Os eventos foram categorizados de acordo com as classificações da UNCTAD no que se refere ao tipo de iniciativa e sua respetiva área nas indústrias criativas

e pelo *Thesaurus*¹³ da UNESCO na classificação das iniciativas criativas em procura de distinção entre os termos mais amplos e os relacionados, e principalmente a que grupo hierárquico pertence cada termo catalogado.

A classificação da UNCTAD permite distinguir e mapear a variedade de agentes criativos pelas indústrias criativas que cada iniciativa criativa promove na casa bô em seus eventos, quais indústrias criativas e em que quantidade movimentam a associação e quais as interações, convergências e divergências que existem entre esse universo de estudo.

O *Thesaurus* da UNESCO permite uma visão mais holística¹⁴ sobre a classificação das iniciativas criativas, promovendo um entendimento mais detalhado em relação à equivalência, a hierarquia e a associação entre os termos utilizados na área das indústrias criativas.

Aplicou-se na grelha qual o objetivo da observação, informação que direcionará o olhar e sentido na análise crítica. A observação com objetivos permite uma visão mais crítica e detalhada no momento da recolha, permitindo uma maior possibilidade de aprofundamento da reflexão crítica sobre o objeto de estudo em procura de resposta às questões centrais e secundárias da investigação.

Outras informações como o número de participantes, o valor do donativo sugerido para a atividade e informações sobre a arrecadação auxiliam em análises de questões sobre quais as iniciativas criativas tem maior ou menor interesse e público? Que tipo de indústria criativa tem maior oferta e procura de apresentações? Como funciona a sustentabilidade social gerada por meio da forma inclusiva por meio da promoção do donativo consciente?

Os campos principais onde se concentrará a observação e a análise crítica são o campo descrição e reflexão do diário. No campo descrição, procurou-se detalhar na medida do possível em profundidade com as informações necessárias para dar elementos

¹³ O Tesouro (*thesaurus*) conforme descrição de Harping é “um vocabulário controlado organizado em uma ordem específica [...] seus objetivos são promover a consistência na indexação de conteúdos e facilitar a pesquisa e navegação (Harping, 2016, p. 280).

¹⁴ Holística, conforme o dicionário Priberam é “concepção, nas ciências humanas e sociais, que defende a importância da compreensão integral dos fenómenos e não a análise isolada dos seus constituintes”. “Holística”, *Dicionário Priberam da Língua Portuguesa* (2008-2013), <https://www.priberam.pt/dlpo/hol%C3%ADstica>, acedido em 05 de setembro 2016.

suficientes, tendo como direção o objetivo central da observação, enquanto no campo reflexão, detalhou-se elementos para uma posterior análise crítica, podendo ser padrões de comportamentos, particularidades, novas formas de interações e iniciativas criativas, etc. Para fins de organização, optou-se pela numeração dos diários em ordem cronológica na medida em que as observações foram recolhidas.

O modelo do diário de observação pode ser visualizado na figura abaixo:

Diário de Observação n.º [Descrição da atividade observada]			
Data			
Horário	Início da observação:	Final da observação:	
	Agendado do evento:	Atraso:	
Local			
Evento			
Classificação	UNCTAD Indústrias Criativas UNESCO Thesaurus		
Objetivo			
N.º participantes			Donativo sugerido:
Arrecadação	Potencial:	Real:	Percentual:
Descrição			
Reflexão			

Figura 2: modelo de diário de observação. Fonte: elaborado pelo autor.

Ao todo, foram realizados 21 diários de observação, num total de aproximadamente 86 horas de observações. Em algumas ocasiões, foram realizadas mais de uma observação num mesmo dia e local, normalmente em eventos em que ocorreram atividades que mereciam uma observação e análise distinta, por exemplo em eventos de noite de poesia, em que houve imediatamente antes do evento o jantar vegetariano, ambos analisados em separado.

A lista das observações feitas se encontra no quadro a seguir:

#	Data 2016	Duração (minutos)	Local	Evento
1	27/jul	80	casa bô	Jantar vegetariano
2	27/jul	70	casa bô	Noite de Poesia (aniversário 1.º ano)
3	01/ago	110	casa bô	Dança e meditação - Reconnect Dance
4	01/ago	80	casa bô	Jantar Vegetariano
5	01/ago	80	casa bô	Concerto Lights One
6	09/ago	220	casa bô	Concerto Felipe Antunes e Hélio Flanders
7	10/ago	110	casa bô	Noite de Poesia e; Contação de histórias
8	12/ago	120	casa bô	Workshop – produção de almofadas
9	12/ago	60	casa bô	Descrição física da casa bô
10	13/ago	630	Aldeia de Aboadela - Amarante	1.ª missão humanitária; Preparativos festival bô Amarante
11	14/ago	60	Aldeia de Aboadela - Amarante	1.ª missão humanitária; Preparativos festival bô Amarante
12	14/ago	360	Aldeia de Aboadela - Amarante	1.ª missão humanitária; Preparativos festival bô Amarante
13	14/ago	50	Aldeia de Aboadela - Amarante	1.ª missão humanitária; Preparativos festival bô Amarante
14	15/ago	110	Aldeia de Aboadela - Amarante	1.ª missão humanitária; Preparativos festival bô Amarante
15	15/ago	405	Aldeia de Aboadela - Amarante	1.ª missão humanitária; Preparativos festival bô Amarante
16	15/ago	420	Aldeia de Aboadela - Amarante	1.ª missão humanitária; Preparativos festival bô Amarante
17	21/ago	345	casa bô	Concerto - Duo Musical Manifesto
18	23/ago	120	Rua das Flores	Música de Rua - Musical Manifesto
19	26/ago	270	Associação Cultural Rés-da-rua	Jantar Vegetariano; Concerto - Duo Musical Manifesto
20	27/ago	930	Amarante	festival bô (2.º dia)
21	28/ago	540	Amarante	festival bô (3.º dia)
Total:		5.170 minutos (86 horas de observação)		

Quadro 5: lista dos 21 diários de observação. Fonte: elaborado pelo autor.

2.6. Uso e recolha de dados quantitativos

Para algumas análises, optou-se pelo uso de dados quantitativos para análises específicas. A maioria das análises serviu para quantificar o volume e o tipo de eventos da associação casa bô e de locais como outras associações ou indústrias culturais relevantes na cidade do Porto, como por exemplo a Casa da Música.

O critério adotado foi a seleção de uma fonte de dados que tivesse o montante de eventos de todos os locais num determinado recorte temporal. A princípio, considerou-se

a ideia de utilizar o período de existência da associação casa bô como base (março de 2015 a agosto de 2016). A partir desse recorte, seriam analisados os 216 eventos oficialmente criados no veículo de divulgação da associação, a rede social Facebook. Porém, optou-se por não utilizar a fonte primária da rede social pelo fato de que a extração de dados não teria uma tipologia relacionada aos diferentes eventos quando recolhidos de cada um dos demais locais, e a sua classificação teria de ser feita manualmente, item por item, o que inviabilizaria a análise face o seu volume de dados.

Optou-se por usar como base o *site* de eventos Viral Agenda¹⁵. Este *site* utiliza a base de dados dos eventos do Facebook para criar por meio de uma interface gráfica uma grelha e lista dos eventos dos principais equipamentos e indústrias culturais de Portugal.

Uma das vantagens na utilização desse critério foi a o fato de o *site* Viral Agenda ter adotado um critério para tipificação dos principais eventos, dividindo-os em categorias distintas. Dessa forma, houve uma maior paridade em se considerar o número de concertos entra a casa bô e a Casa da Música num determinado período.

Quanto ao critério temporal, utilizou-se o recorte de outubro de 2015 a agosto de 2016, uma vez que a casa bô possuía os seus eventos listados no histórico do *site* Viral Agenda apenas a partir de outubro de 2015, cerca de sete meses após sua inauguração. Assim, utilizou-se como base os 178 eventos desse recorte, ao invés dos 216 eventos listados na página do Facebook da casa bô. O mesmo critério foi adotado para os demais locais selecionados na amostragem.

Para a recolha de dados quantitativos, realizou-se uma extração de dados, utilizando-se como base um *browser* de internet, aplicando o uso de scripts em html para criação da base de dados e exportação com classificação dos dados em colunas de aplicativo de planilha eletrónica.

2.7. Da recolha de dados qualitativos

Para a recolha de dados, utilizou-se quando possível uma integração das técnicas de pesquisa adotadas para complementar as recolhas de cada um dos quatro tipos escolhidos: a recolha documental, a entrevista não-diretiva, o diário de observação e as entrevistas por escrito. Por exemplo, quando identificado em uma das entrevistas a

¹⁵ O *website* do “Viral Agenda” está disponível em, <https://www.viralagenda.com/pt/home>, acedido 20 setembro 2016.

existência de um documento relevante para análise, solicitou-se logo na sequência do fim da entrevista pelo acesso ao documento.

No caso das observações diretas, quando se identificou algum potencial entrevistado que não estava previamente selecionado, solicitou-se ao término da observação pela possibilidade de recolha de entrevista, e que em alguns casos ocorreu imediatamente nessa abordagem. Dessa forma, as recolhas foram se complementando de acordo com as contribuições que cada uma delas ofereceu na identificação de novas e possíveis recolhas das técnicas de pesquisa.

Na recolha documental, parte dos documentos foram solicitados e recolhidos logo na primeira visita à casa bô, e os demais foram pesquisados em *websites*, enviados por e-mail ou entregue em mãos durante as observações diretas.

As entrevistas foram recolhidas em algum ambiente livre de ruídos excessivos e possíveis interrupções, utilizando-se um gravador de voz do telemóvel para recolha do áudio para posterior transcrição.

Nas observações, utilizou-se sempre que possível um mesmo caderno para registro das interações e atividades relevantes para posterior digitação em um modelo específico criado para esse fim. Procurou-se digitar as informações no primeiro horário possível após a recolha de forma a complementar as anotações com informações adicionais que estavam recentes na memória, de modo a aumentar o grau de detalhe e insumos para a recolha. Em algumas oportunidades foram tiradas fotografias durante as observações para também auxiliar nesse processo.

Nas entrevistas por escrito, identificou-se as pessoas com potencial contributo, na maioria das vezes durante as observações, e houve um primeiro contato para abordar e fazer uma sondagem sobre a disponibilidade do inquirido e apetência para contribuição com a entrevista.

2.7.1. Ferramentas e técnicas para recolha e análise de dados

No que tange a recolha de dados, para além das ferramentas físicas para obtenção de dados supracitados, como o uso de telemóvel e de um caderno, utilizou-se algumas técnicas para potencializar a qualidade da recolha de dados.

Para se obter análises e resultados mais credíveis, utilizou-se como parâmetro para a recolha de dados a abordagem de uma ferramenta comum na área da Gestão para

auxílio em desenho de planos de ação e na área da criatividade comumente usada em questões ligadas à resolução de problemas: a 5W1H¹⁶. A sigla significa a junção das primeiras letras das palavras *what*, *when*, *where*, *why*, *who* e *how* designando o termo 5W1H.

A 5W1H é uma técnica de criatividade que significa: “quando, onde, quem, o quê, por quê e como. Ela descreve várias questões que servem como gatilho de ideias que serão ponderadas em relação à ideia de base”¹⁷ (Dolog *et al.*, 2009, p. 6).

No caso da observação direta, por exemplo, o foco ou ideia é a observação de alguma atividade, evento ou interação entre os agentes envolvidos na investigação do estudo de caso. Portanto, os gatilhos de ideias procuram respostas para as perguntas, conforme dispostas na tabela abaixo:

Trigger ideas Ideias de gatilho		Diário de observação	Entrevista	Documentação
What?	O que será...	...observado?	(Não se aplica)	... coletado?
Who?	Quem será...	...observado?	... entrevistado?	(Não se aplica)
When?	Quando será...	...observado?	... entrevistado?	... coletado?
Where?	Onde será...	...observado?	... entrevistado?	... coletado?
Why?	Por quê será...	...observado?	... entrevistado?	... coletado?
How?	Como será...	...observado?	... entrevistado?	... coletado?

Quadro 6: abordagem 5W1H. Fonte: elaborado pelo autor.

Em relação à análise dos dados, na análise documental procurou-se verificar se os documentos obrigatórios constitutivos da associação estavam presentes, e no caso do Estatuto, procedeu-se uma análise comparativa entre o seu teor com o teor da missão e da visão da casa bô, de modo a verificar a compatibilidade entre o texto constitutivo e a comunicação dos valores da associação para a sociedade.

Para as técnicas de pesquisa, utilizou-se um aplicativo que permite a análise qualitativa de dados, o MAXQDA 12. Foi feita uma codificação a partir dos termos retirados da classificação da UNCTAD, do *thesaurus* da UNESCO e das questões secundárias foram identificados trechos nas entrevistas transcritas, nos diários de

¹⁶ “5W1H”, Wikipédia, https://en.wikipedia.org/wiki/Five_Ws, acessado em 05 setembro 2016.

¹⁷ Tradução livre do autor de: “5W1H – this acronym denotes: When, Where, Who, What, Why and How. It describes various idea trigger questions that shall be asked relative to the base idea”.

observação e nas entrevistas por escritos que foram a base para se conhecer melhor o objeto de estudo, a casa bô, e sua relação com a sociedade e a economia social.

CAPÍTULO 3. A ASSOCIAÇÃO CULTURAL CASA BÔ

Neste capítulo será descrito o objeto de observação desta investigação. A casa bô é uma Associação Cultural, Ambiental e de Solidariedade Social. Foi inaugurada em 21 de março de 2015 e está localizada em uma casa de três andares na Rua do Bonfim 356, na zona da Junta de Freguesia do Bonfim, no Porto.

3.1. Breve Histórico

Antes de ser a sede da casa bô, a casa abrigava uma outra associação cultural, a Verde-rubro¹⁸, que é “uma organização sem fins lucrativos e que se destina à produção e divulgação cultural e artística no território nacional e estrangeiro, à preservação e difusão do património artístico, cultural e histórico, e à intervenção social¹⁹”. A Verde-rubro ocupou a casa no Bonfim por aproximadamente dois anos e meio, e depois mudou a sede para outra morada. O Sr. Ângelo Lopes teve notícia da casa, conforme descrito no trecho da transcrição de entrevista feita em três de agosto de 2016:

“[...] precisamos de um espaço... o espaço surgiu... nem sequer procuramos... na prática, sabia que a casa estava abandonada, a casa que estamos a usar, e procurei ter o contato da pessoa, do senhorio, soube do acordo que havia com outra associação que havia lá antes, soube do acordo que eles tinham, basicamente pagavam uma renda simbólica com compromisso de reabilitação da casa, renda de 65 euros... na casa, mal entrei, mal abri a porta e senti que era ali era o espaço. Nem sequer conhecia a casa por fotografias. Fui vendo e vi que encaixava. Era uma associação cultural também, que, entretanto, durou dois anos e meio, mas, entretanto, por questões de emergências acabou por terminar... nós herdamos muito do trabalho que foi feito na casa... para além do legado do trabalho foi feito naquela casa já havia concertos também, a casa já tinha um bocado daquele cariz... eles fizeram, eram meninas, fizeram um trabalho, intervenções, palco, que nós no fundo ampliamos”.²⁰

Ainda sobre a descrição da casa, o Sr. Ângelo disse mais detalhes na entrevista quando perguntado sobre se conhecia o local e se havia feito uma proposta:

“sim, encontramos no local, vimos que a proposta era interessante e criamos uma imagem de 10 anos ou 11... uma imagem visual, e depois, sem procurarmos, achamos exatamente (algo que) corresponde a 95% do que imaginávamos. Parece que não é por acaso. E ainda por cima em todas as circunstâncias que permitissem que a inclusão (social) acontecesse... a casa já estava abandonada e tinha sido usada nesse registo... algo que tivesse disponível por valor simbólico com compromisso de

¹⁸ “Verde-Rubro Associação Cultural e Artística”, Facebook, <https://www.facebook.com/VerdeRubro/?fref=ts>, acedido em 06 setembro 2016.

¹⁹ “Verde-Rubro Associação Cultural e Artística”, Facebook, https://www.facebook.com/VerdeRubro/about/?entry_point=page_nav_about_item&tab=page_info, acedido em 06 setembro 2016.

²⁰ Lopes, A.. (2016, agosto 03). *Entrevista pessoal*.

reabilitação da casa. Fizemos um acordo, temos um contrato de 10 anos com compromisso de reabilitação, com pagamento de renda simbólica que vai aumentando gradualmente por ano. É um aumento muito relativo. Isso é nossa base para podermos trabalhar. Quem conhece a casa bô, conhece a casa.²¹

De acordo com o Sr. Ângelo, a casa, além de ter mais de 100 anos, pertenceu ao avô do senhorio, que é ligado à área das artes e ficou feliz com o uso do imóvel para o fim que a casa bô está a dar.

O contrato de arrendamento é de 10 anos, com uma renda inicial de 135 euros por mês. O valor da renda tem previsão de aumento gradativo ao longo do período. Em contrapartida, a associação se compromete na reabilitação da casa, promovendo dessa forma também um contributo para a comunidade local, com a reabilitação urbana de uma casa que por muitos anos esteve em situação de abandono.

O nome da associação foi dado por um dos membros que ajudaram na sua fundação, o Sr. Sérgio Romano Pires. Quando questionado, sugeriu o nome “bô”, que no norte de Portugal é a contração da palavra “avô”, numa referência à associação como um espaço de uma casa de família, um lugar de família, aconchegante, onde as pessoas fazem parte de um todo, como o Sr. Ângelo descreveu na entrevista:

“[...] um espaço aberto, onde as pessoas se sentem integradas, familiar, intimistas, exatamente este é nosso core... esse é o nome da casa, casa bô, casa do avô.

AP: o nome da casa tem a ver com essa intimidade?

AL: esse sempre foi o aspeto familiar, a forma como as pessoas se condicionam, de forma peculiar, particular, e tem muito a ver com esta vivência sem grandes barreiras, sociabilização, e, portanto... e também (onde) as pessoas também pudessem se interligar, criar relações de amizade, e no conceito de família, os próprios no grupo, tratamo-nos como família, usamos a palavra família, e é assim que nós gostamos de nos ver... e numa família, o avô é o elemento que agrega, (e mesmo) quando a o avô morre... é, (continuar a) ser a casa do avô. Quando vamos lá, é para visitar a família. O avô pode ser considerado um elemento exotérico, portanto, um tanto acima do plano que nós estamos e que de alguma forma nos ajuda a encontrar uma orientação”.²²

3.2. Estatuto Social, Missão e Visão

O Estatuto Social da casa bô – Associação Cultural, Ambiental e de Solidariedade Social²³ tem 10 artigos que descrevem sua a denominação social, sede, duração, fim (finalidade), receitas, órgãos, assembleia geral, direção, conselho fiscal, admissão e

²¹ Lopes, A.. (2016, agosto 03). *Entrevista pessoal*.

²² Lopes, A.. (2016, agosto 03). *Entrevista pessoal*.

²³ O Estatuto Social está reproduzido no Anexo 2 desta investigação.

exclusão de associados, extinção, destino dos bens e regras sobre casos omissos. Cumpre-se ressaltar o artigo 2.º, que trata sobre a finalidade da casa bô:

“Artigo 2.º

Fim

1 - Esta Associação tem por Objecto Social: contribuir para a realização última de todos os Seres, através do desenvolvimento holístico do Ser Humano para a sua felicidade, paz e harmonia consigo no Universo. Nomeadamente:

- criando uma Comunidade de pessoas interligadas por valores éticos como a partilha, o amor, o respeito, a integração, a humildade, a consciência e a sustentabilidade;

- intervindo nas áreas da Arte e Cultura, do Ambiente (consciência ecológica) e criar actividades de Intervenção Social para a promoção da coesão e inclusão social (nomeadamente com a envolvente social do projecto);

- na promoção do desenvolvimento do potencial individual e colectivo, através do cruzamento de diversas áreas de intervenção e formação multidisciplinar, fomentando a curiosidade, a criatividade, o acesso à cultura, consciência e relações humanas saudáveis;

- na criação de uma rede de cooperação entre entidades e pessoas (em território nacional e internacional).

2 - De acordo com os princípios da Economia Social, de transparência contabilística e financeira, e no sentido do desenvolvimento da consciência nos juízos de valor, pretendemos trabalhar, sempre que possível, com o voluntariado, donativo ou contribuição consciente, como base da sustentabilidade financeira do projecto”. (casa bô, Associação Cultural, 2016) (grifos nossos).

A missão e a visão da casa bô foram delineadas em alinhamento com o disposto no artigo 2.º do Estatuto, de acordo com informações publicadas na página do Facebook da associação:

“Visão

Contribuir para a realização última de todos os Seres, através do desenvolvimento holístico do Ser Humano para a sua felicidade, paz e harmonia consigo no Universo.

[...]

Missão

Ser uma comunidade assente em valores éticos que potencia o indivíduo e o colectivo, intervindo nas áreas da arte e cultura, ambiente e economia social, promovendo a cooperação, coesão e inclusão social.

Pretendemos ainda:

. promover ligações entre artistas e projectos culturais e ambientais, potenciando possibilidades e sinergias;

. promover e difundir a arte, a cultura e a sustentabilidade a nível nacional;

. apoiar iniciativas e projectos-piloto a nível social, artístico, cultural e ambiental;

. contribuir para a preservação do património artístico, cultural e histórico;

. promover o empowerment do indivíduo através do envolvimento a vários níveis com as actividades desenvolvidas, numa prática de "learning by using, doing and interacting";

. sensibilização para a importância da arte, cultura e meio ambiente no desenvolvimento social e individual” casa bô (2016)²⁴

A missão e visão da casa bô também é difundida de outras duas formas: por meio de informativos impressos e por meio de cartazes pela casa e em um painel numa das paredes da associação, ilustrado nas imagens abaixo:

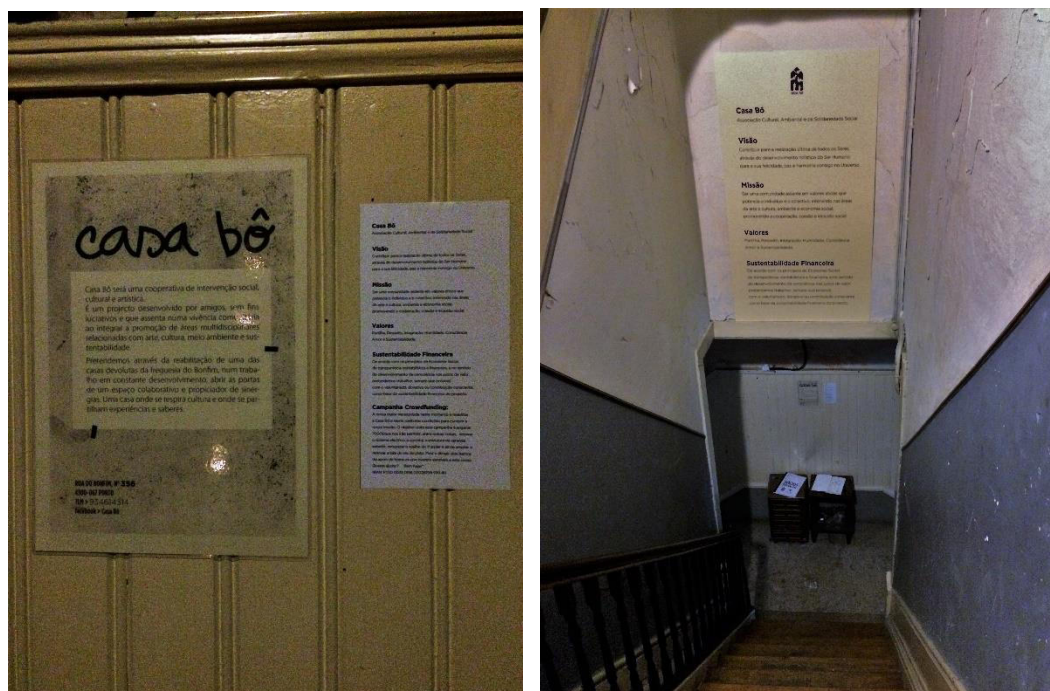


Figura 3: fotos dos cartazes com a missão e a visão na casa bô.
Fotos © André Principe.

3.2.1. Valores da casa bô e importância das relações humanas

Os valores da casa bô estão descritos no artigo 2.º do Estatuto Social da entidade e na página da associação na rede social Facebook²⁵. São sete valores éticos, descritos a seguir: a partilha, o respeito, a integração, a humildade, a consciência, o amor e a sustentabilidade.

²⁴ “casa bô”, Facebook,
https://www.facebook.com/coopcasabo/about/?entry_point=page_nav_about_item&tab=page_info,
acedido em 08 setembro 2016.

²⁵ “casa bô”, Facebook,
https://www.facebook.com/coopcasabo/about/?entry_point=page_nav_about_item&tab=page_info,
acedido em 08 setembro 2016.

Para além destes valores expressos na rede social, foram identificados outros valores que foram citados em entrevistas ou durante as observações para os diários. São eles: união, abertura, liberdade, sensibilidade, caridade, alegria, solidariedade e empatia.

A família bô, como muitos dos membros da associação casa bô gostam de serem chamados e identificados de acordo com as entrevistas e diários de observação, procuram por meio da vivência baseada no senso de comunidade, bem-estar social, afeto, sentimento de pertença e unicidade, um fortalecimento das relações humanas, justificando assim o fato de se considerarem todos membros de uma grande família.

Essa importância das relações humanas, assente num conjunto de valores éticos, tem em vista uma mudança social sustentável.

3.3. Bases da associação casa bô

A casa bô foi idealizada e fundada por um grupo de amigos que desenvolveu ou ainda desenvolve atividades de voluntariado na ONGD chamada G.A.S.Porto – Grupo de Associação Social do Porto. Esse grupo é formado pelo Sr. Ângelo Lopes, Sr. Sérgio Romanos Pires, Sr. Nuno Santos, Sr. Pedro Alves e a Sra. Sandra Moreira. Tanto o Sr. Ângelo como o Sr. Sérgio se conheceram durante as ações da ONGD, e participaram como voluntários por aproximadamente seis anos.

A G.A.S.Porto tem como objetivo ser “uma Escola de Vida vocacionada para a Ajuda e Desenvolvimento Humano, contribuindo para um mundo melhor, com menos necessidades”²⁶. Ainda na página da internet da organização, a G.A.S.Porto acredita em sua visão “num mundo com menos necessidades, menos pobre, mais solidário, igual e justo. Um mundo onde, através de exemplos de entrega e serviço, as pessoas possam ajudar de forma voluntária, contínua e integrada na sociedade”.

Os valores da organização estão pautados da seguinte forma:

“A nossa intervenção é multidisciplinar e desenvolve-se de forma profissional, sustentável e com espírito de equipa. Partindo de competências técnicas, focamo-nos na pessoa e no meio em que esta se insere. Seguimo-nos por valores reconhecidos pelas diversas escolas de pensamento, como essenciais à felicidade do ser humano: paz, liberdade, respeito, abertura, sensibilidade, caridade, alegria, complementados pelo necessário rigor, disciplina e justiça. Somos inspirados pelo exemplo de Jesus Cristo, na sua dedicação aos pobres, combate à injustiça e desigualdade e inspiração altruísta...”. G. A. S. Porto²⁷

²⁶ G.A.S.Porto, <http://www.gasporto.pt/gas-porto/quem-somos/>, acedido em 13 setembro 2016.

²⁷ G.A.S.Porto, <http://www.gasporto.pt/gas-porto/quem-somos/>, acedido em 13 setembro 2016.

A ONGD conta com atualmente cerca de 400 voluntários, em sua maioria jovens universitários e pessoas em idade adulta em atividade profissional. Possui nove projetos no Porto, cinco missões nacionais e duas missões internacionais para ações de voluntariado.

Esta vivência numa organização com uma estrutura que oferece formação específica para ações de voluntariado para desenvolver atividades em uma diversidade de projetos com objetivos específicos serviu de base para que os membros, idealizadores e fundadores da casa bô pudessem eles mesmos iniciar uma organização sem fins lucrativos, baseada nos valores da G.A.S. Porto, porém com uma proposta diferenciada, com o intuito de aproximar as pessoas, nomeadamente os agentes culturais, de forma a criar uma comunidade para cultivo das relações humanas, da cultura e da arte, bem como de solidariedade social.

Nesse sentido, a criação de uma associação cultural veio de uma componente comum da base da família bô, a paixão pelas artes, e usaram este mote como uma forma de atrair pessoas e criar uma rede comunitária colaborativa para um voluntariado que não seja direcionado apenas para a classe mais desfavorecida (moradores de rua ou toxicodependentes, por exemplo), mas sim mais abrangente, de forma a oferecer cultura e arte que seja acessível a todos, um lado solidário por meio da cultura, envolvendo ações de empoderamento dos indivíduos com interesse pelas artes e aproximação das pessoas para ações de iniciativa ambiental, no meio mais rural, além das ações que já acontecem na comunidade do Bonfim, como o voluntariado no lar de idosos em frente da casa bô.

3.4. Pilares de atuação da casa bô

Como apregoado na definição estatutária da casa bô, sendo uma Associação Cultural, Ambiental e de Solidariedade Social, depreende-se que os pilares principais são: o pilar Cultural (manifestações artísticas), o Ambiental e a Solidariedade Social.

A visão e missão da associação delimitam com mais detalhes esses pilares. O fim maior, o “desenvolvimento holístico do Ser Humano para a sua felicidade, paz e harmonia”²⁸ é promovido pelos três pilares principais e um conjunto de ações nessas áreas. O quadro resumo aponta as ações intercaladas entre os pilares e as ações específicas em cada setor de atuação da associação:

²⁸ A reprodução deste documento está no Anexo 3.

PILARES DA CASA BÔ		
Rede de cooperação entre entidades e pessoas; Economia Social e sustentabilidade: ações sociais, voluntariado e donativo consciente; Inovação Social: Apoio a iniciativas e projetos-piloto no nível social, cultural e ambiental; Promover o empowerment do indivíduo e potencializar sinergias (ações coletivas)		
CULTURA (ARTES)	AMBIENTE	SOLIDARIEDADE SOCIAL
Talento (habilidades criativas artísticas)	Território (lugares de convivência)	Tolerância (Ações sociais)
Promover ligações entre artistas e projetos culturais	Consciência ambiental e ecológica	Intervenção Social
Fomentar a curiosidade e a criatividade	Aproximação do indivíduo à zona rural (natureza)	Inclusão Social
Promover e difundir a arte e a cultura	Promoção de projetos ambientais	Coesão Social
Cruzamento de áreas de intervenção e formação multidisciplinar	Alimentação consciente	Bem-estar Social
Preservação do património artístico, cultural e histórico	Relações humanas saudáveis	Desenvolvimento coletivo

Quadro 7: pilares de atuação e finalidades da casa bô. Fonte: elaborado pelo autor.

Os pilares denotam a casa bô como um ambiente de forte atração dos agentes culturais²⁹, ou os chamados pelos autores de livros sobre a temática das Cidades Criativas, como Charles Landry, de agentes da classe criativa, nesse caso, a classe artística.

Como se pode observar no quadro resumo, a associação possui uma descrição maior e ações relacionadas com a vertente cultural, o que foca um interesse mais direcionado para um público de agentes culturais, de pessoas interessadas em eventos culturais e artísticos.

A atração natural dessa parcela da classe criativa pela casa bô acaba por ser direcionada automaticamente para a promoção das outras duas áreas de atuação, a área ambiental e principalmente nas ações de solidariedade social, uma vez que a base e os valores da associação estão intrinsecamente ligados às bases e princípios da economia

²⁹ Classificação dada aos artistas pela Direção Regional de Cultura do Norte de Portugal. “Direção Regional de Cultura do Norte de Portugal”, <http://www.culturanorte.pt/pt/servicos/promocao-e-dinamizacao-cultural/programa-de-apoio-aos-agentes-culturais/>, acedido em 08 setembro 2016.

social, como a questão do voluntariado e do donativo consciente como forma de sustentabilidade económica.

3.5. Estrutura organizacional da casa bô

Do ponto de vista formal, das muitas classificações e derivações de estruturas existentes para as organizações, as mais conhecidas são as estruturas vertical, horizontal e matricial.

Há outras classificações possíveis para as estruturas organizacionais, como por exemplo a que é dada pelo PMBOK® - *Project Management Body of Knowledge*, que é um guia de melhores práticas em gestão de projetos. Para as estruturas organizacionais, o PMBOK® utiliza a classificação dividindo as estruturas entre funcionais e projetadas, sendo que suas variações são chamadas de estruturas matriciais, podendo ser estas classificadas ainda como fracas, balanceadas ou fortes (*Um Guia do Conhecimento em Gerenciamento de Projetos: Guia PMBOK®*, 2013).

Nesse caso, as estruturas funcionais são aquelas em que os funcionários de uma organização possuem um gerente ou superior bem definido, e no topo da organização cada hierarquia é dividida por especialidade, como marketing, contabilidade, vendas, etc. Essa é uma estrutura considerada clássica.

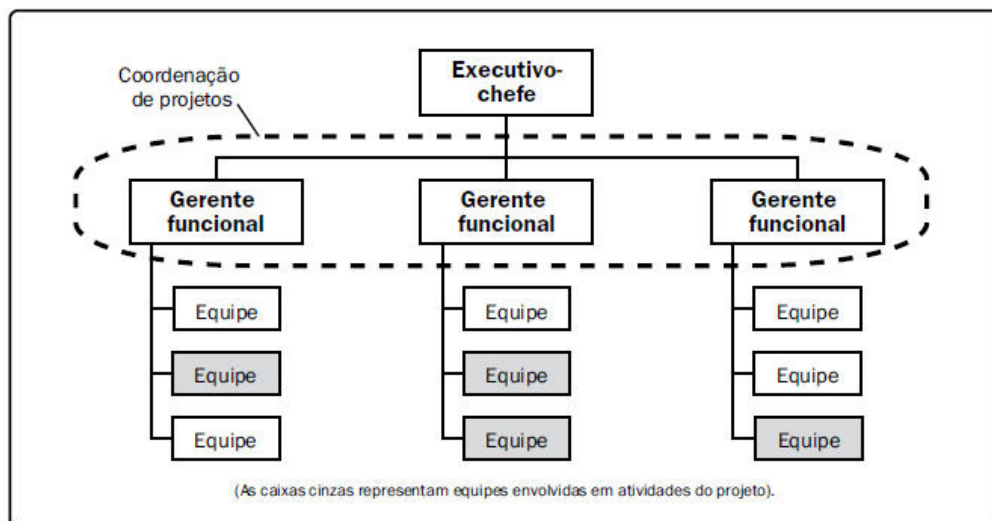


Figura 4: modelo de organização funcional. Fonte: PMBOK®, 2013, p. 23³⁰.

Nas organizações projetadas, os funcionários trabalham em equipas e há a figura do gerente de projetos que é o responsável pela administração do trabalho que é

³⁰ Fonte: *Um Guia do Conhecimento em Gerenciamento de Projetos: Guia PMBOK®*, 2013, p. 23.

estruturado por projetos dentro da organização. Um exemplo de empresa com esse tipo de estrutura são as empresas de *Design*. Nesse tipo de organização, contrata-se a empresa para a prestação de um serviço, com a entrega de um produto final. Normalmente as empresas trabalham com inúmeros clientes e serviços em paralelo, sendo cada serviço considerado um projeto. Assim, uma parte da equipa fica alocada no projeto do cliente X, enquanto outra equipa fica responsável pelo projeto do cliente Y, de acordo com a gestão estratégica da empresa. A organização projetada tem a seguinte estrutura:

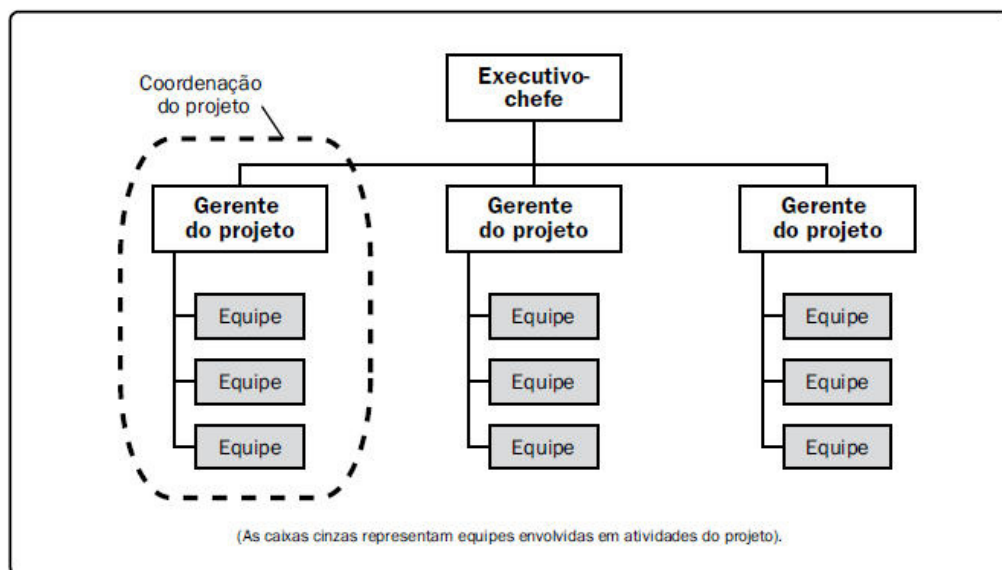


Figura 5: modelo de organização projetada. Fonte: PMBOK®, 2013, p. 24³¹

Já as organizações matriciais são aquelas com elementos das organizações funcionais e projetadas juntas. Classificam-se como fracas, balanceadas ou fortes dependendo do poder de influência que a gestão de projetos terá dentro deste tipo de organização. Esses tipos de organizações têm sua representação gráfica ilustrada nas figuras a seguir:

³¹ Fonte: *Um Guia do Conhecimento em Gerenciamento de Projetos: Guia PMBOK®*, 2013, p. 24.

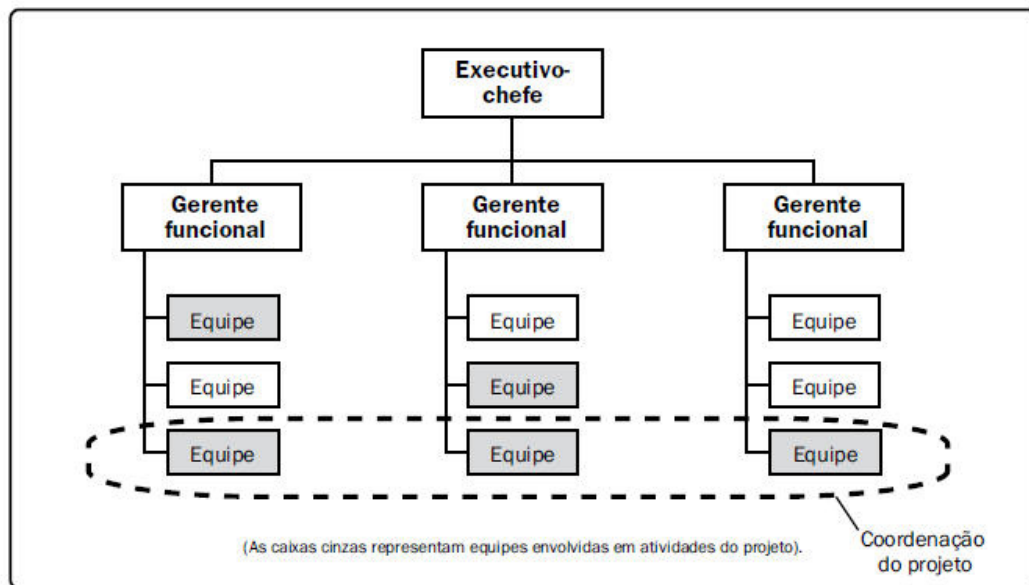


Figura 6: modelo de organização matricial fraca. Fonte: PMBOK®, 2013, p. 22³²

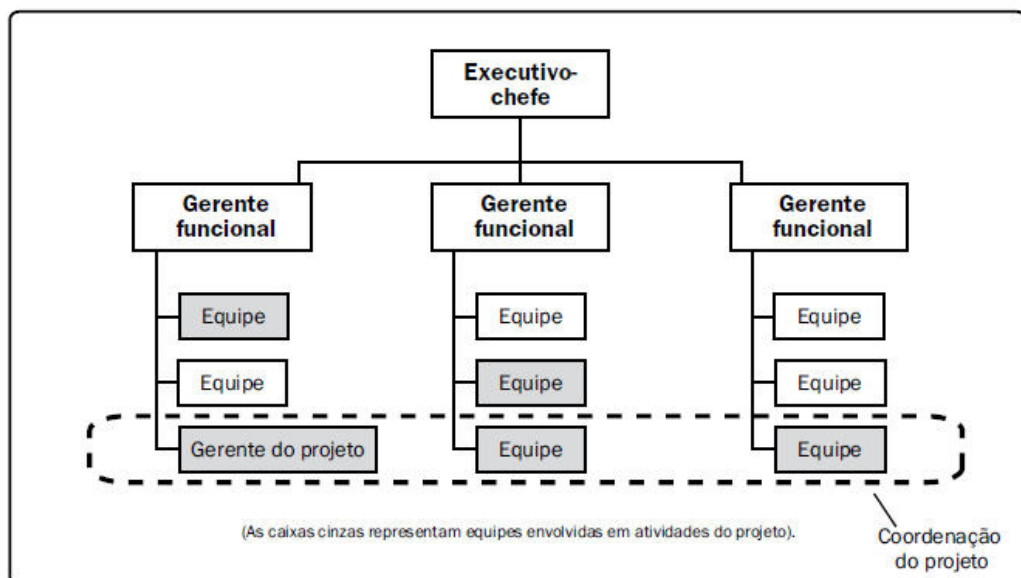


Figura 7: modelo de organização matricial balanceada. Fonte: PMBOK®, 2013, p. 23³³

³² (Um Guia do Conhecimento em Gerenciamento de Projetos: Guia PMBOK®, 2013, p. 23)

³³ (Um Guia do Conhecimento em Gerenciamento de Projetos: Guia PMBOK®, 2013, p. 23)

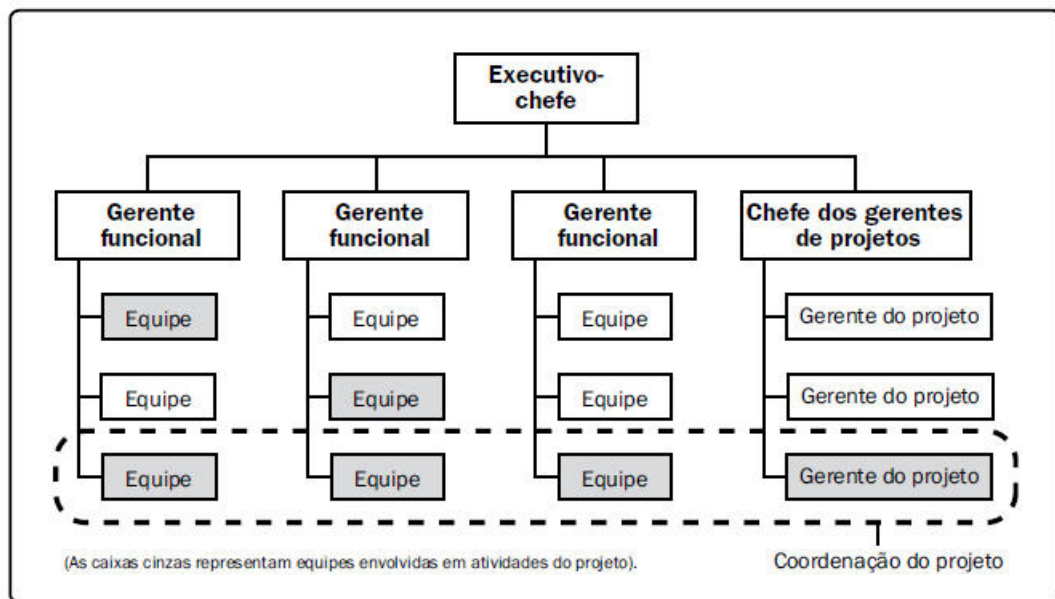


Figura 8: modelo de organização matricial forte. Fonte: PMBOK®, 2013, p. 23.

As estruturas organizacionais do PMBOK® são comumente usadas em organizações que possuem um certo grau de maturidade na adoção de melhores práticas em gestão de projetos. Apresentou-se as estruturas organizacionais do PMBOK® para se ilustrar as diferentes formas de classificação de estruturas organizacionais possíveis, que variam de acordo com a área de conhecimento utilizada para a classificação, bem como o perfil de gestão estratégica da organização.

Voltando para a classificação das estruturas organizacionais consideradas clássicas, do ponto de vista formal, a casa bô pode ser considerada como uma espécie de uma organização de estrutura organizacional horizontal. Enquanto na estrutura vertical há a figura de um presidente ou um CEO (*Chief Executive Officer*), além de outros níveis como diretorias, departamentos, divisões e gerências, formando uma estrutura controlada por níveis e hierarquias, na estrutura organizacional horizontal os recursos humanos são dispostos de acordo com suas habilidades e funções.

A vantagem da estrutura horizontal é que a comunicação é favorecida, facilitando a difusão da informação e dos saberes. Em contrapartida, neste tipo de hierarquia, as decisões tomadas são mais rápidas e há uma maior autonomia dos funcionários a não depender de um encarregado superior para o exercício de suas atividades principais.

Como exemplo de organização gerida pelo modelo horizontal, em Nigrán, na zona da Galiza, em Espanha, existe uma associação chamada Casa Colorida³⁴. O modelo organizativo da associação está definido como:

“O Laboratório serve para realizar eventos, projetos e experiências disponibilizadas e coordenadas por uma organização coletiva autónomo, autogeridas, inclusiva e horizontal, sistematizando e comunicando em aberto para o COMUM todo o processo de forma transparente e de acesso livre visando a que os outros e projetos que empática com estes princípios, possam otimizar a nossa experiência com as nossas luzes e nossas sombras”. (grifos nossos) Casa Colorida³⁵.

Ainda sobre a estrutura organizacional da casa bô, deve-se observar que há particularidades nos valores e cultura da associação que refletem a forma de como a entidade é organizada e gerida. Apesar de as organizações sem fins lucrativos, assim como outras organizações definidas por lei, a casa bô tem cargos eletivos dentro de seu corpo de associados.

Os membros da casa bô se consideram uma família, e nesse sentido, existe uma cultura de que todos os membros da família bô que se identificaram com os valores dessa comunidade, optam por não fazerem distinção entre quaisquer níveis hierárquicos. Nesse sentido, todos têm os mesmos direitos e deveres e são responsáveis pelas atividades da associação como um todo. A divisão das tarefas é feita de acordo com a identificação das necessidades e da disponibilidade dos membros. Cria-se assim uma estrutura organizacional de base familiar, onde se procura a unicidade e igualdade entre todos no seio da organização.

Este modelo tem vantagens a partir do momento em que as tarefas e necessidades tem o potencial de serem geridas por qualquer um dos membros da família bô, sendo que poderá ser atribuída para o melhor recurso disponível. Em contrapartida, pode haver conflitos e falhas na gestão das atividades da casa bô, no sentido de que como não há hierarquias e responsabilidades atribuídas, há a possibilidade de que algumas atividades não sejam feitas por nenhum dos membros, ou outras que sejam deixadas de lado pela coletividade, a partir do momento em que haverá a ideia de que qualquer membro poderia realizá-la.

³⁴ A Casa Colorida é um espaço associativo cultural definido como um “laboratório do comum para o desenvolvimento integral da cultura livre na Galícia”. Casa Colorida, <http://casacolorida.net/>, acedido em 14 setembro 2016.

³⁵ Extraído do link do *site* da entidade: <http://casacolorida.net/inicio/modelo-organizativo/>, acedido em 14 setembro 2016.

3.5.1. Equipa da associação casa bô (membros da família bô)

Os membros da família bô são compostos pelos idealizadores e fundadores da casa bô, pelos agentes culturais criativos que se identificaram e aderiram ao grupo da família bô e todas as demais pessoas, sejam do público que conheceu a casa bô por meio de um concerto ou um evento de noite de poesia, ou por qualquer pessoa que teve alguma ligação com a casa ou com a família bô e teve identificação e manifestou desejo e interesse em fazer parte da comunidade local no intuito de participar e auxiliar a associação na prossecução de seus fins. A associação tem como um de seus princípios ser um local de portas abertas para todos que manifestarem interesse dela participar, não importando a forma ou a intensidade dessa participação.

Dentro dos valores de unicidade presentes na ideologia da associação casa bô, evita-se sempre que possível qualquer tipo de segregação social. A ideia é que todos tratem e sejam tratados uns aos outros como seres humanos, sem distinções de raça, classe social, faixa etária e demais rótulos, como cargos e funções. O senso de comunidade e cooperação auxilia nesse processo em que todos fazem parte de um todo e a essa totalidade é ao mesmo tempo uma unidade coesa, em que “todos somos um”.

Atualmente, a casa bô possui mais de 110 membros da família bô, formada por pessoas que se encaixaram nas condições expostas acima. Os membros formam uma comunidade e uma rede colaborativa de voluntários que procuram doar parte de seu tempo e de suas habilidades pessoais em prol das atividades da casa bô. A maior parte desses membros interage de forma conjunta por meio de um grupo da rede social Facebook destinado para esse fim.

Desse grupo, há alguns membros da família mais presentes e atuantes que auxiliam na administração e organização da associação casa bô, e que cumulativamente estão designados com as funções administrativas da associação. O quadro a seguir ilustra cada um dos membros, sua posição na associação e a formação académica:

Nome	Posição na casa bô	Formação
Ângelo Lopes	Presidente	Licenciatura em Design; Pós-graduado em Gestão de Organizações e Economia Social
Inês Cruz	Vice-presidente	Mestrado integrado em Arquitetura; Pós-graduação em Ergonomia
Luis Miguel Festas	Tesoureiro	Licenciatura em Escultura; Mestrado em Ensino das Artes Visuais e artista plástico
Miriam Jorge	Presidente Conselho Fiscal	Licenciatura em Direito; Mestrado em Ciências Jurídico-Forenses
Sérgio Pires	Conselho Fiscal	Educação Social (em curso)
Joana Sousa	Conselho Fiscal	Licenciatura em Turismo; Medicina tradicional chinesa
Pedro Alves	Presidente da Assembleia	informação não disponibilizada
Sérgio Campos	Mesa da Assembleia	Engenharia Mecânica (em curso)
Fernanda Martins	Mesa da Assembleia	informação não disponibilizada

Quadro 8: corpo diretivo da casa bô. Fonte: Elaborado pelo autor.

3.6. Logótipo da associação casa bô

O logótipo da casa bô possui em seus elementos de criação algumas informações sobre a cultura e os valores da associação cultural. É composto por uma imagem e o nome da organização, que trazem significados para representar de forma gráfica o que é a casa bô.



Figura 9: logótipo da casa bô. Fonte: Facebook, casa bô³⁶.

Em entrevista em três de agosto, o Sr. Ângelo Lopes explicou sobre a simbologia que o logótipo representa:

“foi a criação de uma amiga, com base na sua interpretação do que seria a casa bô, que ainda não existia como casa, foi mesmo no início (da casa bô), aliás, já existia (a sede), já tinha aparecido a casa, mas não tinha atividades. Fez sua interpretação e tem muita relação com o que se faz (na casa bô), porque tem pessoas a espreitar para dentro de uma casa, e tem pessoas diferentes, uma representação de uma criança, senhora idosa, pessoas muito heterogêneas, aberta a toda a comunidade. É espreitar para dentro da casa e interagir e tentar perceber o que está a acontecer”³⁷

O logótipo tem representações como a curiosidade de pessoas de diferentes tipos, homens, mulheres, crianças, um indicativo de um local em que a inclusão e a participação da comunidade estão presentes. Há o próprio elemento gráfico de uma casa, simbolizando

³⁶ “casa bô”, Facebook, https://www.facebook.com/coopcasabo/about/?entry_point=page_nav_about_item&tab=page_info.., acedido em 08 setembro 2016.

³⁷ Lopes, A.. (2016, agosto 03). *Entrevista pessoal*.

um espaço físico com portas e janelas em que pessoas estão de todos os lados vindo ou a participar do espaço, ou melhor, a conviver neste espaço.

Outra representação importante é o nome da casa bô ser propositalmente grafado em minúsculas, e é esta razão pela qual manteve-se a grafia desta forma neste trabalho, uma vez que indica a inclusão social e um espaço que não tem a intenção em competir ou ser melhor que nenhum outro espaço. Um local sem barreiras, de portas abertas, de integração e partilha de pessoas de diferentes tipos e habilidades (artísticas, etc.), de união, respeito, alegria e consciência, como preceituado nos valores do item 3.2.1. O logótipo nesse contexto fortalece a mensagem dos valores que a casa bô possui perante a sociedade: um local em que as pessoas são livres para serem elas mesmas ou quem desejarem ser.

Percebe-se no logótipo entretanto uma omissão de elementos sobre alguns dos pilares da associação. Não é possível dizer o quanto é intencional ou não, mas o logótipo da casa bô não apresenta explicitamente na forma gráfica elementos de arte e cultura, que é o pilar de atuação pelo qual a casa bô é mais reconhecida no seio da sociedade. Da mesma forma, não há elementos gráficos que representem a esfera ambiental. A solidariedade social pode ser parcialmente compreendida quando o logótipo é interpretado em conjunto com a declaração dos valores da casa bô, mas não é algo que esteja explícito ou que enseje por exemplo ações sociais ou oportunidades de voluntariado.

Analisando detalhadamente, curiosamente nenhum dos três pilares principais de atuação estão explicitados no logótipo, e há duas razões possíveis para este fato. A primeira razão diz respeito ao momento em que o logótipo foi criado, bem no início da casa bô, antes mesma dela funcionar como um espaço cultural.

O fato de se criar um logótipo apenas pela descrição do que se imaginava ou desejava para a casa bô é algo difícil de se perceber num primeiro momento, uma vez que muitas pessoas, sejam artistas ou público em geral não conseguem interpretar e compreender tudo o que a casa bô representa à primeira vista. Esse fenómeno poderia ter ocorrido com a interpretação que a *designer* responsável pelo logótipo teve na altura da criação.

A transmissão da missão e visão é um dos desafios da associação, uma vez que não se limita apenas a promover um local para concertos e eventos culturais. É algo muito

maior que isso. Porém, esta costuma ser a impressão inicial de quem chega pela primeira vez a casa, como se identificou em entrevistas e diários de observação. É algo compreensível, uma vez que o que atrai as pessoas num primeiro momento é a arte e o acesso a cultura.

Uma segunda razão diz respeito a representação e interpretação da finalidade que cria e mantém e vem expandindo a união de uma rede comunitária colaborativa que existe entre os membros da casa bô: o sentimento de família e o cultivo das relações humanas. Nesse prisma, o logótipo se aproxima de forma mais assertiva da sua representação em relação à finalidade da casa bô. Ao invés de representar os pilares de atuação da associação, o logótipo representa de uma forma simples e coesa a finalidade maior da casa bô, inclusive preceituado no *caput* do artigo 1.º do Estatuto Social: “desenvolvimento holístico do Ser Humano para a sua felicidade, paz e harmonia”. Pode-se resumir essa finalidade como uma procura pelo fortalecimento das relações humanas.

Nesse contexto, a simplicidade do logótipo transmite e enseja, implicitamente, um significado muito mais amplo e assertivo sobre a principal finalidade da casa bô perante a comunidade e sociedade, em comunhão com os valores que dissemina. Instiga a curiosidade das pessoas em prol da aproximação e união das relações humanas. O termo família deixa de ser um elemento que cause estranheza e passa a ser algo que realmente traduz a intenção e a prática do que é a associação: uma casa de uma grande família a crescer, que está de portas abertas, a casa do avô, do “bô”, a casa bô.

3.7. Espaços físicos da sede da associação casa bô

A sede da casa bô tem uma boa parte da casa em operação, porém, devido à necessidade de reformas e recuperação do edifício, parte dos seus espaços está atualmente sem condições de acesso ao público ou uso pela associação.



Figura 10: fachada da casa bô. Foto © André Principe.

A casa possui três andares. Ao todo, foram identificados 28 espaços físicos e de comunicação (institucional e avisos) na casa bô, a saber:

Rés-de-chão

O rés-de-chão possui seis espaços, sendo que a sala do rés-de-chão está fechada para acesso ao público, pois está sendo usada como depósito de materiais diversos e doações. Os espaços físicos são:

- Corredor (rés-de-chão);
- Sala do rés-de-chão;
- Jardim;
- Horta vertical;
- Lareira e;
- Casa de banho (rés-de-chão).

As principais atividades realizadas no rés-de-chão são em sua maioria convívios na lareira ao fundo do jardim, normalmente em dias de eventos, durante e após a realização do evento principal da noite. É uma opção de espaço para aqueles que vêm para o jantar vegetariano e opta por não assistir ao concerto ou outra atividade agendada para o dia.

No jardim, há uma horta vertical que foi desenvolvida pelo Sr. Henrique Bastos em 2015 como forma de iniciativa ambiental, utilizando-se técnicas de permacultura para o cultivo de folhas e hortaliças para consumo interno, normalmente nos jantares sociais da associação.

1.º andar

O primeiro andar é o local onde ocorrem as principais atividades e eventos da casa. São 10 espaços físicos e dois murais para divulgações institucionais da casa bô ou outras organizações com finalidades análogas ou para recados e avisos. Contém os espaços:

- Corredor do 1.º andar;
- Sala de concertos;
- Biblioteca;
- Sala de estar;
- Sala de jantar;
- Varanda (1.º andar);
- Casa de banho (1.º andar);
- Cozinha;
- Balcão (cozinha/Sala de jantar);

- Ecoponto (lixo reciclável);
- Mural de assuntos institucionais e;
- Mural de avisos (social).

2.º andar

O segundo andar é composto por 10 espaços físicos. É o andar que mais necessita de intervenção para fins de reabilitação urbana. No teto desse andar há uma grande claraboia que está danificada, coberta com plásticos nos locais onde o vidro está partido. Dos espaços desse andar, a saleta, a casa de banho e a sala (depósito) estão sem uso no momento, por falta de manutenção e reformas necessárias. Os demais espaços são usados de maneira provisória quando há a necessidade de alguma pessoa pernoitar no local, com exceção do escritório e do estúdio, que apresentam melhores condições, sendo espaços mais usados por membros da família bô e artistas de associações que atuam em parceria e sinergia com a casa bô. Os espaços são:

- Hall – sala de estar;
- Quarto de descanso 1;
- Quarto de descanso 2;
- Escritório;
- Saleta;
- Varanda (2.º andar);
- Casa de banho (2.º andar);
- Sala (depósito);
- Estúdio e;
- Varanda frontal.

A descrição detalhada de cada um dos espaços da casa bô encontra-se no diário de observação 9, localizado no Apêndice 2 deste trabalho.

3.8. Eventos e atividades da casa bô

A casa bô realiza a maior parte de seus eventos e atividades culturais nas dependências da sua sede na Rua do Bonfim. Porém, outras atividades culturais e eventos ligados aos demais pilares da associação, como iniciativas e ações sociais como voluntariado são realizados não somente nas proximidades da zona da Freguesia do Bonfim, como em locais mais afastados e mais ligados à zona rural e à natureza, como

missões de voluntariado e o 1.º festival bô. Dessa forma, classificou-se os eventos como internos quando realizados nas dependências da sede social e o restante como eventos e atividades externas.

Utilizando como parâmetro as informações disponíveis no *website* Viral Agenda, aplicou-se um recorte temporal de 11 meses, de outubro de 2015 a agosto de 2016, para análise dos eventos da casa bô.

Nesse recorte, analisou-se o número de eventos no período, o tipo de classificação feita pelo Viral Agenda, a classificação com base no relatório da UNCTAD sobre as indústrias criativas, o percentual entre o número e tipo de eventos, e os seus horários.

3.8.1. Eventos e atividades internas

Os eventos internos da casa bô ocorrem em sua grande maioria na sala de concertos, no 1.º andar. Os eventos são agendados e divulgados na página da associação na rede social Facebook. Da inauguração da casa bô em março de 2015 até o final de agosto de 2016, no período de aproximadamente um ano e cinco meses, foram realizados cerca de 214 eventos internos, numa média de 12 eventos por mês e três por semana.

Dentro do recorte feito com as informações do *website* Viral Agenda, houve de outubro de 2015 a agosto de 2016 a ocorrência de 178 eventos na casa bô. Isso dá uma média um pouco superior de 16 eventos por mês e quatro eventos por semana. Percebe-se que no período de outubro de 2015 em diante, a casa bô teve um aumento substancial no número de eventos mensais correspondendo a um aumento de cerca de 30% em relação aos primeiros cinco meses de operação na casa bô.

Dos 178 eventos, quatro eventos são externos à sede da casa bô e serão analisados no tópico a seguir. Dos 174 eventos internos do período analisado (últimos 11 meses de agosto de 2016 para trás), os eventos receberam a seguinte classificação do *website* Viral Agenda em 15 categorias diferentes: bem-estar, cinema e vídeo, clubbing, concertos, conferências, danças, encontros, formação, infantil, literatura, mercados e feiras, teatro, tradição e outras. Cerca de 33 eventos (18%) receberam ainda uma segunda classificação (não considerada nesta análise), como foi o caso por exemplo de parte dos eventos de literatura que tiveram também a categoria encontros como rótulo de tipo de evento.

A quantidade de ocorrências de eventos internos por mês e tipo de evento pela classificação do *website* Viral Agenda foi:

Associação casa bô - Número de eventos por tipo e por mês													
Tipo de evento \ mês	2015			2016								Total de eventos	%
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago		
Bem-estar	4	1	1		2		2		3	2	1	16	9,2%
Cinema e vídeo	3	1										4	2,3%
Clubbing					1			1	1			3	1,7%
Concertos	5	8	6		4	4	4	9	8	4	3	55	31,6%
Conferências			1				1					2	1,1%
Danças	1				1			2	2	2	1	9	5,2%
Encontros	1	1	1		2	1	5	5	3	4		23	13,2%
Formação	2				2	3	2	2	1	1		13	7,5%
Infantil									1			1	0,6%
Literatura	2	4	2	4	3	4	4	4	4	3	5	39	22,4%
Mercados e Feiras		1										1	0,6%
Outras			1					1	1	1	1	5	2,9%
Teatro	1											1	0,6%
Tradição			1						1			2	1,1%
N.º eventos por mês	19	16	13	4	15	12	18	24	25	17	11	174	100,0%

Quadro 9: total de eventos internos por tipo e mês da casa bô. Fonte: elaborada pelo autor.

Pode-se perceber que os principais eventos da casa bô são os concertos e as atividades de literatura, nesse caso as noites de poesia. Ambas correspondem a mais da metade das atividades desenvolvidas na associação no período analisado. Porém, é preciso atentar para o fato de que o *website* Viral Agenda utiliza uma classificação própria rotular os eventos em seu *website*. Dessa forma, não é possível ter um número exato do universo de eventos de acordo com a sua respectiva classificação dentro das indústrias criativas. A tabela abaixo traz a correspondência entre a classificação dos eventos feita pelo *website* Viral Agenda e a classificação de indústrias criativas feita pela UNCTAD.

Viral Agenda - classificação eventos	UNCTAD - Classificação de Indústrias Criativas		
Bem-estar	Sem correspondência		
Cinema e vídeo	Mídia	Audiovisual	Documentários
Clubbing	Artes	Artes Performáticas	Música ao vivo
Concertos	Artes	Artes Performáticas	Música ao vivo
Conferências	Sem correspondência		
Danças	Artes	Artes Performáticas	Dança
Encontros	Sem correspondência		
Formação	Sem correspondência		
Infantil	Sem correspondência		
Literatura	Mídia	Publicações e mídia impressa	Poesia
Mercados e Feiras	Sem correspondência		
Outras	Sem correspondência		
Teatro	Artes	Artes Performáticas	Teatro
Tradição	Patrimônio	Expressões culturais	Celebrações

Quadro 10: comparação da classificação de eventos Viral Agenda e UNCTAD. Fonte: elaborada pelo autor.

Há uma série de diferenças entre as duas classificações. Cerca de metade dos tipos de classificação do Viral Agenda não encontram correspondência com a tabela indicativa da UNCTAD. Outra diferença que ocorre é a segregação de mais de uma classificação do *site* Viral Agenda para um mesmo tipo de indústria criativa.

O *website* Viral Agenda classifica eventos de música eletrônica e de gêneros similares como clubbing, segregando dos demais tipos de música ao vivo. Parte das classificações do Viral Agenda sem correspondência com as da UNCTAD escondem eventos classificados como de indústrias criativas. É o caso da maioria das classificações como bem-estar, conferências, infantil e outras. Por exemplo, no caso da classificação infantil, o evento classificado diz respeito a uma noite de poesia especial para crianças. Nesse caso, pela UNCTAD, poderia ser classificada por correlação como um evento de poesia, dentro de publicações e mídia impressa. Já no caso das ocorrências classificadas como outras, tratava-se de eventos de música ao vivo ou dança, ambas dentro da classificação de artes performativa da UNCTAD.



Figura 11: exemplos de eventos do Viral Agenda com classificações segregadas³⁸.

O papel desta análise é apontar não só o volume e tipos de eventos da casa bô, como também os diferentes critérios para as classificações de iniciativas e atividades exercidas pelas diferentes indústrias criativas. Esta falta de padronização dificulta uma quantificação acertada em relação ao leque de indústrias criativas que tem espaço e exercem atividades tanto nas associações culturais como na casa bô, quanto em outros espaços públicos ou privados de arte e cultura em que se verá mais adiante no capítulo seguinte, como também o volume e os tipos de eventos desses locais por onde acontecem as iniciativas criativas pelos agentes culturais criativos das mais diversas indústrias criativas, com o intuito de mensurar a importância e relevância dos espaços associativos como a casa bô para a comunidade artística e o público em geral.

Em relação aos eventos internos que serviram de observação para os diários constantes no Apêndice deste trabalho, foram observados nove eventos, sendo dois eventos de literatura (noites de poesia), três concertos, um evento de dança e um *workshop* de artesanato. A classificação dessas atividades em relação à sua respectiva indústria criativa correspondente pode ser vista na tabela a seguir:

³⁸ Viral Agenda, <https://www.viralagenda.com/pt/p/coopcasabo>, acessado em 15 setembro 2016

Eventos internos observados	Classificação de indústrias criativas - UNCTAD
Noite de Poesia – Evento do 1.º aniversário	Mídia – Publicações e Mídias Impressas (Poesia)
	Artes – Música ao vivo
Reconnect Dance- práticas energéticas e cocriativas	Artes performáticas – Dança
Concerto - Lights One e Pedro Paz (dança)	Artes – Artes Performáticas – Música ao vivo
	Artes – Artes Performáticas – Dança
Concerto Felipe Antunes e Hélio Flanders	Artes - Artes performáticas – Música ao vivo com guitarras
	Artes – Artes Visuais – Fotografia
	Mídia – Publicações e mídia impressa - Revista web.
Noite de Poesia e Contação de Histórias	Artes - Artes performáticas – Declamação de poesias com música ao vivo (guitarra acústica)
	Artes – Artes performáticas – Contador de Histórias
Workshop – Produção de almofadas para o festival bô	Patrimônio – Expressão Cultural Tradicional – Artesanato
Concerto – Duo brasileiro Musical Manifesto	Artes – Artes Performáticas – Música ao vivo

Quadro 11: eventos internos observados na casa bô e sua classificação segundo a UNCTAD.

Fonte: elaborado pelo autor.

De uma forma geral, há uma variedade de eventos dentre o recorte temporal e outros não listados no *site* Viral Agenda, uma vez que algumas atividades não foram divulgadas pela rede social Facebook, e dessa forma, não houve registo de evento. Os eventos listados no Viral Agenda e os não listados que foram identificados ou citados por meio das entrevistas ou diários de observação são:

- concertos (música ao vivo): música intuitiva indiana, popular brasileira, popular portuguesa, entre outras;
- noites de poesia (literatura): atividades com interação de música ao vivo e/ou dramatização;
- exposições de artes: pinturas, gravuras, etc.;
- oficinas de artesanato, permacultura, etc.;
- ateliês temporários;
- contador de histórias;
- danças;
- meditação e Ioga;
- jantares sociais: vegetarianos e macrobióticos;
- eventos particulares: aluguer do espaço para celebrações de aniversário, etc.;
- reuniões abertas à comunidade: para apresentação sobre a casa bô e divulgação de eventos e;
- outros.

3.8.2. Eventos e atividades externas

Além dos eventos internos, a casa bô vem realizando eventos externos como uma forma de atender de forma mais pró-ativa e abrangente os objetivos de acordo com as finalidades da associação. De outubro de 2015 a agosto de 2016, foram realizadas quatro iniciativas que foram mapeadas a partir da recolha de dados feita pelo Viral Agenda. Pode-se perceber que as iniciativas externas ocorreram após a associação completar o primeiro ano de vida, indicando que a casa bô vem se estruturando e procurando uma maior integração com a comunidade.

Associação casa bô - Número de eventos externos por tipo e por mês													
Tipo de evento \ mês	2015			2016								Total de eventos	%
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago		
Festivais											1	1	25,0%
Retiro								1				1	25,0%
Concertos								2				2	50,0%
N.º eventos por mês	0	0	0	0	0	0	0	3	0	0	1	4	100,0%

Quadro 12: eventos externos por tipo e por mês da casa bô.

Fonte: elaborado pelo autor.

Dos eventos externos, destacam-se os concertos em outras associações como uma forma de integração e criação de uma rede comunitária colaborativa entre as entidades, um retiro que teve como objetivo uma aproximação com a natureza e fortalecimento das relações humanas dos membros da família bô, e o 1.º festival bô, que ocorreu em Amarante, que foi o maior evento da associação desde sua criação, numa iniciativa que envolveu mais de 170 voluntários em três dias de atividades com oficinas, partilhas, terapias, concertos entre outras iniciativas.

Foram observados quatro eventos externos que serviram de material para análise com os diários de observação que foram realizados. Dentre as atividades externas, houve a apresentação de um duo brasileiro, o Musical Manifesto, que tinha se apresentado dias antes na casa bô, e decidiu-se observar como era a apresentação de agentes culturais criativos fora do ambiente interno da casa bô e perceber eventuais convergências e divergências.

Houve também a observação de dois eventos de maior duração, a 1.ª missão de voluntariado em Aboadela e o festival bô.

Eventos externos observados	Classificação de indústrias criativas - UNCTAD
Música de rua (Rua das Flores, Porto) - Duo Musical Manifesto	Fotografia – fotos para portefólio da húngara Valeria Keller Artes – Artes Performáticas – Música ao vivo Artes – Artes Visuais - Fotografia
Concerto com o Duo Musical Manifesto - Associação Rés-da-rua	Artes – Artes Performáticas – Música ao Vivo
1.ª Missão bô - ações de voluntariado no meio rural (Aboadela, Amarante)	Artes – Artes Performáticas – Música ao vivo
Festival bô	Património – Expressões tradicionais culturais – Festivais e celebrações

Quadro 13: eventos externos da casa bô observados durante a investigação. Fonte: elaborado pelo autor.

Além dos eventos externos observados por meio de diários, houve juntamente com os quatro eventos externos listados no período de recorte de análise, um evento de festa de São João, em que a casa bô contou com a autorização e apoio da Junta de Freguesia do Bonfim com a disponibilização de um espaço externo para montagem de uma barraca para venda de comidas e bebidas típicas da data festiva.

A lista geral dos eventos externos da casa bô identificados segue abaixo:

- Festa de São João: montagem de barraca de comidas e bebidas típicas em uma das praças do Bonfim;
- Concertos organizados em outros espaços associativos;
- Retiro: evento de membros da casa bô estendido à comunidade em geral;
- 1.ª Missão de voluntariado: ocorreu em Aboadela, uma das aldeias de Amarante;
- 1.º festival bô: ocorrido em Amarante em sinergia com mais de 170 voluntários.

Um breve descritivo sobre os eventos externos mais relevantes é feito a seguir:

Festa de São João 2016

Este evento é um dos que não aparecem listados no *site* Viral Agenda. Foi uma iniciativa entre os membros da família bô como uma forma de atividade de voluntariado em prol de angariação de fundos para a casa bô, e também confraternização entre os participantes.

Este evento teve uma parceria com a Junta de Freguesia do Bonfim que autorizou e forneceu um espaço para que a associação cultural montasse uma barraca com comidas e bebidas típicas da época do feriado de São João. Participaram desta ação cerca de 25 pessoas e de acordo com a organização da associação, o evento atingiu um montante de

cerca de 1.500 euros brutos com um lucro líquido em torno de 700 euros que foram revertidos em benefício da casa bô.



Figura 12: membros da família bô durante a festa de São João (2016). Foto © Ângelo Lopes

1.ª missão casa bô na aldeia de Aboadela – Amarante

A 1.ª missão de voluntariado da casa bô foi outro evento externo sem divulgação no *site* Viral Agenda, uma vez que foi uma ação conjunta entre os membros da família bô no intuito de promover ações em dois dos pilares de atuação da casa bô: o ambiental e o de solidariedade social. Em relação ao pilar ambiental, a ação tem como objetivo promover uma aproximação dos membros da família bô com o meio rural e a natureza. Essa iniciativa tem como medida não só desconstruir os laços e rotinas sociais insertes no meio urbano, como também fortalecer os laços e relações humanas entre a família bô com essa proximidade maior com a natureza.

Uma outra razão para esta missão, mais prioritária, foi criar abertura e oportunidade de ações de voluntariado dentro do pilar de solidariedade social da casa bô. A intenção desta primeira iniciativa foi o de aproximação e mapeamento de carências sociais na aldeia da Aboadela com o intuito de se criar ações efetivas nesse pilar.

Esta ação ocorreu com sinergias entre a casa bô e a Câmara Municipal de Amarante que auxiliou a associação na aproximação das aldeias da cidade no meio rural, facilitando contatos locais. A União das freguesias de Aboadela, Sanche e Várzea acatou o pedido da casa bô e ofereceu um alojamento com todas as condições para que a família bô

pudesse usar como moradia e local de trabalho durante os 10 dias de missão que ocorreram no início do mês de agosto.



Figura 13: alojamento da missão em Aboadela (2016). Foto © André Príncipe.

Esta missão contou com a participação de 10 membros da família bô e outros que foram se juntando nos dias que decorreram conforme a agenda de cada um. Houve também a participação de uma húngara, a Sra. Valéria Keller, que já estava em contato com a associação casa bô há pelo menos uma semana, quando chegou ao Porto e foi acolhida para passar alguns dias na cidade. Com a chegada da missão, a Sra. Valeria Keller se ofereceu para acompanhar o grupo nas ações de voluntariado. A Sra. Keller é fotógrafa *freelancer* e fez um registo fotográfico dos eventos da casa bô, da missão em Aboadela e do festival bô, como retribuição pela estadia e acolhimento.



Figura 14: integrantes da missão na chegada ao alojamento em Aboadela.
Foto © André Príncipe.

Durante os primeiros dias da missão houve contatos com o Sr. Presidente da União das Freguesias de Aboadela, Sanche e Várzea, com moradores da aldeia nas redondezas do alojamento, e interações com um grupo de adolescentes que convidou o grupo a conhecer uma piscina fluvial do rio Ovelha (numa ação tanto de interação para mapeamento de carências da aldeia, como de integração com a comunidade local e contato com a natureza). Houve também interações com os moradores da região na festa em honra Santa Maria de Aboadela.

No terceiro dia da missão, a família bô identificou o primeiro local para as ações de voluntariado em um lar de idosos da aldeia. Após uma primeira abordagem com a gerência do local, combinaram um horário e o grupo realizou uma visita, e por cerca de

duas horas fizeram companhia, conversaram, abraçaram, e fizeram música para alegrar os seis idosos que ali residem. De acordo com o funcionário do estabelecimento, a ação de voluntariado foi muito bem-vinda e válida, uma vez que foi a primeira ação do tipo desde que a instituição existe, há mais de sete anos.

Percebe-se nessa ação social de voluntariado a importância dos pilares integrados e em sinergia com os objetivos da associação, uma vez que a cultura e o lazer, pilar primário da casa bô, se fez presente no Lar de idosos e foi a principal ferramenta para que esse tipo de voluntariado ocorresse de maneira efetiva, uma vez que uma grande necessidade dos idosos é atenção, afeto, carinho e entretenimento, elementos que a casa bô cultiva nos seus valores e no seio da organização.

Além dos objetivos principais do voluntariado, a missão serviu de oportunidade para a divulgação e preparativos para o festival bô, que ocorreu no fim do mês de agosto, de 26 a 28 de agosto. Mais detalhes sobre a 1.^a missão em Aboadela podem ser consultados no Apêndice deste trabalho, nos diários de observação de números 10 a 16.

Festival bô em Amarante

O festival bô em Amarante foi o maior desafio e ação cultural, ambiental e de solidariedade social da casa bô desde sua inauguração. Teve sua divulgação no *website* Viral Agenda e em outros meios digitais, incluindo reportagens sobre o evento.

Trata-se de uma ação conjunta com dezenas de colaboradores, muitos deles dinamizadores e facilitadores de atividades e eventos que passaram pela casa bô ao longo de pouco mais de um ano e meio de existência. A ideia surgiu quando a família bô em uma de suas reuniões internas na sede, percebeu que já contava com uma extensa rede de artistas e outros agentes da classe criativa, e que havia muitas sinergias que poderiam ser exploradas em conjunto. Surgiu a ideia do festival, em meados de maio de 2016, apenas dois meses antes do evento.



Figura 15: arte de divulgação do festival bô. Fonte: *website* do festival bô³⁹.

Nesse pequeno período de cerca de dois meses, houve uma mobilização entre os membros da família bô e sua rede de contatos criada e cultivada por meio das atividades artísticas e culturais e das ações de voluntariado nas áreas ambiental e de solidariedade social. Criou-se e manifestou-se o poder de uma rede cooperativa, colaborativa e comunitária em prol de um ambicioso evento, um festival com dezenas de atividades com mais de 170 voluntários envolvidos.

O local escolhido foi muito propício em termos logísticos e dentro do alinhamento dos valores e dos pilares de atuação da associação: foi escolhido o parque de campismo de Amarante, que fica cerca de 61 km da sede da casa bô no Porto, num trajeto de menos de uma hora via carro ou autocarro.

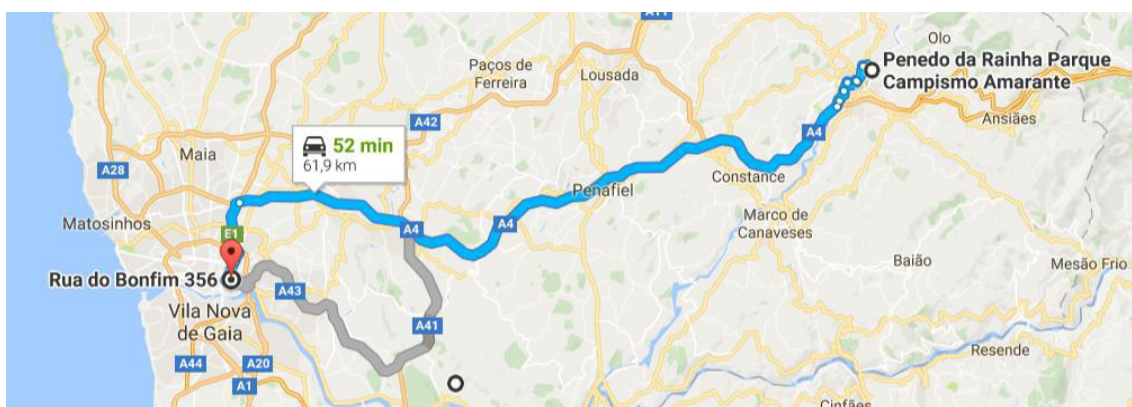


Figura 16: distância entre a casa bô no Porto e o parque de campismo em Amarante.

Fonte: Google Maps⁴⁰

A escolha do local foi motivada pela sua localização junto à natureza e isolada do centro urbano e ao pé do rio Tâmega. Um local na zona urbana de outra municipalidade,

³⁹ Festival bô (2016). <http://festivalbo2016.wixsite.com/festivalbo> , acedido em 20 agosto 2016.

⁴⁰ Google Maps. www.google.pt/maps, acedido em 21 setembro 2016.

porém, muito próxima de uma extensa zona rural. Mais que um distanciamento do centro urbano do Porto, a motivação para este local foi a aproximação do campo, dentro dos pilares ambiental e com vistas ao pilar da solidariedade social nesta região. Ao mesmo tempo, esta localidade é relativamente próxima da cidade do Porto, com acesso facilitado por linha de autocarro e é distante o suficiente para novas intervenções da associação em zonas carenciadas como as aldeias rurais em redor de Amarante. Nesse sentido, a boa relação com a Câmara de Amarante e os apoios recebidos auxiliaram na decisão definitiva do parque de campismo como o local do festival.

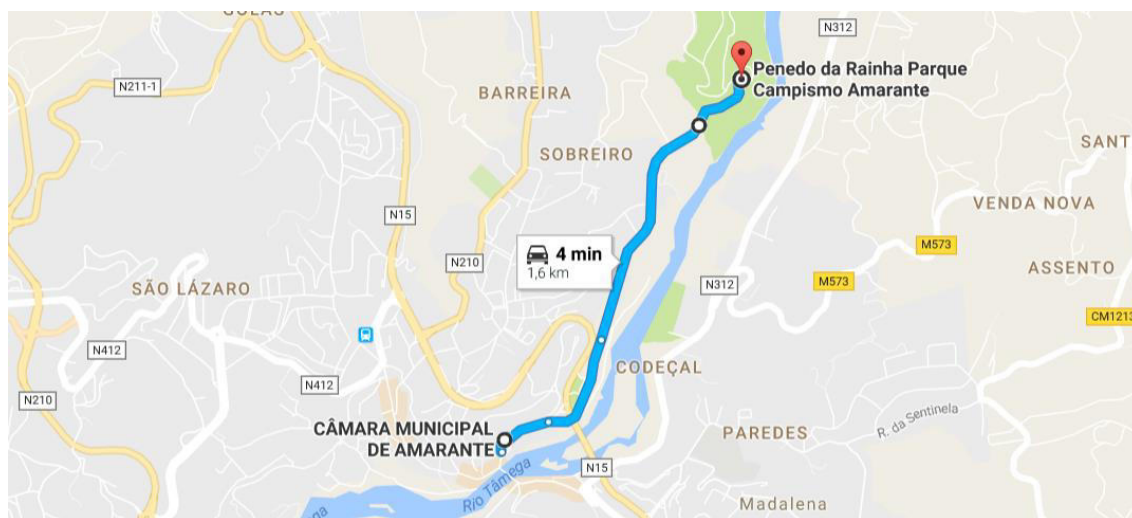


Figura 17: distância entre o centro de Amarante e o local do festival, junto ao rio Tâmega. Fonte: Google Maps⁴¹.

O festival ocorreu de 26 a 28 de agosto e teve a participação de mais de 170 voluntários entre membros da família bô, voluntários dinamizadores de eventos na casa bô, e muitas sinergias com diferentes órgãos e organizações do Porto, de Amarante e outras municipalidades. Associações culturais como o Espaço Compasso (Porto), associação Gatilho (Amarante), associação Sol em Movimento (Braga), Éscada 1 (Braga), a Quinta do Lobo Branco (Penafiel) e entidades civis como o Clube de Campismo do Porto, a Casa da Juventude de Amarante e a ONGD G.A.S.Porto apoiaram e contribuíram para o festival. Completam a lista a Câmara Municipal de Amarante e a Junta de Freguesia do Bonfim.

Além das sinergias entre as entidades e municipalidades, a casa bô convidou organizações de cariz solidário social a participar do evento livre de encargos e contou a

⁴¹ Google Maps. www.google.pt/maps, acedido em 21 setembro 2016.

presença da Santa Casa de Misericórdia e da organização social Terra dos Homens, ambas de Amarante e a IPSS Casa de Santa Isabel, de Seia.

O festival teve como atividades cerca de 15 partilhas, 30 oficinas, 20 concertos, atividades para crianças e diversas terapias. Os números finais gerais do festival foram: 290 bilhetes vendidos (a 10 euros por dia ou 25 euros para os três dias de festival), com a presença de cerca de 700 visitantes durante os três dias, de diferentes idades e nacionalidades. Contou com a presença cerca de 100 pessoas de organizações de solidariedade que vieram como visitantes a convite da organização dado seu cariz social e dos usuários do parque de campismo que tiveram acesso ao festival, em acordo com o Clube de Campismo que facilitou a cessão do espaço para o evento.

A receita alcançou um montante de mais de 5.500 euros entre a venda de bilhetes, a receita do bar bô e outras iniciativas de economia social geradas, e cerca de 4.000 euros de despesas gerais do festival (entre as licenças, aluguer de geradores, etc.).

O evento foi organizado e financiado a partir do montante angariado com a economia social gerada nos eventos e atividades da casa bô, e todo o excedente arrecadado com o festival será revertido em prol de projetos sociais da casa bô de cariz solidário e social.

Uma descrição mais detalhada do festival pode ser encontrada no apêndice deste trabalho nos diários de observação de números 20 e 21, que descrevem os dias 27 e 28 do festival, respetivamente.

CAPÍTULO 4. A CASA BÔ E A SOCIEDADE

Este capítulo analisará a relação da casa bô com a sociedade. Nesse sentido serão listadas e comparadas algumas associações culturais que atuam na zona do Porto, comparar a oferta de arte e cultura entre outras instituições locais em que se optou por emprestar o termo indústrias culturais ou equipamentos culturais (Vivant, 2012, p. 19) como a Casa da Música, Serralves, Coliseu e outras casas de espetáculo.

Será ainda feita uma breve análise de alguns aspetos jurídicos das associações culturais e outras organizações do terceiro setor, bem como a diferenciação entre as modalidades nessa esfera organizada da sociedade civil.

Outro ponto a ser discutido é a função do Estado como provedor de bens e direitos e o papel do terceiro setor no processo complementar no que tange a cultura e solidariedade social.

4.1. Associações Culturais no Porto e região

Há no Porto e região outras associações culturais que exercem atividades nas áreas de cultura e arte. Assim como a casa bô, algumas delas possuem outras áreas de atuação que não somente a cultura. Selecionou-se 10 associações culturais, utilizando-se como referência sua representatividade e popularidade na rede social Facebook para analisar a evolução dessa popularidade desde o ano de criação da organização e perceber quais suas áreas e pilares de atuação. Nesse sentido, foram selecionadas nove associações no Porto e uma em Braga.

Associações Culturais		Página no facebook	Blog ou site	Ano de criação	Gostos no facebook (em 04-09-2016)	Cidade	Freguesia (Porto)	Cultura	Solidariedade Social	Consciência Ambiental	Bem-estar	Empreendedorismo Social	Ativismo político
1	Associação Cultural casa bô	sim	não	2015	4716	Porto	Bonfim						
2	Terra na Boca	sim	sim	2009	5149	Porto	Massarelos						
3	A Cadeira de Van Gogh	sim	sim	2008	3955	Porto	Bonfim						
4	Casa da Horta	sim	sim	2008	8225	Porto	São Nicolau						
5	Sol em movimento	sim	não	2014	716	Braga							
6	Rés da rua	sim	sim	2014	3496	Porto	Cedofeita						
7	Contrabando - espaço associativo	sim	não	2015	3020	Porto	Cedofeita						
8	Espaço Compasso	sim	não	2011	12484	Porto	Cedofeita						
9	Porto d'Artes	sim	sim	2013	2547	Porto	Campanhã						
10	Dar à sola - Associação cultural	sim	sim	2012	2204	Porto	Vitória						

Quadro 14: associações culturais no Porto e região.

Fonte: elaborado pelo autor.

Pode-se verificar que atualmente a principal forma de divulgação das Associações Culturais do Porto e região é a rede social Facebook e pouco mais da metade possui outro canal de comunicação como *website* ou blogue. Há uma justificativa simples para esse fenómeno, que resulta na facilidade de uso e popularidade da rede social Facebook frente aos demais canais, que dependem de conhecimentos mais específicos e maior esforço para a atualização das ferramentas como blogues e *sites*, envolvendo custos adicionais quando há inclusive a necessidade de terceirizar esta atividade.

Em relação às áreas de atuação, a identificação dos pilares de atuação foi feita de acordo com a descrição das atividades de cada organização na rede social Facebook ou demais canais de comunicação digitais existentes (blogues ou *website*). Percebeu-se na amostragem que a maior parte das associações possui mais de um pilar de atuação além do pilar cultural, e sobretudo os demais pilares são áreas de atuação ligadas a interesses coletivos semelhantes como a consciência ambiental, o bem-estar (nesta categoria está a preocupação com alimentação saudável, como a procura pelo vegetarianismo, e uma qualidade de vida mais harmoniosa por meio de terapias e práticas meditativas), a solidariedade social (uma procura em fazer o bem ao próximo) e o empreendedorismo social.

As áreas de atuação das associações culturais indicam que a classe cultural artística possui preocupações que vão além da exploração de seu talento criativo para a consecução de seus objetivos. Existem interesses comuns em ações que nomeadamente estão mais distantes do lucro ou acumulação de capital, como as ações sociais de voluntariado, a preservação e uma maior integração da natureza, entre outras. Para que este modelo se torne viável, é necessário que haja um direcionamento para uma sustentabilidade social, um desafio para um setor que não visa lucro e que detém poucas oportunidades ou conhecimentos para atração de investimentos, como os apoios europeus.

O empreendedorismo social é uma das alternativas possíveis para a sustentabilidade, e muitas associações procuram formas de explorar esta modalidade (parte das associações da amostragem inclusive tem o empreendedorismo como finalidade da instituição), porém, não será considerada nesta investigação uma abordagem mais ampla, uma vez que não está no escopo do estudo de caso deste trabalho, a associação cultural casa bô.

Em relação ao crescimento e popularidade das associações culturais, utilizou-se um indicador social para perceber se há ou não alguma relação entre o número e os tipos de finalidades de uma associação e sua popularidade no meio de comunicação utilizado para a sua divulgação. Nesse caso, utilizou-se o número de gostos da página da rede social Facebook, tirando a média aproximada de gostos por ano. Como parâmetro, considerou-se o ano de criação e o ano atual como se fosse um ano inteiro, uma vez que algumas associações tinham apenas divulgado como data de sua fundação o ano, sem especificar data específica com mês e dia.

Associações Culturais		N.º de anos desde a criação	Gostos no facebook (em 04-09-2016)	Média de gostos por ano
1	Associação Cultural casa bô	2	4716	2358
2	Terra na Boca	8	5149	644
3	A Cadeira de Van Gogh	9	3955	439
4	Casa da Horta	9	8225	914
5	Sol em movimento	3	716	239
6	Rés da rua	3	3496	1165
7	Contrabando - espaço associativo	2	3020	1510
8	Espaço Compasso	6	12484	2081
9	Porto d'Artes	4	2547	637
10	Dar à sola - Associação cultural	5	2204	441

Quadro 15: popularidade das associações culturais no Facebook.

Fonte: elaborado pelo autor.

Percebeu-se que associações mais recentes e com mais áreas de atuação, tem uma tendência maior de expansão da sua rede de conexões da classe criativa artística e o público apreciador na área de cultura e artes. Nesse sentido, a casa bô teve um expressivo número de gostos em dois anos incompletos de operação, assim como a Rés-da-rua, ambas com quatro pilares de atuação bem definidos em sua missão. A Contrabando – espaço associativo, apesar de focar em dois pilares sua missão, também tem uma média maior de gostos pelo tempo de existência, sendo a única com o pilar de ativismo político dentre as demais.

Outros fatores devem ser considerados nesse tipo de análise, uma vez que é um tipo de análise muito mais indicativa de uma tendência do que propriamente a denotação de uma realidade. Há que se considerar fatores como o tempo de existência da associação, que por um lado poderia indicar que com o passar dos anos o poder de disseminação e popularidade da associação tende a diminuir, o que poderia acontecer ao atingir o potencial de seu público alvo local, porém, a própria popularidade da rede social e a facilidade de acesso aos meios digitais é maior agora em relação a anos atrás, o que potencialmente poderá ter interferido na progressão de gostos das associações com mais

tempo de criação, no caso das associações Terra na Boca, A cadeira de Van Gogh e Casa da Horta, todas com pelo menos oito anos de criação. A exceção é o Espaço Compasso, que com seis anos desde sua criação, é a que tem o maior número absoluto de gostos (12.484), mantendo uma das maiores médias da amostragem e é a única com mais de cinco anos de existência com o pilar empreendedorismo social como finalidade. O número de gostos do Espaço Compasso chega a ser de três a quatro vezes maior em relação à metade das associações desta amostragem.

4.2. Indústrias Culturais no Porto

O termo indústrias culturais, como já referido, ou ainda equipamentos culturais (Vivant, 2012, p. 23), diz respeito aos locais em que ocorrem cenas artísticas ou eventos culturais. Nesse rol estão as casas de concertos, as casas de espetáculos, teatros, fundações e outras instituições privadas ou privadas de utilidade pública que se destinam a exploração ou propagação da cultura e da arte.

Utilizando o mesmo critério para análise do número e tipo de eventos da casa bô, selecionou-se uma amostragem de nove indústrias culturais, considerando-se a zona geográfica do Porto, a sua popularidade e relevância no número de eventos mapeados a partir do *site* Viral Agenda.

Selecionou-se organizações privadas e de utilidade pública mantidas por apoios e investimentos públicos e privados como a Fundação de Serralves, que oferece eventos culturais de arte contemporânea como exposições, concertos, teatro, dança, entre outros, e a Fundação Casa da Música, principal casa de concertos no Porto, que tem a missão de difusão de atividades culturais ligadas no domínio da música.

Entre as demais casas de concertos e espetáculos, escolheu-se o Coliseu Porto, o Hard Club – Centro de animação cultural e o espaço cultural Maus Hábitos.

A ideia da amostragem dessas indústrias culturais é perceber o volume de variedade de eventos culturais que são oferecidos por espaços culturais ícones da cidade do Porto ou de relevância significativa, a fim de comparar com a oferta do número e tipos de eventos que são oferecidos pelos espaços associativos como a casa bô e outros pares. Nesse sentido, juntou-se nessa amostragem a casa bô e as associações culturais Casa da Horta, Espaço Compasso e Rés-da-rua.

Para a análise de dados, criou-se três tabelas a partir do recorte temporal e das indústrias ou equipamentos culturais, onde estão inseridas também as associações culturais. A primeira tabela usou como referência as nove indústrias culturais da amostragem, para se montar análises entre as opções de equipamentos culturais no Porto, comparando-as com a casa bô. A segunda tabela usa como referência apenas as quatro associações culturais da amostragem: Casa da Horta, casa bô, Espaço Compasso e Rés-da-rua. Nessa análise, serão vistas as opções de eventos das associações, comparando-as com a associação casa bô. A terceira tabela servirá de análise e comparação entre a casa bô e os demais cinco equipamentos culturais da amostragem que não sejam associações culturais, a saber: Casa da Música, Coliseu do Porto, Hard Club, Maus Hábitos e Serralves.

4.2.1. Análise de tipos e número de eventos culturais dos nove equipamentos culturais da amostragem

Para esta análise, montou-se uma grelha utilizando-se os dados retirados do *site* Viral Agenda, no recorte temporal de outubro de 2015 a agosto de 2016, de acordo com as premissas estabelecidas no Capítulo 2, que trata da metodologia. O mesmo critério foi utilizado para os itens 4.2.2 e 4.2.3. Nesta análise, incluiu-se todos os nove equipamentos culturais da amostragem, que foram numerados no cabeçalho da grelha de um a nove, de acordo com a ordem alfabética de como as amostras são conhecidas.

Indústrias Culturais do Porto: amostragem de 9 locais por número de eventos por tipo													
Tipos de eventos (viral agenda)	Classificação dos tipos de eventos UNCTAD Indústria criativa (12 de 21)	1	2	3	4	5	6	7	8	9	N.º total eventos por tipo	% evento s por tipo	% tipo de eventos pelas 9 indústrias
		Casa da Música	Casa da Horta	Coliseu do Porto	casa bô	Espaço Compa sso	Hard Club	Maus Hábitos	Rés- da- rua	Serral ves			
1 Académicos				12			8	2			22	0,4	33%
2 Bem-estar		5	2		16	31	1	1		22	78	1,5	78%
3 Cinema e Vídeo	audiovisuais	13	65	1	4	18	36	29	54	60	280	5,4	100%
4 Chubbing	artes cénicas	41		1	3	32	504	118		3	702	13,6	78%
5 Comédia	artes cénicas		1	5			3				9	0,2	33%
6 Concertos	artes cénicas	962	110	197	56	128	428	123	32	33	2 069	40,1	100%
7 Conferências		19	2		2	6	4	1		134	168	3,3	78%
8 Danças	artes cénicas	17	1	1	9	24	16	34		4	106	2,1	89%
9 Encontros		3	61	1	25	34	5	7	14	45	195	3,8	100%
10 Exposições	cultural sites		15	1		4	21	46	1	143	231	4,5	78%
11 Festivais	expressões culturais tradicionais	2	1	5	1		10	2		3	24	0,5	78%
12 Formação		176	45	12	13	53	10	4	10	46	369	7,2	100%
13 Gastronomia		1	47			14	1	1	1	1	66	1,3	78%
14 Infantil		110	4	3	1	1	2			3	124	2,4	78%
15 Literatura	mídia impressa	9	3		39	2	3	3	5	9	73	1,4	89%
16 Mercados e	cultural sites			1		2	58	2		4	67	1,3	56%
17 Moda	design						1	1			2	0,0	22%
18 Natureza			8			2		1		58	69	1,3	44%
19 Outras		13	20	4	6	38	24	18	4	19	146	2,8	100%
20 Teatro e Dança	artes cénicas	117	5	86	1	17	7	18	1	21	273	5,3	100%
21 Tradição	expressões culturais tradicionais	28	5	2	2	25	12	4	2	2	82	1,6	100%
Total de n.º de eventos por indústria		1 516	395	332	178	431	1 154	415	124	610	5 155	100,0	
% de n.º de eventos por instituição		29,4	7,7	6,4	3,5	8,4	22,4	8,1	2,4	11,8	100,0		
Total n.º de tipos de eventos: indústria		15	17	15	14	17	20	19	10	18			
Percentual ao total (21)		71%	81%	71%	67%	81%	95%	90%	48%	86%			

Quadro 16: eventos e tipos de eventos de nove indústrias culturais no Porto.

Fonte: elaborado pelo autor.

Indústrias Culturais do Porto: amostragem de 9 locais por número de eventos por tipo												
Tipos de eventos (viral agenda)	Classificação dos tipos de eventos UNCTAD Indústria criativa (12 de 21)	1	2	3	4	5	6	7	8	9	N.º total eventos por tipo	% evento por tipo
		Casa da Música	Casa da Horta	Coliseu do Porto	casa bô	Espaço Compa sso	Hard Club	Maus Hábitos	Rés- da- rua	Serral ves		
Total de n.º de eventos por indústria		1 516	395	332	178	431	1 154	415	124	610	5 155	100,0
% de n.º de eventos por instituição		29,4	7,7	6,4	3,5	8,4	22,4	8,1	2,4	11,8	100,0	
Total n.º de tipos de eventos: indústria		15	17	15	14	17	20	19	10	18		
Percentual ao total (21)		71%	81%	71%	67%	81%	95%	90%	48%	86%		
Total de n.º de eventos por associação - tipos: classificação UNCTAD -		1 189	206	300	115	252	1 099	380	95	282	3 918	76,0%
Percentual entre as amostras		30,3%	5,3%	7,7%	2,9%	6,4%	28,1%	9,7%	2,4%	7,2%	100,0%	
% eventos UNCTAD face ao total		78,4%	52,2%	90,4%	64,6%	58,5%	95,2%	91,6%	76,6%	46,2%	76,0%	
Total n.º tipos eventos UNCTAD		8	9	10	8	9	12	11	6	10		
Percentual ao total UNCTAD (12 tipos)		67%	75%	83%	67%	75%	100%	92%	50%	83%		

Quadro 17: resumo e estatísticas dos eventos em nove indústrias culturais no Porto.

Fonte: Elaborado pelo autor.

Na primeira coluna, listou-se na horizontal em linhas os 21 tipos de eventos, de acordo com a classificação adotada pelo *site* Viral Agenda, respeitando-se a ordem alfabética. Na segunda coluna, fez-se uma equiparação da classificação do Viral Agenda com a classificação das indústrias criativas da UNCTAD, a fim de se perceber quais as correlações entre os tipos de eventos referentes aos profissionais de cada indústria criativa. Os eventos que tiveram correlação foram destacados com as linhas na horizontal em azul. Nas nove colunas seguintes constam as indústrias culturais, sendo que a casa bô recebeu um destaque com a cor verde para facilitar análises direcionadas.

As duas colunas seguintes mostram o total de eventos por tipo de evento dentre as nove amostras, sendo a primeira totalizando numericamente e a segunda apresentando o percentual desse subtotal em relação ao total de todos os 21 tipos de eventos, a fim de se perceber a representatividade de cada tipo de evento em relação a sua totalidade. Por exemplo, no primeiro tipo de evento da lista, numerado como 1 acadêmicos, houve o subtotal de 22 eventos, dentre as nove indústrias culturais analisadas, que representa 0,4% do total de todos os 5.155 eventos da amostragem.

A última coluna da grelha representa o percentual de indústrias culturais em relação ao total da amostragem (nove indústrias) e cada um dos 21 tipos de classificações. Por exemplo, no item acadêmicos, houve três indústrias culturais (Coliseu do Porto, Hard Club e Maus Hábitos) com esse tipo de evento dentre as nove da amostra, correspondendo a um percentual de 33%.

Na parte de baixo da grelha, há cinco grupos de linhas, logo após os 21 tipos de eventos do Viral Agenda. O primeiro grupo, na primeira linha, aponta a totalização do número de eventos por equipamento cultural, dentre os 21 tipos de eventos. A linha de baixo representa o percentual do total de eventos de cada equipamento cultural, em relação ao total de eventos geral (5.155 eventos). Dessa forma, a Casa da Música que teve um total de 1.526 eventos, teve um percentual de 29,4% em relação às nove indústrias juntas.

O grupo de linhas seguinte aponta o total de tipos de eventos dentre os 21 possíveis que cada indústria cultural teve em eventos no período de recorte para análise. A linha abaixo mostra o percentual em relação aos 21 tipos de eventos. Assim, a Casa da Música que teve eventos em 15 tipos pela classificação do *site* Viral Agenda, realizou eventos em 71% do total dentre os 21 tipos possíveis.

O próximo grupo de linhas aponta a somatória apenas dos 12 eventos que tiveram correlação com alguma das classificações das indústrias criativas da UNCTAD. A Casa da Música, nesse parâmetro, contabilizou 1.189 eventos dentro das indústrias consideradas criativas, com o percentual de 30,3% em relação ao total de eventos desse recorte (3.918 eventos, que correspondem a 76% do total geral de eventos da análise).

A linha seguinte demonstra o percentual de eventos classificados pela UNCTAD em relação ao total dos 21 tipos de eventos por coluna, ou seja, por equipamento cultural. Dessa forma, a Casa da Música, por exemplo, teve 78,4% do total de seus eventos classificados como de indústrias criativas (1.189 eventos dentre os 1.516 da amostragem).

O último grupo de linhas contabiliza o número de ocorrências de tipos de eventos do Viral Agenda classificados pela UNCTAD por cada equipamento cultural. Dessa forma, contabilizou-se a quantidade de tipos de eventos dentre os 12 destacados em azul como eventos oriundos de profissionais ou indústrias criativas. No caso da Casa da Música, houve eventos em oito tipos de eventos dentre os 12 considerados, correspondendo a 67%.

Dadas as variáveis e a disposição das informações, procede-se neste momento algumas análises possíveis e de pertinência com o objetivo dessa investigação.

Considerações sobre a classificação do *site* Viral Agenda:

Em primeiro lugar, cabem algumas considerações sobre os tipos de eventos classificados pelo *site* Viral Agenda.

Percebeu-se que o critério dos eventos divididos em diversos tipos de eventos segue uma lógica de segmentação de mercado. Dentre os vários tipos de eventos, há classificações como acadêmicos e infantil que possuem como interesse atingir os interesses dessas fatias de mercado de consumo. Nessa lógica, é possível que parte dos eventos dessas categorias pertençam ao mesmo tempo a outras das 21 categorias, como por exemplo concertos. Esse tipo de fragmentação interfere no resultado final do número final de eventos de outras categorias, e deve ser ao menos levado em conta quanto a esse desvio.

Outro fator que merece destaque é a mecânica pela qual os dados são extraídos e publicados no *site* Viral Agenda. Dado o volume de equipamentos culturais e o consequente número de eventos mapeados e classificados pelo portal, este trabalho é feito na maior parte dos casos de forma automática por meio de uso de APIs (*apllication*

programming interface), ou em português conhecido como interface de programação de aplicações⁴². Como descreve o Wikipédia, API é:

“um conjunto de rotinas e padrões estabelecidos por um software para a utilização das suas funcionalidades por aplicativos que não pretendem envolver-se em detalhes da implementação do software, mas apenas usar seus serviços”. Wikipédia.

Sem uma intervenção humana direta, a maioria dos eventos filtrados das indústrias culturais do Porto e do restante de Portugal são classificados de acordo com palavras-chave encontradas no texto de sua publicação. Esse critério remete para uma nova limitação que ocorre com essa mecânica: a falta de padronização na escrita e divulgação dos eventos na rede social Facebook.

Considerando que uma mesma indústria cultural pode divulgar eventos com diferentes formas e usos de diferentes palavras-chave, é provável que uma haja uma margem de erro na classificação dos eventos por parte do *site* Viral Agenda. Como exemplo, pode-se citar o evento da casa bô chamado “Pré P.A. IV”⁴³. Pelo nome do evento, não é possível se determinar a sua natureza. O *site* Viral Agenda classificou este evento como encontros. Quando se remete ao campo “detalhes” da página dos eventos da casa bô, percebe-se que este é um evento de múltiplas naturezas, com uma agenda dividida em três horários, a saber:

“P.A. -IV - Prova de Artista - Encontro Internacional de Gravadores e Impressores

Pré porque é uma preparação para a abertura oficial em Setembro. Este evento é o IV encontro entre artistas gravadores, surge em 2014 como uma iniciativa do atelier de gravura Guilhotina. Pretende ser um encontro informal para estabelecer parcerias com diversos artistas Gravadores, Associações, Oficinas, Instituições e Museus.

Na Casa Bô

16.30h

- Oficina gravura em relevo em pvc por João Moura(BR) (com pré-inscrição até dia 3 de Junho- guilhotinaprint@gmail.com)

17h

- inauguração da Exposição, mostra e venda de edições de Chapa Azul, Atelier Guilhotina, João Moura e Oficina Arara.

17.30h

- Prova de artista (lanche delicioso)

- Concerto - Trio Stevia (Catarina Ferreira, Jorge Almeida e Tiago Peixoto)

⁴² “API”, Wikipédia (2016 setembro), https://pt.wikipedia.org/wiki/Interface_de_programa%C3%A7%C3%A3o_de_aplica%C3%A7%C3%B5es14, acessado em 22 setembro 2016.

⁴³ “Pré P.A. IV”, casa bô, Facebook. <https://www.facebook.com/events/174829792919959/>, acessado em 22 de setembro 2016.

nasce na cidade do Porto com vontade de adocicar o panorama musical da cidade...uma viagem acústica por musicas do mundo em que o verbo sentir ganha um novo tempo”.

O evento Pré P.A. IV foi classificado como encontros, uma categoria neutra, sem ligação a nenhuma atividade artística em específico, quando poderia ser classificada como oficina artística (nesse caso entraria na classificação disponível como formação no Viral Agenda), ou poderia ser classificada como exposições ou ainda como concertos. Há que se destacar que pelo método adotado pelo Viral Agenda, a casa bô não teve nenhum evento classificado como exposições, apesar de ter promovido assumidamente pelo menos uma vez, como visto acima.

Não se está aqui a fazer uma crítica inoportuna ao Viral Agenda, mas apenas a expor, apenas expondo algumas das limitações e restrições que o portal possui para o desenvolvimento de seu conteúdo, e quais os possíveis reflexos que podem acarretar numa análise como a que se está a propor. Ainda com esses pequenos desvios, numa análise por amostragem aleatória sobre a classificação dos eventos, percebeu-se que dado o volume de eventos analisados (5.155), o desvio é demasiado pequeno de modo a considerá-lo na extração e tratamento dos dados para as análises propostas.

Considerações sobre a correlação das classificações de indústrias criativas da UNCTAD dentro das categorias do *site* Viral Agenda:

A correlação entre a classificação dos tipos de indústria criativa e dos tipos de eventos do Viral Agenda foi realizado de acordo com a descrição e a nomenclatura dos 21 tipos de eventos do Viral Agenda e sua identificação dentro das nove tipologias de indústrias criativas da UNCTAD. Em casos em que o nome do tipo de evento não coincidia na grafia exatamente com a tipologia da UNCTAD, mas percebeu-se a sua correlação, utilizou-se uma interpretação extensiva como critério.

Percebeu-se com a correlação feita que houve uma segregação de classificações de uma mesma indústria criativa em diferentes tipos de eventos do Viral Agenda. É o caso por exemplo, das classificações clubbing⁴⁴ e concertos, ambas se referindo à música ao vivo, dentro da aba artes cénicas da UNCTAD. Houve outras ocorrências dessa natureza encontrando-se 12 tipos de eventos do Viral Agenda dentro das indústrias criativas da UNCTAD, referindo-se a seis classificações distintas dentre as nove possíveis. São elas:

⁴⁴ *Clubbing* é uma referência ao termo em português discoteca, e sua referência no tipo de evento está ligada ao tipo de música tocada nas discotecas, a música eletrónica.

audiovisuais, artes cénicas, locais culturais, expressões culturais tradicionais, média impressa e design. Não foram encontradas correlações entre ainda três diferentes classificações de indústrias criativas, sendo as categorias: serviços criativos, novas mídias e artes visuais.

Número total de eventos por indústria cultural:

Das nove indústrias analisadas conjuntamente no período de recorte da amostragem, houve um montante de 5.155 eventos. Desse total, cerca de 78,1% dos eventos são oferecidos pelas indústrias culturais, que daqui por diante serão tratadas como indústrias culturais tradicionais ou equipamentos culturais tradicionais, que englobam a Casa da Música, o Coliseu do Porto, o Hard Club, o Maus Hábitos e Serralves. Denominou-se como tradicionais pelo seu tempo de existência, escala de oferta e reconhecimento público em relação às associações culturais, às quais se opta daqui por diante denominar como espaços alternativos ou “*off*”, dada sua natureza e denominação já também utilizada na literatura acerca das cidades criativas (VIVANT, 2012).

Os números indicam que os espaços tradicionais da amostra oferecem uma demanda de eventos culturais quase quatro vezes maior do que em relação aos espaços alternativos, as associações culturais. Porém, mais da metade desse número de eventos (53,7%) corresponde a apenas duas categorias, concertos e clubbing, ambas ligadas à música. Em seguida, aparecem as categorias cinema e vídeo (5,4%), teatro e dança (5,3%) e exposições (4,5%) como as mais relevantes em termos de procura na cidade do Porto, dentro da amostragem.

As associações culturais da amostra contribuem significativamente na oferta da demanda de eventos, que é de 21,9%. Desse montante, a casa bô⁴⁵ oferece 3,5% do total dos eventos, acompanhando a tendência de possuir os concertos como sua maior oferta (31,6%), com a diferença de que a casa bô é a associação cultural e indústria cultural, se comparada ao total da amostragem, é o espaço alternativo que mais oferece eventos de literatura, com as noites de poesia (22,4%) e eventos de bem-estar (9,2%), como meditação e práticas de relaxamento cocriativas.

⁴⁵ O percentual individual dos tipos de eventos da casa bô pode ser visto no item 3.8.1 do Capítulo 3.

Representatividade dos tipos de eventos:

Como já visto no item anterior, os concertos, os eventos de clubbing, cinema e vídeo, teatro e dança e exposições representam somados 68,9% do total dos demais 21 tipos de eventos da análise. A casa bô nesse grupo ofereceu atividades em 41,4% dos seus 174 eventos no período de outubro de 2015 a agosto de 2016. Isso denota que a casa bô possui uma oferta e variedade de eventos em outros segmentos artísticos que não somente nessas principais categorias encontradas nos demais equipamentos, incluindo as associações culturais. Denota ainda que a associação tem em seu bojo cumprido sua missão social de abertura para todas as manifestações de arte e cultura, favorecendo outras representações criativas e artísticas como a literatura, com as noites de poesia da associação, que se fixou como um evento regular semanal da entidade, representando no período 22,4% do total de eventos da casa bô.

Percentual dos tipos de eventos atendidos pela coletividade de equipamentos e associações culturais:

Percebeu-se que parte dos tipos de eventos são oferecidos pelas nove indústrias culturais. Nesse rol se encontra o cinema e vídeo, os concertos, os encontros, os eventos de formação (oficinas, etc.), teatro e dança, tradição e outras. Dessas categorias, apenas o tipo encontros e formação não se encontram diretamente vinculados a categorias de atividade e iniciativas de indústrias criativas (entretanto, pelos critérios do Viral Agenda, não significam que deixem de ser eventos de tal natureza).

Outros tipos de eventos são oferecidos por apenas parte das indústrias culturais, como os eventos acadêmicos, comédia, moda e natureza. A casa bô não oferece nesse recorte eventos nessas áreas, embora seja sabido que atua na área ambiental com eventos de oficinas em permacultura e outros eventos ligados à natureza que ainda não são estendidos ao público em geral, e por isso não havia eventos gerados na rede social Facebook, embora já tenham sido promovidos em ações voluntárias entre os membros da casa bô.

O restante dos 21 tipos de eventos é oferecido por mais de 50% das indústrias culturais.

Em relação aos tipos de eventos que cada equipamento cultural oferece, percebeu-se que os equipamentos ditos tradicionais oferecem entre 15 e 20 tipos de eventos dentre os 21 possíveis (71 a 95% de oferta), enquanto as associações variaram entre 10 e 17 tipos

(48 a 81% da oferta). A casa bô apresentou eventos em 14 categorias distintas, representando 67% do total.

Percentual dos tipos de eventos ligados às indústrias criativas (classificação UNCTAD):

Quando considerados apenas os tipos de eventos com correlação à classificação das indústrias criativas da UNCTAD, do total de eventos da amostragem geral (5.155 eventos), 76% deles, ou seja, 3.918 eventos foram classificados como oriundos de indústrias criativas. A casa bô esteve próximo da média, com 64,6% de seus eventos considerados como de indústrias criativas (115 eventos dentre os 178), e todos os demais, exceto Serralves com 46,2% dos eventos, tiveram percentual acima de 50%. O caso de Serralves se explica pelos critérios de classificação dos tipos de eventos da Viral Agenda, uma vez que eventos como natureza, formação, encontros e conferências não tiveram uma classificação diretamente relacionada ao modelo da UNCTAD.

Enquanto isso, nas indústrias culturais tradicionais que apresentaram percentuais maiores em relação às associações, há duas explicações para esse fato. A primeira reside no grande número de concertos que essas casas promoveram, o que alavancou demasiado o percentual dentro de apenas um tipo de evento, e em segundo lugar as 12 classificações consideradas dentre as 21 como de indústrias criativas, são em geral as atividades e eventos mais diretamente ligadas ao consumido pelo público na categoria turística ou lazer. Os equipamentos culturais tradicionais são reconhecidos na maioria dos casos como polos de atração turística e a cidade do Porto vem sendo premiada nos últimos anos como um dos melhores e mais procurados destinos turísticos na Europa.

Design como tipo de evento de indústria criativa:

Alguns tipos de eventos das indústrias criativas não têm sido explorados pelas associações culturais, como é o caso das novas médias, que incluem software, videojogos e conteúdo digital criativo, os serviços criativos, que incluem ramos como a publicidade e arquitetura, e o design, que inclui design de interiores, moda, joalheria, etc. Há uma explicação para esse fato, uma vez que são áreas em que a presença da tecnologia se faz presente ou é condição *sine qua non* de existência da própria indústria criativa, e as associações culturais são instituições que valorizam e aproximam profissionais e atividades artísticas muitas das vezes dissociadas dessas três áreas. Além disso, são locais em que se cultiva uma aproximação maior do talento individual das pessoas em

contraposição às interações tecnológicas ou digitais que muitas das vezes excluem ou isolam os indivíduos em suas relações humanas.

O mesmo padrão se percebe mesmo nos equipamentos culturais tradicionais, em que o escopo de atuação é mais voltado às artes e cultura, e as atividades seguem um perfil similar. Destaca-se apenas os equipamentos culturais Hard Club e Maus Hábitos que tiveram um evento cada na área de moda (*design*). Parênteses devem ser feitos em relação ao uso da tecnologia e atividades de indústrias criativas a serviço da arte e cultura e que não aparecerá nesse tipo de análise.

Os equipamentos culturais tradicionais dispõem em sua maioria de recursos financeiros próprios ou apoios financiados pelo governo (no caso pelo menos das fundações) com o intuito de promover arte e cultura em diferentes níveis, com objetivos que vão até a promoção do turismo da cidade. Nesse sentido, locais como a Casa da Música e Serralves por exemplo, são locais que muitas vezes incluem em sua programação atividades e eventos de design, serviços criativos e principalmente novas mídias, e que, porém, pela classificação dos eventos pelos critérios do *site* Viral Agenda, não há condições satisfatórias para a sua quantificação, mas que sim, existem e são exploradas como atividades dessas áreas da indústria criativa.

4.2.2. Análise de tipos e número de eventos entre as associações culturais da amostragem

A segunda grelha montada para análise incluiu apenas as associações culturais da análise anterior, incluindo a casa bô em destaque, com a finalidade de se obter análises e comparações diretas entre elas. O formato da grelha e as colunas e linhas seguem os mesmos critérios da grelha anterior do item 4.2.1.

Indústrias culturais do Porto: amostragem Associações Culturais									
Tipos de eventos (viral agenda)		Classificação dos tipos de eventos UNCTAD Indústria criativa (12 de 21)	2	4	5	8	N.º total eventos por tipo	% eventos por tipo	% tipo de eventos pelas 4 amostras
			Casa da Horta	casa bô	Espaço Compa sso	Rés- da-rua			
1	Acadêmicos						0	0,0	0%
2	Bem-estar		2	16	31		49	4,3	75%
3	Cinema e Video	audiovisuais	65	4	18	54	141	12,5	100%
4	Clubbing	artes cênicas		3	32		35	3,1	50%
5	Comédia	artes cênicas	1				1	0,1	25%
6	Concertos	artes cênicas	110	56	128	32	326	28,9	100%
7	Conferências		2	2	6		10	0,9	75%
8	Danças	artes cênicas	1	9	24		34	3,0	75%
9	Encontros		61	25	34	14	134	11,9	100%
10	Exposições	cultural sites	15		4	1	20	1,8	75%
11	Festivais	expressões culturais tradicionais	1	1			2	0,2	50%
12	Formação		45	13	53	10	121	10,7	100%
13	Gastronomia		47		14	1	62	5,5	75%
14	Infantil		4	1	1		6	0,5	75%
15	Literatura	mídia impressa	3	39	2	5	49	4,3	100%
16	Mercados e Feiras	cultural sites			2		2	0,2	25%
17	Moda	design					0	0,0	0%
18	Natureza		8		2		10	0,9	50%
19	Outras		20	6	38	4	68	6,0	100%
20	Teatro e Dança	artes cênicas	5	1	17	1	24	2,1	100%
21	Tradição	expressões culturais tradicionais	5	2	25	2	34	3,0	100%
Total de n.º de eventos por associação			395	178	431	124	1 128	100,0	
% de n.º de eventos por associação			35,0	15,8	38,2	11,0	100,0		
Total n.º tipos de eventos por associação			17	14	17	10			
Percentual ao total (21 tipos)			81,0%	66,7%	81,0%	47,6%			

Quadro 18: eventos e tipos de eventos de associações culturais no Porto.
Fonte: elaborado pelo autor.

Indústrias culturais do Porto: amostragem Associações Culturais							
Tipos de eventos (viral agenda)	Classificação dos tipos de eventos UNCTAD Indústria criativa (12 de 21)	2	4	5	8	N.º total eventos por tipo	% eventos por tipo
		Casa da Horta	casa bô	Espaço Compa sso	Rés- da-rua		
Total de n.º de eventos por associação		395	178	431	124	1 128	100,0
% de n.º de eventos por associação		35,0	15,8	38,2	11,0	100,0	
Total n.º tipos de eventos por associação		17	14	17	10		
Percentual ao total (21 tipos)		81,0%	66,7%	81,0%	47,6%		
Total de n.º de eventos por associação - tipos: classificação UNCTAD -		206	115	252	95	668	59,2%
Percentual		30,8%	17,2%	37,7%	14,2%	100%	
% eventos UNCTAD face ao total		52,2%	64,6%	58,5%	76,6%	59,2%	
Total n.º tipos eventos UNCTAD		9	8	9	6		
Percentual ao total UNCTAD (12 tipos)		75%	67%	75%	50%		

Quadro 19: resumo e estatísticas dos eventos e tipos de eventos das associações culturais do Porto. Fonte: elaborado pelo autor

Considerando-se apenas as quatro associações culturais da amostragem, percebe-se numa primeira análise que o volume do número total de eventos é consideravelmente inferior face aos demais cinco equipamentos culturais tradicionais analisados. Há de se apontar a diferença numérica na amostragem como um dos fatores (quatro associações culturais e cinco indústrias tradicionais). Nesse sentido, o volume total de eventos foi de 1.128, correspondendo a 21,8% do total dos locais analisados.

Número total de eventos por associação:

Do montante de 1.128 eventos das associações culturais, percebeu-se uma distribuição mais equilibrada quando comparadas apenas entre si. Em termos de volume de eventos, a associação Compasso (38,2%) e a Casa da Horta (35%) tiveram juntas 73,2% do total, enquanto a casa bô (15,8%) e a Rés-da-rua (11%) tiveram juntas 26,8%.

Essa diferença de volume, assim como nas indústrias culturais tradicionais, reside principalmente na quantidade de concertos, em que se percebeu que os dois espaços associativos com maior volume percentual de eventos ofereceram quase três vezes mais concertos que a casa bô e a Rés-da-rua juntas.

Representatividade do total de eventos das associações e indústrias culturais tradicionais:

Há que se destacar que há outros tipos de eventos em maior volume que não estão dentre os mesmos tipos vistos nas indústrias culturais tradicionais. Enquanto os concertos, clubbing, cinema e vídeo, teatro e dança e exposições foram os tipos de eventos com maior volume dentre os nove locais analisados, na amostra das associações culturais isoladas, percebeu-se que exceto nos casos dos concertos, que substancialmente causaram a maior diferença de volume (28,9%), e seguido de cinema e vídeo (12,5%), que foram coincidentemente os dois tipos de eventos com mais atividades (41,4%), lembrando que os eventos musicais da análise anterior (concertos e clubbing), apenas, atingiram de forma isolada mais de 50% (53,7%).

No caso das associações, outros tipos de eventos tiveram maior volume, como foi o caso do tipo encontros (11,9%, contra 3,8% da análise anterior), formação (10,7%, contra 7,2% da análise anterior), outras (6,0% contra 2,8% da análise anterior), gastronomia (5,5% contra 1,3% da análise anterior), literatura (4,3%, contra 1,4% da análise anterior) e bem-estar (4,3% contra 1,5% da análise anterior). Essas seis categorias somadas entre as associações atingem 42,7% do total de eventos, que somados aos 41,4% dos concertos e cinema e vídeo, totalizam 84,1% dos eventos das associações.

Dessa forma, pode-se deduzir que na amostra geral dos nove locais, o volume de eventos esteve presente predominantemente nos tipos de eventos de música (concertos e clubbing, totalizando 53,7%), somados aos tipos cinema e vídeo (5,4%), exposições (4,5%), formação (7,2%) e teatro e dança (5,3%), num total de seis tipos de eventos (na verdade cinco se for considerado música com um único tipo no caso e concertos e clubbing), e nesse caso tem-se num número reduzido de seis (ou cinco) tipos de eventos (28,5% ou 23,8% dentre os 21 tipos) um universo de mais de 75% do total dos eventos (76,1%).

Já na amostragem das associações, considerando-se como critério apenas os eventos com mais de 4% de representatividade (assim como feito no recorte acima), encontrou-se num universo de oito tipos de eventos (38% dentre os 21 tipos) um montante acima de 75% do total dos eventos (84,1%).

Nesses dois casos, pode-se concluir que há uma diversidade e variação maior de eventos dentre o universo das associações analisadas em relação a análise dos nove locais culturais, nesse caso oito tipos de eventos com volume individual acima de 4%, que

somados representam mais de 30% do total de tipos de eventos e 75% do total das amostras, enquanto na primeira análise global as ocorrências foram de seis tipos de eventos com volume individual acima de 4% que quando somadas atingiram menos de 30% do total de tipo de eventos e mais de 75% do seu total. Abaixo pode-se verificar no quadro resumo a lista de tipos de eventos com mais de 4% de representatividade nos dois casos.

Representatividade dos tipos de eventos (acima de 4%) em relação ao total				
Tipos de eventos (viral agenda)		Classificação dos tipos de eventos UNCTAD Indústrias criativas (12 de 21)	% eventos por tipo apenas Associações Culturais (4 locais)	% eventos por tipo indústrias culturais tradicionais e associações (9 locais)
2	Bem-estar		4,3	1,5
3	Cinema e Video	audiovisuais	12,5	5,4
4	Clubbing	artes cênicas (música)	3,1	13,6
6	Concertos	artes cênicas (música)	28,9	40,1
9	Encontros		11,9	3,8
10	Exposições	cultural sites	1,8	4,5
12	Formação		10,7	7,2
13	Gastronomia		5,5	1,3
15	Literatura	mídia impressa	4,3	1,4
19	Outras		6,0	2,8
20	Teatro e Dança	artes cênicas	2,1	5,3
Número de tipos de eventos acima de 4%			8 tipos	6 tipos
Percentual sobre os 21 tipos			38,0%	28,5%
Total da soma dos tipos de eventos acima de 4%			84,1%	76,1%

Quadro 20: representatividade dos tipos de eventos nas indústrias e associações culturais.
Fonte: elaborado pelo autor.

Pode-se depreender dessa comparação que a quantidade e a oferta de tipos de eventos no calendário de atividades das associações culturais é mais balanceado e abrangente do que no calendário de eventos das indústrias culturais tradicionais.

Outro apontamento que se destaca é em relação aos tipos de eventos que possuem maior volume em cada um dos dois casos. Nas indústrias culturais tradicionais há a ocorrência de tipos como exposições e teatro e dança, eventos que notoriamente necessitam de mais investimentos, estrutura física e consequentemente público para tornar viável cada projeto individual em um período de curta a média temporadas.

Enquanto isso, nas associações culturais o perfil dos tipos de eventos é mais relacionado a eventos pontuais, ou seja, aqueles que se iniciam e terminam num mesmo dia, de forma a privilegiar atividades artísticas individuais da classe criativa artística, abrindo dessa forma mais possibilidades para um número maior de artistas em começo de carreira ou sem estrutura de atuação em grupo de trabalho de curto a longos prazos. Esse tipo de iniciativa permite uma maior coesão social, uma vez que permite oportunidades diárias para diferentes artistas se apresentarem nos espaços das associações, ao passo que nas indústrias culturais tradicionais, há uma barreira a se transpor, e apenas uma parcela dessa classe criativa artística possui meios e condições de ultrapassá-la.

Adicionalmente, pode-se observar que tipos de eventos mais volumosos na primeira análise como o *clubbing* não são tão representativos nas associações culturais, o que representa uma maior preocupação e valorização da música ao vivo a partir do talento individualizado e manejo por meio de instrumentos musicais mais rústicos e tradicionais, como por exemplo a guitarra acústica no caso específico da casa bô. Acaba também por ser mais inclusivo quando se privilegia a música ao vivo com instrumentos musicais, uma vez que diferentes artistas podem (e geralmente são) convidados para uma noite aberta, como no caso da noite de poesia, em que vários músicos podem se juntar pela primeira vez e tocar seus instrumentos em conjunto ou separadamente, favorecendo sobremaneira a criatividade pelo improviso, a inclusão e o ambiente para a criatividade.

Outra análise possível ainda sobre o perfil dos tipos de eventos é sobre a evidência que há em se privilegiar tipos de eventos mais ligados a uma qualidade melhor de vida, de aproximação ou de incentivo ao conhecimento das pessoas. Os tipos de eventos com mais de 4% de representatividade encontrados apenas nas associações culturais como *bem-estar* (atividades ligadas à meditação e relaxamento e procura de equilíbrio da mente e corpo), *encontros* (categoria de eventos em que se privilegia atividades em grupo ou para discussão crítica de algum tipo de arte e cultura), *gastronomia* (nas associações culturais há uma forte componente de preocupação com o meio ambiente e com alimentação saudável, são locais onde na maioria dos casos se cultiva a prática de alimentação vegetariana ou macrobiótica), e por fim, *literatura* (evento em que se privilegia a procura pelo conhecimento por meio de livros de poetas consagrados ou não, ou mesmo se privilegia a produção individual de poesia).

Falta de padronização dos tipos de eventos:

Uma última comparação pode ser feita no quadro resumo dos tipos de eventos com representatividade acima de 4%. Trata-se do tipo de evento outras. Ao passo que as associações culturais indicam 6,0% de eventos nessa classificação face aos 2,8% da primeira análise com todas as indústrias culturais da amostragem, denota-se duas possibilidades para essa incidência de uma categoria neutra mais representativa no caso das associações.

Uma delas se deve ao fato de haver uma menor preocupação com a forma e conteúdo das publicações dos eventos das associações para posterior catalogação pelos *sites* de eventos como o Viral Agenda. A falta de padronização e inexistência de um departamento de marketing nas associações poderia explicar esse número mais elevado de eventos não catalogados em categorias específicas.

Outro fator é a abertura que se há para as diferentes manifestações de arte e cultura dentro das associações. Como as associações são ambientes mais flexíveis e abertos para o novo, em que a novidade é vista sempre como regra, e a mudança como regra é uma constante, nos equipamentos culturais tradicionais há a tendência de padrões de eventos, baseados muitas vezes na formatação cultural comercial imposta pelo mercado.

Percentual dos tipos de eventos atendidos pelas associações culturais:

Percebeu-se que os tipos de eventos que foram oferecidos pela totalidade de associações são diferentes em relação à totalidade da amostragem das nove indústrias culturais. Nas associações, os eventos oferecidos por todas as quatro associações foram os concertos (28,9%), cinema e vídeo (12,5%), encontros (11,9%), formação (10,7%), literatura (4,3%), outras (6,0%), teatro e dança (2,1%) e tradição (3,0%). Esse conjunto representa quase 80% do número total de eventos (79,4%) e em relação aos tipos de eventos, essas oito categorias representam quase 40% dos 21 tipos de eventos (38,5%), indicando que há um padrão nos tipos de eventos oferecidos entre todas as associações culturais da amostragem e as demais indústrias culturais (no caso, as indústrias culturais tradicionais apenas não oferecem na totalidade a categoria literatura, em específico o Coliseu do Porto), porém, a representatividade desse total de eventos é um pouco menor (66,2%) nas indústrias culturais tradicionais.

Outro fato é que as associações culturais não apresentaram eventos nas categorias acadêmicos e moda, e em outras como comédia (0,1%), e mercados e feiras (0,2%) apenas

uma associação realizou um ou dois eventos específicos. Em outros casos como clubbing (3,1%), festivais (0,2%) e natureza (0,9%) apenas a metade das associações realizou eventos, num percentual de menos de 5% do total de eventos (4,2%). Nos demais tipos de eventos houve ocorrências em 75% das associações, num total de 16,0% do total de eventos.

Conclui-se que 14 dos 21 tipos de eventos (66,6%) correspondem a 95,4% do total de eventos que são oferecidos por 75% ou 100% das associações culturais da amostragem. No caso particular, a casa bô oferece eventos em 14 tipos de eventos (66,6%), sendo que em apenas dois casos não ofereceu eventos nos tipos que as demais associações ofereceram em conjunto, caso de gastronomia e exposições, porém, como já comentado em outras análises, essas são categorias oferecidas pela associação e que não são contabilizadas devido aos critérios de classificação dos eventos pela fonte primária utilizada na análise.

Percentual dos número total e tipos de eventos ligados às indústrias criativas (classificação UNCTAD):

Quando analisados apenas os eventos e tipos de eventos das associações culturais relacionados com as indústrias criativas, percebe-se que mais da metade dos eventos, 668 de 1.128 (59,2%) estão nesta classificação. Adicionalmente, a casa bô oferece 64,6% dos seus eventos dentro do rol das indústrias criativas, que corresponde a 17,2% do total dos eventos das associações analisadas.

4.2.3. Análise de tipos e número de eventos entre a casa bô e os equipamentos culturais que não sejam associações culturais

A terceira grelha incluiu apenas as cinco indústrias culturais consideradas na literatura como tradicionais em comparação com a casa bô, com a finalidade de se obter análises e comparações diretas entre a associação alvo desta investigação, sem a variante de outras associações nesta análise. O formato da grelha e as colunas e linhas seguem os mesmos critérios da grelha anterior dos itens 4.2.1 e 4.2.2.

Indústrias culturais do Porto: amostragem equipamentos culturais e casa bô											
Tipos de eventos (viral agenda)		Classificação dos tipos de eventos UNCTAD Indústria criativa (12 de 21)	1	3	4	6	7	9	N.º total eventos por tipo	% evento por tipo	% tipo de eventos pelas 6 indústria
			Casa da Música	Coliseu do Porto	casa bô	Hard Club	Maus Hábitos	Serra Ives			
1	Académicos			12		8	2		22	0,5	50%
2	Bem-estar		5		16	1	1	22	45	1,1	83%
3	Cinema e Vídeo	audiovisuais	13	1	4	36	29	60	143	3,4	100%
4	Chubbing	artes cênicas	41	1	3	504	118	3	670	15,9	100%
5	Comédia	artes cênicas		5		3			8	0,2	33%
6	Concertos	artes cênicas	962	197	56	428	123	33	1 799	42,8	100%
7	Conferências		19		2	4	1	134	160	3,8	83%
8	Danças	artes cênicas	17	1	9	16	34	4	81	1,9	100%
9	Encontros		3	1	25	5	7	45	86	2,0	100%
10	Exposições	cultural sites		1		21	46	143	211	5,0	67%
11	Festivais	expressões culturais tradicionais	2	5	1	10	2	3	23	0,5	100%
12	Formação		176	12	13	10	4	46	261	6,2	100%
13	Gastronomia		1			1	1	1	4	0,1	67%
14	Infantil		110	3	1	2		3	119	2,8	83%
15	Literatura	mídia impressa	9		39	3	3	9	63	1,5	83%
16	Mercados e Feiras	cultural sites		1		58	2	4	65	1,5	67%
17	Moda	design				1	1		2	0,0	33%
18	Natureza						1	58	59	1,4	44%
19	Outras		13	4	6	24	18	19	84	2,0	100%
20	Teatro e Dança	artes cênicas	117	86	1	7	18	21	250	5,9	100%
21	Tradição	expressões culturais tradicionais	28	2	2	12	4	2	50	1,2	100%
Total de n.º de eventos por indústria			1 516	332	178	1 154	415	610	4 205	100,0	
% de n.º de eventos por instituição			36,1	7,9	4,2	27,4	9,9	14,5	100,0		
Total n.º de tipos de eventos por			15	15	14	20	19	18			
Percentual ao total (21)			71%	71%	67%	95%	90%	86%			

Quadro 21: eventos das indústrias culturais no Porto e casa bô.

Fonte: elaborado pelo autor.

Indústrias culturais do Porto: amostragem equipamentos culturais e casa bô									
Tipos de eventos (viral agenda)	Classificação dos tipos de eventos UNCTAD Indústria criativa (12 de 21)	1	3	4	6	7	9	N.º total eventos por tipo	% evento por tipo
		Casa da Música	Coliseu do Porto	casa bô	Hard Club	Maus Hábitos	Serra lves		
Total de n.º de eventos por indústria		1 516	332	178	1 154	415	610	4 205	100,0
% de n.º de eventos por instituição		36,1	7,9	4,2	27,4	9,9	14,5	100,0	
Total n.º de tipos de eventos por		15	15	14	20	19	18		
Percentual ao total (21)		71%	71%	67%	95%	90%	86%		
Total de n.º de eventos por associação - tipos: classificação UNCTAD -		1 189	300	115	1 099	380	282	3 365	80,0%
Percentual entre as amostras		35,3%	8,9%	3,4%	32,7%	11,3%	8,4%	100,0%	
% eventos UNCTAD face ao total		78,4%	90,4%	64,6%	95,2%	91,6%	46,2%	80,0%	
Total n.º tipos eventos UNCTAD		8	10	8	12	11	10		
Percentual ao total UNCTAD (12 tipos)		67%	83%	67%	100%	92%	83%		

Quadro 22: resumo e estatísticas dos eventos das indústrias culturais no Porto e a casa bô.

Fonte: elaborado pelo autor.

Em números gerais, aponta-se a princípio o volume individual de eventos de cada amostra analisada. Do total de eventos deste recorte (4.205 eventos), três das seis amostras possuem mais de 10% do total de eventos, e quando somados, o percentual representa 78% do total, ou seja, o restante dos casos da amostragem, casa bô (4,2%), Coliseu do Porto (7,9%) e Maus Hábitos (9,9%) possuem menos de 10% do total quando comparados individualmente, e quando esta outra metade da amostra é somada, representa apenas 22% do total.

Diferença de escala na oferta de eventos:

Considerando-se os cinco equipamentos culturais tradicionais e a associação casa bô, percebe-se numa primeira análise uma discrepância entre o volume de eventos das indústrias com a associação. Exceto pelo caso do Coliseu do Porto, as demais indústrias somam pelo menos o dobro do número total de eventos, chegando esse número a mais de oito vezes quando se comparando com a Casa da Música. De partida, deve ser considerado o fator escala da oferta de eventos individuais como uma das diferenças entre a casa bô e as outras cinco indústrias desta análise.

Representatividade dos eventos classificados como indústrias criativas (UNCTAD)

Quando analisados de forma individual, a amostragem aponta que 80,0% do total de 4.205 eventos (3.365) estão dentro da classificação de indústrias criativas. Porém, há de se considerar que este número reflete principalmente o volume individual de alguns tipos específicos de eventos, como os concertos (42,8%) e clubbing (15,9%), que juntos somam mais de 50% dos demais 19 tipos de eventos (58,7%). Ou seja, dos 80%, apenas 21,3% correspondem aos demais 19 tipos de eventos.

Quando considerados o total de eventos e seu percentual de indústrias criativas, isolando os tipos de eventos concertos e clubbing, o percentual do número total de eventos dos seis locais é de 1.736 eventos, sendo 896 de indústrias criativas (51,6%), ou seja, houve uma queda de quase 30% (28,4%) da representatividade dos eventos pela classificação da UNCTAD.

Sendo assim, quando considerados os 19 tipos de eventos, excluindo-se os concertos e clubbing, percebe-se que há um desequilíbrio muito menor entre as ofertas de eventos por tipo. Nesse recorte, a categoria mais representativa é formação (15,0%), o teatro e dança (14,4%) e as exposições (12,2%), que somadas representam 41,6%. Os demais 16 tipos de eventos (58,4%) variam entre 0,1 e 8,2% individualmente.

Nesse caso específico, sem a consideração dos concertos e clubbing, a casa bô aumenta sua representatividade no total de eventos em relação às outras cinco indústrias de 4,2% para 6,9% e quando considerados apenas os eventos da UNCTAD, o valor altera de 3,4% para 6,3%.

Esses números demonstram que a casa bô ao oferecer dentre os 178 eventos, 56 concertos e três atividades de clubbing (59 no total, representando 33% de seus eventos no período de amostragem), possui, apesar de acompanhar a tendência das demais indústrias das análises anteriores (apresentar uma maior demanda em concertos) um maior equilíbrio percentual na oferta dos demais 19 tipos de eventos, o que mostra uma inclusão maior na participação de diferentes manifestações de arte e cultura, atendendo a sua função social de inclusão, intervenção e coesão, e não apenas a uma oferta direcionada baseada no direcionamento do mercado no consumo de eventos com maior demanda na cidade do Porto, nesse caso, os concertos (incluindo clubbing).

Representatividade dos tipos de eventos:

A representatividade dos tipos de eventos quando comparada às indústrias culturais tradicionais e à casa bô, mostra que em comparação dos 21 tipos de eventos, as seis amostras apontam percentuais acima de 70%, exceto pela casa bô que apresentou 67%, índices percentuais que se repetiram no caso dos 12 tipos de eventos classificados como indústrias criativas, exceto pela Casa da Música, que teve uma leve redução de 71% para 67%.

Percentual dos tipos de eventos atendidos pelos equipamentos culturais e a casa bô:

Os cinco equipamentos culturais e a casa bô apresentaram eventos em todos os tipos juntos em 10 dos 21 tipos de eventos (47,6% dos casos). Dessas 10 ocorrências, apenas em três não se tratava de indústrias criativas (encontros, formação e outras).

Em apenas três casos dentre os 21 (14,2%), houve percentuais abaixo de 50%, como foi em comédia (33%), moda (33%) e natureza (44%). Nesses casos foram eventos não promovidos pela casa bô.

4.3. O terceiro setor em Portugal

O terceiro setor é uma denominação que surgiu para discriminar as instituições privadas de utilidade pública oriundas da esfera civil. São compostas de organizações formais criadas por meio de Estatutos Sociais e podem ter duração por tempo determinado ou indeterminado. Possuem como características a autogestão e são instituições sem finalidade lucrativa.

O termo sem fins lucrativos é evitado por parte da literatura, uma vez que sugere o fato de uma organização do terceiro setor não ser passível de obter lucro, o que não é verdade. Sobre este ponto de vista:

“Dos países anglo-saxónicos herdámos a expressão Sector Não Lucrativo. A nossa hesitação face a esta definição reside no facto das organizações sem fins lucrativos poderem, na nossa perspectiva, ter lucro, e poderem desenvolver algumas atividades com o objetivo claro de retorno, actividade que por vezes é até indispensável à sua sustentabilidade. Desde que, claro, essas actividades se mantenham secundárias face às que servem directamente a missão da organização”. (Azevedo *et al.*, 2010, p. 19).

Uma outra característica das organizações do terceiro setor, é a presunção do trabalho (ou parte) ser por meio de ações de voluntariado, em que há alguma forma de uso de recursos humanos ou mão-de-obra sem uma remuneração monetária.

Os quatro tipos de organizações são: as fundações, as mutualidades, as cooperativas e as associações. Cada instituição tem sua forma de composição própria e deve seguir os preceitos da lei para cada caso. Como exemplo, transcreve-se abaixo a formalização necessária para a instituição de fundação de acordo com o prisma jurídico, com o disposto nos artigos 185.º e 186.º do Código Civil Português:

“SECÇÃO III

Fundações

Artigo 185.º

(Instituição e sua revogação)

1 - As fundações visam a prossecução de fins de interesse social, podendo ser instituídas por ato entre vivos ou por testamento.

...

Artigo 186.º

(Acto de instituição e estatutos)

1. No acto de instituição deve o instituidor indicar o fim da fundação e especificar os bens que lhe são destinados.

2 - No ato de instituição ou nos estatutos deve o instituidor providenciar ainda sobre a sede, organização e funcionamento da fundação, regular os termos da sua transformação ou extinção e fixar o destino dos respetivos bens”.

Não será desenvolvido neste trabalho as especificações de cada uma das modalidades de organizações do terceiro setor, excetuando-se as associações, alvo do estudo de caso em tela.

Ainda sobre a finalidade do terceiro setor, pode-se defini-lo como:

“o objectivo dominante (senão mesmo exclusivo) é de natureza social e a sua dimensão económica pode reduzir-se quase só à existência de produção de bens ou, mais frequentemente, de prestação de serviços (de natureza social normalmente). (...). Em geral, a natureza social destas actividades ou da discriminação positiva de que beneficiam face à legislação de enquadramento, à fiscalidade e às regras da concorrência no mercado” (Ramos, 2005, p. 154, *apud* Amaro, 2000, p.37).

A discriminação positiva na consecução das atividades das organizações do terceiro setor é importante, uma vez que não há intenção de concorrência com as atividades do setor privado ou público nas atividades que possa haver colisão de interesses, e sim, tem o papel de complementarmente resolver carências em que o Estado não tem condições de fomentar de forma satisfatória os anseios e direitos da população previstos em lei.

4.3.1. Modalidades de organizações sem fins lucrativos

De acordo com a ICNPO (*International Classification of Nonprofit Organizations*) ou Classificação Internacional de Organização Não Lucrativas, há 12 áreas de atuação para as entidades ESNL. As associações culturais se enquadram no grupo 1, Cultura e Lazer, dada sua natureza jurídica e classificação, muito embora tenha como outras finalidades em seus pilares sociais o ambiente e a solidariedade social. A classificação das ESNL do grupo Cultura e Lazer, em que se inserem as associações culturais no item Artes Performativas, pode ser vista a seguir:

Group 1 - Culture and recreation	
1 100 - Culture and Arts	
Media and communications	Production and dissemination of information and communication; includes radio and TV stations; publishing of books, journals, newspapers and newsletters; film production; and libraries.
Visual arts, architecture, ceramic art	Production, dissemination and display of visual arts and architecture; includes sculpture, photographic societies, painting, drawing, design centers and architectural associations.
Performing arts	<u>Performing arts</u> centers, companies and <u>associations</u> ; includes <u>theatre</u> , <u>dance</u> , <u>ballet</u> , <u>opera</u> , <u>orchestras</u> , <u>chorals</u> and <u>music ensembles</u> .
Historical, literary and humanistic societies	Promotion and appreciation of the humanities, preservation of historical and cultural artefacts and commemoration of historical events; includes historical societies, poetry and literary societies, language associations, reading promotion, war memorials and commemorative funds and associations.
Museums	General and specialized museums covering art, history, sciences, technology and culture.
Zoos and aquariums	
1 200 - Sports	
Sports	Provision of amateur sport, training, physical fitness and sport competition services and events; includes fitness and wellness centers.
1 300 - Other Recreation and Social Clubs	
Recreation and social clubs	Provision of recreational facilities and services to individuals and communities; includes playground associations, country clubs, men's and women's clubs, touring clubs and leisure clubs.
Service clubs	Membership organizations providing services to members and local communities, for example Lions, Zonta International, Rotary Club and Kiwanis.

Quadro 23: classificação ICNPO, com destaques para as associações culturais (Salamon *et al.*, 1996, p. 11).

O fato de a casa bô ter mais de uma finalidade não a faz automaticamente pertencente a mais de uma das 12 áreas de atividade da ICNPO, como Serviços Sociais

ou Ambiente, uma vez que ambas as categorias são representadas por modalidades específicas da ESNL, como, por exemplo as IPSS (Instituições Particulares de Solidariedade Social) ou ONGAs (Organizações Não Governamentais de Ambiente).

Os 12 grupos e suas áreas de atividade com os devidos exemplos de instituições no contexto português podem ser vistos no quadro abaixo:

Grupos	Áreas de Atividade	Alguns exemplos em Portugal
1	Cultura e Lazer	Associações Culturais, Desportivas e Recreativas; Museus privados sem fins lucrativos; Fundações culturais
2	Educação e investigação	Instituições de ensino de Congregações religiosas; Instituições de investigação privadas sem fins lucrativos
3	Saúde	IPSS com fins de saúde; Hospitais de Ordens
4	Serviços Sociais	IPSS - Instituições Particulares de Solidariedade Social; Associações de Bombeiros Voluntários
5	Ambiente	ONGA - Organizações Não Governamentais de Ambiente; Associações de Defesa dos Animais
6	Desenvolvimento e Habitação	Organizações de Desenvolvimento Local (não públicas)
7	Lei, Defesa de Causas e Política	Associações de defesa de direitos; Associações de minorias
8	Intermediários Filantrópicos e Promoção do Voluntariado	Banco Alimentar; Fundações doadoras (grant-making)
9	Internacional	ONGD - Organizações Não Governamentais de Cooperação para o Desenvolvimento
10	Religião	Institutos Religiosos; Fábricas Paroquiais
11	Associações Empresariais, Sindicatos, Associações Profissionais	Associações Empresariais; Sindicatos; Associações Profissionais
12	cr - categoria residual	-

Quadro 24: grupos e áreas das ESNL. Em destaque, grupo das associações culturais (Azevedo *et al.*, 2010, p. 25).

As associações culturais estão classificadas no grupo 1, cultura e lazer, em que também pertencem as associações recreativas e desportivas, os museus e as fundações culturais. Dentro dessa classificação estão as associações culturais utilizadas na

amostragem para análise dos tipos e número de eventos, bem como os equipamentos culturais como a Fundação Casa da Música⁴⁶ e a Fundação de Serralves⁴⁷.

4.3.2. Associativismo em Portugal

O associativismo em Portugal é visto como um movimento sem o devido reconhecimento pelos contributos que fornece à sociedade, além de encontrar entraves por parte do poder público na sua valorização, financiamento e possibilidade de crescimento (Carvalho, 2002, p. 6).

Parte dessa lógica o pressuposto de que as associações culturais, bem como outras entidades sem fins lucrativos acabam por contrariar a lógica consumista e economicista que regula o mercado. As ações e intervenções públicas estão predominantemente voltadas aos interesses económicos em torno do lucro e das teorias macro e microeconómicas dos estudos de crescimento económico que verificam por meio de fórmulas com variantes endógenas e exógenas o comportamento da economia nos países, tendo como o índice de bem-estar social atrelado entre outras variáveis ao PIB (Produto Interno Bruto) do país e a renda per capita da população.

De acordo com a Carvalho, o associativismo vive uma crise em toda a Europa, sendo que Portugal é o país com o menor índice de associativismo por habitante (2002, p. 7).

Sobre os números das associações culturais em Portugal, utilizou-se como base o portal do SICAE (Sistema Integrado de Classificações de Atividades Económicas) para se verificar a quantidade de associações culturais em Portugal. Considerou-se como base o código CAE (Classificação Portuguesa de Atividades Económicas) principal da associação cultural casa bô, CAE 94991⁴⁸, que descreve as atividades económicas das associações culturais e recreativas como:

⁴⁶ De acordo com o *site* da fundação: “A Fundação Casa da Música é uma instituição de direito privado e utilidade pública instituída pelo Estado Português, Município do Porto, a quem se juntaram os Fundadores Privados. É regida pelos estatutos definidos no Decreto-Lei nº18/2006 de 26 de Janeiro”. Casa da Música, <http://www.casadamusica.com/pt/fundacao/?lang=pt>, acedido em 25 setembro 2016.

⁴⁷ Sobre a criação de Serralves “através do Decreto-Lei 240-A/89, de 27 de julho, assinalou o início de uma parceria inovadora entre o Estado e a sociedade civil, representada por cerca de 51 entidades, oriundas dos sectores público e privado”. Serralves, <http://www.serralves.pt/pt/fundacao/a-fundacao/historia/>, acedido em 25 setembro 2016.

⁴⁸ A descrição completa do código 94991 no está disponível no *website* do Instituto Nacional de Estatística, <http://smi.ine.pt/Categoria/Detalhes/1455555?modal=1&data=25%2F09%2F2016%2000%3A00%3A00>, acedido em 25 setembro 2016.

“Compreende as actividades das associações polivalentes de carácter recreativo dominante (círculos poéticos e de literatura, clubes históricos, clubes de jardinagem, de cinema, de colecionadores, de fotografia, de música, de arte, os clubes praticantes de ofícios, associações filatélicas, etc.). Inclui associações de defesa do património cultural.” Instituto Nacional de Estatística ⁴⁹

Além da categoria principal, foram levantados os números de CAE secundários⁵⁰ da associação casa bô como referência. A descrição mais detalhada das categorias primária e secundárias pode ser vista no Capítulo 5, item 5.1.

N.º de associações e indústrias culturais ligadas aos CAEs da casa bô em Portugal				
CAE	Descrição	CAE principal	CAE secundário	Total
94991	Associações culturais e recreativas	14 220	1 140	15 360
94992	Associações de defesa do ambiente	500	80	580
90010	Atividades das artes do espectáculo	4 490	1 270	5 760
90020	Atividades de apoio às artes do espectáculo	530	730	1 260

Quadro 25: total de associações culturais em Portugal.

Fonte: elaborado pelo autor a partir de informações extraídas do SICAE⁵¹.

Segundo o *site* Pordata⁵² – Base de Dados Portugal Contemporâneo, Portugal possui atualmente 10.326.780 habitantes. Dessa forma, o número de habitantes por associação cultural no país é de 726 pessoas por associação, considerando apenas as que apresentam o CAE como atividade principal. Se for considerado também as associações que possuem atividades económicas relativas às associações culturais também com o CAE secundário, o número reduz para 672 habitantes por associação em Portugal.

Percebe-se que o número de associações culturais é baixo, uma vez que a capacidade de atendimento do público que frequenta os espaços associativos no Porto, levando-se em conta as associações culturais escolhidas por amostragem, bem como a própria casa bô, é muitas vezes limitado em termos de espaço físico e estrutura, não comportando públicos numerosos.

Um último dado que se mostra relevante sobre as associações é referente à distribuição de emprego em Portugal. As ESNL pertencentes ao terceiro setor, apesar de

⁴⁹ Instituto Nacional de Estatística, <http://smi.ine.pt/Categoria>, acessado em 25 setembro 2016.

⁵⁰ CAEs secundários: 94992, 90010 e 90020.

⁵¹ SICAE (Sistema Informação da Classificação Portuguesa de Atividades Económicas), <http://www.sicae.pt/>, acessado em 25 setembro 2016.

⁵² Pordata - Base de Dados Portugal Contemporâneo, <http://www.pordata.pt/Portugal>, acessado em 25 setembro 2016

não constituírem o lucro como premissa em seu modelo de negócio, movimentam a economia por meio da geração da economia social, e a relevância desse setor está na representatividade da distribuição do emprego em Portugal.

De acordo com uma Magalhães (2012), com base em dados de 2006, o setor das ESNL foi o oitavo maior empregador em Portugal, com 4,3% dos empregos no país. Esse número é superior a áreas importantes da economia de mercado como a agricultura, o setor financeiro e o setor de telecomunicações. Segue abaixo um gráfico com o percentual nas principais áreas de Portugal:

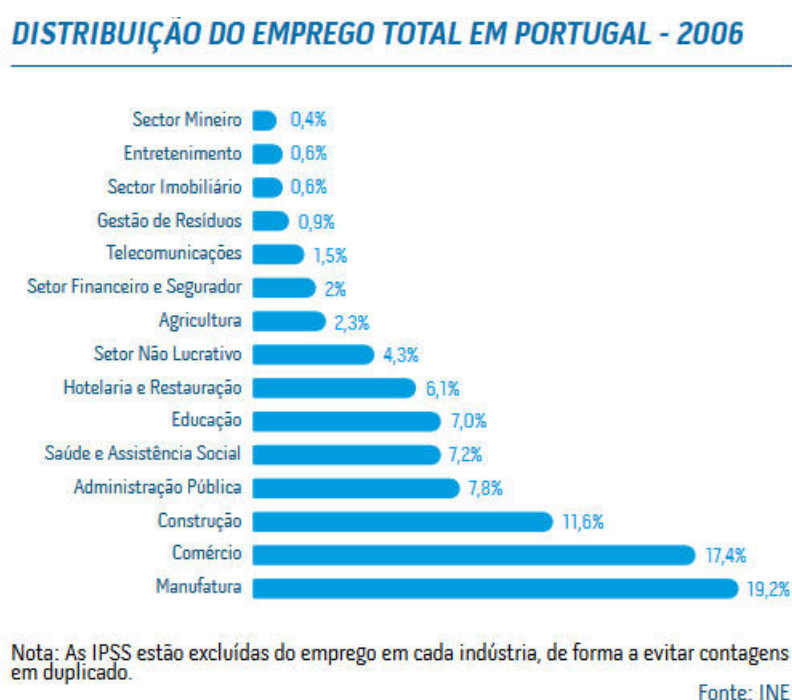


Figura 18: distribuição do emprego total em Portugal de 2006 por setor (Magalhães, 2012, p. 18)

Deve-se destacar que as associações culturais não possuem a mesma condição na geração de empregos como outras organizações do terceiro setor, como as fundações e demais instituições que recebem em parte subsídios diretos do setor público para a consecução de seus objetivos, porém, fica evidente que o terceiro setor tem um papel relevante na cadeia económica em Portugal e o fortalecimento do associativismo pode ser uma forma de melhorar não só condições sociais e culturais da população, como também pode promover a inclusão e intervenção social por meio oportunidades de geração de emprego, principalmente no tocante ao desenvolvimento pessoal dos indivíduos, por meio do empoderamento, que permite o aumento do grau de autonomia e autodeterminação nas

pessoas dentro de uma comunidade com atividades de cariz social, como a associação casa bô, que promove eventos de formação e oficinas em seu espaço associativo.

4.4. Aspetos jurídicos do associativismo

O associativismo ou o direito de associação está previsto e salvaguardado na CRP (Constituição da República Portuguesa), no CC (Código Civil Português) e em legislação específica.

Na CRP, há previsão de associativismo no artigo 46.º, garantindo aos cidadãos a liberdade e o direito de constituição de associação. Há também a previsão de associações e partidos políticos (art.º 51.º), a descentralização da Segurança Social com a previsão de associações representativas dos beneficiários (art.º 63.º), dentre outras possibilidades constitucionais. Para fins deste trabalho, importam as disposições sobre o associativismo ligado às atividades culturais.

A formalidade legal desde a constituição até o encerramento de uma associação é regulada pelo Código Civil, no Capítulo II, que trata das pessoas coletivas, dos artigos 157.º ao 170.º do livro legal. Regras sobre o campo de aplicação, aquisição de personalidade jurídica da pessoa coletiva, a sede, os órgãos internos da associação (administração e conselho fiscal), obrigações, responsabilidade civil das pessoas coletivas, entre outras disposições se encontram nesse diploma.

A legislação específica que regula o direito de associação é dada pelo Decreto-Lei n.º 594/74, de 7 de novembro. O documento com 18 artigos prevê “o direito livre à associação como uma garantia básica de realização pessoal dos indivíduos na vida em sociedade” e dispõe sobre as regras específicas para a constituição de associações.

Do ponto de vista contabilístico, o Decreto-Lei n.º 36-A/2011 normaliza as regras contábeis para as ESNL. A ESNL é uma outra nomeação possível dentre várias para as associações civis sem fins lucrativos.

4.5. O Estado-providência na oferta da cultura e ações sociais

O Estado como designação de nação é a representação organizada geopolítica e económica da soberania e independência de um território e da população que nele vive em sociedade.

O Estado-providência ou Estado de bem-estar social é um termo usado para denotar o Estado como um agente provedor das condições sociais necessárias e previstas no

documento legal, a sua Constituição. No caso de Portugal, a Constituição da República Portuguesa.

A proteção social é uma das premissas do Estado moderno e leis que caminhem na direção da diminuição da pobreza e das exclusões sociais são importantes para balancear as diferentes situações de desequilíbrio económico que existe entre as famílias das diferentes classes sociais. O papel do Estado-providência nesse ínterim é tratar com igualdade de direitos de acesso às condições básicas de vida, mas também com equidade nos casos de desigualdade mais acentuados. É preciso da mesma maneira garantir o mínimo necessário para que pessoas em situações extremas sejam amparadas e tenham o auxílio necessário para uma vida digna.

O Estado-providência em Portugal como assinala Ramos, teve um começo e evolução tardia. O direito à assistência pública veio com a Constituição de 1919, e em 1935 com a Lei n.º 1.884 houve a criação de um sistema de seguros sociais obrigatórios que já existia em vigor em outros países europeus. Foi considerado o primeiro sistema de previdência social estruturado, porém com limitações.

O artigo n.º 63 da Constituição da República Portuguesa de 1974 estabeleceu o direito à Segurança Social, que foi consolidado com as leis de bases sucessivas que vieram. Os artigos seguintes garantem demais direitos sociais (e deveres) nas esferas da saúde, em que “todos têm direito à protecção da saúde...”, da habitação, em que “todos têm direito, para si e para sua família, a uma habitação de dimensão adequada...”, do ambiente, em que “todos tem o direito a um ambiente de vida humano, sadio e ecologicamente equilibrado...”, entre outros direitos e deveres do Capítulo II da CRP.

Mesmo com os avanços que ocorreram com a implementação de um sistema de Segurança Social, de leis de base e uma Constituição garantindo os direitos básicos dos cidadãos, como expressa Ramos, o Estado foi omissos nos domínios das políticas sociais. A sociedade precisou compensar essa omissão em que “há situação humanas e sociais concretas que não se enquadram nos mecanismos que caracterizam a sua gestão, organização e funcionamento”.

Surge a figura da ação social no sentido de complementar ou mesmo substituir o modelo de Estado-Providência pelo modelo de Sociedade-providência.

4.6. A Sociedade-providência e a casa-bô como agente de ação social

A Sociedade-providência veio como uma resposta às necessidades sociais não supridas pelo Estado. Organizou-se por meio de relações que formaram redes colaborativas e comunitárias de grupos e organizações como forma de complementaridade face ao Estado muitas vezes incapaz de dar resposta para às demandas de âmbito social. As associações locais são organismos que suprem parte dessa procura.

Além das ESNL, em que as associações estão inclusas, Ramos aponta que a Sociedade-providência é suportada em parte no que tange à solidariedade social pelas IPSS, uma vez que muitas das ações sociais, apesar de serem de uma obrigação do Estado, são atendidas por essas organizações do setor privado, porém com suportes e financiamentos pelo orçamento e políticas públicas.

Quanto às políticas de proteção social:

“As políticas de protecção social... são um instrumento importante de salvaguarda dos direitos de cidadania e coesão social. A protecção da cidadania é uma nova prática política e implica novas metodologias de intervenção face aos novos fenómenos de exclusão social e de pobreza”. (Ramos, 2005, p. 139) (grifos nossos).

O papel da sociedade civil organizada por meio das associações ou outras modalidades definidas no terceiro setor é relevante e auxilia de maneira significativa na prevenção de direitos e proteção da cidadania, bem como na diminuição dos casos mais graves de exclusão social.

O terceiro setor acaba por desempenhar subsidiariamente uma função que originalmente é dever do Estado e um direito da coletividade, a provisão do bem-estar social.

As associações culturais nesse contexto têm importância no âmbito das finalidades a que se destinam funcionar perante a sociedade, a economia social gerada por essas organizações sem fins lucrativos do terceiro setor vão não somente criar condições para a melhoria da cidadania e da prestação de serviços para a comunidade local, bem como dar autonomia e sustentabilidade social para a sua manutenção e alavancagem de seus eixos de atuação.

Nesse sentido, a inovação social é vista como um importante instrumento para não só ser capaz de dar respostas aos mais diferentes e novos tipos de exclusão social, como também será um importante impulsionador da sustentabilidade, do crescimento e da

abrangência das atividades fins das associações culturais, como será visto no caso mais propriamente dito da casa bô, adiante.

4.7. Modelo de Negócio

Uma ferramenta útil e que está em voga atualmente para uma visualização simples e abrangente do modelo de negócio de uma instituição é conhecida como *Business Model Canvas* ou quadro de modelo de negócios, idealizado por Alexander Osterwalder. Este modelo auxilia a organização a visualizar como poderá criar, proporcionar e obter valor agregado (Osterwalder *et al.*, 2013, p. 14).

No caso da associação casa bô, a criação de valor está na estrutura e estratégia que foi criada para o desenvolvimento do negócio, e como irá oferecer os serviços e o valor agregado está não só ligado à sustentabilidade da associação, como também ao próprio retorno que a casa bô proporciona às partes interessadas, nesse caso, o público em geral, os agentes culturais criativos, aos membros da casa bô e a comunidade.

A ferramenta consiste em visualizar numa única folha, o modelo de negócio ou empreendimento, com a disposição do elemento chave, a proposta de valor, no centro da folha. Do lado direito, há quatro blocos constitutivos sobre o valor do negócio e na parte esquerda outros quatro blocos indicando como será a eficiência do modelo apresentado. Os blocos constitutivos são: proposta de valor, segmento de clientes, canais de distribuição (ou comunicação), relações com clientes, fluxos de rendimentos, os recursos-chave, as atividades-chave, as parcerias-chave e a estrutura de custos do empreendimento.

O *Business Model Canvas* auxilia o empreendedor numa ótica próxima da ferramenta 5W1H a pensar em “como?” nos blocos “atividade-chave”, “recursos-chave” e “parcerias-chave”, pensar em “o quê?” na “proposta de valor”, pensar em “para quem?” nos “segmentos de clientes”, “relações com clientes” e “canais de distribuição”, pensar “quanto?” nos blocos “estrutura de custos” e “fluxos de rendimentos”.

O Sr. Ângelo Lopes numa atividade em grupo com mais dois colegas no âmbito da cadeira de Competitividade do Mestrado em Economia e Gestão da Inovação da FEP - Faculdade de Economia da Universidade do Porto, apresentou a representação gráfica do modelo de negócio idealizado para a associação casa bô, em janeiro de 2015, apenas dois meses antes da inauguração da sede e início das atividades da associação cultural.

Parcerias	Actividades	Proposta de valor	Relação c/ Clientes	Segmentos Clientes
<p>Junta da Freguesia do Bonfim</p> <p>Grupo de Acção Social do Porto (Organização Não Governamental para o Desenvolvimento)</p> <p>Universidade Católica Portuguesa Spin Logic- Incubadora projectos sociais</p> <p>Centro Juvenil de Campanhã Escola Profissional do Porto</p> <p>Uninorte União Cooperativa Polivalente</p> <p>Instituto Empreendedorismo Social</p> <p>ESMAE Escola Superior de Música e Artes do Espetáculo</p> <p>Rede de potenciais colaboradores individuais a integrar no projecto</p> <p>Alianças estratégicas com associações do mesmo âmbito:</p> <p>Espaço Compasso Associação Cultural e Artística Sol em Movimento Associação Recreativa e Cultural</p>	<p>- Exposições</p> <p>- Concertos/ jam session 's</p> <p>- Workshops/ cursos/ aulas regulares (música, dança, culinária, permacultura artes plásticas, hortas urbanas, yoga, meditação, reiki, qi gong...)</p> <p>- Peças de teatro/ performances</p> <p>- Tertúlias</p> <p>- visualização filmes/ documentários</p> <p>- festas temáticas (música tradicional, festas universitárias, casamento...)</p> <p>- Cowork- trabalho em cooperação</p> <p>- vivência comunitária</p> <p>- noite de jogos de tabuleiro</p> <p>- jantares temáticos</p> <p>- actividades específicas de apoio à comunidade próxima e à comunidade artística do Porto</p> <p>- apoio à criação de novos projectos (...)</p> <p>Recursos</p> <p>- Equipa multidisciplinar de cooperadores muito motivados</p> <p>- Voluntários</p> <p>- bens pessoais dos cooperantes (instrumentos musicais, objectos utilitários, ...)</p> <p>- capital social da cooperativa</p> <p>- acesso a uma casa no Bonfim por uma renda simbólica</p>	<p>- Criação de comunidade entre usuários do espaço e integração social do projecto Casa Bô na envolvente contextual; (frequência do Bonfim)</p> <p>- possibilitar aos criativos um espaço de exposição e expressão;</p> <p>- oferecer aos usufruidores do espaço e das actividades o acesso a uma casa viva que respira cultura e onde se partilham experiências e saberes;</p> <p>- usar as potencialidades da arte, da interação com o meio ambiente e da harmonia nas relações humanas, como ferramenta p/a dinamização da construção pessoal;</p> <p>- Oferta de um ambiente de conforto/ segurança que estimula a valorização pessoal, criatividade e a autenticidade;</p> <p>- integração social_ permitir acesso às n/ actividades a pessoas sem meios económicos para tal;</p> <p>- bem estar associado à participação de um projecto humanitário que visa o bem comum;</p>	<p>- Cliente como utilizador da casa e usufruidor das actividades/ eventos</p> <p>- Cliente como futuro parceiro/ colaborador_ envolvimento c/a visão e missão do projecto</p> <p>- relação interpessoal de proximidade c/ base na amizade</p> <p>Canais distribuição</p> <p>- relações interpessoais comunitárias - servir de comunicação do projecto c/e exterior através de publicidade "boca-a-boca" - servir p/ envolver novos colaboradores e os utentes do espaço em geral</p> <p>- Casa espaço familiar e acolhedor</p> <p>- convites pessoais (email, telemóvel, carta, redes sociais _gratuitas)</p> <p>- convites institucionais (contacto pessoal, email, telefone)</p>	<p>- pessoas sensíveis às áreas de intervenção do projecto, com foco p/:</p> <p>- a comunidade artística do porto (ex: faculdade Belas Artes, Esmas)</p> <p>- pessoas a integrar na cooperativa (pessoas dinâmicas/criativas com interesse pluridisciplinar e pessoas que buscam um constante desenvolvimento e realização pessoais e pessoas que se revejam na n/visão, missão e valores)</p> <p>Propostas e actividades especificamente direccionadas para:</p> <p>- vizinhos da casa da freguesia do Bonfim</p> <p>- jovens e crianças (da escola do Bonfim e do Centro Juvenil de Campanhã)</p> <p>- Idosos (Centro de Dia e Junta da Freguesia do Bonfim)</p>
Estrutura de custos, relativos a recursos:		Fluxos de rendimento		
<p>humanos- custos de investimento (mão de obra recuperação da casa e outras colaborações pontuais / desenvolvimento projecto (curto, médio e longo prazo); e de gastos correntes</p> <p>materiais- custos de investimento (materiais necessários às obras da casa, bens inerentes ao funcionamento da casa e actividades, instalações de contadores e dispositivos) e de gastos correntes (equipamento administrativo, custos deslocções, bens necessários à manutenção e vivência comunitária na casa e realização de actividades pontuais)</p> <p>financeiros- custos de investimento (capital social da cooperativa, custos inerentes à criação da entidade jurídica e formalização do contrato de arrendamento da casa, adiantamento da última prestação do contrato de arrendamento)</p> <p>e de gastos correntes (renda mensal, água, luz, internet, seguros), custos transportes de bens deslocções...)</p> <p>organizacionais- custos de investimento- sistema de informação/ comunicação a implementar (médio prazo); e de gastos correntes- custos meios de comunicação;</p>		<ul style="list-style-type: none"> Do resultado económico de todas as iniciativas e actividades existentes, uma percentagem a determinar de acordo com a natureza da actividade deverá reverter para o projecto; Como recursos humanos, para além dos já existentes, estaremos abertos e procuraremos o apoio de forma voluntária de quem esteja receptivo a essa colaboração, permitindo aos n/ voluntários acesso às actividades desenvolvidas; Na lógica de Cowork, quem pretender usar o espaço p/ trabalhar de forma regular deverá contribuir c/ um valor mensal; A zona residencial poderá vir a ser usada como residência artística existindo uma colaboração da parte de quem lá ficar; Festas e eventos específicos poderão ter uma contribuição simbólica a reverter para o projecto; O bar que dará apoio aos eventos que justificarem, será também uma fonte de rendimento; Recorrer a financiamentos elaborando candidaturas a fundos estatais e europeus; Recorrer ao apoio da Junta de Freguesia do Bonfim para a realização de projectos específicos de apoio social; Confeção de refeições... Utilização do palco como sala de ensaios c/ utilização diurna p/ bandas seleccionadas p/ o efeito- contribuição monetária; 		

Figura 19: *Business Model Canvas* da casa bô.

Fonte: fornecido pelo Sr. Ângelo Lopes.

O modelo do *Business Model Canvas* com a transcrição de cada um dos nove blocos encontra-se em documento no Anexo 5 deste trabalho. A sua versão gráfica em tamanho natural também pode ser encontrada no referido anexo para leitura de cada uma das nove caixas.

4.8. Processo de criação de valor da casa bô

A associação cultural, ambiental e de solidariedade social – casa bô sendo uma organização sem fins lucrativos, assim como as demais formas de organizações do terceiro setor ou do ramo empresarial, com finalidade de lucro, tem como objetivo uma criação de valor com seu modelo de negócio (entenda-se aqui o termo negócio como a atividade fim da organização, sem nenhuma relação com a finalidade lucrativa ou não lucrativa).

Segundo Azevedo *et al.*, a organização pode ser vista como uma ferramenta para que os indivíduos organizem suas ações de forma coordenada para a obtenção de algo que almejam, um instrumento para a consecução de seus objetivos. É composta pelas pessoas, as infraestruturas, os sistemas, os processos, e de uma forma mais extensiva as

relações (humanas) estabelecidas entre as partes interessadas. Completam essa lista as marcas, a satisfação do público ou utilizadores. São fatores tangíveis e intangíveis, com o propósito da criação de valor – para todas as pessoas envolvidas (2010, p. 20).

Dessa forma, nas palavras de Azevedo *et al.*:

“o processo de criação de valor numa organização é composto pelo menos de três fases – a fase dos inputs, a fase da transformação e a fase dos outputs, e cada uma é influenciada pelo ambiente em que a organização actua. Os inputs incluem matérias-primas, recursos humanos, máquinas, capital, informação e conhecimento...os inputs são submetidos a processos de transformação para a obtenção de outputs...como resultado da transformação são libertados para o ambiente bens e serviços que são adquiridos, consumidos ou utilizados satisfazendo necessidades”. (2010, pp. 20–21) (grifos nossos).

Leia-se por *inputs* as entradas no processo e *outputs* como as saídas. O trecho em destaque é relevante uma vez que indica que o local e o ambiente onde ocorre a criação de valor influencia diretamente a transformação das entradas (*inputs*) para as saídas (*outputs*).

As organizações sem fins lucrativos na visão de Azevedo *et al.*:

“criam valor através da prestação de serviços, nas mais variadas áreas... mas muitas outras criam valor defendendo causas e provocando mudança social. Por vezes, numa mesma organização concentram-se estas duas funções” (2010, p. 21) (grifos nossos).

Percebe-se nesse contexto que a casa bô se insere na situação descrita pelo autor na questão de criação de valor, uma vez que a associação tem como finalidades tanto a prestação de serviços com a promoção de cultura e arte por meio de concertos, noites de poesia, exposições, como na defesa de questões ambientais, como também na promoção de ações sociais em prol de uma mudança social no seio da comunidade em que está inserida.

Será visto no Capítulo 5 que pela sua natureza sem fins lucrativos, a organização social, para atingir seus objetivos, possui outras funções implícitas. Além de cumprir suas finalidades estatutárias, uma outra função das organizações sociais é a de inovação.

4.9. A casa bô como objeto de estudo acadêmico e politécnico

Durante o período de recolha de dados desta investigação, entre os meses de julho a setembro de 2016, verificou-se que a casa bô recebeu a visita de investigadores da área

académica e da área de qualificação técnico profissional com interesse em utilizar a associação ou elementos dela em seus estudos.

Na área académica, o Sr. Ângelo Lopes recebeu o contato e disponibilizou uma entrevista para o Sr. João Loça, investigador português de doutoramento em Antropologia da Universidade de Lisboa. Solicitou-se o plano de projeto para se obter acesso aos objetivos do estudo do Sr. Loça, todavia não houve resposta do pedido até a conclusão deste trabalho.

Na área técnico profissional, o Sr. Ângelo Lopes foi contatado pela Sra. Kati Kylymies, investigadora sueca do ensino superior profissional politécnico (Yrkeshögskolan⁵³), que consiste numa espécie de educação pós-secundário que “combina estudos teóricos e práticos em estreita cooperação com os empregadores e indústria. Os programas são oferecidos em domínios específicos em que há uma demanda explícita de competência⁵⁴”. A pesquisa da Sra. Kylymies consiste em um trabalho de campo no período de 16 semanas para investigar na associação casa bô formas de angariação de fundos e recursos financeiros para alavancagem de projetos nos pilares institucionais da associação. Esta pesquisa habilitará a Sra. Kylymies como investigadora, com a possibilidade de mercado de trabalho em áreas como jornalismo ou auditoria.

4.10. A casa bô e a imprensa digital e escrita

A casa bô no período de pouco mais de um ano de atividade, passou a realizar atividades e eventos que tiveram repercussão na média digital e escrita. Além disso, a Junta de Freguesia do Bonfim divulga semanalmente um *newsletter* via e-mail⁵⁵ com os principais eventos da Freguesia e o evento como a noite de poesia tem sido divulgado semanalmente por esse canal.

Durante o período de recolha de dados para esta investigação, constatou-se a divulgação da casa bô em pelo menos oito matérias de cunho jornalístico sobre a associação. Desde notícias em revista digital de Lisboa sobre concerto de artistas brasileiros na casa bô, como notícias sobre o festival bô, que foi o maior evento externo

⁵³ Yrkeshögskolan significa politécnico em sueco. Contudo, há que se considerar que esta modalidade de ensino confere diferentes graus dependendo do sistema educativo do país. Na Suécia, o politécnico não dá habilitação superior académica. É considerado uma qualificação pós-secundário com habilitação profissional.

⁵⁴ Yrkeshögskolan, <https://www.yrkeshogskolan.se/Higher-Vocational-Education-HVE/>, acessado em 20 setembro 2016.

⁵⁵ O *newsletter* semanal se chama Explore Bonfim e lista a agenda de eventos da Freguesia do Bonfim.

da associação desde sua criação, e que teve sinergias de diversas organizações sem fins lucrativos, entre associações e organizações de solidariedade social.

A lista de notícias na imprensa escrita e na média digital segue abaixo:

Lista de notícias sobre a casa bô - imprensa digital e escrita			
Data	Veiculação	Título da Matéria	Canal
08 a 14/ago	Junta de Freguesia do Bonfim	Agenda de eventos: * Concerto Felipe Antunes (09/ago); * Poesia na casa bô (10/ago)	Newsletter (e-mail)
13/ago	Tracker Magazine	Felipe Antunes e Hélio Flanders na casa bô no Porto: uma noite dentro de nós.	Website da revista
19/ago	Clube de Campismo do Porto	Divulgação sobre o festival bô	Website da entidade
23/ago	Jornalismo Porto Net	Casa bô cria festival: com um pé no Porto e outro em Amarante	Website do jornal
agosto	Câmara Municipal de Amarante	Divulgação sobre o festival bô	Website da Câmara
agosto	Santa Casa da Misericórdia de Amarante	Convite da casa bô para a Santa Casa em workshop no festival bô	Website da entidade
01/set	Tracker Magazine	Felipe Antunes: a lâmina esteve no Porto e falámos com ela	Website da revista
15/set	Notícias do Tâmega (Amarante)	1.ª edição do festival bô em Amarante superou as expectativas	Jornal impresso e Website issuu.com

Quadro 26: notícias da casa bô na imprensa durante o período da investigação (vide Anexo 1).

Fonte: elaborado pelo autor.

Percebe-se pela exposição na média apenas no período de recolha de dados desta investigação que a casa bô teve uma boa repercussão com o festival bô, seu maior projeto externo desde a sua criação. Os diversos setores envolvidos como as entidades civis, além da partilha que fizeram ou com a cedência do espaço para o evento em Amarante (no caso do Clube de Campismo), e com a divulgação do evento em seu canal digital de comunicação com seus associados, bem como a ação integrada das Juntas de Freguesia do Bonfim e Câmara Municipal de Amarante no apoio da associação cultural para as questões administrativas como autorizações, licenças e divulgação, bem como as matérias jornalísticas em periódicos do Porto e de Amarante ratificam a importância da realização do festival bô com o envolvimento de várias esferas e municipalidades, fazendo com que a casa bô tenha conseguido abranger suas finalidades e objetivos num patamar muito além daquele que já o tem feito dentro de sua sede social.

Outra repercussão que teve destaque foi a atração da associação casa bô de artistas estrangeiros emergentes para a cidade do Porto que culminou em duas matérias para a revista digital sediada em Lisboa especializada em música, a Tracker Magazine, que

cobriu o concerto dos brasileiros Felipe Antunes e Hélio Flanders. Felipe Antunes já teve sua banda Vitrola Sintética indicada ao Grammy latino em 2015⁵⁶ como banda revelação, e novamente em 2016 a banda recebeu indicação ao prêmio, dessa vez como melhor música alternativa, pouco mais de um mês sua apresentação na casa bô.

Por fim, destaca-se a o *newsletter* digital da Junta de Freguesia do Bonfim que semanalmente apoia e divulga eventos da associação casa bô para a comunidade local.

⁵⁶ A Vitrola Sintética foi indicada ao Grammy latino em 2015 como banda revelação, conforme veiculado na média digital. Folha de S. Paulo, <http://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2015/09/1688206-banda-independente-de-sp-vitrola-sinfonica-chega-ao-grammy.shtml>, acedido em 26 setembro 2016.

CAPÍTULO 5. ECONOMIA, SUSTENTABILIDADE E INOVAÇÃO SOCIAL

A economia social é um pressuposto das organizações do terceiro setor. É o resultado das ações e finalidades dessas instituições sem fins lucrativos. O intuito da economia social gerada é a própria sustentabilidade social da organização, que ocorre por meio de ações em alinhamento com os objetivos, a finalidade, os valores e os princípios da organização.

No caso da associação casa bô, a forma encontrada para atingir sua finalidade social e sustentabilidade, foi encontrar meios de promover o acesso à arte e cultura sem barreiras à entrada, num local amplo e com várias possibilidades de exploração dos seus pilares sociais. Além disso, procurou-se uma forma de ter uma sede física com o menor custo de despesa fixa possível, de modo a obter maior autonomia financeira para outras ações sociais.

A solução encontrada foi conseguir um espaço, um prédio urbano, em condição devoluta, para se estabelecer um contrato de médio a longo prazo para usufruto do espaço com uma renda simbólica, com o compromisso de reabilitação do espaço físico do prédio. Nesse sentido, a associação conseguiu minimizar o valor de despesa fixa, de modo a conseguir uma receita financeira exequível para a sustentabilidade e reinvestimento do restante na própria associação, seja em melhorias estruturais, seja em ações sociais de cunho cultural, ambiental e de solidariedade social.

Para realizar essas ações, a casa bô teve que adequar suas atividades económicas de acordo com as categorias previstas em lei. O tópico seguinte tratará dessa questão.

5.1. As categorias económicas dos pilares sociais da associação casa bô

A associação cultural casa bô realiza e presta uma série de serviços aos seus membros ou associados por meio do seu pilar principal, a cultura e a arte. Porém, não está limitada somente a este vetor, uma vez que o seu estatuto prevê no artigo de suas finalidades outras iniciativas, como ações de iniciativa ambiental e ações voltadas à solidariedade social.

Do ponto de vista económico, em Portugal, a associação casa bô, (e quaisquer outras pessoas coletivas) precisa registar no SICAE⁵⁷ as atividades económicas que exercerá, de acordo com a CAE. A classificação é feita por códigos, divididos por classes e subclasses. Sobre a serventia do CAE:

“A classificação Portuguesa de Atividades Económicas (CAE), harmonizada em termos estruturais e conceptuais com a Nomenclatura das Atividades Económicas da União Europeia (CAE-Rev.3) e com a Classificação das Atividades das Nações Unidas (CITA-Rev.4), estabelece o conjunto das atividades económicas que podem ser prosseguidas por agentes económicos, ajustado às necessidades nacionais. Nesta medida, a CAE permite prosseguir diferentes objetivos, quer ao nível da análise estatística, quer ao nível da regulamentação de atividades económicas. Ao nível da análise estatística, o código CAE permite:

Classificar e agrupar as unidades estatísticas produtores de bens e serviços (com ou sem fins lucrativos), segundo a atividade económica;

Organizar de forma coordenada e coerente, a informação estatística económico-social, por ramo de atividade económica, em diversos domínios (produção, emprego, energia, investimentos, etc.);

Comparar estatísticas a nível nacional, comunitário e mundial.

Ao nível das atividades económicas, o código CAE permite:

Registar as empresas e entidades equiparadas no ato de sua constituição;

Promover o licenciamento das atividades económicas;

Apoiar as políticas do Governo de incentivos às atividades económicas.” SICAE⁵⁸.

A casa bô possui um código CAE principal, e três outros secundários, a saber:

NIPC	Denominação Social/Firma	CAE Principal	CAEs Secundários
	CASA BÔ - ASSOCIAÇÃO CULTURAL, AMBIENTAL E DE SOLIDARIE...	94991	94992, 90010, 90020

Figura 20: pesquisa dos códigos CAEs da casa bô, no *website* do SICAE.

Fonte: *website* SICAE.

A nomenclatura das atividades económicas é composta por cinco números. Os dois primeiros dizem respeito à divisão da atividade económica principal, o terceiro representa grupo, o quarto a classe e o último a subclasse. Há ainda uma identificação de um código alfabético para as seções que agrupam os conjuntos de divisões. O Decreto-Lei n.º 381/2007 colocou em vigor a versão atual da CAE, revisão 3.

⁵⁷ SICAE (Sistema Informação da Classificação Portuguesa de Atividades Económicas), <http://www.sicae.pt/>, acedido em 17 setembro 2016.

⁵⁸ SICAE (Sistema Informação da Classificação Portuguesa de Atividades Económicas), <http://www.sicae.pt/>, acedido em 17 setembro 2016.

O código CAE principal da casa bô é o **94991**, que pertence à seção “S” – “outras atividades de serviços”, sendo a **divisão 94** – “**atividades das organizações associativas**”, o grupo 949 – “outras atividades de organizações associativas” e por fim, a subclasse (não há classe nesse caso da tabela) **94991** – “**associações culturais e recreativas**”.

Dos três códigos CAE secundários, um deles pertence à mesma seção, divisão e grupo do código principal, com a subclasse (não há classe neste caso da tabela) **94992** – “**associações de defesa do ambiente**”.

Os dois códigos restantes pertencem à seção “R” – “**atividades artísticas, de espetáculos, desportistas e recreativas**”, sendo que a divisão 90 e o grupo 900 referem-se a “**atividades de teatro, de música, de dança e outras atividades artísticas e literárias**”, sendo que um dos CAEs secundários tem a classe “9001” e subclasse “**90010**” com a denominação “**atividades das artes do espetáculo**” e o outro CAE tem a classe “9002” e subclasse “**90020**” referindo-se às “**atividade de apoio às artes do espetáculo**”.

Verifica-se que a casa bô possui o registo de quatro categorias de atividades económicas, sendo três delas ligadas ao seu pilar principal de atuação e uma ligada diretamente ao pilar do ambiente. A categoria principal habilita a casa bô como uma associação cultural recreativa. As demais classificações secundárias habilitam a associação na prática de atividades económicas nas áreas das artes do espetáculo e do apoio às artes do espetáculo e a última, habilita a casa bô como uma associação de defesa do ambiente.

Dessa forma, percebe-se que a casa bô possui habilitação para atuar em atividades de dois dos seus três pilares de atuação: cultura e arte e defesa do ambiente. No que diz respeito à solidariedade social, como a casa bô possui uma sede e estrutura física pertinente às atividades culturais e artísticas, não possui condições de obter uma CAE relacionado atividades de solidariedade social que precisem de um espaço físico e com as demais exigências para essas atividades.

Nada impede, porém, que a casa bô realize ações sociais de voluntariado e solidariedade social por meio de voluntariado e das atividades exercidas pelos pilares cultural artístico e ambiental. Assim, a associação casa bô reúne condições de desenvolver por completo as disposições da finalidade social da associação.

Como se trata de uma associação sem fins lucrativos, as suas atividades económicas devem estar alinhadas para esta vertente de não acumulação de capital como objetivo. Entretanto, de acordo com a natureza jurídica e as finalidades da associação, pode-se deduzir que a casa bô é uma organização que produz e gera uma Economia centrada no bem-estar social, nesse caso, opta-se pelo nome mais comum, a economia social.

Em Portugal, Ramos (2005) apontou que a economia social é um conceito não muito claro e definido, uma vez que a Constituição Portuguesa em seu artigo 82.º incluiu num mesmo patamar tanto organizações com intervenção direta no mercado, como as cooperativas e mutualidades, quanto as demais organizações com fins assistencialistas, com as Casas de Misericórdia.

Em 2013, foi publicada a Lei n.º 30/2013 - Lei de Bases da Economia Social, uma legislação específica sobre a matéria que delimitou em detalhes qual a definição de economia social em Portugal, o âmbito de aplicação, quais as entidades, princípios orientadores, medidas de incentivo, dentre outras disposições.

De acordo com o artigo 2.º da lei, entende-se por economia social “o conjunto das atividades económico-sociais”. O artigo 4.º relaciona as entidades da economia social e dentre as organizações, a alínea “f” prevê “as associações com fins altruísticos que atuem no âmbito cultural, recreativo, do desporto e do desenvolvimento local”, categoria onde se encontra a associação cultural casa bô.

O artigo 5.º discorre sobre os princípios orientadores da economia social, a saber:

“As entidades da economia social são autónomas e atuam no âmbito das suas atividades de acordo com os seguintes princípios orientadores:

- a) O primado das pessoas e dos objetivos sociais;
- b) A adesão e participação livre e voluntária;
- c) O controlo democrático dos respetivos órgãos pelos seus membros;
- d) A conciliação entre o interesse dos membros, utilizadores ou beneficiários e o interesse geral;
- e) O respeito pelos valores da solidariedade, da igualdade e da não discriminação, da coesão social, da justiça e da equidade, da transparência, da responsabilidade individual e social partilhada e da subsidiariedade;
- f) A gestão autónoma e independente das autoridades públicas e de quaisquer outras entidades exteriores à economia social;
- g) A afetação dos excedentes à prossecução dos fins das entidades da economia social de acordo com o interesse geral, sem prejuízo do respeito pela especificidade da distribuição dos excedentes, própria da natureza e do substrato de cada entidade da economia social, constitucionalmente consagrada.” Lei de Bases da Economia Social (2013) (grifos nossos).

Percebe-se que os princípios da economia social ensejam a participação de pessoas com interesses e predisposição para ações ligadas à solidariedade e coesão social. Pressupõe-se desta forma que as entidades da economia social, sejam elas cooperativas, associações mutualistas, misericórdias, fundações, mesmo que não tenham em sua finalidade a descrição no estatuto social sobre a questão da solidariedade e coesão social como um pilar, é esperado que tais organizações assumam dentro de suas possibilidades e alcance ações que as façam cumprir o papel da instituição como Sociedade-providência no auxílio em iniciativas de competência do Estado.

Fica subentendido da mesma maneira que as reservas legais e as discriminações positivas criadas com a Lei de Bases de Economia Social têm como intuito dar maior autonomia para que o terceiro setor cumpra esse papel social de forma complementar.

Sobre as diferentes escolas que tratam a abordagem do terceiro setor e da Economia Social fora de Portugal, Ramos escreveu:

“como afirma J. Estevão (1997:46), há duas tradições de abordagem do chamado terceiro sector ou economia social: o interesse dos académicos de tradição anglo-saxónica tem sido orientado para a investigação das organizações não-lucrativas (ONL), isto é, organizações de natureza jurídica privada, baseadas na solidariedade e nas actividades voluntárias não remuneradas, que não distribuem (sic) lucros aos seus membros; a tradição francófona, que considera a economia social como uma via autónoma, não pública nem privada, de intervenção no mercado, de acordo com valores e princípios que configuram um modelo de organização específico (Lallement e Laville, 2000). Economia solidária e economia social são uma oportunidade para um tipo de sociedade com vocação social... um modo de organização económica alternativo (Lipietz, 2001).” (Ramos, 2005, pp. 140–141) (grifos nossos).

5.2. Sustentabilidade social autogerida

Pretende-se abordar neste tópico quais as formas que a associação casa bô encontrou com a geração de economia social para a sustentabilidade social da organização. Serão analisados os gastos fixos e as receitas provenientes das atividades sociais como os eventos culturais artísticos e outras iniciativas.

A casa bô mantém a título informativo e de consciencialização uma placa com os valores mensais dos gastos fixos da associação. A iniciativa tem como objetivos consciencializar o público, os agentes culturais criativos e demais partes interessadas sobre a questão e importância do donativo consciente para a sustentabilidade da associação. Outro objetivo é satisfazer a questão da transparência contabilística e financeira descrita no artigo 1.º do Estatuto Social, item 2:

“2 - De acordo com os princípios da Economia Social, de transparência contabilística e financeira, e no sentido do desenvolvimento da consciência nos juízos de valor, pretendemos trabalhar, sempre que possível, com o voluntariado, donativo ou contribuição consciente, como base da sustentabilidade financeira do projecto. Estatuto Social, casa bô (2016) (grifos nossos).

Como recorte, foi analisado o período de outubro de 2015 a agosto de 2016 como critério temporal para verificar a média de gastos mensais fixos, bem como as receitas provenientes nesse período. Utilizou-se esse período por ser o mesmo das análises de número e tipos de eventos da casa bô, de forma a conseguir simular um valor estimado de receitas provenientes dos eventos e atividades deste período.

Para o cálculo das receitas, serão utilizados como parâmetro os valores dos donativos sugeridos, os percentuais médios de arrecadação e a média de público verificada nas observações.

5.2.1. Despesas fixas da casa bô

Os gastos fixos da casa bô estão relacionados com as despesas de arrendamento mensal, do uso de energia elétrica e do consumo de água na sede social da associação.

Os valores mensais de arrendamento desde a inauguração da sede são de 135 euros, segundo informado pelo Sr. Ângelo Lopes em entrevista⁵⁹. Existe uma previsão contratual considerando pequenos reajustes progressivos ao longo do contrato de arrendamento de 10 anos feito com o proprietário, porém não houve acesso a informação da progressão pormenorizada para o período total do arrendamento⁶⁰.

Os valores de água e energia elétrica foram estimados de acordo com a informação recolhida em diário de observação⁶¹ em um quadro negro com base na informação dos gastos do mês de junho de 2016⁶². O quadro abaixo mostra os valores estimados de despesas fixas na casa bô no período de outubro de 2015 a agosto de 2016, período que será utilizado para a análise de sustentabilidade financeira da associação cultural no item 5.2.3.

⁵⁹ Lopes, A.. (2016, agosto 03). Entrevista pessoal. Transcrição disponível no Apêndice 1 deste trabalho.

⁶⁰ Foi solicitado o contrato de arrendamento para ter acesso as informações sobre os valores progressivos de rendimento, porém não houve o recebimento do documento em tempo para a análise. No período da recolha de dados a casa bô esteve mobilizada para o festival bô, o que dificultou a recolha.

⁶¹ Príncipe, A.. (2016, agosto 12). Diário de observação 9. Disponível no Apêndice 4 deste trabalho.

⁶² Os valores de despesas fixas da casa bô foram solicitados no início da recolha de dados e não houve recebimento das informações tendo em vista que a pessoa responsável pelo controlo não se encontrava disponível em Portugal.

Despesas fixas - casa bô				
Data	Arrendamento	Água	Energia Elétrica	Total
outubro/2015	135,00 €	96,00 €	62,00 €	293,00 €
novembro/2015	135,00 €	96,00 €	62,00 €	293,00 €
dezembro/2015	135,00 €	96,00 €	62,00 €	293,00 €
janeiro/2016	135,00 €	96,00 €	62,00 €	293,00 €
fevereiro/2016	135,00 €	96,00 €	62,00 €	293,00 €
março/2016	135,00 €	96,00 €	62,00 €	293,00 €
abril/2016	135,00 €	96,00 €	62,00 €	293,00 €
maio/2016	135,00 €	96,00 €	62,00 €	293,00 €
junho/2016	135,00 €	96,00 €	62,00 €	293,00 €
julho/2016	135,00 €	96,00 €	62,00 €	293,00 €
agosto/2016	135,00 €	96,00 €	62,00 €	293,00 €
Total	1 485,00 €	1 056,00 €	682,00 €	3 223,00 €

Quadro 27: estimativa de despesas fixas da casa bô. Fonte: elaborado pelo autor.

Para a despesa de água, considerou-se o valor registado no mês de junho, desprezando-se a informação do valor de 50 euros referente ao mês anterior (maio de 2016).



Figura 21: quadro das despesas na casa bô do 1.º andar.
Foto © André Príncipe.

5.2.2. Receitas financeiras e gerais da casa bô

As receitas financeiras da casa bô estão elencadas no Estatuto Social da casa bô, em seu artigo 3.º:

“Constituem receitas da associação, designadamente:

- a) a joia inicial paga pelos associados;
- b) o produto das quotizações fixadas pela assembleia geral;
- c) os rendimentos dos bens próprios da associação e as receitas das actividades sociais;
- d) as liberalidades aceites pela associação;
- e) os subsídios que lhe sejam atribuídos;
- f) os donativos que lhe sejam atribuídos;
- g) o produto de actividades de voluntariado.” (Estatuto Social, 2016, Anexo 2).

Para fins de cálculo de receitas financeiras da casa bô, será utilizado como base principalmente a proveniência das receitas do item “c” do artigo 3.º “os rendimentos dos bens próprios da associação e as receitas das actividades sociais” (Estatuto Social, 2016).

Receitas financeiras – Eventos internos e jantares vegetarianos

Uma vez que não houve possibilidade de acesso ao montante angariado com as actividades sociais e eventos da casa bô no período de outubro de 2015 a agosto de 2016, utilizou-se uma estimativa com base no total de eventos identificados no período de amostragem para verificação dos tipos contagem do número de eventos da casa bô.

Como critério, será estimado para cada evento um valor individual baseado no valor sugerido para o donativo consciente, e o número estimado de público será feito com base numa média feita entre o público identificado nos eventos que foram relatados nos diários de observação, considerando eventuais particularidades que possam interferir numa média mais próxima da realidade do dia-a-dia da associação casa bô

Dessa forma, listou-se os 21 diários de observação⁶³ feitos entre 27 de julho e 28 de agosto, de forma a perceber quais eventos observados poderiam ser utilizados como base para as estimativas. A tabela com os 21 diários está a seguir:

⁶³ Os 21 diários de observação se encontram no Apêndice desta investigação.

Diários de Observação - Estimativa de Receitas Financeiras casa bô							
#	Evento observado	Data	N.º de Pessoas no evento	Valor Donativo Sugerido	Valor potencial a arrecadar	Valor real arrecadado	Percentual arrecadado
1	Jantar macrobiótico	27/jul	19	5,0 €	95,0 €	75,0 €	78%
2	Noite de poesia 1º aniversário	27/jul	40	2,0 €	80,0 €	61,0 €	76%
3	Reconnect DANCE e preparação jantar	01/ago	4	3,0 €	12,0 €	10,0 €	83%
4	Jantar macrobiótico	01/ago	18	5,0 €	90,0 €	66,5 €	73%
5	Concerto Lights One e dança	01/ago	20	3,5 €	70,0 €	não obtido	não obtido
6	Concerto Filipe Antunes e Hélio Flanders	09/ago	19	3,5 €	70,0 €	55,0 €	78%
7	Noite de poesia e contacao de história	10/ago	16	2,0 €	32,0 €	23,0 €	72%
8	Workshop produção de almofadas	12/ago	não se aplica				
9	Descrição casa bô	12/ago	não se aplica				
10	1.ª Missão bô e preparativos Festival bô, parte 1	13/ago	não se aplica				
11	1.ª Missão bô e preparativos Festival bô, parte 2	14/ago	não se aplica				
12	1.ª Missão bô e preparativos Festival bô, parte 3	14/ago	não se aplica				
13	1.ª Missão bô e preparativos Festival bô, parte 4	14/ago	não se aplica				
14	1.ª Missão bô e preparativos Festival bô, parte 5	15/ago	não se aplica				
15	1.ª Missão bô e preparativos Festival bô, parte 6	15/ago	não se aplica				
16	1.ª Missão bô e preparativos Festival bô, parte 7	15/ago	não se aplica				
17	Concerto Musical Manifesto, jantar e festa	21/ago	12	3,0 €	54,0 €	36,0 €	66%
18	Música e fotografia na rua	23/ago	não se aplica				
19	Jantar e concerto na Rés-da-rua	26/ago	não se aplica				
20	Festival bô, parte 1	27/ago	não se aplica				
21	Festival bô, parte 2	28/ago	não se aplica				

Quadro 28: diários de observação, com destaque aos diários eletivos para estimativa de receitas.

Fonte: elaborado pelo autor.

Dos 21 diários, excluiu-se aqueles que não tratavam de eventos com arrecadação por donativo, ou aqueles em que não se foi possível determinar o valor baseado em informações incompletas. Dos seis diários de observação possíveis de uso para as estimativas, dois se referiam a jantares vegetarianos, dois a noites de poesia e dois a concertos. Desta forma, juntou-se os diários e se procedeu uma média simples do número de pessoas que compareceu aos eventos (público), do valor do donativo consciente em cada evento e do percentual efetivamente arrecadado em relação ao donativo consciente sugerido e o número de público presente.

Diários de Observação - Estimativa de Receitas Financeiras casa bô					
#	Evento observado	Data	N.º de Pessoas no evento	Valor Donativo Sugerido	Percentual arrecadado
1	Jantar macrobiótico	27/jul	19	5,0 €	78%
4	Jantar macrobiótico	01/ago	18	5,0 €	73%
Média para estimativa - Jantar Vegetariano			18	5,0 €	76%
2	Noite de poesia 1º aniversário	27/jul	40	2,0 €	76%
7	Noite de poesia e contacao de história	10/ago	16	2,0 €	72%
Média para estimativa - Noite de poesia			28	2,0 €	74%
6	Concerto Felipe Antunes e Hélio Flanders	09/ago	19	3,5 €	78%
17	Concerto Musical Manifesto, jantar e festa	21/ago	12	3,0 €	66%
Média para estimativa - Concerto			15	3,3 €	72%

Quadro 29: diários de observação com os eventos eletivos por tipo e agrupados com as médias simples apuradas. Fonte: elaborado pelo autor.

Feitos os agrupamentos dos diários, chegou-se aos seguintes valores: para os jantares vegetarianos, utilizou-se como base a média de 18 pessoas por evento, um valor fixo de donativo consciente de cinco euros e um percentual de arrecadação médio de 78%. O valor médio de arrecadação foi de 68,40 euros; para as noites de poesia, a média de público foi 28 pessoas, valor do donativo consciente fixo em dois euros, o percentual de arrecadação de 74% e o valor médio de arrecadação total para cálculo ficou em 41,44 euros; para os concertos, a média de público foi de 15 pessoas, o valor sugerido de donativo ficou fixado em 3,3 euros, o percentual de arrecadação foi de 72% e o valor total de arrecadação por evento foi de 35,64 euros. A tabela abaixo sintetiza as estimativas feitas:

Diários de Observação - Estimativa de Receitas Financeiras casa bô				Estimativa
Diários de Observação Estimativa de Receitas Financeiras casa bô	N.º de Pessoas no evento	Valor Donativo Sugerido	Percentual arrecadado	Valor total arrecadado por evento
Média para estimativa - Jantar Vegetariano	18	5,0 €	76%	68,40 €
Média para estimativa - Noite de poesia	28	2,0 €	74%	41,44 €
Média para estimativa - Concerto	15	3,3 €	72%	35,64 €

Quadro 30: estimativa de receitas financeiras da casa bô. Fonte: elaborado pelo autor.

O próximo passo foi calcular a parte para o artista ou colaborador a partir do percentual que fica retido para a associação. A casa bô utiliza um valor percentual para os jantares vegetarianos e outro para os eventos em geral, como os concertos e as noites de poesia. A tabela a seguir aponta os percentuais e escala para cada caso:

Tabela de valores percentuais sociais % de retenção em benefício da casa bô		
Jantar vegetariano	Colaborador	% social retido para casa bô
menos de 50 €	80%	20%
entre 50 e 100 €	60%	40%
mais de 100 €	50%	50%
Eventos em geral: concertos, noites de poesia, etc.	Artista	% social retido para casa bô
Eventos (menos de 20 €)	100%	0%
Eventos (mais de 20 €)	70%	30%

Quadro 31: valores percentuais da retenção em benefício da casa bô.

Fonte: elaborado pelo autor.

Aplicando-se os percentuais da tabela acima (em negrito), os valores em euros arrecadados pela casa bô para cada tipo de evento será:

Diários de Observação Estimativa de Receitas Financeiras casa bô	Estimativa	% social retido para casa bô
	Valor total arrecadado JANTAR	40%
Média para estimativa - Jantar Vegetariano	68,40 €	27,36 €
	Valor total arrecadado EVENTO	30%
Média para estimativa - Noite de poesia	41,44 €	12,43 €
Média para estimativa - Concerto	35,64 €	10,69 €

Quadro 32: estimativa de receita calculada a partir dos diários de observação.

Fonte: elaborado pelo autor.

Definida a estimativa dos valores individuais de arrecadação social de alguns dos principais eventos para fins de sustentabilidade da associação, procedeu-se em seguida a extrapolação da estimativa com base os 178 eventos ocorridos de acordo com as informações obtidas na página da rede social Facebook e extração de dados do *site* de eventos culturais Viral Agenda.

Foram feitas duas grelhas, uma para o cálculo dos eventos e outra para cálculo dos jantares vegetarianos. A grelha com a estimativa dos eventos está disponível a seguir:

Estimativa de Receitas Financeiras - EVENTOS (sede casa bô) - período de out/2015 a ago/2016											
Tipos de eventos (site viral agenda)	Eventos casa bô			ESTIMATIVAS - ARRECAÇÃO EVENTOS							
	TOTAL	Externos	Internos	Donativo consciente sugerido por pessoa	Média de Público por evento individual	TOTAL de público por tipo de evento	Percentual arrecadado por evento	Valor total arrecadado por evento individual	Valor TOTAL arrecadado Total de eventos internos por tipo	Valor arrecadado (artistas) (70%)	% social para sustentabilida de da casa bô (30%)
2 Bem-estar	16		16	3,30 €	15	240	72%	35,64 €	570,24 €	399,17 €	171,07 €
3 Cinema e Video	4		4	2,00 €	28	112	74%	41,44 €	165,76 €	116,03 €	49,73 €
4 Chubbing	3		3	3,30 €	15	45	72%	35,64 €	106,92 €	74,84 €	32,08 €
6 Concertos	56	2	54	3,30 €	15	810	72%	35,64 €	1 924,56 €	1 347,19 €	577,37 €
7 Conferências	2		2	2,00 €	28	56	74%	41,44 €	82,88 €	58,02 €	24,86 €
8 Danças	9		9	3,30 €	15	135	72%	35,64 €	320,76 €	224,53 €	96,23 €
9 Encontros	25	1	24	3,30 €	15	360	72%	35,64 €	855,36 €	598,75 €	256,61 €
11 Festivais	1	1	0	- €	0	0	0%	- €	- €	- €	- €
12 Formação	13		13	3,30 €	15	195	72%	35,64 €	463,32 €	324,32 €	139,00 €
14 Infantil	1		1	3,30 €	15	15	72%	35,64 €	35,64 €	24,95 €	10,69 €
15 Literatura	39		39	2,00 €	28	1092	74%	41,44 €	1 616,16 €	1 131,31 €	484,85 €
19 Outras	6		6	3,30 €	15	90	72%	35,64 €	213,84 €	149,69 €	64,15 €
20 Teatro e Dança	1		1	3,30 €	15	15	72%	35,64 €	35,64 €	24,95 €	10,69 €
21 Tradição	2		2	3,30 €	15	30	72%	35,64 €	71,28 €	49,90 €	21,38 €
Total	178	4	174			3195			6 462,36 €	4 523,65 €	1 938,71 €

Quadro 33: estimativas de receitas financeiras da casa bô, para o período entre outubro 2015 e agosto 2016. Fonte: elaborado pelo autor.

Para a estimativa das receitas financeiras dos eventos da casa bô, utilizou-se como base o número total de eventos internos para os cálculos, uma vez que os eventos externos tiveram outra estimativa e base para o cálculo de receitas. Assim, considerou-se o número de 174 eventos tanto para os eventos quanto para os jantares.

Em relação a tipologia dos eventos, manteve-a base de dados do Viral Agenda, e considerou-se para os tipos de eventos literatura, conferências e cinema e vídeo a média encontrada para os eventos de poesia, e para os demais eventos, utilizou-se como referência os valores de estimativa calculados pelos diários de observação dos eventos. Com a estimativa de público médio de cada tipo de evento, pode-se calcular a estimativa de público total no período, que foi de aproximadamente 3.195 pessoas. O valor total arrecadado em eventos no recorte temporal analisado foi de aproximadamente 6.462 euros. Considerando o coeficiente utilizado para as receitas financeiras de 30% sobre esse valor total, a casa bô arrecadou em eventos aproximadamente 1.938 euros no período analisado de 11 meses, o que dá uma média de 176,25 euros por mês.

Por fim, uma última estimativa pode ser feita, em relação ao valor médio arrecadado por evento e o percentual recebido pelo artista e pela casa bô em euros. Considerando que o valor total aproximado recebido dos 174 eventos foi de 6.462,36 euros, o que corresponde a uma arrecadação bruta por evento de 37,14 euros, esse valor, aplicando a

percentagem de 70%, corresponderá ao valor de 26,00 euros para o artista e os 30% restantes destinados para a manutenção e sustentabilidade da casa bô será em média de 11,14 euros por evento realizado.

Estimativa de Receitas Financeiras - JANTARES VEGETARIANOS (sede casa bô) - período de out/2015 a ago/2016											
Tipos de eventos (site viral agenda)	Eventos casa bô			ESTIMATIVAS - ARRECADAÇÃO JANTARES VEGETARIANOS							
	TOTAL	Externos	Internos	Donativo consciente sugerido por pessoa	Média de Público por jantar individual (50% de 18)*	TOTAL de público por tipo de evento	Percentual arrecadado por jantar	Valor total arrecadado por jantar individual	Valor TOTAL arrecadado Montante dos jantares	Valor arrecadado pelos Colaboradores (60%)	% social para sustentabilidade da casa bô (40%)
2 Bem-estar	16		16	5,00 €	9	144	76%	34,20 €	547,20 €	328,32 €	218,88 €
3 Cinema e Video	4		4	5,00 €	9	36	76%	34,20 €	136,80 €	82,08 €	54,72 €
4 Chubbing	3		3	5,00 €	9	27	76%	34,20 €	102,60 €	61,56 €	41,04 €
6 Concertos	56	2	54	5,00 €	9	486	76%	34,20 €	1 846,80 €	1 108,08 €	738,72 €
7 Conferências	2		2	5,00 €	9	18	76%	34,20 €	68,40 €	41,04 €	27,36 €
8 Danças	9		9	5,00 €	9	81	76%	34,20 €	307,80 €	184,68 €	123,12 €
9 Encontros	25	1	24	5,00 €	9	216	76%	34,20 €	820,80 €	492,48 €	328,32 €
11 Festivais	1	1	0		9	0		- €	- €	- €	- €
12 Formação	13		13	5,00 €	9	117	76%	34,20 €	444,60 €	266,76 €	177,84 €
14 Infantil	1		1	5,00 €	9	9	76%	34,20 €	34,20 €	20,52 €	13,68 €
15 Literatura	39		39	5,00 €	9	351	76%	34,20 €	1 333,80 €	800,28 €	533,52 €
19 Outras	6		6	5,00 €	9	54	76%	34,20 €	205,20 €	123,12 €	82,08 €
20 Teatro e Dança	1		1	5,00 €	9	9	76%	34,20 €	34,20 €	20,52 €	13,68 €
21 Tradição	2		2	5,00 €	9	18	76%	34,20 €	68,40 €	41,04 €	27,36 €
Total	178	4	174			1 566			5 950,80 €	3 570,48 €	2 380,32 €
* Considerou-se a metade da média de pessoas nos jantares vegetarianos da estimativa (9 pessoas ao invés de 18), pela premissa de que houve em média 1 jantar para cada 2 eventos, conforme declarações nas entrevistas e coleta de dados dos diários de observação											

Quadro 34: estimativa de receitas financeiras dos jantares vegetarianos da casa bô, para o período entre outubro 2015 e agosto 2016. Fonte: elaborado pelo autor.

Para os jantares vegetarianos, utilizou-se as mesmas premissas do número de 174 eventos internos, dos valores de donativo consciente de 5,00 euros (valor fixado e mantido desde a inauguração da associação), e a aplicação do valor percentual de arrecadação por volta dos 76%, conforme calculado em estimativa com as observações anotados nos diários do apêndice desta investigação.

Em relação ao número médio de pessoas dos jantares vegetarianos, aplicou-se um ajuste para refletir uma variável a ser considerada na estimativa dos jantares em relação ao número total de eventos internos. Conforme as observações feitas em diário de observação, em parte dos eventos ocorridos não houve o jantar vegetariano. Dessa forma, optou-se por considerar para os cálculos da estimativa a ocorrência de um jantar a cada dois eventos. Para se manter uma conta aproximada em relação aos tipos de eventos, optou-se por ajustar o número de participantes nos jantares, reduzindo o número de 18 pessoas para nove, uma redução de 50% que equivale ao ajuste pretendido.

Considerando as premissas acima, verificou-se um público total nos jantares vegetarianos de 1.566 de pessoas. O montante arrecadado em 87 (50% de 174 eventos) jantares estimados foi de 5.950,80 euros (correspondendo a 68,40 euros já calculados previamente em tabela anterior).

O valor atribuído aos colaboradores que realizaram as refeições, considerando o percentual de 60% do montante foi de 3.570,48 euros e a associação casa bô teve a arrecadação de 40% do montante, na ordem de 2.380,32 euros.

No valor dos jantares, não foram incluídas outras receitas como cafés, sobremesas e bebidas, que são cobradas a parte e não houve condições de se estabelecer um parâmetro viável para este tipo de estimativa.

Da mesma forma, algumas despesas variáveis como gás de cozinha, óleo, e outros insumos não foram considerados por falta de informações para as estimativas e pelo fato de boa parte desses itens serem adquiridos pela associação como fruto de doações entre os membros da família bô e dos colaboradores que preparam as refeições.

Além das receitas provenientes dos eventos internos e das atividades sociais da sede, a casa bô tem outras possibilidades de fontes de receitas esporádicas, a saber:

Receitas financeiras – Eventos externos

Dos eventos externos identificados no Capítulo 3, item 3.8.2, houve dois deles em que a associação bô obteve receitas financeiras: a Festa de São João e o Festival bô.

Festa de São João:

Na festa de São João, houve uma iniciativa conjunta com a Junta de Freguesia do Bonfim que permitiu que a casa bô montasse uma barraca de comidas típicas em uma das praças do Bonfim no dia de celebração de São João. Essa ação teve a participação de cerca de 20 membros da família bô e um lucro bruto de cerca de 1.500 euros e saldo líquido de cerca de 750 euros que foram revertidos em prol da associação casa bô.

Festival bô em Amarante:

O Festival bô que ocorreu em Amarante, como já descrito no Capítulo 3 teve cerca de 290 bilhetes vendido por 10 euros por dia ou a 25 euros para os três dias de festival. Contou com uma arrecadação de cerca de 5.500 euros e com a venda de bilhetes, receita do bar, etc., e despesas gerais em torno de 4.000 euros, gerando um saldo de aproximadamente 1.500 euros

Crowdfunding

A casa bô tentou no início de 2016 lançar uma campanha para iniciar as obras de revitalização da sede da associação e optou por abrir uma campanha de financiamento coletivo com a finalidade de consertar a claraboia da sede, com um custo estimado em aproximadamente 7.000 euros.

Houve a fixação de um cartaz no rés-de-chão da associação ao pé da escada para consciencialização da campanha, porém, por falta de iniciativas para montagem de um conteúdo publicitário adequado, a iniciativa não chegou ainda a ser efetivada por meio das redes sociais ou com a criação de uma conta online para esse fim.

Receitas gerais – Doações

Além das iniciativas com retorno monetário, a casa bô tem parte de suas receitas recebidos por meio de donativos, que são ou utilizados na associação agregados ao ativo imobilizado da sede, ou vendidos nos casos em que não tiver serventia para aproveitamento na sede social.

Antes da inauguração da associação, o Sr. Ângelo Lopes enviou um e-mail com uma lista de doações⁶⁴ necessárias para satisfazer as necessidades básicas da sede social e boa parte dos móveis que hoje se encontram na associação foram angariados por meio de doações de particulares.

5.2.3. Comparação entre as receitas e as despesas

Descritas as receitas e as despesas, passa-se agora para a verificação da sustentabilidade financeira da associação cultural casa bô.

⁶⁴ A lista de donativos necessários para a sede social da casa bô pode ser encontrada no Anexo 4 desta investigação.

Estimativa de Receitas financeiras e despesas fixas casa bô Período: outubro de 2015 a agosto de 2016		
Receitas de iniciativas regulares Eventos internos	Concertos e outros eventos	1 938,71 €
	Jantares vegetarianos	2 380,32 €
	TOTAL	4 319,03 €
Receitas de iniciativas esporádicas Eventos externos	Festival bô	1 500,00 €
	Festa São João	700,00 €
	TOTAL	2 200,00 €
Despesas fixas	Arrendamento	1 485,00 €
	Água	1 056,00 €
	Energia elétrica	682,00 €
	TOTAL	3 223,00 €
Saldo: Estimativa 1 (sem considerar receitas esporádicas)	Receitas regulares	4 319,03 €
	Despesas fixas	3 223,00 €
	TOTAL	1 096,03 €
Saldo: Estimativa 2 (considerando receitas esporádicas)	Receitas regulares	4 319,03 €
	Receitas esporádicas	2 200,00 €
	Despesas fixas	3 223,00 €
	TOTAL	3 296,03 €

Quadro 35: quadro resumo de receitas e despesas casa bô. Fonte: elaborado pelo autor.

Procurou-se estabelecer dois cenários possíveis para se verificar a sustentabilidade financeira da associação casa bô. No primeiro cenário, considerou-se apenas as receitas de atividade regulares na sede social da casa bô, a fim de verificar se a associação possui autonomia e estabilidade financeira apenas com as ações executadas dentro de suas instalações. Verificou-se nesse cenário um *superavit* de cerca de 1.096 euros, após a amortização das despesas fixas na ordem de 3.223 euros.

No segundo cenário, considerou-se as receitas de iniciativas externas para se verificar a importância dessas ações externas não somente pelo seu cariz cultural e social de expansão das fronteiras dos objetivos da casa bô, como também verificar o impacto que estas ações possuem no fluxo de caixa da associação. Verificou-se que nesse cenário a associação cultural não somente atinge a sustentabilidade financeiro ao saldar as despesas fixas, como atinge um *superavit* bem superior em relação ao primeiro cenário, com um saldo de aproximadamente 3.296 euros.

Conclui-se que o modelo de negócio atual da casa bô é sustentável do ponto de vista financeiro, o que é um passo importante para a manutenção de suas ações e finalidades no presente e futuro. Porém, é preciso considerar muitas outras despesas variáveis e estimativas que possam ser feitas com informações mais acuradas de forma a se estabelecer uma não só sustentabilidade como também estabilidade para a promoção de um planejamento mais efetivo do excedente financeiro em prol de atividades, novos projetos sociais e reinvestimento na melhoria das condições físicas da sede, que depende de reabilitação do imóvel como uma de suas condições contratuais.

5.2.4. Registo contabilístico

Uma das ações necessárias das organizações sem fins lucrativos é a sua transparência financeira e contabilística para facilitar e promover uma prestação de contas mais fiável a sociedade.

A associação casa bô assume esse compromisso de transparência de suas atividades em seus Estatuto Social (2016) no artigo 2.º que dispõe sobre a finalidade da associação, no item 2 “de acordo com os princípios da Economia Social, de transparência contabilística e financeira, e no sentido do desenvolvimento da consciência nos juízos de valor, pretendemos trabalhar, sempre que possível, com o voluntariado, donativo ou contribuição consciente, como base da sustentabilidade financeira do projecto”.

Corroborando nesse sentido da importância da temática de prestação de contas das associações (e demais organizações sem fins lucrativos), Azevedo *et al.* escreve sobre o assunto: “As organizações sem fins lucrativos têm que fazer valer o seu valor...investindo ao mesmo tempo fortemente na profissionalização da sua gestão. Parte desse processo de profissionalização é a aposta clara na transparência” (2010, p. 25).

As ESNL trabalham em benefício da coletividade e há uma expectativa da sociedade com quem a associação celebrou um contrato, nesse caso o Estatuto Social (2016), que dá vida jurídica na figura da pessoa coletiva que se cria, ratificando sua existência perante os indivíduos, outras pessoas coletivas e a sociedade em geral.

Nesse sentido, é mister que organizações dessa natureza possuam índole fiscal, em que se “sedimenta uma relação que permite que pessoas e entidades doem dinheiro e bens,

confiantes na sua boa utilização...a organização deve procurar sempre ser “*accountable*”⁶⁵ – responsável e prestadora de contas” (Azevedo *et al.*, 2010, p. 26).

É importante ainda destacar que o termo responsabilidade social vai bem além da transparência nas prestações de contas. Como expõe novamente Azevedo *et al.*, “as organizações sem fins lucrativos têm uma tripla responsabilidade – económica, ambiental e social” (Azevedo *et al.*, 2010, p. 26).

Do ponto de vista económico, a primeira preocupação que se tem é com a sua autossuficiência ou sustentabilidade, o que a casa bô por meio das estimativas feitas neste trabalho aparenta cumprir, uma vez que não foi suscitado o levantamento de nenhuma dívida em aberto em relação às despesas da associação por meio das entrevistas feitas. Essa autossuficiência é importante para que a associação possua autonomia para a condução de seus objetivos sociais.

Do ponto de vista ambiental, que inclusive a casa bô possui essa responsabilidade não apenas de maneira implícita, como também em seu Estatuto Social (2016) como um dos pilares de atuação, as organizações sem fins lucrativos em geral devem “definir formas de contribuir para a sustentabilidade do planeta, reflectindo sobre essa dimensão ao nível da organização em si, e dos projectos em que participa como parceira”. A casa bô nesse aspeto atua de forma ativa, promovendo iniciativas de consciencialização ambiental, seja por meio de iniciativas de permacultura, como a horta vertical instalada na associação como forma de criar meios de autossuficiência alimentar em seus jantares sociais, seja por meio de oficinas, conferências e apresentação de documentários de iniciativa ambiental, ou mesmo nos eventos mais recentes externos, como a 1.^a missão casa bô em Aboadela, ou o Festival bô em Amarante, ambos com uma preocupação de aproximação maior e contato com a natureza, além dos objetivos sociais de promoção de cultura e solidariedade social.

Do ponto de vista social, Azevedo *et al.* aponta para a necessidade de a organização olhar para a questão do próprio bem-estar dos seus associados, e em relação ao seu público verificar a melhor forma de atender às suas necessidades e expectativas (2010, p. 26). Nesse prisma, a associação casa bô cumpre seu papel com primazia, uma vez que

⁶⁵ A palavra *Accountable* tem origem no anglo-saxão *Accountability*, que pode ser traduzido para a Língua Portuguesa como “Prestação de Contas” no contexto contabilístico (Azevedo *et al.*, 2010, p. 25).

não há apenas um clima de ambiente associativo naquele lugar, há algo que transcende as relações de amizade dos membros de uma organização regular.

A casa bô nutre e promove um sentimento de pertença e família entre seus membros associados, de forma que faça com que eles mesmos gostem e prefiram ser chamados assim, como uma família, a família bô. Em relação ao seu público, a casa bô tem em seus valores a inclusão e coesão social, e todos que se aproximam são tratados sem diferenças e preconceitos, e da mesma forma são verificadas formas de equidade no atendimento das pessoas mais desamparadas ou que possuem mais necessidades, como foi verificado em diversas ações apontadas nos 21 diários de observação⁶⁶.

Retomando a questão da importância da transparência financeira, a casa bô nessa questão precisa encontrar meios de aperfeiçoar seu controle e gestão de fluxo de caixa. Percebeu-se durante a fase de recolha de dados, nas entrevistas e nos diários de observação que não há um membro associado específico que seja responsável pelo controle e fluxo de informações referentes ao controle de caixa da associação casa bô. A maioria das movimentações financeiras e recolha dos donativos conscientes são feitos por diferentes membros da família bô, na medida da disponibilidade que cada um possui para estar presente na associação para abertura, recepção do público e artistas e posterior fechamento do local.

Há amostras e indícios da preocupação da transparência financeira como o quadro negro no corredor do primeiro andar da casa que possui indicações sobre os gastos fixos mensais da associação. Um dos problemas reside na manutenção dessas informações, uma vez que durante os três meses de recolha de dados deste trabalho não houve atualizações dos gastos de água e luz, ficando no quadro anotadas as informações desatualizadas referentes ao mês de junho de 2016 durante os meses de julho, agosto e setembro.

Sem que haja um controle de receitas e despesas da associação, a casa bô cria limitações para o planejamento de projetos futuros e pode encontrar dificuldade em conseguir apoios financeiros na medida que fica impossibilitada de comprovar a necessidades de capital e recursos para seus projetos. Da mesma maneira, pode encontrar barreiras e resistências para novas doações uma vez que a transparência das operações é uma das melhores formas de se angariar tais recursos.

⁶⁶ Diários que se encontram disponíveis no Apêndice 4 deste trabalho.

As entidades ESNL possuem uma “responsabilidade especial de autorregulação” (Azevedo et al., 2010, p. 26), na medida em que as organizações sem fins lucrativos não possuem a mesma dinâmica competitiva e acirrada das empresas de mercado em que a gestão estratégica é condição *sine qua non* na maioria dos casos para a sobrevivência do negócio.

Resta evidente que não falta motivação e interesse da associação para a consecução desse fim, uma vez que é a casa bô é uma associação muito vocacionada e direcionada para seu crescimento e ampliação de seu fim social. Falta apenas um pouco mais de equilíbrio entre a atenção que seus membros dão às atividades meio e atividades fim, nada que não se ajuste com a qualificação de algum dos membros para dedicar um pouco mais de energia nesta tarefa, a fim de trazer a transparência necessária para que não se suscite nenhuma sombra de dúvida quanto a idoneidade e os objetivos aos quais a casa bô se propõe perante a sociedade.

5.3. Captação de recursos – apoios regionais e europeus

Como foi citado no Capítulo 4, item 4.8, uma das funções das organizações sem fins lucrativos é de inovação. Porém, para inovar, na maioria dos casos são necessários recursos (leia-se recursos financeiros). Uma associação cultural como a casa bô pode criar esses recursos, como já visto no capítulo anterior.

As fontes de recursos da casa bô são em sua maioria para satisfazer a sustentabilidade financeira da sede, e o excedente vem sendo e será aos poucos reinvestido em melhorias estruturais da sede como forma de atendimento do projeto de reabilitação urbana a que se destina um dos objetivos da associação cultural, fruto de acordo firmado em contrato com o proprietário do imóvel.

Todavia, para se inovar é preciso ter investimentos em escala e são necessários recursos além dos próprios gerados no caso da associação casa bô. Para isso, a casa bô precisará atrair esses novos recursos, e a seguir serão vistas as possíveis alternativas para essas fontes de inovação para o terceiro setor.

Em relação aos investimentos europeus na área dos serviços culturais, cuja área se localiza uma das finalidades sociais das associações culturais como a casa bô, de acordo com o relatório sobre a criação de crescimento – medindo mercados culturais e criativos na União Europeia (Ernst & Young, 2014, p. 25), aponta que há uma pressão dos governos

para a redução de gastos públicos na União Europeia, e que algumas partes da economia como a economia criativa e seus setores são apoiados por incentivos financeiros e fiscais. Porém, o quadro abaixo da Eurostat – Gabinete de Estatísticas da União Europeia regista que os gastos e investimentos no setor cultural aumentaram mais de 5% entre 2003 e 2008, e que vem se mantendo estável, com uma pequena queda de 1% de 2008 a 2012, e que o montante de investimentos na área cultural superou os 62 bilhões de euros.

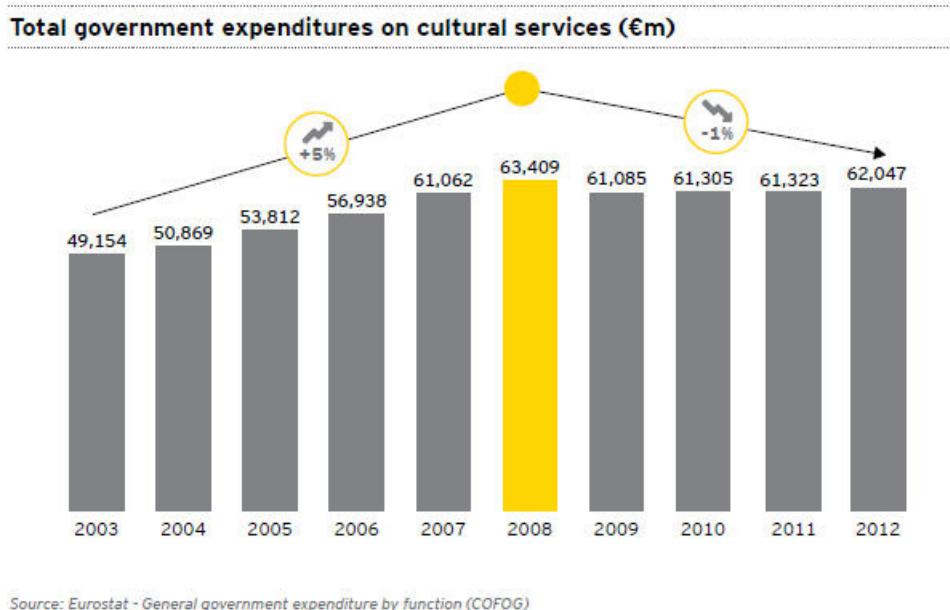


Figura 22: gastos e investimentos no setor cultural na União Europeia, entre 2003 e 2012 (Ernst & Young, 2014, p. 25).

Dessa forma, é importante para o setor cultural e as organizações sem fins lucrativos ligados à cultura procurar formas de usufruir de apoios europeus e outras formas de investimentos para captação de recursos que satisfaçam projetos dentro do seu âmbito de atuação social, no caso da associação casa bô projetos ligados à arte e cultura, ambiente e solidariedade social.

Nesse sentido, fez-se uma procura por iniciativas de apoios europeus⁶⁷ e lista-se abaixo uma série projetos que podem ser planeados por associações culturais como forma de angariação de recursos para ações que fomentem as finalidades e objetivos da casa bô.

⁶⁷ Regista-se aqui uma nota de agradecimento para a empresa de consultoria de projetos Gestão de Topo, na pessoa do CEO da empresa, o Sr. António Luís Ferreira, que ao ser procurado para auxiliar na recolha de dados primários sobre os apoios europeus, gentilmente forneceu o material que serviu de fonte primária para a análise e contextualização da série de projetos disponíveis potencialmente cabíveis para as organizações sociais sem fins lucrativos como a associação cultural casa bô. O resumo deste material está disponível no Anexo 6.

Programa Portugal 2020

Entre os programas existentes na Europa, o de maior extensão é o Portugal 2020. Trata-se de um acordo entre Portugal e a Comissão Europeia com atuação em cinco fundos europeus para estruturação e investimentos nas áreas de políticas de desenvolvimento económico, territorial e social. O período do programa vai de 2014 a 2020, o que originou seu nome.

O programa Portugal 2020⁶⁸ por sua vez, originou-se da estratégia Europa 2020⁶⁹, que se destina ao crescimento e emprego do continente. Os objetivos principais de atuação são os domínios do emprego, alterações climáticas e energia, investigação e desenvolvimento, redução da pobreza e educação e inclusão social (estes dois últimos de maior interesse para fins de captação de recursos na área social).

O programa Portugal 2020 tem quatro prioridades de intervenção em domínios temáticos. São eles: a competitividade e internacionalização; capital humano; sustentabilidade e eficiência de recursos e; inclusão social e emprego. Neste último, estão os apoios que mais abrem oportunidade para organizações sem fins lucrativos como as associações culturais dentro dos programas operacionais possíveis.

Dos 16 programas operacionais do Portugal 2020, serão vistos a seguir os apoios do programa operacional temático no continente sobre inclusão social e emprego.

⁶⁸ Informações detalhadas podem ser consultadas no *website* do programa Portugal 2020, <https://www.portugal2020.pt/Portal2020/o-que-e-o-portugal2020>, acedido em 26 setembro 2016.

⁶⁹ As regras do programa estão disponíveis no *website* Europa 2020, http://ec.europa.eu/europe2020/europe-2020-in-a-nutshell/index_pt.htm, acedido em 26 setembro 2016.

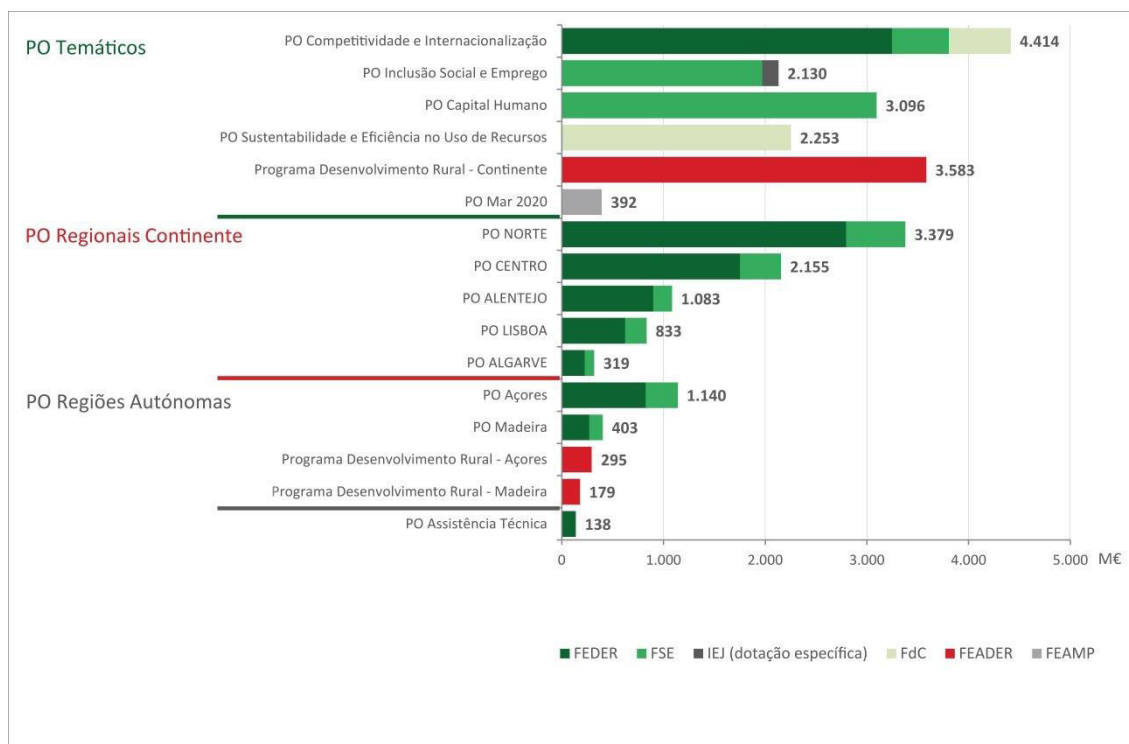


Figura 23: os 16 programas operacionais de apoios europeus do Portugal 2020. Fonte: *website Portugal 2020*⁷⁰.

Como se vê na tabela, o PO ISE - programa operacional de inclusão social e emprego tem oportunidades de apoios e investimentos europeus na ordem dos dois mil cento e trinta milhões de euros. Dentro do PO ISE⁷¹, há quatro eixos prioritários: 1. Promoção da sustentabilidade e a qualidade do emprego; 2. Iniciativa emprego jovem; 3. Promoção da inclusão social e combate da pobreza e discriminação e 4. Assistência Técnica.

⁷⁰ Portugal 2020, <https://www.portugal2020.pt/Portal2020/o-que-e-o-portugal2020>, acedido em 26 setembro 2016.

⁷¹ A apresentação do programa detalhada pode ser encontrada no *Website Portugal 2020*, https://www.portugal2020.pt/Portal2020/Media/Default/Docs/Programas%20Operacionais/BROCHURA%20PO/Portal2020_PO%20ISE.pdf, acedido em 26 setembro 2016.

Financiamento por Eixo e por Componente

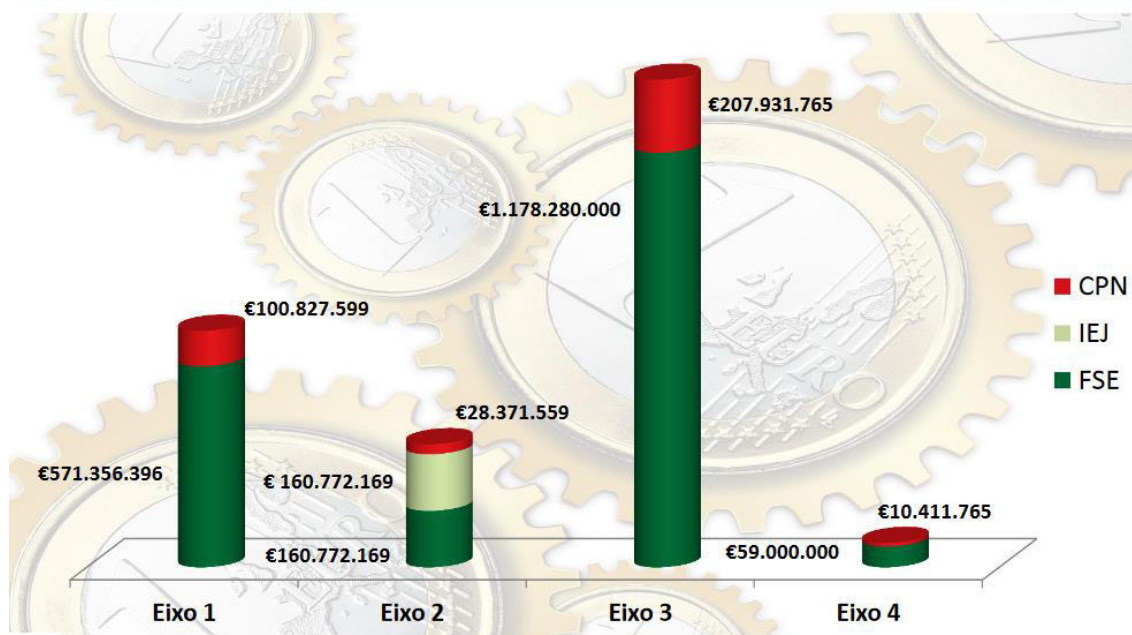


Figura 24: dotação orçamentária dos quatro eixos do PO ISE.

Fonte: *website* Portugal 2020⁷².

Dos quatro eixos do PO ISE, o que possui maior dotação orçamentária é o eixo três (promoção da inclusão social), justamente onde se encaixam oportunidades de projetos para as organizações sem fins lucrativos como a casa bô. Abaixo estão listadas de forma resumida as sete medidas potencialmente cabíveis e um detalhamento sobre as 18 tipologias de operações.

⁷² Portugal 2020.

[https://www.portugal2020.pt/Portal2020/Media/Default/Docs/Programas%20Operacionais/BROCHURA S%20PO/Portal2020_PO%20ISE.pdf](https://www.portugal2020.pt/Portal2020/Media/Default/Docs/Programas%20Operacionais/BROCHURA%20PO/Portal2020_PO%20ISE.pdf) , acedido em 26 setembro 2016.

Medida	Tipologias de operações
Acesso ao emprego	Apoio técnico à elaboração, monitorização de execução e avaliação dos planos para a igualdade
Formação	Formação modular para empregados e desempregados Formação modular para desempregados de longa duração Capacitação para a inclusão Cultura para Todos Formação e sensibilização para um voluntariado de continuidade Formação de públicos estratégicos Formação de técnicos especializados Sensibilização e (in)formação de suporte às reformas nos serviços sociais e de saúde
Grupos específicos	Inserção socioprofissional da comunidade cigana Projeto de mediadores municipais interculturais
Serviços e resposta	Idade Mais
Modernização e abordagens	Contratos Locais de Desenvolvimento Social
Inovação social	Programa de capacitação para o investimento social Programa de parcerias para o impacto Títulos de Impacto social
Investimento na área dos equipamentos sociais e da saúde	Investimento na área dos equipamentos sociais

Quadro 36: resumo das possíveis medidas cabíveis para a casa bô (vide Anexo 6). Fonte: elaborado pelo autor.

Demais informações sobre como as demais tipologias das medidas que não se encaixam para as ESNL, e o detalhamento das medidas cabíveis como as ações, beneficiários e apoios estão disponíveis no anexo e estão destacadas das demais medidas.

Portarias n.º 57-A e B/2015

As Portarias n.º 57-A e B/2015 tratam da regulamentação específica do Portugal 2020 e em sua Secção 17, nos artigos 113.º a 118.º, dispõem sobre os apoios específicos para promover a conservação e valorização do Património cultural e natural.

Destaca-se aqui o artigo 114.º, sobre a tipologia das operações:

“1 — São elegíveis as operações que se enquadrem numa das seguintes tipologias:

a) Património Cultural:

i) Inventariação, divulgação e animação do património e da rede de equipamentos culturais;

...

iv) Apoio à realização de eventos associados ao património, à cultura e a bens culturais, com elevado impacto em termos de projeção da imagem da região, através da programação em rede a nível intermunicipal e ou regional sempre que adequado;

v) Organização e promoção de eventos com impacto internacional;

...

viii) Capacitação dos agentes de gestão de bens culturais e naturais para a valorização económica desses mesmos bens.” (“Portaria n 57-A e B/2015,” n.d.).

Parte das tipologias do artigo são cabíveis para projetos por organizações sociais sem fins lucrativos como a casa bô, a depender do escopo e motivação do projeto no sentido de enquadramento com os parâmetros legais.

O artigo 115.º trata dos beneficiários dos apoios de que trata a Secção 17 e ratifica as associações culturais em seu âmbito no item “f) Entidades privadas sem fins lucrativos” (“Portaria n 57-A e B/2015,” n.d.).

Programa Europa Criativa

O Europa Criativa⁷³ é um outro programa da União Europeia. A diferença deste para o Portugal 2020 é que o apoio é mais específico para as áreas culturais e criativas. O orçamento do Europa Criativa é de mais de um mil milhões de euros.

O programa tem duas frentes principais, sendo uma a cultura e outra a área de médias. No plano da cultura há quatro linhas de apoio possíveis: projetos de cooperação europeia, projetos de tradução literária, apoio a redes europeias e apoio a plataformas europeias.

Via de regra, este tipo de programa possui mais barreiras à entrada, uma vez que a maior parte dos apoios está ligada com projetos em âmbito internacional. Por outro lado, é uma forma de tirar as organizações do seu âmbito de operação local para pensar em novos paradigmas e incentivar projetos transnacionais. Adicionalmente, é uma alternativa para as ESNL que tenham essa oportunidade de projetos internacionais dentro de seus objetivos.

O programa projetos de cooperação europeia por exemplo, tem como objetivos auxiliar e promover organizações culturais e criativas para trabalhar em contextos transnacionais dentro e fora da Europa. Pretende criar oportunidades de mobilidade de agentes culturais criativos e promover o seu desenvolvimento individual por meio de competências e empoderamento para reforçar o setor cultural. Além disso, tem a intenção de promover novas políticas públicas na ampliação de acesso e interesse à cultura.

Dentre os critérios de elegibilidade para concorrer ao apoio, a organização necessita ser do setor cultural e criativo, possuir dois anos de existência e ser uma entidade sem fins lucrativos (além de manter intenção de se relacionar com entidades internacionais de acordo com os critérios do programa).

⁷³ Programa completo disponível em Europa Criativa, <http://www.europacriativa.eu/>, acedido em 26 setembro 2016.

Percebe-se que exceto pelo critério de tempo de funcionamento, a associação cultural casa bô seria elegível para concorrer a este tipo de candidatura e apoio.

Muitos dos apoios existentes como esse acabam por não ser considerados muitas vezes por falta de conhecimento de sua existência ou de entraves iniciais como a falta de conhecimento de como montar uma candidatura viável. Por serem uma entidade sem fins lucrativos acabam por não arriscarem o acesso aos escritórios de projetos e consultorias específicas neste tipo de trabalho, deixando de concorrer a emergentes oportunidades de alavancar os projetos sociais de sua entidade.

Direcção-Geral das Artes

A Direcção-Geral das Artes⁷⁴ tem como objetivos promover as diversas manifestações artísticas, bem como dar maior dinamismo às indústrias e equipamentos culturais, incluindo as organizações sem fins lucrativos que operam na área cultural, como a casa bô.

Por meio de financiamentos públicos, promove financiamento de projetos que “contribuam para projetar nacional de internacionalmente a criatividade e inovação artísticas e desenvolver a sensibilidade e o pensamento crítico das populações, promovendo, assim, a sua qualificação e a coesão social.

Os apoios promovidos pela Direcção-Geral advém de incentivos financeiros pelo Estado regulamento pelo Decreto-Lei n.º 225/2006, de 13 de novembro⁷⁵ para entidades sem fins lucrativos que exerçam atividades nas áreas que a associação casa bô promove arte e cultura, como artes plásticas, dança, fotografia, música, teatro, e seus cruzamentos artísticos (pode-se dar como exemplo a noite de poesia, em que se declamam poemas originais ou de autores renomados com interação de música, dança ou teatro).

Dentre os 11 objetivos gerais do órgão, destacam-se aqui os seguintes:

“...

2. Fomentar a descentralização e dinamização da oferta cultural, corrigindo as assimetrias regionais e promovendo a atividade artística como instrumento de desenvolvimento económico e de qualificação, inclusão e coesão sociais;
3. Promover a pesquisa, a experimentação, a criação e a inovação artísticas;
4. Fomentar a partilha de responsabilidades do Estado com os agentes culturais, nomeadamente através das autarquias locais e outras entidades, públicas e privadas, de modo a estimular os investimentos locais na criação, produção e difusão das artes;

⁷⁴ Direcção-Geral das Artes, <https://www.dgartes.pt>, acedido em 26 setembro 2016.

⁷⁵ Decreto alterado pelo Decreto-Lei n.º 196/2008, de 6 de outubro.

...

8. Incentivar a produção artística em rede;

...

11. Articular as artes com outras áreas setoriais, designadamente educação, ciência e tecnologia, ambiente e ordenamento do território, turismo e solidariedade social”
Direção-Geral das Artes⁷⁶.

Destacou-se esses objetivos gerais da Direção-Geral das Artes, uma vez que estão em sintonia com o tipo de apoio que associações culturais como a casa bô necessitam para melhorar e aumentar sua oferta de arte e cultura, na medida dos apoios e incentivos que conseguir captar. Adicionalmente, especificamente o item 3 ressalta a importância do incentivo à criatividade artística (e do artista) que o Estado deseja promover para inovações artísticas e o desenvolvimento da arte e cultura como um todo.

Existem diversos tipos e modalidades de apoio, como os apoios diretos quadrienais, apoios bienais, apoios anuais, apoios pontuais, apoios indiretos (acordos tripartidos), apoio à internacionalização, etc. Cada modalidade e tempo de duração dependerá das regras específicas definidas pelo Decreto-Lei n.º 196/2008, de 6 de outubro, pela Portaria n.º 1189-A/2010, de 17 de novembro e pelo Regulamento de Apoio à Internacionalização das Artes.

5.4. A casa bô e a Inovação Social

As associações culturais, pautadas no rol das organizações sem fins lucrativos que compõem o terceiro setor, têm na ação social e em suas finalidades estatutárias a motivação que as impulsiona a cumprir seu papel muitas vezes de Sociedade-providência, ao desempenhar funções que originalmente estão sob o óbice do Estado.

Uma característica comum entre as associações culturais e as demais organizações sem fins lucrativos é a escassez de recursos. A falta de apoio estatal e a própria natureza dessas instituições voltadas aos serviços sociais sem o objetivo de lucro, faz com que mais do que quaisquer outras instituições “a otimização da combinação dos meios disponíveis e a procura do máximo impacto possível da intervenção devem ser preocupações permanentes das organizações do terceiro setor” (Azevedo *et al.*, 2010, p. 7).

⁷⁶ “Apoio às Artes”, Direção-Geral de Arte.

<https://www.dgartes.pt/contents.php?month=9&year=2016§ionID=27§ionParentID=&lang=pt>,
acedido em 26 setembro 2016.

Apesar das vantagens que essas organizações sem fins lucrativos têm em função dos custos reduzidos muitas vezes pela mão de obra acessível e livre de ônus financeiros, “por mais importante, valioso e meritório que seja o voluntariado, o setor não lucrativo não pode estruturar-se e desenvolver-se apenas com base em boas vontades” (Azevedo *et al.*, 2010, p. 7).

A questão da inovação social tem se mostrada cada vez mais importante, uma vez que a União Europeia, dentre as estratégias de modernização e crescimento dos países que a compõem, classifica a inovação como uma das ferramentas mais importantes para se abordar os desafios sociais emergentes.

A inovação social, tem como uma de suas premissas evitar a fragilização da coesão social, e consequentemente da solidariedade social como um todo, uma das tarefas das organizações não lucrativas que assumem esse papel que deve competir à toda a sociedade. Nesse prisma, a casa bô demonstra seguir um caminho nessa direção da inovação social como agente de sustentabilidade social e de maximizador de oportunidades e competências da associação em função das finalidades que almeja desempenhar.

Azevedo *et al.* afirma que as organizações sem fins lucrativos têm além de suas finalidades, outras funções, sendo uma delas a inovação, uma vez que enquanto as empresas têm a imposição do lucro como condição *sine qua non*, as associações como a casa bô como não tem esse compromisso do lucro como condição de existência, têm mais espaço e podem arriscar e investir em novas ideias e novas abordagens em procura de novas soluções e inovações sociais (Azevedo *et al.*, 2010, p. 21).

A seguir, estão listadas algumas das iniciativas que foram identificadas como inovadoras ou projetos com potencial inovador que foram mapeados durante a fase de recolha de dados e análise desta investigação.

5.4.1. Rede colaborativa comunitária

Uma boa medida para inovar socialmente é a partir da soma de esforços voluntários em prol de uma mesma causa. Verificou-se que há uma série de organizações sem fins lucrativos numa mesma zona geográfica, espalhadas em diferentes comunidades locais. No caso da cidade do Porto, pode-se citar as associações culturais utilizadas na amostragem como um exemplo.

A casa bô, localizada na Freguesia do Bonfim, o Espaço Compasso e a Rés-da-rua na Freguesia da Cedofeita, e a Casa da Horta da zona da Ribeira estão situadas em diferentes comunidades e prestam serviços em muitos casos ao público com maior proximidade física de cada local. Porém, pela sua natureza associativa cultural em comum, essas associações mantêm contatos próximos umas com as outras e partilham experiências, saberes e sinergias em diversas ocasiões e atividades. Sobre essa questão, Azevedo *et al.* descreve que a “partilha de conhecimento é um dos primeiros passos para Inovarmos Socialmente” (2010, p. 8).

Esse grupo de associações atua em conjunto em atividades como a partilha de recursos em diferentes sentidos. Um exemplo é a indicação de artistas de fora do Porto que estão de passagem pela cidade e procuram por espaços para apresentar sua arte. Por exemplo, o duo brasileiro Musical Manifesto iniciou viagem pela Europa em maio. Estiveram em Dublin, Berlim, alguns locais em França, passaram pela Espanha e decidiram vir para Portugal depois de um primeiro contato com uma associação cultural em Braga, a Sol em Movimento⁷⁷. Em caminho para Portugal, tiveram uma mudança de planos e resolveram vir diretamente ao Porto. A Sol em Movimento indicou a casa bô no Porto⁷⁸, e dias depois na mesma semana, o duo conseguiu se apresentar na Rés-da-rua e na Casa da Horta apenas com as indicações que cada associação fez uma para a outra.

Esse tipo de sinergia é benéfico tanto para as associações no sentido de que conseguem captar mais artistas para apresentações com esse tipo de partilha e também benéfico para o artista de passagem pelo Porto, que tem a oportunidade de otimizar sua agenda de concertos (no caso do duo Musical Manifesto), e ao mesmo tempo gera mais economia social entre as organizações.

Segue um trecho da entrevista⁷⁹ que foi feita com o duo em que relatam o funcionamento da rede colaborativa entre as associações:

“[...] aí surgiu o estalo de repente fazer isso na Europa [viajar e tocar música para se sustentarem durante a viagem], buscar, ampliar esses horizontes, mas foi, a gente começou a juntar dinheiro aqui e ali para possibilitar e buscando também esses contatos. O primeiro contato foi pela internet, a gente fez com as associações, algumas das associações em Braga... não lembro o nome agora da associação...”

⁷⁷ “Sol em Movimento”, Facebook, <https://www.facebook.com/Sol-Em-Movimento-291038601088301/?fref=nf>, acedido em 26 setembro 2016.

⁷⁸ Os diários de observação 17 e 19 com as apresentações do Duo Musical Manifesto na casa bô e Rés-da-rua respetivamente se encontram no Apêndice 4 deste trabalho.

⁷⁹ Entrevista transcrita disponível no Apêndice 2 deste trabalho. Siqueira, N., Pinto Júnior, V.. (2016, agosto 25). *Entrevista pessoal*.

AP: A Sol em Movimento?

NS: Sol em movimento. E eles que nos indicaram aqui [ao se referir ao Porto, local da entrevista]. E poder fazer esse trabalho com a música, acho que foi muito bom também poder fazer a viagem por causa da música.”⁸⁰

Outro bom exemplo desse tipo de inovação social foi a ocorrência do festival bô. Segundo reportagem do jornal Notícias do Tâmega⁸¹, o festival teve a sinergia de muitas entidades sem fins lucrativos, contando com o apoio e sinergias de associações culturais como a Espaço Compasso, Sol em Movimento (Braga), associação Gatilho, Escada 1, e Quinta do Lobo Branco (Penafiel).

A ideia da otimização de recursos foi defendida no primeiro Congresso Distrital sobre Inovação Social⁸², em que se discutiu oito ideias de inovações sociais no setor não lucrativo, sendo uma delas, como está descrito a seguir: “[...] Otimização de recursos das organizações através de partilha de recursos, do desenvolvimento activo das pessoas, nomeadamente dos beneficiários [...]” (Azevedo *et al.*, 2010, p. 8).

5.4.2. *Benchmarking* como técnica para inovações sociais

Uma maneira para se desenvolver inovações sociais é oferecendo condições para que os agentes culturais e criativos possam desenvolver suas habilidades. Ambientes como as associações culturais potencializam essas oportunidades na medida que possuem características menos rígidas do que em locais considerados convencionais ou de linha de pensamento *mainstream*.

Além de se abrir para o novo, seguir boas práticas de outros locais pode acelerar os processos de inovações sociais nos espaços associativos, por exemplo. Essa experiência pode ser ainda mais aprofundada quando se está em uma cultura diferente da que está inserido o seu espaço de vivência, e nesse contexto procurar práticas internacionais pode ser ainda mais produtivo nesse processo de potencialização das condições necessárias para as inovações sociais.

Sobre o assunto, escreveu Azevedo *et al.*:

“para além dos conhecimentos e das competências individuais das pessoas que trabalham nas organizações sem fins lucrativos é também necessário promover o desenvolvimento da capacidade da organização como um todo, promover a

⁸⁰ Siqueira, N., Pinto Júnior, V.. (2016, agosto 25). *Entrevista pessoal*.

⁸¹ Notícia disponível no Anexo 1 deste trabalho.

⁸² Ocorrido em dezembro de 2009 e que originou o livro *Gestão de Organizações sem Fins Lucrativos*, utilizado como uma das referências desta investigação.

disseminação das boas práticas e dos instrumentos de gestão entre todas as organizações do sector” (Azevedo et al., 2010, p. 7)

Esse desenvolvimento da capacidade da organização pode ser feito internamente como já descrito anteriormente, ou externamente, por meio de ações de *benchmarking*⁸³. De acordo com a OECD, *benchmarking* representa na identificação e implementação das melhores práticas (Helgason, 1997, p. 1). O processo de procura de melhores práticas consiste na visita e comparação de outros locais de natureza semelhante para identificação de melhores práticas que possam ser adotadas pelos locais que procuraram melhorias em sua organização.

No caso da associação casa bô, há dois pontos principais que precisam de atenção e melhorias para que o espaço associativo possa desempenhar suas atividades com mais autonomia e efetividade. Um deles diz respeito ao à gestão administrativa de seus espaço e uso dos recursos humanos. O outro diz respeito ao modelo de negócio voltado não somente à sustentabilidade, como também a uma maior autonomia financeira para reinvestir o excedente em novos projetos ou na reabilitação da sua sede.

Em relação ao primeiro ponto, a casa bô precisa ter como referência um espaço associativo com dinâmicas e valores próximos aos seus, mas, todavia, que tenha uma melhor gestão dos recursos humanos que e do potencial do uso criativo do espaço físico da sede social. A casa bô tem mais de 110 membros da família bô com talentos individuais e coletivos em várias áreas. Porém, há uma certa dificuldade em se gerir esses recursos em prol de sua organização.

Um bom exemplo de organização social de cultura com melhores práticas de gestão é a Casa Colorida⁸⁴ (Galiza). A Casa Colorida possui espaços para projetos, oficinas, assembleias públicas com a participação da comunidade, entre outras iniciativas. Adicionalmente, possui frente de trabalho em que artistas podem se hospedar temporariamente entre uma semana e duas semanas, dispondo parte de seu tempo e talento em atividades para a organização em troca da estadia e outras partilhas.

⁸³ Processo destinado a melhorar o desempenho e os procedimentos de uma empresa, baseado na avaliação e comparação de desempenho e procedimentos de outras empresas. "Benchmarking", Dicionário Priberam da Língua Portuguesa, 2008-2013, <https://www.priberam.pt/dlpo/benchmarking>, acedido em 26 setembro 2016.

⁸⁴ Casa Colorida, www.casacolorida.net, acedido em 26 setembro 2016.

Em relação ao modelo de negócio, um bom exemplo é uma organização em Berlim chamada Green House⁸⁵.

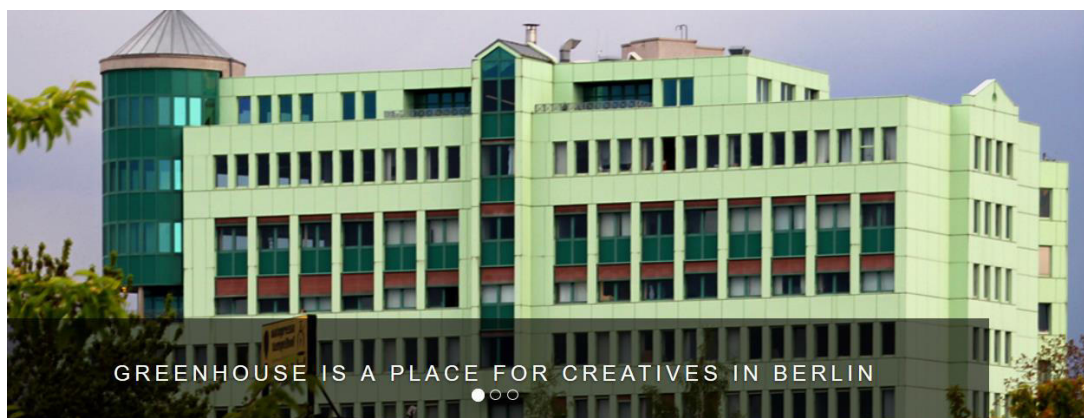


Figura 25: organização Green House. Fonte: *website* da Green House⁸⁶.

Trata-se de um prédio para a comunidade artística multidisciplinar. Possui aproximadamente 200 estúdios de artistas. Recebem artistas de todo o mundo em colaboração e desenvolvimento de projetos.

Diferentemente das associações sociais, é um local que pela escala de tamanho e contexto geográfico tem condições de desenvolver uma economia criativa pelos recursos e estrutura que possui. É um local para se verificar as formas de exploração dos espaços e entendimento do modelo de negócio para se adaptar e desenvolver localmente no Porto o que estiver dentro dos valores e da missão da casa bô. É importante verificar as práticas que se ajustam aos valores de cada entidade. O duo Musical Manifesto tocou em Berlim antes de vir ao Porto e contou um pouco da diferença entre as “culturas” organizacionais entre a casa bô e a Green House:

“AP: E o que a casa bô tem de diferente ou não em relação aos outros locais similares, outras Associações Culturais? Vocês conseguem fazer alguma diferenciação?”

NS: Acho que existe mais energia mais de união também, mais... na Green House por exemplo, havia todo esse trabalho deles também, é um projeto muito interessante, mas é algo mais... frio, vamos dizer assim, um pouco mais distante também.

AP: Você acha que é mais comercial e menos humano?

NS: Não sei se mais comercial, talvez em alguns momentos faltou aquele respeito, aquele companheirismo com todo mundo assim.

...

NS: É. Eles te viam mais como indivíduo assim.

⁸⁵ Green House, <http://greenhouse-berlin.de/>, acessado em 26 setembro 2016.

⁸⁶ Green House, <http://greenhouse-berlin.de/>, acessado em 26 setembro 2016

AP: É tipo cada um por si?

NS: É.

P: Algumas vezes sim.

NS: Na casa bô, eu falo família bô [risos], na família bô existia essa coisa de companheirismo assim mesmo, de estar um pelo outro, de se importar, e de realmente querer ajudar assim, sem essa monetária em troca também em cima. Na Green House foi muito massa, mas para mim era muito claro que tinha que ter essa troca assim”.⁸⁷

5.4.3. Ampliação e exploração de novos espaços além da sede associativa

Uma inovação social identificada na casa bô durante as observações e relatada nos diários de observação foram os trabalhos por meio de projetos de voluntariado fora do espaço associativo. A casa bô realizou eventos externos como a 1.^a missão em Aboadela e o festival bô⁸⁸. Em ambos os casos, houve o uso de outras inovações sociais como as redes colaborativas entre os espaços associativos e a partilha entre os membros da família bô.

Estes tipos de ações permitem às associações procurarem novas formas de se relacionar com a sociedade e outras comunidades, expandindo sua oferta de serviços sociais e cumprindo outras finalidades que não somente as culturais que acontecem de forma mais limitada no interior da associação, como as ações de voluntariado em prol de solidariedade social.

5.4.4. Uso da tecnologia para a criação de novas respostas às necessidades sociais

A associação cultural casa bô vem de forma discreta experimentando novas formas de ampliar sua capacidade de serviços sociais por meio das novas tecnologias. Uma delas é o *crowdfunding*, que consiste na angariação de financiamento coletivo para um projeto ou causa específica por meio de uma comunidade online que partilhe os mesmos interesses.

A casa bô tentou no começo do ano de 2016 uma campanha de *crowdfunding* para angariar cerca de 7.000 euros para a restauração e reparo da claraboia da sede, porém a ação foi paralisada por falta de material de divulgação adequado para o projeto de consciencialização da iniciativa.

⁸⁷ Siqueira, N., Pinto Júnior, V.. (2016, agosto 25). *Entrevista pessoal*.

⁸⁸ Descrições detalhadas dos eventos podem ser encontradas nos diários de observação 10 ao 16, 20 e 21 no Apêndice 4 deste trabalho.

5.4.5. Criação de novos projetos que se encaixem em fontes de financiamento europeus

Uma boa fonte de ideias para ações sociais é por meio do estudo dos regulamentos de apoios europeus, como por exemplo o Portugal 2020, como já citado no item 5.3.

A casa bô poderá procurar ideias nas modalidades descritas nos apoios que incentivam projetos nas áreas de solidariedade social, cultura e mesmo inovações sociais. Além de dinamizar suas atividades na expansão e novos projetos, terá a oportunidade de concorrer e captar recursos para esse fim.

CAPÍTULO 6. A CASA BÔ E A CRIATIVIDADE

A casa bô é uma associação cultural, e como tal, configura-se como uma instituição de aproximação e atração de agentes culturais, ou classe criativa artística, dependendo da nomeação que cada órgão utiliza para as pessoas do meio artístico e cultural. Da mesma forma, o público, sejam frequentadores dos eventos e atividades ou membros da família bô, são, em parte, constituídos por essa classe com uma veia artística, e quando não, ou são admiradores de arte e cultura ou são pessoas que de alguma forma se interessam em algum momento por alguma atividade artística, mesmo que tenham visitado a associação pela primeira vez na companhia de um amigo com maior interesse.

Este capítulo identificará os perfis dessa classe criativa artística, dos frequentadores e dos membros da casa bô, no intuito de perceber quais as atividades desenvolvidas, as interações que ocorrem entre as partes envolvidas, e principalmente o papel da criatividade e das iniciativas criativas que acontecem dentro e fora do espaço associativo, antes, durante e depois das atividades culturais, e as motivações que os indivíduos e a coletividade têm nesse processo.

Adotou-se como referência a classificação da UNCTAD para definir os tipos de agentes criativos e as áreas das indústrias criativas as quais pertencem ou realizam atividades relacionadas. As indústrias criativas são divididas em quatro grandes grupos e nove áreas interligadas e serão detalhadas neste capítulo.

6.1. A criatividade na economia social

Não existe uma relação entre se determinar se a criatividade é intrínseca do ser humano ou um fruto de um processo desenvolvido para geração de ideias originais. Porém é possível classificar os diferentes tipos de criatividade de acordo com as áreas de conhecimento humano (Organização das Nações Unidas, 2012). Dessa forma, pode-se ter tipos de criatividade como a criatividade fruto do meio cultural, a criatividade científica, a econômica, e estes três tipos em convergência servirão de insumos para a criatividade tecnológica, que se aproveita dessas áreas de conhecimento para criação de valor, produtos e serviços.

Essas caracterizações de criatividade quando trabalhadas em conjunto, tem a capacidade de geração de economia. A Organização das Nações Unidas detalha cada uma delas da seguinte forma:

“a criatividade artística envolve a imaginação e a capacidade de gerar ideias originais e novas maneiras de interpretar o mundo, expressas em texto, som e imagem;

a criatividade científica envolve curiosidade e disposição para experimentar e fazer novas conexões ao solucionar problemas; e

a criatividade econômica é um processo dinâmico que leva à inovação em tecnologia, práticas de negócio, marketing, etc., sendo intensamente relacionada à aquisição de vantagem competitiva na economia” (2012, p. 3).

De acordo com a Organização das Nações Unidas “todas as opções acima envolvem maior ou menor quantidade de criatividade tecnológica e são inter-relacionadas.” (2012, p. 3). Para fins desta investigação a criatividade cultural é sem dúvida a mais presente e determinante no processo de geração de economia social para a sustentabilidade financeira da casa bô.

Porém, pode-se considerar a partir da interpretação de sua definição, que a criatividade científica também se faz presente em muitas das iniciativas criativas que ocorrem nas interações na casa bô, na medida que a curiosidade é um fator bastante presente principalmente no público que visita a casa pela primeira vez, e da mesma forma a classe criativa artística tem à sua disposição um ambiente propício para a experimentação e promoção de conexões, seja para o seu desenvolvimento pessoal, seja para solução de problemas, como a falta de oportunidades para expor seu trabalho, procura por novas técnicas e métodos para desenvolver sua arte, seja para conhecer novas pessoas para interações conjuntas.

Nesse sentido, a casa bô como associação cultural pode ser vista como um laboratório, um espaço direcionado também para a criatividade científica, a partir de um ambiente de arte e cultura.

O relatório sobre economia criativa da UNCTAD reforça o papel e importância da criatividade para a economia no sentido de que “... não há dúvidas de que, por definição, ela é um elemento crucial na definição do escopo das indústrias criativas e da economia criativa” (Organização das Nações Unidas, 2012, p. 3).

O quadro a seguir mostra as interações entre as caracterizações da criatividade com as áreas de conhecimento anteriormente citadas.

Figura 1.1

Criatividade na economia atual

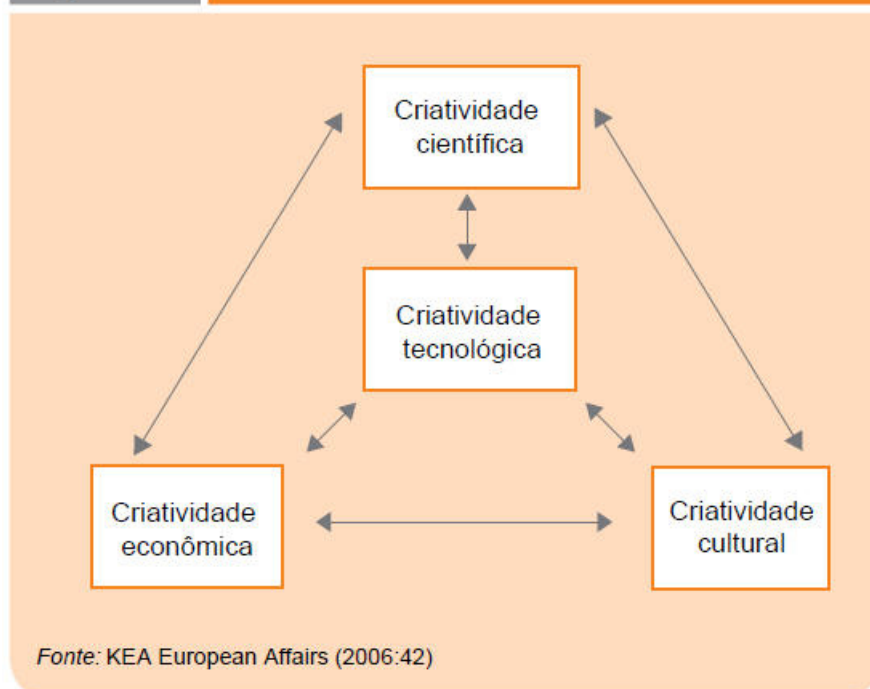


Figura 26: interações dos tipos de criatividade, UNCTAD (Organização das Nações Unidas, 2012, p. 3)

No caso da associação casa bô, pode-se afirmar que há uma intensa produção, atração e difusão de criatividade cultural, a partir dos conteúdos das entrevistas, diários de observação e as análises desses dados qualitativos ao longo desta investigação. É um fenómeno que aparece de diferentes formas, dentro de vários contextos relacionados ao espaço e às atividades desenvolvidas na casa bô.

Considerando as finalidades da casa bô, bem como sua capacidade de produção de eventos culturais diversificados, pode-se dizer que a criatividade cultural é uma condição *sine qua non* para a existência e desenvolvimento das atividades da associação. Na mesma medida, a criatividade científica se faz presente, dados os seus requisitos e o que já foi exposto sobre o assunto.

A criatividade económica também existe, embora numa menor proporção e intensidade, dada a natureza jurídica e a finalidade sem fins lucrativos da associação. Nesse sentido, a criatividade económica está presente na maior parte dos casos na criação de valor da casa bô e no modelo de negócio analisados no Capítulo 4.

Uma restrição e um desafio para a casa bô sobre a criatividade económica será sobretudo criar condições de não só de sustentabilidade económica ao equilibrar suas

contas entre as despesas fixas e variáveis com as receitas provenientes em sua grande maioria do volume de donativos conscientes, frutos das atividades e eventos como os concertos, as noites de poesia e os jantares sociais, bem como de criarem condições de as receitas superarem as despesas no sentido de se conseguir reinvestir parte deste excedente na reabilitação do imóvel, conforme premissa contratual para usufruto do espaço físico, e parte em novos projetos de cariz ambiental e solidário para atendimento de todos os pilares de atuação da associação.

6.2. Economia criativa

A economia e a criatividade são dois conceitos reconhecidos e discutidos amplamente pelo meio académico. Já o termo “economia criativa”, segundo o relatório de economia criativa da Organização das Nações Unidas, “apareceu em 2001 no livro de John Howkins sobre o relacionamento entre criatividade e economia”:

“Para Howkins, “a criatividade não é uma coisa nova e nem a economia o é, mas o que é nova é a natureza e a extensão da relação entre elas e a forma como combinam para criar extraordinário valor e riqueza” (Organização das Nações Unidas, 2012, p. 9).

Apesar de o objeto de estudo de caso ser uma associação cultural artística, com a maioria das atividades e iniciativas classificadas como das áreas das indústrias criativas, optou-se por não estudar especificamente esse fenómeno por duas razões: a primeira diz respeito a representatividade da variedade e ocorrência das iniciativas de indústrias criativas na associação casa bô. Das nove áreas classificadas pela UNCTAD, na publicação da Organização das Nações Unidas (2012), o maior volume de atividades criativas ocorre dentro de uma das áreas, das artes cénicas, onde estão classificados os concertos e música ao vivo, que correspondeu a mais da metade das 178 atividades que ocorreram na casa bô no período de amostragem para análise. As demais atividades envolveram em sua maioria outras três áreas, como artes visuais, média impressa (literatura) e audiovisuais.

A segunda razão diz respeito à ordem de significância do volume económico gerado pela associação cultural. Tendo em vista se tratar de uma organização sem finalidade económica, o modelo de negócio é voltado à sua sustentabilidade e reaplicação do excedente em novas iniciativas de carácter social. Dessa forma, o volume de economia gerada não possui escala suficiente a ponto de ser considerada individualmente para um estudo da economia criativa gerada. O foco é verificar o potencial dessa economia gerada

em prol do fim a que se destina: a promoção dos agentes culturais e das finalidades da associação nos pilares cultural, ambientais e solidário.

Nesse sentido, será utilizado um estudo comparativo dos vetores da indústria criativa na união europeia para entendimento do volume e da escala da economia criativa.

6.3. Escala da economia cultural e criativa na união europeia

Para melhor ilustrar a representatividade da economia criativa no mercado e na sociedade, utilizou-se como base para análise um estudo de 2014 sobre o mercado cultural e criativo na União Europeia (EU) (Ernst & Young, 2014).

O estudo considera 11 segmentos de mercado dentro da economia cultural e criativa: livros, jornais e revistas, música, artes performativas, televisão, filmes, rádio, vídeo jogos, artes visuais, arquitetura e publicidade. Dessas áreas, as que mais se relacionam com o escopo das atividades desenvolvidas pela associação são a música, as artes performativas e as artes visuais. Percebe-se num primeiro ponto de vista que o leque das indústrias criativas para a economia criativa é bem mais abrangente do que as áreas desenvolvidas na casa bô.

Segundo o relatório, em relação ao volume de negócios, foram gerados em 2012 na união europeia 535,9 bilhões de euros em receitas na área das chamadas CCIs correspondente a 4,2% do volume total da economia europeia. O setor de artes visuais foi o que mais se destacou e a música e artes performativas ficaram entre as cinco com menor volume, quando comparadas as 11 categorias.

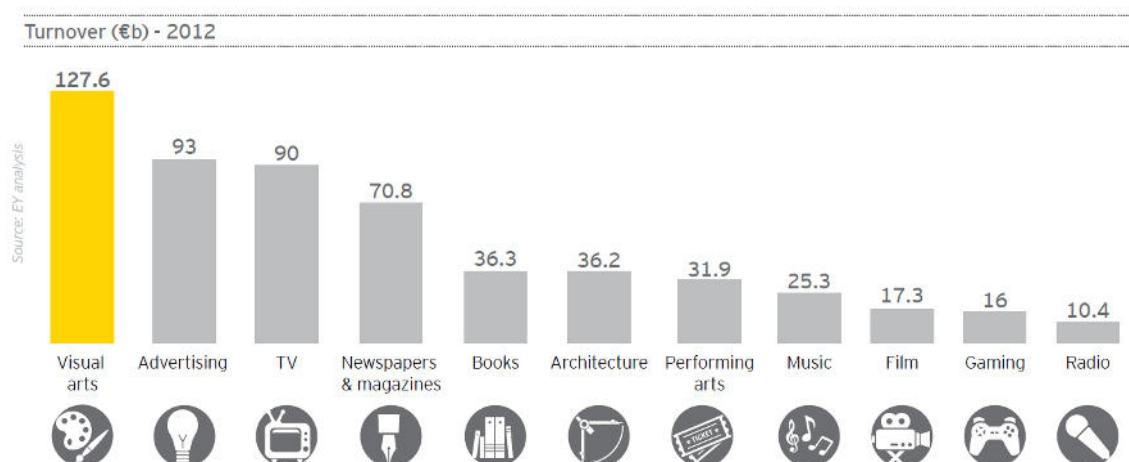


Figura 27: volume de negócios das CCIs na união europeia em 2012, em bilhões de euros (Ernst & Young, 2014, p. 10).

Sobre a diversidade cultural desses 11 segmentos de mercado da CCI, destacam-se para este estudo o segmento de música ao vivo financiada pelo setor público ou do setor não lucrativo, que gerou 4,8 mil milhões de euros (em 2012), o das artes performativas que movimentou 14,7 mil milhões de euros (em 2011) e o das artes visuais, que teve volume de negócios na área da fotografia de 8,6 mil milhões de euros, de artesanato de 46,3 mil milhões de euros e da criação de artes visuais na ordem de 29,9 mil milhões de euros (em 2011).

€25.3b

Turnover (2012)	€m
Physical sales	3,693
Digital sales	1,686
Exports of recorded music	439
Live music performance revenue (profit sector)	7,793
Live music performance (Publicly funded/nonprofit sector) ²	4,860
Synchronization	93
Music radio stations	3,175
Music TV channels	1,722
Copyright/author's right (background music, other radio and TV)	1,880
Total turnover	25,341

Figura 28: volume de negócios do segmento da música na UE em 2012, em milhões de euros. (Ernst & Young, 2014, p. 40) (destaque nosso).

€31.9b

Turnover (2011)	€m
Non-profit sector	14.726
Performing arts activities	10.014
Venue revenues	4.712
Profit sector	17.153
Performing arts activities	11.664
Venue revenues	5.489
Total turnover	31.879

Figura 29: volume de negócios do segmento das artes performativas na UE em 2011, em milhões de euros. (Ernst & Young, 2014, p. 48) (destaque nosso).

€127.6b

Turnover (2011)*	€m
Photography	8,689
Design	19,294
Museum revenues	7,717
Art sales and gallery activities	15,600
Arts and crafts	46,337
Visual arts creation	29,907
Private copying revenue	10
Total turnover	127,554

Figura 30: volume de negócios do segmento das artes visuais na UE em 2011, em milhões de euros (Ernst & Young, 2014, p. 80) (destaques nossos).

Considerando o relatório sobre a economia cultural e criativa na EU, percebe-se com mais exatidão a diferença de escala entre o volume de negócios das indústrias criativas frente às iniciativas criativas do associativismo, com foco na associação casa bô, estudo de caso em tela.

Por outro lado, é válido observar que os números dos setores da economia criativa são significativos, o que justifica o seu incentivo e estímulo, e nesse aspeto, associações culturais como a casa bô desempenham um importante papel, dando abertura e possibilidade para os agentes culturais criativos iniciarem ou desenvolvem suas capacidades, com as atividades e eventos da programação semanal da instituição.

É da mesma maneira tão válido quanto, ainda, quando aproxima o público do artista de maneira intimista como o faz, principalmente nos eventos de formação e oficinas que as associações culturais se propõem a promover, capacitando e estimulando a comunidade local no desenvolvimento de iniciativas em prol do fortalecimento de uma economia social e quiçá do próprio meio de sobrevivência quando praticada como atividade principal do indivíduo.

6.4. As indústrias criativas e suas relações com a casa bô e demais equipamentos culturais

As classificações para as indústrias criativas se dividem em quatro áreas: Património, Artes, Média e Criações funcionais.

Nas quatro áreas, estão divididos os tipos de indústrias criativas, a saber: compondo o Património, há as expressões culturais tradicionais e os locais culturais; em Artes, há as artes cênicas e as artes visuais; em Média, há as editoras e mídia impressa e audiovisuais; e por fim, em Criações funcionais, há o design, os serviços criativos e as novas mídias.

Na figura abaixo há uma representação gráfica em forma de grelha com uma descrição mais detalhada dos tipos de atividades que compõem cada indústria criativa.

UNCTAD - Classificação para as Indústrias Criativas		
Património	Expressões culturais tradicionais	Artesanato; Festivais; Comemorações
	Locais culturais	Locais arqueológicos; Museus; Bibliotecas; Exposições, etc.
Artes	Artes cênicas	Música ao vivo; Teatro; Dança; Ópera; Circo; Teatro de fantoches, etc.
	Artes visuais	Pinturas; Esculturas; Fotografia; Antiguidades
Mídia	Editoras e mídia impressa	Livros; Imprensa; Outras publicações
	Audiovisuais	Filme; Televisão; Rádio; Demais radiodifusões.
Criações Funcionais	Design	Design de Interiores; Design gráfico; Joalheria; e Brinquedos
	Serviços criativos	Arquitetónico Publicidade; P&D criativo; Cultural; Recreativo
	Novas mídias	Software; Videojogos; Conteúdo digital criativo.

Quadro 37: classificação da UNCTAD para os nove tipos de indústrias criativas.

Fonte: Adaptado da UNCTAD (Organização das Nações Unidas, 2012).

A UNCTAD apresenta as indústrias criativas por meio de uma representação gráfica, apontando as interações entre as atividades e iniciativas criativas e as relações entre cada indústria criativa.

Figura 1.3

Classificação da UNCTAD para as indústrias criativas

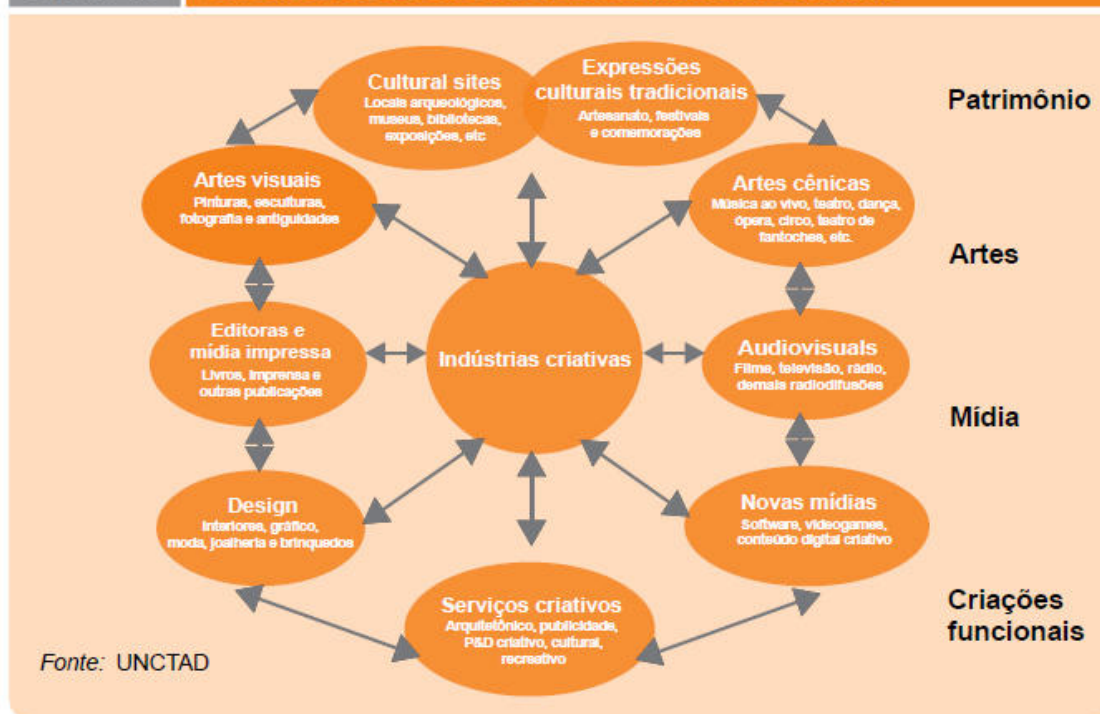


Figura 31: classificação da UNCTAD para as indústrias criativas
(Organização das Nações Unidas, 2012, p. 8).

6.4.1. Representatividade da amostragem dos eventos das indústrias culturais em relação à classificação das indústrias criativas da UNCTAD

Feitas as análises das indústrias culturais tradicionais e das associações culturais no Capítulo 4 com foco para comparações com a casa bô, procede-se neste momento uma visão geral da representatividade de todas as indústrias culturais da amostra em relação aos nove tipos de classificações de indústrias criativas existentes.

	<div> <div>Casa da Música</div> <div>Casa da Horta</div> <div>Coliseu do Porto</div> <div>casa ló</div> <div>Espaço Compasso</div> <div>Hard Club</div> <div>Maus Hábitos</div> <div>Rés-da-rua</div> <div>Serralves</div> <div>Total</div> </div>									
Classificação Indústrias criativas UNCTAD - por n.º eventos	#	#	#	#	#	#	#	#	#	#
1 Artes cênicas	1 137	117	290	69	201	958	293	33	61	3 159
2 Artes visuais										0
3 Audiovisuais	13	65	1	4	18	36	29	54	60	280
4 Locais culturais		15	2		6	79	48	1	147	298
5 Design						1	1			2
6 Editoras e mídia impressa	9	3		39	2	3	3	5	9	73
7 Expressões culturais tradicionais	30	6	7	3	25	22	6	2	5	106
8 Serviços criativos										0
9 Novas mídias										0
Total de eventos por tipo	1 189	206	300	115	252	1 099	380	95	282	3 918
Classificação Indústrias criativas UNCTAD - percentagens	%	%	%	%	%	%	%	%	%	%
1 Artes cênicas	95,6%	56,8%	96,7%	60,0%	79,8%	87,2%	77,1%	34,7%	21,6%	80,6%
2 Artes visuais										-
3 Audiovisuais	1,1%	31,6%	0,3%	3,5%	7,1%	3,3%	7,6%	56,8%	21,3%	7,2%
4 Locais culturais		7,3%	0,7%		2,4%	7,2%	12,6%	1,1%	52,1%	7,6%
5 Design						0,1%	0,3%			0,1%
6 Editoras e mídia impressa	0,8%	1,5%		33,9%	0,8%	0,3%	0,8%	5,3%	3,2%	1,9%
7 Expressões culturais tradicionais	2,5%	2,9%	2,3%	2,6%	9,9%	2,0%	1,6%	2,1%	1,8%	2,7%
8 Serviços criativos										-
9 Novas mídias										-
% de eventos por local	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%
% de eventos em relação ao total	30,3%	5,3%	7,7%	2,9%	6,4%	28,1%	9,7%	2,4%	7,2%	100%
N.º de tipos de indústrias criativas	4	5	4	4	5	6	6	5	5	6

Quadro 38: classificação de indústrias criativas por tipo de evento das nove indústrias culturais da amostragem. Fonte: elaborado pelo autor.

Dos 5.155 eventos utilizados para análises, de acordo com o recorte temporal de outubro de 2015 a agosto de 2016, 3.918 eventos, que correspondem a 76,0% do total, foram atividades classificadas dentro do rol dos tipos de indústrias criativas pela UNCTAD.

Ausência de tipos de indústrias criativas de base criativa económica e tecnológica

Do total de eventos classificados como de setores das indústrias criativas, verificou-se que das nove classificações existentes, não houve correlações em três delas: artes visuais, serviços criativos e novas mídias.

Há que se considerar que dentre as três categorias que não apresentaram atividades das indústrias criativas, duas delas (serviços criativos e novas mídias), estão diretamente interligadas com características e elementos da criatividade económica e consequentemente tecnológica (como já visto no item 6.1). Dessa forma, assim como no

caso do *design*, que teve apenas 0,1% dos eventos com esse tipo de classificação, o setor das indústrias culturais, sejam elas espaços tradicionais ou alternativos, não terão em sua essência atividades das áreas das criações funcionais, por ser dentre as quatro áreas da classificação de indústrias criativas (Património, Artes e Média completam a lista) a área mais dependente (e produtora) de tecnologia, de criatividade económica (a fim de tornar viável práticas de negócio que demandam altos investimentos como característica do setor tecnológico) e de criatividade tecnológica, por consequência.

Quanto ao fato das artes sociais também não terem indicações de atividades de indústrias criativas, a razão está tanto na tipologia dos eventos do *site* Viral Agenda, que não segue os critérios das indústrias criativas e esse desvio foi levado em conta já nas análises das indústrias culturais do Capítulo 4, quanto na nomenclatura utilizada pelos equipamentos culturais para esta categoria de eventos desta indústria criativa, que em muitos casos foi contabilizada em demais tipos de indústria criativa, como a de locais culturais, quando o evento tinha por exemplo a palavra-chave “exposição”.

Alta representatividade da indústria criativa das artes cénicas

As artes cénicas ou artes performativas são o tipo de indústria criativa com maior volume total de eventos, com 80,6% (3.159 eventos dentre 3.918). As outras cinco classificações de indústrias criativas (que quando comparadas percentualmente em sua quantidade de tipos de indústrias criativas com a indústria criativa artes cénicas apesar de representarem 83,3% das indústrias criativas das seis que constaram eventos) tiveram juntas apenas 19,4%, um quarto do total.

Isso reflete uma exploração acentuada de atividades e eventos como os concertos ao vivo, em detrimento do restante das tantas outras áreas da arte e cultura (considerando-se apenas as seis indústrias criativas com ocorrências de eventos, por serem as mais direcionadas à criatividade cultural). Porém, destaca-se que, exceto Serralves, que teve o seu maior volume de eventos na categoria locais culturais (52,1%), e a associação Rés-da-rua, que teve como maior volume de eventos os audiovisuais (56,8%), apesar das demais sete indústrias culturais terem tido percentual superior a 50% do volume de seus eventos em artes cénicas, todas tiveram eventos em pelo menos quatro indústrias criativas (dentre as seis indústrias em que houve ao menos um local com evento).

Diversificação e equilíbrio de eventos em diferentes indústrias criativas

A amostragem revelou que as associações culturais, apesar de não serem os locais com a maior diversidade numérica de indústrias criativas na amostragem, uma vez que Hard Club e Maus Hábitos possuem eventos em seis tipos de indústrias, enquanto as associações culturais possuem em cinco (exceto casa bô só possui em quatro indústrias criativas), em termos percentuais em relação aos tipos de eventos, as associações culturais possuem um equilíbrio maior entre os eventos nas diversas indústrias criativas, o que indica serem espaços mais abertos e flexíveis para as diferentes manifestações de arte. Exceção deve ser feita ao caso de Serralves, que possui o menor número de eventos em artes cénicas em relação ao total e tem o restante dos eventos divididos em outras indústrias criativas (e foi a que apresentou a maior oferta em locais culturais, que se refere às exposições, tornando-se uma referência dentre os nove locais analisados).

6.5. O público, a classe criativa artística e as relações com o espaço da casa bô

O perfil do público e da classe criativa artística da casa bô é bastante heterogêneo. Do ponto de vista dos utilizadores (público eventual e frequentadores), há a frequência de pessoas de ambos os sexos em proporções similares, diferentes idades (havendo uma propensão maior na faixa entre os 20 e 40 anos, e com ocupações profissionais diversas, desde estudantes e profissionais liberais como *designers*, fotógrafos e advogados, como também profissionais das ditas áreas artísticas: músicos, artistas plásticos, atores, pintores, poetas, dançarinos, dentre outros.

A casa bô por ser uma associação cultural aberta a todas as manifestações de arte e cultura, é um local bastante inclusivo, em que tanto os indivíduos quanto as suas manifestações artísticas são recebidas de portas abertas. Esse comportamento de inclusão é importante para a criatividade artística, pois como defende Elsa Vivant, “a valorização do indivíduo criativo remete, assim, aos representantes do trabalho artístico e do artista (2012, p. 20).

Por ser um local de muita liberdade e liberalidade, a casa bô favorece ao artista a expressão de sua criatividade, uma vez que “a criatividade está associada a uma qualidade inata. O indivíduo, para satisfazer e explorar o talento que lhe é próprio, deve abstrair empecilhos materiais e impor sua visão do mundo” (Vivant, 2012, p. 20).

A associação é um lugar com poucas regras, justamente com essa visão da inclusão social e abertura para potencializar as mais diferentes manifestações artísticas e criativas.

Elsa Vivant classifica os locais frequentados por artistas como lugares de “criatividade alternativa (ou *off*)” (Vivant, 2012, p. 25) como uma contraposição aos lugares tradicionais de arte e cultura, que podemos aqui chamar de equipamentos ou indústrias culturais, como já citado anteriormente. Faz parte desse rol as salas de espetáculo, os teatros e outros locais ditos convencionais e inclusive reconhecidos como pontos turísticos oficiais das cidades.

Nesse contexto, as associações culturais podem ser consideradas como locais ou espaços *off*, e apesar de poderem ser considerados como redutos artísticos, são muito mais que isso: são espaços altamente inclusivos em que não somente o artista renomado e conhecido tem acesso ao espaço, como também, e principalmente, a classe artística emergente, que corresponde a uma grande fatia da classe criativa, e que na maioria dos casos não encontraria oportunidade de apresentar seu trabalho, seja por ser um artista em início de carreira, seja por ser aquele que necessita de um laboratório para testar seu talento. Esses artistas têm nas associações culturais como a casa bô uma potencial oportunidade para expressar sua vocação em procura de se estabilizar no meio artístico na qualidade de artista.

6.6. O papel da casa bô na cidade do Porto como cidade criativa

As cidades vêm refletindo cada vez mais o seu papel na sociedade. Uma procura contínua por uma adequação e conformidade com as diferentes agendas e desafios que enfrentam numa sociedade da informação em que é preciso se ajustar cada vez mais e mais rapidamente em termos de sobrevivência nos âmbitos económicos, sociais e culturais. Como Charles Landry descreveu, “administrar a crescente complexidade” (Landry, 2013, p. 5).

Landry ainda afirma que “essas são algumas das futuras prioridades para a criatividade” e que “as cidades precisam criar condições para as pessoas pensarem, planearem e agirem com imaginação” (2013, p. 6).

Percebe-se que a criatividade se torna crucial para um engajamento das cidades para que se adequem da melhor forma possível face aos problemas locais e globais. Landry

ainda aponta como um desafio em “como as cidades podem tornar visíveis seus atributos criativos invisíveis em seu ambiente físico, bem como se sentem” (Landry, 2013, p. 6).

As associações culturais nesse processo têm um importante papel, uma vez que trazem à cena um novo local de ponto de encontro de parte da classe criativa, a classe criativa artística, se bem que pode ser dito que acaba por ser um encontro das mais diferenciadas classes artísticas, uma vez que o público que frequenta as associações é eclético e muito mais diversificado do que o perfil artístico dos artistas que se apresentam nesses locais.

Dessa forma, a casa bô pode ser considerada um local criativo, em que se respira e vive a criatividade de diferentes maneiras, auxiliando no processo de tornar visíveis a parte da população criativa que ainda não emergiu para expressar sua vocação em benefício próprio e da coletividade.

Seguindo esse pensamento, Elsa Vivant escreveu: “a cultura é utilizada no quadro de políticas urbanas como ferramenta de valorização do espaço. Essa visão de cidade criativa constitui, de certa forma, a face emergente do fenômeno...” (2012, pp. 19–20).

A associação casa bô teria numa cidade criativa o papel de atração de talentos e seria uma referência para aproximação dos indivíduos para as comunidades locais. Na ótica de Elsa Vivant, “a cidade criativa seria isto: um ativismo cultural dos políticos municipais destinado a suscitar o retorno da população abastada e culta à cidade” (2012, p. 20).

6.7. A criatividade e sua importância no contexto português e mundial como competência social

A criatividade é considerada uma competência social. E as competências sociais podem ser definidas como a capacidade de se trabalhar em conjunto com outras pessoas. Tem se percebido que há uma tendência de aumento mais acentuado de oportunidades e emprego em posições que requerem tanto habilidades sociais como cognitivas no mercado de trabalho (Deming, 2015). Ainda segundo Deming, “o trabalho em equipa tem demonstrado um facilitador na resolução de problemas e criatividade, e tornou-se cada vez mais importante na produção de conhecimento científico⁸⁹ (Deming, 2015, pp. 20–21 *apud* Wuchty *et al.* 2007, Maciejovsky *et al.* 2013, Ramm *et al.* 2013).

⁸⁹ Tradução nossa.

De acordo com o WEF (*World Economic Forum*)⁹⁰, a criatividade é uma das 16 habilidades indispensáveis para os estudantes prosperarem na vida e para a resolução de problemas oriundos com o advento do século 21. Outras competências como comunicação, colaboração e pensamento crítico para resolução de problemas são igualmente importantes no rol das competências transversais, como é também chamado esse grupo de habilidades.

Exhibit 2: Students require 16 skills for the 21st century

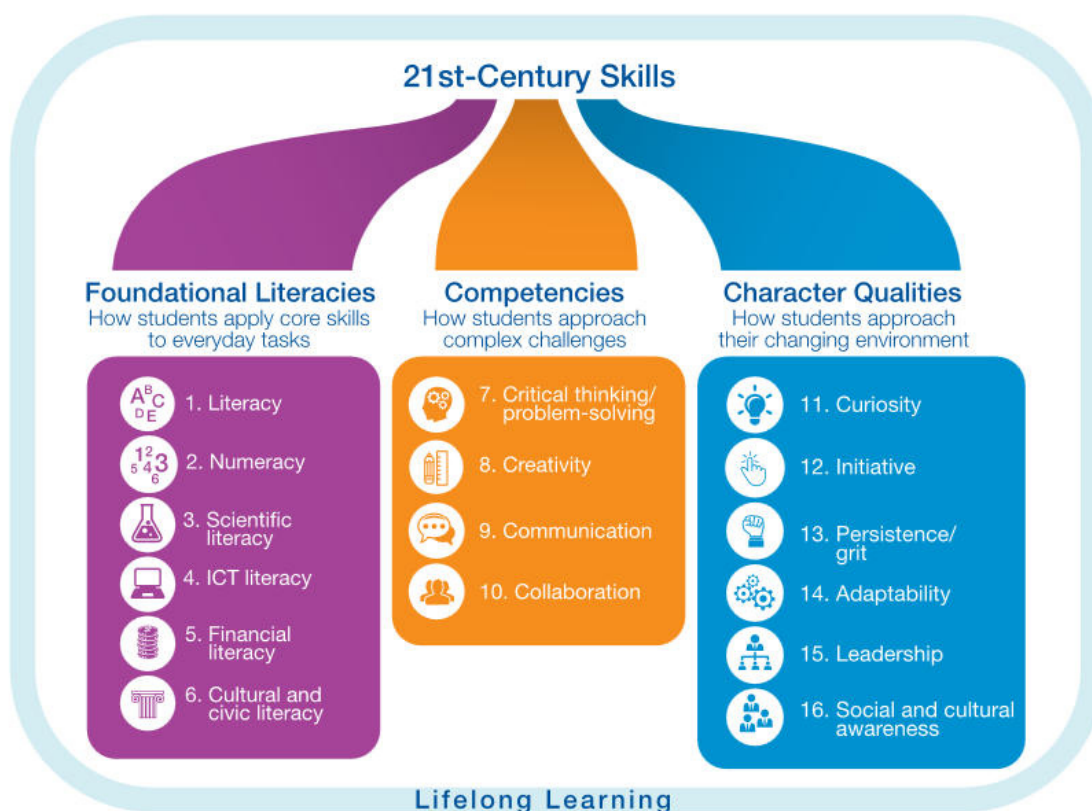


Figura 32: Habilidades requeridas dos estudantes para o século XXI.
Fonte: *website World Economic Forum*⁹¹.

A figura aponta também as habilidades cognitivas no grupo das literacias fundamentais e o grupo de habilidades ligadas às qualidades de caráter dos indivíduos.

Segundo o WEF, “a criatividade é a capacidade de imaginar e conceber novas formas inovadoras de formular respostas aos problemas, respondendo a perguntas ou

⁹⁰World Economic Forum, <http://widgets.weforum.org/nve-2015/#summary>, acessado em 19 setembro 2016.

⁹¹ “The skills needed in the 21st century”, World Economic Forum. <http://widgets.weforum.org/nve-2015/chapter1.html> , acessado em 18 setembro 2016.

expressando significados por meio de aplicações, a síntese ou da adaptação do conhecimento”⁹².

Ainda de acordo com o WEF, Portugal possui no ranking de criatividade um percentual de 49% quando comparado com o restante dos países do mundo incluídos no estudo (91 países).

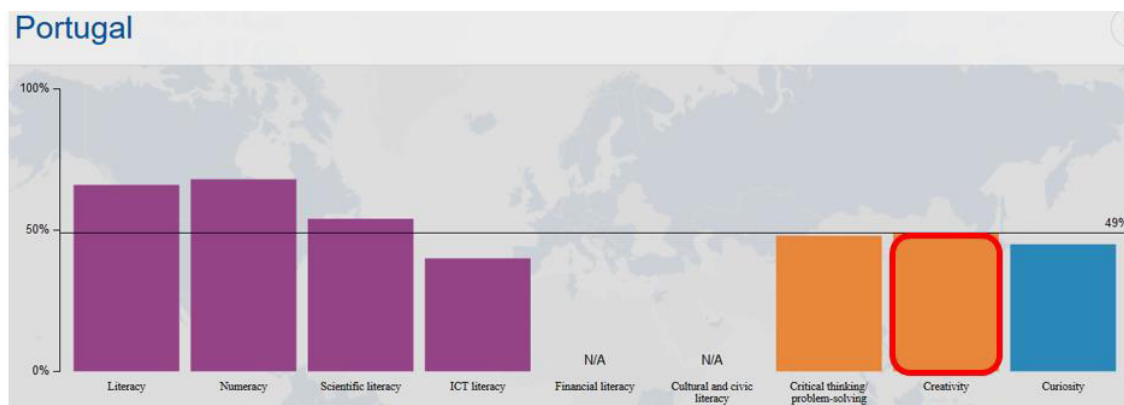


Figura 33: percentuais de criatividade de Portugal no ranking quando comparado com o mundo.
Fonte: *website* World Economic Forum (destaque nosso).⁹³

Quando comparado como grupo de países com maior concentração de rendimento da OECD, Portugal possui no ranking de criatividade um percentual de 20% se comparado com os demais 30 países desta seleção.

⁹² “The skills needed in the 21st century”, World Economic Forum. <http://widgets.weforum.org/nve-2015/chapter1.html> , acedido em 18 setembro 2016.

⁹³ “The 21st-century skills gap”, World Economic Forum. <http://widgets.weforum.org/nve-2015/chapter2.html> , acedido em 18 setembro 2016.

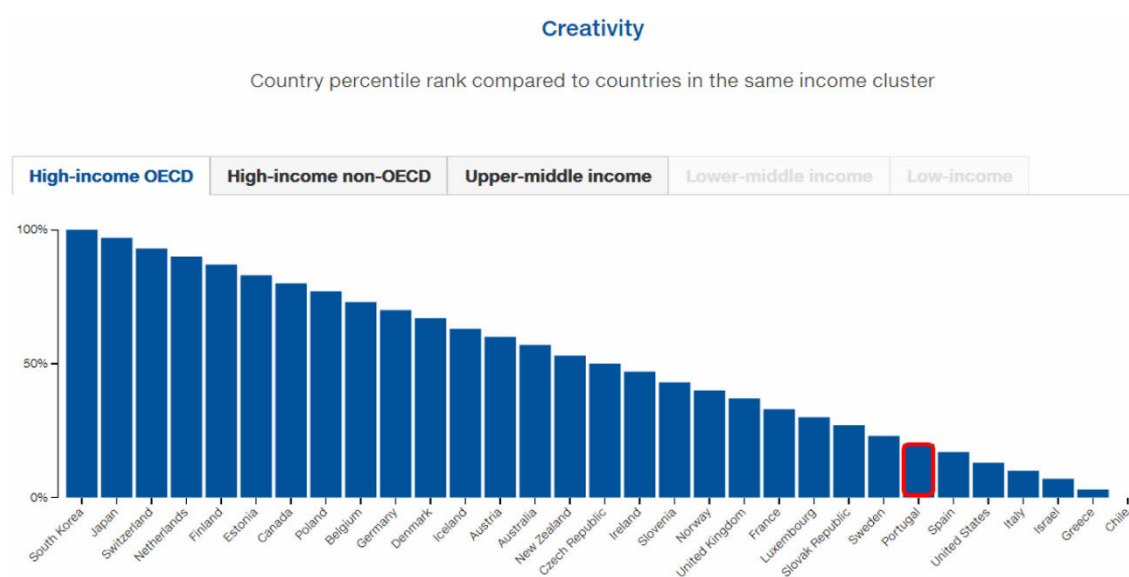


Figura 34: percentuais de Portugal no ranking de criatividade quando comparado com o mundo.
 Fonte: *website* World Economic Forum (destaque nosso).⁹⁴

Nesse contexto, percebe-se que o estímulo da criatividade é não só importante para o mercado de trabalho atual, como também como uma competência social para as novas gerações que estão por vir.

O WEF ainda aponta que “para prosperar na economia atual orientada para a inovação, os trabalhadores precisam de uma combinação de diferentes habilidades... eles precisam de competências como a colaboração, criatividade e resolução de problemas, e qualidades de caráter, como a persistência, a curiosidade e iniciativa”.

Portugal é um dos países que apresenta índice percentual mediano (49%) quando comparado com os 91 países do mundo incluídos na pesquisa da WEF, e um baixo índice percentual quando incluído na amostra com os 31 países com maior rendimento da OECD.

Dessa forma, os ambientes das associações culturais como a casa bô, que favorecem, estimulam e incentivam a criatividade (e outras das competências citadas como colaboração e resolução de problemas) se tornam um importante aliado para esta nova tendência global, no intuito de melhoria dos índices de habilidades sociais e redução do *gap* em relação aos países melhores classificados, estimulando as competências sociais por meio das linguagens artísticas.

⁹⁴ “The 21st-century skills gap”, World Economic Forum. <http://widgets.weforum.org/nve-2015/chapter2.html>, acedido em 18 setembro 2016.

6.8. O ambiente da casa bô como laboratório criativo e de iniciativas criativas

A casa bô como associação cultural, ambiental e de solidariedade social reúne diversos elementos que a constituem um local e um ambiente de elevado potencial para desenvolver e manifestar a criatividade dos utilizadores, artistas e membros da família bô. Dentre os elementos identificados, destacam-se: os eventos de formação (oficinas); a decoração criativa da casa; a diversidade cultural internacional; a fragilidade e escassez estrutural e a comunicação visual divertida e criativa.

Nos eventos de formação, normalmente oficinas, cria-se o espaço para o desenvolvimento pessoal e empoderamento, em que há uma interação próxima entre o artista e o público, em que as interações acabam por auxiliar em processos criativos e de sinergias.

Na decoração da casa, há diversas manifestações artísticas, intencionais e ocasionais, que servem para dar ao ambiente um tom artístico e mais aconchegante. Desde as gravuras desenhadas nos azulejos da cozinha, aos abajures pendurados de ponta cabeça, a criatividade se manifestou em diferentes intervenções e iniciativas da classe criativa. Entre a decoração criativa, destaca-se a obra nos fundos da casa bô, do artista de arte urbana Frederico Draw.

A diversidade cultural internacional é uma constante na casa bô. Há sempre pessoas de diferentes países, a maioria com alguma ligação com a arte. Muitas delas trazem diferentes manifestações artísticas, como instrumentos musicais regionais, diferentes técnicas artísticas de múltiplas áreas, etc.

A fragilidade e escassez estrutural da casa bô diz respeito às condições ambientais da sede física da casa e das condições financeiras para investimentos em reformas. Essa dificuldade faz com que haja muitas soluções criativas para consertos e pequenos reparos, ou o reuso de materiais para reciclagem, e pode-se ver exemplo como o de bancos no jardim da casa feitos com paletes, luminárias de lata de alimentos, entre outras manifestações.

A comunicação visual divertida também se faz presente com murais com recados com imagens do logótipo da casa bô e na cozinha o exemplo mais evidente, um recado para o público em geral que participa dos jantares. Um cartaz com os dizeres em lembrança do livro “O Príncipezinho”, onde se lê: “tu te tornas eternamente responsável

por loiça que sujas”. Uma menção convidativa para que se lave o que se sujou, de forma simples e divertida.

6.9. A casa bô como ambiente de atração da classe criativa artística emergente

Como as associações culturais tendem a ser ambientes mais flexíveis e abertos para o novo, em que a novidade é vista sempre como regra, e a mudança como regra é uma constante, nos equipamentos culturais tradicionais há a tendência de padrões de eventos, baseados muitas vezes na formatação cultural comercial imposta pela sociedade.

A existência de filtros e barreiras à entrada torna esses locais menos abertos às mudanças como regra, e sim para um regramento e planeamento normalmente feito por uma calendarização anual que é feita com meses de antecedência antes da virada de um novo ano. Locais por exemplo como a Casa da Música tem este tipo de perfil em que uma boa parte da programação anual é feita e divulgada com bastante antecedência.

Por um lado, esse tipo de organização é mais saudável em termos económicos, uma vez que essa estabilidade na agenda de eventos permitirá que seu público se programe com maior antecedência e que a própria Casa da Música possa otimizar seus espaços para a maior quantidade possível de eventos, estimulando inclusive o turismo cultural, em que os viajantes conseguem se programar com antecedência para visitar a cidade para um evento cultural como um concerto, por exemplo. Por outro lado, esse engessamento não favorece abertura para o novo, o efeito surpresa e a criatividade, uma vez que é um ambiente em que é moldado por regras e que a mudança é vista sempre como exceção.

Um ambiente para a criatividade geralmente está associado à mudança como regra, e não com suas regras como um padrão em que a mudança é apenas um desvio padrão de algo previamente planeado com antecedência e na expectativa que siga um roteiro pré-programado.

Um ambiente como uma associação é muito mais aberto para a criatividade na medida em que é um espaço de oportunidades repentinas e inesperadas em muitos casos, em que o imprevisto e a inexistência de barreiras à entrada atraem uma classe criativa artística nova e mais eclética, e muitas vezes serve de espaço para novos talentos que começam nesses espaços menores de experimentação a sua exposição como artista em procura de progressão na carreira ou mesmo apenas praticar sua arte num local em que não há formalidades e ou regras e entraves em excesso.

O improviso nesse caso está baseado na adaptação do indivíduo em realizar uma atividade de acordo com o aprendizado experimental, que está associado a um

“processo pelo qual se utilizam as propensões para realizar certos procedimentos e que dependerá da história de resultados associados com utilizações anteriores de tal maneira que os sucessos associados com um procedimento no passado pode aumentar a propensão para usar esse procedimento no presente” (March, 2006, p. 204 *apud* COHEN et al, 1996; LOMI et al, 1997; GREVE, 2003).

Um exemplo de como um local criativo, um ambiente para a criatividade favorece a atração da classe criativa artística emergente foi relatado no diário de observação n.º 6 no apêndice deste trabalho. É o caso do concerto de Felipe Antunes e Hélio Flanders na casa bô em 12 de agosto. Ambos estavam em turnê na Europa em agosto de 2016. Felipe Antunes numa turnê ibérica e Hélio Flanders com concertos em Portugal, França, Eslováquia e Itália. Ambos possuem suas bandas (Felipe Antunes com a Vitrola Sintética⁹⁵ e Hélio Flanders com a Vanguard⁹⁶, porém estavam em divulgação de álbuns em carreira solo na Europa. Ao perceberem uma coincidência de datas e a possibilidade de um encontro no Porto, e tiveram a ideia de encontrar um local para tocarem juntos na cidade e a casa bô serviu de palco para o concerto, detalhado no diário de observação (Apêndice 4).

Pouco mais de um mês da apresentação dos músicos, a banda Vitrola Sintética foi indicada ao 17.º Grammy Latino concorrendo com a canção “Deus” do álbum Sintético B como melhor canção alternativa⁹⁷, ratificando o potencial da casa bô para a atração de potenciais talentos criativos e como laboratório de experimentação da classe criativa artística, uma vez que os artistas Felipe Antunes estavam em turnê para divulgação de seus trabalhos solo, e permitiram-se arriscar no improviso ao cantarem em duo no palco da casa bô.

6.10. A casa bô e a cultura de *no blaming*

A cultura e os valores da casa bô têm como propósito ser um local inclusivo, em que as portas estejam abertas a toda a comunidade. Nesse sentido, é uma associação que

⁹⁵“Vitrola Sintética”, Facebook, <https://www.facebook.com/vitrolasintetica/?fref=ts>, acessado em 22 setembro 2016.

⁹⁶ “Vanguard”, Facebook, <https://www.facebook.com/vanguartoficial/?fref=ts>, acessado em 22 setembro 2016.

⁹⁷ A lista de indicações ao Grammy Latino 2016 pode ser vista no *website* oficial da entidade em “Indicados 17ª Entrega Anual do Latin Grammy”, Grammy Latino, <https://www.latingrammy.com/pt/nominees>, acessado em 22 setembro 2016.

adotou o donativo consciente como forma de ser ao mesmo tempo sustentável e intervencionista ao ponto de permitir que qualquer pessoa interessada em um de seus eventos como um concerto ou uma noite de poesia possam participar sem a preocupação de ter que adquirir um bilhete para acesso ao local.

A ideia é dar acesso a todos, principalmente aqueles com menos condições, e, ao mesmo tempo, dar condições a aqueles que tem mais condições que possam contribuir na medida que julgarem mais justo quanto ao valor do evento que estão a frequentar. Pode-se dizer que é um ambiente que propicia uma espécie de equidade social voluntária. O modelo tem funcionado bem ao se verificar que após quase um ano e meio em atividade a casa bô é sustentável e aberta a todos que ali desejam estar.

Por ser um local inclusivo, as diferentes pessoas e diferentes formas de arte e cultura tem ali um espaço para coabitar. A possivelmente única restrição que possa ser feita é em relação às pessoas que não concordem ou não se encaixem nessa proposta baseada nos valores da associação vistos no Capítulo 3. De resto, (quase) tudo e todos são bem-vindos e esse tipo de comportamento gera um efeito bastante positivo para a criatividade: a cultura de *no blaming*.

Sobre as diferentes formas de cultura coabitando, as diferenças de valores culturais de pessoas de países diferentes, a Sra. Elizabeth Clarck relatou:

“AP: Quais são os seus sentimentos sobre este Festival, o que você acha que é diferente comparando com Festivais regulares?

EC: [risos]. Para mim, há, a magia e frustração ao mesmo tempo, a casa bô para mim é a falta de organização, tipo assim, eu sou inglesa, então, o que eu faço é de uma forma muito diferente de Portugal [cultura e comportamento] e eu fico pensando como, isto precisa de regulamentação, e mais, e organização, mas ao mesmo tempo, eu realmente tento aprender na minha vida para deixar acontecer, deixar as coisas acontecendo, mas sem organização, você vê que isso acontece, nós estávamos aqui dois dias antes, e vim aqui, para cá, e não havia nada, nenhum material, nenhuma estrutura, eu ajudei a construir as estruturas, e o que gostamos, oh, e, em seguida, vêm as pessoas, em seguida, vêm os materiais, as pessoas, inspiração e tatata ... e acontece!

...quando você está em um lugar sem nenhuma expectativa [no Festival bô], não, porque isso é o que é, você sabe, não há expectativas, não há nenhuma ordem, nenhum padrão, não há regras a seguir. Há regras, mais sobre o desrespeito de alguma regra, não, não, tipo, ninguém virá e irá dizer-lhe para sair, se você não fizer isso, é claro, há um nível, mas, e ela disse, para mim, isso permitirá a você fluir”⁹⁸

⁹⁸ Clark, E.. (2016, agosto 28). *Entrevista pessoal*.

Percebe-se que em locais em que há a cultura de *no blaming*, mesmo que haja distúrbios causados por diferenças culturais internacionais, é importante que exista compreensão para que as iniciativas criativas ocorram. Locais em que não há essa flexibilidade acabam por serem mais restritos em termos de ideias e soluções acerca de problemas tratados em conjunto.

A cultura de *no blaming* está relacionada com a ideia de se abraçar a certeza de fracasso. De acordo com Amabile *et al.*, estudos feitos no Vale do Silício apontaram que profissionais criativos são os que mais sofrem no mercado de trabalho com reações gerenciais diante de fracassos. Aponta que para se aumentar a capacidade criativa desses agentes, os ambientes e gestores devem diminuir o medo de fracasso com o propósito de que esses profissionais possam experimentar novas situações, falhar mais cedo, resultando num maior aprendizado possível nesse processo (2008, p. 108). Dessa forma, ambientes flexíveis como a casa bô que não julgam ou condenam erros e fracassos podem estimular ainda mais a capacidade criativa do público e da classe artística.

Na casa bô, a cultura de *no blaming* se manifesta de várias formas. É um local em que as pessoas não são julgadas pelo seu aspecto físico ou condição social. Há um sentimento de pertença ao grupo que é bastante acolhedor com novas pessoas que ali chegam. Um ambiente como este propicia um espaço maior para a experimentação e potencializa a criatividade dos indivíduos.

Um bom exemplo é a dinâmica que ocorre nas noites de poesia. O público presente é convidado a participar e ler algum poema que traga de casa, ou no caso de não o ter trazido com antecedência, é convidado a escolher durante a apresentação uma poesia para participar, se sentir vontade de participar. Todos são encorajados a ter o espaço e a atenção de todos para a dinâmica, e ninguém é julgado pela forma como declama ou pelo tipo de texto que pretende ler.

Há alguns exemplos que foram narrados nas entrevistas e diários de observação que corroboram para o fato de que a cultura de *no blaming* é presente na casa bô e que favorece a criatividade e as iniciativas criativas artísticas dos artistas e do público presente. Na entrevista com a Sra. Suzana Agante, ela discorre um pouco sobre a experiência que teve nas noites de poesia:

“AP: Uma componente inovadora?

SA: Nem é só. Em outros sítios, em que você ó pá, só mostram poesia que vão declamar, é um pouco... não em todos os sítios, mas as vezes é um pouco formal...

ali é uma tertúlia, mas acaba por ser uma tertúlia entre amigos, mais informal, e acho que o Vitor e principalmente o Vitor e o Diogo, a dinâmica deles é tão crua, tão apaixonada, tão intensa, que acaba por gerar essa intensidade e essa paixão pela poesia, e não há julgamentos ali, que escrevas bem, que escrevas mal, não há... não notas que em uns e outros sítios que te julgam, que os eruditos e tititi, e ali não.

AP: Sente que não há barreiras de qualquer tipo?

SA: Nada, todos são bem-vindos a declamar... há um sentido as vezes cómico, que as vezes descamba, mas é um descambar bom, salutar. [...]”.⁹⁹ (grifo nosso).

Outro exemplo pode ser citado, novamente sobre a noite de poesia, acerca da entrevista feita com a Sra. Valéria Keller, que fala sobre o ambiente inclusivo da casa que a acolheu para que ela tivesse um espaço para dormir por algumas noites e como foi a sua experiência ao participar da noite de poesia:

“VK: eles me providenciaram um lugar, e neste local me ensinaram diferentes atividades como a leitura [noite de poesia], que eu tive uma bonita experiência [Valeria teve a oportunidade de declamar uma poesia em húngaro para todos no evento]...”¹⁰⁰

O próximo exemplo diz respeito a um trecho do Diário de observação 2 sobre o evento de aniversário da noite de poesia:

“Diário de observação 2 | Noite de poesia 1º aniversário

[...]

Por volta das 23h20, haviam chegado mais 12 pessoas, chegando ao total de 40 presentes. Após o Sr. Vítor ter lido a primeira poesia da noite, perguntou quem queria ser a próxima pessoa a declamar um poema. Uma mulher se ofereceu e logo após, um a um, outros presentes foram declamando poemas. Nesta noite havia a participação de três músicos, sendo dois com guitarra acústica e um flautista. Durante a leitura de alguns poemas, os músicos improvisavam um fundo musical para interagir, resultando numa maior profundidade e maior experimentação sensorial na leitura dos poemas”.¹⁰¹ (grifo nosso).

A questão do *no blaming* está diretamente ligada com a liberdade que a casa bô oferece às pessoas. A Sra. Joana Sousa em sua entrevista citou a importância da liberdade para os indivíduos dentro (e fora) da casa bô: “Joana Sousa: [...] perceber que existe liberdade, muita liberdade, querem ser e estar numa forma que querem estar...” Sousa, J. (2016, agosto 15). Entrevista pessoal.

É passível de se dizer que a cultura de *no blaming* é uma condição intrínseca (e extrínseca) para os eventos que ocorrem, seja com a participação do público ou dos artistas. O público é convidado a interagir de forma voluntária e isso ocorreu naturalmente

⁹⁹ Agante, S.. (2016, agosto 08). *Entrevista pessoal*.

¹⁰⁰ Keller, V.. (2016, agosto 14). *Entrevista pessoal*.

¹⁰¹ Príncipe, A.. (2016, julho 27). *Diário de observação 2*.

nas observações feitas, e por parte dos artistas a interação e a experimentação são também livres e espontâneas, criando um ambiente descontraído e propício para a criatividade artística.

6.11. Desconstrução do tempo como medida e regra social

A associação casa bô, assim como os demais equipamentos culturais, agenda seus eventos por meio de sua página na rede social Facebook. Os eventos têm sempre a indicação do dia e horário de início. Percebeu-se ao longo do período de observações durante as recolhas de dados para os diários de observação e para as entrevistas que houve atrasos em diversas situações.

Atrasos são situações passíveis de acontecer numa sociedade com ritmo de vida acelerado ou cheia de compromissos. É também uma característica cultural em muitos países e em Portugal não há o mesmo rigor com horários e compromissos pontuais como em países como a Suíça e Alemanha. Nesse sentido, os atrasos são mais toleráveis em países como Portugal e isso há que se considerar. Porém, percebeu-se que entre os membros da família bô os atrasos, além de frequentes e presentes em praticamente todos os eventos observados, aconteceram de uma forma demasiada em alguns casos e o que também chamou a atenção foi a forma natural com que os atrasos eram considerados pelos membros da família bô em cada uma das ocasiões.

Houve situações em que o atraso chegou a ser de três horas para um compromisso, como descrito no diário de observação:

“Diário de Observação 10 | 1ª Missão e preparativos Festival bô, parte 1

...O Sr. Ângelo Lopes marcou ponto de encontro e saída em grupo para a missão em frente à casa bô, por volta das 13 horas. Ao chegar na casa, esperei na sala de concertos onde estavam a húngara Valéria Keller e a italiana Blanca

[...]

Houve um certo atraso nos preparativos para a saída, uma vez que os membros que ficarão residentes durante todo o período de missão na aldeia de Aboadela precisaram trazer materiais e preparar a logística, como o reboque de um pequeno trailer. Os membros reuniram-se por volta das 15 horas em frente à casa bô, almoçaram num restaurante próximo, e saímos por volta das 16 horas rumo à Aboadela.¹⁰² (grifo nosso).

Percebeu-se naquele momento que o tempo era uma unidade de medida de referência, e que não tinha para o grupo o peso e importância em se cumprir o planeado

¹⁰² Príncipe, A.. (2016, agosto 13). *Diário de observação 10*.

exatamente da forma que estava previsto ou previamente combinado. E a cultura de *no blaming* também se relaciona e está inserida nesse contexto sobre a tempo, uma vez que não há ou houve na maioria dos casos algum sentimento de culpa ou a preocupação de se fazer as coisas com maior pressa para se compensar os atrasos para que fossem o menor possível. Não. O que tinha que acontecer acontecia, sem que a medida de tempo pudesse ser uma componente que interferisse no processo de interação dos membros da casa bô.

Há a impressão de que a ideia é que as coisas devem fluir de maneira natural, e que cada momento tem a sua hora certa de acontecer. Um horário marcado é apenas um gatilho, um indicativo da intenção do horário que se pretender iniciar as interações sociais.

Nesse sentido, houve uma outra interação social que chamou atenção pela questão do tempo. Foi na primeira missão de voluntariado da casa bô em Aboadela, conforme registo em Diário de observação:

Diário de Observação 15 | 1ª Missão e preparativos Festival bô, parte 6

“No segundo dia da missão

[...]

Parte do grupo ficou de retornar mais cedo para o preparo do almoço por volta das 13h30, uma vez que haviam marcado com o Lar de Idosos a primeira visita para as 15 horas do mesmo dia.

Por volta das 13h30 já havia retornado parte do grupo e começou-se o almoço...

...Por volta das 14h30 estavam já todos presentes e prontos para o almoço, que se iniciou às 14h40. A Sra. Miriam Jorge lembrou a todos para almoçarem com brevidade pois haviam de estar às 15 horas no lar de Idosos, à beira da Igreja da aldeia....

[...]

Por volta das 15h15, estava o grupo ainda à mesa, e decidiram por tomar um café antes de partirem.

[...]

Por algum motivo não compreensível, a preocupação e a pressa existentes antes das 15 horas deu lugar novamente ao ritmo mais tranquilo e suave do grupo. Esse ritmo seguiu assim até por volta das 16h45, quando estavam todos prontos nos carros em direção do Lar de Idosos.

Reflexão

[...]

No final das contas, a falta de preocupação se mostrou acertada, pois chegaram num bom horário em que os idosos estavam no horário todos reunidos no jardim do lar, e a ação de voluntariado ocorreu muito bem”.¹⁰³

¹⁰³ Príncipe, A.. (2016, agosto 15). *Diário de observação 15*.

Para um observador ou leitor da observação, a descrição dos eventos chega a ter um certo ar comicidade involuntária, uma vez que em algum momento do almoço, levantou-se a preocupação da importância do horário marcado, porém, ao se perceber que a pontualidade não seria cumprida, perdeu-se por completo a preocupação inicial com o tempo e iniciaram a ação de voluntariado com exatas duas horas de atraso. Entretanto, um possível stress e preocupação que poderia haver com esse lapso se mostraram desnecessários face ao resultado final da ação que foi no final das contas bastante eficiente, como se pode verificar nos registos do diário de observação 15.

Outra observação que complementa a ideia de desprendimento de tempo está relatada no Diário de Observação 10 que foi realizado durante a primeira missão de voluntariado da casa bô em Aboadela, “...algo que chamou a atenção: nenhum dos voluntários usa relógio. Há um grande desprendimento em relação ao tempo quando estão os membros da casa bô reunidos...”¹⁰⁴.

Em relação aos eventos internos da casa bô, houve atrasos na maioria das ocasiões, e estes atrasos estão registados no cabeçalho de cada diário de observação. Muitos dos atrasos ocorreram pela própria dinâmica que a associação dá ao tempo e às ações que ocorrem internamente na sede da casa bô. Desde a preparação do jantar que antecede os eventos ao início dos concertos, as relações e interações são priorizadas e privilegiadas e de uma certa forma esses atrasos acabam por incentivar a vivência em grupo e o aumento das relações de amizade entre as pessoas que já se conhecem e as desconhecidas e esse ambiente acaba por ser propício para a criatividade na medida em que a partir que se rompem as barreiras temporais, há uma maior liberdade para o pensar, o criar e o interagir, que são elementos importantes para a criatividade. Não obstante, a não preocupação com o tempo fortalece mais a cultura de *no blaming*, derrubando a barreira invisível a pressão pode exercer sobre as iniciativas criativas.

Um exemplo de como os atrasos podem ser salutareos está no concerto que aconteceu com os músicos brasileiros Felipe Antunes e Hélio Flanders:

“Diário de observação 6 | Concerto Filipe Antunes e Hélio Flanders

Cheguei às 21 horas, cerca de 30 minutos antes do início do concerto. Estavam presentes os músicos já na sala de concerto, sentados numa mesa próxima da janela, a elaborar o setlist e a fazer a passagem do som, com afinamento de instrumentos e ensaio de músicas a tocar em conjunto.

¹⁰⁴ Príncipe, A.. (2016, agosto 13). *Diário de observação 10*.

Havia 19 pessoas presentes, sendo cinco delas a visitar a casa bô pela primeira vez...

...Havia também a cobertura da média digital. O Sr. Marcelo Baptista, fotógrafo, estava a cobrir o evento para a revista Tracker Magazine, de Lisboa. Havia também uma fotógrafa *freelance*, a fazer fotografias para seu portefólio, a Sra. Ana Claudia Silva.

Os fotógrafos estavam a registar os primeiros momentos pré concerto. Era a primeira vez dos dois na casa bô.

[...]

O concerto começou pelas 22 horas, após a Sra. Sandra Moreira, membro da família casa bô, apresentar para os presentes um pouco sobre o histórico da casa bô e sobre a questão do donativo consciente...¹⁰⁵

Houve neste concerto um pequeno atraso de 30 minutos. Nesse meio tempo, houve a oportunidade de os artistas improvisarem uma participação em conjunto. Ambos iriam cantar canções solo, e com o tempo extra, puderam combinar arranjos e inclusive fazer anotação de uma das letras de música que foi cantada em duo. Não fosse o atraso, não haveria este improviso que enriqueceu o concerto e que serviu de oportunidade de os artistas exercerem a criatividade em favor da arte.

Outro contributo que houve foi em relação as outras iniciativas criativas que ocorreram antes do concerto. Com a presença de dois fotógrafos no concerto, o tempo extra de atraso permitiu uma maior interação entre os presentes, aumentando o volume de produção de material fotográfico de ambos, bem como houve maior interação com os artistas. Como resultado, parte das fotografias feitas com os músicos com o fundo do palco da associação casa bô, material feito pela fotógrafa *freelance* no dia do evento, vem sendo utilizado em divulgações dos concertos de Felipe Antunes no Brasil, aumentando assim a valorização do trabalho da fotógrafa e da importância da casa bô como ponto de referência artística no Porto e em Portugal.

Um ponto importante a se ponderar acerca do tempo é sobre sua gestão e seus contributos para a criatividade. Segundo Amabile (2001, p. 6), em algumas situações o trabalho com prazos e com certa pressão pode aumentar a criatividade. Porém, as organizações têm com suas práticas rotineiras acabado com a criatividade quando os prazos são muito apertados ou não factíveis.

No festival bô, houve situações principalmente às vésperas de seu início em que o prazo apertado ajudou em algumas soluções criativas que resultaram em boas soluções para o festival, como por exemplo a montagem do palco. A Sra. Catarina Ferreira

¹⁰⁵ Príncipe, A.. (2016, agosto 09). *Diário de observação* 6.

descreveu em entrevista um pouco sobre como foi a montagem e a dificuldade que houve com o prazo apertado e a solução criativa encontrada para deixar o palco com a personalidade da associação, integrando elementos de cultura e natureza num mesmo espaço:

“CF: ...e depois houve um momento que a mim me marcou tanto... viste aquele palco com aquela árvore ali no meio... esse dia foi super estressante, porque nós aqui tu sabes como nós somos [sobre deixar as coisas para última hora e o tempo que vai passando] as coisas vão acontecer, e não sei o que, quando chegou o dia do festival, oh, já é o dia do festival e não tínhamos quase nada pronto e ainda faltava muita coisa para ficar pronto e eu andei sempre a correr de um lado para o outro, e quando finalmente parou, e estou assim a beira do bar [bar bô], olho para aquele palco, e vejo a meterem aquela árvore ali no meio, aquilo, é que era mesmo... aquele palco é nossa cara, essa nossa cara, a casa bô [sobre a integração da arte com a natureza]. Vieram-me logo as lágrimas...”¹⁰⁶

Por outro lado, Amabile (2001, p. 6) também defende que na maioria das vezes a criatividade precisa de tempo para acontecer e que muitas vezes precisa de um processo mais lento para a exploração de novos conceitos e para encontrar soluções para problemas específicos. Assim, ambientes como a casa bô favorecem a criatividade nesse sentido de flexibilidade de prazo.

¹⁰⁶ Ferreira, C.. (2016, agosto 31). *Entrevista pessoal*.

CAPÍTULO 7. CONTRIBUTOS, DESAFIOS E UMA NOVA TEORIA

Neste capítulo serão apresentados alguns dos contributos que a casa bô oferece para os diferentes níveis da sociedade e alguns dos principais desafios para os próximos passos e futuro.

Como contributos, listam-se pontos de discussão como reabilitação urbana, jantares sociais, permacultura, desenvolvimento pessoal, turismo, democratização da cultura (donativo consciente) e atividades externas.

Como desafios e próximos passos, listam-se as iniciativas como limitações estruturais e financeiras, melhorias de comunicação, modelo de arrecadação, estreitamento de relações com a Câmara do Porto, sustentabilidade a longo prazo, gestão e controlo contabilístico, captação de recursos, adoção de melhores práticas, burocracias para administração de organizações sociais, modelo de estrutura organizacional, modelo de vivência comunitária, atração de público de diferentes faixas etárias e novos projetos inovadores sociais.

Antes de discorrer sobre cada ponto, convém apontar um dado importante, que pode constituir um dos principais contributos e ao mesmo tempo desafios que a associação cultural casa bô pode representar para a comunidade local da Freguesia do Bonfim, e que se refere a um reflexo de Portugal como um todo: o nível de satisfação pessoal (felicidade) da população portuguesa.

Nível de felicidade da população portuguesa em relação à OECD

Segundo o *Better Life Index* da OECD¹⁰⁷, que analisa o nível de bem-estar e felicidade da população de 37 países, incluindo Portugal, em 11 quesitos como moradia, renda, empregos, comunidade, escolaridade, meio ambiente, engajamento cívico, saúde, satisfação pessoal, segurança e equilíbrio vida-trabalho, o quesito em que Portugal tem a menor média (5,1, numa escala de zero a 10) é em satisfação pessoal, sendo a mais baixa da OECD, onde a média entre os países é de 6,5. Esse indicador mede o quanto a população se considera feliz.

¹⁰⁷ Better Life Index da OECD, <http://www.oecdbetterlifeindex.org/pt/paises/portugal-pt/>, acedido em 26 setembro 2016.

Esse indicador subjetivo de felicidade ou bem-estar, a satisfação com a vida, analisa o equilíbrio e variação entre a presença de experiências e sentimentos positivos e ausência de negativos.



Figura 35: classificação do nível de felicidade de Portugal.
Fonte: *website* OECD Better Life Index.¹⁰⁸

Outro quesito que merece destaque é o Comunidade, que diz respeito à qualidade da rede de apoio social. Em Portugal, 15% das pessoas responderam a esse quesito dizendo que acreditam não conhecer alguém em quem contar em algum momento de necessidade.

Esse número está abaixo da média da OECD que é de 12%. A OECD aponta que redes sociais fracas podem gerar “oportunidade económica limitada, falta de contato com outras pessoas e eventualmente, sentimentos de isolamento” (OECD, s.d.)¹⁰⁹.

¹⁰⁸ OECD Better Life Index, <http://www.oecdbetterlifeindex.org/pt/paises/portugal-pt/>, acessado em 28 setembro 2016.

¹⁰⁹ OECD Better Life Index, <http://www.oecdbetterlifeindex.org/pt/paises/portugal-pt/>, acessado em 28 setembro 2016.

Pessoas em isolamento tem mais dificuldade de uma integração social, deixando de contribuir para o desenvolvimento económico do país, e afetando inclusive metas pessoais de cada indivíduo.

Esses dados mostram que iniciativas oferecidas nas associações culturais podem contribuir de diversas maneiras na melhoria da situação da população de Portugal (ao menos em relação à comunidade local de cada espaço associativo), uma vez que as associações sociais promovem oportunidades de lazer e oficinas para o empoderamento das pessoas em condições de desemprego ou que estão em procura de alguma atividade que lhe traga algum tipo de satisfação pessoal. O dinheiro (ou a falta de) não é um empecilho, já que não há essa barreira à entrada na casa bô, o que mostra a importância do trabalho feito nesse sentido.

As associações culturais como a casa bô que também possuem o pilar de solidariedade social podem também contribuir para melhorar o nível de amparo da parcela da população que respondeu ao questionário da OECD como sem possibilidades de encontrar um local de apoio em caso de necessidade.

7.1. Contributos

Discute-se abaixo os principais tópicos dos contributos que a casa bô oferece e pode oferecer à sociedade, mencionados no início do capítulo:

Reabilitação Urbana

Um importante contributo social e económico que a associação casa bô traz para a sociedade é a oportunidade de reabilitação urbana de uma das muitas casas desocupadas ou devolutas da cidade do Porto. Segundo informação colhida em entrevista com a Sra. Alda Pena¹¹⁰, responsável pelo Pelouro da Coesão Social da Junta de Freguesia do Bonfim, há cerca de 2.000 casas em situação de abandono ou devolutas na Freguesia do Bonfim e cerca de 25.000 na cidade do Porto. Segue abaixo um trecho da entrevista sobre a importância da reabilitação e a posição da casa bô na Freguesia do Bonfim:

“APE: ... a ideia utópica era que não houvesse 2000 casas devolutas todas casas estivessem ocupadas fosse através de negócio porque isso é importante para a economia local, e para o emprego, fosse através de habitações, pronto...”

...E isso tem um potencial incrível porque não fecha a porta a ninguém, não é... abre. E portanto cria variabilidade e isso é ótimo. Interação entre vários agentes diferentes, dinamizar até a própria rua que estava muito morta, a rua do Bonfim. a relação

¹¹⁰ Entrevista transcrita disponível no Apêndice 2 deste trabalho.

com a escola, porque está ali localizada num sítio que é muito dinâmico.... E tem o centro da Junta e o próprio centro da cidade, portanto tem ali escola perto, tem ali a paróquia que muitas pessoas idosas frequentam, portanto pode ser perfeitamente um dinamizador dessas relações”¹¹¹.

Percebe-se que além de suas finalidades sociais, a casa bô tem por objetivos, conseguir por meio de acordo contratual com o proprietário de uma casa em situação de abandono, promover ação de reabilitação urbana com um arrendamento com valor simbólico, o que auxilia a associação na sua própria sustentabilidade e condição de existir.

Práticas ambientais ecológicas sustentáveis – Permacultura

Uma das iniciativas que a casa bô promove em seu pilar ambiental é a prática da Permacultura, que consiste por exemplo em formas de aproveitamento de espaços limitados para o desenvolvimento de hortas e outras iniciativas. No jardim da associação foi utilizada uma das paredes para a implementação de uma horta vertical que fornece legumes e folhas para consumo interno nos jantares sociais da entidade. Sobre a importância da prática da permacultura, destaca-se trecho de entrevista por escrito feita com o Sr. Maurício Umann:

“André Príncipe: Qual o papel da Permacultura nesse processo de consciência ambiental na busca por uma aproximação do homem na natureza e por um mundo melhor?

Maurício Umann: A Permacultura é uma ferramenta prática de regeneração ambiental, social e económica com uma forte base ética: Cuidar da Terra; cuidar das pessoas, consumo responsável e partilha de excedentes. Mais do que uma filosofia, é uma forma de vida que preconiza a responsabilidade individual como meio para a reconexão com a natureza ainda que saibamos que somos natureza... Quando aplicada na sua asção inicial como Design Regenerativo a Permacultura transforma o permacultor em um ser humano mais consciente das suas acções e mais respeitante e activo em relação aos desafios do mundo actual. Para mim, “A Permacultura é uma ferramenta de design holístico que suporta a reconecção do homem à sua própria natureza.

[...]

Quando temos o nosso bem-estar assegurado, está cada vez mais presente na nossa natureza aplicação do terceiro ponto da ética da Permacultura: partilhar os excedentes e estes excedentes vão desde uma colheita de tomates na horta como a partilha de saberes e arte para o bem comum...”¹¹²

¹¹¹ Pena, A.. (2016, setembro 22). *Entrevista pessoal*.

¹¹² Umann, M.. (2016, setembro 25). *Comunicação pessoal*.

Jantares Sociais na sede da casa bô

Os jantares sociais da casa bô são eventos sociais que permitem uma forte interação dos membros da casa bô com o público e a classe artística. Permite uma rápida integração entre pessoas que vão pela primeira vez e propicia novas amizades, a disseminação dos valores da casa bô entre o público e coesão social.

Adicionalmente, é um tipo de evento que aproxima a classe artística do público num ambiente intimista que promove um contato muito mais próximo do que em eventos padronizados dos demais equipamentos culturais.

Permite também um *networking* entre a classe artística para a composição de novas parcerias e projetos. Outro benefício é a oportunidade de conscientização para um tipo de alimentação mais saudável a um preço justo, que aliás é também oferecido por doativo consciente.

Por fim, é uma das iniciativas que mais propicia à casa bô retorno financeiro para a sustentabilidade da associação, correspondendo a 55% da arrecadação dos eventos internos.

Desenvolvimento pessoal (*empowerment*)

Os bons níveis de eventos de formação (oficinas) colocam as associações culturais como locais de desenvolvimento pessoal (empoderamento), além de uma opção a mais de cultura e lazer, capacitando pessoas de outras competências por meio da arte.

Sobre a questão do desenvolvimento pessoal, a Sra. Alda Pena, do Pelouro de Coesão Social do Bonfim relatou:

“André Príncipe: E quais são as principais dificuldades e desafios que a coesão social tem aqui no Bonfim?

Alda Pena: Para mim o principal desafio é realmente as pessoas terem noção das suas potencialidades, ou seja, o que nós sentimos é que é possível fazer intervenção familiar...E eu acho que este é o grande desafio, é conseguir envolver as pessoas de tal maneira que elas percebam que a vida delas pode ser melhor do que é. Portanto e eu falo isso, as vezes nós fazemos aqui algumas sessões de desenvolvimento pessoal, ligadas a situação do emprego porque isso é importante, porque ninguém consegue encontrar emprego se não sentir que tem um potencial em si. Portanto é um processo difícil, portanto é preciso muito tempo, e pronto eu adorava que fossem todas muito mais rápidas, mas pronto é o tempo de cada um, e temos que ir aceitando isso. Mas esse é o verdadeiro desafio, é sair, é aceitar os desafios da vida e sair da zona de conforto. Que as pessoas encontraram ali uma zona, aquilo é assim e vai ser sempre assim. Não tem que ser assim, cada um, nós mandamos na sua própria vida, não é? E as pessoas as vezes não assumem isso, acham que é o destino, portanto...

APR: Então pelo o que eu entendi é provocar mudança, é sair do status quo.

APE: É, é isso, é exatamente isso.

APR: E ...

APE: E todos nós temos potenciais incríveis em nós. Só que pela nossa história de vida, ou que pelo o nosso professor foi nos transmitindo, nós criamos um conjunto de crença que não somos capazes, isso difícil, processo de mudança de potencial de cada é complexo.

APR: E como que a Alda vê a casa bô nesse processo de coesão social?

APE: Faz todo o sentido até nessa questão que estou aqui a partilhar consigo, que é, pronto... Na altura quando eu falei com o Ângelo, em que eu percebi que a coisa, a ideia do Ângelo, e todos os outros elementos da equipa foi uma questão, ou seja o que ele se propunha a fazer era esta questão do potencial e da mudança, em que há coisas muito boas, e que as vezes nós olhamos mais para o aspeto negativo da nossa vida do que os positivos, tem haver com nós fazermos alguma coisa que gostamos muito, pronto, e a cultura pode trazer isso. No caso deles, eles falavam da cultura em geral aberta, ou seja, cada um podia pertencer ao que quisesse, não é alguma coisa restrita. Geralmente as associações, as ONGB, fizeram organizações que trabalham na área social são muito mais distantes, ou seja, muito mais fixadas só numa coisa ou é isto, ou não cabe aqui. Ele não, sentia-se uma receptividade muito grande para aquilo que a pessoas quisesse desenvolver, portanto abriu uma abertura muito grande para o projeto quase individual. E isso tem um potencial incrível porque não fecha a porta a ninguém, não é... abre. E portanto cria variabilidade e isso é ótimo. Interação entre vários agentes diferentes, dinamizar até a própria rua que estava muito morta, a rua do Bonfim. E falamos muitas vezes das questões intergeracionais, o aproveitamento aquilo que os mais velhos têm de bom para os mais novos também absorverem, a relação com a escola, porque está ali localizada num sítio que é muito dinâmico, não é. E tem o centro da Junta e o próprio centro da cidade, portanto tem ali escola perto, tem ali a paróquia que muitas pessoas idosas frequentam, portanto pode ser perfeitamente um dinamizador dessas relações¹¹³.

A casa bô realizou no período de amostragem da análise cerca de 13 eventos de formação (oficinas), correspondendo a mais de um evento de capacitação por mês. Percebe-se que é uma boa iniciativa, mas que pode ser ainda mais dinamizada em prol das necessidades da comunidade local do Bonfim.

Turismo

No que tange aos contributos, a casa bô pode oferecer contribuições ao turismo do Porto como um local de oferta de arte e cultura não só alternativa do sentido de não se configurar como um equipamento cultural tradicional, mas também como uma alternativa a mais no mapa cultural turístico da cidade.

Segundo informações do relatório sobre a criação de crescimento – medindo mercados culturais e criativos na União Europeia (Ernst & Young, 2014, p. 27), os setores culturais e criativos são potenciais catalisadores para o turismo, sendo que um em cada três turistas na União Europeia são guiados e atraídos por atrações culturais (dados de

¹¹³ Pena, A.. (2016, setembro 22). *Entrevista pessoal*.

2009), sendo o segundo critério na consideração do local de destino de férias, atrás apenas custo versus benefício que a viagem pode oferecer.

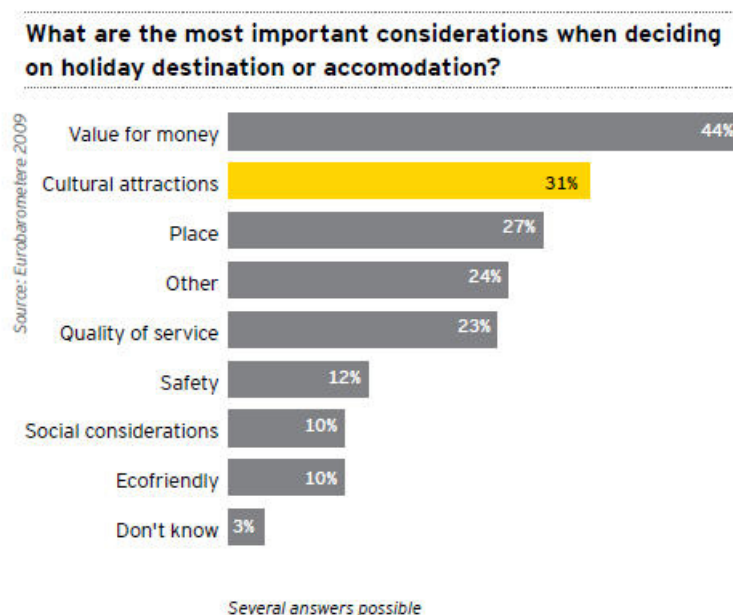


Figura 36: percentual de critérios para escolha de um destino de viagem ou acomodação (Ernst & Young, 2014, p. 27 *apud* Eurobarometere 2009)

A associação casa bô recebe diferentes tipos de público, sendo geralmente os membros da associação, ou família bô, pessoas com alguma ligação com a classe artística ligada ou não com os eventos, pessoas da comunidade local da Freguesia do Bonfim e demais moradores fixos e temporários da cidade do Porto, entre muitos estudantes do programa Europeu Erasmus. Porém, é também possível encontrar turistas nacionais e internacionais em visita a cidade do Porto que frequentam a associação em procura por arte, cultura e entretenimento.

Em um dos concertos observados¹¹⁴, do Felipe Antunes e Hélio Flanders, houve a presença de um casal proveniente de Nova Iorque em férias pela Europa, e que optaram pela casa bô em seu primeiro dia no Porto para sua opção de entretenimento. Segue o trecho que relata a presença do casal:

“...duas [pessoas] vieram pela primeira vez sem conhecer a casa bô e sem referências de amigos. Souberam do concerto pela internet ao digitar “events in Porto”. Encontraram o concerto da casa bô pelo *site* Viral Agenda. Tratava-se de um casal

¹¹⁴ Príncipe, A.. (2016, agosto 09). *Diário de observação* 6.

em férias pela Europa, que residem nos Estados Unidos. Ele é americano, e a mulher da Macedónia...”¹¹⁵

Em entrevista por escrito com um dos turistas¹¹⁶, Sr. Ellie Humy, informou que era sua primeira visita na cidade do Porto, e que veio à casa bô em procura de música ao vivo e de uma experiência única. Disse também que encontrou dificuldades para encontrar o local por falta de placa indicativa na entrada uma das coisas que gostou de menos foi o fato de assistir ao concerto no chão (em um dos pufes).

A outra turista, Sra. Elena Mihajlovska, também respondeu a entrevista por escrito sobre a experiência que teve sobre o concerto na casa bô¹¹⁷, e informou que teve uma “grande experiência”, e o que mais gostou foi a atmosfera do local e o que menos gostou foi o fato de se sentar nos pufes (havia na altura dois sofás disponíveis e algumas poltronas, não suficientes para todo o público presente).

Democratização da arte e cultura – donativo consciente

Quanto às características dos eventos da casa bô, pode-se dizer que são mais democráticos do que os oferecidos nas indústrias culturais tradicionais. São eventos mais inclusivos, pois oferecem menos barreiras à entrada com o donativo consciente. Há, porém, um menor retorno do artista (e incerteza quanto ao retorno do evento), mas também há mais abertura para novos (artistas) entrantes no mercado.

Contributos de atividades extra sede social

Os eventos e atividades externas são um ousado e importante passo das associações inovarem e para irem de encontro a um público maior e objetivos gerais e específicos.

Apoios e parcerias com as Juntas de Freguesias como as que ocorreram com a festa de São João (sinergia com a Junta de Freguesia do Bonfim), a 1.ª missão bô (Freguesia de Aboadela – Amarante) e Festival bô (Câmara Municipal de Amarante) estreitam e fortalecem laços com os órgãos estatais, propiciando possíveis e futuras novas parcerias para projetos de interesses comuns em prol das comunidades locais.

¹¹⁵ Humy, A.. (2016, setembro 07). *Comunicação pessoal*. Mihajlovska, E.. (2016, setembro 09). *Comunicação pessoal*.

¹¹⁶ Entrevista por escrito com o Sr. Ellie Humy, referenciada na nota de rodapé acima, disponível no Apêndice 3 deste trabalho.

¹¹⁷ Entrevista por escrito com a Sra. Elena Mihajlovska, referenciada na nota de rodapé acima, disponível no Apêndice 3 deste trabalho.

7.2. Desafios e próximos passos

Como desafios, listam-se abaixo os principais pontos identificados como dificuldades, oportunidades, próximos passos e tendências da associação para o futuro:

Limitações estruturais e financeiras

A estrutura atual e falta de recursos reduzem a escala de atuação para desenvolvimento de projetos e inovar socialmente. Limitam a criatividade e iniciativas criativas no sentido de haver muitas ideias e projetos que não saem do papel por conta da falta de recursos financeiros e espaço físico e divulgação em condições adequadas.

Sobre o assunto, a Sra. Alda Pena relatou:

“APR: E a Junta do Bonfim tem ideia de quais são as dificuldades e limitações da casa bô, para o atendimento das finalidades?”

APE: Pronto, eu não sei se temos. Tenho a minha perspectiva sobre o assunto, não sei se é realista ou não, espero que seja. Pronto, o que sentiu na altura, o que sentimos foi que havia alguns condicionantes financeiros para os projetos se desenvolverem, apesar deles realmente terem conseguido alguns subsídios para melhorar a casa, e a casa já está muito melhor do que a primeira vez que eu a vi, não é. Porque eles têm tido esse cuidado reconstruindo a casa aos pouquinhos, conforme vão angariando também o dinheiro para os projetos. E claro que o projeto, se calhar... Há duas formas de ver as coisas, é verdade que se calhar, se tivesse mais dinheiro, mais apoio financeiro conseguiriam disputar as coisas mais rapidamente. Mas também é verdade que as vezes o dinheiro atrapalha, porque o dinheiro, havendo muito dinheiro, as vezes é .. não haver o dinheiro provoca uma união muito grande entre as pessoas para atingir os seus objetivos. E portanto esse é um caminho muito interessante, ou seja, o melhor é o equilíbrio digamos, ou seja não ter pouco dinheiro, mas não ter dinheiro em demasia porque senão todo o processo que eles estão desenvolver ao longo do tempo, não era certamente igual. Porque se promove uma riqueza muito grande, de facto eles têm imensos voluntários, pessoas que veem interessados no projeto também tem haver com aquilo que é dar o nosso melhor. O mais importante o que nós temos, e apesar que quando há muito dinheiro fazes coisas muito grandes, mas não se consegues desenvolver esse espírito de grupo, e de união que eles conseguiram desenvolver até por causa da falta de recursos financeiros. É claro, que o percebo que acaba até por estar em insegurança, e pronto, para promover aqui algumas, eles precisavam de mais dinheiro, mais pronto, eu acho que é um projeto muito interessante, e o que eu tenho falado com eles, é que existem também alguns quadros comunitários, que seria importante eles terem consideração para nem que fosse potenciar a casa. E depois todo o resto eles irem construindo conforme eles vão sentindo que o caminho deles, porque as vezes a gente quer acelerar o caminho, mas depois o caminho não é igual se for muito acelerado”¹¹⁸.

Por outro lado, este tipo de desafio pode potenciar soluções alternativas de baixo curso e criativas, porém a tendência é que se crie um gargalo nas frentes de trabalho com um local sem condições plenas de funcionamento. Outro efeito é a união das pessoas em

¹¹⁸ Pena, A.. (2016, setembro 22). *Entrevista pessoal*.

torno da mesma causa, o que foi bem mencionado pela Sra. Alda Pena e acaba por acontecer na casa bô.

Melhoria da comunicação com o público

Apesar do cunho social, a casa bô pode melhorar a comunicação dos eventos para outras línguas, já que possui e recebe muitos estrangeiros. Pode também explorar outros canais de divulgação utilizados pelos canais tradicionais como a rede social Twitter.

Concluiu-se que a casa bô pode melhorar a sua comunicação institucional no auxílio de uma maior transparência como agente social. Sugere-se a criação de um *newsletter* mensal com informações dos gastos e receitas e outras informações como número de eventos mensais e notícias. Estatísticas sobre o número de visitantes mensais, as nacionalidades e outros indicadores podem contribuir para a casa bô melhorar a performance administrativa e estratégica de sua associação.

Em eventos de maior repercussão, como o festival bô, um *press release* seria uma forma efetiva de comunicar à sociedade os resultados do evento.

A casa bô pode melhorar a rede de comunicação entre as comunidades virtuais. uma delas é o *couchsurfing*. O Sr. Vítor Hugo, dinamizador das noites de poesia faz esse trabalho de forma esporádica, mas seria mais efetivo se fosse feita a divulgação da agenda semanal da casa bô, em mais de uma língua, uma vez que se trata de uma comunidade de estudantes e pessoas de todo o mundo.

Ao passo que aumenta a malha da oferta turística, a associação pode e precisa de melhorias em sua comunicação das atividades, oferecendo o conteúdo dos eventos não só em língua portuguesa, como em inglês (pelo menos), bem como pode melhorar a visibilidade da associação para quem visita o local pela primeira vez (colocar o nome da casa bô visível em sua fachada).

Modelo de arrecadação por donativo consciente

É preciso monitorar se o modelo de negócio da associação por meio do uso de donativo consciente será viável no futuro. Atualmente os percentuais de contribuição por esse método estão em percentuais de cerca de 80% para os jantares sociais e cerca de 70% para os demais eventos.

Reconhece-se que este modelo é muito mais democrático, inclusivo e dentro dos valores da casa bô de ser um espaço de portas abertas a todos e sem quaisquer barreiras à entrada para quem deseja participar das atividades da casa, porém é preciso ter em mente

que a casa só se torna sustentável ao ponto que um número mínimo de eventos acontece com um percentual mínimo de pagantes, conforme as análises apontaram.

Uma boa forma de se mensurar se o modelo é o mais adequado é com a implementação de uma gestão baseada em controlos que possam medir e entender o perfil do público que contribui do público que não contribui com o donativo consciente, ou o faz em menor valor ao sugerido.

Há uma falta de parâmetros nesse momento para se verificar se o modelo é viável no tempo a médio e longo prazos, uma vez que a casa bô tem menos de dois anos de atividades.

Estreitamento de relações com a esfera municipal do Porto

Outras medidas que a casa bô pode realizar é verificar como a Câmara Municipal do Porto pode contribuir com ajuda financeira, marketing, formas de melhor envolvimento com a cidade, oportunidade de dinamizar o voluntariado, e melhoria da abordagem turística da associação, como também auxílio para conseguir dinamizar a recolha de donativos, por exemplo, tentar parceria para uso de veículos da Câmara para tal fim. Pode-se ainda verificar a possibilidade de isenções de taxas, procura por *know-how* para aplicar candidaturas para projetos em fundos europeus e tentar maior proximidade e sinergias com os equipamentos culturais tradicionais para fins de *benchmarking* e outras sinergias.

Em relação com a comunidade local, não só há uma estreita relação, como ela é bastante desejável por parte dos Pelouros da Junta de Freguesia do Bonfim, como se pode ver na entrevista com a Sra. Alda Pena:

“APR: Tem alguma consideração que a Alda queria fazer em relação a ...

APE: A única coisa em relação a casa bô é que na altura em que o Ângelo andava a procura da casa, eu já tinha falado, não era aqui na rua do Bonfim, ele andava a procura de uma parceria assim, e o que eu sempre disse foi: que seja no Bonfim Ângelo, e foi no Bonfim. Foi pela ideia que ele já trazia [risos].

APR: Vejo também que a Alda também trás felicidade para a Alda a presença da casa bô aqui, e na comunidade.

APE: Claro que sim. Se for noutro sítio qualquer, vou na mesma para o Porto, mas que seja no Bonfim. Para que realmente a Junta por si só, sozinha não consegue chegar a níveis que pretende chegar. Sozinha é impossível. Portanto nós só com uma rede forte de agentes sociais e culturais é que podemos potenciar o trabalho todo que

fazemos, portanto quanto mais gente boa tivermos por aqui, mais fácil é potenciar todo o trabalho que é desenvolvido aqui e unir esforços em conjunto”¹¹⁹.

Corroborar com esta opinião o Pelouro da Cultura da Freguesia do Bonfim, nas palavras do Sr. José Soares:

“André Príncipe: Há alguma parceria, incentivos e projetos conjuntos entre a casa bô e a Junta de Freguesia do Bonfim?

José Soares: A casa bô a convite do Pelouro da Educação, Cultura e Lazer integra o Conselho Cultural do Bonfim, ajudando na elaboração dos diversos eventos culturais da freguesia, os projetos conjuntos são os deliberados no Conselho Cultural, tal como a participação no programa de comemorações do aniversário da freguesia. Existindo cabimento orçamental a Junta poderá atribuir subsídios aos eventos organizados pela casa bô, ou ceder graciosamente o nosso salão nobre para efetuar eventos.

AP: Como a Junta de Freguesia do Bonfim analisa a presença da casa bô na comunidade?

JS: A casa bô tem um papel fundamental na divulgação da cultura à comunidade, em vários campos como o da literatura e da música, entre outros”

...

JS: A casa bô preencheu uma lacuna freguesia com a realização de várias atividades culturais periódicas, e tem sempre respondido aos desafios que a junta de freguesia lhe propõe”.¹²⁰.

Sustentabilidade a médio e longo prazos

Entidades como as associações culturais conseguem até sustentabilidade, mas apenas se houver um volume considerado de recursos humanos que se disponham a colaborar de forma voluntária para essa finalidade.

Quanto ao modelo de negócio, a associação cultural casa bô precisa se adequar com mais frequência às mudanças e ajustes necessários para atingir objetivos monetários suficientes para o excedente ser necessário para uma boa gestão e ampliação de seus projetos. A casa bô teve a preocupação com a criação de um modelo de negócio por meio da ferramenta *Business Model Canvas* antes de sua inauguração, mas, porém, não fez revisões desde então para perceber se o modelo idealizado fazia jus ao real implementado.

A casa bô foi incentivada durante a fase de recolha de dados a revisar seu modelo de negócio, porém, não houve oportunidade na ocasião devido aos projetos externos como a missão em Aboadela e o festival bô.

Conclui-se que é preciso exercitar uma reflexão constante quanto aos rumos do modelo de negócio para se atingir resultados mais contundentes.

¹¹⁹ Pena, A.. (2016, setembro 22). *Entrevista pessoal*.

¹²⁰ Soares, J.. (2016, setembro 19). *Comunicação pessoal*.

Gestão e controlo contabilístico

A falta de controlo contabilístico é algo que merece atenção, pois a casa bô, assim como as demais ESNL tem em seu bojo o princípio da transparência financeira como premissa para arrecadação de donativos e recursos, bem como a prestação de contas dos serviços sociais que presta à sociedade, uma vez que recebeu discriminação positiva com isenções, por exemplo, para operar a associação.

Além da prestação de contas, uma boa gestão com controlos adequados permitirá à casa bô visualizar e ajustar melhor seu modelo de negócio na procura por uma otimização dos serviços prestados e dos resultados alcançados.

Captação de recursos

Com esta investigação, concluiu-se que há muitas oportunidades de captação de recursos que podem e devem ser consideradas pelas associações culturais. Há muitos recursos e oportunidades que servem inclusive de desafio à casa bô para inovar socialmente para a obtenção dos apoios. É uma oportunidade de se utilizar os recursos humanos e a criatividade em prol de ganho de escala de suas atividades, além do uso que já o fazem nos eventos artísticos.

Adicionalmente, é preciso alcançar *know-how* com outras entidades para se conseguir usufruir das oportunidades existentes como o Portugal 2020. Além de apoios e recursos, a casa bô pode aceder a possibilidades de linhas de crédito para organizações sociais.

Adoção de melhores práticas

A falta de melhores práticas nas ESNL ocorre muitas vezes da falta de oportunidade de troca de conhecimentos entre as organizações reconhecidamente eficientes e eficazes em termos operacionais e de gestão. O *benchmarking* pode ser uma boa ferramenta para organizações que não possuem formas de investir financeiramente em melhoria contínua, por exemplo.

O fato de associações culturais serem entidades autónomas e espaços alternativos face à oferta e demanda de cultura existente não significa que essas organizações precisem ficar ilhadas em seus nichos e fronteiras. Não é preciso “reinventar a roda” para algumas práticas que já são consolidadas em outros meios, mesmo os mais tecnológicos e capitalistas. É preciso apenas atenção para se observar e absorver tudo aquilo que não

confunda ou entre em conflito com os valores das associações culturais para uma melhor gestão.

Burocracia como entrave e limitações do setor cultural sem fins lucrativos

Do ponto de vista social, as organizações sociais têm um importante papel ao desenvolverem atividades muitas vezes de competência do Estado para fins de intervenção, inclusão e coesão sociais. Entraves e burocracias dificultam a aberturas de organizações do terceiro setor.

O Sr. Ângelo Lopes declarou em entrevista sobre a intenção inicial de abertura de uma cooperativa ao invés de uma associação social, pensando na altura sobre a possibilidade de explorar de forma mais efetiva ações de empreendedorismo que são mais facilmente desenvolvidas no segmento cooperativo. Porém, as barreiras à entrada e dificuldades para iniciar este modelo de organização não-lucrativa fez com que optasse pela associação cultural:

“AL:[...] na prática a cooperativa tinha mais umas implicações... era preciso ter 2000 euros de caução para depositar inicialmente numa conta e para podermos criarmos a cooperativa, havia algumas questões como não era muito fácil para nos esclarecer, porque pouca gente tem noção do que criar uma cooperativa implica, não é um formato muito usual, é muito mais usual a associação, portanto associações era muito mais simples de criar [...]”¹²¹.

Modelo de estrutura organizacional

A estrutura organizacional familiar e horizontal da casa bô é boa para a reafirmação dos valores e compromissos da associação, porém um pouco ineficaz em termos de gestão. Seria preciso repensar o modelo e funcionamento de estrutura organizacional para que se consiga acompanhar o rápido crescimento que a casa bô teve em um ano e meio de atividade.

Modelo de vivência comunitária

A cultura de família entre os associados da casa bô é um forte elemento que contribui para reforçar os valores da associação, como elemento agregador de novos associados e um fator diferencial cativante que dinamiza as ações da associação e facilita a mobilização do grupo para ações conjuntas. O ponto negativo é que como nas famílias tradicionais, há deficiências quanto às responsabilidades individuais de cada membro.

¹²¹ Lopes, A.. (2016, agosto 03). *Entrevista pessoal*.

Questões coletivas são as vezes deixadas em modo *stand by* até que sua ação não possa mais ser adiada, e o jargão de que santo de casa não faz milagre às vezes pode soar coincidentemente “familiar”.

Outro ponto a se considerar é como será a adesão desse grupo de membros com o evoluir do tempo. Assim como nas famílias tradicionais, em que os membros com o tempo tendem a procurar outros locais para viver fragmentando a vivência familiar ou simplesmente criam outros núcleos familiares (nos casos de divórcio), o mesmo tipo de situação tende a ocorrer com as rotatividades que podem acontecer entre os membros da família bô. É preciso tempo para se avaliar os possíveis efeitos desse tipo de renovação familiar na comunidade bô.

Coesão Social associativa de diferentes faixas etárias

Verificou-se que a faixa etária predominante dos membros da família bô é de pessoas entre os 20 e 35 anos, conforme ratificado pelo Sr. Ângelo Lopes em entrevista. Em relação ao público verificou-se na observação dos eventos uma faixa maior, entre os 20 e 45 anos.

Ainda assim, a associação precisa avaliar formas de integrar pessoas de diferentes faixas etárias para uma maior coesão social, principalmente entre as pessoas acima dos 45 anos, uma vez que o público abaixo dos 20 anos está nessa altura da vida ainda mais ligada aos seus núcleos familiares e focada nos ciclos escolares.

Porém, nada impede de se criar oficinas para essa faixa etária em convênio, por exemplo, com conservatórias de música como forma de empoderamento e disseminação da arte e cultura nas novas gerações que estão emergindo.

Atração de público fora do meio artístico

A casa bô tem em sua maioria atraído um público ligado à classe artística. Percebe-se isso em depoimentos, nas entrevistas e nos diários de observação. Por si só, essa atração é um importante resultado, ao oferecer à classe artística mais um espaço para divulgação de seu trabalho e desenvolvimento pessoal, bem como ao público uma nova oferta de arte e cultura.

Porém, para uma coesão social mais ampla, um dos desafios da casa bô é aumentar o raio de alcance desse público para pessoas com um menor envolvimento artístico, disseminando ainda mais a arte e cultura para além dos nichos e meios culturais

e de uma rede de pequenos meios que já usufrui de múltiplas formas todas as vantagens que o espaço associativo da casa bô oferece à comunidade.

Implementação de novos projetos

A casa bô tem como um de seus desafios de inovar constantemente como forma de alcançar mais ações de resultados na área social, por exemplo.

Um dos projetos futuros com esse propósito, apresentado pelo membro da família bô Sr. Sérgio Campos, é a proposta de uma ação social chamada “um abraço coletivo pela paz”. Será novamente um evento com o apoio e sinergias da rede colaborativa entre outros espaços associativos como a Quinta do Lobo Branco, Espaço Compasso, Sol em Movimento, e outras organizações de solidariedade social como a G.A.S.Porto, dentre outras.

O local proposto para o evento será o Jardim do Palácio de Cristal ou o Jardim das Oliveiras em frente à Torre dos Clérigos, ambos ícones turísticos do Porto.

Pretende-se criar um sentido de união entre os participantes, celebrando a paz, amor, sentido de partilha e coesão social entre todos os seres. Como objetivo secundário o evento tem como causa divulgar a identidade e o trabalho da associação casa bô e demais coautoras do evento, por meio de um folheto informativo.

Percebe-se que este tipo de ação depende de muitas sinergias e coordenação para ser executada, e, portanto, um bom desafio para alavancar ainda mais as atividades sociais da casa bô, como já foi o festival bô.

7.3. Uma proposta de teoria: os 4 Ts do desenvolvimento da Economia da Coesão Social

Propõe-se neste tópico da investigação uma nova teoria, inspirada e baseada na conhecida teoria (de inúmeras repercussões) de desenvolvimento económico criado por Richard Florida¹²² baseada na economia criativa gerada por cidades criativas. O modelo de Richard Florida é chamado de 3 Ts do desenvolvimento económico, em que cada T significa tecnologia, talento e tolerância.

Segundo Florida, cada um deles é necessário para a atração de pessoas criativas e para a geração inovadora para simulação do crescimento económico dentro

¹²² Modelo descrito em seu livro: *The Rise of the Creative Class*, (2002).

de um mesmo local, sendo que a falta de um dos Ts inviabiliza essa condição (Florida, 2002, p. 249).

Em outras palavras, cada um desses três elementos representa a inovação e criatividade aplicadas à prosperidade económica, e que como já citado neste trabalho, pelos modelos de Crescimento Económico estão atrelados ao acúmulo de capital como medida de bem-estar social.

A classe criativa, nesse caso exposto por Florida, é a responsável pelo desenvolvimento económico, social e cultural desta nova geração emergente. Para a atração dessa classe, o lugar geográfico (as cidades), precisam oferecer um ambiente cultural e social dinâmico e com abertura à diversidade (nesse caso, a tolerância). O local aliado às condições citadas criam uma atmosfera suscetível para a criatividade como força motriz da cidade e economia criativa. Um dos índices de tolerância utilizados por Florida é bastante criticado, pois é relacionado com a orientação sexual do número de homossexuais nas cidades.

O talento está vinculado capital humano, ao profissional da classe criativa, e a tecnologia como a ferramenta para desenvolvimento do potencial criativo e inovador que movimentará a economia das cidades.

A teoria que se propõe nesta investigação tem como base os 4 Ts como sendo: o talento, nesse caso, o pilar da cultura, em que se insere as habilidades da classe criativa artística; a tolerância, nesse caso presente no pilar da Solidariedade Social (a inclusão e coesão social em todas as suas formas); o território, ligado ao pilar ambiente, nesse caso os locais urbanos e rurais, numa perspectiva de vivência em equilíbrio entre os centros urbanos e a proximidade com a natureza; e por último, o elo que se cria com essas três características juntas, a união dos seres numa mesma causa social, a coesão social em sua plenitude, em que prevalece o espírito de união, unidade, chamado aqui de o quarto T (totalidade ou todos somos um).

A sinergia entre esses elementos combinados produz um desenvolvimento económico voltado não ao modelo atual de mercado de prosperidade económica aliada ao acúmulo de bens e capital, mas sim um desenvolvimento de economia social movida por ações sociais inovadoras, com a criatividade da classe artística como impulsionadora desse fenómeno, gerando uma nova ramificação da economia social tradicional voltada para a prosperidade das relações humanas sustentáveis, em equilíbrio entre o social e

ambiental como medida de bem-estar social. Nesse caso, para além do conceito de Economia Social, cria-se um novo ramo de Economia, a economia de coesão social.

A figura abaixo mostra a representação gráfica da proposta de teoria dos 4 Ts.

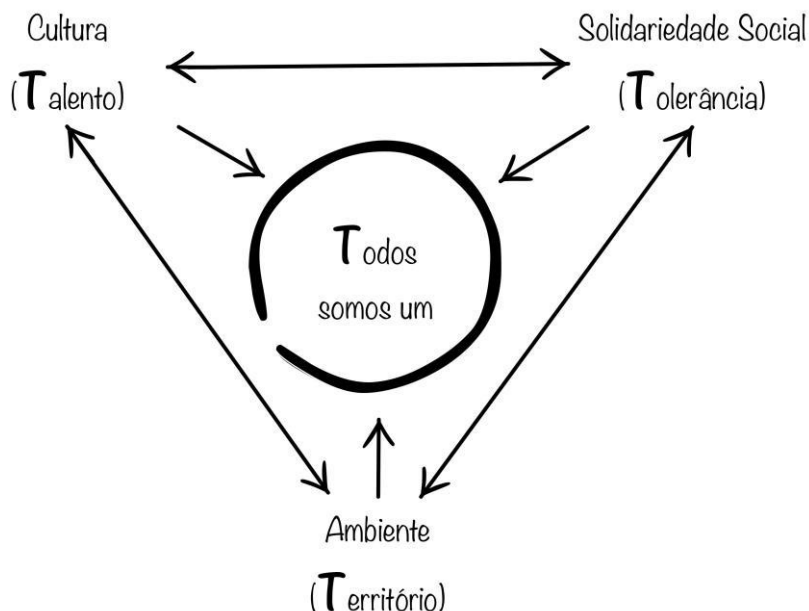


Figura 37: proposta de teoria desta investigação, os 4 Ts. Fonte: elaborado pelo autor.

Difere-se este novo conceito de Economia, de coesão social do conceito de economia do bem-estar social, uma vez que esta última está ligada e relacionada com a eficiência económica e a capacidade de distribuição de renda.

Na economia de coesão social, mais do que se focar na eficiência económica, a preocupação está na sustentabilidade individual e coletiva como centro dessa economia.

Na teoria dos 4 Ts, privilegia-se mais as relações humanas e a coesão social, em detrimento à tecnologia, que vem em escala exponencial segregando o convívio humano presencial pelo individualismo presencial conectado a uma comunidade cada vez mais global, porém virtual.

Nesse novo modelo de Economia, urge uma nova ordem social, um movimento de uma parcela da sociedade que procura novas formas de vivência baseadas no senso comunitário, em contraponto ao sistema capitalista, mais individualista.

Essa nova ordem é liderada pela classe criativa artística e por pessoas ligadas às artes e cultura (e muitas vertentes das atividades das indústrias criativas analisada neste trabalho). Nesse caso, essa classe criativa, predominantemente artística, procura um modelo de sociedade em que transcende a visão de substância, pela também visão de

processo, como notório exemplo utilizado para exemplificar a cultura organizacional empresarial como um *iceberg*, em que a parte de visível, do gelo fora da água é formada por componentes visíveis a todas as pessoas, e os componentes invisíveis, ocultos, submersos na água, como aspetos afetivos e sociais.

Em seu artigo sobre *Organisation e Organising*, Graça escreve sobre este fenómeno de substância e processo no pensamento social, que são duas maneiras de pensar e entender a realidade em visões com diferentes focos, em que o autor nomeia de duas ontologias: substância e processo. No caso do artigo, esse dois olhares dão uma visão física e metafísica de uma organização, ou distal e proximal (2003).

Numa analogia da organização para a sociedade como um todo, pensa-se aqui na substância como o modo de vida tradicional baseada na economia de mercado. Pensa-se em processo como a forma que se quer viver, num novo modelo de sociedade, uma nova ordem mundial, que como ainda não existente, pode ser até considerada utópica.

A capacidade de se observar essas duas “faces da moeda”, combinando-as entre elas, pode ser chamado como modo de pensar pela ótica “*in between*”. Esse tipo de pensamento é bastante presente na classe criativa, e, por conseguinte, pela classe criativa artística.

Logo, esse movimento que se cria, essa nova ordem que surge, procura por um modo de vida em que se continue a viver na sociedade que se vive, mas, porém, de uma nova forma, uma forma sustentável e baseada na mudança, numa mudança do modelo de acúmulo de capital e a exploração da tecnologia como sinónimo de bem-estar social, para outra baseada na mudança sustentável da coesão social entre os seres como medida de bem-estar social.

Sobre o festival bô, a terapeuta Elizabeth Clarck relatou acerca da liberdade que se há em ambientes mais flexíveis e sem as regras de mercado:

“EC: Sem estrutura, nós somos livres para desfrutar o tempo todo [risos], aqui a minha vida se torna uma viagem, você sabe? Porque eu crio, eu sigo o que eu amo e eu desfruto, e...

[...]

EC: Eles estão apenas querendo criar um novo [modelo de sociedade].

AP: É criação, certo?

EC: Sim, acho que não se trata de ser contra, é sobre estarmos juntos, não é ser contra as regras, é sobre mudar as regras...”¹²³

Os valores desse movimento social emergente estão alinhados com o modo de vida e os valores cultivados por boa parte da classe artística. Alguns desses valores são colocados abaixo, e a sua contraposição aos valores da sociedade dominante:

Valores sociais (dos indivíduos e sociedade)	
Sociedade atual (mercantil)	Novo paradigma (lógica "in between")
Individualidade	Coletividade
Competição e concorrência	Colaboração e cooperação
Excesso de leis e regras	Consciência coletiva (poucas regras)
Estado-providência	Sociedade-providência
Acúmulo de capital	Relações humanas, afeto, coesão social
salário	voluntariado
Exclusão social, barreiras	Inclusão Social, Eliminação de barreiras
Meritocracia	Coesão Social, Equilíbrio
Economia de mercado	Economia Social
acúmulo de bens	fortalecimento da relações humanas (solidariedade)
Sustentabilidade econômica	Sustentabilidade Social
Divisão por classe sociais	Inclusão entre as pessoas de todas as classes
Tecnologia	Talento de cada indivíduo
Intolerâncias étnicas e de classes	Tolerância dos seres
Agrupamento em metrópoles	Aproximação com a natureza
Preocupação com a estética	Aceitação do corpo
Sociedade Rígida	Sociedade Flexível
Maus Hábitos alimentares	Alimentação saudável (Vegetarianismo, etc.)
diversidade de ideias e ideais	convergência numa inteligência coletiva
cultura de acumulo de bens	cultura do "abraço"
segmentação de pessoas em grupos e setores	União dos seres
Busca por estabilidades	Mudança como regra
calendarização da vida (controle de tempo)	Desconstrução de controle temporal
Agenda rígida	Agenda flexível
calendário e prazos	Deixar fluir a corrente
Vida programada por calendário e prazos	Liberdade para escolha de horário de trabalho e lazer
prazer aliado ao lazer	prazer aliado ao trabalho e lazer
organização vertical (com variantes)	organização horizontal
valor de propriedade	valor de uso
crescimento econômico	decréscimo voluntário
economia de escala (de escada)	abundância e multiplicação de recursos
inovação tecnológica	inovação social ou cidadã
dependências	autonomia

Quadro 39: valores sociais entre a sociedade atual e um novo paradigma.
Fonte: elaborado pelo autor.

¹²³ Clark, E.. (2016, agosto 28). *Entrevista pessoal*.

O Sr. Maurício Umann falou sobre o assunto em entrevista, que está reproduzida a seguir:

“AP: Qual a importância do fortalecimento das relações humanas e da desconstrução do modelo de sociedade atual baseada no capitalismo?”

MU: Ao procurarmos, em conjunto e desapegados do nosso tão impregnado individualismo, buscamos encontrar, testar, provar, descobrir, experimentar e daí tirar ilações sobre novas formas de abordar os diferentes temas e desafios que se nos apresentam nos tempos que correm. Encontro aqui clareza nesta busca no sentido de criar algo novo e não propriamente desconstruir o que já existe. Ao criar algo novo e que funcione o velho, de gasto e descabido, acabará por ruir sendo esta busca extremamente necessária para que possamos atempadamente encontrar soluções exequíveis e menos dolorosas para esta transição.

AP: Qual o papel da classe artística (e pessoas ligadas às artes em geral) nesse processo e quais os contributos de uma Associação como a casa bô em prol desse movimento?

MU: A arte é fundamental para nos conectarmos com esta alma que anda à frente do seu tempo, que igualmente está sempre à procura, a olhar, a prescrutar o que vem de dentro e de outros planos de consciência. Este processo interior de procura incessante do artista, manifesta-se efectivo quando encontra ressonância no inconsciente colectivo. A Casa Bô encontra-se como um agente promotor activo neste interface entre o que ainda não está manifesto na nossa consciência colectiva promovendo oportunidades de conexão com o novo para nos despertarmos do sono profundo em que nos encontramos.¹²⁴”

Nesse sentido, os espaços associativos como a casa bô são células dessa rede colaborativa comunitária, que vem se unindo cada vez mais com esse esse ideal da lógica do “*in between*” e mudança como uma forma de vida mais saudável e sustentável. A cultura, o ambiente e a solidariedade são os três componentes (3 Ts) que unem essas pessoas num mesmo ideal: o cultivo das relações humanas para uma coesão social como medida de bem-estar social, em que “*todos somos um*” (quarto T), na geração de uma economia de coesão social.

O festival bô, realizado em Amarante pela associação cultural casa bô, foi um exemplo factível da força e do tamanho que esta comunidade emergente da classe criativa artística conseguiu fazer possível a teoria dos 4 Ts.

O **T**alento dos mais de 170 voluntários da classe artística, em um **T**erritório em comunhão com a natureza (Parque de Campismo de Campismo de Penedo da Rainha, Amarante), num ambiente em comunhão com a **T**olerância, nem mesmo objetivo, a valorização das relações humanas em sua totalidade (**T**odos somos um).

¹²⁴ Umann, M.. (2016, setembro 25). *Comunicação pessoal*.

Um evento de muitas sinergias, entre pessoas em comunhão com os pilares da cultura, ambiente e solidariedade social em prol de um objetivo comum: a união e unicidade dos seres.



Figura 38: cartaz símbolo do Festival bô, 2016. Foto © André Príncipe.

Sobre um novo modelo social, o Sr. Maurício Umann explicitou em entrevista sobre um novo modelo social, ao qual nomeou como novo paradigma:

“André Príncipe: Como você enxerga o papel da Associação casa bô nesse processo de busca por uma nova forma de sociedade, baseado na consciência coletiva em prol de uma mudança social sustentável?”

Maurício Umann: Na realidade, conheço pouco sobre a Casa Bô mas o conjunto de valores pelos quais se gerem são claramente os mesmos partilhados por um grande movimento de pessoas e instituições colectivas no sentido de trazer novas perspectivas sobre os temas que nos rodeia enquanto sociedade. Assim como a Permacultura, vejo a Casa Bô não como um projecto marginal mas como o Cutting Edge desta mudança social que muitos de nós estamos a encetar a partir destas orlas entre o “antigo sistema” e um novo paradigma¹²⁵”.

Maurício Umann terminou sua entrevista falando sobre a questão do bem-estar social e sustentabilidade:

“AP: O que é o bem-estar social para alguém que busca uma mudança social sustentável? Por quê o bem-estar social da atual sociedade não sacia a sede das pessoas que se alinham nessa nova direção?”

MU: A sustentabilidade não é algo presente . Não é possível sustentar o nosso modo de vida, tanto ecologicamente como socialmente. Encontram-se assim nichos conscientes de oportunidades onde podemos manifestar este “novo mundo” que o ser humano busca criar desde sempre e de acordo com a possibilidade de manifestação dessa mudança. Como na natureza, uma coisa só pode acontecer quando o que está a acontecer agora está terminado (o crescimento de uma árvore por exemplo) e o que já está já está e já não serve. Somos seres evolutivos e o que está a nossa volta apenas evolui quando nos próprios evoluímos, através da experiência e da criação de resiliência interior para desapegar do passado. Para mim o bem-estar

¹²⁵ Umann, M.. (2016, setembro 25). *Comunicação pessoal*.

social reside nessa busca incessante e maravilhosa do ser humano de ser mais completo, mais são e mais consciente tanto nas suas escolhas pessoais como nas suas aprendizagens sociais”¹²⁶.

Percebe-se que a questão dos valores que a casa bô cultiva, é na verdade um sentimento de um movimento muito maior e que procura em diferentes perspectivas algo novo, que se encaixe na dinâmica desses valores que suscitam uma consciência coletiva sobre essa mudança sustentável que se aspira. Uma consciência que segundo Umann, diz respeito à própria evolução do ser humano, baseado na soma de suas experiências.

¹²⁶ Umann, M.. (2016, setembro 25). *Comunicação pessoal*.

CONCLUSÕES

A temática das associações culturais está inserida numa área com múltiplas terminologias na literatura. Há diversas formas e nomenclaturas para se organizações da natureza jurídica das associações, envolvendo pouco consenso e muitas controvérsias sobre qual a terminologia mais adequada para as definições existentes.

Outros dois aspetos dificultam o entendimento e funcionamento das organizações do terceiro setor. Um deles é o número de tipologias de organizações ligados à área sem fins lucrativos (além das inúmeras nomenclaturas já citadas anteriormente) e outro aspeto é a falta de clareza com que a legislação trata e regula as organizações do terceiro setor, segregando as regras e formas de funcionamento de cada entidade em diferentes níveis de legislação, de acordo com a competência constitucional ou regulações específicas.

Abaixo discute-se as principais conclusões desta investigação, divididas em tópicos para facilitar o entendimento e os diferentes pontos de vista abordados.

Escassez de literatura sobre gestão no terceiro setor

Percebeu-se nesta investigação que há escassez de literatura sobre a gestão do terceiro setor, em que se insere a associação cultural alvo do estudo de caso, principalmente em Língua Portuguesa, e a literatura existente é mais voltada para a legislação do que para a gestão dessas organizações. Corrobora nesse sentido comentário de Azevedo *et al.* “em Portugal, a literatura sobre gestão tem sido, em geral, omissa quanto ao sector não lucrativo, escasseando livros técnicos ou ensaios académicos que contribuam para o seu fortalecimento e capacitação” (2010, p. 8).

Nesse sentido, é importante que se façam mais estudos e publicações sobre o terceiro setor em Portugal, uma vez que como foi detetado na casa bô, há uma dificuldade e falta de apoio governamental na gestão de entidades associativas e é preciso aprimorar o conhecimento e os recursos humanos deste setor para que consiga de forma mais efetiva cumprir suas finalidades sociais e fomentar ações sociais que contribuam e desafoguem o Estado em áreas de maior carência para a melhoria não só da qualidade de vida das pessoas como da economia portuguesa como um todo.

Respostas e reflexões acerca das principais questões da dissertação

Em relação às questões propostas para esta dissertação, pode-se dizer que o espaço físico contribui para o pensamento de mudança como regra e como motivação para o imprevisto e o novo.

A cultura organizacional da casa bô contribui com iniciativas criativas e a abertura que se dá aos indivíduos, principalmente em relação a valorização e respeito do ser humano. Entretanto, a ausência de regras prejudica a sua gestão administrativa.

A existência de múltiplos pilares de atuação contribui e reforça as ações em cada um deles, sendo a cultura o “doce” que atrai as pessoas e a solidariedade social e as oportunidades de voluntariado e convivência a força motriz, o “ímã” que as mantém o grupo cada vez maior e unido (que se denominou de rede colaborativa). O ambiente como pilar está interligado ao modo de vida mais saudável e integrado com a natureza.

Verificou-se que há padrões entre as associações culturais nos valores sociais que cultivam e isso é benéfico para as sinergias que ocorrem nas redes cooperativas que se criam.

Uma diferença que se notou entre as demais associações e casa bô foi a forma de como os membros associados se relacionam. Conforme depoimentos em entrevistas e diários de observação constatou-se que o conceito de família que se usa ao nomear os membros da casa bô possui mais que uma conotação carinhosa e de proximidade que existe no grupo. É um modo de vida que cada um dos membros decidiu viver adotando a vivência no grupo bô como uma extensão de sua própria família. Ou melhor, como uma nova família, que nasceu com a casa bô e vem crescendo desde então. É um elo forte de cultivo de relações humanas em prol de uma vivência comunitária baseada em valores como amor, respeito, inclusão, coesão, intervenção e bem-estar social.

A casa bô como espaço alternativo propicia um local de portas abertas e oportunidades para a arte e cultura, democratizando a cultura num sentido amplo. Os locais tradicionais (indústrias culturais) standardizam a cultura, geralmente mais ligada a uma elite, pelas barreiras à entrada (preço de bilhetes) e reduzindo a oportunidade de novas iniciativas e manifestações criativas.

A casa bô agrega valor para a comunidade do Bonfim pelo *spot* cultural alternativo que cria na comunidade local, com a revitalização urbana e como local de iniciativas de coesão social.

Conclui-se que a casa bô gera economia social, e consequentemente esta é um substrato de uma suposta economia criativa (no sentido de não se estimar com este estudo a dimensão da economia dita criativa). Esta economia gerada torna a casa bô sustentável, mas ainda lhe falta escala para reinvestimento do capital produzido na associação.

A associação tem potencial para angariar recursos e apoios, porém é considerado um dos desafios a se transpor, pela falta de conhecimento e a necessidade de se desenvolver projetos inovadores para este fim.

A relação entre a casa bô, a criatividade e a inovação acaba por ser forte e estreita, uma vez que a associação é um local não só vocacionado para a ocorrência da criatividade pela cultura organizacional e valores que possui, como também pela condição atual de fragilidade estrutural e económica da associação, que predispõe o espaço associativo a ser não somente criativo para a solução de carências internas emergentes, como também a obriga, de forma natural e espontânea, a ser altamente inovadora, pelo menos socialmente, para desenvolver seus projetos sociais. O festival bô foi uma prova disso. É como dar ao verbete impossível cada dia mais uma diminuição ao seu significado. A questão da quebra de paradigmas (e criação de novos) e mudança social como regra.

Os fatores que contribuem para a criatividade e inovação estão nos três componentes presentes da criatividade que Amabile *et al* relaciona: motivação, *expertise* e capacidade de pensamento criativo, além do espaço físico, a cultura e os valores, e o cunho social da associação.

Não houve condições de responder à pergunta sobre o quão crucial a criatividade é para existência da casa bô, mas verificou-se que a criatividade a auxilia a realizar seus objetivos de formas alternativas com poucos recursos. Sobre a razão de ser, é uma condição inata da classe artística o ambiente e o talento como oriundos da criatividade para a sua produção intelectual.

A relação da casa bô com a tecnologia pode ser vista de duas formas distintas. Na primeira, o seu distanciamento tem relação com a mudança e forma de vida almejada pela comunidade bô, baseada na coesão social e no cultivo das relações humanas, uma vez que a tecnologia muitas vezes acaba por ser um elemento segregador quando as interações humanas proximais são substituídas por gostos e interações em redes sociais. Por outro lado, a tecnologia, quando não utilizada como um elemento que substitua as interações humanas, pode ser um elemento agregador no processo de

aumento da rede colaborativa que acontece entre as associações culturais e outras entidades nomeadamente do terceiro setor.

O uso das redes sociais para a divulgação dos serviços e eventos da casa bô coloca em evidência um local alternativo com tanta visibilidade quanto em relação aos equipamentos tradicionais como a Casa da Música no Porto (vide como exemplo o *website* Viral Agenda que serve de plataforma de eventos para os dois locais). A tecnologia pode ainda auxiliar na captação de recursos como o uso de ferramentas como o *crowdfunding*, principalmente pelo cariz social dos projetos que beneficia a mobilização e consciencialização de massas.

Como última questão secundária levantada nesta investigação, os principais contributos que a casa bô oferece para o seu público é dar oportunidade às pessoas de um circuito cultural diversificado; para a classe artística um espaço fora dos padrões estandardizados das casas comerciais, e maior acesso aos artistas que estão começando; para a sociedade um local cultural e uma rede de pessoas ávidas para o voluntariado e solidariedade social, no cumprimento de carências e questões sociais de interesse e responsabilidade estatal.

Oportunidade para o turismo no Bonfim e Porto

A associação casa bô possui visibilidade em *websites* de eventos culturais com possibilidade de exposição similar às demais indústrias culturais tradicionais como a Casa da Música, Serralves, Coliseu do Porto, entre outras. Essa exibição abre possibilidade para que receba moradores locais e da cidade do Porto, bem como turistas nacionais e internacionais, como foi observado e relatado em diário de observação casos de turistas de Nova Iorque assistindo a concerto em passeio pela cidade do Porto.

Sinergias com a comunidade local

Conclui-se também que a casa bô pode mapear mais oportunidades na procura de sinergias com a comunidade local. A casa bô não possui ainda condições para alojar artistas por mais que alguns dias, por falta de estrutura, como a falta de casa de banho com chuveiro, por exemplo. Há balneário público no Bonfim que pode ser utilizado pelos visitantes e possibilidade de refeições sociais em órgão de solidariedade próximo da casa

bô e da Junta de Freguesia¹²⁷. Pode-se também mapear os locais turísticos e criativos onde os artistas podem se apresentar nas suas folgas quando estiverem pelo Porto.

Melhor aproveitamento de recursos humanos

Percebeu-se que a casa bô pode melhorar o envolvimento de seus membros com as necessidades emergentes da casa bô, por meio de um mapeamento das habilidades pessoais e o potencial criativo dos membros da família bô. Uma forma de melhorar o envolvimento e trazer mais contribuições para a associação cultural.

Direcionamento de donativos

Outra oportunidade identificada é a possibilidade de se renovar a lista de itens de recursos físicos para potenciar donativos direcionados e vocacionados para as necessidades específicas da casa, uma vez que boa parte dos donativos não têm sido usados imediatamente e têm ocupado espaços da associação. Muitas vezes as entidades sociais que recebem donativos são uma oportunidade para as pessoas se desfazerem de um item que possivelmente poderá também não ser usado a curto prazo pela associação.

Relevância do material de pesquisa recolhido

Quanto aos tipos de pesquisa, tanto o quantitativo como o qualitativo trouxeram análises importantes para o estudo de caso. No quantitativo, conseguiu-se fazer uma comparação entre volume e variabilidade de oferta cultural. No qualitativo, conseguiu-se perceber as dificuldades, limitações, contributos e dinâmica da associação para responder as questões sobre criatividade que possuem alto grau de subjetividade e intangibilidade para as análises.

Em relação ao volume e diversidade de entrevistados, houve uma recolha de dados que contribuiu sobremaneira para a visão geral e detalhada do estudo de caso. O uso de um diário de observação com cabeçalho para análise do estudo de caso foi uma ferramenta importante para as análises.

Um dos contributos deste trabalho é o volume e o conteúdo das entrevistas qualitativas transcritas e os diários de observação constituídos, bem como as análises quantitativas, na medida em que poderá “construir referencial para pesquisas futuras” (Bauer *et al.*, 2015, p. 65).

Importância das bases dos membros fundadores da casa bô

¹²⁷ Trata-se da associação cristã Reto à Esperança.

Sobre o *know-how* dos fundadores da casa bô, a importância de bases e conhecimento prévio para o uso direcionado da força de trabalho criativa tem papel fundamental na associação. A base que a G.A.S.Porto proporcionou ao grupo serviu para favorecer a dinâmica construída na associação, que a diferenciou das demais no modo de atuação mais contundente nos eventos externos como o festival bô e no relacionamento entre os associados, como se verificou nas entrevistas e diários de observação.

Multiplicidade de pilares de atuação

Percebeu-se que a existência de multiplicidade de pilares, ao invés de segmentar o público e os recursos, serviu de união para um mesmo propósito.

Dificuldade de estudos na área cultural

Concluiu-se que há uma falta de padronização nas tipologias dos eventos no mercado, o que dificulta estudos na área mais específicos e dificulta o encontro entre o público e a atividade artística. Nesse sentido, as associações culturais têm mais a perder, pois não possuem um departamento específico de marketing para visualizar esse nível de detalhe, e constatou-se que as atividades associativas foram as que tiveram mais eventos classificados com “outras” categorias no *website* Viral Agenda.

A classificação da Unesco de indústrias criativas é antiga (2010) e genérica, não diferenciando tipos de eventos que poderiam ser melhores classificados.

Conclusões sobre análises de dados quantitativos dos equipamentos culturais

Sobre as análises das associações culturais do item 4.1, conclui-se que pelo menos 50% delas possuem mais de um canal de comunicação (*website* ou blogue, por exemplo) o que contribui na sua divulgação, e que muitas possuem mais de uma finalidade social para além da cultura. Apenas uma delas possui cunho político, o que indica que as associações culturais, pelo menos no norte de Portugal são desvinculados de ativismo político, diferentemente de outros países europeus como França e Itália, em que muitas associações priorizam as ideologias políticas, normalmente opositoras ao poder vigente, sendo inclusive consideradas como casas ocupadas.

Quanto à popularidade, a casa bô teve a maior média de gostos na rede social Facebook (2.358 por ano), considerando as premissas adotadas no item 4.1. Porém, não foi possível estabelecer uma relação direta entre esse indicador e o motivo de maior popularidade.

Em relação à classificação dos eventos dentro das indústrias criativas, constatou-se que cerca de 76% da oferta da amostragem é de natureza criativa, o que é um bom indicativo para no eixo cultural para se identificar e classificar a cidade do Porto como uma cidade criativa e geradora de economia criativa.

Nas análises entre apenas os espaços associativos, verificou-se um maior equilíbrio entre a oferta de tipos de eventos e o volume, além de categorias mais comerciais nem sequer terem sido exploradas, como o caso de eventos “acadêmicos”. Curiosamente, houve um índice pouco menor das categorias de indústrias criativas (59,2% do total), que pode ser explicado pelo menor volume de eventos que as associações tiveram em relação aos equipamentos culturais tradicionais (pouco menos de 4 entre 5 eventos da amostragem são oferecidos por indústrias culturais tradicionais).

Estandarização versus democratização da arte e cultura

Pode-se afirmar que pelo menos de forma implícita há a existência de uma estandarização versus democratização da cultura entre as indústrias culturais do Porto.

Em relação às análises e comparações entre as associações culturais e as indústrias culturais tradicionais, consideradas as premissas e critérios na recolha de dados, conclui-se que nas indústrias culturais tradicionais (Casa da Música, Serralves, Coliseu do Porto, Hard Club, etc.), há de certa forma a tendência de um fenómeno de estandarização da cultura, em que esses equipamentos culturais são projetados para atender grandes demandas de público (em relação e comparação aos espaços alternativos) e oferecem uma menor quantidade de opções (variedades) de algumas modalidades artísticas que são encontradas com mais incidência nos espaços associativos. Adicionalmente, esses espaços concentram tipos de arte mais voltados às demandas turísticas e de mercado, e apesar de possuírem um volume muito maior de número de eventos, a grande maioria corresponde aos concertos.

Há muita oferta cultural na cidade do Porto, porém voltada e direcionada em seu volume a uma ou duas categorias de maior interesse e rentabilidade (retorno em vista do investimento). Além disso, a maior parte desses eventos tem preços que movimentam a economia de mercado, e por isso são uma barreira à entrada para o restante da população sem melhores condições financeiras para consumir arte e cultura. Sendo assim, as associações culturais assumem importante papel não só pela fragmentação da oferta nas comunidades locais de seus espaços associativos, como

também oferecem tipos de eventos menos usuais comercialmente, ou alternativos, num movimento de maior democratização da arte e cultura (aliado ao fato de terem preços mais populares ou mesmo custos por donativo voluntário para que todos que desejem tenham acesso).

Essa democratização ocorre não só pela ótica do público, como também pela ótica da classe criativa artística, uma vez que na estandardização, apenas uma parcela dos artistas tem acesso aos locais comerciais para se apresentar, enquanto nos espaços associativos a maior parte possui acesso, dando abertura para novos entrantes no mercado e abrindo possibilidades para que pessoas “comuns” possam iniciar e desenvolver uma carreira artística.

Importância do terceiro setor na sociedade

Sobre o terceiro setor, pode-se concluir que é um importante agente na sociedade pela natureza dos serviços que presta, e são entidades que são e precisam ser apoiadas para conseguir atender seu fim social no atendimento de carências sociais, como as entidades de saúde (IPSS, por exemplo), ou são entidades que procuram autossuficiência e sustentabilidade económica como forma de criação de emprego fora do mercado de trabalho convencional. É preciso incentivar e reforçar a necessidade de políticas públicas mais favoráveis ao terceiro setor, uma vez que representa o oitavo maior empregador em Portugal com 4,6% do total de dos trabalhadores nesse setor (dados de 2006)¹²⁸.

Quanto aos números de associativismo em Portugal, percebeu-se que ainda há poucas iniciativas face ao número total de habitantes no país, com a taxa de aproximadamente uma associação cultural para cada 726 habitantes, a mais baixa da Europa.

Força e presença do espaço associativo alternativo

As associações culturais como a casa bô, apesar de figurarem como espaço alternativo, conseguem atrair atenção da mídia e de artistas emergentes, como no caso do músico Felipe Antunes, que teve sua banda Vitrola Sintética indicada ao Grammy Latino, e o caso do festival bô, que atraiu a atenção da mídia local e do Porto em relação a um evento de considerável proporção para uma associação cultural que teve resultados

¹²⁸ Informação do Instituto de Estatística de Portugal, <https://www.ine.pt/>, acedido em 28 setembro 2016.

expressivos com a mobilização de muitos voluntários e entidades similares em prol da causa social.

A economia social gerada pela casa bô

A casa bô, pela sua dimensão, não tem escala ou representatividade para geração de uma economia criativa considerável para impactar na economia da cidade do Porto. Tem, porém, impacto significativo nos resultados de suas atividades face aos seus custos operacionais (despesas fixas) e receitas.

Considerando apenas as receitas dos eventos internos (e dos jantares sociais), pelo número de eventos do período analisado, a casa bô teve um custo operacional por evento de apenas 18 euros, e receita média de 24 euros entre os concertos e os jantares. O baixo custo operacional permitiu que a casa bô conseguisse *superavit* e atração de diferentes manifestações artísticas.

Conclui-se que para se atingir a sustentabilidade (sem considerar despesas variáveis), a casa bô precisa operacionalizar cerca de 134 eventos (no período de 11 meses das análises) para equilibrar receitas e despesas. Considerando o ciclo de um ano, o número de eventos necessários seria de 146 eventos.

Portanto, para conseguir gerar economia social suficiente para a sua sustentabilidade, a associação precisa otimizar no mínimo cerca de 12 eventos mensais, ou três eventos por semana. Isso significa que a associação, atingindo esta meta, oferecerá três oportunidades de eventos culturais a cada sete dias, valorizando a oferta de lazer e cultura da comunidade local da Freguesia do Bonfim.

O Sr. Maurício Umann corroborou com a ideia de a classe artística produzir economia social a partir da criatividade em entrevista por escrito:

“AP: De que forma a criatividade pode incentivar e servir de ferramenta para a classe criativa artística gerar Economia Social e Inovação Social em prol desse movimento que se almeja de mudança social sustentável?”

MU: Esta busca por formas criativas de solucionar os nossos desafios inclui necessariamente uma mudança na forma como geramos rendimento, tanto ao nível pessoal, como ao nível social, onde as intervenções de cada indivíduo compartilha ao mesmo tempo na sua acção para colmatar os nossos desafios sociais.¹²⁹”

¹²⁹ Umann, M.. (2016, setembro 25). *Comunicação pessoal*.

Inovações sociais impulsionadas pelo fenómeno das redes e sinergias dos espaços associativos

Uma das formas mais efetivas que se verificou nesta investigação de inovação social foi uso de recursos e sinergias das redes colaborativas comunitárias. Por meio dessas redes as associações culturais e outras ESNL conseguem dinamizar recursos, aumentar a escala de suas atividades e juntar esforços para atividades conjuntas. O melhor exemplo do uso dessas redes foi a festival bô que da sua ideia inicial até sua execução houve um pequeno espaço de tempo de pouco mais de dois meses e houve a mobilização de mais de uma centena de colaboradores para dinamizar um evento de proporções apenas menores do que os festivais comerciais que ocorrem durante o verão europeu.

Considerando a escassez de recursos financeiros e o prazo apertado para planeamento, organização e execução, o festival bô foi inovador por ter sido uma iniciativa que nasceu de uma associação recentemente constituída, e que nesse meio tempo de menos de um ano e meio em operação mobilizou um grande número de indivíduos, artistas e entidades.

O fato da casa bô ampliar horizontes, exercendo atividades externas é uma outra inovação social que deve ser considerada por demais organizações, pois além de expandir os limites físicos de uma sede, aproxima os interesses sociais da associação do seu público alvo: a comunidade local, as pessoas e a sociedade.

Potencial criativo da casa bô

Em resposta à questão principal desta investigação, em relação à criatividade, pode-se considerar que a casa bô possui um sólido potencial criativo, seja pelo seu espaço físico, seja pela sua cultura organizacional, seja pelo seu público e a classe artística. As motivações que se criam dentro de um espaço associativo potencializam a criatividade, uma vez que o talento e a capacidade inovadora são intrínsecos dos agentes culturais.

As iniciativas criativas são intrínsecas na realização dos fins da casa bô. Contribuem principalmente numa visão dual da classe artística, em que o convergente e divergente encontram um mesmo espaço, num local com abertura para a mudança como regra e a quebra de paradigmas (e a criação de novos) como ideal.

O local físico sem (muitas) regras, com liberdade, espaço para experimentar e errar, e as comunidades de prática e convivência harmoniosa que se criam entre artistas e

público propiciam uma série de iniciativas criativas que foram descritas e citadas ao longo deste trabalho, principalmente nos diários de observação no Apêndice.

Porto como cidade criativa

Em relação ao contexto da cidade do Porto como cidade criativa, não houve nesta investigação o pretexto de se analisar a complexidade desta questão, porém, há que se mencionar que os espaços associativos, pela influência que causa em sua comunidade local e comparativamente em relação aos equipamentos culturais tradicionais, são entidades que beneficiam e devem ser incentivados a crescer dentro das cidades como forma atrair e potencializar as indústrias criativas artísticas no peso que podem criar dentro de uma economia criativa de uma cidade que priorize esse novo modelo económico como alternativa às crises económicas globais e ao desemprego crescente pela evasão das indústrias dos grandes centros urbanos (Landry, 2013).

A classe artística e um novo modelo de sociedade

A classe artística tende de certa forma a se diferenciar do restante da população. Considerada como uma classe alternativa, trata-se de pessoas muitas vezes consideradas excêntricas, autênticas ou mesmo extravagantes. Não é à toa que parte da literatura adota a terminologia “alternativa” para ambientes frequentados ou oriundos desse grupo social.

É apenas mais uma evidência de uma parcela da população que visualiza o convencional com um outro olhar. E nesse ponto de vista alternativo procura um modelo social menos agressivo e desgastante que o atual (*mainstream*). Procuram a desconstrução de um modelo de sociedade quase estático em suas estruturas e engrenagem, para um novo em que valores como competitividade e individualidade sejam substituídos por cooperação mútua e coletiva, privilegiando sobremaneira o bem-estar social em detrimento do “sucesso económico” como padrão social de sustentabilidade, termo aliado a maior acumulação possível de bens e riquezas.

É uma procura por um modo de vida mais saudável e pautado em valores mais sociais e menos economicistas.

Mudança social sustentável e bem-estar social

O nível de felicidade de uma população não deve estar atrelado e estudado apenas em teorias com variáveis endógenas e exógenas de crescimento económico nas economias tradicionais ou de mercado, em que fatores como a acumulação de riqueza determinam o seu bem-estar social. O bem-estar pessoal deve estar na procura da coesão social das comunidades locais, em ações individuais e coletivas (desenvolvimento pessoal, empoderamento, etc.), na procura de relações humanas mais saudáveis, na aproximação das pessoas no conviver.

Essa convivência pode ser guiada pela criatividade na valorização do talento humano em detrimento da uso e dependência da tecnologia na procura de um novo modelo social em que se é possível se desconectar e desconstruir o atual modelo de sociedade sem a necessidade de abandoná-lo por completo.

Trata-se de uma viagem na procura de uma nova e diferente agenda em que a convivência supera antagonismos sociais económicos criados pelo antigo e atual modelos baseados na competição e individualidade dos seres.

Almeja-se uma consciência coletiva que urge de pequenas redes colaborativas comunitárias das associações culturais em que a arte e cultura é o elo, o elemento agregador que propicia e potencializa as capacidades da classe criativa artística dos indivíduos em prol de um novo conceito social baseado em ações de voluntariado e recursos voltados para a solidariedade social como medida de bem-estar social individual e coletivo.

Índice Apêndice, Bibliografia e Anexos

APÊNDICES.....	1
Apêndice 1 – Guião da entrevista	1
Apêndice 2 – Entrevistas transcritas	3
Entrevista transcrita 1 Ângelo Lopes.....	4
Entrevista transcrita 2 Suzana Agante	43
Entrevista transcrita 3 Vitor Hugo Moreira	55
Entrevista transcrita 4 Blanca Maris.....	76
Entrevista transcrita 5 Ângelo Lopes.....	81
Entrevista transcrita 6 Valeria Keller.....	83
Entrevista transcrita 7 Joana Sousa.....	99
Entrevista transcrita 8 Jonas Nobre	103
Entrevista transcrita 9 Nicoli Siqueira e Parma	109
Entrevista transcrita 10 Angela Du Toit	118
Entrevista transcrita 11 Nuno Santos.....	124
Entrevista transcrita 12 Elizabeth Clark	128
Entrevista transcrita 13 Catarina Ferreira	139
Entrevista transcrita 14 Alda Pena.....	151
Apêndice 3 - Entrevistas por escrito	160
Entrevista por escrito 1 Elie Humy.....	161
Entrevista por escrito 2 Elena Mihajlovska	165
Entrevista por escrito 3 Marta Fernandes	169
Entrevista por escrito 4 José Soares.....	175
Entrevista por escrito 5 Maurício Umann.....	178
Apêndice 4 – Diários de observação.....	182
Diário de observação 1 Jantar macrobiótico.....	183
Diário de observação 2 Noite de poesia 1º aniversário.....	187
Diário de observação 3 Reconnect DANCE e preparação jantar	190
Diário de observação 4 Jantar macrobiótico.....	193
Diário de observação 5 Concerto Lights One e dança criativa.....	195
Diário de observação 6 Concerto Filipe Antunes e Hélio Flanders.....	198
Diário de observação 7 Noite de poesia e Contador de história	205
Diário de observação 8 <i>Workshop</i> produção de almofadas	210
Diário de observação 9 Descrição casa bô.....	214

Diário de observação 10 1ª Missão e preparativos Festival bô, parte 1.....	229
Diário de observação 11 1ª Missão e preparativos Festival bô, parte 2.....	234
Diário de observação 12 1ª Missão e preparativos Festival bô, parte 3.....	238
Diário de observação 13 1ª Missão e preparativos Festival bô, parte 4.....	245
Diário de observação 14 1ª Missão e preparativos Festival bô, parte 5.....	248
Diário de observação 15 1ª Missão e preparativos Festival bô, parte 6.....	251
Diário de observação 16 1ª Missão e preparativos Festival bô, parte 7.....	254
Diário de observação 17 Jantar, concerto Musical Manifesto e festa.....	259
Diário de observação 18 Música e fotografia na rua das Flores.....	264
Diário de observação 19 Jantar e concerto no Rés-da-rua.....	269
Diário de Observação 20 Festival bô, parte 1.....	277
Diário de Observação 21 Festival bô, parte 2.....	289
BIBLIOGRAFIA.....	298
ANEXOS.....	301
Anexo 1 – casa bô na média	302
1.1. <i>Newsletter</i> da Freguesia do Bonfim.....	302
1.2. Artigo de Marcelo Baptista na Tracker Magazine, agosto	305
1.3. Clube de Campismo do Porto, divulgação do Festival bô.....	308
1.4. Artigo no Jornalismo Porto Net.....	309
1.5. Website do Festival bô	311
1.6. Website da Câmara Municipal de Amarante.....	312
1.7. Website da Santa Casa da Misericórdia de Amarante.....	313
1.8. Artigo de Marcelo Baptista na Tracker Magazine, setembro.....	314
1.9. Artigo no Notícias do Tâmega.....	319
Anexo 2 – Estatuto Social da casa bô	320
Anexo 3 – Missão e visão da casa bô	324
Anexo 4 – Divulgação e convite para participação da abertura casa bô.....	325
4.1. E-mail	325
4.2. Folheto informativo sobre o projeto	326
4.3. Lista de bens solicitados para doação.....	328
Anexo 5 – Business Model Canvas	329
5.1. Imagem da ferramenta	329
5.2. Transcrição	330
Anexo 6 – Captação de recursos financeiros	334
6.1. Folheto divulgação do Website Portugal Inovação Social	335

6.2. Quadro: medida Acesso ao emprego do PO ISE.....	337
6.3. Quadro: medida Formação do PO ISE	339
6.4. Quadro: medida Grupos Específicos do PO ISE	347
6.5. Quadro: medida Serviços e respostas do PO ISE	349
6.6. Quadro: medida Modernização e abordagens do PO ISE	353
6.7. Quadro: medida Inovação Social do PO ISE.....	355
6.8. Quadro: medida Investimento na área equipamentos sociais e saúde do PO ISE	356

APÊNDICES

Apêndice 1 – Guião da entrevista¹

PESSOAL

- _Qual seu nome?
- _Idade?
- _Formação?
- _Profissão?
- _Profissão dos pais? *Background*?
- _De onde ele e família vieram?
- _Sobre a família?

SOBRE A CASA BÔ

Histórico

- _O que é a casa bô?
- _Como e quando surgiu a ideia da casa bô?
- _Porquê a criar a casa bô?
- _Qual a origem do nome?
- _Porquê criar a casa bô somente agora (21/03/2015)?
- _Porquê no Porto? Porque na zona do Bonfim?
- _Porquê uma Associação Cultural (e não uma Fundação, Cooperativa ou Mutualidade)?
- _Você teve alguma experiência prévia análoga com outra associação?

Projeto

- _Quais são os objetivos da casa bô?
- _Quais são os projetos para o futuro?
- _Quem faz parte do projeto da casa bô?
- _Quais as atividades concretas?
- _Quais são os *outputs* da casa bô?

¹ Este guião teve como base a principal entrevista com o Ângelo Lopes, fundador e presidente da casa bô. A partir deste guião as perguntas foram colocadas para os outros entrevistados conforme o perfil e a relação com a casa bô.

- _Quais as áreas artísticas envolvidas?
- _Qual o *trade off* da casa bô para a sociedade?
- _Reabilitação Urbana: como será feita?
- _Como evoluiu a casa bô desde sua criação?
- _Como a casa bô se relaciona com o mundo (exterior)?
- _O projeto seria viável anos atrás?
- _O que já foi feito?
- _O que ainda não foi feito?
- _Onde a casa bô tem espaço?
- _O que representa a casa bô para a comunidade?

Atores

- _Quem fez parte da casa bô?
- _Quem faz hoje parte da casa bô?
- _Quais as atuais parcerias?
- _Quais as futuras parcerias pretendidas?
- _Há ligações com outras entidades? Quais? Como é esse envolvimento?
- _Quem são os agentes criativos da casa bô?
- _Quem é o público da casa bô?
- _Quem procura a casa bô? Qual o perfil dos frequentadores?
- _O que o público procura na casa bô?
- _O que o agente criativo busca na casa bô?
- _Por quê os colaboradores escolheram a casa bô?
- _Que tipo de pessoa procura a casa bô?

Recursos

- _Quais são os recursos? É autossustentável?
- _Recursos Financeiros: Quem fornece? Quais são os recursos? Onde são angariados?

Ações para o futuro

- _Como atrair o público na casa bô?
- _Como motivar o agente criativo?
- _Como a casa bô pretende evoluir?

Apêndice 2 – Entrevistas transcritas

As entrevistas gravadas em áudio foram transcritas e para facilitar a percepção da linguagem falada utilizou-se o recurso parênteses retos [] para inserir comentários do autor com o objetivo de facilitar a leitura.

Lista das entrevistas transcritas:

Nº	Data 2016	Duração	Entrevistado	Nacionalidade	Papel na casa bô
1	03 agosto	140 min	Ângelo Lopes	Portugal	Fundador e presidente da casa bô
2	08 agosto	38 min	Suzana Agante	Portugal	Frequentadora
3	08 agosto	53 min	Vitor Hugo Moreira	Portugal	Membro da família bô; Dinamizador da Noite de Poesia
4	12 agosto	25 min	Blanca Maris	Itália	Residente temporária
5	14 agosto	22 min	Valeria Keller	Hungria	Residente temporária; Fotógrafa <i>freelancer</i>
6	15 agosto	06 min	Ângelo Lopes	Portugal	Fundador e presidente da casa bô
7	15 agosto	10 min	Joana Sousa	Portugal	Membro da família bô
8	15 agosto	15 min	Jonas Nobre	Portugal	Membro da família bô
9	25 agosto	17 min	Nicoli Siqueira e Valdemar Pinto Júnior	Brasil (ambos)	Artistas Músicos
10	27 agosto	06 min	Angela Du Toit	Austrália	Voluntária do festival bô Associação Sol em movimento
11	27 agosto	07 min	Nuno Santos	Portugal	Membro da família bô
12	28 agosto	14 min	Elizabeth Clark	Inglaterra	Membro da família bô
13	31 agosto	26 min	Catarina Ferreira	Portugal	Membro da família bô
14	22 setembro	20 min	Alda Pena	Portugal	Pelouro da coesão social da Junta de Freguesia do Bonfim onde fica a casa bô

Entrevista transcrita 1 | Ângelo Lopes

Data de realização | 03 agosto 2016

Entrevistado, nacionalidade | Ângelo Lopes, Portugal

Entrevistador | André Príncipe

Papel na casa bô | fundador e presidente da casa bô

Local | residência de Ângelo Lopes, Maia (Porto)

Tempo de entrevista (total): 140 minutos

Gravação | áudio gravado por telemóvel, usando aplicativo *Voice Memos*, armazenado em cinco ficheiros digitais formato .m4a

André Príncipe: Ângelo, o que é a casa bô?

Ângelo Lopes: Não propriamente falar da origem, mas no sentido do que é e o que pretende ser?

André Príncipe: Sim.

Ângelo Lopes: Mas do que uma casa, uma estrutura física, o que este projeto pretende ser é no fundo uma plataforma onde se criem condições para as pessoas se unirem. Pessoas de diversas áreas, interesses diferentes, convergentes e complementares, onde se possam unir, portanto, e onde podemos juntos pensar e planear passos futuros e o que que se pode vir a fazer. Claro que há uma linha orientadora, há uma visão inicial, mas também mesmo essa visão vai ser algo que esteja sempre em constante mudança e transformação. E também é bom haver essa abertura para essa mudança. Estamos presos a esta forma de fazer as coisas, não propriamente o que se faz ou que se pode vir a fazer, como a forma como se pretende que isso aconteça, é que é algo que acho que já está muito bem definido e tem muito a ver com conseguirmos aproximarmos e nos guiarmos e criar condições para estarmos em harmonia, em uma forma fraterna, com valores universais, digamos né..., muito presentes em tudo o que vamos fazer, e portanto, isso é a base que nós nos propomos a fazer, que é criarmos essa atmosfera e essas circunstâncias que todos nós nos sentimos naturalmente bem e integrados e motivados para estar, e liberdade para estar, e para ser quem nós somos, e para vivermos essa

experiência como nós achamos e temos que viver, sem ninguém a ditar regra e normas desnecessárias e a orientar o nosso trabalho e portanto, no fundo, cada um ter espaço para se encontrar através desse coletivo, dessa força que vai se criando em todas as partes e para isso, o mais importante é coexistirmos, de forma harmoniosa e não é tão fácil como parece. É um tanto exigente.

André Principe: Muitos *inputs* e muitos ideais? Fazer a roda girar...

Ângelo Lopes: É isso, quando nos propomos a fazer o projeto, no fundo tem esse principal objetivo, que é integrar diversas partes e diversas pessoas, é, e cada pessoa é um universo em si. Tem a sua visão, aquilo que pretende alcançar, objetivos específicos, forma de estar, de ser, e, portanto, integrar todas essas componentes, essas formas de estar e de ser não é assim tão fácil, mas também nem tão difícil. É preciso respeitar alguns princípios de atuação. Para nós passa muito por aqui, dar espaço para cada um estar do jeito que achar que deve estar, que acha que deve ajudar, e forma como deve fazer, desde que todos nós nos respeitamos uns aos outros e haja delicadeza, respeito, e pronto, amor entre todos. Pronto, dizer o que é casa bô é um pouco, e sem reforçar esse aspeto é um pouco vazio, e é claro que quem tem um pouco de relação com esse projeto e quem procura no Facebook, a partida não é nada disso que vê.

AP: É como aquela questão de Criatividade em que há a visão de substância e de processo? É como a ponta do iceberg é o restante que está submerso?

AL: Mas ao mesmo tempo essa pontinha de uma forma se distingue das demais nesse registo, pois é um projeto que está ligado a muitas áreas e muitas pessoas são atraídas por elas e depois sentem que há qualquer outra coisa e as vezes nem percebem muito bem porque se sentem tão atraídas, mas eu penso que muito a ver com isso, com essa estrutura humana que estamos a criar. No fundo, estamos a privilegiar as relações humanas. E esta ligação que estamos a criar em todos nós, e isso é o fundamental, e é por isso que, pronto, há formas de descrever isso e dar nome as coisas e por isso que nós dizemos que se traduz numa vivência comunitária, pois para nós o que interessa é estar em comunidade. Não é necessariamente vivermos juntos ou estarmos na mesma casa, mas é realmente criar uma união de facto e assumir um desafio juntos e aprendermos a conviver a viver uns com os outros em profundidade e de uma forma harmoniosa e

respeitosa. E depois é claro que vem outras questões como cuidar das necessidades básicas e procurar fazer isso juntos.

Como satisfazer um desejo ou ambições profissionais, como estimulação em vários níveis, como uma série de amizade as relações humanas também nesse sentido que nos preenchem e são necessárias para nós, para nos sentirmos acompanhados para nos dar força no dia-a-dia, sentir que temos a quem recorrer quando precisamos de ajuda, portanto, no fundo acaba por estar tudo coligado esse desejo, essa vontade de querer corresponder também as necessidades básicas de sustentabilidade, de termos retorno económico nas atividades que estamos a desenvolver nesse projeto, de ter um sítio para morar, o espaço que nos acolhe em quanto estamos neste processo de transição a procura de algo que realmente nos preencha e realize como atividade profissional, portanto, isso também é algo que queremos dar resposta e estamos a trabalhar para isso.

AP: Como surgiu a ideia da casa bô? Partiu de quem e por quê? Como e quando surgiu?

AL: Eu também acabei por não definir o que é a casa bô para além disso. Não sei se é mais importante passarmos antes por esse ponto.

AP: Pode ser....

AL: É até a definição que eu costumo dar a quem quer perceber a fundo o que estamos a fazer. Para além disso, é claro que estamos a trabalhar em outros níveis e várias áreas para nos apresentarmos à comunidade. Então no fundo nós estamos... tudo que estamos a fazer tem o intuito de servir a comunidade para um bem comum. É um sentido de entrega, que vai para além de nossas ambições e de olhar para nosso umbigo e do nosso ser. Queremos fazer mais através da interajuda, através de gerar também bem-estar e bem social e para isso usamos várias áreas e, portanto, o que pretendemos fazer na casa bô é ligar diversas área e portanto de intervenção, como as artes práticas, como diversas componentes relacionadas com cultura, poesia, música... e música e poesia acabam por ser elementos muito fortes nesse momento, permacultura, quer dizer, a ligação com o meio ambiente, a sensibilização nesse sentido, apoio social, solidariedade social. Estamos com projetos de voluntariado que temos conseguido sustentar e que também temos que aperfeiçoar e a trabalhar nesse sentido e também ampliar esses projetos que temos.

AP: Poderia dar alguns exemplos de voluntariado que a casa bô promove?

AL: Neste momento o mais evidente é uma ligação com um Lar de Idosos em frente à casa bô que tem cerca de 12 senhoras idosas e nós todas as semanas vamos lá. Pronto, a ideia para além de criar uma relação pessoal e confiança com aquelas pessoas isoladas e que todos os dias acabam por ser muito semelhantes e sem estímulos externos. Nós pretendemos ampliar um pouco essa experiência em termos de relações humanas e passarem a ter outros elementos que se cruzam e se interligam e que tem ali um espaço nessa base de relação humana, que no fundo nos dá mais alento nessa fase de vida mais terminal. Portanto, é sentirem-se apoiados, sentirem esse carinho, essa atenção por parte de mais pessoas e depois com essa base integrar também todos os componentes que estamos a trabalhar e usá-las no fundo para servir e ajudar esse público alvo. Se nós trabalhamos com música, com arte, se podemos trabalhar com ações socioculturais, para levar música para esses locais. Pronto, e que no fundo é interligar as duas coisas, estamos a criar condições na casa bô para determinados níveis, recursos humanos, etc.. E depois tentamos fazer a ponte com locais onde esses estímulos não existem.

AP: Vocês dão alguma espécie de formação para quem não está preparado para este tipo de voluntariado?

AL: Sim. Como são muitos aspetos do projeto, estamos a criar condições. Existe e a criar estrutura, existe já uma predisposição, orientação nesse sentido de sermos também a experiência de uma orientação que eu tenho, uma ligação profunda, e minha escola de vida, que foi a G.A.S. Porto, queremos também oferecer esse serviço, uma escola de voluntariado, quer dizer, é sermos, isso para as pessoas que vem ter connosco e querem dar apoio social. Queremos dar condições para dar condições nesse sentido, e termos as peças para isso. Agora, não temos nesse sentido disponibilidade para fazer, para cumprir esse papel como deve ser. Estamos a nos organizar em vários níveis e só temos um ano e meio, e não criamos ainda condições para trabalharmos. Não fomos muito eficazes nesse sentido. Há pessoas em cada um desses projetos, há; um fiscalizador, uma pessoa que está a orientar o processo, e essa pessoa já tem uma experiência a orientar o grupo, e neste caso do projeto do LUAR, já tem uma pessoa e foi responsável por projetos de voluntariado em outra organização e que no fundo também está a fazer este trabalho connosco. No fundo, precisamos ter uma estrutura para melhorar e abrir

espaço para voluntários externos. São pessoas que só porque, por exemplo, tem um local para fazer voluntariado, e venham nos procurar nesse sentido [para formação]² e que com todos os componentes e dimensões dos projetos. Para já nem abrimos porque sentimos não temos condições de dar o acompanhamento devido as pessoas que vem. Então as pessoas que estão a acompanhar estes projetos, são pessoas que surgem na base da amizade. Conhecem-nos, conhecem nosso trabalho, começam a aparecer, começamos a nos relacionar.

AP: Não são normalmente pessoas desconhecidas umas das outras, é meio quase que uma indicação entre pessoas conhecidas e conhecidos de conhecidos?

AL: Muitas delas acabam por ser estranhas também, uma parte que chegam... o que acontece... temos um grupo agora com umas dezenas de pessoas ligadas ao projeto e o que acontece é que algumas atividades regulares, muita gente já foi à casa bô, passa por lá, mas há aqueles que passam por lá e que sentem, e que gostaram, e que sentem ali uma afinidade com profundidade, e começam a aparecer. Quando começam a aparecer e como estão alinhados aos nossos princípios e é o que eles procuram para suas vidas de alguma forma e que partilhem os mesmos visão e forma de estar, ou que tenham ali pontos comuns, e depois começam a integrar rapidamente, e passam para a cozinha e é muito rápido. As vezes as pessoas chegam lá um dia, não conhecem ninguém e nesse dia já estão já estão a ajudar na organização.

AP: Esse seria um “kpi” [indicador de desempenho] que vocês têm? A pertença com o projeto ocorre quando entram na cozinha. É um indicador?

AL: Exatamente.

AP: Qual seu *background*? Quantos anos?

AL: 33 anos.

AP: Você fez o secundário? Qual foi a origem da ideia da casa bô?

AL: Pronto, é isso, a origem veio quando entrei nas Belas Artes e isso já foi há 13 anos e como uma ideia já tem um certo tempo, e claro, foi sofrendo algumas alterações, mas

² Todo o texto entre parênteses retos [] são comentários do autor no sentido de auxiliar a compreensão da entrevista.

numa forma mais geral continua a ser uma base semelhante. E há 13 anos atrás quando tive nas Belas Artes, pronto, conheci lá um amigo, e com esse amigo surgiu essa vontade de termos uma casa. Passamos a viver no Porto, com moldes muitos semelhantes na forma estrutural com o que temos hoje na casa bô, e nossa visão era relativamente simples. Não era nada complexo. Era uma casa, que se estivesse aberta a pessoas relacionadas com a arte, com a cultura, na altura eram essas as áreas de interesse, a música, pronto, que fossem também a nossa casa, e que pudéssemos abrir nossa casa para amigos e amigos e amigos. Um espaço para partilha, um laboratório de experiências, musicais, artísticas, etc., onde dali se pudesse apresentar trabalho para a comunidade.

AP: Por quê criar, porque sentiu vontade? Não havia algo no Porto que suprisse essa carência?

AL: Quando pensei nisso, pensei porque era assim que eu queria viver. É assim que na altura queria. No fundo era isso. Era uma necessidade pessoal. Quero viver num sítio que tenha essas condições.

AP: Não conhecia nenhum lugar parecido?

AP: Até agora não tinha achado um lugar eu me encaixasse o que estivesse aberto ou que se integrasse dessa forma no meio urbano e que me identificasse. Então mais vale criar, não é?

AP: A casa bô tem uma proposta diferente das outras associações e cooperativas?

AL: Acho que todas as entidades acabam por tem uma proposta um pouco diferente umas das outras, por mais semelhantes que possam ser, por mais semelhantes que sejam. Conheço outros locais, como o Compasso [Espaço Compasso], por exemplo, que está muito próximo a vários níveis da nossa associação.

AP: O que difere o Compasso da casa bô?

AL: Acho que... a grande diferença é que talvez eu sinto que na casa bô existe um plano concreto a médio e longo prazo. No Compasso, por uma razão ou por outra, e que esse plano acho que aspira algo que possa vir a ter um impacto social mais significativo,

e que isso implica disponibilidade e entrega maior das pessoas que estão a conduzir o processo. O que eu sinto no Compasso é que essa intenção passa existir, mas na prática, não há condições para trabalhar ou suprir todos os requisitos para chegar lá, porque é muito exigente. É preciso uma entrega diária. Não é preciso uma pessoa. É preciso um grupo.

AP: Não conheço a casa, mas pelo que li na internet o Compasso é mais um espaço de formação, de multiplicadores. Onde há *workshops* para expansão de conhecimento. Parece que há um pouco mais de cunho económico. Foi essa a visão que tive no resumo que vi na internet. É isso?

AL: Acaba por ser isso, mas também acabamos por fazer isso também na casa bô, em aspetos mais concretos e práticos, os projetos têm muito em comum. Estamos muitos interligados. Estamos a organizar um festival [Festival bô, em Amarante] e estamos a ter, fundirmos um bocado em relação a alguns aspetos. Estamos com o coletivo, acaba por ter um trabalho semelhante nesse sentido prático. De acesso ao público. Mas é isso, acabam por ser uma estrutura diferente. As necessidades são diferentes, porque nós temos uma renda simbólica e eles uma significativa, eles também têm necessidades de recursos económicos e precisam trabalhar de outra forma. Nós trabalhamos com donativo consciente porque as condições que nós temos, as coisas necessárias tanto para manter o projeto e não são assim tão significativas e podemos fazer experiências... eles não têm essa margem, portanto eles tem que ser mais restritos...

AP: Porquê o projeto da casa bô, porquê só se efetivou agora, e porquê no Porto? Você é do Porto?

AL: Sim sou do Porto. Pronto, isso tem a ver com duas questões, ao longo desse período de 13 anos, ou 12 anos ou 11 anos... há dois anos que comecei a trabalhar a sério no projeto e, portanto em 11 anos acontece muita coisa e surgiu com uma ideia que na prática e daquelas ideias que nunca sabemos se vão acontecer ou não. Eu gostava que isso acontecesse. Faz mesmo sentido que isto, que algo desse género aconteça..., mas depois também é preciso uma série de ferramentas e mesmo internas tipo... e de uma estrutura grande para fazer acontecer, e durante muito tempo eu sentia que não tinha essa estrutura, e isto era muito claro para mim. É para acontecer, mas não agora.

Eu sempre projetei a coisa para o futuro, tipo a médio e longo prazo. Não sabia bem quanto tempo, mas pronto, e depois, entretanto foi me envolvendo com outros projetos, com outras... trabalhei em varias áreas, no design, tive no G.A.S. Porto, que tive um orgulho muito fundo, um imenso trabalho social. Depois fiz missões, em Portugal, tive em Timor Leste em missão durante 10 meses. Estive a acompanhar a organização de perto e aprendi muita coisa. Participei na direção, e pronto aprendi muita coisa.

AP: E essa vivência te deu essa oportunidade para dar um passo adiante?

AL: Sim, deu-me ferramentas e visão clara de como uma associação pode funcionar, que base deve ter, e que no fundo as bases que nós temos, no início da conversa, em relação a casa bô, são as bases do G.A.S. Porto, não há muita diferença. É tem mesmo base, nessa base podemos caminhar para um lado ou outro, estamos a caminhar para sítios um pouco diferentes e complementares, em sintonia, mas não há diferenças muitas significativas, na forma de fazer as coisas, mas aqui o que nos estamos a fazer é diferente e pronto, e essa experiência no G.A.S. Porto também ajudou-me a perceber que muito do que ele ouviu e experienciava lá tinha muito sentido para mim, mas não era bem... não chegava, faltava ali qualquer coisa.

AP: Não era tão abrangente?

AL: Não era minha identidade... eu não sentia completamente, pronto, sentia que faltava ali qualquer coisa... para estar completamente preenchido. E depois tive a procura de outras coisa... passei por outra associação sem fins lucrativos, participei de um projeto pessoal, negócio familiar, entretanto, pronto, todo este processo fez-me perceber que também não era aquele negócio, que estava a procura de outra coisa e que não conseguia encontrar propriamente aquilo que já existia nas propostas que estavam a minha volta o que procurava, também não queria me sujeitar a algo que eu não queria, que não desejava. Então, pronto, pareceu-me lógico que tinha se que se CRIAR, se não existe, tem que se criar, e resgatei esse sonho, esta ideia que já existia a muitos anos porque realmente era uma forma de integrar tudo aquilo que eu acreditava, no fundo acaba por ser uma projeção de todas as experiências e todas as coisas que fui percebendo... isto tenho que ter, isto também é importante... e que um local, um projeto que integre.

AP: E você sentiu que estava pronto a cerca de dois anos achou que era a hora de dar esse passo e que permitiu dar esse passo foi o que? Foi conseguir um espaço para desenvolver o projeto com a negociação que vocês têm?

AL: O espaço veio depois portanto... o que veio primeiro acho que foi a tomada de decisão que assente numa estrutura interna já existente que fui trabalhando. Portanto eu fiz uma Pós-Graduação em Gestão de Organizações de Economia Social, na Católica, que portanto foi útil para dar alguns alicerces.

E entretanto, cheguei a um ponto que senti que já tinha se calhar o suficiente para... claro que estamos sempre a aprender e estar sempre nesse processo de aprendizagem constate e desenvolvimento e sempre a enfrentar receios e medos, e porque estamos sempre a cometer erros. É impossível ninguém a estar só os iluminados e pronto..., mas ..., portanto, estamos sempre nesse processo de aprendizagem, depois chegamos a um ponto que tem como objetivos já suficientes...

AP: Quais foram os primeiros passos?

AL: Os primeiros passos foram... precisamente a primeira coisa que percebi que sozinho não conseguia fazer nada. Portanto, este projeto ser montado tem que ser com um grupo... então este amigo de há 13 anos que com quem partilhei essa visão, que, entretanto, afastou-se..., mas foi a pessoa que contactei logo inicialmente...

AP: Foi o amigo da época do Design, da época da Belas Artes?

AL: Sim, exatamente. E essa foi a primeira pessoa com quem falei, Bruno, está na altura de, para mim faz sentido de avançar com o projeto... Como é que é? Estamos juntos? Posso contar contigo? É para fazermos? Peguei-o um bocado desprevenido, pois ele estava a acabar um mestrado, a trabalhar, numa relação a viver fora do Porto, mas pronto, foi me dando apoio e sim vamos fazer... Entretanto, com ele, começamos em pensar em mais elementos para integrar, e constituímos um grupo. Na altura, primeiro foram cinco, depois foram seis, depois uns pequenos desajustes e esse grupo basicamente começou a se unir para partilhar essa visão e para juntos partilhando e pretendemos ver o que fazer. Não existia casa nem nada, só existiam contactos. Pronto... e claro que nisto é importante haver sempre um... eu acabei sempre por ter um bocado desse papel, por uma lado ingrato e por outro lado gratificante por integrar e

agregar e sustentar, porque modéstias à parte eu tenho noção que se eu saltasse fora não ia acontecer.... E, portanto, nessa base, foi se criando um grupo, foi se criando com algumas reuniões periódicas, etc., e juntos começamos a trabalhar. A ver como fazer, a escrever coisas, escrever o projeto. Tivemos num final e semana fora, a pensar em valores, com um facilitador, que nos ajudou a trabalhar questões de base e de raiz, a falarmos uns sobre os outros, o que sentimos uns com os outros e a relação começou a ganhar corpo e na altura que sentimos que as coisas já estão minimamente estruturadas e já sabemos o que fazer e como fazer, precisamos de um espaço... o espaço surgiu... nem sequer procuramos... na prática, eu soube que a casa estava abandonada, a casa que estamos a usar, e procurei ter o contacto da pessoa, do senhorio, soube do acordo que havia com outra associação que havia lá antes, soube do acordo que eles tinham, basicamente pagavam uma renda simbólica com compromisso de reabilitação da casa, renda de 65 euros... fui ver a casa, mal entrei, mal abri a porta e senti que era ali era o espaço. Nem sequer conhecia a casa por fotografias. E a medida que fui vendo e vi que encaixava.

AP: E a outra associação era do que?

AL: Era uma associação cultural também, que, entretanto, durou dois anos e meio, mas, entretanto, por questões de divergências acabou por interromper... nós herdamos muito do trabalho do que elas fizeram na casa... para além do legado do trabalho foi feito naquela casa já havia concertos também, a casa já tinha um bocado daquele essas cariz... eles fizeram, eram um grupo meninas, construíram um palco, fizeram um trabalho na casa, intervenções, palco, que nós no fundo ampliamos.

AP: Você já conhecia a casa, que ficou disponível e você fez a proposta para o proprietário?

AL: Sim, depois fizemos..., portanto encontramos no local, vimos que preenchia, basicamente a única coisa, daquelas coisas que são era interessante nós criamos uma imagem de 10 anos ou 11 anos... portanto temos uma imagem visual, e depois, sem procurarmos, encontramos exatamente que corresponde a 95% daquilo que tínhamos imaginado. Parece que não é por acaso. E ainda por cima em todas as circunstâncias que permitissem que a coisa [inclusão social] acontecesse... a casa já estava abandonada e

tinha sido usada nesse registro... algo que tivesse disponível por valor simbólico com compromisso de reabilitação da casa. Fizemos um acordo, temos um contrato de 10 anos com compromisso de reabilitação, com pagamento de renda simbólica que vai aumentando gradualmente por ano. É um aumento muito relativo. Isso é nossa base para podermos trabalhar. Quem conhece a casa bô, conhece a casa.

AP: Tem ideia da história da casa? Da fundação?

AL: Sei que tem mais de 100 anos.

AP: Metragem?

AL: Era a casa do avô do senhorio, que está a alugar e, entretanto, sei que já passaram com projetos diferentes pela casa, de arquitetura.

AP: Foi um objeto de herança sem uso porque precisava de uma reforma?

AL: Sim, e o senhorio é ligado às artes e se identifica e está feliz pelo trabalho que está sendo feito. Se for ver o vídeo do projeto, ele também é capaz de a partilhar no mural [do Facebook], é uma pessoa sensível. Portanto, foi um encontro.

AP: Natureza jurídica... há fundações, mutualidades, associações e cooperativas. Porque foi escolhido o modelo de associação?

AL: Dos modelos que existem, não pensamos em mais de uma alternativa para além de cooperativa ou associação. Cooperativa durante muito tempo achamos que, e se calhar continuamos a achar, é que se encaixa melhor.

AP: Por quê?

AL: Porque cooperativa subentende, pelo menos aquilo que nos fomos nos informando, subentende a integração de diversas outras formas jurídicas até, outras... portanto numa cooperativa é possível para o exemplo criar uma empresa que tem como fim servir, produzir um bem que é usado na cooperativa. Então quer dizer, no fundo dá muito mais liberdade. Para além disso, na cooperativa temos supostamente a possibilidade de gerir os lucros e os recursos económicos de acordo com a vontade dos cooperantes, as pessoas que estão na direção, e as suas convicções. Portanto é ao mesmo tempo...

AP: É uma forma de maior atração de voluntariado também? Com a contra partida monetária?

AL: Sim, mas uma associação pode se considerar uma forma de alguma remuneração se for justificada, mas a cooperativa é no fundo é um híbrido entre os dois campos, uma associação que toda a ação é inteiramente sem fins lucrativos e devem ser usados todos os recursos para locar na missão que está a ser desenvolvida e uma empresa que tem fins económicos.

AP: E qual foi a dificuldade para se abrir uma cooperativa? Quais foram os entraves?

AL: Depois na prática a cooperativa tinha mais umas implicações... era preciso ter 2000 euros de caução para depositar inicialmente numa conta e para podermos criarmos a cooperativa, havia algumas questões como não era muito fácil para nos esclarecer, porque pouca gente tem noção do que criar uma cooperativa implica, não é um formato muito usual, é muito mais usual a associação, portanto associações era muito mais simples de criar, porque temos pessoas a nossa volta que já criaram e sabem como é, e portanto todas as questões acabam por ser mais facilmente...

AP: Foi o caminho mais fácil?

AL: Foi o caminho mais fácil. E ao mesmo tempo sentimos estava na altura... Tivemos uma advogada no grupo que já criou uma série de associações e nunca uma cooperativa, portanto foi o caminho mais fácil e ao mesmo tempo sentimos que no trabalho estamos a desenvolver agora e provavelmente para nos próximos anos, o formato de cooperativa não irá fazer muita falta, não iria fazer grande diferença, e quando sentirmos que está na altura de criar cooperativa, podemos criar da cooperativa, e a associação [casa bô] estar integrada na cooperativa, porque a cooperativa pode ser um agregador de outras entidades jurídicas, e dentro de uma cooperativa pode uma empresa... Pelo menos essa foi a noção que nos foi passada. E também a fundo lá está. Faz sentido ter a associação e faz sentido estar a trabalhar. Tudo o que estamos a fazer está a se desenvolver é completamente alinhada com os princípios de uma associação sem fins lucrativos.

AP: Sobre o projeto. Quais os objetivos da casa bô?

AL: Não é uma pergunta fácil de responder, por acaba por ser um projeto que trabalha várias dimensões. Há os objetivos tipo mais imediatos se calhar, tipo mais evidentes, há outros que tem mais profundidade.

[1.^a pausa]

AL: Existem vários objetivos, se calhar nesse momento pode me faltar algum deles que seja relevante, mas pronto, portanto, vou tentar ser claro e tentar tocar em todos os pontos. Um deles, se calhar para mim, até o mais importante, nós termos criado condições para cada de nós, elementos que estão a trabalhar e que está a se entregar ao projeto, a todos os níveis, para explorarmos as nossas motivações e encontrarmos a nossa vocação. Esse é o objetivo a base, é o objetivo mais importante. Eu pelo menos acredito que é muito importante nós fazermos e tudo o que estamos a fazer no projeto vir de uma vontade genuína e de uma rede de amor pelo trabalho, por aquilo que está a se desenvolver, então tem que ser, tem que vir dessa paixão, quando as pessoas estão a fazer realmente aquilo que gostam, para além de ser sustentável, para se eu gosto de música vou tocar música todos os dias, então estamos a tentar criar essas condições. As pessoas até podem não ser, pode até estar a começar agora aos 30 anos a aprender, mas percebeu aos 30 anos que é música que eu quero, então pronto, parabéns por esse projeto, e dedica-te à música, e vamos só cumprir juntos o necessário tu para continuares a ter uma casa, alimentação, e estarmos todos juntos a trabalhar nisso, e para além disso, vamos juntos criar condições para tu continuares a ter formação e envolver um tipo catedral que pode dar numa troca de serviços e tu ajudas em dar aulas de música, e vais ter músicos aqui e tipo vais ter essas influências constantemente, porque organizamos concertos e vais, pronto, quer dizer no fundo é criar esse universo a volta daquilo que as pessoas querem fazer, tem paixão, tem essa motivação pessoal a desenvolver.

AP: A impressão que eu tenho é que vocês acabam por atrair indivíduos com imenso potencial criativo em alguma área e que não tem onde se expressar ou querem aprimorar e vocês acabam....

AL: Sim, nossos parâmetros de seleção, digamos, não podem ser um cadinho diferentes para seleção se calhar da maior parte dos organismos que trabalham nessas áreas. Nós

prezamos também a qualidade dos indivíduos dos serviços que apresentarmos, e isso também tem consideração, mas prezamos mais ou tem mais peso queremos dizer a forma como as pessoas são envolvidas, a ligação que tem o projeto e com todo o grupo e a afinidade que tem os princípios de atuação. Se há uma pessoa que esta muito alinhada com nosso projeto e com nossa forma por exemplo. Estamos a organizar um festival. A cabeça, que vai encabeçar o festival no sábado à noite as 22h30 é de uma banda que desde o início do projeto tem acompanhado tem dado força e auxiliado de várias formas. Agora mesmo, o Vítor estava a me ligar, estava a fazer o cartaz. São pessoas que estão lado a lado connosco e que partilham essa visão e esse estado que estamos a acolher e vivenciar e são para nós uma relação privilegiada na medida em que é o que faz sentido ter como banda principal e podemos todos festejar todos no mesmo espírito. Portanto, nós acabamos por ter essa tendência predisposição para envolver todas as pessoas que estão alinhadas, e ao mesmo tempo também temos espaço para integrar todos e cada laço a sua maneira, portanto se podemos fazer um concerto por exemplo não precisa ser uma coisa muito formal, há público para tudo e formas diferentes de apresentar as coisas que são despretensiosas, que permitem essa experiência, que permitem esse espaço. Só o fato de não pedirmos um valor fixo a entrada e não termos um bilhete.

AP: Não há barreiras à entrada?

AL: E temos uma sugestão de uma contribuição, se pessoa quiser contribui, contribui, se não quiser não contribui. Se a pessoa não gostar não contribui. Não tem nada a se dizer. Ah, não gostei daquilo... não contribui, portanto, não há essa tendência natural de avaliar as coisas como geralmente se avaliam, como por exemplo as vezes pagamos 10 euros por um bilhete para ver um concerto e foi o concerto foi fraco e vamos sair de lá frustrados, incomodados, tipo para próxima não vai acontecer, agora se isso, se a atmosfera é diferente, se não há essa barreira, se não há essa condição, tudo é percebido de uma maneira diferente.

AP: A falta de barreira a entrada, vocês têm um funil maior que outros *players*, por exemplo, do que a concorrência, eu queria entender seu *feeling* em relação tanto do tipo de frequentador, porque que procurar foi para lá, por que a casa bô, e também porque os

artistas, por que acabam indo para lá e não outro sítio? É falta de abertura em outros lugares?

AL: Acho que tem muito a ver com identidade, de alguma forma que faz sentido aquela forma de estar e de ser, enquanto coletivo, as pessoas reconhecem-se. Por isso que estamos agora vamos oferecer o festival e menos de dois meses, a ideia surgiu há dois meses, temos mais de 100 pessoas na organização. É um sinal evidente de que as pessoas são recetivas e cada um ajuda a sua maneira, mas tão percetivas a apoiar esta iniciativa ou estar connosco nisto mesmo sem saberem se aquilo será uma barracada ou não, porque tipo sendo a 1.^a edição até pode acontecer que ocorra mesmo mal, e que não haja condições. Nós estamos a trabalhar para garantir condições mínimas. Mas não sabe. E há confiança, entrega das pessoas a esse nível, e tem a ver com a forma que estamos a fazer as coisas.

AP: Qual a troca que acontecem com as pessoas que se identificam e vão lá? Elas vão lá, e podem oferecer esse tipo de contributo, e o que busca em troca de satisfação pessoal? Participação de outros eventos?

AL: A maior parte das pessoas quer apresentar seu trabalho ou aquilo que faz, um músico, portanto quer tocar, fazer concertos, também ganhar algum dinheiro com fazer o que gosta, ou querem terem ou ganhar experiência, ou querem sentir-se e desenvolver competências nesse sentido, ou querem partilhar aquilo que tem. Muitos músicos passam por lá, muitos músicos que passam por lá, mesmo bandas já formadas e que muitas vezes a parte económica... percebem o contexto e não estão preocupados se levam dinheiro ou se não levam, não querem saber, querem só partilhar, querem estar connosco e querem estar connosco e dar um contributo. Gostam do projeto e sentem que faz sentido tocar ali naquele local e dão o seu contributo.

AP: O donativo consciente? Ele é partilhado de que forma?

AL: A maior parte vai para o artista. Uma percentagem que as vezes vai para o projeto e as vezes abdicamos, normalmente uns 30% ficamos, mas se não teve grande retorno, tipo nós damos todas as fichas. Mesmo da nossa arte existe esse nosso desapego ao dinheiro.

AP: E preocupação com a manutenção? Como vocês conseguem a autossustentabilidade?

AL: Sim, lá está, também não temos muitas despesas associadas, nós temos tipo uma renda de 125 euros, depois luz e água, que sejam mais 100 [euros]. Há um valor modesto para segurar. Agora que nos precisamos também de começar a ter também mais dinheiro para investimentos na manutenção e na recuperação e reabilitação da casa, e para isso temos conseguido a criar condições. Não sinto que esteja por se, por negligência, que seja por estarmos a dar prioridades a coisas, estamos a dar prioridade nas ligações do grupo, para depois no momento certo realocar todos os recursos e força do grupo para uso na casa.

AP: Vocês ainda não têm um plano com metas do que tem que ser recuperado? Vocês já têm uma estimativa?

AL: Temos uma estimativa.

AP: Há alguma pressão por parte do proprietário do imóvel?

AL: Não, tem confiança, temos confiança. Eles sabem que estamos a trabalhar e que é que é para um bem comum e a reorganização da casa está associado ao nosso projeto e serviços e está a respeitar esse tempo.

AP: Há a ideia de renovar, prolongar?

AL: Sim, há muitas ideias para a casa que vai melhorar significativamente e vai dar mais força para o projeto para quem vem e, portanto, eu acho que é motivo para começarmos a focar na estrutura física do projeto, e a partir dessa fase do festival e das missões comunitárias que estamos a organizar, acho que vais era a altura que será para encarar a casa e a estrutura física.

AP: Voltando aos objetivos, chegou a falar da base, que é criar condições, tem mais algo que queira complementar?

AL: Claro, esse é um dos objetivos. Criar condições para as pessoas se encontrarem e desenvolverem sua vocação, porque também é a base de todo o trabalho que estamos a fazer. Todos os recursos, todos os *inputs*, toda a colaboração vem da vontade genuína

de colaborar. Nós lançamos, as vezes identificamos necessidades e temos apoio para algumas coisas, mas não chateamos as pessoas individualmente. Entregamos para o grupo e depois quem quer, envolve-se, e faz, e, portanto, essa é a base que estamos a fazer as coisas. Para além disso, temos a integração de diversas áreas de intervenção. Acreditamos que uma área não deve... faz sentido que uma área se funda com outras áreas, para conseguirmos promover tipo... mais força na promoção de todas essas áreas e todo esse trabalho que nos chega.

AP: Um exemplo seria a noite de poesia que tem também música?

AL: Exatamente. Vem os poetas, e os músicos também aparecem para preencher a noite. Ao mesmo tempo, a noite está também inserida numa casa que tem exposições de artes, onde se prepara um jantar vegetariano macrobiótico, antes da poesia acontecer, onde se trabalha com donativo consciente, e com tudo que se isso implica, e que tudo que isso traz em termos de reflexão individual de cada um. Onde vem cá fora se calhar a horta vertical e até tem uma noção do que se pode ser feita em suas casas nesse sentido. Onde tipos convergem em diferentes pessoas de diferentes áreas e surgem conversas naturais que enriquecem os diálogos em vários níveis.

AP: Essa fusão de áreas e pessoas acaba sendo um componente importante para a criatividade dos próprios elementos? Que seja um contributo para a casa bô?

AL: Acho que acima de tudo isso ajuda-nos a perceber as possibilidades que existem para nós desenvolvermos em determinado trabalho e determinada forma. Um bocado nesse nível de encontro no sentido de educação. Seja muitas pessoas fazer o que querem e juntam o que tão a fazer e não sabem muito o que querem fazer e o fato que estão num sítio com tantas influências, *inputs* e possibilidades, ajudam-nos a perceber para onde nós, o que nós queremos, filtra, olha, isso faz sentido, isso não, então também tem esse efeito prático que vai de encontro aos nossos objetivos também.

AP: Identidade na busca interior do indivíduo?

AL: Sim, e depois há também um enriquecimento claro a vários níveis portanto, e nós como seres de uma comunidade, devemos nos preparar, devemos crescer em vários níveis, promover pessoalmente, quanto mais influências nós tivermos, mais vamos

crescer, mais ricos vamos ser, e se estamos todos envolvidos num coletivo estamos a dar nossa energia e tempo ao algo comum, mais rico será esse produto final... portanto é um bolo, ao mesmo tempo vai cozinhando, ao mesmo tempo é enquanto serviço que é prestado para a comunidade externa, digamos, acaba por ser muito mais integral, porque podemos oferecer numa forma acessível, sem custos, praticamente, sem ter essa barreira económica a entrada, podemos oferecer desenvolvimento social, cultural, económico de alguma forma, possibilidades, como vias paralelas e alternativas de se fazer as coisas também para quem chega.

AP: Um modelo ganha, ganha? Todos tem algum tipo de retorno, satisfação pessoal?

AL: Por isso que as pessoas gostam tanto. Uma casa aberta, com tanta coisa a se oferecer, e que sentem que não há pretensão de levar a fazer algo que não queiram e de se tirar dinheiro e de dar uma condição de que alguma forma mexa com seu bem-estar, um espaço que as pessoas podem ir e sair e entrar, desde que respeitem o que esta a acontecer, está disponível para todos.

AP: A casa tem um ano e meio. Você esperava que teria tanta repercussão em pouco tão pouco tempo? Vocês têm mais de 4.000 gostos no Facebook. Você esperava que tivesse uma difusão, propagação tão expressiva assim em pouco tempo? Ou não tinham ...

AL: Não tínhamos a noção concreta de como ia ser...

AP: Há projetos com mais tempo e...

AL: Sim, menos força...

AP: Talvez pela natureza do projeto ser diferente também. Acho que vocês têm um leque maior, um funil maior?

AL: Sim, porque é uma proposta que é muito abrangente e que eu pelo menos acredito que faz muito sentido. Então não é uma surpresa assim tão... que eu acho não entenda... entendendo isso, esse impacto e fico feliz por isso, por estarem a crescer nesse sentido. Também não me prendo a isso. Não acho que devemos sei lá, pronto, ainda bem que é assim e vamos continuar a trabalhar.

AP: Fale um pouco sobre as pessoas que fazem parte hoje da casa bô. Para quantificar um pouco. Você disse antes que tinha mais ou menos umas 20 pessoas... consegue mensurar isso?

AL: Se calhar antes disso seria melhor fechar os objetivos não acha?

AP: Claro.

AL: Há essa vontade de fundir... vou tentar ser mais claro... não tentar desenvolver cada uma das coisas... há essa vontade de fundir as áreas para também nos ajudarmos todos mutualmente e para crescermos juntos e para promovermos, porque ajuda, por exemplo, a arte, a arte plástica pode por exemplo pode estar um bocado a parte da sociedade que vivemos. A maior parte das pessoas não têm acesso ou não procuram ou não se interessam, ou não se envolvem as exposições de pintura, etc., mas se houver um local onde as pessoas vão ver um concerto e foi mesmo tempo tem essas pinturas nas paredes e exposições a mudar constantemente, naturalmente as pessoas vão se envolvendo, com a noção de ganhar mais acessibilidade, ganhar mais apreço, mais, pronto, é no fundo uma estratégia de promover os artistas para ajudar os músicos, as pessoas que vem a seguir sua vocação e que estão um bocado desamparadas nesta sociedade. Um local que não tem muitos apoios. Nós servimos também como um apoio, mais uma alavanca. Não podemos fazer muita coisa, mas fazemos o que podemos.

AP: É um espaço para quem está começando, para quem está buscando aquilo que quer fazer...

AL: É um espaço para todos. Um espaço de integração, desde que esteja alinhado com nossos princípios... se calhar a música pimba não encaixa muito bem, não é que não tenha alguma coisa contra com a música pimba, mas... pronto, naturalmente ... no São João, por exemplo, nos mesmos foram tocar música pimba....

AP: Ter espaço e lugar certo.

AL: É por as coisas nos lugares certos e estamos a tratar... é uma questão de dignificar todas as pessoas que estão envolvidas no projeto... se o pintor aceitou por ali as obras de arte, se estivermos a fazer atividades que vão para registos completamente diferentes e

quase opostos estamos quase indiretamente a desrespeitar o trabalho das pessoas que estão lá. Isso pode se falar muito... há varias interpretações.

AP: Você percebe que com isso você acaba ... você incentiva os artistas a exercer o seu ofício... eles têm um estímulo para produzir mais, fazer coisas novas, para conhecer outras áreas e também interagir com elas? A casa bô faz muito disso?

AL: Sim, esse é outro objetivo. Que é no fundo criar sinergias entre os diversos elementos que por lá pairam, ou vão lá parar. E depois nascem ainda outros projetos, que é muito giro ver acontecer. As vezes projetos musicais, quando pessoas que se unam e pensam em montar algum negócio, e que se conheceram lá.

AP: Acaba por potencializar criatividades individuais?

AL: Exatamente e criar ramificações. Já nessa altura se perda na altura o impacto que o projeto tem... há vários níveis... e imensas coisas a conhecer, mais precisamente com a vida individual de cada um.

AP: Isso é interessante para a tese, acho que é um pouco o âmago...

AL: Por exemplo, há casais... noutra dimensão, não menos importante... há casais que estão a se formar porque esse projeto existe... ou seja, se não fosse esse projeto eles nem iriam se conhecer, porque são de universos totalmente diferentes, e isso acaba por unir as pessoas e as pessoas acabam por criar relações e essa relações acabam por ter um impacto brutal em sua vida e se calhar vão ter filhos, e pronto... muita coisa... e tudo a partir da criação de uma plataforma, da existência de uma plataforma... portanto é isso que me motiva... é sentir que muito do trabalho que estamos a fazer tem impacto direto na vida de muita gente, e que isso tem repercussões que podem durar para o resto da vida. Que não é superficial, que não fica a superfície.

E depois também lá está, com todos os recursos que nós temos, no fundo é servir a comunidade, seja através da abertura e tipo identificação social não impondo barreira económica, seja através da junção de serviços que estamos a criar e que queremos que sejam disponíveis a comunidade e ajudar o desenvolvimento social e económico, cultural... no sítio onde vivemos, seja levando tipo essas áreas para públicos alvo que

doutra forma nunca teriam acesso a essas dinâmicas... no fundo é usar isto a servir um bem comum.

AP: Você acha que... perdi o fio da meada.... Comunidade... exato... você acredita que a casa bô fornece para a coletividade, para a comunidade algo que é de ... que seria a priori um serviço da própria constituição, ou seja da própria da câmara, da cidade, e que a casa bô acaba ajudando nesse compromisso dessa prerrogativa. Na Constituição Portuguesa, se consultar cultura, procurando o que o Estado tem que prover, e eu vi muita coisa que o Estado tem a obrigação de prover, ou seja, vocês acabam também por fazer essa prerrogativas que são...

AL: Isso era interessante nós termos ideia, porque se um dia tivermos algum problema, é algo que podíamos usar ...

AP: Você tem essa visão, mas você já tinham pensado nisso?

AL: Na realidade muito trabalho que estamos a fazer é trabalho que a câmara ...

AP: Vocês acham que o trabalho que vocês fazem, a câmara não faz de forma apropriada e vocês conseguem de certa forma dar mais ferramentas e mais espaço e mais oportunidades para os agentes criativos que não tem espaço para isso?

AL: A minha opinião é suspeita... (risos), porque pronto, mas porque estou a fazer e dedicar esse tempo porque estou a acreditar ... acho que da forma que estamos a fazer e aquilo que estamos a propor a fazer, não tá sendo devidamente feito pela [câmara], mas essa é nossa visão, não é uma visão comum ou que se encaixe para todas as pessoas ou que seja tipo a visão que toda a sociedade deveria ter. Mas essa proposta específica, esse caminho que estamos a traçar integra mais do que uma perceção de serviço a comunidade. E que deve ao meu ver deve estra aliado a outros componentes e outras dimensões, e isto não esta devidamente a ser feito. Através câmara, órgãos do Estado, poderiam fazer mais.

AP: Mas também as barreiras à entrada para os artistas e agentes criativos acabam por ser grandes e vocês acabam, vocês criam uma possibilidade de que pessoas que não conseguiam, por exemplo, nem todos têm possibilidade de chegar a casa da música nem como frequentadores... vocês acabam por suprir essa carência, essa necessidade.

AL: Sobre isso não deveríamos ser dados a suprir, supostamente é isso é que nós estávamos a tratar. Existe se uma câmara que tem apoio e possibilidades...

AP: Vocês pensaram nisso quando criaram o projeto? É diminuir o tamanho do degrau para que mais pessoas tivessem acessos e mais oportunidades, tanto frequentadores quanto aproximar o artista do público. Na verdade vocês são facilitadores.

AL: Claro, por isso que nos fazemos por exemplo, as refeições tem muito esse objetivo.. sem muita... tem esse objetivo... o fato de fazermos refeições na casa bô, e todo o contexto faz com que o músico venha, tenha uma refeição ao lado das pessoas que o vão ver, e começa a criar uma relação e começam a se relacionar, uma interação e depois do concerto, ficam lá, fazem uma fogueirinha [no pátio], e toda essa dinâmica é incomum. Não é em todos os locais... há sítios, e espero que cada vez mais, e pronto... há mais propostas nesse sentido, mas...

AP: Vocês humanizam um processo que hoje em dia um pouco mecânico, não é?

AL: Geralmente as pessoas pagam o bilhete, vão ao concerto, começa a x horas, termina x horas e depois de uma hora e meia estão em casa, e ali na casa bô não há barreiras... o próprio palco, a própria casa, é muito intimista.

AP: A casa bô parece que tem um papel “desplugar” as pessoas do mundo tecnológico? Vocês oferecem um espaço físico para as pessoas interagirem, conversarem, deixando de lado um pouco do consumo mais digital.

AP: Porquê no Bonfim? Algo que apareceu e supriu as necessidades, próximo do metro.

AL: É uma zona... por acaso o Bonfim é perfeito para nós, é mesmo, porque ainda por cima fica ali numa zona um bocado retirado do centro, onde está a maior parte, uma sobrecarga da oferta, e ao mesmo tempo fica um bocado inacessível, porque filtram as pessoas que vão, as pessoas que vão lá vão com intenção de estar lá... e não estão aí por acaso... a maior parte... não estão de passagem..

Se fosse na baixa, num espaço mais acessível para toda a gente...

AP: Deixa de ser turístico para ser mais o morador local [do Porto]?

AL: Mais no sentido de chamar as pessoas que sejam atraídas por algo, que pronto, que não seja só por passagem. Estão ali e não vão para tomar um copo, estão atraídas não por um local que atrai muitas pessoas, por um sítio qualquer, por um preço económico.

AP: Um interesse mais interior que exterior?

AL: Sim. Acessível economicamente, que possam beber antes de ir para uma discoteca ou não sei o que... as pessoas que vão na casa bô não estão nesse registo, por que estão um cadinho fora da baixa, as pessoas têm que se deslocar se calhar de carro, mas assim também não é tão longe, é pertinho, tem metro... acaba por encaixar bem, e é uma zona que tem pouca oferta.

AP: Mais um contributo?

AL: Sim

AP: Pegar um imóvel sem uso e dar vida ao imóvel. Ali mesmo na própria rua há quantos imóveis nessa situação?

AL: Há bastantes... no Bonfim mesmo há mais de 2000 casas abandonadas.

AP: Poderia me indicar alguém na junta de freguesia para ter contato?

AL: Fazemos parte da comissão cultural da freguesia e da comissão social...

[...]

AP: Queria saber o contributo da casa bô para o Bonfim.

AL: Seria bom ter esse feedback. Eles não estão muito próximos do projeto. Ajudam na divulgação, mas assim na prática ...

[...]

AP: Queria saber se não estão próximos, porquê não estão? O que falta?

AP: Eu recebo o *newsletter* semanal... os dois primeiros eventos são geralmente da casa bô. Acaba por ser bom para o Bonfim até para sua promoção enquanto freguesia?

AL: Claro.

AP: Em relação a ... quantas pessoas estão envolvidas agora mais ou menos na casa bô.

AL: Nós temos reuniões quinzenais, entre 15 e 20 pessoas nessas reuniões. Mas essas pessoas depois vão variando. Quer dizer, na prática somos um grupo no Facebook desses elementos a ajudar no projeto e são 100. É difícil.

AP: São 100 interessados diretamente, mas que presencialmente não?

AL: 100 pessoas com afinidade, que gostam e que vão dando apoio de alguma forma... alguns estão ausentes completamente até... e quando chegam estão interligados e ajudam, e outros... existe uma rotatividade grande... o projeto vive um pouco nessa base, é preciso ter pilares, pessoas que tipo que fazem âncora, tipo que acompanham o trabalho, e mesmo em termos energéticos naquele registo, mas depois acabam por ser uma dinâmica muito aberta... há entrada e saída de pessoas...mas com pilares eu diria que quatro, cinco, seis, sete pessoas que ajudam de uma forma mais direta. Até 10 pessoas são as que estão mais ligadas profundamente ao projeto, cada um da sua maneira.

AP: Mais alguma coisa?

AL: É um espaço aberto, as vezes acontecem coisas lá...

AP: Atividades mais concretas, saber dizer? Até porque o estatuto tem muito coisa num nível de ideal...

AL: Concertos, noites de poesia, *workshops* de temáticas diferentes, [jantares]...

AP: A classificação de todas as artes que vocês têm.... Cultura, arte, que mais eu posso classificar?

AL: Meio ambiente, sustentabilidade social, [solidariedade social]...

AP: Quais são as ramificações de artes (áreas artísticas)? Está tudo lá no site Viral Agenda?

AL: Sim.

[...]

AP: Qual o *tradeoff* para a sociedade... já falamos nisso.

AP: Reabilitação urbana?

AL: É um dos objetivos... reabilitação do espaço, da casa, e até de alguma forma sensibilizar e fazer alguma coisa e até nos podemos ajudar nesse sentido, dar ferramentas, ajuda, motivar.

[...]

AP: Quais são os espaços ativos? Conseguem nomear?

AL: Em todos os espaços temos objetivos.

[...]

AL: O principal de fazer lá é o rés de chão, tem uma sala que queremos abrir e criar condições para fazer atividades em grupo, etc.. No pátio queremos abrir a parte de fora para ampliar a parte externa do vizinho, para um palco, que está abandonada... vamos fazer uma proposta para o vizinho... estamos a aguardar uma resposta... queremos fazer uma quinta, um quintal, uma horta....

AP: Ali vocês usam para luau, que mais? Que tipo de atividade acontece lá?

AL: É uma zona para as pessoas estarem, as vezes fazemos círculos de cânticos, uma fogueirinha, um sítio de convívio.

AP: Eventos pontuais, mas normalmente é tudo feito na sala de concerto.

AL: Depois é pegarmos outros espaços mais amplos para fazer atividades.

AP: Vocês já estão num tamanho que a casa mesmo grande parece as vezes ser pequena.

AL: Sim, e a varanda precisa estruturar, é preciso fazer uma outra estrutura. Tem o piso que é preciso depois dar um jeito também. O piso da casa... e tem a zona no segundo andar que tem uma claraboia a recuperar, os estrados tem que recuperar um ou outro, fazer umas obras, pintar, fazer uma cozinha lá em cima, um chuveiro. Fazer uma

quitinete lá em cima, para criar uma ideia de dois. Andar de uma residência para pessoas que estão a desenvolver um projeto.

AP: E deixar independente da cozinha de baixo para os eventos?

AL: Exatamente...

[2.^a pausa]

AP: Sobre atração dos frequentadores, como isso acontece? A procura que se há pelo espaço...

AL: Na realidade não temos nos momentos as melhores condições para acolher as pessoas. Quem chega lá com intenção de ficar, vem indicado de amigos ou pessoas de confiança. Portanto não pretende-se ser um sítio para acolher pessoas. Mas é uma casa partilhada onde as pessoas desde que estejam alinhadas e que estejam no espírito e que possam usar. E a partir agora do próximo ano vamos começar a organizar um núcleo de quatro elementos do projeto que vai começar a organizar-se para criar condições para se poderem viver na casa. A partir daí teremos melhores condições para receber mais pessoas e para viverem mais integradas no projeto.

Porque faz sentido que quando passam pessoas e ficam lá, espera-se que colaborem com toda essa dinâmica que se esta a criar.

AP: E qual a experiência de receber de fora do Porto, de outro país. Qual a troca que há? É gratificante ter pessoas de culturas diferentes com outras visões. Faz alguma diferença para a casa? É o mesmo tipo de retorno?

AL: Enriquece culturalmente... torna a coisa mais interessante, mais rica.

AP: Vocês já absorveram coisas de gente de fora que deram ideias e contributos, como o depoimento em Inglês que está no corredor da cozinha?

AL: Recebemos sempre todas as pessoas que passam em Portugal, todas elas à partida deixam alguma coisa, nem que seja uma força, um incentivo para continuar, toda a gente respeita muito o espaço e a dinâmica, não impomos condições, não criamos condições, não ditamos ordens, não dizemos o que as pessoas tem o que dizer ou não, fica da consciência de cada um. As vezes funciona bem, as vezes não tão bem. Mas o

não funcionar bem não é que desrespeitem, é que não tem tanto noção de interajuda e vivência comunitária, e acabam não se envolvendo muito. Também não é o ideal. O ideal é que estejam já preparadas para voluntariar-se.

AP: Como é que funciona o donativo consciente?

AL: O donativo consciente é uma questão que há muito que se diga. Já passamos por várias fases e no fundo eu penso que é uma longa luta.

AP: Qual a ideia do donativo consciente? Qual é a forma que vocês usam?

AL: Nós sentimos que é a forma mais congruente com os projetos e os valores de projeto de agirmos com o exterior.

AP: Ou seja, oferecer abertura mesmo para quem não tenha possibilidades, não restringir?

AL: No sentido de tudo que vem, vem de motivação pessoal própria e individual de cada um, e trabalhar nessa base, e não com algo imposto. Tentamos não impor o que quer que seja, a não ser os valores. [...] Se há respeito nisso, está bem. Com cuidado e atenção para não criar qualquer tipo de atrito ou problema para quem está lá. Serão sempre bem-vindos. E trabalhar bem essa questão que depois é sujeita a interpretações diferentes, do que que é isso, o donativo consciente. O que nos sentimos é que faz sentido haver uma troca, não tem que ser através do dinheiro, pode ser por outros meios, mas tem que haver uma troca, tem haver com valores, tem haver com respeito e consideração pelo trabalho que está a ser prestado. Se tem um músico que tem dedicado e tempo substancial da sua vida a música e está a oferecer esse serviço, então faz sentido que quem está a usufruir corresponder. Faz parte da sinergia. É uma questão de respeito do trabalho que está a se desenvolver, e que isso deve partir também e um estado de liberdade e de uma decisão pessoal e cada um. Se eu posso dar “X” eu dou “X, se eu não posso dar, não dou, ou ajuda de outra forma, mas não estou barrado, não deixo de ter acesso ao que está a ser apresentado por falta de dinheiro, mas é conveniente atingir a consciência que deve haver alguma troca.

AP: E no geral, consegue ver a percentagem de adesão? Por exemplo no jantar?

AL: A maioria contribui no jantar, a maioria entende se está a comer alguma coisa, este produto tem um valor intrínseco, unitário correspondente, porque o sistema em que nós vivemos, se formos a um restaurante, os valores das refeições têm um custo, é mais fácil trabalhar com o donativo consciente o jantar pois tem mais sensibilidade para isso. [...] Nós só alertamos para isso, que é importante, para continuar a trabalhar...

AP: E a percentagem de adesão?

AL: Nas refeições de 80 a 90% de adesão. Nos concertos é mais oscilante. Mas não é tão grande está na volta de 60 a 70%, das pessoas contribuem com o valor que se sugere.

AP: Vocês quantificam pelo número de pessoas que vão e pelo que fica retido?

AL: Mais ou menos temos noção. Se é um concerto com muita gente, é mais difícil controlar isso e de sensibilizar para esta questão.

AP: Acha que as pessoas passam mais despercebidas e não contribuem?

AL: As pessoas acham que muita gente já vai contribuir, se calhar esquecem-se, porque é mais confusão, mais *inputs*.. são vários fatores. Mas é algo que nós não queremos abandonar.

AP: A questão de confiança?

AL: É congruente com tudo que estamos a fazer. Por ser um espaço aberto, acessível a todos. Se começamos a barrar a entrada na casa, e se cobrar dois euros para entrar, já entramos no sistema capitalista. Já é um bocado...

[...]

AP: Como evoluiu a casa bô desde a criação? Como ela se relaciona com o mundo exterior.

AL: Até agora o trabalho que está a acontecer na evolução do projeto não se prende tanto a matéria, a casa, as estruturas, a qualidade de serviços nesse sentido, mas prende-se mais com a relação que se está a criar de um grupo que começa a criar algum sentido de compromisso e dedicação porque são varias fase. As pessoas quando encontram um

projeto que gostam até se assumirem compromisso há todo um processo inicial de inclusão, de se ambientarem, de perceberem como é que querem estar, o que é preciso, o que podem fazer. As vezes vem cheio de vontade e fazem umas coisas e depois afastam-se mais, e percebem que não é bem... pronto... cada um tem seu processo individual. E para trabalhar em grupo a para alinharmos, temos que afinar e pronto, e essa afinação não é fácil, requer muita paciência, muito trabalho interno por quem esta orientar as coisas, por que eu acredito que podemos estar autônomos enquanto organismos e não dependentes de nenhum elemento específico. Claro que há os elementos chave, mas acredito que esses elementos devem ser transitórios e que devemos criar condições para em vez de criar pequenas células, tipo humanas, constituir por determinados elementos, caso um falte, outros continuem a segurar e avançar com o trabalho, está a ser um processo. Agora estamos a organizar um festival, que é uma ação conjunta, estamos a juntar muita gente, estamos a convergir todos para um mesmo objetivo e este exercício ajuda-nos a perceber como cada um quer estar de que forma, que nível de compromisso, quem está mais, quem está menos, quem esta disposto a mais sacrificios, quem não abdica das férias para ajudar, quem é que, que de forma as pessoas estão, para começarmos a perceber quais elementos. Esses elementos basilares têm que ter, tem que haver um nível de compromisso já um pouco elevado. Não pode ser tipo qualquer coisa que surja as pessoas já se desliga porque depois não se mantem, então pronto. Para já estamos a fazer esse trabalho de organização interna e estamos dando passos grandes. Só de meio ano para cá começamos com reuniões periódicas. O primeiro ano basicamente foi só agregar numa forma natural. Fazer com que as pessoas se aproximem, cada vez que ajudam no evento, lavam uma louça, fazem coisas práticas.

AP: Estruturação física é muito mais administrativa, mais enraizada agora.

AL: Temos ainda que fazer coisa para aprofundar essa componente humana, como retiro. Tivemos um retiro no final do ano. Fomos 28 pessoas no final de ano no Gerês. Cada um praticar suas práticas, o professor de ioga, faz ioga, quem tem uma prática de dinâmicas de grupo, trabalham nesse sentido, e dá esse contributo, e fizemos ali uma partilha, em que coexistimos juntos, no meio da natureza, para nos alinharmos, e desse tipo de experiências, depois já fomos numa comunidade ajudar, 20 e poucos. Tínhamos uma casa de um amigo, e esses tipos de experiências permitem irmos mais a tudo nessa

relação humana e depois perceber também quais são as motivações de cada um e que que juntos podemos fazer. Foi assim que surgiu nessa base por exemplo o festival. Numa reunião falamos, deram a ideia.

AP: Tinha sinergia suficiente para isso?

AL: Sim, um mínimo para arrancar com isso.

AP: Já conheciam melhor as competências de cada um?

AL: Sim, um processo muito natural e fluido, vais e percebendo e vais e fazendo e vai se trabalhando com o que temos, e não com aquilo que gostaríamos de ter. Depois há sempre essa margem para erro e para não ser perfeito. Por exemplo, pessoas que se afastaram do grupo, porque sentiram que os níveis de exigência, por exemplo, por motivos a matéria, motivos as condições físicas não correspondiam aos seus parâmetros. Para abrir a casa para as pessoas externas, a casa deveria estar mais limpa, em mais condições e não sei o que, e, portanto, se não reunimos essas condições mais valia não fazer. Isso sempre foi minha vontade de reunir essas condições. Tenho consciência que não vou fazer sozinho essas condições. Primeiros estamos abertos a possibilidade de que não seja perfeito, e abrimos a casa mesmo estando a precisar de obras, e energia em vários níveis. Para desta forma e nesta base podemos começar a fazer o trabalho em outros níveis que depois podem ter uma implicação a nível prático no espaço e na recuperação do espaço. Há um bocado dessa flexibilidade...

AP: Há assim nessa precariedade um comprometimento mais com quem está a bordo.?

AL: Sim, porque depois as pessoas acabam por percebem concretamente as necessidades que a casa tem e a medida que vão se envolvendo e vão gostando e vão querendo dar mais, também ficam mais sensíveis para essas questões e dispostos a fazer alguma coisa para mudar.

AP: Como a casa bô se relaciona com o exterior? Quais são a relações? Com que órgãos?

AL: Em 1.º lugar, nós temos como objetivo a cooperação em todos os níveis, por exemplo, a regulação com todas as entidades que estão a desenvolver trabalho similar

ou que tenha doação, sejam entidades do Estado com a Junta de Freguesia, seja outras associações ou outros coletivos, nós procuramos estar lado a lado com toda a gente e muito abertos com possibilidades de parcerias, cooperarmos, não queremos estar a parte de tudo que esta a acontecer e fazer uma coisa só. Nós queremos estar ligados e interligados com tudo que esta a nossa volta e com o sistema vigente. Entretanto relativamente as pessoas, digamos, no que diz respeito...

AP: Como você se relaciona com os órgãos e pessoas fora da casa... no exterior? Que tipo de envolvimento que vocês têm com pessoas que são alheias, que não estão na casa, mas que vocês têm algum relacionamento. Já pude presenciar uma casa que fechou, mas quiseram fazer doação para a casa bô... é um relacionamento...

AL: As pessoas vão entendendo que nosso registo e forma de estar e pronto, e vão se cruzando connosco e sabem que nós somos recetivos com apoio em vários níveis e quem esta disponível para ajudar e apoiar há sempre esse espaço e possibilidade. Não é algo muito recorrente. Isso não existe ... até agora por exemplo só tivemos duas intenções de doação unitária, ficaram de fazer transferência sem ligação com a casa bô... até mesmo, mesmo quem pode, não sabe bem como ajudar, não entendeu muito, quem pode, não sabe, ou está a altura a esperada de algo... nós tentamos com filosofia, tratar com pró-atividade com todas as pessoas envolvidas no projeto e externas que querem nos ajudar. Isso significa que claro que pode aparecer que pode parecer mal o que estou a dizer, mas alguém tem algo para doar a casa bô, geralmente as pessoas comunicam e estão a espera de buscar. Essa coisa que tem a dar a casa bô... a nossa filosofia, para ser, para encaixar perfeitamente, é que a própria pessoa sinta naturalmente motivada para arranjar reunir condições para levar, para ser mais um elemento da pró-atividade, nem que seja só naquela ação concreta.

AP: Aí você tem um concorrente, com outro tipo de relacionamento que funciona melhor... não é concorrência desleal, mas as associações beneficentes sabem que pessoas estão dispostas adora desde que alguém consiga fazer a recolha... às vezes as pessoas querem ficar livres de algum bem material.... mais fácil doar do que.... Achar um fim, então tem algumas casas, como a Betel, acho que é um exemplo... então ainda falta um pouco de vocês conseguirem motivação para conseguir uma doação mais efetiva desse tipo de pessoa que não está, que não tem condição de fazer esse esforço.

AL: Sim, é isso, mas nós trabalhamos com o que temos, e se isso não acontece, se não dão esse passo, não é uma pressão...

AP: E divulgação? Quais os canais?

AL: Facebook, Junta de Freguesia.

[3.^a pausa]

AP: O projeto seria viável anos atrás? Já foi respondido isso antes, não é?

AL: Sim. Tem uma questão que é um bocado subjetiva, mas interessante, tem que a ver com a experiência, acho que só mais recentemente, de dois ou três anos para cá, eu consigo estar completamente se calhar interessado...

AP: Menos conectado com outras causas?

AL: Não, é uma questão de ego, que eu quero tocar, neste momento da minha vida, nessa fase, sinto que não deixo que isso influencie de forma nenhuma, sabes? Quer dizer, pode ter sempre alguma influência, mas é preciso ter uma preparação individual e insipiente, para não deixar porque tem questões de ego, que interfiram num processo quando tu estas a liderar alguma organização ou algum partido.

AP: O desapego de bens materiais é algo que influência muita na sua decisão, ou até mesmo tocar um projeto desses.

AL: Acho que é importante, eu por exemplo, sou desapegado até um certo ponto. Tipo eu acho que é importante ter nosso espaço, zona de conforto, no meu caso ter meu veículo, minha casa, temos que cuidarmos e nós, das nossas prioridades, digamos, quanto seres humanos com necessidades básicas e cuidar dessas necessidades para então depois estar desapegado do luxo, ou seja, é uma medida que temos que encontrar equilíbrio, de estarmos apegados e de só pedirmos o que precisamos, e não pedirmos mais. Eu só peço [preciso] de um mínimo para viver, que dê para o combustível, para me alimentar, da para ir aos sítios que quero ir.

AP: O que você pede é o que você tira do projeto?

AL: Eu não tiro nada do projeto. São de outras atividades. Eu tenho uma situação hoje que posso me manter pelo período de quatro anos para me dedicar de forma exclusiva ao projeto.

AP: O modelo de negócio da casa bô pode se dizer que é autossustentável? Paga suas próprias contas, e consegue retribuir a participação dos artistas?

AL: Sim, contribuir a participação da maioria das pessoas envolvidas no projeto.

AP: Dão algum apoio aos que participam?

AL: O modelo de negócio pode nunca ter e chegar a remunerar todos os participantes, que tem a ver com a finalidade do projeto.

AP: Quem procura o projeto procura como algo que se adeque aos objetivos do projeto e não necessariamente para viver dele necessariamente.

AL: Pode ser a vida da pessoa, e nesse sentido vale ter uma remuneração, mas se for algo complementar na vida da pessoa, já não faz tanto sentido a remuneração [integral]. A casa bô, de vez em quando vem, e quando vais ajuda na cozinha e ajuda na organização, se calhar não tem muito fundamento qualquer dia vir a receber dinheiro por isso... deturpa um pouco o conceito da coisa... Agora se a pessoa está todo dia lá, faz sentido ter uma remuneração, para poder se dedicar. Por exemplo, o festival está feito nesses moldes, ninguém vai ganhar nada, só despesas cobertas com equipa de apoio e equipa da organização, e ao meu ver pode se manter assim por muitos anos. É possível que se mantenha assim por muitos anos, porque acho que pode ser daqueles eventos que se trabalha nesses moldes, numa questão de serviço e entrega de um bem maior.

AP: Na nossa cadeira de Competitividade, houve pessoas que questionaram se o projeto ira se questionar por um ano.

AL: E tem muitas pessoas que ainda questionam. Tenho convicção, a menos que uma coisa imprevisível, descontrolável, que tudo se vai manter para se sustentar, porque o volume de despesas é muito baixo, e nesse modelo de voluntariado, sustenta-se. Queremos crescer também e dar outros passos. Temos uma pessoa agora que tem um

vencimento do projeto. A pessoa cozinha por exemplo, sempre, em todos os eventos, e tem retorno financeiro para viver.

AP: O gasto com alimentação, que são arcados pela casa bô, quem define o que vai ser feito.

AL: Temos uma pessoa especializada nisso. Ela faz o investimento, e recebe uma margem também e deixa uma margem para o projeto. Chegamos a uma medida equilibrada, que seja sustentável para a pessoa, e é a única pessoa se calhar que está a ter um vencimento mais concreto na casa bô.

AP: O que a casa bô representa a comunidade, já falamos...

AL: Mas é interessante, se perguntares às pessoas, é algo que poderias fazer... por que é que isto, porque via a casa bô, perguntar as pessoas que estejam lá, que vão de vez em quando. Certamente todos tem uma opinião um cadinho diferente, e a percepção que tenha da casa bô varia de pessoa para pessoa. Isso é bem interessante.

AP: E qual o *feedback* que você tem?

AL: Por norma é sempre positivo. Algumas pessoas acham que falta um pouco de organização, em termos práticos, há algumas carências, lacunas, mas grande parte das pessoas, a grande maioria, tem um *feedback* positivo, acha que é um projeto que intervém nessas áreas, na cultura, e que é um espaço aberto, onde as pessoas se sentem integradas, familiar, intimistas, exatamente este é nosso core... esse é o nome da casa, casa bô, casa do avô.

AP: O nome da casa tem a ver com essa intimidade?

AL: Esse sempre foi o aspeto familiar, a forma como as pessoas se condicionam, de forma peculiar, particular, e tem muito a ver com esta vivência sem grandes barreiras, sociabilização, e, portanto... e também [onde] as pessoas também pudessem se interligar, criar relações de amizade, e no conceito de família, os próprios no grupo, tratamo-nos como família, usamos a palavra família, e é assim que nós gostamos de nos ver... e numa família, o avô é o elemento que agrega, [e mesmo] quando a o avô morre... é, [continuar a] ser a casa do avô. Quando vamos lá, é para visitar a família.

O avô pode ser considerado um elemento exotérico, portanto, um tanto acima do plano que nós estamos e que de alguma forma nos ajuda a encontrar uma orientação.

AP: O logótipo, foi criado, tem uma explicação específica de ter.... foi um elemento de criação?

AL: Foi a criação de uma amiga, com base na sua interpretação do que seria a casa bô, que ainda não existia como casa, foi mesmo no início [da casa bô], aliás, já existia [a sede], já tinha aparecido a casa, mas não tinha atividades. Fez sua interpretação e tem muita relação com o que se faz [na casa bô], porque tem pessoas a espreitar para dentro de uma casa, e tem pessoas diferentes, uma representação de uma criança, senhora idosa, pessoas muito heterogêneas, aberta a toda a comunidade. É espreitar para dentro da casa e interagir e tentar perceber o que está a acontecer.

AP: Qual o perfil do frequentador da casa bô? Faixa etária? Sexo masculino e feminino? Você consegue quantificar isso?

AL: A maioria das pessoas têm entre 25 a 35 anos. Faixas etárias mais jovem, mas também não são adolescentes... bom, a maioria... homens e mulheres... não há assim grande divisão e geralmente são pessoas que vão e que são pessoas ligadas as artes, ou alguma via mais alternativa, como medicinas alternativas, permacultura, ligadas a uma vida mais, uma procura por uma vida mais sustentável, mas equilibrada, que se identificam com os princípios, e que muitas delas estão num período de transição, querem romper um bocado com alguns hábitos impostos pela sociedade de consumo, etc..

AP: Qual a taxa de retorno de quem costuma frequentar a casa bô? Normalmente os eventos são frequentados pelas mesmas pessoas? Eu sei que a poesia tem um círculo mais fechado, de pessoas que vão sempre lá. Mas qual a taxa de pessoas que vão pela primeira vez, e que retornam?

AL: Tem sempre em todos os eventos pessoas que vão pela primeira vez. Há uma rotatividade e aumento de público frequente. A poesia é uma atividade específica com um mesmo contexto, e por isso restringe mais o público, ou cria-se um certo público mais assíduo de alguns elementos, mas por exemplo música é mais variável, portanto

passamos jazz, como *world music*, é musica clássica, é algo muito variável. Portanto aparecem pessoas, todas elas são atraídas, são atraídas pelos eventos em si, e que nunca foram lá, e nem conheciam o projeto, a casa, e ficam surpreendidas com o contexto.

AP: E também tem as pessoas que vão por um interesse e vão se interessando pelas outras atividades também?

AL: Sim.

AP: As atuais parcerias da casa bô? O arrendamento...

AL: Sim, temos a junta de freguesia do Bonfim, na divulgação e o São João queríamos ir à rua e nos ajudaram a achar um espaço para se deslocar. Se nós lhes pedirmos apoio, acredito que até mesmo nos dar um apoio financeiro. Nós é que também não pedimos porque tentamos ir por uma via mais sempre nós a fazer as coisas de forma mais autónoma e independente. E depois temos outras associações, o Compasso, por exemplo, alguns outros elementos privados ligados com a casa bô.

AP: E essa parceria com a casa bô é mais ligada com a sinergia de atividades?

AL: Às vezes fazemos atividades em conjunto, um conjunto que há lá também, a Casa da Horta, por exemplo, que é outra organização, já organizou uma noite de angariação de fundos para a casa bô.

AP: Uma associação serve de atracção, ou seja, se uma associação, a Compasso consegue um concerto, faz com que o artista vá em outra casa e vice-versa?

AL: Sim, dá mais oportunidades aos artistas com essa sinergia.

AP: Futuras parcerias pretendidas?

AL: Estamos a criar agora uma relação com a câmara de Amarante, pode ser um elo muito forte, para desenvolver trabalho a vários níveis. Estamos de nos organizarmos melhor internamente, por exemplo, podemos nos candidatar a algumas linhas de financiamento, apoio a outros níveis, em termos de parcerias, estamos muito recetivos à cooperação, não temos assim interesse específico, não estamos a procurar de nada muito específico, e estamos de portas abertas e qualquer convite que nos seja feito, a partida

nós aceitamos, para nós não existe o conceito de competição, não é algo que existe. Estamos aqui no sentido de partilha, de abertura e de integração, com todas as partes.

AP: Para além do Espaço Compasso, tem alguma outra, pode me nomear outras associações que vocês têm parceria?

AL: Sim, em Braga temos a Sol em Movimento, temos a Éscada I, de Braga também, temos em Penafiel a Quinta do Lobo Branco, que estão a organizar um Festival da Paz, que até nós vamos vender bilhetes em conjunto, que serão dois finais de semana depois de nós.

AP: E essas relações apareceram como?

AL: Relações pessoais... vamos conhecendo cada vez mais pessoas e é sempre um bocado nessa base que trabalhamos, numa dinâmica pessoal e sustentável por si só, porque estamos onde queremos estar, juntos e interligados, e temos aí ideais comuns e vamos naturalmente cruzando interesses fazendo coisas juntos.

[4.^a pausa]

AP: Sobre os recursos, você já falou um pouco... o recheio da casa bô, de onde veio?

AL: Tudo o que está na casa bô foi doado, praticamente, tirando o sistema de som, compramos assim um preço muito barato, um ou outro mobiliário, mas foi tudo doado.

AP: Estava tudo vazio? As doações foram a pedido?

AL: No início sim, apareceram algumas coisas, até bastante, pronto, as pessoas sabem que podem oferecer coisas a casa bô e vai aparecendo.

AP: Vocês pensam em fazer parceria mais para a frente com alguma outra entidade que almeja, ainda não conseguiram?

AL: Nós estamos ligados para dentro do que para fora. Praticamente as possibilidades que podemos ter...

AP: Quais atividades são mais procuradas? Que tipo de evento?

AL: Mais concertos....

AP: Ações para o futuro?

AL: Estamos a desenhar esta relação com Amarante, que é um bocado ambiciosa, na medida em que este festival é só um início de uma relação que se pretende criar com o município de Amarante, e gostaríamos de encontrar um local onde pudéssemos alocar alguns recursos de pessoas que vão passando pela casa bô e que estão ligadas ao projeto e gostariam de ter um sítio para criar unidade e viver em comunidade junto a natureza. Então estamos a ver se encontramos esse local em Amarante e acredito que já temos lá uma boa base, encontramos numa aldeia e ficamos lá, onde faremos as missões, uma boa base para começarmos a desenhar o projeto e alocar alguns recursos, e o que se pretende é que esta comunidade seja no fundo uma extensão do trabalho que já existe e há de ser criada neste lugar, através da casa bô, e portanto, fazer um trabalho integrado, uma extensão integrada, através da casa bô as pessoas podem chegar na comunidade do meio rural ou através da comunidade rural as pessoas possam criar uma relação com o trabalho que está a fazer na casa bô... é pertinho, 50 km de distância, é acessível e parecemos que temos o apoio da câmara de Amarante, portanto a partida, isso será um grande passo que corresponde a uma ambição grande, nós temos que criar e viver numa comunidade de uma forma mais profunda. Relativamente a casa bô, nós queremos ir nos reestruturando internamente e melhorando cada vez mais essa orgânica, essa dinâmica que está a criar, que as pessoas sejam mais pró-ativas, mais integrativas, assumam mais compromisso, que haja mais atividades a ser desenvolvidas de uma forma mais sustentável e constante, e que as condições melhorem substancialmente na casa, e que se consiga se tirar da casa bô as condições para viver e que a casa funcione mesmo como um lar e é isso que sempre se pretendeu, um lar com portas abertas, e que algumas pessoas estão mais relacionadas com o projeto possam estar alocadas e possam se organizar internamente e integrarem novas pessoas que possam estar de passagem, ou músicos, ou para ficar lá envolvidas nesse sistema e pronto, e cada vez mais relações com mais entidades, mais organismos, outras iniciativas.... E pronto, passa muito por aí assim.

AP: Como você acha que a casa bô consegue ou não contribuir com a partilha da criatividade entre as diversas áreas em que os frequentadores, como você acha que ela

consegue facilitar as relações de forma a fazer com que as pessoas evoluam e consigam potencializar a criatividade em prol de uma atividade artística [sustentável].

AL: Acho que o fato estamos a trabalhar em um modelo que dá muita liberdade as pessoas, que não cria restrições, não cria barreiras, não cria pressões, faz estarmos simplesmente abertos ao contributo que cada um pode dar, independentemente ser 5% ou 20%, ou 100% do seu tempo e acolhermos todos da mesma forma, sem julgamentos, sem cobrança, aliado à quantidade de iniciativas que vamos tendo e esta dinâmica que estamos a criar entre todos associada a diversas áreas de intervenção e a junção de todas essas áreas eu penso que tipo é natural que neste processo mais projetos surjam, mais ideias surjam.. mais, porque são cada vez mais mentes e mais a pensar, e a unir-se, e cada vez mais potencial.

AP: Esse espaço aberto com liberdade está mais playspace e playwork que tivemos em criatividade em aula. Cria mais condições para as interações acontecerem de forma natural?

AL: Acredito mesmo que sim.

Entrevista transcrita 2 | Suzana Agante

Data de realização | 08 agosto 2016

Entrevistado, nacionalidade | Suzana Agante, Portugal

Entrevistador | André Príncipe

Papel na casa bô | público frequentador da casa bô

Local | Shopping Cidade do Porto, Porto

Tempo de entrevista (total): 38 minutos

Gravação | áudio gravado por telemóvel, usando aplicativo Voice Memos, armazenado em ficheiro digital formato .m4a

André Príncipe: Suzana, como você teve contato com a casa bô?

Suzana Agante: Eu fui levada por um grande amigo meu, Vitor, que era o dinamizador de outra cena poética no Porto. Como eu escrevo desde os 12 anos poesias, e ando a martelar um bocado a cabeça e finalmente levei um poema de minha autoria. Fui um grande amigo meu que conheço desde meus 14 ou 15 anos, o Gustavo, e fomos os dois. E gostei. Gostei do espaço, encontrei algo que a mim me diz muito: harmonia, união, simplicidade, transparência e respeito pelo ser humano e pela diferença, que é algo que prezo muito. Ali as pessoas não são julgadas. Ali todas as pessoas são bem-vindas e cultiva-se o amor ao próximo e respeita-se a diferença, que para mim é essencial no espaço. Não vou só pela comunhão e pela celebração da poesia, para mim foi espetacular, como é sempre, mas senti-me logo bem-vinda, bem acolhida, e principalmente acho que há uma mensagem muito grande que passa de respeito pela individualidade do ser humano.

André Príncipe: Quando foi a primeira vez que foi na casa bô?

Suzana Agante: No ano passado, mais ou menos um ano atrás... em julho, salvo engano.

AP: E de lá para cá, com que frequência foi à casa bô?

SA: Poucas vezes, ou seja, até dezembro e janeiro, fui com bastante regularidade, depois por motivos pessoais, acabei por ir menos, e fui agora recentemente quando o

evento de poesia fez um ano. Mas anteriormente, já tinha ido sozinha este ano umas três ou quatro vezes. Fui também... houve um rapaz alemão que salvo engano tocava clarinete, e fiquei amiga, e na última noite dele, fiz questão de ir lhe entregar uma pulseira para proteção do Tibete, onde estive, para proteger. Curiosamente foi excelente, porque na altura falharam com ele, os colegas com quem ele ia tocar, ele estava extremamente nervoso, e eu quando entrei e fui falar com ele e consegui acalmá-lo, e correu tudo pelo melhor.

AP: Você o conheceu na casa bô?

SA: Sim.

AP: Veio da Alemanha?

SA: Sim, como já te disse, tenho essa experiência desde 2004 salvo engano, do *couchsurfing*. Desde o início do projeto *couchsurfing*, sou muito habituada a lidar com estrangeiros. Também trabalhei nas caves do vinho do Porto e como sabes trabalhei em museus, portanto é normal para mim ter essa possibilidade... curiosamente, antes de ter trabalhado em Bragança em 2010, eu era muito bicho do mato, tímida... abriu um bocado minha personalidade... eu acho que é assim... apesar de eu considerar que eu seja um pouco tímida, sou comunicativa, ou seja, por mais antítese que eu possa considerar isso, acaba por não ser, ou seja, acabo por ser tímida mas consigo chegar as outras pessoas e começar a falar.

AP: Nos eventos que foi procurar a casa bô eram mais ligados a que área.

SA: Mais música e poesia, no entanto, como minha mãe precisa emagrecer... nós tamos a mudar muito nossa alimentação mais para a vegetariana e peixe, e carne quase que foi banida em casa, e como eu e a Olga, houve uma empatia logo, porque ela é um amor de pessoa, é impossível não gostar daquela rapariga, eu estou também muito interessada com muita humildade em aprender com eles, porque é um espaço em que também se cultiva essa parte, alimentar e sei que são pessoas com quem eu de alguma forma salutar e com humildade também poderei aprender e procurar um conselho, portanto, nessa parte ainda não apostei tanto, mas daqui para a frente será uma parte em que poderão me encontrar mais vezes.. e os eventos de *jam sessions*... eu já toquei baixo quando

mais nova numa banda de garagem e é uma alegria onde me sinto muito bem e acho que é espetacular.

AP: O que você viu na casa bô que você não viu em outros sítios?

SA: O que eu já te disse que eu considero extremamente importante, é o respeito pela individualidade do ser humano, não rotularem, por exemplo, vais num bar, desculpa a expressão: ah, aquilo é um bar de gays, aquilo é um bar de não sei o que, aquilo não é um bar, até porque é uma coletividade, é uma associação de nada... todos são bem vindos, desde o sem abrigo, desde sem pessoas mais XPTO de vida, somos todos iguais ali, não há melhor nem pior ali... ali preza-se pelo caráter da pessoa, preza-se a humildade, autenticidade da pessoa.

AP: O fato de não terem barreiras à entrada também contribui? O fato de você não ter que pagar ingresso para entrar...

SA: Era me indiferente... é um tipo de espaços que valia bem (o ingresso), imagina um ingresso de que se paga cinco ou seis euros para entrar... pagava com agrado...

AP: Mas o fato de também não cobrarem entrada não acaba por atrair mais pessoas, torna o local mais inclusivo?

SA: Também, acho que sim. Nota, mesmo o fato de dizerem que é um donativo consciente, tu fazes um autoexame de género, o que este espaço me dá? O que eu posso? Cada uma sabe sua bolsa... imagina, eu sou *freelancer*, portanto há meses que me correm melhor e meses que me correm pior. Nos meses que me correm melhor, sou capaz de deixar na boa... se a noite correu muito bem sou capaz de deixar quatro euros ou mais, se a noite o mês me corre pior, faço questão de pelo menos um euro deixar, nunca saio de lá sem o fazer, porque eu sei ao contrário de outros espaços, o dinheiro que estou a dar além deles o merecerem, pela noite e por o bem-estar que me proporcionam, eu sei que aquele dinheiro vai ser realmente, porque confio em todos eles, e são que são pessoas, algumas conheço mal intimamente, mas sei que olho para pessoas de Deus e sinto essa transparência de caráter e aquilo que eu sou, eu me vejo em muitos deles.. eu fiz há muito tempo, durante muitos anos, voluntariado com os jesuítas... eu olho para eles e sinto essa bondade de caráter, e essa paixão, e essa

bondade, no fundo até um pouco ingenuidade, que não, não é ingênua, é uma ingenuidade consciente, ali é uma paixão por um objetivo, paixão por um sonho em comum e todos lutam por ele e todos querem realmente acreditar um futuro melhor, e isso é bonito, você que é raro e eu por me incluir nisso e fazer parte disso, ainda que parcamente, eu acho que é monitório.

AP: Você acredita que o espaço acaba por potenciar a criatividade individual de cada um e o tipo de público também... qual o perfil?

SA: Sem dúvida, sem dúvida... um público mais alternativo.

AP: É um público que tem algo para consumir, mas vai também para ...

SA: Para dar de si, tu notas que ok, vamos ser sinceros... é em sua maior parte um público mais ligados as artes performativas, tanto na área da poesia, que me diz mais a mim, como na música, como nas artes gráficas, em várias [artes], também tem uma vertente muito ligada, que eu sequer sabia à jardinagem, etc., mas tu notas que na sua pelo menos, um pouco mais da metade é um público um pouco mais alternativo, o que não é mal, porque geralmente são pessoas mais criativas e mais tolerantes que os outros. Acho, sinceramente, que ainda bem, ok, parte dos donativos, o festival, por exemplo, vai para a casa, porque a casa precisa de mais condições, principalmente aquela salinha, precisa de espaço para sentar, mas, no entanto, tu não vês as pessoas, quequices, ah, aqui não há lugar para sentar, etc.... as pessoas sentam no chão, umas em cima das outras, e mesmo não se conhecendo de lado nenhum, parecem que se conhecem da vida toda, que é uma coisa rara.

AP: E isso é uma coisa que a casa faz muito bem, que é aproximar as pessoas?

SA: É vive-se essa harmonia naturalmente. E é curioso que o próprio espaço nem sobre as pessoas, mas parece que o próprio edifício puxa isso.

AP: Você acha que as pessoas que vão lá, vão porque não havia um espaço desses?

SA: Já houve em tempos... ai meu Deus, como se chamava esse espaço... quando eu me lembrar... pode ser que eu ainda me lembre durante a entrevista... já houve um, não

propriamente igual, mas do género, mas tirando esse espaço, que agora não me recordo, nunca me lembro de ver algo como, com o mesmo espírito.

AP: Sem barreiras nenhuma à entrada? A maioria das outras associações pelo que vi, tem um modelo de negócio...

SA: Mas esse que estava a falar não..., mas infelizmente quando eu voltei de Bragança já tinham fechado... pelo menos até 2010 existia, mas para aí deve ter fechado em 2011. E já era uma casa muito antiga no Porto... eu agora que não me lembro do nome...

AP: Se lembrares, pode me falar depois no Facebook e até te agradeço... as pessoas que conheceu lá, assim, o que você pode perceber delas... o que atrai as pessoas para irem lá? É a mesma percepção que você tem da casa ou são motivos diferentes.

SA: Não... são pessoas muito autênticas, por estar lá, e falo como mulher, tu estás lá, e da parte de um homem, ok, tudo bem, há homens, pronto, cada um tem a sua natureza, mas eu não noto aquela malícia, eu já cheguei a ir lá muitas vezes à noite e ir a vir para casa, e não te sentes desprotegida, mesmo que um rapaz olhe para ti e sorria, tu não sentes aquela malícia, sentes aquela tranquilidade, aquele convívio salutar, vontade de te conhecer, mas realmente de te conhecer a pessoa que tu és.

AP: Das vezes que teve lá, sempre via as mesmas caras, ou sempre teve pessoas novas?

SA: Não, há pessoas que são habituais lá, e que aquilo cria uma fidelidade entre o público, mas, no entanto, parece que é do género, é o “Venham mais cinco” do Zeca Afonso... tu tens as pessoas residentes, mas depois sei que venham mais cinco, pessoa que tu não conheces de lado nenhum e que eventualmente vem naquele evento, e não vêes em um mês, e depois é capaz de ver depois de um mês.

AP: Pode me contextualizar melhor a cena do Venham mais cinco?

SA: Zeca Afonso é um ícone da música portuguesa... da época dos nossos pais, era ativista político, e tem uma música que é a Venham mais cinco, ou seja, toda a gente é bem-vinda e venham mais cinco amigos e venham mais cinco que cabem todos a uma mesa... é o espírito que encontro um pouco na casa bô, ou seja, imagina, eu dou-te o exemplo do Gustavo. Gustavo é meu amigo pessoal... ninguém o conhecia na casa bô,

eu acabei entre aspas por falhar um pouco, que deixei de ir por motivos pessoais, resultado, eu deixei o Gustavo e falhei um pouco até com ele, porque nós tínhamos uma convenção de ir às noites de poesia de 15 em 15 dias. Resultado, ele continuou por ir e muito bem e eu notei, e olha e digo te, foi um orgulho por parte de ambos, que lhe trataram tão bem, que estava tão bem inserido que até foi tocar flauta, que o convidaram para tocar, e trataram, desculpa-me o termo, como um irmão, como comunhão.

AP: Foi como frequentador e virou...

SA: Um amigo.

AP: E acabou por oferecer um contributo dele?

SA: Exatamente. E isso por mim tranquiliza-me tanto, porque foi de género, a tratarem tão bem um amigo e que no fundo acabei pela primeira vez na vida, falhei um pouco, com um dois ou três amigos, falhei um pouco, porque com franqueza isolei-me um pouco, mas saber que ele foi bem tratado, e vice-versa, e que resultou tão bem, e que resultou em algo que lhe dá tanto prazer que dá, e que também houvesse a mais valia, é acho eu, excelente. É sinal que o projeto em si em várias vertentes realmente resulta, principalmente na vertente pessoal. Houve ali um crescimento de parte a parte... crescimento.

AP: Você percebe que normalmente... há artigos que dizem que há artigos que dizem que os criativos são pessoas mais introvertidas, mais fechadas, e acabam... é, por quebrar um pouco isso quando estão no mesmo meio. Você acha que a casa bô provoca esse efeito?

SA: Acho que sim. Eu sou tímida, apesar de ser comunicativa. Entre por exemplo no meio das pessoas, das pessoas que declama poesia, eu por exemplo não me sinto a vontade, mas, eu acabo por em soltar um pouco mais, falar um pouco mais com as pessoas, pronto, eu também mudei um bocado, mais ou menos de uns três anos para cá, mas noto perfeitamente isso. Sabes porque? Eu acho que acaba por ser identificação, como uma pessoa não se sente julgada, e está dentro uma alma que vive um pouco aquilo que tu vives, apesar, de imagina, a escrita poética não é toda igual, mas há uma identificação, imagina por exemplo uma pessoa me diz, eu adoro Garcia Lorca, aí a

outra diz ... eu também, começa uma “cavoqueira”, e começa uma identificação, aquele gelo acaba por quebrar, e as pessoas acabam por crescer umas com as outras.

AP: Aqui se diz poeta ou poetisa? Você acredita que essa sua interação na casa, tanto as pessoas que vão lá, organizar e outras que vão participar, isso te auxiliou no processo de criação de poesia, te estimulou?

SA: Com franqueza, não é relevante. No meu caso... o caso da poesia, ela vem quando menos espero, e se por exemplo, se me viesse inspiração aqui e agora, eu escrevia a minha escrita poética é muito de “vibes” é de momentos, escrevo. Não é muito pensado, não é relevante... o que é relevante, é eu sentir uma vontade de tirar da gaveta e ...

AP: E ter oportunidade onde expor ao público e mostrar seu trabalho?

SA: Mostrar entre amigos, exatamente, exatamente.

AP: Você acha que o Porto poderia ter mais iniciativas como essa? Que há demandas que é um pouco reprimida?

SA: Acho, mas também nota, não podemos cair no oposto, ou seja, de banalizar algo que também é especial, ou seja, sim, ainda me lembro de ir as noites de púcaros, na Ribeira, quando era adolescente, ao Pinguim, ao ... como se chama... não me lembro, onde o Vitor e ele falou no mentor dele, no Luis Beirão, e ainda me lembro de lá ir, mas não sei, de todos os sítios que já fui, ainda mesmo assim a casa bô tem uma particularidade.

AP: Uma componente inovadora?

SA: Nem é só. Em outros sítios, em que você ó pá, só mostram poesia que vão declamar, é um pouco... não em todos os sítios, mas as vezes é um pouco formal... ali é uma tertúlia, mas acaba por ser uma tertúlia entre amigos, mais informal, e acho que o Vitor e principalmente o Vitor e o Diogo, a dinâmica deles é tão crua, tão apaixonada, tão intensa, que acaba por gerar essa intensidade e essa paixão pela poesia, e não há julgamentos ali, que escrevas bem, que escrevas mal, não há... não notas que em uns e outros sítios que te julgam, que os eruditos e tititi, e ali não.

AP: Sente que não há barreiras de qualquer tipo?

SA: Nada, todos são bem-vindos a declamar... há um sentido as vezes cómico, que as vezes descamba, mas é um descambar bom, salutar.

AP: Você tem ideia de qual é a missão e qual a visão da casa bô?

SA: Não exatamente. Eu nesse momento tou a cair de novo na casa bô de paraquedas. Eu já decidi que vou ao festival. Já comuniquei a minha mãe, já falei, tava a ver a questão do saco cama, que sei que tenho dois, mas já perdidos em combate no sótão, terei que os encontrar, mas acho que é extremamente monitório algo que eu assisti. Já salvo erro, em janeiro, que entrou, nunca mais me esqueço, foi algo que marcou bastante, entraram salvo erro, dois sem abrigos. Ninguém os julgou, não julgam, foram realmente bem-recebidos, curtiram a *jam session*, no domingo todo, ainda cantaram, tocaram, como se... para mim são, são serem, indivíduos como eu, como tu, apenas não tiveram em algum momento de tua vida, houve ali um gatilho que correu mal. Mas porque já fiz voluntariado nessa área e sei bem e já dei com realidades muito complicadas, e saber que existe alguém além de mim que pensa e que tem os mesmos valores que eu, é extremamente gratificante, isso por um lado. Por outro lado, notei, mas isso ainda não aprofundei tanto, porque não tive oportunidade de falar com eles com mais calma, notei uma preocupação e uma vertente muito importante a nível ambiental, e a nível pelo respeito a alimentação [saudável], uma área mais vegetariana, até mais macrobiótica, mas um respeito pelo ambiente, pela defesa do ambiente, pelo qual também me identifico, agora, há mais projetos, em Amarante, em que eu notei, e que ainda não estou inteirada, porque estive esses meses afastada, e quero inteirar-me, esse precisarem de voluntários, contem comigo, porque tudo aquilo que seja... eu sou daquele tipo de pessoa apaixonada se eu acreditar na causa, e modéstia a parte, tenho muito jeito para mobilizar pessoas e as coisas. Tenho que acreditar. Senão, respeitosamente desejo o melhor, mas estás a perceber, eu sou um pouco 8 ou 80, ou me envolvo mesmo, ou então não atrapalho.

[...]

SA: A uma pergunta tu sabes a quanto tempo existe o projeto da casa bô?

AP: Foi inaugurado em 21 de março de 2015.

SA: Pensava que era mais... digo-te, que para um ano, estão é muito de parabéns.

AP: Exato, pelo que vi, já estão com mais de 4000 gostos e outras associações com mais tempo tem menos que isso.

SA: Estou admirado, pensei que eles tivessem para aí três ou quatro anos de existência.

AP: Você percebe que nesse tempo que esteve a frequentar, de um ano para cá.

SA: Também não sou assídua, ou seja, no início sim, mas depois, sei lá, desde fevereiro, me desliguei completamente e fui agora...

AP: Te agrada o fato de ir lá e ver outras expressões artísticas, exposições itinerantes. Você acha que isso é uma mais valia?

SA: Acho que sim. Sinto que acho que é assim, a arte em si, é como se fosse uma mandala, ou seja, tu tens varias ramificações que vão dar num centro nevralgico comum, portanto a arte pode ter varias expressões. Essa parte onde o meu foco é poesia, nesse momento, mas se eu vir uma serigrafia, com a qual me identifique, obviamente que ela é bem-vinda.

AP: E você também já esteve envolvida com a música, no baixo, acaba por ser um estímulo?

SA: Sim, sim, eu sou viciada em música... coitada da minha mãe, logo de manhã já estava com Nine Inch Nails... coitada da senhora.

AP: Como você acha que a casa bô pode estimular a criatividade das pessoas que frequentam a casa. Como você acha que a mais valia tanto para quem frequenta, e um contributo para a sociedade?

SA: Promover *workshops*. Imagina, por exemplo. Minha mãe sabe ikebana, que é a arte floral japonesa. Promover um *workshop* de ikebana. Ou promover sei lá, aulas, vou dar um exemplo, existe uma grande comunidade chinesa no Porto... promover o mandarim, ou promover lições e sustentabilidade energética. Exemplo: ambiental, ou vamos plantar qualquer coisa. Acho que com alguns *workshops*, para que eles também

conseguissem passar as mensagens, conseguissem passar as mensagens, acho que é uma ideia...

AP: Dar um perfil de formação? E potencialização das habilidades pessoais?

SA: Exatamente. Ao criar os *workshops*, com precinhos camaradas, também tinham um retorno para aplicar, se não subissem muito os preços. A pessoa também não vive de ar.... criava, passava a mensagem, passava conhecimento, e ao mesmo tempo havia uma troca justa, ou seja, tu criavas *workshop* e conhecimento e passava a mensagem do projeto, havia o retorno monetário para sustentar o projeto financeiramente.

AP: Falando em retorno, o teu amigo Gustavo que chegou a se apresentar lá, acabou por ter um retorno do donativo consciente?

SA: Não sei, ainda não tive muito tempo a falar com ele...

AP: Sobre sua família?

SA: Meu pai é general militar, dos comandos, mas além disso é economista e está em Angola. Meus pais são divorciados. Minha mãe é economista e esta desempregada de longa data. Eu não fui criada pelos meus pais, fui criada pela minha avó e pelos meus irmãos na aldeia. Minha família foi sempre muito desestruturada. Coube a mim que sou a mais velha, para ser protetora principalmente do meu irmão. Eu aprendi a reservar-me. Eu mudei tanto de casa e de escola que achei melhor assim. Eu quando faço uma amizade é muito fiel. Uma amizade para mim é muito valiosa.

AP: Sobre arte e cultura?

SA: Já nasceu comigo. Não sei explicar. Minha avó, mãe do meu pai, que era muito artística. Ela imagina, pintava, a minha infância foi passada num estúdio de pintura. Ela pintava a óleo e tou agora a começar com carvão, a desenhar por mim, porque em Bragança fui com uma amiga minha e no estúdio, enquanto pintavam eu estava no carvão e estou a sentir finalmente, porque não estou em Bragança desde 2012, mas estou sentindo mais do que vontade de escrever, vontade de desenhar.

AP: Já pensou na possibilidade de subsídio ou ajuda para inspiração ou técnica da casa bô nesse sentido?

SA: Não, sabes que é assim, como sei, dá-me vontade a pouco tempo, da semana passada para cá, então fui comprar carvão, agora tenho eu ver se encontro caderno, se não encontra, tenho que comprar para já estar nessa fase e estou naquela fase de passar a a primeira tela. Tou assim um bocado vou, não vou, aventuro-me ou não.

AP: Sente vontade de por para frente com esse projeto, de um dia estrá a expor na casa bô?

SA: Sim, sempre, eu faço questão, de que se a expor, a minha primeira exposição seja lá. Acho que é o retorno de tudo, todos os bons sentimentos que me passaram e prefiro mil vezes expor entre amigos, por que considero-os, apesar de algumas pessoas não ter ainda intimidade para tal, eu não vou dizer que o Ângelo ou seja quem for é um conhecido. Não vou por essa barreira, para mim é um amigo com possibilidade de ser um amigo a valer. Mas para mim já existe... há um bichinho... e esse bichinho vai aumentando a barriguinha, barriguinha, barriguinha. E por enquanto é um bichinho bebé que está lá, e se Deus quiser, ira crescer... dou também o exemplo da Mirian... mal a conheço, mas adorei-a, acho um doce... e...

AP: E esse bichinho não nasce em outros sítios?

SA: Não, não..., mas minto, há um outro sítio que também me sinto bem, que é o Ferrugem, vou lá muitas vezes. Por exemplo, dou me bem com a rapariga que foi ontem passar música e só a conheço a só um mês, mas já considero como amiga, mas tirando esse espaço, não. Sabe porque, porque sou fiel... se me tratam bem, não ando a ciscar de bar em bar. A minha mãe já sabes onde é que paro, onde vou: Ferrugem... as quartas onde gosto de ir: casa bô... e aí por diante.

AP: Já estive no Espaço Compasso? Sabe me dizer as diferenças entra e casa bô e lá?

SA: Sim. Já não vou ao compasso há uns dois anos... é diferente. O Espaço Compasso é alternativo, mas é ostensivamente mais alternativo... fazem um pouco de gala para serem alternativos.

AP: Acaba por criar uma barreira?

SA: Sim, enquanto na casa bô não acho que seja apenas alternativo.

AP: Inclusivo?

SA: Sim, é inclusivo

AP: De certa forma atrai pessoas de múltiplos interesses?

SA: Há aí uma particularidade... na casa bô encontrei o pai de um grande amigo meu que infelizmente faleceu o meu dia de aniversário eu tinha 20 anos, Manuel, Manuelito, que é amigo pessoal da família, tu podes tanto encontrar um miúdo de 17, 18 anos, como pessoas com idades de nossos pais ou até nossos avós, e ninguém se sente mal, ninguém se sente velho ou novo, que eu acho que acho que é uma particularidade de lá.

AP: É inclusivo, mas ao mesmo tempo de pessoas de individualidade que se complementam?

SA: De varias gerações, de varias gerações tu não notas, as pessoas nessa barreira temporal.

AP: Só para finalizar, com quantos pessoas já teve conexão com a casa bô? Fiz novos amigos ou colegas, ou com quem você tem afinidade?

SA: Eu já conhecia o Vítor e o Diogo antes, e há uma moça com quem me dou muito bem, a Diana, a Olga, posso dizer, pronto, o Ângelo e a Miriam, não tenho ainda intimidade, mas gosto imenso deles, tenho muito carinho mesmo. O Pedro gosto muito dele mesmo. Acho um amor de pessoa. Há um casal que só tive uma ou duas vezes... o brasileiro que não me lembro deles, mas ficou na memória, há o rapaz alemão...há assim pontualmente, e assim, há pessoas que nem sei o nome, e às vezes os vejo lá, eu falo com eles e elas comigo e há empatia natural.

AP: Obrigadíssimo

SA: De nada!

Entrevista transcrita 3 | Vitor Hugo Moreira

Data de realização | 08 agosto 2016

Entrevistado, nacionalidade | Vitor Hugo Moreira, Portugal

Entrevistador | André Príncipe

Papel na casa bô | membro da família bô e dinamizador das noites de poesia na casa bô

Local | Café Progresso , Porto

Tempo de entrevista (total): 53 minutos

Gravação | áudio gravado por telemóvel, usando aplicativo *Voice Memos*, armazenado em dois ficheiros digitais formato .m4a

André Príncipe: Oito de agosto. Bom Vitor só começar talvez com as informações assim pessoais. Qual a sua idade?

Vitor Hugo Moreira: Tenho trinta e dois anos.

André Príncipe: Está bem. E você disse que tem um filha, é isso?

Vitor Hugo Moreira: Estou a viver em união de facto, tenho uma filha de vinte meses, quase dois anos.

AP: Fixe. E sua área de atuação é... sua formação?

VHM: Eu sou formado em Animação Social com o curso técnico profissional, equivalente ao 12º ano. Concluído em 2006.

AP: E o Vitor é daqui do Porto?

VHM: Eu nasci numa pequena aldeia, ou melhor numa pequena vila, 30 km do Porto, em Recarei, no concelho de Paredes. Aos dezoito anos fui para Coimbra estudar no seminário, segui depois já ao... só estive em Coimbra um ano, regressei para a casa dos meus pais onde fiz o curso de Animação e há doze anos vivo no Porto.

AP: Já é um portuense.

VHM: Já sou portuense, sempre fui um portuense.

AP: E qual foi o primeiro contato que você teve com a casa bô. Quando você tomou conhecimento da casa bô.

VHM: Tomei conhecimento da casa bô através de alguns artistas com quem eu colaborei antes de ter contacto com a casa bô. Trabalhava no outro bar artístico, no Olimpo Bar, que era.. se não era o único bar dedicado exclusivamente a cultura, e a arte, e a educação na cidade do Porto, devia ser dos poucos que existia com esse conceito. Que nós de terça à sábado tínhamos eventos desde poesia, desde exposições, teatro, artes performativas, eventos sobre personagens históricas da vida religiosas, ou da vida política, ou da vida monárquica em Portugal. E entretanto nós tivemos que fechar a porta por falta de verbas.

AP: Isso foi quando?

VHM: Foi no ano passado em 2015, em inícios de julho de 2015. Entretanto alguns artistas que passavam pelo bar que eu estava a trabalhar frequentavam também a casa bô, e esses artistas iam falando da casa bô. Eu fui acompanhando o projeto, estás a ver, pelo Facebook. Fui vendo algumas imagens, alguns vídeos, fotografias e o conceito e o projeto e o espaço foi me cativando. Quando fechei o Olimpo fiz a proposta à casa bô de fazer as noites de poesia. Reuni-me com o Ângelo, com o mentor do projeto, e foi quando finalmente conheci o espaço e o projeto casa bô por inteiro, e na realidade. E então a partir dos fins de julho de trabalho com a casa bô, de trabalho na casa bô como dinamizador das noites de poesia que acontecem todas as quartas-feiras desde há um ano. Entretanto fui colaborando com o projeto também questões de refeições, fazer as refeições, ajudar na manutenção, ajudar em alguns eventos que fossem necessários ajuda. Pronto. Neste momento estou um cadinho mais desligado, lá está tenho uma filha, tenho família e tenho trabalho o tempo inteiro, que não deixa ter tempo suficiente para me dedicar exclusivamente a casa bô, como no início me dedicava. E pronto é isso.

AP: E o Olimpo? Ele era uma associação ou era um?

VHM: O Olimpo era um bar mesmo.

AP: Era um bar em que se abria que se reservava um espaço para atividades culturais?

VHM: Sim funcionava como um bar, logicamente com o serviço de bebidas e comidas, mas também funcionava muito com a componente artística e performativa, como referi desde concertos, teatro, exposições de fotografia, desenho.

AP: E quando começou e quando foi inaugurado o bar?

VHM: O Olimpo foi inaugurado em 2013.

AP: Está bem.

VHM: Portanto funcionou durante três anos, três ou quatro anos não tenho certeza. Eu estive no último ano. Era frequentador há dois anos, portanto três anos é certo que existiu. Está na dúvida se são três ou quatro anos.

AP: E você vê muitas semelhanças e diferenças para o modelo do Olimpo para a casa bô? Você consegue elencar algumas?

VHM: A principal diferença é que nós, excluindo a parte informativa e artística, o Olimpo funcionava muito com o conceito de bar, ou seja, teria que ter o componente, não sei económica a tona das ondas, enquanto a casa bô não. A casa bô explora mais a unidade, a união, o espírito de partilha, o espírito de encontro, a troca de energias, a partilha de afetos. Portanto a casa bô não tem tanta esta componente, claro que é importante a componente financeira e económica, mas não é o pilar essencial e que move o projeto casa bô. Enquanto o Olimpo teria e tem muito essa componente, tinha muito esta componente essencial de financeira a flor da pele.

AP: E em relação a essa diferença você percebia o tipo de público diferente por conta desta componente que..

VHM: Si, si...

AP: Você consegue me dizer a diferença do tipo do público que vai na casa bô e que ia no ...

VHM: A diferença básica era uma, ou é uma, as pessoas que vão à casa bô são as pessoas que estão dentro deste espírito. Já se movem, que já se movem pelo espírito da partilha energética e no entanto no Olimpo as pessoas iam ali para beber um copo e para

estar a assistir um concerto, ou para ver uma exposição, não iam muito com essa questão...

AP: Não abria espaço também até para quem tivesse interesse em não só ser o frequentador, também o próprio dinamizador de um.. E a casa bô até tem portas mais abertas...

VHM: Não... havia, havia sabe essa abertura para quem quisesse dinamizar essa abertura. Mas não.. Mas eu quando eu falo na partilha energética, por exemplo, como eu fiquei a conhecer muita gente na casa bô, não é? Ter a coragem ou ter a liberdade para conhecer aquela pessoa e chegar a beira dela, e começar a falar com ela tranquilamente e, ficar a conhecer, trocar ideias, trocar energias. Enquanto no Olimpo não as pessoas iam lá unicamente para beber um copo, estar com seu grupo de amigos. Não havia esta questão de juntarem mesas...

AP: Agregação.

VHM: Começar a falar com um estranho, com um desconhecido, um estrangeiro. Enquanto na casa bô não... Na casa bô todos jantamos juntos, todos bebemos juntos, todos comunicam, todos falam. E a pedra basilar é a comunicação, na casa bô todos a gente comunicam uns com os outros. Eu chego já estão quatro ou cinco pessoas que eu não conheço, que eu nunca vi, mas se cumprimenta-se toda a gente.

AP: Isso é interessante porque essa diferença acaba por me aproximar mais pessoas da própria classe criativa, ou seja, é aberto a toda a gente...

VHM: Eu acho que não é só a questão de aproximação da comunidade artística, eu acho que é mais uma questão de aproximação das pessoas em si, sabes? A casa bô apesar de ser um em que a maioria dos frequentadores são pessoas ou artistas que estão ligados as artes, ou que estão ligadas a um movimento mais humanista, mas o que é engraçado é que acaba por unificar toda a gente por um mesmo objetivo. Lembro-me de ver pessoas que estão um cadinho *outsiders* deste movimento, mas chegam ali e ficam completamente hipnotizadas pelo andamento da máquina ou o andamento da máquina humanitária que por acabam por começar frequentar com mais regularidade.

AP: Percentualmente consegue ter uma ideia de quantas pessoas acabam por ir, de repente para um evento específico, e acabam por voltar depois que conhece melhor..

VHM: Eu dou te o exemplo das quartas de poesia.

AP: Sim.

VHM: No que eu semana para semana eu tenho pessoas completamente novas. De semana para semana o meu público é sempre diferente. Não sei te dar uma percentagem desse número, mas sei e esse é um dos meus objetivos, fazer com que as pessoas venham as quartas mas que depois venham aos outros dias, mas sei muitas pessoas que vêm as quartas acabam por vir noutros dias.

AP: Está bem, percebo.

VHM: Não sei dizer qual a percentagem, e dizer assim se das 10 pessoas que conhece na semana, duas vêm para a semana, vêm na sexta e no sábado. Mas sei que isso acontece.

AP: E falando um pouco mais do público das noites de poesia. Você tem um público já cativo, ou seja, um público regular? e se tem sempre pessoas novas a chegar, essas pessoas são normalmente, elas não vem do nada, vem pelo Facebook, ou normalmente é um amigo que indica?

VHM: Já as quartas já tem o seu grupo fixo, e no isso no pouse [?] no aniversário há duas semanas, muitas das pessoas que lá estavam são pessoas que já acompanham o projeto poesia na casa há um ano.

AP: Tinham por ali trinta e tal pessoas.

VHM: Pelas minhas contas estávamos cerca de 40 pessoas. A noite mais frequentada chegamos aos 50. Ter 50 pessoas numa noite de poesia é muito.

AP: Espetacular.

VHM: Mais espetacular se torna quando 70% são estrangeiros.

AP: E isso é uma coisa curiosa, de onde eles vêm, como é que aparece tanta gente de fora.

VHM: É aí que agora eu ia te responder. A questão do público ser diferente de semana para semana vem devido a duas coisas, a devido a uma coisa, vem devido ao trabalho que é feito por fora. Eu para preparar uma noite de poesia, normalmente trabalho segunda-feira à noite, terça-feira à noite, mas essencialmente, ou melhor eu preparo a noite de poesia durante uma semana. Portanto de quinta à terça-feira eu estou a recolher os textos que eu vou usar na quarta-feira a seguir. Depois segunda e terça é à noite é exclusivamente para criar o evento no Facebook e divulgar. E aqui entra o jogo da divulgação pelos meios que eu conheço, pelos meios que eu estou inserido. O público estrangeiro que vou tendo e já tive pessoas a vir da China, da Espanha, de Macau, de Brasil, México, França, Itália, na semana passada tivemos um italiano, uma dinamarquesa, uma belga,

AP: Polonês...

VHM: Polônia, sabes... Vem então do trabalho que eu faço com os *couchsurfing*, em que eu faço parte da comunidade de *couchsurfing* há cinco anos. Ou seja, eu neste momento não recebo, eu não posso receber turistas em minha casa, pois lá está, tenho família, e tenho uma bebé em casa, não é aconselhável ter pessoas estranhas, e optei por não receber. Como eu não posso receber, o que é que eu encontrei para estar na mesma e conhecer na mesma os *couchsurfing*. Todas as terças-feiras eu envio uma mensagem privada a cada *couchsurfing* que está, que vai estar na quarta-feira pelo Porto. Explico-lhes em que é que consiste a noite de poesias, falo-lhes do jantar partilhado, falo-lhes do projeto casa bô e isso trás efeito, e eles acabam por vir, acabam por gostar e acabam por voltar.

AP: E dos que você costuma convidar tem alguma taxa de retorno, assim se chegar a mandar dez convites quantos acabam por atender?

VHM: Pelo menos dois. Pelo menos dois vêm. Depois há aqueles que não me respondem mas aparecem. Há situações desagradáveis, recentemente tive uma situação muito desagradável, a rapariga chinesa, mas foi uma em cinquenta, portanto.

AP: É o tal do choque cultural.

VHM: Sim, sim. Acho que é muito cultural, acho que ela é mais choque mental.

AP: Muito bem.

VHM: Acho que é mais por aí. E aí como o público também se insere muito na divulgação que é feita, porque a mim também me interessa que o estrangeiro também tenha um cadinho de contacto com o que é feito artisticamente e culturalmente aqui no Porto, e sei que eles valorizam.

AP: E as poesias acabam por ser lidas em português ou também nas línguas nativas.

VHM: O ideal é que cada pessoa leia na sua língua nativa.

AP: Espetacular.

VHM: E eles fazem isso. Já tive uma rapariga chinesa ao ler e dizer em mandarim, eu já tive uma rapariga mexicana a dizer mexicano, em polaco, em alemão, em dinamarquês, já tive fusão de línguas, já uma espanhola a dizer poesia com uma dinamarquesa. Portanto, isto acaba por ser muito interessante.

AP: Não é muito comum.

VHM: Quando tu não percebes, e toda a gente diz isso é, que tu não percebes a língua, não percebes o que a pessoa está a dizer, mas é fantástico quando sentes o que a poesia te quer dizer, mesmo que eu não entenda a língua nativa do outro que está a falar, mas quando acabas por sentir as emoções, sentir o sentimento, e a poesia na casa bô tem isso muito forte, que mais do que estarmos a partilhar poesias, a partilhar também emoções e sentimentos. E acho que não só a poesia que é feita na casa...

[Pausa]

AP: Entrevista Vitor, oito de agosto, parte dois. Você estava a falar das pessoas que veem de fora e estavam a declinar poesia, as ligações em outros línguas.

VHM: É o que eu estava a dizer, pode ser interessante quando percebes que apesar de não perceberes a língua que as pessoas estão a partilhar, é acabas por perceber

emocionalidades da palavra, e a emocionalidade que é transmitida. E isso é o encontro do propósito, não só das quartas-feiras, vai também ao encontro dos propósitos do projeto casa bô, que é a partilha de afetos e a partilha energética. E isso consegue a quarta-feira, e acaba por ter consequência quando percebes que a pessoa que vem na quarta, acaba por vir à sexta e acaba por vir ao sábado. E acaba por vir a outros eventos, então um estrangeiro que está no Porto, o tempo que está no Porto, acaba por sabe um ou duas vezes à casa bô e até mesmo já houve casos de pessoas que regressaram ao país de origem e passado meio ano regressaram ao Porto e voltaram a casa bô. E isso é fantástico.

AP: Sim.

VHM: É sinal que eles não esquecem, nem esquecem a cidade, e nem esquecem o espaço e o projeto casa bô.

AP: E isso até a gente pode dizer que a casa bô, ela fica como um pontinho da rota turística de determinado tipo de...

VHM: É acho que mais do que ficar no, acho que mais do que ficar um pontinho na rota turística, acho que fica mais um pontinho no coração. E isso é magnifico quando percebes que a pessoa não volta apenas por voltar, volta porque ficou com um bichinho dentro de sim.

AP: Está bem.

VHM: E isso é muito gratificante perceber que as pessoas guardam memória do projeto e querem voltar a repetir a experiência que tiveram com o projeto.

AP: Espetacular. E você consegue dizer mais ou menos uma média de público que você costuma ter nos eventos? Ou é muito variável?

VHM: Então falta na quarta-feira ou nas outras noites?

AP: Pode dizer das quartas-feiras e depois...

VHM: As quartas-feiras é muito variável, já teve noites em que éramos quatro pessoas, já teve noites em que éramos cinquenta pessoas. A média nos últimos tempos eu não

tenho feito nenhuma noite com menos de doze pessoas. Portanto minha média neste momento anda a volta de doze, quinze pessoas, mas é muito variável. Tanto que eu tenho uma noite com quatro, cinco, seis pessoas, quanto tão depressa tenho uma noite com vinte, trinta, quarenta ou cinquenta pessoas como já cheguei a ter. E essa noite que eu tive cinquenta pessoas, não é uma noite que eu esperasse ter tanta gente. Acho que se criou ali um movimento vamos todos a casa bô nesta noite, porque tinham as pessoas a chegarem constantemente, cheguei ao ponto de subir para cima do palco para as pessoas terem espaço para se sentarem, e depois a parte engraçada é que tinha as pessoas portuguesas, pessoas do Brasil, pessoas de Espanha, pessoas da Itália, da Polônia, da Rússia, tinha pessoas de todos os lados. Ficavas bobo.

AP: E não são pessoas que vêm pelo *couchsurfing*?

VHM: Não, não..

AP: Canal de divulgação.

VHM: Pelos canais de divulgação, pelo Facebook uso cinco páginas diferentes e divulgação: um dos brasileiros que estão estudar a cá em Portugal, uso duas páginas onde eu faço divulgação, duas páginas ligadas a divulgação de eventos artísticos no Porto.

AP: Qual é a página?

VHM: Agenda poesia e esqueci-me da outra.

AP: Depois eu pego.

VHM: Depois eu posso te mandar-te. Também divulgo junto da comunidade facebookiana dos cabo-verdianos, do *couchsurfing* em Portugal, também no Facebook. Depois também depois faço muita divulgação por mensagem privada junto as pessoas. E depois há algumas páginas, há alguns sites de divulgação de eventos que também fazem esse trabalho, é a viral agenda, a *meet up*.

AP: Mas isso automaticamente é pelo que eu sei o viral agenda ele busca todos os eventos já retirados na casa bô e já incorpora no seu calendário.

VHM: Eles começaram a fazer isso por causa das quartas de poesia.

AP: Espetacular.

VHM: De repente eu apercebi-me primeiro eu já conhecia a viral agenda e conhecia o funcionamento deles. Eu quanto comecei a criar as noites de poesia na casa bô enviei-lhes um pedido para divulgação e eles divulgaram e depois começaram a divulgar também os outros eventos.

AP: E isso foi em outubro do ano passado?

VHM: Foi em julho, setembro. A primeira sessão foi em julho, depois em agosto a casa bô estava fechada. Depois retomamos em setembro. Depois a Junta de Freguesia do Bonfim também fazem um trabalho incansável.

AP: Sim, eu recebo a *newsletter*.

VHM: A Junta de Freguesia do Bonfim divulga todos os eventos da casa bô. Não só o da quarta, mas divulga todos os eventos que a casa bô faz. Deve ser a única plataforma neste momento além na página da casa bô e além do Ângelo, de mim e mais pessoas, deve ser a única plataforma que faz a divulgação integral de todos os eventos que a casa bô faz. E tem sido uma ajuda preciosa. Quanto aos outros eventos também há um público variado. Acho que fica muito do artista, acho que fica muito na atividade performativa que vai estar a acontecer. Já tive noites, já estive em noite em que teve a casa completamente cheia, e estive em noites em que apenas eram os elementos ligados ao projeto que estavam a assistir o concerto. Lembro-me de um músico espanhol em que só estávamos lá só cinco ou seis pessoas, além do músico. E as pessoas que lá estavam eram pessoas ligadas ao projeto, era eu, era o Ângelo, era o Sérgio, era a Inês e estava mais uma ou duas pessoas. Depois tens noites como por exemplo aconteceu a cerca de três ou quatro semanas, curiosamente foi numa quarta-feira com um grupo de adufeiras, de Lisboa que vieram ao Porto, para um concerto na casa bô, na quarta-feira e a casa estava completamente cheia.

AP: Qual que é o nome do evento? Isso agora eu não percebi.

VHM: Adufeiras. Adufeiras são pessoas que tocam adulfe. Adulfe é um instrumento quadrado que tocas com as mãos, com a vibração ou o bater, é um instrumento típico português mais usual no interior, mas no interior norte. Mas que toda a zona interior de Portugal toca. Mas originário da zona norte de Portugal.

AP: E elas, e como esse evento foi parar no .. foi conexões com outras pessoas?

VHM: Desculpe não percebi.

AP: Como elas foram parar na casa bô?

VHM: Foram elas que viram e conheceram o projeto.

AP: Ah, pois foi uma conexão.

VHM: Fizaram a proposta, e fizeram a proposta para quarta-feira. Eu estava algo reticente porque eventos a quarta-feira, as vezes as coisas nem sempre correm bem, então tive receio que pudesse quebrar com a dinâmica com a noite de poesia. Correu bem. No time certo elas acabaram o concerto. Elas toda a dinâmica se pode manter. Mas lá está. Para artistas novos que não conhecem projeto, um cadinho passa a palavra, ah, eu estive no Porto, eu estive a tocar a toda parte, e as pessoas acabam por vir, acabam por fazer a proposta por se sentirem dentro dos propósitos, se sentem, se nós sentirmos que faz sentido haver um concerto com tal projeto, ah, nós aceitamos.

AP: E você pode me falar um pouco da parte financeira? Como é normalmente feita a proposta para o artista? Qual que é a contrapartida?

VHM: Assim, todos os artistas tem a mesma proposta. Sempre que o artista propõe a atuar na casa bô, nós damos a reposta. Entre 20 a 30% por cento, nós não trabalhamos com bilheteira, nós não trabalhamos com cachês, portanto a nossa proposta ao artista é tudo muito claro, trabalhamos com donativo consciente, as pessoas dão o que podem, temos um limite, temos o valor, que é sugerido as pessoas, normalmente é entre três euros, e ante isso a pessoa contribui com o que pode. Então pode ser menos e pode ser mais. Dou-te o exemplos as quartas-feiras, há quarta-feira eu peço dois euros, já cheguei a pedir um euro, já cheguei a pedir um euro e meio, agora estou nos dois euros, não vou subir mais do que isso. Mas tenho noite que as pessoas dão cinquenta cêntimos, tenho

noites em que há pessoas que dão assim dez euros. Isso também depende muito, lá está, depende muito da consciência da pessoa, valorizar aquilo que alguém está a fazer. E depois trabalhamos com percentagem também. O artista recebe entre 70% a 80% do valor final e os restante fim de 30% revertem para o projeto.

AP: Quanto maior o retorno, assim se o valor o valor é considerável fica talvez 30% retido, e se o valor é menor retém-se menos para dar mais para o artista.

VHM: Sim, sim. Se vimos que o valor é mesmo pequeno não fica nenhum para o projeto.

AP: Está bem.

VHM: Não faz nenhum sentido. Eu já tive noites com a poesia que tive cinco euros. Não fazia sentido dos cinco euros não fazia sentido eu estar ainda a tiver dois euros para o projeto.

AP: Está bem.

VHM: Se não todo o dinheiro que eu gastei com impressões, com o tempo, escrevendo o poema e tudo mais.

AP: E o retorno que você tem na casa bô financeiro, ele é suficiente para te motivar a voltar ou é mais tem outra questão do ideal, da identificação, para tal a...

VHM: Eu nunca trabalhei na casa bô com o objetivo financeiro, nisso eu sempre deixar claro ao Ângelo, e a Inês e ao Miguel, sempre deixei isso claro. O dinheiro vem pagar aquilo que eu gasto. O que: transporte, é tabaco e são as fotocópias e as impressões. Desde que as minhas despesas me paguem isso, para mim é tranquilo percebes. Mas também se não me pagarem, também não vou cobrar ao Ângelo, e também não vou cobrar ao projeto isso. Por que nunca foi isso que me moveu a mim, move-me a casa bô e principalmente as quartas-feiras é a partilha da arte, partilha de poesia e a partilha de energia. Todo o resto acrescentos, é um acréscimo. Portanto...

AP: Sim, é estar onde quer e com as pessoas com que quer e fazer o que gosta, isso?

VHM: Exatamente. Claro que sabe bem que chegas ao final e ter ali algum dinheiro para ti. Sabe muito bem isso, não é? Era o que estava a dizer eu já tive noites que recebi cinco euros, como já tive noites que recebi cinquenta. E digo-te que essas noites que recebi cinco euros não foram menos felizes do que as noites que recebi cinquenta. Mas também há um jogo contrário, porque que é que as pessoas só deram cinco euros. Será que fizeste alguma coisa errada? Será que não preparaste a sessão tão bem? Ou seja, acaba te por fazer um jogo de pensar, porque que a coisa não correu financeiramente tão bem.

AP: Você sente que isso é um indicador para sua performance, para pensar em termos de criatividade em melhorar?

VHM: Sim, sim, sim.

AP: Acaba por ser um motivador?

VHM: É, é sempre um motivador, mas está não é isso que me move. Acaba por ser um motivador quando percebes que a final se a coisa não for bem, mas tem que também que criar um jogo diferente para que a noite, seja também diferente.

AP: E o feedback que você tem das pessoas que frequentam a noite de poesia. Quais são os contributos que as pessoas tem? As conexões que você consegue enxergar. Existe essa, eu estou muito interessado em verificar como é feito uma gestão da criatividade, como acontece os elos, como esses elos acabam por produzir nossa coisas, ou seja novidade, e uma inovação.

VHM: O maior feedback que eu posso ter é ver uma pessoa participar. Eu digo muitas vezes a pessoas novas que participar bem ou participar mal. Portanto, acaba por participar. Mas claro que digo isso a brincar, não é. Mas é verdade que tu quando percebes que a pessoa vem uma vez, está ali apenas a ouvir. Vem uma segunda vez e já participa é o melhor feedback que tu podes ter. Ou seja, lançaste o bichinho, lançaste a semente, e a pessoa agarrou a semente, semeou e começou a participar. E volta na semana a seguir, e volta a participar. E fazes isto com uma pessoa, e fazes isto com duas pessoas, elas espalham a mensagem e essas duas pessoas que participaram trazem mais duas pessoas. Essas duas pessoas acabam também por participar e isso é o melhor

feedback. E depois há coisas fantásticas que tu ouves lá a noite de poesia assim no Porto, não é. Há outras noites de poesia no Porto, tem já o Pinguim café que é a noite mais antiga de poesia, no Porto, que já acontece a quase trinta anos. E há gente a dizer que as noites de quarta-feira supera as noites do Pinguim.

AP: Supera em que sentido?

VHM: Em todos os sentidos.

AP: Integração?

VHM: No ambiente, na partilha, na própria liberdade de partilha, no próprio espaço.

AP: Você percebe que as pessoas querem produzir as suas próprias ideias, criar poesias e usam o espaço para exprimir?

VHM: Era aí que eu ia chegar. Ainda melhor se torna quando percebes que as pessoas partilham a sua própria poesia, ou as suas próprias palavras, percebes? Ter por exemplo Suzana Agante partilhar coisas dela para mim foi fantástico, nunca tinha lido nada dela, e eu conheço a Suzana há muitos anos e ver a Suzana partilhar uma coisa dela para mim foi fantástico. Como ter outras pessoas que chegam ali que eu não conheço ou que já conheço de outras andanças e ver que ali, que pela primeira vez elas partilham algo coisas delas. E isso é muito bom.

AP: Acaba por ser um incentivador do componente da criatividade.

VHM: Exatamente.

AP: A casa bô nesse sentido.

VHM: Depois também porque eu faço um jogo diferente. Eu incentivo as pessoas a escreverem. Eu muitas vezes nos eventos no Facebook sugiro as pessoas escrevem um texto em conjunto. Um cadinho ao gênero Cadáver esquisito³.

AP: Em conjunto?

VHM: Que todas as pessoas em que os comentários sejam a continuação do poema.

³ Jogo surrealista francês. “Cadáver esquisito”, *Wikipédia, a enciclopédia livre*, https://pt.wikipedia.org/wiki/Cad%C3%A1ver_esquisito. Acedido em 11 setembro 2016.

AP: Ou seja é como se fosse...

VHM: O cadáver esquisito.

AP: Como é que chama?

VHM: Cadáver esquisito.

AP: No Brasil dizemos telefone sem fio. Um gajo fala algo e continua..

VHM: Exatamente.

AP: É quase exercício teatral.

VHM: Depois também no próprio espaço também faço isso.

AP: E vocês declinam isso em conjunto?

VHM: E depois declamamos isso ou em conjunto ou só eu ou declama alguém. Declinar não dá muito jeito. Mas não é só a questão de dizer é incentivar as pessoas a escrever. E isso acaba por ser fantástico quando percebes que as pessoas entram no jogo, entram na estrada e caminham ali naquele momento.

AP: Espetacular.

VHM: E isso ou então ver as pessoas que vem à sexta-feira, a pensava que hoje era a noite de poesia..;

AP: Ou seja...

VHM: Já tive casos assim pessoas que vem à sexta-feira a pensar a noite de poesia. É absurdo, mas percebes que as pessoas sabem que ali existe alguma coisa.

AP: E a questão do jantar. Como você enxerga o jantar, o contributo do jantar para a casa bô é uma..., é uma aproximação do artista e dos frequentadores, acaba por criar uma simbiose, você acredita nisso? E para além da missão da casa bô que é a partilha, é a aproximação mais humanística das pessoas, o jantar ele tem um papel de criar laços também...

VHM: Eu até conhecer a casa bô não tinha tido um contacto muito próximo, a não ser com amigos artistas de jantar com eles. Já tinha tido a sorte de conhecer alguns artistas de panorama nacional artístico, desde atores, desde músicos, já tive a sorte de conhecer alguns. Mas nunca tive a sorte de poder jantar com eles, a não ser que fossem meus amigos. E a casa bô fez me acreditar nisso, que é possível nós podemos estar com o artista, estarmos a jantar todos juntos como se fossemos uma família. Por exemplo as noites de quarta-feira, as noites de quarta-feira, ou melhor as noites de poesia na quarta-feira era para ser no jantar, enquanto estávamos a jantar. Isso não foi avante porque eu percebi que não era muito conseguível. Ou seja não seria possível fazer isso. Fiz uma vez e a coisa não ocorreu assim muito bem. Mas é engraçado que tu percebes que podes estar a jantar com o artista que vai dar um concerto e ele está ali completamente descomprimido, descontraído. Está ali como pessoa e não como artista e depois as pessoas que se juntam estão todos no mesmo objetivo, no mesmo âmbito, estão ali todos...

AP: E se calhar você o artista fora da...

VHM: da pessoa

AP: Descido do palco ali e parece que pode dar a impressão que acaba por incentivar o frequentador conhecendo a pessoa mais de perto, talvez plantar aquela sementinha de um dia dele estar no lugar do artista. Você acredita, você percebe de pessoas estarem lá de querer explorar a veia artística e também espreitar para que lado podem ir, e a casa bô acaba por ajudar nesse processo?

VHM: Eu sei de casos que houve pessoas que se largaram um cadinho as redes que tinham a volta delas do medo de ir para o palco, que após o contacto com a casa bô se abriram, se deixaram a fluir. Que começaram a integrar projetos, que começaram a mostrar-se, pois há muito essa questão do medo de se mostrar não só as quartas-feiras, mas outros eventos.

AP: E o que você chama de redes nesse sentido?

VHM: Redes é como se houvessem uma camada de proteção.

AP: Como se houvessem barreiras invisíveis?

VHM: Sim, sim, sim.

AP: E a casa bô acaba por ser um laboratório para esses pequenos passos.

VHM: E alguns casos disso, pessoas que acabam por deixar cair a muralha porque acabam por deixar cair essa barreira invisível, seja nas quartas seja nos outros eventos e se começam a mostrar. Houve uma sessão à quarta-feira foi uma sessão mais teatralizada em que éramos seis pessoas a representar, estava lá uma rapariga que eu não conhecia a rapariga, fiquei encantado com a delicadeza, com a voz, com o charme da expressão que a mim me encantou pessoalmente. E depois se manda mais tarde a vê-la dizer poesia, vê-la gesticular ou conversar para mim foi fenomenal, foi... quem que é esta pessoa? Essa pessoa não era assim que eu conheci há algum tempo atrás.

AP: Percebi uma evolução pessoal foi também não profissional, mas artística.

VHM: Sim e não só depois quando vê as pessoas que acabam por querer criar determinado projeto com outra pessoa da casa isso também é fantástico, Vejo que todas um instrumento, mas tocas sozinho por não te sentes à vontade para partilhar com outra pessoa, mas depois há um evento em que se quer a partilha e tu trazes o instrumento e toca e fica alguém encantado e propõem trabalhares com ele, e vocês acabam por fundir isso é delicioso, não é...

AP: E isso acontece naturalmente.

VHM: Eu sempre fui apologista das coisas acontecerem naturalmente funcionarem como devem funcionar. Não sendo nada forçado. E sempre gostei muito de descobrir não só a pessoa, mas o que a pessoa me pode dar como artista, e como performativo. E a casa bô tem me trazido muitas parcerias engraçadas e que eu valorizo imenso. Depois vê-los atuar nos outros dias, e noutros projetos, e noutros espaços é delicioso.

AP: Então acaba por ser um dos seus papéis você puxar de dentro da pessoa o artista que está dentro dela escondido ou deixar com que a pessoa mesmo coloque para fora o artista que está querendo ali aflorar.

VHM: As quartas-feiras sim esse é o meu papel.

AP: Espetacular.

VHM: As quartas-feiras é esse o meu papel fazer com que as pessoas ganhem asas e dancem.

AP: E a experiência da mistura das artes, a poesia com a música, e a poesia com o teatro. Isso acaba por criar também, assim, acaba por ser um motivador da criatividade também porque, você tem que interagir áreas e produto diferente do habitual.

VHM: A partir do momento que tu consegues aliar várias artes com poesia tudo isso envolve um trabalho e muito esforço. Mas o que é curioso é que algumas das parcerias às quartas-feiras surgem completamente de improviso. Já tive dança à quarta-feira que foi completamente no improviso e foi desafiar uma pessoa e a pessoa estava lá e dançou enquanto havia poesia. E isso é lindo, não é? Quando desafias a pessoa não há nada trabalhado é um cadinho deixar-se levar pelo momento, pelo momento e pelo sentimento. Neste momento os músicos que estão a quarta-feira está tudo, atuam todos de forma improvisada.

AP: E agora uma pergunta: você acredita que as pessoas vão à casa bô, elas vão lá por que, você conhece algum outro espaço no Porto que ofereça isso?

VHM: Não.

AP: Já existiu?

VHM: Ou melhor no portal espaço semelhante a casa bô que é o Espaço Compasso⁴, há quem diga que a casa bô é casa irmã do Espaço Compasso. Para mim pessoalmente eu já frequentei o Espaço Compasso, eu já dinamizei eventos no Espaço Compasso, portanto conheço muito bem o projeto Espaço Compasso, mas acho que, acho que a casa bô tem propósitos muitos semelhantes ao Espaço Compasso, mas acho que ali há uma pureza muito mais branca, muito mais libertina do que o Espaço Compasso.

⁴ O Espaço Compasso é uma associação Cultural que promove projetos ações culturais e artísticas por meio de aulas, oficinas, *workshops*. É uma associação “em fins lucrativos que tem como fim promover, dinamizar e dar a conhecer múltiplas formas de arte e cultura, com particular incidência no uso da arte como instrumento de intervenção social”. Página na rede social Facebook, “Espaço Compasso”, Facebook, https://www.facebook.com/espacocompasso/about/?entry_point=page_nav_about_item&tab=page_info, acedido em 12 setembro 2016.

AP: Tem algo mais? E o que há de diferente a questão de não haver barreiras, de ser mais inclusivo?

VHM: Acho que passa por aí, passa pela questão...

AP: Porque o Espaço Compasso ou por ter aquela questão de...

VHM: Há duas coisas que diferem muito mais. Uma delas é a questão de ser um espaço mais inclusivo e depois também acho que um cadinho os propósitos. Há um propósito que a casa bô tem que o Espaço Compasso não tem, que além de ser um espaço cultural, ser um espaço artístico, um espaço de família, a casa bô o componente social, coisa que o Espaço Compasso não tem. A casa bô trabalha também para a sociedade.

AP: Sim há uma preocupação com o contributo.

VHM: Não só com a questão do contributo, não sei se ias referir ao contributo monetário social.

AP: Social, de sustentabilidade social.

VHM: Exatamente, não é.

AP: De você oferecer cultura também.

VHM: Neste momento a casa bô colabora com o lar em frente a casa bô.

AP: Sim, o Ângelo me disse.

VHM: Há aí outros projetos em mente, projetos dedicados as crianças, as pessoas mais desfavorecidas, aliás com as pessoas mais desfavorecidas a casa bô já vai colaborando por interveniência do G.A.S. Porto⁵, onde o Ângelo, a Inês, o Miguel, o Sérgio também são colaboradores portanto há aqui uma sinergia muito forte na componente social. Coisa que o Espaço Compasso não tem. Agora que não há outro espaço com estes propósitos iguais da casa bô e do Espaço Compasso no Porto não há. Não só no Porto,

⁵ O G.A.S Porto - Grupo de Acção Social do Porto é uma “Organização Não Governamental para o Desenvolvimento (O.N.G.D.) vocacionada para a Ajuda e Desenvolvimento Humano, guiado pelo lema Estamos Juntos”. Página na rede social Facebook, “G.A.S. Porto”, Facebook, https://www.facebook.com/gasporto/about/?entry_point=page_nav_about_item&tab=overview e webpage “G.A.S. Porto” <http://www.gasporto.pt/> . acedido em 12 setembro 2016.

mas a nível nacional, que exista um espaço, agora criou-se um espaço em Braga, que é algo semelhante, sei que há outro espaço em Lisboa.

AP: Você sabe o nome em Braga?

VHM: Éscada ou melhor Éscada⁶. Ou seja aqui há uns propósitos para outros projetos similares com a casa bô e com o Espaço Compasso crescer. Mas que faz falta esse tipo de espaço.

AP: Então a casa bô acaba por fomentar essa necessidade que está implícita na classe criativa do meio cultural artístico.

VHM: Não é só na componente cultural artística, mesmo no

AP: De solidariedade?

VHM: Mesmo na questão humana, percebes?

AP: Passa muito por aí, mas do que apelarem ao funcionamento artístico passa também por trabalhar com a pessoa em si. Esse é um dos propósitos da casa bô, não é só a questão social, não é só a questão artística, não é só a questão cultural. Passa também pela questão humanitária, e seja qual for o projeto que a casa bô tenha vai estar, e vai querer estar a trabalhar muito com a componente humanitária.

Que acho que talvez seja o grande diferencial de você desvincular um pouco a questão monetária, e o Espaço Compasso apesar de ser um associação cultural, ele tem as barreiras da entrada, você tem os eventos pagos, ou seja para você participar dos *workshops* e formações você tem. Ou seja para algumas pessoas acabam por não querer investir porque não sabe a contrapartida e porque a partida eles tem mais gastos, tem gastos físicos maiores. A casa bô por essa questão de ter a função social de reabilitação do imóvel que acho algo fantástico. Você tem 2000 imóveis no Bonfim desabilitados e a casa bô está dando um uso num imóvel. É um outro contributo.

VHM: Nós aí vamos entrar em noutras questões mais urbanas, e mais problemáticas. Que é a questão dos imóveis e o usos que nós vamos dar. Para mim choca-me ver a cidade do Porto, agora nem tanto, mas a cerca de quatro, cinco anos atrás, a ver a cidade

⁶ Éscada I é uma associação cultural de Braga, que tem eventos culturais. Página na rede social Facebook, “Éscada I”, Facebook, <https://www.facebook.com/casaescada1/>, acedido em 12 setembro 2016.

do Porto, completamente degradada, e tu propores a um senhorio, um proprietário de um prédio recuperares o prédio, e usando o prédio para, e o senhorio dizer que não. Isso me chocava-me e choca-me. A casa bô tem isso de bom, com seu espaço magnífico, não sei se foi pela felicidade onde o espaço que está lá a casa bô.

AP: A ter um histórico.

VHM: Já ter um histórico de projetos, mas na verdade é que infelizmente como vivemos numa sociedade monetária económica, cada um olha para o seu bolso. E quando tu vais propor para um senhorio, proprietário de um imóvel, possibilidades de recuperar um imóvel, e o proprietário recebe uma renda simbólica. E tu estar ali a ocupar espaços com eventos, de carácter social, de carácter humano, de carácter humanitário, de carácter cultural, e os proprietário não querem saber disso. Eles querem saber de quanto vão ganhar no final do mês ou quanto vai ganhar naquele momento. Não querem saber o que tu vais fazer com o imóvel. Se tu chegar a beira deles e já assinares com duzentos mil, com quinhentos mil euros ou um milhão de euros para eles melhor. Eles não querem saber.

AP: Eles preferem ter dois pássaros voando do que ter um na mão.

VHM: Não eles preferem ter um na mão do que dois a voar. Eles querem o dinheiro na mão e do que ter os outros a voar.

AP: Está bem. Eu acho que está muito rico o contributo que você deu. Acho que a gente pode encerrar.

Entrevista transcrita 4 | Blanca Maris

Data de realização | 12 agosto 2016

Entrevistado, nacionalidade | Blanca Maris, Itália

Entrevistador | André Principe

Papel na casa bô | residente temporária da casa bô

Local | casa bô, Porto

Tempo de entrevista (total): 25 minutos

Gravação | áudio gravado por telemóvel, usando aplicativo Voice Memos, armazenado em ficheiro digital formato .m4a

André Principe: Você é da Itália... quais as diferenças que existem desse tipo de casa [casa bô] para as que existem lá [Associações e Squads]?

Blanca Maris: Porque na Itália temos muitas centros sociais que são casa ocupadas os jovens e também pessoas mais velhas fazem muita atividade política, fazem também jantares sociais a preço muito barato, fazem conversas convidando pessoas de todas as partes do mundo que falam de problemas sociais de outras realidades e.... nessas casas ocupadas também podem ficar a dormir muitas vezes nessas casas... não sei, é como um centro de atividade política mas também fazem concertos, fazem música, há muitas coisas que acontecem por lá nesses centros sociais.

André Principe: E você sabe se eles têm incentivos para isso, se o governo ajuda?

Blanca Maris: Não, não, quando pode, o governo fecha os espaços.

AP: Por quê tem política envolvida?

BM: Sim, isso. E é sempre política de esquerda. E como são na verdade ocupadas sem legitimação, ou seja, são casas abandonadas que as pessoas ocupam elas constroem e tudo, mas não são propriedade delas.

AP: São casas invadidas?

BM: De alguma forma sim. Mas são lugares que são abandonados por muito tempo e que ninguém vai reclamar, e o Estado não ajuda para fazer essas coisas, nunca ajuda a

um grupo de pessoas ter um espaço para discutir, fazer política... por isso se chama ocupa, são casas ocupadas...

AP: E você está há seis meses em Portugal?

BM: Sim, em Lisboa.

AP: E o que que você viu de diferente por aqui [associações]. Viu poucas casas?

BM: Vi muitas casas abandonadas e não vi esta realidade de casas ocupadas, um fermento político tão forte como na Itália, ou seja, em Lisboa há espaços alternativos culturais, espaços onde se fazem jantares sociais, sem fins económicos, onde há um certo tipo de pessoa que frequenta esse espaço, mas é um bocadinho diferente do que há na Itália, e o que eu senti foi muito menos atividade política.

AP: E agora você saiu de Lisboa e veio para cá direto ou veio parando em outras cidades?

BM: Não, eu desde final de junho que estou viajando assim [de mochilão] por Portugal, e fui a um festival agora em agosto, andanças, depois fui dois dias em Lisboa, um dia numa quinta perto de Sintra e de lá vim para cá. E cheguei ontem, e tinha ouvida falar desta associação, e queria visitar e conheci o Pedro ontem [um dos membros da casa bô] e me disse quando estávamos lá a jantar para vir aqui...

AP: E daqui vai para onde?

BM: Na segunda-feira devo ir já para a Espanha e depois para a Itália. Tenho que estar lá.

AP: Vai para Santiago e Compostela?

BM: Não, não, não... tenho minha irmã em Barcelona, então vou ir a Barcelona.

BM: Quantos anos que já existe essa associação?

AP: Um ano e seis meses.

BM: Falaram-me de uma espécie de casa ocupada no Alentejo, mas é tipo casa ocupada.

AP: Você tem alguma referência para ver na internet?

BM: Não lembro... já me disseram há muito tempo...

AP: Então em Portugal você não teve conhecimento de nenhum lugar assim (como a casa bô). Acha mais alternativo, diferente dos outros espaços daqui de Portugal?

BM: Sim, exato. Em Lisboa há algumas coisas parecidas...

AP: Mas a partida elas cobram ingressos para os eventos? Não são tão abertos assim?

BM: Não, sim, também há, é aberto.

AP: Isso é bom, porque lá tem muito mais oportunidade de cultura pelo número de pessoas que há então é normal que haja mais esse tipo de relação.

BM: Nunca fostes para Lisboa?

AP: Sim, muitas vezes, minha mãe é de Sintra. Em qual quinta você esteve lá?

BM: Quinta dos sete nomes.

AP: E teve lá para visitar ou ficou lá?

BM: Não, fiquei lá dois dias porque tenho uma amiga que está por lá como voluntária a trabalhar.

AP: Já fui na Quinta da Regaleira e aqueles sítios mais turísticos, mas nos pequenos lugares eu não fui...

BM: É super bonita. E ela estava ali a trabalhar como voluntária e fui visitá-la.

AP: Você tem quantos anos?

BM: 20 anos.

AP: Blanca é seu nome, você é da Itália e de que lugar?

BM: De Milão.

AP: Está cá há seis meses e veio estudar Erasmus.

BM: E pode dizer-me se há algum evento [da casa bô] por esses dias?

AP: Daqui a pouco paramos e vemos na Internet porque não me lembro de cabeça. Não tenho certeza, mas acho que não, porque estão todos focados para o festival. Não tenho certeza se vai haver. Mas acho que eles podem indicar outros sítios por aqui que tenham eventos [outras associações]. Eles têm parcerias com outras associações. Eles não têm competição entre eles. Faz parte da cultura da casa. Unem forças.

BM: Eu gosto de forró. Eu fui ontem às Galerias de Paris e havia um grupo brasileiro super fixe.

AP: Tem uma associação que eles fazem este trabalho também [de permacultura] e eles querem fazer este tipo de trabalho em Amarante também, porque lá eles têm um espaço e vão fazer uma missão por lá numa aldeia e querem ver se conseguem uma casa por lá fora da cidade para esse fim e levar pessoas daqui para lá que querem estar mais em contato com a natureza.

O que te motivou vir aqui foi mais conhecer a casa bô ou vir procurar alguma atividade cultural.

BM: Não, queria conhecer, queria ver o espaço principalmente.

AP: Por que falaram dele para você.

BM: Sim. E também perceber mais o que estava a acontecer aqui dentro.

AP: E você também já fez teatro?

BM: Sim.

AP: E você também canta e toca guitarra clássica?

BM: Sim.

AP: E quando veio para cá, também veio pensando em procurar um espaço para ficar? Considerou isso na altura?

BM: Sim, também, mas tipo...

AP: Viria na mesma se não houvesse a possibilidade?

BM: Sim, sim. E também acho que posso perguntar em algum Hostel... disseram que está tudo cheio, mas também sou só em uma pessoa... se calhar não é tão difícil. Mas se eu puder também ficar trabalhando, seria fixe. Ontem também Pedro em disse que se calhar eu poderia ficar na casa de sua irmã Vanessa, mas ainda não falei com ele.

AP: A casa bô fica difícil e entender o objetivo logo de cara? Porque são muitos objetivos...

BM: Sim.

AP: Teve um pouco de dificuldade em perceber o que era?

BM: Não, ou seja...

AP: Sabia que era uma associação cultural, mas não sabia, não tinha ideia de tudo o que havia aqui?

BM: Não... sim claro, isso não... basicamente porque também minha amiga também não sabia muita coisa... ela veio numa noite de poesia, mas não sabia direito tudo que se passava...

Entrevista transcrita 5 | Ângelo Lopes

Data de realização | 13 agosto 2016

Entrevistado, nacionalidade | Ângelo Lopes, Portugal

Entrevistador | André Príncipe

Papel na casa bô | fundador e presidente da casa bô

Local | Alojamento da 1.^a missão casa bô, Aboadela (Amarante)

Tempo de entrevista (total): 6 minutos

Gravação | áudio gravado por telemóvel, usando aplicativo *Voice Memos*, armazenado em cinco ficheiros digitais formato .m4a

André Príncipe: Estávamos a falar sobre o *background* dos membros da casa bô, que cada um vem na casa bô para se conhecer, ou para passar por um processo de mudança? Queria que você falasse no que a casa bô acaba sendo um porto seguro.

Ângelo Lopes: Sim, como um movimento, como algo que estamos a construir, que desconstrói um pouco a forma convencional que vivemos, nós enquanto grupo, enquanto coletivo, acho que juntamos forças e acaba por ser uma base para suporte, para quem quer mudar sua forma de viver e começar a ganhar mais espaço como um encontro pessoal, com a sua essência, com suas convicções mais profundas, e pronto, é mesmo farto termos uma residência integrada no projeto, passa por reunir as condições o maior numero de pessoas que estão nessa fase de transição, muitas delas não sabem para onde querem ir, e de que forma querem ir, mas já começam a perceber o que estão a fazer não é aquilo que querem fazer, e então, juntam-se este movimento que nós damos algum suporte para se obter alguma margem de descobertas, nesse período de transição.

André Príncipe: A Valéria me falou algo interessante ontem. Perguntei porque, de onde ela desenvolveu essa vontade pela arte, e porque agora você esta se aproximando dela... Ela disse que de miúda, tinha uma professora que falava muito de filosofia, dos autores, a escola, então, ela se interessou por filosofia, e depois também teve aulas de teatro, e depois teve interesse por música, e a partir que ela começou a perder a raiz, que começou a ir para outros lugares, ela sempre procurava a classe artística, porque é uma classe que se ajuda, que entende, que você vai ter mais proximidade, com mais facilidade, que não puder ajudar, vai saber de alguém que poderá, para ela, é como se

fosse o primeiro *pit stop* por algum lugar novo, e ela tem o interesse de desenvolver a própria arte, ou seja, não se encontrou em algum ofício, não teve interesse em algum ofício, mas teve interesse a partir da criatividade, dela produzir algo que gerasse uma forma de expressão, que é arte, mas ainda não sabe o que e como e quando, porque ainda não sabe onde ela quer viver. Isso foi interessante que ela falou.

AL: E essas pessoas geralmente são pessoas transversais à maioria, é difícil sabermos ao certo o que queremos estrá a fazer, ou onde, ou com quem.

AP: Não é só a questão da pessoa não ter uma possibilidade, um caminho, as vezes tem... eu tenho uma formação, você tem outra, mas não preencheu, não é aquilo que para fazer não tinha prazer assim, não era feliz naquilo.

AL: E na realidade, a maior parte das pessoas sente isso. Que está a ter uma vida que não quer ter exatamente da forma que queria, que desejava, e agora as coisas que prendem e que limitam essa liberdade, e muito tem a ver com o fator económico também, há pressões sociais, os pais as vezes tem uma influência grande na maioria, na maior parte de nós, e levam, e conduzem para áreas profissionais que se calhar não são áreas de interesse de cada um, mas que são áreas que tem sucesso profissional, ou que trazem estabilidade económica, geralmente estabilidade económica esta sempre a frente, e segurança, nesse aspeto, essa ilusão de segurança esta sempre a frente de outras coisas, de outros valores que para nós temos que suscitar. Temos que mudar um cadinho entre nós, queremos mudar um pouco esse paradigma, e começar a dar destaque, mais importância na vontade que nasce, a vontade que cada um tem mais profunda.

AP: Outra coisa que achei interessante também. A arte acaba sendo usada por duas grandes vertentes. Uma delas você mostra a forma que enxerga a sociedade, e outra você critica o que você não concorda com a sociedade, você acaba por expressar na forma de leitura, arte performativa, então quando a pessoa esta se sentindo incomodada, no meio que ela esta vivendo, e ela quer fazer alguma coisa, a arte é o instrumento. E quando as pessoas vão na casa bô e vem exemplos, acabam se identificando e querendo fazer algo parecido? Isso eu percebi conversando com algumas pessoas que há essa motivação também. Obrigado pela conversa.

AL: Obrigado.

Entrevista transcrita 6 | Valeria Keller

Data de realização | 14 agosto 2016

Entrevistado, nacionalidade | Valeria Keller, Hungria

Entrevistador | André Principe

Papel na casa bô | residente temporária da casa bô

Local | Alojamento da 1.^a missão casa bô, Aboadela (Amarante)

Tempo de entrevista (total): 22 minutos

Gravação | áudio gravado por telemóvel, usando aplicativo *Voice Memos*, armazenado em dois ficheiros digitais formato .m4a

André Principe: So, Valeria, we were talking about life. Do you think the situation, this new way of life you have can help you being a more creative person, to develop new skills for survival, for self-development?

Valeria Keller: Yes.

André Principe: I mean, you didn't know how to make a pillow, and then you were in a place where was a workshop and you learnt a skill that was important, it was shared...

Valeria Keller: I think that helped me, and I get new skills. And also I think I am lucky, that I can be happy with what I have and I don't need more and more and more and I am happy to be with this kind of people and with what I'm doing.

AP: You told me that you were interested in Arts, and what kind of Art to you intend to develop your skills?

VK: When I was eight I started writing poems in Hungary, writing short poems and short stories. My dream was that I can write a huge novel, you know in the future. And I got interested in making films, but when I applied for the school they take me to start studying like theatre, I could be able to direct one show. I then tried the school that I applied, I was from 16-18, then I thought I was clever but people didn't get the message. I wanted to give a message to people.

AP: Message?

VK: You know message. What is a film? Is a way to give something, to teach, to say something. But if you haven't got anything. What do you do? Even if you have the skills, you don't have the message. What to do? So I started to study philosophy when I was 21.

AP: What made you study philosophy?

VK: When I was small I had a teacher who was a philosopher, I loved him and I started reading the Right King, a very famous poem by Petofi Sandor, who was a philosopher in Hungary. He wrote philosophical poems, and I wanted to write like that. So, I thought I wanted to be a philosopher. Then I grew up and I wanted to be a lot of things. I wanted my father to feel that I was good, so I decided to study law.

AP: It was a way to insert your feeling, to give an answer to the society and respond to the expectations from your family?

VK: And then, as today, I chose philosophy, because I think I am stronger at Philosophy [...]

AP: And you were supposed to choose another career?

VK: Yes, my father wanted me to choose something else, it was his dream that I became a lawyer or a successful business woman! I reverted with my father, something like that. [I disagreed with my father.]

AP: Do you think casa bô could help increasing your creative skills or your artistic vain with what they do? You are supposed to meet artists; you can share moments with them. Do you think these connections are available for the intentions they have?

VK: I do not see casa bô is the place I am going to establish my career, even though is kind of happening. I am more interested that I am finding people, and I find friends, with whom I like to be and come back. A way of life more than a career, because I do not think about career, I would like to have enough [money and conditions] to survive and to be with people that I love and that love me. And I wouldn't really like more.

AP: You first came to casa bô because someone told you about the activities they have there, or because it was a place with potential?

VK: I wanted to stay 10 days in Porto. And I heard a lot about free communities in Portugal, and I thought I could find a place to explore Portugal.

AP: And to find yourself?

VK: yes, because I am an artist, and the first thing which I do is to connect with artist, because we have similarities in the way we think. Even though not everything is similar, we have similarities. So I started to connect with these people that would know about these places, and I started to connect with street artists, because street artists help other artists. If you meet with another artists and there is sympathy [empathy] and you can trust

AP: Do they give you indication [where to stay] ?

VK: They give me places for this, and we can have fun together, in this way I have many friends.

AP: They are more opened to people from the same class

VK: yes, I have got this experience in Bristol for example, and another place I had ... so yes, and they like you and love your kind of character ...

AP: You get to talk to the artists, street artists to get the connections?

VK: Yes, I don't think it is just good the artist who are in the famous art galleries and ... yes I think everybody is ... yes I like street art, I love street art.

AP: Did you have any picture of casa bô before you went there?

VK: No!

AP: What's the picture you got it?

VK: I didn't have any expectations when I went to casa bô ... I was really happy there was no politics in here, because I don't really believe in for politics. When is coming for the politics .. OK, I have something you know, it would be good if Europe union being

divided [about the United Kingdom Brexit] people share what's on your plate, your bag, I am not for fascist ...

AP: You don't like politics because you cannot trust?

VK: I don't like politics not because I think the system is the problem. I think that people are the problem. There are many great system like Capitalist, Socialist.

AP: You think there are problems with values?

VK: Yes, I think is moral problems. Yes? First of all, I believe that everybody would like to feel secure. 90% of the people are not intelligent enough nor educated enough emotionally to accept that are many truths, there are many ways of living, which can be good, and when they see that something different from their life and it works they start to feel insecure and at than that their way of living has problems, so perhaps it is not truth what they think of their lives and they see the other think works you know, the other garden is more green, so they can feel your life is very better and they jealous and insecure and they go OOOOOOH not only one God exist and they OOOOOOH is only the Allah way, or you see the religious, not just the religious, I think is nearly everybody. People are not studying to accept another way of living and that you can have a life. What you need to know is that your way of living makes you happy. Because, like food, you know? Some people are allergic to milk, some people are allergic to bread, some other people are allergic to kinds of fruits, we can't all do the same, so we cannot live the same, we need to know what is good for us. And we cannot choose 5 thousand ways [simultaneously], we need to choose one way which make us happy and if we live in a way without destroying the planet and hurting and killing others, that way they live we need to respect, because that way makes them happy and is good and is sustainable. So I think is that we haven't got enough intelligence rather than it is the system that is bad. I think the people are greedy. They want more and more and more and this is the problem. You can't create the perfect system if in the people's soul something doesn't work out. So to any system that is developed, for it to work it needs to develop people's soul. They need to study to understand envy, because everybody has envy, is not that 'They are envy and I am perfect.' I also have a soul inside.

AP: How many countries have you visited? 10? Did you find a country where people are less envy or has a better way of living?

VK: Yes of course, I think that for example in Spain, I found a community that people are much more helpful with each other, and even in Italy where they are too much in politics, they are not just looking that a person is good or bad for them is very important to treat the same, the people are helpful to each other.

AP: Did you find places like casa bô elsewhere?

VK: mmm Yes, in Brussels I found a beautiful place where artists live together in a big house.

AP: Did you out find any differences between these places?

VK: Yes, People needed to ... well they were different. In here people work [always] together. There, sometimes they did activities together, to sustain the house where they lived.

AP: Did they provide space for individual creativity?

VK: Yes. If for example comes a dancer and on a table to you know ... pay house, they have opportunity to give a free room, they give other artists to share this room. Other person studied music using bells in a church where he can compose music using bells. He [a guy] came from Russia, and he was very poor, so they gave him a place, so ...

AP: Why did you stay there longer to develop one art or something?

VK: mmmm I don't ask it to stay in there, I wanted to go to university and found hard to study. When I went to study I found not compatibility to study, so therefore I went to England to study for University. I want to do Art Therapy. And for that you needed a qualification ...

I wanted to make stories, open stories so people could finish it. And by finish their stories, they realize what they think.

AP: What is the name of this art?

VK: Art Therapy! Is a way to helping people to be self-conscious... about their way of thinking, even if they brief or something, they see in their real life they are able to realize .. it is not just an idea; they do opposite things in their life.

AP: So that is the first step and people have to finish the story

VK: Yes, I start the story in a way or they see a picture and they need to create a story by the picture and every individual will write differently and even I have a different kind of system in my head, which I wanted to do and I ... this is what people tried to steal, but they can't because you have to have much more understanding and knowledge on how this works, and they had without me. And to help people. And I had this trouble ... But I wanted to continue, and in England I found out that if I make art for three years then after I can do with Art Therapy and then I can have a license. Without a license, I cannot do it. It is like operating a stomach. If you don't have the pares the university doctor qualification you can't do it.

AP: It's is like finding a regular job with what you like ...

VK: But I don't think if I study what I love in a place that I don't like, still it doesn't matter ... I get it: I know what I want to study, but I am not happy in that place, I leave ... as I am not enjoying my study too.

AP: What kind of art did you see in casa bô? Music?

VK: Music, textile arts, they make pillows, I was in the reading night, saw literature, painting in the walls.

AP: Did you see all that?

VK: Yes there is a lot of paintings ... I just thought it is amazing. Everyday there is something happening in casa bô, and I am into meditation and there was meditation. And the meditation was also very good. I loved the person who do it, it was very nice.

AP: How do you think casa bô can help artists in being more creative, or to make people start thinking about doing art, being creative. Do you think casa bô can develop this?

VK: Yes and I also think casa bô attract people who are creative, yes? I don't know if they make people creative, but that casa bô attract people who are creative and engage them every time and that creativity can be expanded and because there are creative people who can teach each other a lot of things ...

AP: You can have new connections? ... and new projects, like music and literature together, as we saw it?

VK: Yes. So, this is what I have had, a lot of creative people find a creative place and sharing their skills. It is not like 'I have a secret and I don't say it to you' or 'I don't want to do it with you', that they are happy to share that knowledge. And because the people are creative and open minded, they are happy to study. And they take their friends, who perhaps are not as creative but ...

AP: It becomes a network? I like that line of your thought, the more I listen the more I want to listen.

[break]

AP: When you came you to casa bô they offered a place to stay, right? What could they provide to you? A place?

VK: They provided me a place, and in that place they teach me different activities like the reading [poetry night], like I had beautiful experience, I love the concert, it was so beautiful to hear music from South America, from Brasil, and to meet with contemporary artists. It was very good to meditate. And I am very happy to be here and to participate in the project that got a lot of people.

AP: What did you do anything in exchange? Did they ask you to do anything or suggest anything you could do?

VK: When you are part of a group it is not for you, it is for several ... it's for us. So you know you need to participate. So you know, make our life easier...

AP: What could you do?

VK: And they asked me that I treat casa bô like my house and try to make it more comfortable to feel like a home. So I try to clean up after the party ... watering the

flowers, so they don't die, because everybody is doing some other stuff, so small things. Take out the rubbish, move rightly the glasses, put them in the right places, recycling [the trash]...

AP: Like, clean the kitchen? Preparing food, receiving people that would like to come?

[...]

VK: Yes ... And I also like to make a short video which I hope it will be helpful for casa bô.

AP: And now .. as activities you are also participating in the missions?

VK: Yes, doing help for others who need to take it [volunteering activities]

AP: You are not only doing the ... the material work [the short video for casa bô] .. you are sharing one activity with them [the volunteering work in the community].

VK: I am not one [person] who just are taking, yes.

AP: Ok Good Thank you.

Transcrição em Português [tradução livre do autor]

André Príncipe: Então, Valeria, nós estávamos falando sobre a vida. Você acha que a situação, esta nova forma de vida que você tem pode ajudá-lo a ser uma pessoa mais criativa, para desenvolver novas habilidades para a sobrevivência, para o autodesenvolvimento?

Valeria Keller: Sim.

André Príncipe: Eu quero dizer, você não sabia como fazer um travesseiro, e então você estava em um lugar onde havia uma oficina e você aprendeu uma habilidade que foi importante, que foi compartilhada. ...

Valeria Keller: Eu acho que isso me ajudou, e eu venho aprendendo novas habilidades. E também eu acho que eu tenho sorte, que eu posso ser feliz com o que eu tenho e eu

não preciso de mais e mais e mais e estou feliz por estar com este tipo de pessoas e com o que estou fazendo.

AP: Você me disse que você estava interessada em Artes, e que tipo de arte que você pretende desenvolver mais suas habilidades?

VK: Quando eu tinha oito anos comecei a escrever poemas na Hungria, escrevendo poemas curtos e contos. Meu sonho era que eu possa escrever um grande romance, você sabe, no futuro. E eu me interessei em fazer filmes, mas quando eu me inscrevi para a escola, eu fui levada para começar a estudar como Teatro, e assim eu poderia ser capaz de dirigir um espetáculo. Então eu tentei a escola que me candidatei, eu tinha 16-18 anos, então eu pensei que eu era inteligente, mas as pessoas não entenderam a mensagem. Eu queria dar uma mensagem para as pessoas.

AP: Mensagem?

VK: Você sabe, mensagem. O que é um filme? É uma maneira de dar alguma coisa, para ensinar, para dizer alguma coisa. Mas se você não tem nada. O que você faz? Mesmo se você tem as suas habilidades pessoais, você não tem a mensagem. O que fazer nesse caso? Então eu comecei a estudar filosofia, quando eu tinha 21 anos.

AP: O que fez você estudar filosofia?

VK: Quando eu era pequena eu tinha um professor que era um filósofo, eu o amava e eu comecei a ler o The Right Kink, um poema muito famoso por Petofi Sandor, que era um filósofo na Hungria. Ele escreveu poemas filosóficos, e eu queria escrever assim. Então, eu pensei que eu queria ser um filósofo. Então eu cresci e eu queria ser um monte de coisas. Eu queria que meu pai sentisse que eu era boa, então eu decidi estudar Direito.

AP: Foi uma maneira de inserir com o seu sentimento, para dar uma resposta à sociedade e responder às expectativas de sua família?

VK: [Sim] e então, atualmente, eu escolhi filosofia, porque eu acho que sou mais forte em Filosofia ...

AP: E você deveria ter escolhido outra carreira?

VK: Sim, meu pai queria que eu escolher outra coisa, foi o seu sonho que eu me tornasse uma advogada ou uma mulher de negócios bem sucedida! Eu discordei com meu pai.

AP: Você acha casa bô poderia ajudar a aumentar suas habilidades criativas ou a sua veia artística com o que eles fazem? Lá é comum conhecer os artistas; você pode compartilhar momentos com eles. Você acha que essas conexões estão disponíveis para as intenções que eles têm?

VK: não vejo casa bô como o lugar que eu vou estabelecer minha carreira, mesmo que isso ocorra de alguma forma. Estou mais interessada em conhecer novas pessoas, e eu encontro novos amigos, com quem eu gostaria de estar e voltar [a ver]. [Quero] um modo de vida mais do que uma carreira, porque eu não penso em ter uma carreira, eu gostaria de ter o suficiente [dinheiro e condições] para sobreviver e estar com pessoas que eu amo e que me amam. E eu não gostaria de ter muito mais que isso.

AP: Você veio pela primeira vez à casa bô porque alguém lhe disse sobre as atividades que eles têm lá, ou porque era um lugar com [algum outro] potencial?

VK: Eu queria ficar 10 dias no Porto. E ouvi muito sobre comunidades livres em Portugal, e eu pensei que eu poderia encontrar um lugar para explorar [mais] Portugal.

AP: E para encontrar a si mesma?

VK: sim, porque eu sou uma artista, e a primeira coisa que eu faço [quando chego em um lugar] é me conectar com artistas, porque temos semelhanças na forma como pensamos. Mesmo que nem tudo seja semelhante, temos semelhanças. Então eu comecei a me conectar com essas pessoas [agentes culturais] que conhecem sobre esses lugares [comunidades livres, etc.], e eu comecei a me conectar com artistas de rua, porque os artistas de rua ajudam outros artistas. Se você se encontrar com outros artistas e tiver simpatia [empatia] você poderá confiar.

AP: Eles [artistas de rua] lhe deram indicação [onde ficar]?

VK: Eles me dão [indicam] lugares para isso, e podemos nos divertir juntos, e desta forma eu tenho muitos amigos.

AP: Eles são mais abertos para as pessoas da mesma classe [criativa artística]?

VK: sim, eu tenho esta experiência em Bristol por exemplo, e um outro lugar que estive ... então sim, e eles gostam e amam o seu tipo de esteriótipo ...

AP: Você [simplesmente] começa a falar com os artistas, artistas de rua, para obter as conexões?

VK: Sim, e eu não acho que isso é apenas bom [estar em contato apenas com] os artistas que estão nas famosas galerias de arte e ... sim, eu acho que todo mundo é [artista, incluindo a arte de rua] ... sim, eu gosto da arte da rua, eu amo a arte de rua.

AP: Você tinha alguma ideia de casa bô era antes de você ter ido lá?

VK: Não!

AP: Qual é a imagem que você percebeu de lá?

VK: Eu não tinha nenhuma expectativa quando fui para a casa bô ... Fiquei muito feliz de não haver nenhuma [manifestação] política aqui, porque eu realmente não acredito em política... [Não acredito na causa, no lugar] quando [há um movimento] direcionado para a política .. OK, eu tenho algo que, você sabe, seria bom se a União Europeia não fosse dividida [sobre o Brexit, uma vez que valeria é uma imigrante residente no Reino Unido] e quando as pessoas compartilham o que está no seu prato, no seu saco, eu não sou apoiante do [regime] fascista ...

AP: Você não gosta de política, porque você não se pode confiar na política?

VK: Eu não gosto de política não porque eu acho que o sistema é o problema. Eu acho que as pessoas são o problema. Há muitos grandes sistemas como o capitalista, o socialista.

AP: Você acha que há problemas com os valores?

VK: Sim, eu acho que são problemas morais. Sim? Antes de tudo, eu acredito que todo mundo gostaria de se sentir seguro. 90% das pessoas não são inteligentes o suficiente e nem educados o suficiente emocionalmente a aceitar que há muitas verdades, que há muitas formas de se viver, que pode ser bom, e quando elas veem que há algo diferente

em suas vidas e isso funciona de uma forma que elas começam a se sentir inseguras e, a sua forma de viver tem problemas, por isso talvez não seja verdade o que elas pensam de suas vidas e começam a ver o mundo dos outros ao seu entorno que elas acham que funciona melhor, você sabe, o jardim do outro é [sempre] mais verde, então elas precisam sentir que a vida delas precisa ser muito melhor e se tornam pessoas ciumentas [competitivas] e inseguras e elas vão Ooooooh não existe um só Deus somente, e as pessoas Ooooooh existe apenas um Allah, ou você ver a religião [como um todo], não apenas o religioso, eu acho que é quase todo mundo [que pensa nessa direção]. As pessoas não estão estudando a aceitar outra maneira de viver e que você pode ter uma vida. O que você precisa saber é que o seu modo de vida é o que te faz feliz. Porque, como comida, sabe? Algumas pessoas são alérgicas ao leite, algumas pessoas são alérgicas ao pão, algumas outras pessoas são alérgicas aos tipos de frutas, Não podemos todos nós fazer as mesmas coisas [cada um tem uma necessidade diferente], por isso não podemos viver todos da mesma forma, precisamos saber o que é bom para nós. E não podemos escolher 5 mil maneiras diferentes [simultaneamente], precisamos escolher um caminho que nos faz felizes, e se vivermos de uma maneira sem destruir o planeta e ferir e matar os outros, precisamos respeitar as diferentes maneiras que as pessoas vivem, porque se dessa fizerem as pessoas felizes será bom e sustentável. Então eu acho é que nós não temos inteligência [discernimento] suficiente, em vez de dizer que é o sistema que é ruim. Penso que as pessoas são gananciosas. Eles querem mais e mais e mais e este é o problema. Você não pode criar o sistema perfeito se na alma das pessoas alguma coisa não está certa. Então, para qualquer sistema ser desenvolvido, para que ele funcione ele precisa desenvolver a alma das pessoas. Eles precisam estudar para entender a inveja, porque todo mundo tem inveja, não é o caso de que “eles têm inveja e eu sou perfeito”. Eu também tenho uma alma dentro de mim.

AP: Quantos países você visitou? 10? Você achou um país onde as pessoas são menos invejosas ou têm uma melhor maneira de viver?

VK: Sim, claro, eu acho que, por exemplo, em Espanha, descobri uma comunidade que as pessoas são muito mais prestativas umas com as outras, e até mesmo na Itália, onde eles são ligados em política, eles não estão apenas à procura de que uma pessoa boa ou

má, para eles é muito importante tratar as pessoas da mesma forma, as pessoas serem prestativas umas para as outras.

AP: Você encontrou lugares como casa bô em outro lugar?

VK: [mmm] Sim, em Bruxelas eu achei um lindo lugar onde os artistas vivem juntos em uma casa grande.

AP: Você encontrou qualquer diferença entre esses lugares?

VK: Sim, as pessoas precisavam ... bem, eles eram diferentes. Aqui as pessoas trabalham [sempre] juntos. Há, por vezes, que eles fizeram algumas atividades em conjunto, para sustentar a casa onde eles viviam.

AP: Será que elas ofereciam espaço para a criatividade individual das pessoas?

VK: Sim. Se, por exemplo vem um dançarino [artista] e está em uma mesa para, você sabe, ... pagar uma casa [arrendar], eles [comunidade belga] têm oportunidade de dar um espaço livre, eles dão outros artistas para compartilhar esta sala. Teve outra pessoa que estudou música usando sinos de uma igreja onde ele pode compor música usando sinos. Ele veio da Rússia, e ele era muito pobre, por isso, deram-lhe um lugar, então ...

AP: Por quê você não ficou lá mais tempo para desenvolver uma arte ou algo assim?

VK: mmmm Eu não pedi para ficar lá, eu queria ir para a universidade e estava difícil de estudar. Quando eu fui para estudar não achei compatibilidade para estudar, assim, portanto, fui para a Inglaterra para estudar na Universidade. Quero fazer Arte Terapia. E para isto é preciso de uma qualificação ...

Eu queria fazer histórias, histórias abertas para que as pessoas pudessem construir o final. E ao terminar suas histórias, as pessoas perceberiam o que eles pensam [sobre o assunto].

AP: Qual é o nome desta arte?

VK: Arte Terapia! É uma maneira de ajudar as pessoas a ser auto-conscientes ... sobre a sua maneira de pensar, mesmo que de uma maneira breve ou algo assim, eles veem em

sua vida real que eles são capazes de perceber .. não é apenas uma ideia; eles acabam por fazer [pensar] as coisas opostas do que fazem em suas vidas.

AP: Então esse é o primeiro passo e as pessoas têm de terminar a história

VK: Sim, eu começo a história de uma forma ou elas veem uma imagem que elas precisam para criar uma história pela imagem e cada indivíduo irá escrever de forma diferente, até eu tenho um tipo diferente de sistema na minha cabeça, que eu queria fazer e eu ... isso é o que as pessoas tentam se furta, mas eles não podem porque você tem que ter muito mais compreensão e conhecimento sobre como isso funciona, e eles tinham sem mim. E isto é para ajudar as pessoas. E eu tive este problema [um problema pessoal]... Mas eu queria continuar, e na Inglaterra, eu descobri que se eu estudasse Artes por três anos, em seguida, eu posso fazer Arteterapia e então eu posso ter uma licença. Sem uma licença, não posso fazê-lo. É como operar um estômago. Se você não tem o diploma médico universitário, não é possível fazê-lo.

AP: É como encontrar um trabalho regular com o que você gosta ...

VK: Mas eu não acho que se eu estudar o que eu amo em um lugar que eu não gosto, ainda não importa ... eu entendi o seguinte: Eu sei o que eu quero estudar, mas eu não estou feliz neste lugar, então declino ... como eu não estou gostando de meu estudo também.

AP: Que tipo de arte que você viu na casa bô? Música?

VK: Música, artes têxteis, eles fazem travesseiros, eu participei de uma noite leitura [noite de poesia], vi literatura, as pinturas [artes penduradas] nas paredes.

AP: Você viu tudo isso?

VK: Sim, há um monte de pinturas ... Eu apenas pensei que é incrível. Todos os dias há algo acontecendo na casa bô, e eu estava em [uma sessão de] meditação e havia meditação. E a meditação foi muito boa. Eu amei a pessoa que fez a sessão, foi muito bom.

AP: Como você acha que a casa bô pode ajudar os artistas a serem mais criativos, ou para fazer as pessoas começam a pensar em fazer arte, serem criativas? Você acha que a casa bô pode desenvolver isso?

VK: Sim, e eu também acho que a casa bô pode atrair as pessoas que [já] são criativas, sim? Eu não sei se a casa bô faz as pessoas serem criativas, mas sim que a casa bô atrai as pessoas que são criativas e os empreende cada vez mais, e que a criatividade pode ser expandida e porque existem pessoas criativas que podem ensinar umas as outras um monte de coisas ...

AP: Você pode ter novas conexões? ... E novos projetos, como a música e a literatura juntas, como se viu [no evento das noites de poesia]?

VK: Sim. Então, é isso que eu tive na casa bô, um monte de pessoas criativas encontrando um lugar criativo e compartilhando suas habilidades. Não é como ‘eu tenho um segredo e eu não digo a você “ou” Eu não quero fazer isso com você’. Eles são felizes em compartilhar estes conhecimentos [criativos]. Isso porque as pessoas são criativas e de mente aberta, elas estão felizes em aprender. E elas levam consigo seus amigos, que talvez nem sejam tão criativos, mas ...

AP: Torna-se uma rede? Eu gosto dessa linha do seu pensamento, quanto mais eu ouço, mais eu quero ouvir.

[pausa]

VK: Eles me providenciaram um lugar, e neste local me ensinaram diferentes atividades como a leitura [noite de poesia], que eu tive uma bonita experiência [Valeria teve a oportunidade de declamar uma poesia em húngaro para todos no evento], eu adorei o concerto, era tão bonita ouvir música da América do Sul, do Brasil, e para conhecer artistas contemporâneos [referindo-se ao Sr. Joel Nachio, e aos músicos brasileiros Felipe Antunes e Hélio Flanders que se apresentaram em 12 de agosto]. Foi muito bom para meditar. E eu estou muito feliz por estar aqui e participar no projeto que tem um monte de gente [referindo-se à 1.º Missão casa bô em Aboadela].

AP: Você fez alguma coisa em troca? A casa bô pediu para fazer alguma coisa ou sugeriu qualquer coisa que você poderia fazer [em recompensa]?

VK: Quando você faz parte de um grupo que não é só para você, é para várias pessoas ... é para nós. Então você sabe que você precisa participar. Então você sabendo disso, torna a nossa vida mais fácil ...

AP: O que você pode fazer?

VK: Eles me pediram que eu tratar a casa bô como a minha casa e tentar torná-la o mais confortável para me sentir como em uma casa. Então eu tentei limpar depois dos eventos ... regar as flores, para que eles não morram, porque todo mundo está fazendo alguma outra coisa, então, pequenas coisas. Levar o lixo para fora, separar os vidros, colocá-los nos lugares certos, reciclagem [do lixo] ...

AP: Como, limpar a cozinha? Preparar os alimentos, recebendo as pessoas que gostariam de vir?

VK: Sim ... E eu também gostaria de fazer um pequeno vídeo [institucional] que eu espero que seja útil para casa bô.

AP: E agora .. como atividades que você está também a realizar nas missões?

VK: Sim, dando uma ajuda para outros que precisam recebê-la [atividades de voluntariado]

AP: Você não está apenas fazendo o... vídeo institucional da casa bô .. você está compartilhando um atividade conjunta com eles [o trabalho voluntário na comunidade].

VK: Eu não sou uma [pessoa] que apenas está colhendo, sim.

AP: Ok, obrigado.

Entrevista transcrita 7 | Joana Sousa

Data de realização | 15 agosto 2016

Entrevistado, nacionalidade | Joana Sousa, Portugal

Entrevistador | André Príncipe

Papel na casa bô | membro da família bô

Local | Alojamento da 1.^a missão casa bô, Aboadela (Amarante)

Tempo de entrevista (total): 10 minutos

Gravação | áudio gravado por telemóvel, usando aplicativo *Voice Memos*, armazenado em dois ficheiros digitais formato .m4a

Joana Sousa: Se calhar isto talvez nem seja tão irrelevante para gravar, mas... perceber que existe liberdade, muita liberdade, querem ser e estar numa forma que querem estar, mas ao mesmo tempo, há um cuidado muito grande em isolar energia do grupo, para que ela seja sempre saudável e cresça de forma sustentável, ou seja, é muito fácil e eu já senti isso em várias situações na casa bô, é muito fácil, um espírito de grupo, um grupo de repente ser minado, porque um grupo de pessoas que convive tanto e que vive experiências tão fortes, muito facilmente surge uma chatice, uma questão que não está tão bem, alguém que está chateado por que não sei o que...

André Príncipe: As próprias relações humanas acabam por se deteriorar? Não pelas qualidades, mas pelos defeitos que cada um tem intrinsecamente?

Joana Sousa: Exatamente, mas não é necessário ir pelo caminho da total deterioração, o que eu senti foi que já houve um momento de tensão que por exemplo, em certas reuniões, eu já vi reuniões para realmente correr tudo mal, para saíam de lá mesmo chateadas, e fartas, e de repente a casa bô acabou... e não, há, o que eu sinto é que tem que haver uma maturidade muito grande das que estão presentes, mesmo que comece apenas com uma pessoa, e depois duas, três, que atinjam essa maturidade, para de alguma forma preservar a harmonia, e saber lidar com a tensão, que é muito própria da condição humana.

André Príncipe: Isso é da cultura da casa, que acaba por ser diferente dos outros sítios?

JS: Sim.

AP: Essa forma de não invadir o espaço alheio?

JS: Sim.

AP: Manter os laços fortes.

JS: Sim.

AP: Aqui uma coisa é importante, tenar não ter restrições, não fazer pré-julgamentos...

JS: Exatamente.

AP: Acho que isso que acaba tirando o peso do que se vive na sociedade do lado de fora da porta? E que vocês do lado de dentro acabam...

JS: Sim, tudo isso para mim pode ser resumido em poucas palavras, e uma delas é maturidade, não tem que ser maturidade em termos... de vida, de idade, é uma maturidade de forma emocional, de forma humana, porque é nesses momentos em que apetece dizer mal, que é próprio da nossa condição, nós temos a maturidade de perceber que isso é algo que pode entrar e ser corrosivo, pode minar a energia de um grupo, e portanto transcende isso como paciência, sabedoria, com algum esforço, mas realmente transcender, e essa maturidade só se alcança com pessoas que já fizeram um caminho interno, por que acho que é possivelmente não sei, estou a especular, possivelmente acontece com muitas associações e organizações, é que há pouco caminho interno, pouco sustento interno, mas existe muita boa vontade, e então há esta ideia de vamos criar isso e vamos criar aquilo e vamos fazer um mundo melhor, e depois não há um mundo melhor para sustentar as coisas quando a coisa começa a tremer, e por isso é que eu acho de extrema importância o caminho interno das pessoas, e esta liberdade tem sempre que ser conseguida a cada um. Tipo, vai ser tu próprio, porque é mesmo dizer, vais e faz seu caminho, constrói-te, não é? Mas tem que haver na minha opinião, é bom que haja, e condição fundamental, uma coisa que a casa bô tem, é essa liberdade, não há regras imposições, não há essas coisas, mas ao mesmo tempo, há uma certa responsabilidade, tu tens tua liberdade, só fala para não chatear o outro, para não invadir o espaço, que é comum, o que eu posso fazer de melhor para eu ser melhor,

para contribuir para um bem comum, e isso é maravilhoso, e não nos deixarmos cair na procrastinação, ou na total rebeldia, e manter as coisas sempre equilibradas. E pronto, é isso.

AP: Até iria perguntar uma coisa que estava com ela na cabeça e acabou fugindo.... Se eu lembrar eu pergunto... mas isso não faz muito tempo?

JS: Não, foi em 2012, a primeira vez, 2012 e 2013.

AP: Você está com 24 anos?

JS: Vou fazer 25 anos...

AP: Diga mais...

JS: Nós começamos ir dançar forro no Porto, e teve uma noite em que estava no Porto, eu, Ângelo, o Miguel, o rapaz que chegou ontem e o Pedro Alves... se calhar não conheceste... e então eu e Ângelo começamos a dar um abraço, entretanto, vem o Micas e abraça, depois vem o Pedro e abraça, e aí foi um abraço a quatro, e de repente, com aquilo na brincadeira, vamos chamar pessoas e por ela no meio, com amor, e então chamava-nos uma pessoa, e todas as pessoas ficava super desconfortáveis porque é uma situação e eu percebo.. ah, deixe-me sair, deixe-me sair... nós estávamos com uma intenção boa, tão boa, tão boa, foi uma situação tão engraçada, e de repente, já não sei como, todas as pessoas o forró, estávamos a dar um abraço enorme, ali no meio, num espaço, onde geralmente isso não acontece, onde as pessoas vão e dançam...

AP: Vocês percebem que é algo contagiante?

JS: Percebo que muitas vezes queremos mudara as coisas fora, e eu acho que o melhor caminho é quando nós mudamos por dentro, e devagarinho... é uma coisa que extrapola os espaços físicos, e os próprios círculos de pessoas... é o que geralmente acontece... extrapola de uma forma natural... é como se o vaso enchesse tanto que não tem outra forma senão transbordar... é tão bonito, não é nada forçado, é assim que acontece...

JS: Quer café?

AP: Aceito. Qual seu *background*? Seus pais eram de áreas?

JS: Olha minha mãe foi escritã de Junta, Oficial de Justiça, durante... foi assim o grande emprego dela, na maior parte ... e o último... esta reformada... o meu avô, foi Juiz, nesse meio, ligado a Tribunais e não sei o que... pronto... e meu pai o que ele faz, ainda não é reformado, ele é professor universitário, professor de Marketing e Gestão de Empresas, essas coisas, e pronto.

AP: E como seus pais enxergam... você assim, ter feito uma Licenciatura numa área, e depois seguir numa outra área... eles te apoiam?

JS: Completamente. Eles ajudam, então eles são os grandes apoiantes, querem uma vez que tenham meios para, proporcionar um caminho onde me encontre, isso é maravilhoso, nunca se opuseram para nada... fui trabalhar para França... vai, explora, não tem problemas, e pronto, e a questão de estudar outra vez é um bocado chato, é, mas eu percebo.

AP: Tempo você acha tempo.

JS: Sim, é chato para eles que me vem num lado, e depois num outro. E gostavam que eu já estivesse a trabalhar....

Entrevista transcrita 8 | Jonas Nobre

Data de realização | 15 agosto 2016

Entrevistado, nacionalidade | Jonas Nobre, Portugal

Entrevistador | André Príncipe

Papel na casa bô | membro família bô

Local | Alojamento da 1.^a missão casa bô, Aboadela (Amarante)

Tempo de entrevista (total): 15 minutos

Gravação | áudio gravado por telemóvel, usando aplicativo *Voice Memos*, armazenado em ficheiro digital formato .m4a

André Príncipe: Você já conhecia o espaço, mas não como casa bô?

Joanas Nobre: Sim, como Verde-rubro e Guilhotina.

André Príncipe: E depois que a casa bô foi inaugurada você já tinha contato com alguém de lá?

Joanas Nobre: Nessa altura, nós tínhamos aqui uma comunidade no Marão que era com outra associação cultural, que era a divulga caminho, só que era do lado de Vila Real, era do outro lado da encosta. Não era Amarante. Houve problemas na altura com as instalações, hipotecas do banco e a coisa colapsou, e então, esse período foi quando inaugurou a casa bô, ainda antes da casa bô ser associação, pronto, informalmente abriram lá. E nós com essa banda que eu falei, Jah Radio, fomos tocar agora na inauguração, no dia de abertura.

AP: Eu estava na abertura, mas não fiquei até à noite.

JN: Pois, foi mais à noite. Quando perdemos a casa aqui em Vila Real, muito da mobília foi para a casa bô, sofás, canecas, etc., estão lá. Entretanto, fui num projeto mais artesanal e de impressão manual que eu tinha com outro nome que era o Tornadouro, que era a parte mais de artesanato da outra associação, fiquei começando a frequentar a casa bô e ir percebendo a dinâmica, eu levei o material, um bocado naquela ótica mais oficial que o edifício tinha na altura da Verde-Rubro.

AP: Tem algum material seu que esteja exposto na casa bô?

JN: Não, esses são os do pessoal da verde-rubro, que são... que está lá... tem a Chapa Azul, são outros projetos de gravura. E do Tornadouro, parou um bocado, mas levei material. E cheguei a trabalhar lá no andar de baixo. Tem lá a prensa, estendal... e quando foi a aniversário, quando a casa bô fez um ano, e constituiu associação, fizemos umas tiragens da casa bô para oferecer para quem se tornasse sócio, e, entretanto, a coisa mais significativa do trabalho oficinal foi figurinos e cenários para uma peça de teatro para crianças, que agora em setembro está à venda para escolas e que a ideia também é apresenta-la na casa bô, mas para público infantil.

AP: Isso foi feito onde?

JN: Lá dentro, no andar de baixo.

AP: No quintal?

JN: Sim, no quintal e na sala adjacente, com a porta que abre para a fora

AP: Todas as vestimentas foram feitas ali?

JN: Foram porque a modelação do papel, do cenário também. E antes, portanto nesse projeto que eu trabalhava, antes da casa bô, o Tornadouro, houve uma altura que precisamos fazer moldes de gesso e o estúdio que tínhamos mudado não tinha condições para a equipa... era uma equipa relativamente grande, seis pessoas, e pedimos à casa bô se podíamos usar, e da casa bô disseram que sim, e fizemos um estágio de duas semanas, pois a programação da casa bô era mais à noute naquela altura, e correu tudo bem. Foi-se fazer gesso, moldes para modelação de gesso, máscaras, então foi mais no exterior.

AP: Ficou alguma [máscara] exposta?

JN: Ainda não, mas estão lá, em caixotes. A exposição ainda não fizemos.

AP: Então a casa bô foi um bom espaço para você desenvolver projetos em várias vertentes?

JN: Sim.

AP: Na área de design?

JN: Artesanato, trabalho mais manual, e por outro lado os concertos, acabei por tocar outras vezes a seguir.

AP: Ainda há espaço para apresentar a própria peça onde foi criado o figurino....

JN: Vou tentar que sim... a questão aqui é chamar o público infantil.

AP: Depois que começou a frequentar a casa e conheceu toda a gente, isso te ajudou em alguma coisa, criar laços para expandir sua criatividade nos seus trabalhos? Novas conexões para projetos? Em que sentido a casa pôde ter te ajudado? Você ter encontrado mais pares da sua área e interagido com pessoas de outras da classe artística ajudou?

JN: Sobretudo muitos músicos, que frequentam lá, que passa por lá, muita gente...

AP: qual o contributo de conhecer muitos pares? Indicações para outros sítios para tocar? No que contribuiu para sua vertente artística?

JN: Ajudou em outras formas de tocar, se calhar.

AP: Outros ritmos?

JN: Nesse sentido sim, na própria música, por abordagem... não estou a falar tanto em circuito de concertos, não é isso...

AP: Não tanto pelo *networking*, mas sim pelas interações?

JN: É experiencial...estar lá, estar com as pessoas, a casa pôde tem uma noção bastante madura da sacralidade, o que se calhar não existe em outros projetos no Porto, e acho isso muito valioso.

AP: Consegue dizer isso com outras palavras? Sacralidade que dizer o que?

JN: [risos] Essa pergunta é difícil... de dizer em palavras...

AP: Talvez a congruência de artes e artistas?

JN: Não, de ser humano, relações humanas, do indivíduo e da relação (entre eles), e do silêncio, do respeito pelo silêncio, ternura, da maturidade, social até. É isso.

AP: Isso acaba por atrair mais pessoas nesse ímpeto, com esse mesmo valor, e acaba por criar uma conexão cada vez maior entre pessoas com perfis parecidos? Diferentes do ponto de vista artístico, mas parecidos em termos de valor?

JN: Talvez, em termos humanos. E não sei se acontece o contrário. Alguém que vá lá sem conhecer, seja repellido, não gostou daquela frequência...acho uma boa questão, não sei, não sei como dizer isso.

AP: Normalmente é o contrário? Mais fácil de pensar...

JN: Que atraindo....

AP: Conheci pessoas agora...

JN: Eu achei se calhar, o que me fez ligar e estar lá e ter diariamente tem trabalho de oficina foi a diplomacia e a facilidade com que não se põe obstáculos.

AP: Isso não há em outros sítios dessa forma?

JN: Não, não tão faço... eu não sinto isso... é minha opinião.

AP: Até a questão do donativo consciente, limita um pouco mais quando se tem um bilhete com preço impresso? Uma atividade que custa "X", você já vai pensar duas vezes? O donativo consciente Não é mais inclusivo?

JN: Do ponto de vista monetário, não é um sítio a pensar em lucro, está a pensar em outros tipos de valor. Esta lá, mas não é o pilar da coisa.

AP: É desconstruir um pouco...a coisa do capital, com acúmulo?

JN: Não é central.... Pensar sobre isso se calhar é central, no projeto, mas a ideia de fazer o lucro por si, como objetivo primeiro, não é isso, é relativamente raro.

AP: Olha, obrigado.

JN: Tudo o que for preciso...

AP: Coisas que eu achava interessante, de várias pessoas com motivações artísticas diferentes, e no fundo que consigo perceber melhor isso... a arte é um interesse, uma curiosidade, mas o que atrai são as relações humanas, a conectividade com pessoas com ideais parecidos, valores parecidos.

JN: Há muito respeito pelo outro, existe lá, há muita ternura, que também é raro, ou seja, uma pessoa está a entrar está num refugio, não será julgada.

AP: Vai ser aceita da forma que é?

JN: Ssim, sim, isso é muito alhures. Se calhar é a melhor coisa que a casa bô tem.

AP: E acaba por atrair assim tantas pessoas assim parecidas...

JN: E muito diferentes também... e não diria...

AP: Pessoas de todo o tipo e...

JN: Tem muitas pessoas diferentes, de gente...

AP: Sua área de formação e atuação, e aquilo que pretende ser? E com interesses em se aprimorar?

JN: Sim.

AP: De conviver e de fazer aquilo que gosta com quem gosta?

JN: Sim. Eu acho também que aquela preocupação é muito social, e isso atrai. Para mim, é atraente, Não é para se fazer uma bolha aqui. Quais são as instituições nesse bairro, e como isto pode contribuir, nesse sentido, uma vez por altura do aniversário, numa espécie de perguntas e respostas, alguém. O Ângelo estava a falar...

AP: Era uma dinâmica?

JN: Alguém perguntou: e essa história de trabalho social o que é que é, o que é que fazem com trabalho social?

Lembro que ficou na cabeça, que ele começou a resposta por dizer, antes de mais nada, tudo o que fazemos é trabalho social, à partida [risos]. Qualquer coisa que se faz aqui é trabalho social. E essa preocupação é muito maduro. Isso atrai. A mim atraiu.

AP: E essa dinâmica foi para as pessoas se conhecerem melhor, ou reflexão coletiva?

JN: Foi do aniversário... não recordo que atividade foi exatamente. Um jantar, mas era preciso falar publicamente falar sobre o evento e o Ângelo assumiu sempre essa posição. Alguém fez a pergunta e não lembro exatamente o que era.

AP: Tem um bom feedback, obrigado.

JN: o Mestrado é sobre Economia e Gestão da Inovação?

AP: Sim.

Entrevista transcrita 9 | Nicoli Siqueira e Parma

Data de realização | 25 agosto 2016

Entrevistados, nacionalidade | Nicoli Siqueira e Valdemar Pinto Júnior [Parma⁷], Brasil

Entrevistador | André Príncipe

Papel na casa bô | agentes criativos da casa bô, músicos do Duo Musical Manifesto

Local | Dependências da Junta de Freguesia do Bonfim, Porto

Tempo de entrevista (total): 17 minutos

Gravação | áudio gravado por telemóvel, usando aplicativo *Voice Memos*, armazenado em ficheiro digital formato .m4a

André Príncipe: Então, queria que você falassem rapidamente como vocês foram parar na música?

Nicoli Siqueira: Para mim desde sempre gostei de música, mas até então eu estava fazendo Direito, fazendo faculdade, estava nesse caminho mais... como se diz...?

André Príncipe: *Mainstream*?

Nicoli Siqueira: Exato, mas sempre achei assim muito engessado, então queria buscar algo que tivesse mais liberdade e mais autonomia também para explorar a criatividade, poder ver o que como trabalhar isso e interagir com outras pessoas, e a música sempre foi uma facilidade para mim para poder de repente estar buscando esta conversa. E aí faz desde, a gente começou o projeto, a gente tinha uma banda antes, mas era algo muito mais como um hobby, e de dois anos para cá a gente teve uma primeira viagem para o Uruguai e aí nessa viagem a gente conseguiu acho que equilibrar a música enquanto profissão e também estar viajando e interagindo e conhecendo outras culturas e aí surgiu o estalo de repente fazer isso na Europa [viajar e tocar música para se sustentarem durante a viagem], buscar, ampliar esses horizontes, mas foi, a gente começou a juntar dinheiro aqui e ali para possibilitar e buscando também esses contatos. O primeiro contato foi pela internet, a gente fez com as associações, algumas das associações em Braga... não lembro o nome agora da associação...

⁷ Nome artístico adotado pelo músico Valdemar Pinto Júnior.

AP: A Sol em Movimento?

NS: Sol em movimento. E eles que nos indicaram aqui [ao se referir ao Porto, local da entrevista]. E poder fazer esse trabalho com a música, acho que foi muito bom também poder fazer a viagem por causa da música.

AP: Você toca bateria?

NS: Sim.

AP: E em lugares toca percussão?

NS: Sim.

AP: E o Parma toca...?

Parma: Guitarra, baixo, sitar...

AP? Mas vocês tocam todos os instrumentos revezando também... isso achei interessante...

Parma: Tocamos todos os instrumentos sim.

AP: Isso é natural [nos concertos ou vocês combinam, ou depende do lugar, da hora?

P: Basicamente não tem [uma forma]. Surge naturalmente...A gente faz e toca da forma mais natural e espontânea. A gente não meio que planejar... eu toco isso aqui, você vai fazer isso, eu vou tocar isso nessa música... simplesmente tudo surge de forma espontânea... até o nosso projeto. Por isso até que foi demorando para ganhar corpo...

AP: Então quando vocês tocaram na casa bô não tinha script... vocês começam com um instrumento e depois...

P: Tem algumas músicas que a gente sempre vai tocando juntos e naturalmente e de forma espontânea sempre, vai se compondo algo [novo]... até tem alguma música que a gente já fez e.... só que lá na casa bô foi muito disso, tipo, a gente conversou com o pessoal e ia tocar com bateria... e aí na hora, pelas circunstâncias, estava tarde... aí tudo bem... a gente já tinha mais ou menos um pouco planejado, então planejamos isso também, aí começamos com o cajón e foi muito de improviso...

NS: A gente quando toca os instrumentos é espontâneo mesmo. Cada um [músico] para um [instrumento] o que sente ali na hora e acaba tocando.

AP: E foi uma boa surpresa lá [na casa bô]?

NS: [risos] A gente não quer falar, mas ouviu, está bom aqui [risos].

AP: O que vocês acharam da interação do público, porque apareceu lá uma pessoa que dançava e começou...

NS: Sim, a gente adorou, na verdade, e quando criou um coro também no final ali no final, todo mundo começou a cantar.

AP: E vocês nem pediram? Foi algo que apareceu?

NS: Não! Eu fiquei muito feliz, na verdade, quando rola esta interação, massa.

AP: Isso acontece com frequência ou foi algo que aconteceu mais na casa bô?

NS: Às vezes... a dança acontece mais, de as pessoas dançarem, de se envolverem ali mas, o coro, foi algo...

AP: Algo novo?

NS: Foi algo novo sim, [risos].

AP: São coisas que acontecem naquele tipo de lugar?

NS: Algo muito particular, exato. Na casa bô mesmo, essa energia assim, não sei, essa conexão assim mesmo, que é uma abertura que eles têm que permite isso.

AP: E vocês vieram para a Europa e conseguem para as cidades por onde passaram?

NS: Sim, a gente passou por Dublin primeiro, e aí ficamos um mês tocando na rua, conhecendo alguns artistas, e depois fomos para Berlin, e ficou dois meses, um bom tempo por lá... deu para ter uma vivência muito massa assim também, bem diferente daqui e aí depois como a gente veio na boleia, a gente passou por vários lugares, mas que a gente ficou assim em Amsterdão, uns três dias, depois a gente cruzou a Bélgica mas não chegou a entrar, aí ficamos em Lille, na França, é metrópole, fica.. uma cidadezinha na verdade, fica bem pertinho... ficamos quatro dias mais ou menos, como

viajamos com um músico também, que tem grande influência africana, o pai dele é africano, aí depois de Nine, a gente passou, a gente ficou nesse trajeto de pista, em Bordeaux, San Sebastian na Espanha, entramos na Espanha, de San Sebastian para Bilbao, e daí Santander. Quando a gente chegou em Santander a gente conheceu o Buã, e aí nós fomos fazendo todo o trajeto de Santiago de Compostela, que o pessoal faz.... pelo menos a gente foi de carro [risos]. E a gente foi parando em algumas dessas cidadezinhas e agora na verdade não vou me lembrar o nome delas...

P: Fomos pela costa, só parando... praia de lá... França.

AP: E vocês tocaram em Dublin mais em locais fechados ou na rua?

NS: Na rua, na rua...

AP: Em Berlin? Teve aquela experiência na...?

NS: Na Green House, sim, foi o único lugar que a gente tocou... e o resto foi mais na rua, em restaurante, assim, mas, coisa mais rápida assim também.

AP: E agora vocês vão tocar em mais dois lugares no porto?

NS: Sim, na Rés-da-Rua e na Casa da Horta...

AP: E depois vocês vão para o Marrocos?

NS: [risos] vamos ver o que vira lá...

AP: E pretendem se possível voltar para cá?

NS: Se possível voltar para cá a gente queria.

AP: Vocês pretendem passar em Lisboa ou voltar aqui para o Porto?

NS: A gente não sabe, mas seria interessante voltar aqui para o Porto também. A gente gostaria de ficar mais tempo, mas por conta do visto não vai dar...

AP: E quando vocês viajaram, vocês tinham ideia de quando tempo queriam passar fora? Ou vocês deixaram acontecer?

NS: Deixar acontecer, mas a gente queria conseguir ficar um ano assim para conseguir absorver e aproveitar que está nesse espírito viajante.

AP: E o que estão em busca mais nessa viagem? A bagagem cultural? Experiência? Conhecer novas pessoas, novos instrumentos, novos sons? Quais são as motivações?

Parma: Para mim, crescer como ser humano também. A gente tem muito disso também. A gente vai para a música, mas depois claro que vai pelo música e pelo lado cultural, aí depois a gente começa a perceber que tipo o maior crescimento ainda se for ver é o lado humano que é a coisa, e é assim, ser uma pessoa melhor, ter mais sensibilidade, pela troca aqui e ali. Desde toda a viagem, de quatro meses, que a gente vem sendo ajudado pelas pessoas, porque a gente toca música na rua e as pessoas decidem se querem ajudar a gente ou não. Quando toca um concerto, não tem cachê que a gente cobrou... é donativo... até agora assim, a gente vem sendo ajudado pelas pessoas. E isso te faz crescer, ser pessoas melhores, quando a gente vê o outro lado... [as pessoas] não tem que ajudar [obrigação].

AP: Desenvolve mais as relações humanas?

NS: Sim, o que eu percebi é que a música é uma ponte na verdade para isso, a música aproxima isso, essas relações. Você fala que toca, quando fala que é músico, todo mundo é muito aberto...

AP: E você acaba se aproximando também de pessoas da área das artes? É mais uma identificação com quem conhece essa linguagem?

NS: Sim, exato. Até com pessoas do mundo inteiro assim, é meio que as vezes também o fato de tocar um instrumento que é diferente [sitar indiano], as pessoas ficam curiosas, e a gente não conhece tanta coisa ainda a respeito da Índia, mas poder estar falando [sobre] isso, e você diz que é do Brasil, causa assim [uma surpresa] vocês são do Brasil e tocam esse instrumento? Para mostrar assim que música não tem essa barreira assim, poder viajar assim, interessante por causa disso também.

AP: Quais foram as impressões de vocês em relação à casa bô? Qual a ideia que vocês tinham e quais foram a impressões que tiveram lá?

NS: Eu já tinha uma ideia boa, pelo assim, porque a gente teve acesso ao vídeo [institucional] que eles fizeram de divulgação, então serviu até de combustível para a gente querer fazer isso e conhecer essa, esse trabalho assim deles também. Eles foram muito abertos também, muito gentis, muito família assim, quando falaram com a gente, então havia uma boa expectativa, mas estar lá e sentir essa energia toda e ver como funciona, acho que a gente teve um dia muito especial assim, ver essa conexão toda foi incrível, foi até muito mais, tipo assim, o vídeo não conseguiu mostrar tudo o que isso aqui é ainda, porque é um meio muito incrível, muito mais do que parece... muito real... um espaço que te dá liberdade para poder ser...

AP: E o que a casa bô tem de diferente ou não em relação aos outros locais similares, outras Associações Culturais? Vocês conseguem fazer alguma diferenciação?

NS: Acho que existe mais energia mais de união também, mais... na Green House por exemplo, havia todo esse trabalho deles também, é um projeto muito interessante, mas é algo mais... frio, vamos dizer assim, um pouco mais distante também.

AP: Você acha que é mais comercial e menos humano?

NS: Não sei se mais comercial, talvez em alguns momentos faltou aquele respeito, aquele companheirismo com todo mundo assim.

P: É porque lá é tipo uma comunidade entre nós, então muitas vezes as pessoas não viviam como uma comunidade.

NS: É. Eles te viam mais como indivíduo assim.

AP: É tipo cada um por si?

NS: É.

P: Algumas vezes sim.

NS: Na casa bô, eu falo família bô [risos], na família bô existia essa coisa de companheirismo assim mesmo, de estar um pelo outro, de se importar, e de realmente querer ajudar assim, sem essa monetária em troca também encima. Na Green House foi muito massa, mas para mim era muito claro que tinha que ter essa troca assim.

P: Tinha que ter uma troca...

NS: Aconteceu de ser monetária também, em alguns momentos também. Porque lá não [casa bô], trocas humanas, trocas energéticas, trocas de às vezes se você não puder dar, a casa bô dá e você se puder dar isso para alguém em outro momento, está valendo também.

AP: Na Green House era mais, realmente, a necessidade de ter uma troca efetiva?

NS: É sim, eu senti.

AP: Vocês sabiam que a casa bô além de associação cultural ela também tem essa questão de voluntariado e ação social.

NS: Eu não sabia de uma forma tão forte não, porque foi o que nos surpreendeu, achei muito bacana estar fazendo essa conversa.

AP: E você acha que o fato deles terem esta componente [voluntariado e ação social] é o que os diferencia em relação aos demais lugares?

NS: É um forte fator. Se você está preocupado com o social e com outro meio é fundamental que as coisas andem nessa forma diferente.

AP: Mais alguma coisa que vocês queiram falar sobre a casa bô? Tem alguma outra ideia [para expor]?

NS: Ah, só tenho elogios na verdade. Falar que é um trabalho incrível mesmo assim que eles fazem e eu vejo o quanto eles dispõem de energia e de tempo e de realmente acreditar nisso assim, acho muito importante.

AP: Fiquei curioso por uma coisa que era interessante vocês falaram. Quando vocês vieram aqui para o porto, vocês acharam para a casa bô, realmente foi algo que trouxe vocês para o Porto? For saber que tinha um espaço da casa bô?

NS: Sim.

AP: Vocês estão mais alguns dias e conseguiram outros lugares e interligações com a casa bô, que são as associações e nesse meio tempo vocês estão se apresentando na Rua das Flores?

NS: Sim.

AP: E como é que vocês foram parar lá? por que a rua das Flores?

NS: Na verdade a gente no caminho, indo para a Rés-da-Rua, a gente passou pela rua e viu que havia músicos tocando, que isso era uma dúvida para a gente, a gente não sabia como era o esquema para tocar na rua, se havia essa liberdade...

AP: Vocês então procuram os spots criativos, spots culturais na cidade para apresentações?

NS: Sim, sim.

AP: Qual foi a experiência que vocês tiveram na rua das Flores? Teve muita diferença em relação a outros lugares que vocês tocaram em outros países? Ou foi similar?

P: A rua é algo muito assim, peculiar e instável... cada lugar é um lugar, só que de certa forma também aparecerem os donos dos lugares [músicos locais com pontos habituais na rua], entendeu? Tipo também a gente só tocou dois ruas na rua... muito parecido como com as ruas de Dublin. Tem um monte de gente, ruas pequenas...

NS: A rua em si nesses aspetos é muito parecida, mas, o que na verdade diferencia mesmo são as pessoas que estão passando. A gente percebe que há dias que tem pessoas que se identificam mais, tem dias que se identificam menos. Pela pouca [experiência no Porto] que a gente teve, teve uma boa identificação assim, as pessoas interagem, conversam, às vezes a gente passa mais tempo conversando do que tocando [risos]... muitas das vezes.

AP: Trocando experiências?

NS: Sim. Muitas vezes músicos também

AP: E as pessoas que se aproximam, qual é a curiosidade delas? É sobre o instrumento? Sobre vocês?

P: pela música...

NS: O instrumento é uma grande porta, assim, realmente fica muita gente interessada pelo instrumento e acabam perguntando, e tipo, vem, e pergunta do projeto, e a gente acaba falando também, acaba perguntando também como está sendo nossa experiência no lugar, então permite que a gente fale sobre os lugares que a gente vai passando, que aqui tem sido a casa bô, o Rés-da-Rua, quem são os contatos que a gente acaba tendo.

AP: E por que chama Musical Manifesto?

NS: É mais uma forma de manifestação, forma livre de apresentação...

AP: É a forma, expressão de vocês para o mundo?

NS: É [risos]

P: Uma forma de música...

AP: Está bem, obrigadíssimo.

Entrevista transcrita 10 | Angela Du Toit

Data de realização | 27 agosto 2016

Entrevistado, nacionalidade | Angela Du Toit, Austrália

Entrevistador | André Príncipe

Papel na casa bô | voluntária Festival bô, Associação Sol em Movimento

Local | 1.º Festival bô, parque de campismo, Amarante

Tempo de entrevista (total): 6 minutos

Gravação | áudio gravado por telemóvel, usando aplicativo *Voice Memos*, armazenado em ficheiro digital formato .m4a

André Príncipe: You are from Australia, right? You came to the Festival because you were at Sol em Movimento [Cultural Association in Braga] and you met Angela [president of the Association Sol em Movimento] there.

Angela Du Toit: Yes

André Príncipe: Have you been in another Festivals like this before, in Portugal?

Angela Du Toit: Yes, I went to BOOM festival, which is similar festival, very big, I go to a lot of Festivals like this in Australia, and I really enjoy the community, BOOM was very amazing because so many people from all over the world came to one place.

AP: It is a big Festival?

AT: Yes, 154 countries were represented in BOOM this year, which is really amazing thing. I wanted to come to this Festival because I would learn about Portuguese culture, the way local Portuguese people do this Festival. BOOM is very big, very international, but, this is local, and I want to see inside.

AP: Did you have some idea how it could be here, what to expect?

AT: I try not to make too many expectations. I am surprised here as we have a Festival that is also in the same place where “normal people” come to camp. That is very interesting. How great could be to be camping here, and it is a surprise, there is entertainment.

AP: Do you know this is a first time initiative from a small Association that in one year grew and they are in a kind of collaborative network with another Associations, from Porto, Braga, another spot in Porto area as well...

AT: Yes...

AP: They didn't know how it could be, and how many people would come. From which kind of places, they would come, and, I am glad to see that people from different cultures came to see, and I would like to ask you what is your impression until now? What are the differences between the festivals, the summer festivals, the regular festival, the commercial festivals, to this initiative? Can you feel some similarities and differences?

AT: Yes, definitely. BOOM Festival I felt it was very well organized. Everything run very smoothly. Everybody had a job and really wanted to make it work. Here, it's the first time, so, yeah, there are improvements that can be made in organization, but it will come in a next time, but the intention is the same. The intention to bring people together. To enjoy life together, to celebrate, I think the intention here is very good. Everybody is very peaceful, everybody is very good to one another, very giving, it is not a crazy party place. It is a place that comes from the heart, so I think when with more practice, they can become very good what they do in here.

AP: Your motivations to come here is to know the culture and also because the relationships?

AT: Yes.

AP: Is this something also about also the... just forgot the name in English.... Are you from the Creative Class? Are you an artist? Do you work with that? Some interests?

AT: No, I am not an artistic at all, I am a Scientist, I work with rocks. I am a geologist. I am not creative, but I love to be around the Creative Community.

AP: Why?

AT: Because people are real, are genuine, people love from the heart, people love each other first.

AP: They have no walls? No barriers?

AT: Yes, they have an understanding with nature, this global community of switched on people, people who have more important things in their lives than materialism and consumerism, they're job is not the most important thing in their lives, this community and love is the most important thing.

AP: I think here care about lot about welfare...

AT: Like personal welfare?

AP: Yes. I think there is a better word for this, just doesn't come....

AT: I think what you mean is well-being.

AP: Yes, well-being, thank you. Is this something what brings you here and that you see that people they share with each other?

AT: Yes, it's nurturing environment, it is healing, it's peaceful, it is relax, it's relaxing

AP: Is it a kind of escape of the real society that has masks... and it is not [really] real?

AT: Yes, rules, and lots of rules, there are lots of laws... you know, in the outside world. When you come to a place like this...

AP: Freedom?

AT: Yes, freedom.

AP: Ok, Thank you so much.

AT: No problem.

Transcrição em Português [tradução livre do autor]

André Príncipe: Você é da Austrália, certo? Você veio ao festival, porque você estava na Sol em Movimento [associação cultural em Braga] e você conheceu Angela [presidente da Associação Sol em Movimento] lá.

Angela Du Toit: Sim

André Principe: Você já esteve em outros festivais como este antes, em Portugal?

Angela Du Toit: Sim, eu fui para Boom Festival, que é um festival semelhante, muito grande, eu vou para vários festivais como este na Austrália, e eu realmente gosto da comunidade, BOOM foi muito surpreendente porque muitas pessoas de todo o mundo estiveram num mesmo lugar.

AP: É um grande Festival?

AT: Sim, 154 países foram representados no BOOM este ano, que é realmente espantoso. Eu quis vir a este Festival, porque eu poderia aprender sobre a cultura Portuguesa, a forma como os portugueses locais fazem este Festival. BOOM é muito grande, muito internacional, mas, este é local, e eu quero ver por dentro.

AP: Você tem alguma ideia de como poderia ser aqui, e o que esperar?

AT: Eu tento não fazer demasiadas expectativas. Estou surpresa aqui. Temos um Festival que também está no mesmo lugar onde “pessoas normais” vêm para acampar. Isso é muito interessante. Quão grande poderia ser acampar aqui, e de repente, uma surpresa, há entretenimento.

AP: Você sabe que esta é uma primeira iniciativa a partir de uma pequena associação que em um ano vem crescendo e eles estão em uma espécie de rede colaborativa com outras Associações, a partir do Porto, Braga, arredores do Porto e arredores, bem como ...

AT: Sim ...

AP: Eles não sabiam como poderia ser, e quantas pessoas viriam. E de que tipo de lugares viriam, e, eu estou contente de ver que pessoas de diferentes culturas vieram para assistir, e eu gostaria de lhe perguntar qual é a sua impressão até agora? Quais são as diferenças entre os festivais, os festivais de verão, o festival regular, os festivais comerciais, em relação a esta iniciativa? Você pode perceber algumas semelhanças e diferenças?

AT: Sim, definitivamente. Boom Festival eu senti que foi muito bem organizado. Tudo correu muito bem. Todo mundo tinha um trabalho e realmente queria fazê-lo funcionar. Aqui, é a primeira vez, então, sim, há melhorias que podem ser feitas na organização, mas ela virá em uma próxima vez, mas a intenção é a mesma. A intenção de unir as pessoas, para aproveitar a vida juntos, para celebrar. Eu acho que a intenção aqui é muito boa. Toda a gente é muito pacífica, todos são muito bons uns com os outros, muita dádiva, não é um lugar festas alucinantes. É um lugar que vem do coração, então eu acho que quando, com mais prática, eles poderão se tornar muito bons no que eles vêm fazendo aqui.

AP: Suas motivações para vir aqui é conhecer a cultura e também por causa das relações humanas?

AT: Sim.

AP: Isso é algo também sobre também o ... esqueci o nome em Inglês Você é da Classe Criativa? Você é uma artista? Você trabalha com isso? Tem alguns interesses?

AT: Não, eu não sou da área artística, eu sou uma cientista, eu trabalho com rochas. Eu sou uma geóloga. Eu não sou criativa, mas eu amo estar junto da comunidade criativa.

AP: Por quê?

AT: Porque as pessoas são reais, são genuínas, as pessoas gostam do coração, as pessoas se amam logo pela primeira vez.

AP: Eles não têm muros? Não há barreiras?

AT: Sim, eles têm uma compreensão com a natureza, esta comunidade global que conecta as pessoas, as pessoas que têm coisas mais importantes em suas vidas do que o materialismo e o consumismo, o trabalho delas não é a coisa mais importante em suas vidas, essa comunidade e o amor é a coisa mais importante.

AP: Eu acho que aqui se preocupam muito sobre o estar-bem...

AT: Estar bem pessoal?

AP: Sim. Acho que há uma palavra melhor para isso, só não me vem

AT: Eu acho que você quer dizer é o bem-estar.

AP: Sim, bem-estar, obrigado. Isto é algo que a traz aqui e que você vê que as pessoas partilham [o sentimento de bem-estar] umas com as outras?

AT: Sim, é um ambiente acolhedor [de afeto], é uma cura, é pacífica, é relax, é relaxante

AP: É uma espécie de fuga da sociedade real em que há máscaras ... e não é [realmente] real?

AT: Sim, regras e muitas regras, há muitas leis ... você sabe, no mundo exterior. Quando você vem para um lugar como este ...

AP: Liberdade?

AT: Sim, a liberdade.

AP: Ok, Muito obrigado.

AT: Não tem problema.

Entrevista transcrita 11 | Nuno Santos

Data de realização | 27 agosto 2016

Entrevistado, nacionalidade | Nuno Santos, Portugal

Entrevistador | André Príncipe

Papel na casa bô | membro família bô

Local | 1.º Festival bô, parque de campismo, Amarante

Tempo de entrevista (total): 7 minutos

Gravação | áudio gravado por telemóvel, usando aplicativo *Voice Memos*, armazenado em dois ficheiros digitais formato .m4a

André Príncipe: Quando apareceu essa ideia de viajar o mundo?

Nuno Santos: Desde que me conheço como pessoa que me lembro que viajar pelo mundo fora é um objetivo. E o que é que acontece... eu comecei a namorar com minha ex-namorada, que era o amor da minha vida, e aquilo acabou por ser uma carrita, e disse, atenção que um dia vou me despedir e vou dar a volta ao mundo... a gente namorou por dez anos, vivemos juntos quatro anos, então fui trabalhar na Holanda, voltei da Holanda, as cenas não estavam bem, e voltei para tentar resolver a cena mas não foi a tempo... o que acontece é que se calhar é que era a altura certa para eu ir, então o que esta a acontecer, estou a fazer um contrato numa empresa de vinhos, mas em março vai terminar, e no entanto, se, em março, eu não estiver satisfeito na empresa, e vice-versa, eu aproveito e vou... e vou fazer minha viagem que é uma coisa que quero muito.

André Príncipe: E o que você pretende absorver e observar? Você é músico....

Nuno Santos: Eu sou músico, eu tenho várias ideias, ainda não pensei seriamente nisso porque não chegou a altura para lumiar a coisa, mas basicamente passa muitas coisas, três coisa: música, tocar, experimentar cenas, e culturas e tudo, para ganhar algum dinheiro e conseguir fazer as viagens.

AP: Você vai fazer o que muitos fazem quando passar pela casa bô, que é.... aquele casal de brasileiros... eu os encontrei na rua das Flores, depois fui vê-los na Rés-da-rua... eles querem passar um ano e pouco para vivenciar a Europa e as culturas....

NS: Exatamente, exatamente, é isso, nesse sentido, é isso mesmo que eu quero fazer... depois pá, quero trabalhar muito na área do Lindy Hop, eu danço Lindy Hop ... é uma dança, vintage, dos anos 20 e 30...

AP: Ah, eu vi isso num grupo do Facebook...

NS: É sério? Há um festival desde quarta-feira [24 agosto 2016] e vai até domingo e que está em vigor, e é uma coisa que eu queria fazer, basicamente um resumo de um Lindy Hop no mundo.

AP: Achei que fosse uma espécie de dança..., mas é mais que isso?

NS: Não, não... é uma dança, mas uma dança de Jazz muito específica, relativamente técnica, mas minha ideia era fazer um resumo do Lindy Hop no mundo... onde que existe, como é que as pessoas se relacionam, não só na área da música, a convivência, cultura entre as pessoas... muito fixe isso tudo... [festival]

AP: E a terceira motivação qual é?

NS: É o voluntariado, sou voluntário no G.A.S. Porto, Espaço Social do Porto, que é por aí que quero começar a fazer essa viagem, eu queria fazer um projeto que nós temos em Moçambique, sete meses, ajudar a população, os miúdos, apadrinhamento, queria trabalhar um bocado por aí, e depois eu saísse do projeto, queria fazer eu próprio, queria analisar até que ponto eu poderia fazer voluntariado nos outros países, e depois fazer, e voltar, se um dia voltar, queria fazer um livro com isso, como exemplo. Esse é meu objetivo.

AP: Quanto tempo pretende?

NS: Não tenho um tempo... vai depender de muita coisa, eu não quero ir como turista, eu quero ir vivenciar a cena, quero conhecer o país, conhecer as pessoas, e não posso estrá a definir tempo...

AP: Toca instrumento a quantos anos?

NS: Ui, desde os 10... pá, uns 25 [anos].

AP: Começou com o trompete?

NS: Eu tocava numa filarmónica, saí ano passado, fundada pelo meu trisavô que meteu sete netos na banda, e todos andavam na conservatória.

AP: Influência de família de pequeno?

NS: Exatamente. Completamente. Só que na altura meu avô teve que saltar a geração das minha mãe e da minha tia, porque eram mulheres, e portanto, as mulheres não entravam nas bandas, e portanto, meteu os sete netos, e conseguiu entrar com eles miúdos, e no entanto, a gente seguiu alguns anos no conservatório, alguns decidiram por outro caminho, alguns seguiram profissionalmente, e eu fiquei a meio termo, portanto, faço muitas coisas, minha música e muitas coisas, e ganho dinheiro, mas não sou profissional, não é minha área profissional.

AP: A casa bô te ajuda em alguma coisa para sua Criatividade, em relação à inspiração para a música ou para a vida?

NS: Para a vida, não para a música, não por aí, no sentido de abraçar a vida como eu queria abraçar, e que me descobri na casa bô que deveria fazer sentido aquilo que eu pensava.

AP: Esse sentido e a motivação desse projeto para viajar o mundo?

NS: Sem dúvida. A casa bô e o G.A.S. Porto. Sim. Já estou lá há 10 anos e é muito porreiro. E aquela... sabe quando entras num projeto e não tem aquela explicação, mas sentes? É aquilo que sinto... senti que deveria fazer isso...

AP: Obrigado.

[pausa]

AP: Como você resume a casa bô?

NS: A casa bô tem... singrou [progrediu] porque é o bem-estar individual, coletivo e social.

Entrevista transcrita 12 | Elizabeth Clark

Data de realização | 28 agosto 2016

Entrevistado, nacionalidade | Elizabeth Clark, Inglaterra

Entrevistador | André Principe

Papel na casa bô | membro família bô

Local | 1.º Festival bô, parque de campismo, Amarante

Tempo de entrevista (total): 14 minutos

Gravação | áudio gravado por telemóvel, usando aplicativo *Voice Memos*, armazenado em ficheiro digital formato .m4a

André Principe: Tell me a little bit about your own feelings...

Elizabeth Clark: I think when we follow ourselves, follow what we feel is true to our self, we got all we need. When we tell our self, we don't deserve it, and blablabla, we are closing the door to ourselves. When I say I won't doing. Ponto...

André Principe: Ângelo Lopes about casa bô told me something on this way. When he started at the beginning, if he wouldn't start, the things wouldn't come, so, he would be never ready to start...

Elizabeth Clark: It's really this. When you decide to move in one direction, in the moment you need a thing, is coming to you, like, many people don't do something, because I don't love this, I don't need this, don't need that. We don't need the things in this moment, you know? I always, what I did last year, my massage course, I started doing cosmetics course, and I got my bicycle, the whole process was like: I didn't have any money, the course came to me like this [like a click] I was ok, I wanna do massage course, and two days later I met a guy with a massage course in a week, and it was exactly the amount of money I had, and I was like, I do it. Then, again I had no money, I started doing massage, people gave me donations [conscious donative], I start to me this, my cosmetics, and people gave me so many things to create, I wanted this [showing her tent massage], and in the end I've got everything I need, you know? Yeah, really this... oh, now I need 10 screws and some wood... I had no money, let's see how I can get? Then I asked someone, how are you? I'm looking for screws, and she asked:

what do you need more? Can inside the garage and take everything you need, and she came with more than I needed. The same women who offered me the house, because at this time, I was in the house...

AP: You came to Portugal in 2012, then you came back in 2014? [Liz came first time in Portugal in 2012 for BOOM Festival. At that time, she got sick, left the Festival and sent a letter to the management. They answered her, giving a free ticket to return in a next edition, and she came to Portugal again in 2014, and have been living here since].

EC: Then I stayed more or less. I went last, yes, so I went through the creating the project, beginning of last year, so I went with the project to the Festival, I met my dog in this time [she adopted a lost dog on Festival BOOM, who was with her at Festival *bô*], it is all of, for me, very, intention, as well as following something that come, because my dog is another story of coming, like, I was asking for it, when I was at this house, I was taking care of dogs, three dogs, and I said: I really want a dog to myself, but I never thought on that before, than, when I left, I went to the festival, and I met my dog [laughs]. I met also my boyfriend at this time, we are together nearly one year, then we went to France, Switzerland to work, and came back. We met at *casa bô*. I met *Ângelo*...

AP: Is he here [at Festival *bô*]?

EC: Yes, he is sleeping now [it was 9h30 am], I met *Ângelo* the first time in the Festival, I didn't speak to him, he just came, I was working with him in the kitchen. So, I was looking to different Festivals last year, and *Ângelo* came to the restroom with all of his body, big, red, with a lot of bites, and I said, oh, I have something for this, come to me, spray, give some cream, and "até já", and two more Festivals later, with another group, *Ângelo* was there, my boyfriend was there, many people of *casa bô* came to me now.

AP: And now you are connected to *casa bô* because of the friendships you have?

EC: Yeah, we travel with the same group we met in the festivals, and we stayed more or less until people the same group, after Festival, like one week in the nature, waterfalls, travelling like this, then I went to Porto, with no idea what to do, I just had no idea what

to do, I just thought I should go to Porto. Like, I always had an open plan, ok, go to Porto, three days later I bumped my boyfriend in the street, and he is like, ah, we stay in casa bô, place of Ângelo, ah, I completely forgot the place, I said, ok, I need a place to stay, perfect time.

AP: First time you came to casa bô you came for a concert, or something else?

EC: No, I met him on the street, he stayed there with a group of friend who he will travel with them for, so, I am separated like some days, a week or something, and then we saw again, just in the street, Porto.

AP: What are your feelings about this Festival, what do you think is different comparing with regular festivals?

EC: [laughs]. For me, there is, the magic and frustration at the same time of casa bô for me is the lack of organization, like I'm for England, so what I do is very different from Portugal [culture and behavior] and I have thinking like, this need for regulation, and other, and organization, but in the same time, I really try to learn in my life to let it go, to let things happening, but no organization, you see that it happens, we were two days before, and come here to here, and there is nothing, no materials, no structure, I did help to build the structures, we like, oh, and then, come people, then come materials, people, inspiration and tâtâtã... it happens!

AP: So you told me something interesting: somehow, I feel the same way, because I come from a culture that probably has more management and organizing [São Paulo, Brazil], and in here, this lack of organization it is bad somehow, you feel that you need it, but in the other hand, drives you toward to directions, new conceptive, new ideas, and make people connected... it's something natural?

EC: Yeah, for me is this.

AP: Do you think this is good for Creativity? For the skill, for everybody's skills?

EC: Yeah, I think that everybody is self-organization, self-management, self-development, I think this is really wonderful to follow the flow, because when you follow the flow, like, I pick someone here in the massage space yesterday, and he said,

wow, since I'm here I'm in Portugal, so many emotions coming up, I didn't see before, I'm reacting, how I'm acting, and I think when I'm in a place where we are told we have to do like this, we are expected to do like that, we start just following the rules, and we just follow like this, without much thought, or attention to what we want, or what we feel we should do, so when you are in a place with no expectation, no, because this is what it is, you know, there is no expectations, there is no order, no boss, there is no rules to, there is rules, more about disrespect the rule, no, no, like no someone is gonna come and tell you to get out, if you don't, of course, there is a level, but, and she said, for me, this wants to allow you to flow, we really start to see our self in a different way, start to see what you [really] need, start to see what you don't need, how you behaving in so many years, so, why behaving like this, and then you allow to be, to just be. I mean allowing to be, you learn so much about yourself. I love this, a natural way. Now I'm comfortable, safe, feels to be, to just be.

AP: This is something you don't find in commercial festival?

EC: No...

AP: They go for the fun? For what?

EC: For me this place [festival Bô] are for people to escape the daily life, but casa bô is creating daily life, like this.

AP: Escape from our regular society?

EC: Yes, to express yourself. People uses drugs, alcohol, full power parties, go on fast holidays, because they need to express and feel free from this structure, and...

AP: And here?

EC: Without structure, we are free to enjoy all the time [laughs], here my life become a travel, you know? Because I create, I follow what I love and enjoy, and...

AP: Is it different from anarchism? They are not against to the society?

EC: They are just want to create a new one.

AP: Is it creation, right?

EC: Yeah, I think is not about being against, is about being together, it is not being against the rules, is about changing the rules...

AP: Connection?

EC: Connecting to understand the rules, to... because people really listen to each other, and they share a lot, there is a lot of time spending in talking, in casa bô, in meetings, and as well I get frustrated by, like we're doing something here, guys, why are we here sit and talking? You know, but the same time gives everyone a chance to express themselves and to really understand, what was underneath you know, was the essence of each rule, or each idea or each structure, or, and this is I came is very important, and we get people of the feeling they heard as well, they are part of it.

AP: What attracts to casa bô right now? This conscious? This values they have or also self-development, friendship?

EC: Me, for me, is really the family feeling, the love, the music...

AP: Do you think you can offer your skill to the casa bô, do you want maybe try to develop your knowledge doing therapies at casa bô?

EC: I already started this. I'm still in a travel, but I have a plan, when casa bô mature, the community project starts, I'm a name of the list, you know? I really wanted to be there. For me living in a city isn't so good, I am really of morning, that time, at night schedule, and casa bô house is more afternoon so, late, because they have concerts...

AP: Bohemia?

EC: This for me the city and late nights is not so good, I really love everything else about it. Yeah, for the mature of the project happen, I'm all in, you know [laughs], for sure, yeah, to be in the house, not so much. The Festival was really something I was dreaming about what to do for a long time.

AP: Bring people to the nature is a good initiative?

EC: Yeah, and the connection with the house and the nature it will be good for both. It keeps the balance, you know, and then you have this strong community, but in different location, for me is really beautiful, the possibilities...

AP: It was a great feedback, thank you.

EC: Ok [laughs]

Transcrição em Português [tradução livre do autor]

AP: Conte-me um pouco sobre seus próprios sentimentos ...

EC: Eu acho que quando seguimos nós mesmos, seguir o que nós sentimos que é verdade para a nós mesmos, temos tudo o que precisamos. Quando dizemos a nós mesmos, nós não merecemos, e blablabla, estamos fechando a porta para nós mesmos. Quando eu digo que eu não vou fazer. Ponto ...

AP: Ângelo Lopes, sobre a casa bô me disse algo nessa direção. Quando ele começou, no início, se ele não começasse, as coisas não viriam, então, ele nunca estaria pronto para começar ...

EC: É realmente isso. Quando você decidir mover em uma direção, no momento em que você precisa de uma coisa, [esta coisa] está vindo para você, como, muitas pessoas não faz alguma coisa, porque “eu não amo isto”, “eu não preciso disso”, “não preciso disso”. Nós não precisamos das coisas neste momento, sabe? Eu sempre, o que eu fiz no ano passado, o meu curso de massagem, comecei a fazer curso de cosméticos, e eu tenho a minha bicicleta, todo o processo foi assim: eu não tinha nenhum dinheiro, o curso veio a mim como este [como um clique] eu estava ok, eu queria fazer curso de massagem, e dois dias depois eu conheci um cara com um curso de massagem a começar em uma semana, e foi exatamente a quantidade de dinheiro que eu tinha, e eu estava tipo, eu vou fazê-lo. Então, mais uma vez eu não tinha dinheiro, eu comecei a fazer massagem, as pessoas me deram doações [donativo consciente], eu comecei com isso, meu cosméticos, e as pessoas me deram tantas coisas para criar, eu queria que isto [apontando para sua tenda de massagem], e no final eu tive tudo o que precisei, sabe?

Sim, realmente isso ... oh, agora eu precisei de 10 parafusos e um pouco de madeira ... Eu não tinha dinheiro, vamos ver como eu posso conseguir? Então eu perguntei a alguém, como você está? Estou à procura de parafusos, e ela perguntou: o que você precisa de mais? Pode ir dentro da garagem e pegar tudo o que você precisa, e ela veio com mais do que eu precisava. A mesma mulher que me ofereceu a casa, porque neste momento, eu estava [morando] na casa ...

AP: Você veio para Portugal em 2012, então você voltou em 2014? [Liz veio pela primeira vez em Portugal em 2012 para o BOOM Festival. Naquela época, ela ficou doente, deixou o Festival e enviou uma carta para a administração. Eles responderam-na, dando um bilhete grátis para retornar em uma próxima edição, e ela veio a Portugal novamente em 2014, e tem vivido aqui desde então].

EC Então, eu fiquei mais ou menos. Fui na última, sim, então eu fui através da criação do projeto [de massagem] , no começo do ano passado, então eu fui com o projeto para o Festival, eu conheci o meu cão nesta ocasião [ela adotou um cão perdido no Festival BOOM, que estava com ela no Festival bô], ele é tudo, para mim, muito, intenção, bem como o que veio a seguir, porque o meu cão é uma outra história de coisas que vêm, como, eu estava pedindo por isso, quando eu estava nesta casa, eu estava cuidando de cães, três cães, e eu disse: Eu realmente quero um cão para mim, mas eu nunca pensei sobre isso antes, quando saí, fui para o festival, e eu conheci meu cachorro [risos]. Conheci também o meu namorado desta vez, estávamos juntos há quase um ano, em seguida, fomos para à França, à Suíça para trabalhar, e voltamos. Nós nos conhecemos na casa bô. Conheci Ângelo ...

AP: Ele está aqui [no festival bô]?

EC: Sim, Ele está dormindo agora [era 9h30 da manhã], eu conheci Ângelo pela primeira vez no Festival, não falei com ele, ele só veio, eu estava trabalhando com ele na cozinha. Então, eu estava buscando diferentes festivais no ano passado, e Ângelo veio para a casa de banho com todo o seu corpo, grande, vermelho, com um monte de picadas, e eu disse, oh, eu tenho algo para isso, venha comigo, pulverizei, dei um pouco de creme, e "até já", e mais dois Festivais depois, com outro grupo, Ângelo estava lá, meu namorado estava lá, muitas pessoas da casa bô vieram a mim nesse momento.

AP: E agora, você está conectada à casa bô por causa das amizades que você tem?

EC: Sim, nós viajamos com o mesmo grupo que nos encontramos nos Festivais, e ficamos mais ou menos com as mesmas pessoas do mesmo grupo, depois do Festival, como, durante uma semana na natureza, cachoeiras, viajando assim, então, eu fui para o Porto, sem ideia do que fazer, eu só não tinha ideia do que fazer, eu apenas pensei que eu deveria ir para o Porto. Tipo, eu sempre tive um plano aberto, ok, vá para o Porto, e três dias depois eu cruzei meu namorado na rua, e ele, tipo assim, ah, nós estamos na casa bô, local de Ângelo, ah, eu esqueci completamente daquele lugar, eu disse, ok, eu preciso de um lugar para ficar, o tempo perfeito.

AP: A primeira vez que você veio para casa bô você veio para um concerto, ou algo mais?

EC: Não, eu o conheci na rua, ele ficou lá com um grupo de amigos que ele ia viajar com eles, então, ficamos separados por alguns dias, uma semana ou algo assim, e depois nos vimos novamente, mais uma vez na rua, Porto.

AP: Quais são os seus sentimentos sobre este Festival, o que você acha que é diferente comparando com Festivais regulares?

EC: [risos]. Para mim, há, a magia e frustração ao mesmo tempo, a casa bô para mim é a falta de organização, tipo assim, eu sou inglesa, então, o que eu faço é de uma forma muito diferente de Portugal [cultura e comportamento] e eu fico pensando como, isto precisa de regulamentação, e mais, e organização, mas ao mesmo tempo, eu realmente tento aprender na minha vida para deixar acontecer, deixar as coisas acontecendo, mas sem organização, você vê que isso acontece, nós estávamos aqui dois dias antes, e vim aqui, para cá, e não havia nada, nenhum material, nenhuma estrutura, eu ajudei a construir as estruturas, e o que gostamos, oh, e, em seguida, vêm as pessoas, em seguida, vêm os materiais, as pessoas, inspiração e tatata ... e acontece!

AP: Então, você me disse algo interessante: de alguma forma, eu me sinto da mesma maneira, porque eu venho de uma cultura que, provavelmente, tem mais gestão e organização [São Paulo, Brasil], e aqui, essa falta de organização é ruim de alguma forma, você sente que você precisa dela, mas por outro lado, te leva para outras

direções, novas concepções, novas ideias, e fazer as pessoas conectadas ... é algo natural?

EC: Sim, para mim é isto.

AP: Você acha que isso é bom para a criatividade? Para as habilidades [pessoais], para as competências de todos?

EC: Sim, eu acho que todo mundo é auto-organização, auto-gestão, auto-desenvolvimento, eu acho que isso é realmente maravilhoso para seguir o fluxo, porque quando você segue o fluxo, tipo, eu atendi alguém aqui no espaço de massagem ontem, e ela disse: uau, desde que estou aqui eu estou em Portugal, tantas emoções estão aflorando, eu não percebi antes, eu estou reagindo, do jeito que eu estou agindo, e eu acho que quando estou em um lugar onde nos é dito o que temos que fazer, algo assim, há expectativas que faremos algo desta forma, nós estaremos apenas seguindo as regras, e apenas nos basta seguir assim, sem pensar muito, ou, a atenção para o que queremos, ou, o que sentimos que devemos fazer, então, quando você está em um lugar sem nenhuma expectativa [no Festival bô], não, porque isso é o que é, você sabe, não há expectativas, não há nenhuma ordem, nenhum padrão, não há regras a seguir. Há regras, mais sobre o desrespeito de alguma regra, não, não, tipo, ninguém virá e irá dizer-lhe para sair, se você não fizer isso, é claro, há um nível, mas, e ela disse, para mim, isso permitirá a você fluir, nós realmente começamos a ver a nós mesmos de uma forma diferente, começando a ver o que você [realmente] precisa, começando a ver o que você não precisa, e como você se comporta durante tantos anos assim, por que se comportar desta maneira, e depois, você permitirá a si mesmo ser, para apenas ser. Quero dizer, permitindo a si mesmo ser, você aprende muito sobre si mesmo. Eu amo isso, uma maneira natural. Agora estou confortável, segura, sinto-me assim, para apenas ser [eu mesma].

AP: Isso é algo que você não encontra num festival comercial?

EC: Não...

AP: Eles vão pela diversão? Para quê vão?

EC: Para mim, este lugar [Festival bô], são para pessoas para escapar da vida diária, mas casa bô está criando vida diária, como isto aqui.

AP: Escapar da nossa sociedade atual?

EC: Sim, para nos expressarmos a nós mesmos. Pessoas usam drogas, álcool, festas de potência máxima, vão em férias curtas, porque eles precisam se expressar e sentirem-se livres desta estruturas, e...

AP: E aqui?

EC: Sem estrutura, nós somos livres para desfrutar o tempo todo [risos], aqui a minha vida se torna uma viagem, você sabe? Porque eu crio, eu sigo o que eu amo e eu desfruto, e...

AP: Isto é diferente do anarquismo? Eles [comunidade atraída pelo Festival bô] não são contra a sociedade?

EC: Eles estão apenas querendo criar um novo [modelo de sociedade].

AP: É criação, certo?

EC: Sim, acho que não se trata de ser contra, é sobre estarmos juntos, não é ser contra as regras, é sobre mudar as regras...

AP: Uma conexão?

EC: Conexão para compreender as regras, para ... porque as pessoas realmente ouvem umas as outras, e elas compartilham bastante, há uma grande quantidade de tempo investida na fala, na casa bô, em reuniões, por mais que às vezes eu possa me sentir frustrada, tipo, estamos fazendo alguma coisa aqui, pessoal, por que estamos aqui sentados e conversando? Você sabe, mas ao mesmo tempo dá a chance para cada um expressar a eles mesmos e realmente perceber o que possa estar acontecendo nas entrelinhas, você sabe, era a essência de cada regra, ou de cada ideia ou cada estrutura, ou, e isso que eu trouxe à tona é muito importante, e nas pessoas temos a sensação de que elas ouviram bem, pois elas são parte disso.

AP: O que a atrai na casa bô agora? Esta consciência? Estes valores que eles têm ou também o auto-desenvolvimento, amizade?

EC: Para mim, é realmente o sentimento de família, o amor, a música ...

AP: Você acha que você pode oferecer as suas habilidades para a casa bô, você gostaria talvez de tentar desenvolver o seu conhecimento fazendo terapias na casa bô?

EC: Eu já comecei isto. Eu ainda estou em uma viagem, mas um tem um plano, quando casa bô amadureceu, o projeto da comunidade começou, eu já estava na lista de colaboradores, sabe? Eu realmente queria estar lá. Para mim, viver em uma cidade não é tão bom, sou realmente uma pessoa matinal, aquele período, do horário noturno, e a casa casa bô é um mais para a noite, então, mais fim de noite, porque eles têm concertos ...

AP: Bohemia?

EC: Isso para mim, a cidade e fins de noite não é tão bom, mas eu realmente amo tudo na casa [bô]. Sim, para a maturidade do projeto acontecer, eu estou totalmente dentro, você sabe [risos], com certeza, sim, estar na casa [bô], nem tanto. O Festival foi realmente algo que eu estava sonhando em fazer há muito tempo.

AP: Trazer as pessoas para a natureza é uma boa iniciativa?

EC: Sim, e a conexão com a casa [bô] e a natureza será boa para ambos. Mantém o equilíbrio, você sabe, e então você tem esta comunidade forte, mas em um local diferente, para mim é muito bonito, essas possibilidades ...

AP: Foi um grande feedback, obrigado.

EC: ok [risos].

Entrevista transcrita 13 | Catarina Ferreira

Data de realização | 31 agosto 2016

Entrevistado, nacionalidade | Catarina Ferreira, Portugal

Entrevistador | André Príncipe

Papel na casa bô | membro família bô

Local | casa bô, Porto

Tempo de entrevista (total): 26 minutos

Gravação | áudio gravado por telemóvel, usando aplicativo *Voice Memos*, armazenado em ficheiro digital formato .m4a

André Príncipe: O quê que a casa bô representa para você?

Catarina Ferreira: Olha, é mesmo conceito de família, sabe. Eu na verdade, se tu me conhecesses um ano atrás ias perceber que estou completamente diferente, já não sou a mesma pessoa, já não sou mesmo. E eu a conheci a casa bô em setembro, e foi quando comecei a namorar com um rapaz daqui da casa e conheci-o na dança do *folk*, que até costumamos ir muito. E já tinha visto o Ângelo várias vezes e não sei o que, mas nunca tínhamos conversado.. e depois conheci o Pedro, lá no *folk*, e ele que me apresentou aqui a casa bô. Pois é aquela coisa, sabes, tu já tinha aquele bichinho cá dentro, sabias... tava bem, tava feliz, mas faltava qualquer coisa, e tinha muitos amigos, e continuo manter relação com eles, mas havia sempre aquela coisa que não sei explicar, sentia-me incompleta, e depois quando conheci aqui a casa bô, conheci as pessoas, e tu sabes que tu estas aqui e continuas a estar cá por algum motivo e não dá pra... percebes o que quero dizer com isso, que ela aquela sensação de que tu encontras a matilha, encontras o outro grupo, e esse momento foi isso, foi estar aqui, estar bem-estar em família, e sabes que se acontecer alguma coisa podes contar com essas pessoas, que essas pessoas estão aqui para ti, estas aqui para elas, e é realmente, fazemos muitas dinâmicas de grupo e, há muitas casas como essas, muitas comunidades, mas a verdade que aqui nós cultivamos mesmo as relações humanas, nós cuidados mesmo delas, nós... conheces muita gente diferente aqui, vais, na medida que vais conhecendo estas pessoas, claro que algumas são mais próximas, umas das outras, é normal, é normal que se criem sempre não é grupinhos, mas, há pessoas com quem tem mais afinidade, é natural, mas

acho que não vais encontrar aqui ninguém que se dê mal com outras pessoas.. claro que como em qualquer família, tem alguns atritos, é normal, acontece, também como no festival tive alguns atritos com algumas pessoas, pois estávamos um bocados mais estressados, mas as coisas tem que ser feitas, para estar a acontecer, que não sei o que, claro que há sempre atritos, mas é normal, somos uma família. Mas é essencialmente é isso, nós cuidamos mesmo das nossas relações, e o Ângelo nesse sentido tem um papel fundamental, ele gere mesmo todas estas energias diferentes que cá estão. E claro que de alguma forma resulta, de alguma forma conseguimos estar a conviver uns com os outros, e estar a conviver bem, estamos todos aqui pelo mesmo. Sabe, todas essas energias diferentes?

André Príncipe: E o que é o “mesmo” para você?

Catarina Ferreira: É isso, é essa consciência... ok, nós nascemos nesse século, estamos nesse tema, estamos... mas há outras vias, e podes estar a viver dentro desse sistema, no caso desta caso, estamos aqui na cidade, e temos que pagar contas, e tens que ir às Finanças, e tens que ir não sei o que, faz parte do sistema, mas apesar de tudo é esta consciência de que queremos reaproximar as pessoas, queremos que elas, que percebam, que há algo maior, do amor incondicional, do amor entre as pessoas, e que podemos nos ajudar, entre ajuda, e sei lá... como a Mirian costuma dizer, uma palavra, uma frase que costumo usar muito, que ela usou no vídeo de apresentação, que é a cultura do abraço, e é isso mesmo, nós aqui estamos sempre ver as pessoas a abraçar umas as pessoas. E as vezes basta ir mesmo, a comunicação, encontra muitos estrangeiros aqui, e as vezes não só essa parte da comunicação, a parte física, que nós aqui.. tu sentes mesmo essas sinergias, as pessoas cuidam mesmo umas das outras, não sei, é isso...

AP: E o abraço.. o que significa o abraço nessa [relação], é a comunhão, é a união?

CF: É a união, é o amor...

AP: É o compartilhar?

CF: É o compartilhar.. é todos os valores que vivemos aqui nessa casa. Mas que o abraço representa mesmo é isso. Esta casa é mesmo isso.. é a cultura do abraço. É isso que representa, todos os valores que nós temos aqui..

AP: Qual a diferença da casa bô para as outras casas, as outras associações que você já conheceu? O que tem aqui que não tem lá e vice-versa?

CF: Eu sinto que é mesmo esse trabalho das relações humanas. Nós fazemos muitas dinâmicas de grupo. Por exemplo no festival, tu estivestes presente lá, quando fizemos aquele círculo, quando fizemos aquela partilha?... No início, mesmo antes do festival começar, na noite anterior do festival...

AP: Eu cheguei no sábado...

CF: Ah, pronto, nós temos muito essa consciência..., nós estamos aqui, mas é preciso não te esquecer que é preciso trabalhar essas relações...

AP: E nas outras associações é uma relação, ela é mais o que, superficial?

CF: Não sei, claro que também tens muitas outras associações em que isso acontece, e não é dizer que a casa bô é melhor ou pior que as outras.. é diferente.. o bom é... basta o que costumo dizer às pessoas.. ainda noutro dia estava a falar com uma pessoa que estava a dizer que quase isso: minha associação é melhor que a casa bô... não acho que isso seja importante....

AP: Não é clima de competição?

CF: É isso, que isto não é competição, o importante é criamos estas coisas alternativas para as pessoas perceberem que há outras alternativas e depois o importante é conectá-las, interligá-las, e criarmos uma rede, uma rede maior e o ideal era mesmo estendermos mesmo para o mundo inteiro, não é? E acho que isso mesmo está a acontecer, acho que essa consciência está cada vez mais a despertar mais isso mesmo.

AP: A casa bô está conectada com muitas outras associações? Então isso já acontece?

CF: Sim, sim. Para com a casa Sol, acho que é assim que se chama.

AP: A Sol em Movimento?

CF: Sim, isso mesmo, a Sol em Movimento, em Braga, temos aqui outra casa também aqui pertinho, que eles ainda não estão bem a funcionar, mas..

AP: Sabes o nome?

CF: Não sei o nome.. mas acho que sei quem é que está lá assim a tempo inteiro, que é o João das Botas, é esse o nome dele no Facebook... eles também tem assim uma associação, algumas ideias, um cadinho diferente da casa bô, mas também é dentro deste... o Espaço Compasso.. claro, estamos completamente ligados.. muita gente de lá faz parte daqui da família também, e nós também ajudamos lá...

AP: Há muita sinergia?

CF: Há muita sinergia, e isso que é importante...

AP: E a Catarina tem alguma arte que você prática, que desenvolveu?

CF: Sim, eu na verdade a casa bô também me ajudou um bocado nisso. Eu vivia completamente [dentro] no Sistema. Eu trabalhava numa orquestra, e era em Amarante, já há cinco anos que trabalhava lá, estudava também, estudava música, mas lá está, as condições humanas lá eram horríveis... as pessoas na música vivem muito de egos e quando há assim, nesta área, nas orquestras e na, mesmo profissionalmente, quando somos assim profissionais, temos muitos concursos, então vive-se muita competição, mas competição não saudável, aquela competição de, eu sou o melhor, eu quero não sei o que, então as pessoas passam umas por cima das outras e efetivamente eu já passei por isso e também já tive um bocado.. nunca me identifiquei com isso, mas também entrava um bocado no jogo, e ganhei muitos concursos, ganhei prémios, quando entrei para a orquestra, também um concurso.. nós éramos trinta e tal a concorrer ao mesmo posto, eu fiquei.. é claro, tu tens que ser competitiva.. mas lá está, estado lá, estando a conviver com essas pessoas, percebendo que essas pessoas estão interessadas no umbigo delas e depois começamos vir aqui a casa bô e ter esta alternativa, e depois comesas a ir para lá outra vez e percebes, não faz sentido... não faz sentido.. então decidi largar tudo e depois comecei a viajar, fui para a Escócia, entretanto, agora voltei....

AP: Foi [viajar] para aprimorar sua arte?

CF: Não, na verdade foi mesmo, eu acho que a ida para a Escócia foi mesmo um escape, foi aquela cena: não! Vou largar tudo... e vai ser desta [forma]... foi mesmo aquela coisa de corte, radical.

AP: E você disse sobre o Sistema, que você em Amarante estava no Sistema.. Sistema você que dizer Sociedade?

CF: Sim.

AP: Sociedade padrão?

CF: Sim, foi uma coisa que eu também, que eu tenho aprendido ao longo deste tempo, cresci muito nesses meses, e em conversa com algumas pessoas.. daqui atrasado eu fiz também em Amarante, o que é engraçado, porque eu vivi em Amarante durante dois anos, e tive lá a trabalhar cinco anos, nunca mais quero meter aqui os pés [risos], nunca mais.. e agora o festival.. e agora a comunidade que por exemplo vai lá crescer, claro que é outro contexto, agora é diferente.. antes era aquela coisa que eu estava lá, sociava só na orquestra.. social mais nada, só via as pessoas da orquestra, na orquestra, agora não, agora é diferente na casa bô.

AP: E o que você fazia na orquestra?

CF: Toco flauta transversal... tocava lá flauta transversal também.. mas isso em relação a Sociedade, em conversa com uma amiga, ela fez me ter consciência disso, porque essa minha ruptura, isso de ter desistido, foi um bocado: Não, ok, quero viver à parte da Sociedade, isso para mim não faz sentido, mas em conversas e acabei por perceber que isso também não faz sentido [o fato de querer viver fora da sociedade], porque nós efetivamente nascemos neste século, nascemos no século XXI, e é como as coisas são, temos esta Sociedade, as pessoas estão a viver dentro desta Sociedade, e se queres fazer alguma mudança, se quer mudar alguma coisa, não podes querer viver à parte, tentar mudar as coisas.. isso não vai acontecer, porque aí estás a impor alguma coisa, estás a forçar alguma coisa, agora, convém realmente estares aqui dentro e conhecee, saberes como ela [Sociedade] funciona, para poder mudar. E também leva um bocado [de tempo], por exemplo, eu desisti da minha Licenciatura, e agora percebi que se calhar até faz sentido ter uma Licenciatura...

AP: E fazia Licenciatura em que?

CF: Eu estava em Música... e agora estou a pensar em outra, em Sociologia.. quero muito trabalhar com o grupo, sinto que é por aí meu caminho, quero ir principalmente com mulheres, quero muito trabalhar com mulheres, isso acho que é essencial o não viver à parte da Sociedade, porque não podes esquecer que nasceste aqui e é a realidade, o que é. Então se queres mudar alguma coisa, tens é que conhecer, tens que viver dentro dela, e aí sim consegues julgar dentro, tudo o que tu podes, tudo o que tu podes aprender com ela [Sociedade], é jogar com essas coisas para poderes conseguir fazer uma mudança, e acho que é um bocado também o que acontece aqui com a casa bô, lá está, estamos aqui na cidade, as pessoas que cá vem são pessoas que vivem na cidade, e vão percebendo que.. ó pá, ok, isto até é diferente, não sei.. é um bocado isso...

AP: A casa bô contribuiu de alguma forma para sua Criatividade na sua arte? Para tocar o instrumento [musical]? No que a casa bô pode ter contribuído para você desenvolver melhor a sua aspiração?

CF: Eu acho que simplesmente um fato de que estou aqui para poder ser quem tu és. Aqui ninguém julga ninguém. Tu és assim e as pessoas... às vezes até podem não concordar com a maneira como tu ages, ou.. mas há sempre aquela questão de abraçar as pessoas, como é que vou dizer... porque tu vais conhecer aqui, todas, lá está, nós todos somos diferentes, mas todos nós estamos aqui porque todos nos aceitamos uns aos outros. Claro que a verdade é que tu depois também vai mudando um cadinho, vais te moldando, vais percebendo que é isso... é normal, faz parte do crescimento, também estás sempre em mudança, e acho que é isso, acho que a casa bô não castra neste sentido, porque tu se fores para uma escola, se fores para um trabalho normal [mainstream], há esse tipo de consciência que tu tens que te moldar no sítio para onde tu vais.. aqui não, aqui tu não tens que te moldar no sítio para onde vais... aqui tu és quem tu és... e também dá-se também um bocado da questão da seleção natural que falamos tantas vezes... há pessoas que vem cá e que ficam porque, e há pessoas que às vezes até vem e tu pensas, o que é que essa pessoa está aqui a fazer, tu as vezes bem percebe muito bem... mas depois pensas e não, ok, ela está aqui por algum motivo, está aqui e tem vontade sempre, é porque tem que vir, então, faz aquele esforço e vais tentando, ok, lá está, é isso, é abraçar [aceitar] todas as pessoas, perceber que todas as pessoas são

diferentes, mas que o podem ser, aqui tem espaço para isso, aqui tem espaço para ser diferentes e serem quem são, e isso claro que não te castras, não é? Aqui podes ser criativo, estar à vontade e fazeres o que quer ser, ninguém quer te moldar, como acontece em muitos outros sítios...

AP: Então é um ambiente propício para a Criatividade, porque te dá liberdade?

CF: Exatamente, é isso. Tá tua liberdade para seres quem tu és...

AP: Agora a Catarina está a trabalhar aqui na sua área? Ou fora da área?

CF: Eu agora...

AP: O que você busca para você? Não estou interessado em saber sobre a sua vida pessoal, mas entender o que te motiva para o futuro. Você mais integrada com os valores da casa bô, não fez tanto sentido estar a trabalhar num grupo que você não compartilhava os mesmos valores?

CF: É assim, em relação à Música, é uma coisa que eu quero continuar a explorar sim, e continuo a explorar. Mas não da maneira que estava a fazer anteriormente. Isso era uma maneira que me castrava. Eu segui Música, porque eu tinha uma paixão muito grande. Já segui até já era, já fui tarde, já tinha 21 anos quando decidi que quero mesmo isto, que eu queri fazer profissionalmente, mas entrei para a orquestra antes... mas assim eu fiz o Secundário normal e depois comecei a seguir Música, foi tarde, e é isto, uma paixão muito grande.. é isto que quero fazer para a vida, e perebi que fiquei completamente castrada. A Criatividade era zero, criei uma relação de amor e ódio com a música e pronto, e decidi, não, não é isso.. e agora eu quero continua a explorar isso assim. Também já dei um concerto na casa bô entretanto, vou conhecendo outras pessoas aqui, vamos tocando juntos, vamos... é isso, mas nesse momento ainda estou a tentar perceber qual é o meu caminho. Claro que eu sei que esta é a minha casa, e quero continuar a dar energia para aqui, quero continuar a dar energia a esta casa, a esta associação, faz sentido para mim.. e quero fazer... quero que outras pessoas sintam que também é possível, que é possível tipo, que há muitas pessoas que tem esse bichinho dentro delas, só que também não percebem, ainda não conseguiram, ainda não conheceram a [sua] matilha os podem tocar, não conheceram... falta aquele... Não estou

bem.. mas o que é que falta... é isso, quero também chegar a essas pessoas... quero que as pessoas percebam... não quero impor nada... também não pode impor nada, mas quero dar a conhecer as pessoas uma outra alternativa, depois quem quiser, quem sentir afinidade com o projeto, quem sentir afinidade com essa forma de pensar, claro, já tem ali uma possibilidade, e acho que é muito isso que falta, é essa questão, é por isso que quero trabalhar com grupos e quero trabalhar com crianças também nas escolas, porque acontece muito isso, toca a nos mesmo pequenitos a meter aquela questão dos grupinhos, as meninas que se juntam só com meninas, e os meninos que se juntam só com meninos, a questão do bullying, do não sei o que... não se trabalha essa parte ética na escola, não se trabalha grupos, questões de grupos, e falta muito isso e é uma coisa que se trabalha aqui na casa bô, como tinha dito, e é isso que quero fazer...

AP: E porque que você disse que lá em Amarante a sua Criatividade era zero dentro da orquestra?

CF: Porque estava lá e era o que nós tocávamos era imposto, não era eu que decidia o que queria tocar...

AP: Não havia hipótese para você desenvolver seu potencial?

CF: Não, não, não de todo...

AP: E o concerto que fez aqui, como correu?

CF: Correu bem [risos], e teve aquele palco lindo e com essas pessoas aqui com a família a apoiar, e depois tiveste no concerto por exemplo do Fernando Lobo, lá em Amarante? O Fernando Lobo faz parte da família, e tu vistes que nós estávamos lá todos a dar energia, e as pessoas dão energia que nesta casa, está alguém da família, as pessoas apoiam e estão lá para dar energia.

AP: E sentiu inspiração para fazer coisas novas no seu concerto aqui?

CF: Sim, sim.

AP: Você acha que a questão do improvisado e de estar a vontade acaba contribuindo?

CF: Claro que contribui. Isso é outra questão, quando eu cheguei aqui à casa bô, as pessoas sabiam que eu tocava flauta transversal, mas nunca me viam a tocar flauta transversal, porque nós estávamos ali na fogueira e não sei o que... ah, vai buscar a tua flauta e não sei o que.. simplesmente não conseguia, não conseguia porque estava tão bloqueada de todo meu percurso, que eu estudei no conservatório, e depois na universidade.. eu tinha um professor que a maneira dele me ensinar era pressionar, e eu não havia uma única aula que eu não saísse de lá chorar. Só porque ele puxava por mim, e estava sempre a espremer-me até.... E isso criou-me um tipo de bloqueio, criou-me tantos bloqueios, que depois chegava aqui e não simplesmente não conseguia [tocar], e a verdade é que tenho a técnica toda, e tenho não sei o que.. não conseguia, estava bloqueada. E o estar aqui e depois agora já estamos a fogueira, já vou pegar minha flauta, já vou tocando, e ainda não estou, não consigo, não estou completamente liberta, mas em relação à flauta o canto já consigo estar ali e canto à vontade, porque efetivamente nunca estudei canto.

AP: Já é algo...

CF: Já é algo que estou a abrir, já estou aqui e já consigo isto, porque estou com minha família, e estou bem, e quero partilhar isso com eles, como uma coisa que eu adoro fazer que é cantar e quero partilhar isso com eles.. estamos ali na fogueira e estou a cantar, agora também já vou tocando, e é isso... partilhar também... eu acho que isso quando as pessoas mostram a arte delas era uma coisa que também eu antes.. mas lá esta, mas esta é a questão também do espelho, tu vês nos outros aquilo que tu tens em ti, e muitas vezes quando via as pessoas assim não sei o que, está mesmo a exhibir, está mesmo a não sei o que, não, não tem nada a ver com isso, e que não é isso, as pessoas estão a tocar, estamos a partilhar uns com os outros, tens as pessoas que tu adoras, que tu amas, tu queres partilhar, o que tu fazes de bem ou que sentes que fazes de bem, sentes que vem daqui de dentro, que vem do coração, queres partilhar com essas pessoas, e é por isso que tu estas ali na fogueira e me vês a cantar, porque eu quero partilhar isso com eles, mas da mesma maneira que vê as outras pessoas a tocar trompete, porque gostam efetivamente de tocar, porque são, porque querem compartilhar isso com as outras pessoas, e depois cria-se todo ali um ambiente, cria-se toda uma atmosfera de magia, de amor, e é essencialmente isso.

AP: Com um ambiente criativo também?

CF: Um ambiente criativo, claro.

AP: E a questão do voluntariado? Isso foi algo que te atraiu ou foi algo que você descobriu que você entrou aqui?

CF: Acho que nem uma coisa nem outra.. simplesmente nunca pensei nisso... numa família, estou aqui, estamos aqui todos para ajudar, nunca ninguém pensou sequer monetariamente nesse sentido de estar aqui e querer receber algo em troca, monetário, as pessoas estão aqui, fazem essas coisas porque querem, porque lá está, essa consciência de queremos despertar alguma coisa na sociedade, queremos mudar alguma coisa, da mesma forma como esta casa nos mudou a nós, e acho que não há maior troca que esta, não é? Dinheiro é só dinheiro. Isto de teres essa hipótese, agora, eu estou a feliz porque tenho isto, tenho esta casa, porque de alguma forma eu sinto me muito grata por ter tido essa consciência [coletiva] de ok, tipo aquele caminho era, não fazia sentido, é isso, isso não há melhor troca do que essa, essa troca energética [sinergias]. O monetário não interessa. É só isso.

AP: E assim, para não estender muito, você acha que.. o que a arte representa para a casa bô? As pessoas vêm.. umas vêm pela arte, umas vêm pelas conexões de umas com as outras [pessoas], mas você acha que a arte ela é uma linguagem comum a todos? É universal e isso acaba por unir mais o grupo? Uma forma de manifestação? O que você acha que a arte representa para a casa bô? E para a Sociedade?

CF: Acho que a arte em geral, não sei se posso dizê-lo assim, mas quando tu fazes ou quando estas a tentar, portanto, minha arte não é pintura, não é uma coisa que... não pinto, é mais a música, a dança, e acho que a arte em geral é conexão com algo maior, estás a conectar com tua alma, estas a conectar realmente com teu interior. Por isso é que a arte é tão importante, tu quando estás a pintar, quando estar a tocar, quando estás dançar, quando estás cantar, quando estás a fazer uma escultura, tu estás a exprimir a tu próprio, sem barreiras, sem bloqueios, e por isso é que é tão importante. Lá está, vai ao encontro do que se vive aqui, aquela questão de poder ser tu próprio, e tu quando estás a fazer uma obra de arte, o que seja, nem que seja só tocares uma musiquinha, qualquer coisa, tu estas a exprimir o que tu realmente tens, e isso é o que

é a essência também. E estes concertos, são só uma forma de chamar [aproximar] as pessoas. É claro que se calhar que seu não houvesse concertos também as pessoas não vinham cá, mas também mesmo a escolhas das bandas que cá vêm, a escolha que nem é escolha, muitas bandas se candidatam a vir cá, mesmo sendo donativo consciente, e às vezes já aconteceu em imensos concertos que as pessoas vem cá e não há praticamente público, mas os músicos saem de cá assim com o coração cheio, porque adoram o ambiente que se vive aqui, adoram estar aqui e serem bem recebidos, e terem boa comida, porque normalmente é a Olga que cozinha, e se for preciso, saem do concerto, não tiveram publico nenhum, não receberam quase dinheiro nenhum, mas depois vamos para a fogueira e estamos a fazer uma *jam session*, eles continuam a tocar e a cantar e é isso, acho que a arte é essencial nesse sentido. No sentido em que tu está a exprimir o que tu realemnte és. Está a sair da sua alma, está a sair do teu coração, por isso é tão importante aqui essa casa [casa bô].

AP: E favorece as trocas? Dá-se alguma coisa e recebe outra energia de volta?

CF: Claro que sim, completamente.

AP: Está bem, obrigadíssimo.

CF: De nada, espero que tenha ajudado de alguma forma.

AP: No festival bô, só para terminar, a última mesmo...

CF: Pode estar a vontade, que eu adoro isto, adoro falar desta casa [risos].

AP: Como você enxerga o festival bô? O que representa?

CF: O festival bô foi um sonho, acho que nem dá para contar pelos dedos as vezes que me vieram as lágrimas aos olhos com o festival. Primeiro, esta casa, este projeto, esta associação, tem um ano e três meses ou assim qualquer coisa de existência, é tipo, realmente tanto tempo, já aconteceu tanta coisa, já somos tantos, já uma família tão grande, eu tou a dizer isso e está a me arrepiar toda, é que realmente é mesmo bonito a ver o que está a acontecer e depois olhar para o Ângelo e perceber que tipo é o bebé dele, e está a crescer, e estamos ali todos com ele, e todos uns com os outros, e depois houve um momento que a mim me marcou tanto... viste aquele palco com aquela

árvore ali no meio... esse dia foi super estressante, porque nós aqui tu sabes como nós somos [sobre deixar as coisas para última hora e o tempo que vai passando] as coisas vão acontecer, e não sei o que, quando chegou o dia do festival, oh, já é o dia do festival e não tínhamos quase nada pronto e ainda faltava muita coisa para ficar pronto e eu andei sempre a correr de um lado para o outro, e quando finalmente parou, e estou assim a beira do bar [bar bô], olho para aquele palco, e vejo a meterem aquela árvore ali no meio, aquilo, é que era mesmo.. aquele palco é nossa cara, essa nossa cara, a casa bô [sobre a integração da arte com a natureza]. Vieram-me logo as lágrimas...

AP: Parecia uma comunhão com a natureza?

CF: Ahhh, é isso, a casa bô também é isso, o respeito pela natureza, de ter uma consciência ambiental e aproximação com a natureza.

AP: Obrigado.

Entrevista transcrita 14 | Alda Pena

Data de realização | 21 setembro 2016

Entrevistado, nacionalidade | Alda Pena, Portugal

Entrevistador | André Príncipe

Papel na casa bô | Pelouro da coesão social da Junta de Freguesia do Bonfim, onde localiza-se a casa bô

Local | Junta de Freguesia do Bonfim, Porto

Tempo de entrevista [total]: 20 minutos

Gravação | áudio gravado por telemóvel, usando aplicativo *Voice Memos*, armazenado em ficheiro digital formato .m4a

André Príncipe: Eu gostaria de começar perguntando para a Alda como é, o que é coesão social para o Bonfim. Quais são as questões atingidas.

Alda Pena: Sim, portanto o grande objetivo que nós temos é que as pessoas serem mais unidas possíveis, ou seja viverem juntas da melhor forma possível. Todos temos noção de uma sociedade que as pessoas têm níveis diferentes, seja académicos, seja económicos, são diferentes, mas o que se pretende é que haja uma interação entre todas as pessoas da sociedade, que elas sejam cada vez menos distantes uma das outras, muita coisa é mesmo isso. O que acontece é que nós sentimos nesse momento, na altura que fomos eleitos que já foi em 2013, já estamos há três anos no mandato, o que sentimos é que não seja um pelouro que se focasse não só nas questões relacionadas com a assistência social, sem o assistencialismo, ou seja ajudar as pessoas que tem situações limites, isso é necessário, mas irmos muito mais além, ou seja, procuramos projetos em que as pessoas tornem-se inter ajudasse uma com as outras, partilhassem coisas e que saíssem dos sítios de pobreza. Porque o que se sente é que as pessoas não saem dos sítios de pobreza porque não têm acesso a realidades diferentes daquelas que elas conheceram até aquela data. Portanto, e o pelouro tem essas duas vertentes. Tem um vertente que tem haver com a ligação direta, por exemplo a Segurança Social, todas as questões prioritárias, porque nós todos não conseguimos mudar de vida se não tivermos comida na barriga, se não uma casa condigna. Mas é mas além do que isso, ou seja, conseguir também que as pessoas procurem aquilo que as feliz, também procurem um

emprego que faça sentido, que participem de outras atividades culturais, nomeadamente que .. há muitas pessoas que sempre tiveram um dom, mas que não conseguiram desenvolver isso profissionalmente. Mas não quer dizer que não possam desenvolver isso de outras alturas de sua vida, e procurar fazer a diferença agora que estão em fases novas da vida. E portanto, o pelouro acaba por ser muito abrangente porque toca nisto tudo, e pronto, apesar de termos os pelouros mais ou menos definidos, portanto trabalhamos em equipa, e pronto, o pelouro da coesão social acaba por tocar no pelouro da educação, no da cultura, no da formação e emprego, porque é impossível dissociar uma coisa da outra. Mas acabar por tocar todos uns nos outros. Pronto, mas vamos trabalhando em conjunto mas temos que também ter um foco, e portanto assumimos que esta organização era a melhor para a população.

André Príncipe: E quais são as principais dificuldades e desafios que a coesão social tem aqui no Bonfim?

Alda Pena: Para mim o principal desafio é realmente as pessoas terem noção das suas potencialidades, ou seja, o que nós sentimos é que é possível fazer intervenção familiar, quase personalizada porque é semana a semana, por exemplo, um projeto que nós fazemos, e o projeto vai sentindo que as pessoas já desistiram um pouco de sair da situação de onde estão, portanto assumiram aquilo como definitivo e não percebem muito bem o potencial que têm em si. E eu acho que este é o grande desafio, é conseguir envolver as pessoas de tal maneira que elas percebam que a vida delas pode ser melhor do que é. Portanto e eu falo isso, as vezes nós fazemos aqui algumas sessões de desenvolvimento pessoal, ligadas a situação do emprego porque isso é importante, porque ninguém consegue encontrar emprego se não sentir que tem um potencial em si. Portanto é um processo difícil, portanto é preciso muito tempo, e pronto eu adorava que fossem todas muito mais rápidas, mas pronto é o tempo de cada um, e temos que ir aceitando isso. Mas esse é o verdadeiro desafio, é sair, é aceitar os desafios da vida e sair da zona de conforto. Que as pessoas encontraram ali uma zona, aquilo é assim e vai ser sempre assim. Não tem que ser assim, cada um, nós mandamos na sua própria vida, não é? E as pessoas as vezes não assumem isso, acham que é o destino, portanto...

APR: Então pelo o que eu entendi é provocar mudança, é sair do status quo.

APE: É, é isso, é exatamente isso.

APR: E ...

APE: E todos nós temos potenciais incríveis em nós. Só que pela nossa história de vida, ou que pelo o nosso professor foi nos transmitindo, nós criamos um conjunto de crença que não somos capazes, isso difícil, processo de mudança de potencial de cada é complexo.

APR: E como que a Alda vê a casa bô nesse processo de coesão social?

APE: Faz todo o sentido até nessa questão que estou aqui a partilhar consigo, que é, pronto... Na altura quando eu falei com o Ângelo, em que eu percebi que a coisa, a ideia do Ângelo, e todos os outros elementos da equipa foi uma questão, ou seja o que ele se propunha a fazer era esta questão do potencial e da mudança, em que há coisas muito boas, e que as vezes nós olhamos mais para o aspeto negativo da nossa vida do que os positivos, tem haver com nós fazermos alguma coisa que gostamos muito, pronto, e a cultura pode trazer isso. No caso deles, eles falavam da cultura em geral aberta, ou seja, cada um podia pertencer ao que quisesse, não é alguma coisa restrita. Geralmente as associações, as ONGB, fizeram organizações que trabalham na área social são muito mais distantes, ou seja, muito mais fixadas só numa coisa ou é isto, ou não cabe aqui. Ele não, sentia-se uma recetividade muito grande para aquilo que a pessoas quisesse desenvolver, portanto abriu uma abertura muito grande para o projeto quase individual. E isso tem um potencial incrível porque não fecha a porta a ninguém, não é... abre. E portanto cria variabilidade e isso é ótimo. Interação entre vários agentes diferentes, dinamizar até a própria rua que estava muito morta, a rua do Bonfim. E falamos muitas vezes das questões intergeracionais, o aproveitamento aquilo que os mais velhos têm de bom para os mais novos também absorverem, a relação com a escola, porque está ali localizada num sítio que é muito dinâmico, não é. E tem o centro da Junta e o próprio centro da cidade, portanto tem ali escola perto, tem ali a paróquia que muitas pessoas idosas frequentam, portanto pode ser perfeitamente um dinamizador dessas relações.

APR: E quais as interações que acontecem entre a casa bô e a Junta do Bonfim? Existem sinergias, projetos em conjunto? Como o Bonfim consegue potencializar a finalidade da casa bô enquanto associação cultural?

APE: Portanto, o que nós fazemos é a casa bô, ambos os pelouros, portanto pelouro da coesão social, pelouro da educação, cultura e lazer nós podemos, eu tenho uma punição social de freguesia que uma vez por mês reuno com as entidades sociais da freguesia, e que fazem um trabalho social na freguesia, e trabalhamos em conjunto. E o José Soares também tem o pelouro dele, ele não chama Comissão, se chama Conselho Cultural, portanto são duas designações, é quase a mesma dinâmica, mas tem designações diferentes. Pronto, o que que ele faz, ele consulta os agentes culturais da freguesia para perceber que caminho que querem seguir em conjunto. E preparar as festividades, os eventos sociais, as atividades culturais. E no meu caso, nós fazemos maior reflexão sobre os problemas sociais da freguesia e como é que é em conjunto as 20 entidades, 25 entidades, podemos potenciar nosso trabalho juntos. Portanto, a relação começou assim, e a relação é mensal, portanto é uma relação de proximidade. E depois, além desta relação que temos, eles sabem perfeitamente que sempre que tem um projeto que acham que nós podemos ser úteis, e podemos colaborar nós somos recetivos a ouví-los. Portanto sempre que eles acham que há qualquer coisa que podemos potenciar alguma coisa consultam-nos. E por isso há sempre uma relação de proximidade, por exemplo agora no festival eu sei que teve pessoas a acompanhar o desenvolvimento do festival, o quando foi algumas questões relacionadas com escola, e com miúdos que tinham lá uma dificuldade para os projetos que eles queriam desenvolver nessa área abordaram comigo. Portanto há uma interação natural, não é nada fixo, a não ser reuniões que são mensais e conversamos todos, mas sempre que exista alguma coisa que eles acham que nós podemos ajudar, ajudamos. E nós fazemos publicidade da casa bô também, no site, no Facebook, porque achamos que é um projeto que é muito interessante para os bonfinense, portanto também gostamos que todos tenham reconhecimento de todos os esses sentidos que eles desenvolvem para haver a maior participação possível do público. E nós também fazemos sinalizações de que no gabinete de apoio social são coisas mais pessoais, não é..., temos que ter alguns cuidados, mas quando há uma pessoa que tem o perfil certo para inteirar alguns projetos deles, também encaminhamos para lá, e fazemos aí uma ponte mais direta, não é tanto divulgação, mas aí sim é uma sinalização já mais orientada.

APR: E a Junta do Bonfim tem ideia de quais são as dificuldades e limitações da casa bô, para o atendimento das finalidades?

APE: Pronto, eu não sei se temos. Tenho a minha perspetiva sobre o assunto, não sei se é realista ou não, espero que seja. Pronto, o que senti na altura, o que sentimos foi que havia alguns condicionantes financeiras para os projetos se desenvolverem, apesar deles realmente terem conseguido alguns subsídios para melhorar a casa, e a casa já está muito melhor do que a primeira vez que eu a vi, não é. Porque eles têm tido esse cuidado reconstruindo a casa aos pouquinhos, conforme vão angariando também o dinheiro para os projetos. E claro que o projeto, se calhar... Há duas formas de ver as coisas, é verdade que se calhar, se tivesse mais dinheiro, mais apoio financeiro conseguiriam disputar as coisas mais rapidamente. Mas também é verdade que as vezes o dinheiro atrapalha, porque o dinheiro, havendo muito dinheiro, as vezes é .. não haver o dinheiro provoca uma união muito grande entre as pessoas para atingir os seus objetivos. E portanto esse é um caminho muito interessante, ou seja, o melhor é o equilíbrio digamos, ou seja não ter pouco dinheiro, mas não ter dinheiro em demasia porque senão todo o processo que eles estão desenvolver ao longo do tempo, não era certamente igual. Porque se promove uma riqueza muito grande, de facto eles têm imensos voluntários, pessoas que veem interessados no projeto também tem haver com aquilo que é dar o nosso melhor. O mais importante o que nós temos, e apesar que quando há muito dinheiro fazes coisas muito grandes, mas não se consegues desenvolver esse espírito de grupo, e de união que eles conseguiram desenvolver até por causa da falta de recursos financeiros. É claro, que o percebo que acaba até por estar em insegurança, e pronto, para promover aqui algumas, eles precisavam de mais dinheiro, mais pronto, eu acho que é um projeto muito interessante, e o que eu tenho falado com eles, é que existem também alguns quadros comunitários, que seria importante eles terem consideração para nem que fosse potenciar a casa. E depois todo o resto eles irem construindo conforme eles vão sentindo que o caminho deles, porque as vezes a gente quer acelerar o caminho, mas depois o caminho não é igual se for muito acelerado.

APR: E esses quadros são do Portugal 2020 ou alguma outra iniciativa?

APE: Sim, sim. Também a uma outros financiamentos privados com a casa bô pode concorrer, a EDP, a Gulbenkian, portanto há várias entidades em Portugal que tem apostado no empreendedorismo social. As vezes o problema desses financiamentos é que são critérios muito específicos e depois quando surgem esses projetos que muito

interessantes, mas não se enquadram nos critérios e é pena. Se houvesse maior abertura, as vezes nesses financiamentos seria mais fácil. Mas também percebo que tem haver... nos próprios financiamentos tem que haver temáticas prioritárias e portanto, as vezes não pode ser vamos ouvir todos e ver...

APR: Os critérios acabam por ser rigorosos e acaba sendo um desafio conseguir... efetivamente apoio.

APE: Claro.

APR: E em relação a reabilitação urbana, a Alda tem uma ideia do número das habitações devolutas aqui do Bonfim.

APE: 2000.

APR: São 2000. E o número total de habitações tem uma ideia?

APE: Não, mas consigo ter alguns dados, depois no fim vemos.

APR: É bom para saber...

APE: Se calhar, até consigo... Pode ser no fim?

APR: Não se preocupe.

APE: Pode ser no fim.

APR: É, é só.

APE: As 2000 eu sei pois nós temos um projeto Habitar, que é rede de atendimento aos senhorios em que o que nós queremos promover é a reabilitação urbana, ou seja o que nós gostaríamos que acontece assim, a ideia utópica era que não houvesse 2000 casas devolutas todas casas estivessem ocupadas fosse através de negócio porque isso é importante para a economia local, e para o emprego, fosse através de habitações, pronto. Então o programa habitar o que faz é explicar aos senhorios, numa rede de atendimento que formas de atendimento existem para fazerem a reabilitação do seu edifício. E existem alguns mais vocacionados para pessoas com capacidade financeira mais elevadas, e uns mais vocacionados para senhorios com menos capacidade de

investimento. Especificamente existe um bureau em que chama-se habitar para arrendar que temos interesse em promover, porque no gabinete de apoio social, todos dias há pessoas que vivem em casas muito mal, e que não podem ir para casas melhores porque as rendas são muito altas e o orçamento familiar não consegue suportar o valor, há lugares que não dá tem 600 euros de rendimento e não podem ter uma renda de 400 euros. Portanto também nos interessa promover o arrendamento acessível, no Porto o que acaba por acontecer, é que existe as rendas camarais, que são valores muito simbólicos, ou seja são casas sociais da câmara, e depois existe as casas do arrendamento imobiliário. E no meio destas duas ideias existe um grande fosso, que é que não existem rendas a valores suportáveis para os arrendes.

APR: A Alda tem conhecimento do contrato que existe entre o senhorio particular e a casa bô?

APE: Tenho, tenho, tenho. Esse também foi uma dinâmica que o próprio Habitar também já promoveu, ou seja, o projeto Habitar tem um edifício que tem exatamente na mesma fórmula que a casa bô, na avenida Rodrigues de Freitas, em que o senhorio cedeu um piso, e eles consignados para a reabilitação do edifício desse piso, portanto essa dinâmica começou a ser criada aqui e tem sido cada vez evidente, porque a senhores que se apercebem perfeitamente que entre não ter, ter casa a degradar-se, ou ter lá alguém a viver que lhes reabilita é melhor, do que ter a casa em degradação constante. Agora nem todos os senhorios tem essa sensibilidade, portanto isso não é uma coisa exponencial, agora o que se pode fazer é criar por exemplo, o Habitar também tem essa condição, criar pequenas cooperativas, ou seja quatro pessoas que querem arrendar um edifício, e todos participarem de sua reabilitação. Portanto, esse sistema é muito mais simples, do que uma pessoa inteira reabilitar uma casa antiga do Porto, uma casa antiga do Porto é um custo imenso de reabilitação, se forem quatro empregados por familiares a trabalhar na mesma, é um sistema de cooperativas.

APR: Eu acredito que já existe um projeto desses a casa Rés-da-rua é um projeto nesse estilo que famílias se juntaram para adquirir um prédio e moram, e abrem para a comunidade nos finais de semana para atividades culturais. E há outras associações culturais no Bonfim com dinâmicas parecidas do que a casa bô, ou tem dinâmicas diferentes?

APE: As culturais eu não sei, não tenho tanto conhecimento como eu tenho das sociais. Mas do que eu conheço, sei que por exemplo a praça da Alegria tem algumas pessoas que desenvolvem assim dinâmicas idênticas, até muito ligadas ali a Faculdade de Belas Artes, e até penso que quem dinamizam são até ex-alunos, portanto da Faculdade de Belas Artes, que tem um dinâmica que vem ser muito interessante de abertura à comunidade, do trabalho até com a rua de São Vitor. Portanto, mas ...

APR: Não é tão comum que uma associação cultural assuma o papel também de solidariedade social como a casa bô tem feito?

APE: Não, eu acho que não, porque a realidade é que até pouco tempo a cultura estava associada à elite. Portanto, e isso que nós falamos de conversarmos com as pessoas, até com as pessoas que nós lidamos diariamente, o que acontece é que nós percebemos que elas não se sentem confortáveis, por exemplo visitar um museu, porque nunca fizeram isso, se calhar... E portanto por ser um obra de arte qualquer, um quadro, portanto... Alguns até gostam mas é o estigma social, não é... Ou isso não é para nós, é para sempre pessoas, para a elite. Portanto temos aqui que criar um dinâmica que a cultura é nossa, é de todos, toda a gente pode entrar na Casa da Música, toda a gente pode visitar o Museu Soares Reis, toda a gente pode fazer escultura, toda a gente pode fazer pintura, não há uma elite que tenha acesso a isso, e o resto da população não. Portanto e até com esse intuito, nós temos na avenida Fernão de Magalhães que era da Câmara e da Junta, que será a Casa das Artes do Bonfim, e o objetivo é mesmo é abrir a arte e a cultura à população toda que gosta e queira participar nela. Para deixar de ser uma coisa para um determinado nível de pessoas e não para a comunidade geral.

APR: Tem alguma consideração que a Alda queria fazer em relação a ...

APE: A única coisa em relação a casa bô é que na altura em que o Ângelo andava a procura da casa, eu já tinha falado, não era aqui na rua do Bonfim, ele andava a procura de uma parceria assim, e o que eu sempre disse foi: que seja no Bonfim Ângelo, e foi no Bonfim. Foi pela ideia que ele já trazia [risos].

APR: Vejo também que a Alda também trás felicidade para a Alda a presença da casa bô aqui, e na comunidade.

APE: Claro que sim. Se for noutro sítio qualquer, vou na mesma para o Porto, mas que seja no Bonfim. Para que realmente a Junta por si só, sozinha não consegue chegar a níveis que pretende chegar. Sozinha é impossível. Portanto nós só com uma rede forte de agentes sociais e culturais é que podemos potenciar o trabalho todo que fazemos, portanto quanto mais gente boa tivermos por aqui, mais fácil é potenciar todo o trabalho que é desenvolvido aqui e unir esforços em conjunto.

APR: Que bom, perfeito. Muitíssimo obrigado.

APE: De nada.

Apêndice 3 - Entrevistas por escrito

Lista das entrevistas por escrito:

Nº.	Data recebimento	Entrevistados ⁸	Nacionalidade	Papel na casa bô
1	07 setembro	Elie Humy	Estados Unidos	Público no concerto Felipe Antunes e Hélio Flanders
2	09 setembro	Elena Mihajlovska	Macedónia	Público no concerto Felipe Antunes e Hélio Flanders
3	14 setembro	Marta Fernandes	Portugal	Público no concerto Felipe Antunes e Hélio Flanders
4	19 setembro	José Soares	Portugal	Pelouro da Educação, Cultura e Lazer da Junta da Freguesia do Bonfim
5	24 setembro	Maurício Umann	Brasil	Dinamizador voluntário na casa bô e no Festival bô

⁸ Para além dos listados nesta tabela foram contactados outros participantes descritos abaixo dos quais não obteve-se resposta para as perguntas enviadas até a data de entrega da dissertação. Segue o nome, nacionalidade e o papel com a casa bô:

- Hélio Flanders, Brasil, músico de concerto na casa bô.
- Felipe Antunes, Brasil, músico de concerto na casa bô.
- Fernando Lobo, Brasil músico do concerto no Festival bô.
- Isabel Ferreira, Portugal, da Junta da Freguesia do Bonfim.
- Bernardido Rodrigues, Portugal, da Junta da Freguesia do Bonfim.

Entrevista por escrito 1 | Elie Humy

Data da resposta | 07 setembro 2016

Entrevistado, nacionalidade | Elie Humy, Estados Unidos

Entrevistador | André Príncipe

Papel na casa bô | visitante pela primeira vez na casa bô

Forma de resposta | E-mail

André Príncipe: Where are you from? Where do you live (country/city)?

Elie Humy: New York, New York, USA.

André Príncipe: Was it your first time in Portugal? And Porto?

Elie Humy: Yes and yes.

AP: What was the purpose of your trip? How long did you in Porto and in Portugal?

EH: The purpose of the trip was leisure and to experience a new culture. I spent 10 days in Portugal and 3 days in Porto.

AP: How did you know about casa bô?

EH: I found out about Casa Bo by searching on Google for events in Porto. It brought me to the website Viralagenda.com which had the listing of the show.

AP: What motivation had driven you there?

EH: I was looking for live music and a unique experience.

AP: Did you have any expectations about how could be the casa bô?

EH: I had no previous information about Casa Bo so I did not know what to expect. The event was favored on Viralagenda.com so I presumed it would be good.

AP: How were your feelings about casa bô?

EH: My feelings are very positive. I was greeted right away when I walked in and given a tour of the venue. The concert felt very intimate because everyone was seated close together, including the performers.

AP: What did you like mostly and least about casa bô and the concert?

EH: I liked that the beer was cheap. I liked least that I had to sit on the floor.

AP: Did you have any similar experience in other place? If yes, what kind of? Cultural Association as well?

EH: No.

AP: Was worth it going to the concert and to casa bô? Would you return another time?

EH: It was 100% worth going. I would return again!

AP: In your opinion what are the positive and negatives points that consider about going to an event to casa bô? (transportation, price, touristic spot, leisure activity, etc.)

EH: The positives are that it is easy to get to by public transportation and not far from the center. Another positive is the fire pit in the backyard. It was nice to relax there and arranged so it was easy to meet new people. One negative was that there was no sign outside. I initially almost left because I could not find it. I went across the street to the hostel to ask them if such a place existed. They confirmed it was across the street and only after that did I enter the building.

AP: Do you authorize the use of this survey for the thesis purpose?

EH: Yes.

Respostas em Português [tradução livre do autor]

André Principe: De onde você é? Onde você vive (país/cidade)?

Elie Humy: Nova Iorque, Nova Iorque, Estados Unidos.

André Principe: Foi sua primeira viagem à Portugal? E ao Porto?

Elie Humy: Sim e sim.

AP: Qual foi o propósito da viagem? Quanto tempo você permaneceu no Porto e em Portugal?

EH: O propósito da viagem foi lazer e conhecer uma nova cultura. Eu passei 10 dias em Portugal e 3 dias no Porto.

AP: Como você soube da casa bô?

EH: Eu encontrei a casa bô pesquisando no Google por eventos no Porto. Ele me levou ao site viralagenda.com, o qual tinha o anúncio do concerto.

AP: Qual motivação a levou para lá?

EH: Eu estava a procurar por música ao vivo e uma experiência única.

AP: Você tinha alguma expectativa sobre como poderia ser a casa bô?

EH: Eu não tinha informação anterior sobre a casa bô, então eu não sabia o que esperar. O evento estava recomendado pelo viralagenda.com, então eu presumi que seria bom.

AP: Quais as suas impressões sobre a casa bô?

EH: Minhas impressões são muito positivas. Quando eu entrei fui imediatamente recebido muito bem e me levaram a um passeio no local. O concerto foi muito intimista, pois todos estavam sentados próximos um do outro, incluindo os artistas.

AP: O que você mais gostou e menos gostou sobre a casa bô e o concerto?

EH: Eu gostei que a cerveja era barata. Eu gostei menos foi que eu tive que sentar no chão.

AP: Você teve experiência semelhante em outros lugares? Se sim, que tipo? associação cultural também?

EH: Não.

AP: Valeu a pena ir ao concerto na casa bô? Você voltaria outra vez?

EH: Valeu a pena ir 100%. Gostaria de voltar novamente.

AP: Na sua opinião, o que considera como os pontos positivos e negativos sobre ir para um evento na casa bô? (transporte, custo monetário, ponto turístico, atividade de lazer, etc.)

EH: Outro ponto positivo é a fogueira no jardim. Foi bom para relaxar e se acomodar lá, e por isso foi fácil para conhecer novas pessoas. Um ponto negativo foi que não havia nenhum sinal exterior (a casa bô). Inicialmente, eu quase à esquerda porque eu não poderia encontrá-lo. Fui em frente ao albergue para perguntar-lhes se tal lugar existiu. Eles confirmaram que era do outro lado da rua e só depois é que eu entrei no edifício.

12) Você autoriza o uso deste questionário para o propósito da dissertação de mestrado?

EH: Sim.

Entrevista por escrito 2 | Elena Mihajlovska

Data da resposta | 09 setembro 2016

Entrevistado, nacionalidade | Elena Mihajlovska, Macedónia

Entrevistador | André Príncipe

Papel na casa bô | visitante pela primeira vez na casa bô

Forma de resposta | Messenger da rede social Facebook

André Príncipe: Where are you from? Where do you live (country/city)?

Elena Mihajlovska: I am originally from Bitola, Macedónia but I've lived in NYC for the past 3 years.

André Príncipe: Was it your first time in Portugal? And Porto?

Elena Mihajlovska: It was my first time in Porto, but second time in Portugal (I was in Lisbon last year).

AP: What was the purpose of your trip? How long did you in Porto and in Portugal?

EM: The purpose of the travel was for pleasure, my boyfriend and I have been traveling the area (France and Spain) for a month.

AP: How did you know about casa bô?

EM: My boyfriend Elie was the one that found out about the event online. He will provide you with the website.

AP: What motivation had driven you there?

EM: We were looking for things to do in Porto and that event came up.

AP: Did you have any expectations about how could be the casa bô?

EM: No expectations at all. We actually had hard time even finding the bar. We almost gave up.

AP: How were your feelings about casa bô?

EM: It was a great experience!

AP: What did you like mostly and least about casa bô and the concert?

EM: I liked te music and the atmosphere the most (very homy and chilled) and maybe the seating the least 😊.

AP: Did you have any similar experience in other place? If yes, what kind of? Cultural Association as well?

EM: I've been to some similar concerts in New York City, they were also organized by small communities.

AP: Was worth it going to the concert and to casa bô? Would you return another time?

EM: Definitely worth it and I would return anytime.

AP: In your opinion what are the positive and negatives points that consider about going to an event to casa bô? (transportation, price, touristic spot, leisure activity, etc.)

EM: Positive are definitely the people that go there, very friendly and open. Also you get to hear musicians that are not too popular but usually good. Don't really have negative points in my opinion.

AP: Do you authorize the use of this survey for the thesis purpose?

EM: Yes I do.

Respostas em Português [tradução livre do autor]

André Principe: De onde você é? Onde você vive (país/cidade)?

Elena Mihajlovska: Originalmente eu sou de Bitola, Macedónia, mas eu vivo na cidade de Nova Iorque, eu tenho vivido em Nova Iorque nos últimos 3 anos.

André Principe: Foi sua primeira viagem à Portugal? E ao Porto?

Elena Mihajlovska: Minha primeira viagem ao Porto, mas a segunda vez em Portugal (eu estive em Lisboa no ano passado).

AP: Qual foi o propósito da viagem? Quanto tempo você permaneceu no Porto e em Portugal?

EM: O propósito da viagem foi lazer, meu namorado e eu estivemos viajando nesta area (França e Espanha) por um mês.

AP: Como você soube da casa bô?

EM: Meu namorado Elie foi quem encontrou sobre o evento online. Ele irá dizer-lhe o website para você.

AP: Qual motivação a levou para lá?

EM: Nós estávamos à procura de coisas para fazer no Porto e o evento veio a calhar.

AP: Você tinha alguma expectativa sobre como poderia ser a casa bô?

EM: Nenhum expectativa. Na verdade, nós tivemos dificuldade em encontrar o bar. Nós quase desistimos.

AP: Quais as suas impressões sobre a casa bô?

EM: Foi uma grande experiência!

AP: O que você mais gostou e menos gostou sobre a casa bô e o concerto?

EM: O que eu mais gostei foi da música e da atmosfera (muito aconchegante e fixe) e talvez o que de menos gostei é o assento 😊.

AP: Você teve experiência semelhante em outros lugares? Se sim, que tipo? associação cultural também?

EM: Eu estive em concertos similares na cidade de Nova Iorque, que também foram organizados por pequenas comunidades.

AP: Valeu a pena ir ao concerto na casa bô? Você voltaria outra vez?

EM: Definitivamente valeu a pena e eu voltaria a qualquer hora.

AP: Na sua opinião, o que considera como os pontos positivos e negativos sobre ir para um evento na casa bô? (transporte, custo monetário, ponto turístico, atividade de lazer, etc.).

EM: Definitivamente o positivo são as pessoas que vão lá, muito amigáveis e receptivas. Além disso, você pode ouvir os músicos que não são muito populares, entretanto geralmente são bons. Na minha opinião eu realmente não tem pontos negativos.

AP: Você autoriza o uso deste questionário para o propósito da dissertação de mestrado?

EM: Sim, eu autorizo.

Entrevista por escrito 3 | Marta Fernandes

Data da resposta | 09 setembro 2016

Entrevistado, nacionalidade | Marta Fernandes, Portugal

Papel na casa bô | público frequentador e agente criativo (fez portefólio de fotografia) da casa bô.

Forma de resposta | E-mail

André Príncipe: Qual a sua formação académica e ocupação profissional?

Marta Fernandes: Até agora tenho o 12º ano e estou no segundo ano da licenciatura de Criatividade e Inovação Empresarial no ISCAP. Tenho um part-time como fotógrafa freelancer, negócio esse que iniciei sozinha e que ainda tem muitas arestas para limar.

André Príncipe: Como teve contato com a casa bô?

Marta Fernandes: A Casa Bô foi-me falada pela minha irmã que a frequentou através dos amigos dela amantes do teatro e da poesia e também através do Diogo Costa Leal para quem fiz 4 a 5 reportagens fotográficas do seu evento mensal chamado "Um Poeta para Con-versar".

AP: Com que frequência visita a casa bô?

MF: Acho que ainda só fui umas duas vezes à Casa Bô. Uma delas fui para ver como era e a outra fui trabalhar. No entanto gosto bastante do espaço e gostaria de ir mais vezes, sem dúvida!

AP: Como surgiu a ideia de fotografar o evento da noite de poesia? Qual foi a intenção? Por hobby, Portefólio?

MF: Assim que vi a Casa Bô quis fotografar o espaço e os eventos, mas não tinha a câmara comigo. Como já conhecia o Vitor de um dos eventos mensais do poeta para conversar ele enviou-me um mail a perguntar se eu não me importava de fotografar e eu fui. Tinha saudades de fotografar eventos naquela altura e também me pareceu uma oportunidade para ter mais fotografias de portefólio. A noite de poesia foi bastante agradável e todos pareceram gostar imenso, tanto quanto eu! Eu disse que ia fotografar

de graça dessa vez e quando cheguei à Casa Bô o Vitor disse que dependendo do dinheiro que fizessem naquela noite ele pagaria-me alguma coisa. Obviamente que não me opus porque quem é fotógrafo sabe todo o trabalho que dá. Eu tiro fotos em modo manual, nada em automático e ainda trabalho as fotos no Lightroom. Não no photoshop porque eu não gosto de alterar a realidade. Um evento daqueles dá cerca de 8 horas de trabalho no mínimo!

AP: Qual é a sua relação com a casa bô hoje?

MF: A minha relação com a Casa Bô hoje é de carinho e respeito que por lá trabalham e saudades agora que estou noutro país. São todos bastante acolhedores e lutam por uma causa muito nobre.

AP: Quais as motivações que te fazem frequentar a casa bô?

MF: As minhas motivações são sobretudo o convívio. Gosto de conhecer pessoas novas e de outras realidades e a Casa Bô é uma boa casa para isso mesmo, encontram-se bastante estrangeiros lá também, com outras culturas, outras formas de pensar e é interessante partilhar as ideias e ver as diferenças.

AP: Costuma visitar outras Associações culturais? Se sim, quais? Consegue perceber semelhanças e diferenças entre a casa bô e as demais?

MF: Visito também a Porto D'artes, mas mais uma vez visitei em trabalho. Associações... não sei. Faço voluntariado sempre que posso. Como banco alimentar, por exemplo.

AP: Tem intenção de fazer alguma exposição seu trabalho? Considera a casa bô como uma opção? Por quê?

MF: Sim, sempre quis fazer uma exposição do meu trabalho. O problema é que eu duvido muito de mim então penso sempre que não tenho material suficiente para mostrar ou então que nada do que tenho é bom. Mas escolheria a Casa Bô para o fazer, sem dúvida. Seria uma maneira de chamar mais pessoas a conhecer a Casa Bô e a interessar-se pelo projecto deles assim como dar a conhecer o meu trabalho a quem frequenta assiduamente a casa. Uma mão ajuda a outra.

AP: Quais foram suas impressões iniciais sobre a casa bô? Qual é sua impressão atual?

MF: A minha primeira impressão foi que o sítio é muito fechado e não dá para perceber bem do que se trata, no entanto a descrição de um sítio parecendo um segredo pode ser apelativo para muita gente. Reparei que a casa precisa de muitas obras, urgentemente. Numa segunda impressão dá para ver que o que mantém a Casa Bô em pé é o amor partilhado pelas pessoas que frequentam a casa e a enchem de música, poesia e arte.

AP: Conhece a missão e os objetivos da casa bô?

MF: Sei que a Casa Bô tem como missão ajudar a construir casas em Amarante para famílias desalojadas. Objectivos sinceramente não sei mas deve ser algo angariar os fundos monetários e humanitários para que o objetivo seja cumprido.

AP: O que mais gosta e menos gosta na casa bô?

MF: O que mais gosto na Casa Bô é sem dúvida as pessoas! O que menos gosto na Casa Bô são as infraestruturas do espaço que precisa de uma remodelação. Mas ainda assim quem dá o que tem a mais não é obrigado!

AP: Na sua opinião, quais as vantagens e desvantagens para um artista expor numa associação como a casa bô ao invés de outro sítio?

MF: Ao expor o meu trabalho numa associação como a Casa Bô acho que seria uma ajuda mútua, tanto para eles, como para mim. Eu dou a conhecer o espaço a pessoas que não conhecem e as pessoas que conhecem o espaço ficam a conhecer o meu trabalho. Embora haja aqueles sítios próprios para expor obras como o instituto de fotografia português ou o fórum da maia, por exemplo, não creio que fosse o mesmo. Na Casa Bô temos a comida, a música, a poesia... E se por cima disso puder pôr fotografias que agradem aos olhos das outras pessoas porque não?

AP: Tem algumas considerações finais que queira partilhar que não foram levantadas no questionário?

MF: Não.

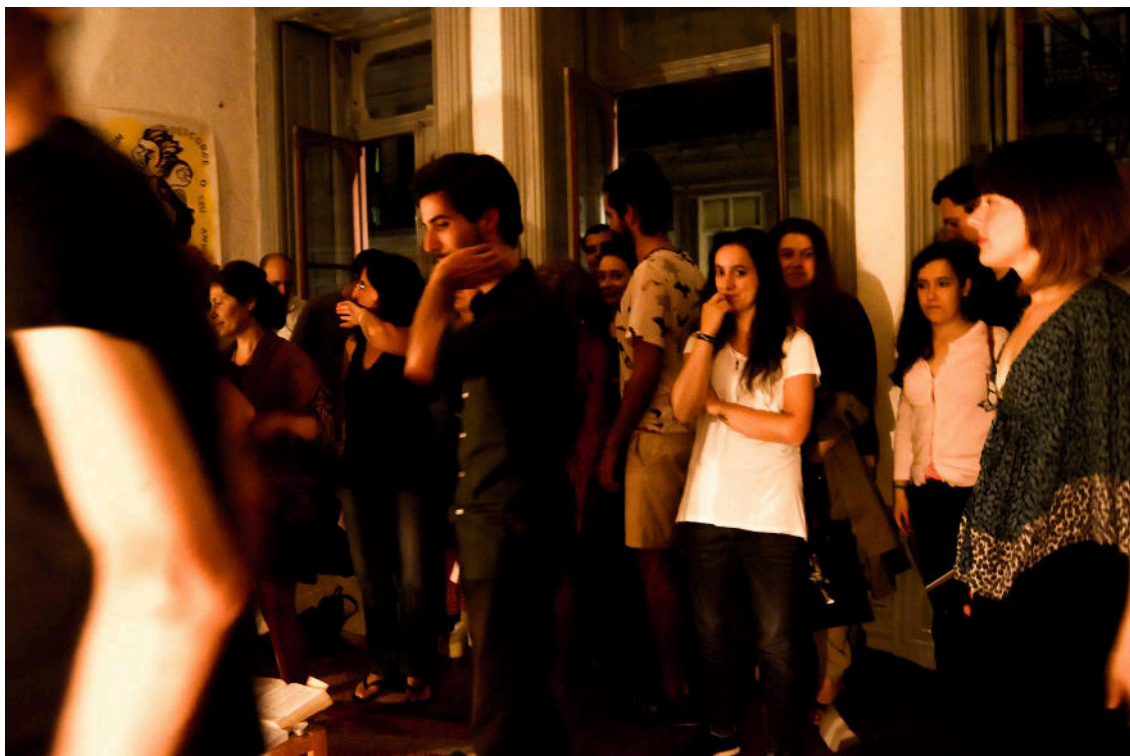
AP: Autoriza o uso deste questionário para a tese de Mestrado sobre a casa bô?

MF: Sim.

Fotos realizadas pela fotógrafa Marta Fernandes durante o evento de aniversário da noite de poesia na casa bô, em 27 julho 2016.



Figuras: evento aniversário noite de poesia, casa bô. 2016. Foto © Marta Fernandes.



Figuras: evento aniversário noite de poesia, casa bô. 2016. Foto © Marta Fernandes.



Figuras: evento aniversário noite de poesia, casa bô. 2016. Foto © Marta Fernandes.

Entrevista por escrito 4 | José Soares

Data da resposta | 19 setembro 2016

Entrevistado, nacionalidade | José Soares, Português

Papel na casa bô | Pelouro da Educação, Cultura e Lazer da Junta da Freguesia do Bonfim, Portugal

Forma de resposta | E-mail

André Principe: Quais são as relações existentes entre a associação cultural casa bô e a Junta de Freguesia do Bonfim?

José Soares: As relações existentes são positivas tirando ambas as instituições partido das mesmas.

André Principe: Há alguma parceria, incentivos e projetos conjuntos entre a casa bô e a Junta de Freguesia do Bonfim?

José Soares: A casa bô a convite do Pelouro da Educação, Cultura e Lazer integra o Conselho Cultural do Bonfim, ajudando na elaboração dos diversos eventos culturais da freguesia, os projetos conjuntos são os deliberados no Conselho Cultural, tal como a participação no programa de comemorações do aniversário da freguesia. Existindo cabimento orçamental a Junta poderá atribuir subsídios aos eventos organizados pela casa bô, ou ceder graciosamente o nosso salão nobre para efetuar eventos.

AP: Como a Junta de Freguesia do Bonfim analisa a presença da casa bô na comunidade?

JS: A casa bô tem um papel fundamental na divulgação da cultura à comunidade, em vários campos como o da literatura e da música, entre outros.

AP: Que outras Associações Culturais pertencem à Freguesia do Bonfim? Como é a relação da Junta de Freguesia com as demais Associações?

JS: O Rancho Folclórico do Porto, a Associação de Moradores da Lomba, o Sporting Clube de S. Vitor, o Praça da Alegria FC, a PELE Teatro Comunitário, o Teatro ArtÍmagem, o Teatro de Ferro, etc.,. Algumas destas associações pertencem ao conselho

cultural do Bonfim e com todas a Junta tem uma abertura no apoio das suas iniciativas tendo em conta as nossas possibilidades.

AP: A Junta de Freguesia tem visão de quais os projetos, limitações e desafios da casa bô para o exercício de suas atribuições?

JS: A Junta tem uma visão sobre os seus projetos, limitações e a dificuldade do dia a dia numa associação deste cariz cultural, em que tem muitos projetos e falta de apoios.

AP: Que tipo de apoios (financeiros, divulgação, etc.) e suporte a Junta de Freguesia do Bonfim consegue oferecer para Associações Culturais como a casa bô?

JS: A Junta analisa todos os projetos apresentados pelas instituições, e existindo cabimento orçamental ajuda na medida do possível financeiramente. Outros apoios é a divulgação dos eventos através do site da junta, da nossa página do Facebook (Explore Bonfim), no Boletim Informativo (Trimestral) e da entrega de cartazes em vários estabelecimentos comerciais e associações.

AP: Como a Junta de Freguesia analisa a casa bô como um local de atração de agentes culturais (artistas) de outras localidades (e países) e a oferta de cultura que oferece à comunidade local?

JS: Analisa de forma positiva, uma vez que atrai para a freguesia diversos artistas doutras freguesias do Porto e de fora da cidade, o que contribui para que os mesmos conheçam a nossa freguesia, tragam outros tipos de cultura, e possam oferecer outro tipo de eventos fora dos que estão ao alcance dos bonfinenses.

AP: Há alguma atividade que o Setor de Educação, Cultura e Lazer identifica com um potencial para que a casa bô possa oferecer em prol da comunidade do Bonfim?

JS: A casa bô já oferece o setor cultural que faltava na freguesia como a leitura, a música e a descoberta de outras regiões.

AP: A Junta de Freguesia do Bonfim realiza estudos e possui dados estatísticos sobre a cultura e lazer dos atores culturais como Associações, Teatros, etc? Caso sim, quais são os indicadores utilizados que se referam às atividades das Associações Culturais, e quais os objetivos dos estudos?

JS: Neste momento não temos qualquer indicador sobre qual a mobilização dos vários setores culturais, no entanto estamos presentes em vários eventos para sentir qual a mobilização das várias atividades.

AP: Há alguma consideração adicional que a Junta de Freguesia do Bonfim queira fazer em relação a presença da casa bô na comunidade local?

JS: A casa bô preencheu uma lacuna freguesia com a realização de várias atividades culturais periodicas, e tem sempre respondido aos desafios que a junta de freguesia lhe propõe.

AP: Autoriza o uso deste questionário para a tese de Mestrado sobre a casa bô?

JS: Autorizo o uso deste questionário para a tese de mestrado sobre a Casa Bô.

Entrevista por escrito 5 | Maurício Umann

Data da resposta | 24 setembro 2016

Entrevistado, nacionalidade | Maurício Umann, Brasil

Papel na casa bô | Dinamizador voluntário na casa bô e no Festival bô

Forma de resposta | E-mail

André Príncipe: Qual o papel da Permacultura nesse processo de consciência ambiental na busca por uma aproximação do homem na natureza e por um mundo melhor?

Maurício Uman: A Permacultura é uma ferramenta prática de regeneração ambiental, social e económica com uma forte base ética: Cuidar da Terra; Cuidar das pessoas, consumo responsável e partilha de excedentes. Mais do que uma filosofia, é uma forma de vida que preconiza a responsabilidade individual como meio para a reconexão com a natureza ainda que saibamos que somos natureza... Quando aplicada na sua ascepção inicial como Design Regenerativo a Permacultura transforma o permacultor em um ser humano mais consciente das suas acções e mais respeitante e activo em relação aos desafios do mundo actual. Para mim, “A Permacultura é uma ferramenta de design holístico que suporta a reconecção do homem à sua própria natureza.”

André Príncipe: Como você enxerga o papel da associação casa bô nesse processo de busca por uma nova forma de sociedade, baseado na consciência coletiva em prol de uma mudança social sustentável?

Maurício Uman: Na realidade, conheço pouco sobre a Casa Bô mas o conjunto de valores pelos quais se gerem são claramente os mesmos partilhados por um grande movimento de pessoas e instituições colectivas no sentido de trazer novas perspectivas sobre os temas que nos rodeiam enquanto sociedade. Assim como a Permacultura, vejo a Casa Bô não como um projecto marginal mas como o Cutting Edge desta mudança social que muitos de nós estamos a encetar a partir destas orlas entre o “antigo sistema” e um novo paradigma.

AP: Quais foram as suas impressões sobre o festival bô e em que medida essas iniciativas contribuem para uma convergência em relação a mudança social sustentável?

MU: Penso que o que mais me tocou nestes dias em Amarante foi o sentido de confiança que apenas se gera quando nos encontramos em família. Senti, quando entrei no recinto e vi sorrisos acolhedores e gente da minha “tribo”, que estamos a crescer enquanto grupo de pessoas despertas para uma nova forma de vida, mais conectada com valores humanos que vão para além do “normal”. E sta energia, se assim lhe pudermos chamar, toca muito profundamente a quem pela primeira vez entra em contacto com ela, vibrando interiormente como algo muito diferente e ao mesmo tempo muito bonito, de valor. É esse o sentimento que senti quando conheci novas pessoas, antes desconectadas desta família, e agora mais próximas de si mesmas po esta experiência.

AP: Qual a importância do fortalecimento das relações humanas e da desconstrução do modelo de sociedade atual baseada no capitalismo?

MU: Ao procurarmos, em conjunto e desapegados do nosso tão impregnado individualismo, buscamos encontrar, testar, provar, descobrir, experimentar e daí tirar ilações sobre novas formas de abordar os diferentes temas e desafios que se nos apresentam nos tempos que correm. Encontro aqui clareza nesta busca no sentido de criar algo novo e não propriamente desconstruir o que já existe. Ao criar algo novo e que funcione o velho, de gasto e descabido, acabará por ruir sendo esta busca extremamente necessária para que possamos atempadamente encontrar soluções exequíveis e menos dolorosas para esta transição.

AP: Qual o papel da classe artística (e pessoas ligadas às artes em geral) nesse processo e quais os contributos de uma associação como a casa bô em prol desse movimento?

MU: A arte é fundamental para nos conectarmos com esta alma que anda à frente do seu tempo, que igualmente está sempre à procura, a olhar, a prescrutar o que vem de dentro e de outros planos de consciência. Este processo interior de procura incessante do artista, manifesta-se efectivo quando encontra ressonância no inconsciente colectivo. A Casa Bô encontra-se como um agente promotor activo neste interface entre o que ainda não está manifesto na nossa consciência colectiva promovendo oportunidades de conexão com o novo para nos despertarmos do sono profundo em que nos encontramos.

AP: A casa bô tem em seus fins os pilares no apoio e promoção da cultura, meio ambiente (consciência ambiental) e ações de solidariedade social. De que forma o perfil

e criatividade da classe artística pode ser fundamental nesse engajamento das redes coletivas e comunitárias que se criam e aumentam cada vez mais? Qual a função de uma organização como a casa bô e os festivais para essa convergência?

MU: Penso que a resposta anterior responde também à esta questão.

AP: De que forma a criatividade pode incentivar e servir de ferramenta para a classe criativa artística gerar Economia Social e Inovação Social em prol desse movimento que se almeja de mudança social sustentável?

MU: Esta busca por formas criativas de solucionar os nossos desafios inclui necessariamente uma mudança na forma como geramos rendimento, tanto ao nível pessoal, como ao nível social, onde as intervenções de cada indivíduo compartilha ao mesmo tempo na sua acção para colmatar os nossos desafios sociais.

AP: Tem alguma consideração ou pensamento adicional que deseja compartilhar como reflexão das perguntas feitas acima?

MU: Sinto que as perguntas mais complexas ou diversas poderiam estar separadas sendo que a minha compreensão das mesmas levar-me-ia a respostas muito semelhantes dado que não sei mais profundamente do contexto (o desenvolvimento da tese e dos seus objectivos) em que são escritas.

AP: Autoriza o uso deste questionário para a tese de mestrado em Economia da Fep?

MU: Sim

AP: Como teve conhecimento da casa bô e quais foram suas motivações para participação do festival bô? Quais foram suas expectativas e impressões?

MU: Através de amigos de amigos dos organizadores.

Fui ao festival sem expectativas específicas para além de estar a trabalhar como terapeuta. Para mim foi excelente estar em contacto com esta família Bô e criar novos laços com pessoas que, por si, tem algo a dizer.

AP: O que leva um agente da classe criativa artística se identificar tanto com a mudança social sustentável e qual o papel das diversas ações de voluntariado do meio artístico e das pessoas que são atraídas para essa causa?

MU: Penso que é da natureza intrínseca do artista estar inserido neste avant garde social e, ainda, por a clara natureza dos desafios sociais e ecológicos estarem cada vez mais conscientes para esta franja social onde estão inseridos.

Quando temos o nosso bem-estar assegurado, está cada vez mais presente na nossa natureza a plicação do terceiro ponto da ética da Permacultura: partilhar os excedentes e estes excedentes vão desde uma colheita de tomates na horta como a partilha de saberes e arte para o bem comum. Um voluntário é antes de mais alguém que tem vontade e por isso dedica-se de corpo e alma ao que faz, fazendo a sua parte nesta mudança que é colectiva, a partir do individual.

AP: O que é o bem-estar social para alguém que busca uma mudança social sustentável? Porquê o bem-estar social da atual sociedade não sacia a sede das pessoas que se alinham nessa nova direção?

MU: A sustentabilidade não é algo presente. Não é possível sustentar o nosso modo de vida, tanto ecologicamente como socialmente. Encontram-se assim nichos conscientes de oportunidades onde podemos manifestar este “novo mundo” que o ser humano busca criar desde sempre e de acordo com a possibilidade de manifestação dessa mudança. Como na natureza, uma coisa só pode acontecer quando o que está a acontecer agora está terminado (o crescimento de uma árvore por exemplo) e o que já está já está e já não serve. Somos seres evolutivos e o que está a nossa volta apenas evolui quando nos próprios evoluímos, através da experiência e da criação de resiliência interior para desapegar do passado. Para mim o bem-estar social reside nessa busca incessante e maravilhosa do ser humano de ser mais completo, mais são e mais consciente tanto nas suas escolhas pessoais como nas suas aprendizagens sociais.

Apêndice 4 – Diários de observação

Lista das entrevistas transcritas:

#	Data 2016	Duração (minutos)	Local	Evento
1	27 julho	80	casa bô	Jantar vegetariano
2	27 julho	70	casa bô	Noite de Poesia (aniversário 1.º ano)
3	01 agosto	110	casa bô	Dança e meditação - Reconnect Dance
4	01 agosto	80	casa bô	Jantar Vegetariano
5	01 agosto	80	casa bô	Concerto Lights One
6	09 agosto	220	casa bô	Concerto Felipe Antunes e Hélio Flanders
7	10 agosto	110	casa bô	Noite de Poesia e; Contador de histórias
8	12 agosto	120	casa bô	<i>Workshop</i> – produção de almofadas
9	12 agosto	60	casa bô	Descrição física da casa bô
10	13 agosto	630	Aldeia de Aoadela - Amarante	1.ª missão humanitária; Preparativos festival bô Amarante
11	14 agosto	60	Aldeia de Aoadela - Amarante	1.ª missão humanitária; Preparativos festival bô Amarante
12	14 agosto	360	Aldeia de Aoadela - Amarante	1.ª missão humanitária; Preparativos festival bô Amarante
13	14 agosto	50	Aldeia de Aoadela - Amarante	1.ª missão humanitária; Preparativos festival bô Amarante
14	15 agosto	110	Aldeia de Aoadela - Amarante	1.ª missão humanitária; Preparativos festival bô Amarante
15	15 agosto	405	Aldeia de Aoadela - Amarante	1.ª missão humanitária; Preparativos festival bô Amarante
16	15 agosto	420	Aldeia de Aoadela - Amarante	1.ª missão humanitária; Preparativos festival bô Amarante
17	21 agosto	345	casa bô	Concerto - Duo Musical Manifesto
18	23 agosto	120	Rua das Flores	Música de Rua - Musical Manifesto
19	26 agosto	270	Associação Cultural Rés-da-rua	Jantar Vegetariano; Concerto - Duo Musical Manifesto
20	27 agosto	930	Amarante	Festival bô (2.º dia)
21	28 agosto	540	Amarante	Festival bô (3.º dia)

Diário de observação 1 | Jantar macrobiótico

Data	27/07/2016 quarta-feira		
Horário	Início da observação: 21h00	Final da observação: 22h20	
	Agendado do evento: 20h30	Atraso: 30 minutos	
Local	casa bô Rua do Bonfim 356, Porto		
Evento	Jantar macrobiótico		
Classificação	UNCTAD Indústrias Criativas (não aplicável) UNESCO Thesaurus 1. Educação 1.45. Estudo Geral e Básico Preparação de alimentos 3. Cultura 3.10. Política cultural e planeamento Hábitos Alimentares 4. Ciências Sociais e Humanas 4.15. Sistemas Sociais Relações Interpessoais		
Objetivo	Observar as interações entre a responsável pelo jantar, os dinamizadores do evento seguinte (Noite de Poesia) e os frequentadores da casa bô.		
N.º participantes	19	Donativo sugerido: 5,00 €	
Arrecadação	Potencial: 95 €	Real: 75 €	Percentual: 78%

Descrição do evento
<p>A casa bô tem por costume oferecer um jantar macrobiótico aos frequentadores interessados dos eventos noturnos.</p> <p>Numa mesa coletiva formada por uma série de mesas de dois lugares em série, juntaram-se num primeiro momento 16 pessoas, que por volta das 21h30 chegaram a 19. Serviu-se uma sopa de cenoura com cebolinha em pratos coloridos e de tamanhos e formatos diversos. Após a sopa ser servida a cada um dos presentes, a cozinheira, Sra. Olga Rodrigues, fez um pequeno discurso sobre a data festiva. Comemorou-se o aniversário de um ano do evento Noite de Poesia. O Sr. Vítor Hugo Moreira pediu a palavra e falou um pouco mais sobre a data de comemoração, lembrando de como foi o primeiro evento e o desenvolvimento da atividade ao longo</p>

de um ano. Após uma salva de palmas, começamos a comer, sendo servidos com vinho em copos de vários formatos. Fomos lembrados da natureza do jantar do donativo consciente, sendo indicado um local para se depositar na pequena caixinha azul a doação sugerida de 5 euros.



Figuras: da esquerda para direita: aviso sobre o valor sugerido do jantar, cartaz indicando local para a contribuição e prato principal. 2016. Fotos © André Príncipe.

Entre conversas em pequenos grupos, os pratos terminados foram levantados e após o último prato levantado, começou-se a servir o prato principal: ervilhas e cenouras picadas e refogadas, com arroz e uma salada mista com topo de gergelins.

Durante o jantar, assuntos diversos vieram à mesa, como a tendência das caças aos “Pokémons” e “Picachus” pelas ruas do Porto. Risadas ecoavam ao citar cenas sobre essa mania recente. Outros assuntos casuais também foram conversados.

O jantar aconteceu à luz de velas.

Ao final do jantar, foi servida uma sobremesa a base de gelatina e flan.

O Sr. Vitor Hugo perguntou se havia pessoas pela primeira vez na atividade ou na casa bô, e quatro pessoas se manifestaram. Vieram as quatro acompanhadas supostamente com amigos ou companheiro (a). Dentre os 19 presentes, havia pessoas na faixa de 20 a 65 anos, porém, a maior faixa é de pessoas na faixa entre 20 a 40 anos. O Sr. Vitor Hugo deu as boas vindas a todos, perguntando se tinham dúvidas sobre alguma questão e foi caloroso para deixar a todos confortáveis naquela ocasião.

O jantar foi até às 22h20, sendo que algumas pessoas do evento da noite de poesia acabaram por se levantar para que o início da atividade não atrasasse demasiado, uma vez que estava marcado para as 22 horas. Os pratos foram levantados pela Sra. Olga Rodrigues e mais duas pessoas da casa bô. Mesmo havendo um simpático cartaz que convida a todos a “te tornas eternamente responsável pela loiça que sujas”, numa criativa comparação ao clássico romance O Príncipezinho, o atraso no início do jantar

e da atividade seguinte fez com que membros da casa bô se adiantassem nessa tarefa para não prejudicar o público presente.



Figura: cartaz. 2016. Foto © André Príncipe.

Os dinamizadores da noite de poesia, o Sr. Vitor Hugo, o Sr. Diogo, o músico Joel Nachio e outros dois músicos jantaram todos na mesma mesa, misturando-se aos convidados nos lugares ainda vazios. Parte dos convidados trocou de lugar na parte final do jantar, a fim de terem maior interação com demais convidados.

Apesar de optar por uma postura mais reativa durante a observação, a fim de que pudesse tirar o maior número de notas no caderno de observação, fui abordado por pelo menos dois dos presentes na mesa de jantar para conversar e saber um pouco mais sobre o que estava escrevendo. Minha atividade causou a curiosidade de alguns dos presentes à mesa, por ser o único a estar a anotar ao invés de conversar.

O evento foi agendado na página do Facebook da casa bô, no link eventos⁹.

Houve postagens entre o dia 24 a 28 de julho, desde a divulgação do evento até o feedback de agradecimento do Sr. Vitor Hugo Moreira.

Em nenhum momento do jantar foi novamente cobreado sobre o donativo consciente e as pessoas optavam por depositar o dinheiro antes, durante ou depois do jantar. Ninguém observa ou repara que está a contribuir. A contagem do dinheiro foi feita após o término das tarefas de arrumação da sala de jantar.

⁹ Página na rede social Facebook. casa bô (2016) “Poesia na casa bô – Dia de aniversário”, Facebook, https://www.facebook.com/events/1855867951311861/?active_tab=posts, acedido em 10 setembro 2016.

Reflexão

Percebeu-se um clima de grande inclusão entre os frequentadores, o que sugeriu que muitos deles eram um público frequente. A receção para novos participantes do evento é muito calorosa, e há uma grande preocupação em receber calorosamente novos frequentadores. Há um grande sentimento de pertença no grupo, e de partilha e coletividade. Percebe-se uma grande satisfação em compartilhar uma refeição simples, mas de apelo saudável. A Sra. Olga Rodrigues é a pessoa que costuma cozinhar antes dos eventos da casa, e ela é especialista em medicina macrobiótica. Todos conversam com todos, e a curiosidade é presente em conhecer os novos frequentadores. É uma experiência cativante que faz com que nos sentíssemos como se em nossa própria casa, ou na casa de um melhor amigo.

O atraso no jantar e o consequente atraso na atividade seguinte pareceu não ser algo que causasse muito incomodo, sugerindo um local flexível quanto a esse tipo de regra social. Preocupa-se no viver o momento como está a se desenvolver, e não em dependência que uma agenda temporal pré-estipulada.

Tanto o jantar como o evento foram marcados e divulgados pelo Facebook na página da casa bô:

“Antecedendo a noite de Poesia, haverá jantar vegetariano a ser servido pelas 20:30h preparado com muito amor e carinho pela nossa maninha Olga Rodrigues ♥ (agradecemos que comuniquem pelo facebook ou pelos nmrs [...])a intenção de jantar para melhor nos organizarmos e não haver desperdício alimentar,)

Tanto para o Jantar como para a Noite de poesia pedimos um donativo Consciente de forma a ajudar a manter estas noites que já vem sendo tradição nesta nossa casa.

Donativo Consciente p/ o Jantar: 5euros

Donativo sugerido sessão poesia: 2€”¹⁰

Segundo a página do Facebook, O evento foi enviado a 229 convidados, sendo que 26 demonstraram interesse e 24 marcaram que compareceram. Denota-se que a ferramenta Facebook é o canal de comunicação principal para divulgação e estimativa de público presente.

¹⁰ Página na rede social Facebook, casa bô (2016) “Poesia na casa bô – Dia de aniversário”, Facebook, <https://www.facebook.com/events/1855867951311861/>, acedido em 10 setembro 2016.

Diário de observação 2 | Noite de poesia 1º aniversário

Data	27/07/2016 quarta-feira		
Horário	Início da observação: 22h40	Final da observação: 23h50	
	Agendado do evento: 22h00	Atraso: 40 min	
Local	casa bô Rua do Bonfim 356, Porto		
Evento	Noite de Poesia – Evento do 1.º aniversário		
Classificação	UNCTAD Indústrias Criativas Artes Artes cénicas Música ao vivo Média Editoras e média impressa – outras publicações (poesia) UNESCO Thesaurus 3. Cultura 3.55. Artes Performativas Música 3. Cultura 3.40. Literatura Poesia		
Objetivo	Observar as interações entre os frequentadores, músicos e poetas.		
N.º participantes	40	Donativo sugerido: 2 €	
Arrecadação	Potencial: 80 €	Real: 61 €	Percentual: 76%

Descrição
<p>Após o jantar vegetariano que terminou por volta das 22h20 em que participaram parte dos frequentadores e agentes criativos presentes, dirigiram-se todos para o palco e salão principal da casa bô, no primeiro piso do prédio.</p> <p>Aos poucos foram se acomodando os presentes que já estavam para o jantar, além dos novos visitantes que acabaram por chegar. Por volta das 22h40, o Sr. Vítor Hugo, dinamizador do evento, iniciou um breve discurso explicando para os participantes, levando em conta os que estavam pela primeira vez, que se tratava do evento em comemoração de 1.º aniversário da Noite de Poesia. Fez questão de agradecer a alguns colaboradores da casa bô que participam com frequência do evento, e explicou que para além da noite de poesia, o Sr. Vítor já esteve antes envolvido em outras atividades do gênero em outras casas, mas que na casa bô criou-se um forte vínculo e aproximação dos frequentadores e demais agentes criativos, pois em outros sítios, após a performance, ou mesmo antes, não havia interação entre os presentes.</p>

Por volta das 23h20, haviam chegado mais 12 pessoas, chegando ao total de 40 presentes. Após o Sr. Vítor ter lido a primeira poesia da noite, perguntou quem queria ser a próxima pessoa a declamar um poema. Uma mulher se ofereceu e logo após, um a um, outros presentes foram declamando poemas. Nesta noite havia a participação de três músicos, sendo dois com guitarra acústica e um flautista. Durante a leitura de alguns poemas, os músicos improvisavam um fundo musical para interagir, resultando numa maior profundidade e maior experimentação sensorial na leitura dos poemas.

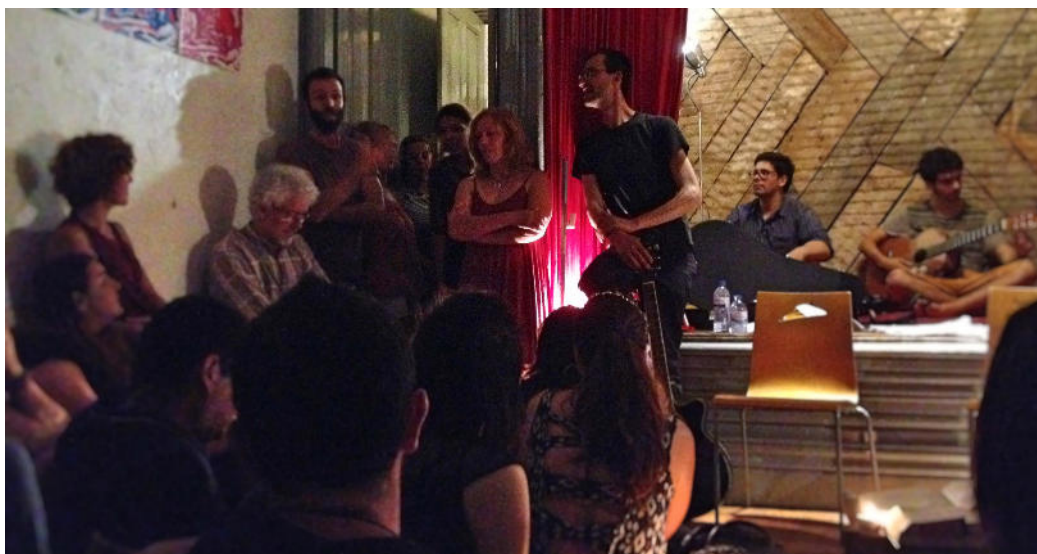


Figura: noite de poesia na casa bô. 2016. Foto © André Príncipe.

Esta observação encerrou-se às 23h50. Ao questionar no dia seguinte o Sr. Vitor, fui informado de que o evento ocorreu até às 02h30 do dia seguinte, e que parte dos presentes, cerca de 15 pessoas permaneceram na casa bô até por volta das 04h30, a interagir uns com os outros, e a tomar copos e conversar no quintal da casa, ao pé de uma fogueira. Havia colaboradores da casa bô, o dinamizador, parte dos músicos e alguns frequentadores, sendo pelo menos dois a ir pela primeira vez.

Reflexão

Percebeu-se um local bastante aberto e aconchegante para a atividade. As pessoas não tinham lugares fixos e iam se acomodando para participar da atividade. Não era preciso trazer nada preparado, podendo o público escolher na hora entre apenas observar ou a participar, escolhendo uma poesia dentre os livros que havia numa mesinha ao meio da sala.

O improviso se fez presente no que diz respeito a interação entre os músicos e os poetas, ao improvisarem músicas de fundo para as declamações.

Houve um alto grau de inclusão, com a participação de pessoas de diferentes idades, sendo algumas estrangeiras.

Houve uma grande adesão ao evento, com a quase lotação da sala do palco. O pequeno desconforto que poderia haver com a falta de sofás e poltronas para todos foi dissolvido pelo aconchego que se criou entre as pessoas que se juntavam-se umas as outras, acomodando-se numa posição que desse o maior conforto possível, sem a preocupação em manter uma posição firme e ereta que se espera de locais públicos.

Nem todos os presentes contribuíram com o donativo consciente, ou o fizeram com algum valor abaixo de dois euros, resultando numa arrecadação próxima de 75% do potencial.

Diário de observação 3 | Reconnect DANCE e preparação jantar

Data	01/08/2016 segunda-feira		
Horário	Início da observação: 19h30	Final da observação: 21h20	
	Agendado do evento: 19h00	Atraso: 20 min	
Local	casa bô Rua do Bonfim 356, Porto		
Evento	Reconnect DANCE – práticas energéticas e cocriativas; Preparação do jantar vegetariano		
Classificação	UNCTAD – Indústrias Criativas Artes Artes cénicas Dança UNESCO Thesaurus 1. Educação 1.45 Estudo Geral e Básico Preparação de alimentos 3. Cultura 3.55. Artes Performativas Dança 3. Cultura 3.10. Política cultural e planeamento Hábitos Alimentares 4. Ciências Sociais e Humanas 4.15. Sistemas Sociais Relações Interpessoais		
Objetivo	Observar as interações entre os frequentadores e o agente cultural criativo, bem como o papel da criatividade para a dinâmica do evento. Verificar a interação entre os presentes na preparação do jantar.		
N.º participantes	4		Donativo sugerido: 3 €
Arrecadação	Potencial: 12 €	Real: 10 €	Percentual: 83%

Descrição
<p>Resolvi fazer uma visita à casa bô para ver o que se passava, sem expectativa de observar a um evento previamente marcado. Não havia verificado o calendário de eventos da casa bô e fui na intenção de observar induzido pela surpresa e curiosidade. Ao chegar na casa bô, deparei-me com a porta aberta, um convite as pessoas curiosas que passavam no passeio e aos que lá se dirigiam para algum evento ou propósito específico. Ao subir pelas escadas, o ranger da madeira podia ser percebido pelos presentes na sala de concerto, localizada ao final da escadaria, ao lado esquerdo, ao fundo do corredor. Havia uma atividade a decorrer. Era atividade</p>

das 19h00 que já havia começado, e optei por observar sem que fosse percebido pelos presentes, a fim de não interferir na dinâmica da atividade. Tratava-se do Reconnect DANCE, uma atividade focada na dança e interação dos participantes com a estimulação de gestos e movimentos, com elementos de yoga e meditação. O evento está descrito na divulgação na página do Facebook da casa bô como:

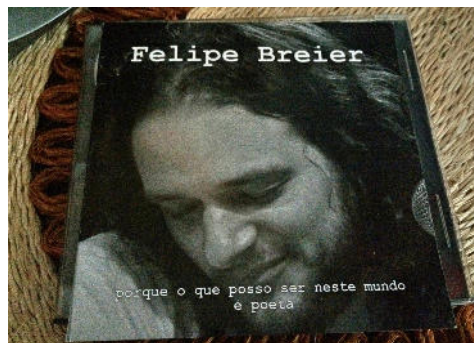
“Práticas energéticas e co-criativas, enraizadas no yoga e chi kung, aplicadas à dança e à criatividade; escuta e respiração; meditação interdinâmica (activa e contemplativa); presença vigilante e sensível; despertar do Corpo de Luz; movimento orgânico e intuitivo; contacto e improvisação; Cocriação em Tempo Presente”.¹¹

Dos presentes, eram três mulheres e um homem. As mulheres tinham entre 20 e 30 anos de idade, e o senhor tinha por volta e 45 anos. Era estrangeiro, da Alemanha.

Ouvia-se o professor a dinamizar a atividade em português e em seguida em inglês, o que já sugeria um público heterogêneo em relação à língua. A atividade envolvia rotinas como relaxamento, expressão corporal, meditação, entre outras dinâmicas. Não havia outras atividades na casa bô e não havia outras pessoas naquele momento. Ao me dirigir para a sala de jantar e cozinha da casa bô, ouvia-se uma música ambiente a tocar num pequeno aparelho de som na bancada da cozinha. Estava no modo reprodução contínua. A tocar o CD de Felipe Breier. Nome do CD: “O que penso ser nesse mundo é poeta”. Eram 14 músicas, sendo três poesias declamadas. Após o final do evento (agendado para às 21h00, e terminado às 21h20), o dinamizador do evento ficou encarregado de preparar um jantar vegetariano, uma vez que outro evento, de música, estava agendado na mesma noite a partir das 22h20. O jantar foi uma salada macrobiótica com cerca de 15 ingredientes picados, uma mistura de verduras, leguminosas, frutas e torrada, regados à azeite, limão e molho de soja.

O jantar acabou por ser servido próximo do horário do concerto, por volta das 22h00, o que levou a um atraso do segundo evento de cerca de 30 minutos. Participaram do jantar cerca de 16 pessoas, incluindo participantes do evento anterior, participantes do segundo evento, e os agentes culturais criativos de ambos os eventos.

¹¹ Página na rede social Facebook. casa bô (2016) “Reconnect DANCE .:. Porto”, Facebook, <https://www.facebook.com/events/1770733696537741/>, acedido em 10 setembro 2016.



Figuras: da esquerda para a direita Pedro Paz (de camisola branca) preparando o jantar e capa CD que estava a tocar na sala de jantar, casa bô. 2016. Fotos © André Príncipe.

Reflexão

Este evento por ser numa segunda-feira, no fim de tarde, e antes de um segundo evento da noite com status de principal, teve um público menor em relações aos concertos e às noites de poesia. Foi um evento ainda mais intimista e com maior possibilidade ainda de interação com o dinamizador.

O evento foi divulgado pelo Facebook foi compartilhado para 342 pessoas, sendo que 40 pessoas indicaram interesse pela atividade e seis pessoas indicaram que estariam presentes.

Foi inclusivo, ao ser desenvolvido em duas línguas.

Envolveu o uso de criatividade, por estimular no público participante a criação de movimentos e interações entre o grupo durante a atividade.

Permitiu a interação com outros públicos da casa bô, por ter sido logo imediatamente antes do jantar macrobiótico, com o concerto após o jantar, unindo os dois públicos no jantar.

Por ter um público menor, houve uma contribuição do donativo consciente percentualmente superior (80%) em relação aos eventos com maior público, que nesse caso beira a casa entre os 60 e 70%.

Diário de observação 4 | Jantar macrobiótico

Data	01/08/2016 segunda-feira		
Horário	Início da observação: 21h20	Final da observação: 22h40	
	Agendado do evento: 21h00	Atraso: 40 minutos	
Local	casa bô Rua do Bonfim 356, Porto		
Evento	Jantar macrobiótico (pré concerto - Lights One e pós evento Reconnect DANCE)		
Classificação	UNCTAD Indústrias Criativas (Não aplicável)		
	UNESCO Thesaurus 1. Educação 1.45. Estudo Geral e Básico Preparação de alimentos 3. Cultura 3.10. Política cultural e planeamento Hábitos Alimentares 4. Ciências Sociais e Humanas 4.15. Sistemas Sociais Relações Interpessoais		
Objetivo	Observar as interações entre o responsável pelo jantar Sr. Pedro Paz), os dinamizadores do evento seguinte (Concerto: Lights One) e os frequentadores dos eventos das 19h00 e das 22h21 da casa bô.		
N.º participantes	18	Donativo sugerido: 5 €	
Arrecadação	Potencial: 90 €	Real: 66,50 €	Percentual: 73%

Descrição
<p>Após o término do evento Reconnect DANCE, o dinamizador do evento, Sr. Pedro Vaz, ficou responsável pelo jantar daquela noite, uma vez que a Sra. Olga Rodrigues estaria de férias em agosto. O Sr. Pedro Vaz colocou duas sacolas de compras de mercado em cima da bancada que divisa a cozinha da sala de jantar e começou a picar alguns legumes. Duas pessoas que estavam na sessão das 19 horas se ofereceram para ajudar na tarefa. Aos poucos, outros frequentadores apareceram para ajudar no corte de outros legumes e frutas.</p> <p>O menu do dia era uma salada macrobiótica. Uma boa opção, já que estava um dia quente e abafado. Enquanto algumas pessoas cuidavam da salada, outras estavam na cozinha a lavar loiças ou a separar pratos e talheres para a mesa. A salada teve um</p>

total de 15 ingredientes, sendo alguns deles: alface, cenoura, cebola, alho, curgete, beterraba, banana, uva, laranja, limão, azeite, molho de soja, sal, pão torrado e maçã. A salada depois de temperada, teve os ingredientes bem misturados para que a mistura ficasse equilibrada. Preparou-se arroz branco como acompanhamento.

O jantar foi servido por volta das 22h00. Havia 18 pessoas sentadas na mesa, e houve interação entre os frequentadores dos dois eventos da noite, e entre os dinamizadores das duas sessões. Havia pessoas de outros países, incluindo um casal de irmãos da Polônia, que estava de passagem pelo Porto. Descobriram a casa bô por indicação de um amigo em um evento artístico e estavam viajando pela Europa há três anos. Para se sustentar, faziam arte de rua e concertos ao ar livre para arrecadação de fundos. Usavam roupas leves e confortáveis, além do cabelo estilo *dread*, que é um estilo caracterizado pelas tranças finas e longas. Ao perguntar ao polonês sobre o que o trazia a casa bô, disse que ao terminar os estudos entendeu que era hora de conhecer o mundo antes de voltar e decidir o que queria fazer da vida.

A faixa etária era entre os 20 e 55 anos, homens e mulheres em divisão homogênea. Havia pelo menos oito pessoas estrangeiras, a se comunicar em inglês entre todos.

O jantar terminou por volta das 22h40, sendo que os músicos do Lights One se levantaram um pouco mais cedo da mesa para se prepararem na sala de concertos.

Reflexão

Percebeu-se um grande senso comunitário em prol do jantar. Como houve atraso da primeira atividade e havia uma segunda atividade em breve, muitas pessoas voluntariamente se juntaram para divisão das tarefas e preparação do jantar.

Houve também muito entrosamento entre os dinamizadores dos dois eventos e o público. Houve muitas pessoas conversando pela primeira vez umas com as outras.

O menu do jantar foi muito elogiado. Uma mistura de diversos ingredientes numa salada com diversos sabores. Foi uma oportunidade única para muitos na mesa que nunca tinham comido uma combinação de ingredientes rica e diversificada. É algo que normalmente não se faz em sua casa, pela quantidade de ingredientes e o número de pessoas que irá comer. Por menos ingredientes que se use, o volume de salada será maior do que o necessário para uma refeição. É muito saudável, porém é um alimento que deve ser feito e comido na mesma ocasião.

Diário de observação 5 | Concerto Lights One e dança criativa

Data	01/08/2016 segunda-feira		
Horário	Início da observação: 22h40	Final da observação: 23h50	
	Agendado do evento: 22h21	Atraso: 19 minutos	
Local	casa bô Rua do Bonfim 356, Porto		
Evento	Concerto - Lights One e Pedro Paz (dança)		
Classificação	UNCTAD Indústrias Criativas		
	Artes Artes cénicas Artes Música ao vivo		
	Artes Artes cénicas Artes Dança		
	UNESCO Thesaurus		
	3. Cultura 3.55. Artes Performáticas Música		
	3. Cultura 3.55. Artes Performáticas Dança		
Objetivo	Observar as interações entre a criatividade com a convergência dos artistas da Lights One, do Artista Pedro Paz (Dança) e os frequentadores dos eventos das 19h e das 22h21.		
N.º participantes	20	Donativo sugerido: 3,50 €	
Arrecadação	Potencial: 70 €	Real: não obtido	Percentual: não há

Descrição
<p>Finalizado o jantar macrobiótico, o concerto do Lights On(e) estava a começar.</p> <p>A descrição do evento no Facebook com a lista de músicos encontra-se reproduzida abaixo:</p> <p>“O Projecto Lights One convida a todos para mais um concerto intuitivo no nosso querido e irmão espaço da Casa Bô, numa viagem dentro do nosso ser, para o espaço intemporal, onde todos nos reencontramos, de novo, na grande Família que somos, reconectando-nos com o Universo.</p> <p>Neste encontro, reúnem-se os seguintes músicos Irmãos:</p> <p>Rui Miguel Aires: handpan, didge, percussão</p> <p>Pedro de Faro: guit, guit portuguesa</p> <p>SimOne SouLsa: voz</p> <p>Pedro Marques: Baixo</p> <p>Pedro Paz: Dança Intuitiva.”¹²</p> <p>Houve uma interessante interseção de artes e artistas nesse evento, uma vez que o</p>

¹² Página na rede social Facebook. casa bô (2016) “Lights One Concert”, <https://www.facebook.com/events/508722549321771/>, acedido em 10 setembro 2016.

grupo contou com a presença e participação do Sr. Pedro Paz, que havia feito o evento anterior das 19 horas sobre dança criativa e meditativa.

Parte dos participantes do evento anterior também participou deste evento.

Houve cerca de sete músicas, e em algumas delas o Sr. Pedro Vaz realizou performance de dança criativa e intuitiva, e em algumas das músicas o público também foi convidado a participar da dança, ao som do Lights One.

A observação terminou por volta das 23h50, e nesse momento, o concerto ainda estava a decorrer.



Figuras: página do evento Light One na rede social Facebook da casa bô.¹³

Reflexão

Este evento teve uma interessante componente que foi a participação de dois agentes culturais criativos interagindo em conjunto, trazendo contributos para a qualidade do evento como um todo, para o público com uma performance em conjunto e para o Sr. Pedro Paz que teve a oportunidade de se apresentar duas vezes num mesmo dia, na casa bô.

Há de se destacar também o componente da criatividade que houve com a interação improvisada e intuitiva, uma vez que não houve ensaios antes da apresentação.

¹³ Página na rede social Facebook. casa bô (2016) "Lights One Concert", <https://www.facebook.com/events/508722549321771/>, acedido em 10 setembro 2016.

Havia apenas um acerto prévio para que a interação acontecesse.

Nessa observação pode-se também observar os contributos da união de diferentes sinergias, talentos e tolerâncias na consecução da arte e cultura. O fato do Sr. Pedro Paz ter tido a oportunidade de se apresentar uma segunda vez deu-lhe a chance de atuar num público maior, e para o grupo Lights One, houve a possibilidade de se fazer um concerto ainda mais criativo e interativo e intuitivo.

Há também que se destacar a forma de como o grupo Lights One se refere à casa bô na divulgação do evento como um irmão, uma vez que são entidades que se ajudam mutuamente em diferentes projetos de cada uma das instituições ou ainda em conjunto em prol de uma terceira, numa rede colaborativa e comunitária formada pelos agentes culturais nas proximidades do Porto e região Norte de Portugal.

Outra observação interessante é o jogo de palavras que existe entre o nome do grupo Lights One e uma de suas integrantes, a Sra. Simone Sousa.

Em ambos os casos, há um trocadilho com o nome Lights One, com a forma alternativa “Lights On(e), numa referência ambígua a dois conceitos, que em tradução livre significam “Uma (só) luz” e “Luzes acesas”. O uso da Criatividade na expressão e representação dos significados e valores do grupo.

No caso da Simone Sousa, ela se aproveita do fato de ter uma duas consoantes iniciais do grupo no nome, e outra com o mesmo som (“u” e “l”) utilizando-as em maiúsculas, como uma menção ao acrónimo do grupo: SimOne SouLsa.

Uma curiosidade sobre o concerto foi o horário agendado no Facebook: 22h21. Por algum motivo, preferiu-se um horário diferente do mainstream, que costuma ser em início de nova hora ou no minuto trinta de uma delas.

Diário de observação 6 | Concerto Filipe Antunes e Hélio Flanders

Data	09/08/2016 terça-feira		
Horário	Início da observação: 21h00	Final da observação: 00h40	
	Agendado do evento: 21h30	Atraso: 30 minutos	
Local	casa bô Rua do Bonfim 356, Porto		
Evento	Concerto Felipe Antunes e Hélio Flanders		
Classificação	UNCTAD Indústrias Criativas Artes Artes cénicas Música ao vivo (com guitarras) Artes Artes Visuais Fotografia Média Editoras e média impressa Outras publicações (revista web) UNESCO Thesaurus 3. Cultura 3.55. Artes Performáticas Música 3. Cultura 3.50. Artes Visuais Fotografia 5. Informação e Comunicação 5.20. Indústria da Informação Imprensa 6. Política, Leis e Economia 6.80. Autogestão Freelance		
Objetivo	Observar as interações entre o público, a média presente (fotógrafo da Tracker Magazine que faria uma matéria sobre o concerto), o trabalho <i>freelance</i> de uma fotógrafa, o trabalho freelance de uma fotógrafa residente como residente temporária na casa bô e a interação entre os músicos em turnê em carreira solo que se encontraram por uma ocasião por uma coincidência nas agendas para um concerto em conjunto no Porto.		
N.º participantes	19		Donativo sugerido: 3,5 €
Arrecadação	Potencial: 70 €	Real: 55 €	Percentual: 78 %

Descrição
<p>Cheguei às 21 horas, cerca de 30 minutos antes do início do concerto. Estavam presentes os músicos já na sala de concerto, sentados numa mesa próxima da janela, a elaborar o <i>setlist</i> e a fazer a passagem do som, com afinamento de instrumentos e ensaio de músicas a tocar em conjunto.</p> <p>Havia 19 pessoas presentes, sendo cinco delas a visitar a casa bô pela primeira vez. Uma delas teve conhecimento por uma amiga e veio sozinha, duas vieram</p>

acompanhadas de uma amiga, e duas vieram pela primeira vez sem conhecer a casa bô e sem referências de amigos. Souberam do concerto pela internet ao digitar “*events in Porto*”. Encontraram o concerto da casa bô pelo webiste Viral Agenda¹⁴. Tratava-se de um casal em férias pela Europa, que residem nos Estados Unidos. Ele é americano, e a mulher da Macedónia, e trabalha na empresa Pricewaterhousecoopers.

Havia também a cobertura da média digital. O Sr. Marcelo Baptista, fotógrafo, estava a cobrir o evento para a revista Tracker Magazine, de Lisboa. Havia também uma fotógrafa *freelance*, a fazer fotografias para seu portefólio, a Sra. Ana Claudia Silva¹⁵.

Os fotógrafos estavam a registar os primeiros momentos pré concerto. Era a primeira vez dos dois na casa bô.



Figura: da esquerda para a direita Felipe Antunes e Hélio Flanders. 2016.

Foto © Ana Cláudia Silva¹⁶.

O concerto começou pelas 22 horas, após a Sra. Sandra Moreira, membro da família casa bô, apresentar para os presentes um pouco sobre o histórico da casa bô e sobre a questão do donativo consciente. Os novos frequentadores e os músicos não conheciam a história e o propósito da casa bô, quando perguntados pela Sra. Sandra.

¹⁴ Viral Agenda, <https://www.viralagenda.com/pt/home>, acedido em 10 setembro 2016.

¹⁵ Página da fotógrafa Ana Cláudia Silva, na rede social Facebook. (2016) “Caminhos de ser feliz”, Facebook, <https://www.facebook.com/caminhosdeserfeliz/>, acedido em 10 setembro 2016.

¹⁶ Foto do evento por Ana Cláudia Silva, em seu website. (2016) “Caminhos de ser feliz”, https://66.media.tumblr.com/c42f2892f53db64094c6936b8bfc158/tumblr_oBrkc8vkhz1u8k1q2o5_1280.jpg, acedido em 10 setembro 2016.

A maioria veio ou por conexões com os músicos ou em companhia dos convidados, exceto pelo casal que descobriu o local e o evento no dia, pela internet.

Após as primeiras três músicas, abriu-se uma das janelas para refrescar a sala de concerto. O dia havia sido quente, e o ar estava “pesado” com a fumaça dos incêndios que ocorreram pelo Norte de Portugal. A sala logo ficou fresca, e mesmo com o som de alguns dos autocarros a passar esporadicamente, como a linha 700, não chegavam a incomodar. As carrinhas quase que não se ouviam quando passavam pela Rua do Bonfim.

São ao todo 12 mulheres e sete homens a assistir o concerto. Chegou mais uma mulher por volta das 22h15. Essa mulher é uma húngara, chamada Valeria Keller. Trouxe consigo um convidado. Um cão. Chamava-se “Sissi”. Valeria ficou sentada num dos sofás a fotografar e a gravar partes do concerto.

A namorada do músico Hélio Flanders estava a gravar o concerto com uma câmara num tripé ao fundo da sala, próximo às janelas. Ela é da área artística, do Teatro.

A dupla alternou entre músicas solo de cada um dos músicos e algumas canções foram cantadas em conjunto. Percebia-se que havia a presença do improviso, com o controlo da sincronia por meio de olhares entre os músicos e outras sinalizações que aconteceram com gestos e mudanças de tom e som da voz ou do instrumento musical. Porém, isso causava um tom inédito, pois a cada olhar em busca de sincronia ou algum gesto a dar o compasso, percebia-se que havia uma grande empatia e harmonia por parte dos músicos.

Por volta das 22h30 horas chegaram mais quatro pessoas. Havia sido tocadas seis músicas até esse momento.



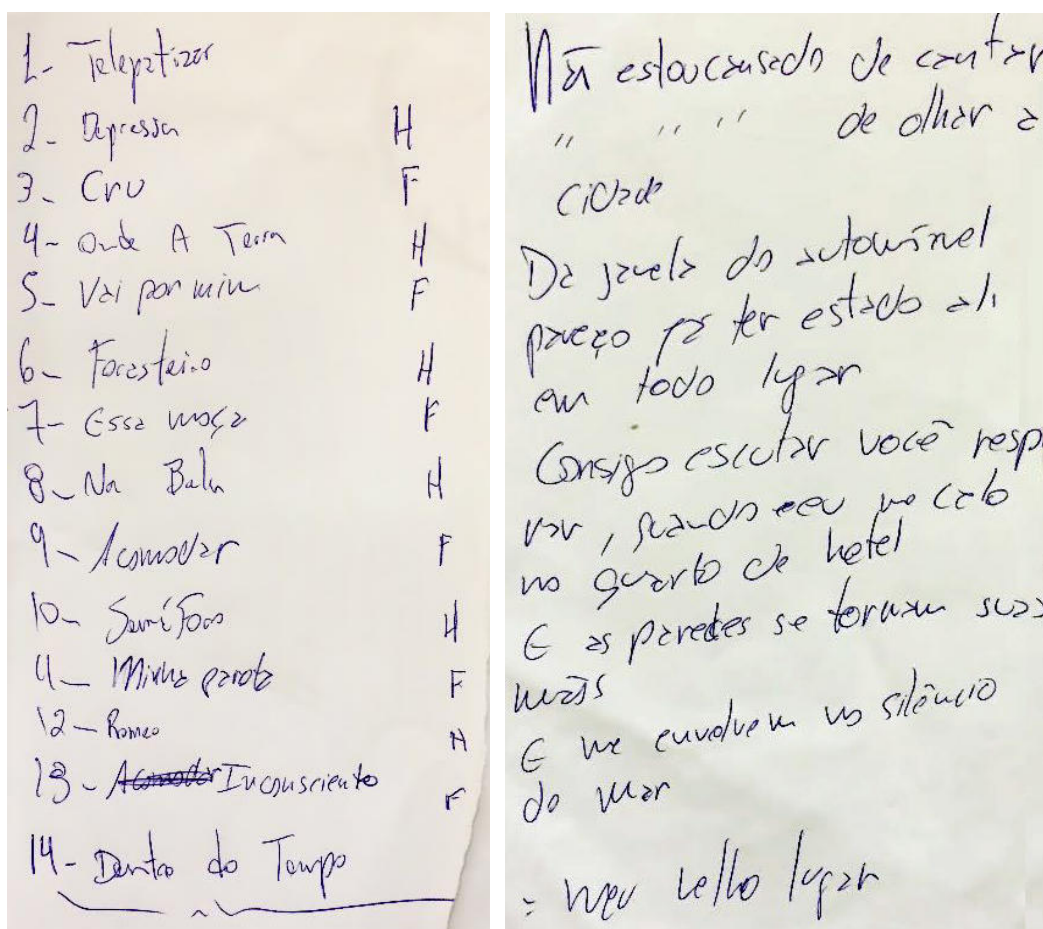
Figuras: da esquerda para a direita Felipe Antunes e Hélio Flanders e o público do evento, casa bô. 2016. Fotos © André Principe.

Felipe Antunes numa das pausas citou sobre a continuação de sua turnê ibérica (por Madrid, Barcelona e Galícia) e na sequência lê um poema em quatro partes que faz parte do seu álbum Lâmina.

Três das pessoas que chegaram por último acabaram por não permanecer e foram embora por volta das 22h45. Os músicos, numa das pausas, pedem uma cerveja para a Sra. Sandra Moreira, que prontamente se dirige à cozinha da casa bô para atender o pedido.

Hélio Flanders canta por volta das 23 horas a música Romeo. É uma regravação do cantor Thiago Pethit. Foi um dos pontos altos da noite. Via-se no público uma maior agitação pela música. Felipe Antunes acompanha no refrão, de improviso.

Os músicos tinham num pedaço de papel uma anotação do *setlist* do concerto, que acabaram por deixar em cima do palco após o término e gentilmente cederam para o registo da observação.



Figuras: anotações cedidas pelos artistas: o *setlist* do concerto e a letra da música

“Dentro do Tempo Que Eu Sou”, do músico Hélio Flanders, casa bô. 2016.

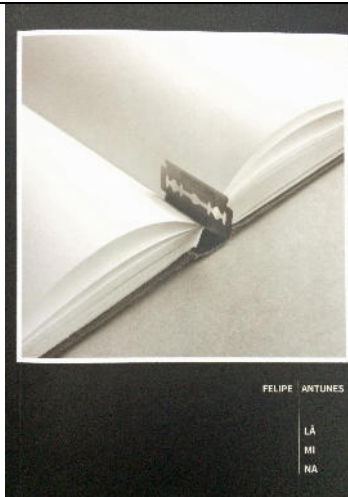
Numa altura do concerto, após o término de uma das músicas, o cão, que assistia ao concerto atentamente, levanta-se e silenciosamente deixa a sala de concerto. Hélio vê a cena e diz: “faz tempo que não toco para um cão... fora de casa”. A plateia caiu em risos. A presença do cão tornou o evento ainda mais intimista. Não houve ninguém que tenha se mostrado incomodado com sua presença. Parecia que o cão era da casa. Na verdade, era da Sra. Valéria, que estava como residente temporária há três dias na casa bô, tendo vindo de Sevilha, Espanha. Seu destino final é Bristol, Inglaterra, onde mora por três anos.

Hélio Flanders interage novamente com o público e conta sobre uma história dos avós que aos 70 anos pediam para que os netos viessem para as festas (Páscoa, Natal, etc.). Aos 80, pediam que viessem visitá-los uma vez por mês... e aos 92 anos, pediam que viesse uma vez por semana... isso para dizer sobre a relevância do tempo no fim da vida. Uma de suas letras das músicas que cantou era sobre essa temática.

No fim do concerto, Hélio Flanders divulgou seu CD por 5 euros.

Na última música, o músico convida o público a cantar junto, improvisando e pedindo um “Lá maior”, seguido de risos da plateia. Hélio insiste dizendo que podem cantar o que quiserem, como “vinho do Porto... Dão... chegam muitos no Brasil....” (a plateia novamente ri).

Uma pessoa da plateia pede para também comprar o CD do Sr. Felipe Antunes, e este, meio encabulado pede desculpa e diz que o valor é um pouco maior que os 5 euros, pois seu CD vinha acompanhado de um livro com as letras e muitas fotografias. O CD custou 10 euros. Felipe ainda fala da quase ironia de ter que se desculpar por pedir um pouco mais por um trabalho que certamente devia custar mais ainda numa loja de CDs e que vale o seu preço.



Figuras: da esquerda para direita o CD do artista Hélio Flanders e o CD com livros e fotografias do artista Felipe Antunes. 2016.

No fim do concerto, os artistas conversaram com o público e aguardaram a Sra. Sandra Moreira que contou o dinheiro depositado na caixa do donativo consciente para entregar a parte que lhes cabia pelo concerto. Foram quase todos embora por volta das 00h40, exceto pela Sandra Moreira e a residente húngara, que ficaram no quintal ao pé da fogueira que se acendeu para convívio pós concerto. Parte do público aproveitou também a fogueira para socializar com os demais, como o casal americano.

Reflexão

Este evento teve múltiplas interações entre os agentes culturais da classe artística e de outra indústria criativa, ligada à mídia.

Houve muitas iniciativas criativas favorecidas pela proposta e tipo de espaço que a casa bô oferece.

Nas artes performáticas, houve a improvisação entre dois artistas que estavam em turnê pela Europa e coincidentemente passaram pelo Porto na mesma época e decidiram fazer um concerto juntos, encontrando espaço na casa bô.

Nas artes visuais, houve a presença espontânea de uma fotógrafa *freelance* que decidiu clicar o evento para seu portefólio. Ela trabalha com filmes de 35 mm e fotografias em preto e branco¹⁷.

¹⁷ O resultado do trabalho da fotógrafa Ana Cláudia Silva foi publicado em seu webiste. (2016) “Caminhos de ser feliz”, <https://caminhosdeserfeliz.tumblr.com/post/148837694582/felipe-antunes-na-casa-b%C3%B4-no-porto-agosto-de>, acedido em 10 setembro 2016.

Houve também o trabalho do fotógrafo jornalístico Marcelo Baptista, que cobriu o evento para uma série de matéria para a revista digital lisboeta Tracker Magazine.

Houve ainda, o trabalho da Freelance Valeria Keller¹⁸, que coletou material para uso da casa bô em troca de estadia temporária.

Houve momentos antes do concerto se iniciar, em que os músicos e os fotógrafos interagiram ao mesmo tempo. Enquanto os músicos reviam o *setlist*, e um deles conversava com o fotógrafo da revista digital, a freelance especializada em fotos preto e branco tirava fotos. E quando os músicos conversavam com o público ou a fotógrafa Sr. Ana Claudia, o Sr. Marcelo Baptista tirava notas para a matéria no webiste da Tracker Magazine.

Foram interações interessantes que aconteceram naturalmente num ambiente em que não há barreiras e permite essa abertura e liberdade de interações.

De outra forma, a Sr. valeria Keller registou o evento de por um outro ângulo, sem envolvimento com o público, conseguindo assim um outro olhar sobre o registo das interações de um mesmo evento.

O fato de haver a liberdade de um cão ter acesso ao espaço de um concerto, permitiu interações novas entre o músico e o público, e na publicação online da Tracker Magazine¹⁹, onde se destacou a presença do cão com um lugar muito intimista entre os agentes culturais e o público em geral.

O valor do donativo consciente ficou na média em relação à percentagem de contribuição e os artistas puderam divulgar seus CDs, chegando a vender diretamente ao público.

¹⁸ A fotógrafa freelance Valeria Keller tem duas páginas com seu portefólio. “Valeria Keller Art”, <http://www.valeriakellerart.com/>, “Lens Lecture”, <https://www.lensculture.com/valeria-keller>, acedidos em 10 setembro 2016.

¹⁹BATISTA, Marcelo. “Felipe Antunes e Hélio Flanders na Casa Bô no Porto: Uma noite dentro de nós.”, *Tracker Magazine*, <http://tracker-magazine.com/felipe-antunes-e-helio-flanders-na-casa-bo-no-porto-uma-noite-dentro-de-nos/>, acedido em 10 setembro 2016.

Diário de observação 7 | Noite de poesia e Contador de história

Data	10/08/2016 quarta-feira		
Horário	Início da observação: 22h30	Final da observação: 00h20	
	Agendado do evento: 22h00	Atraso: 30 min	
Local	casa bô Rua do Bonfim 356, Porto		
Evento	Noite de Poesia e Contador de Histórias		
Classificação	UNCTAD Indústrias Criativas Artes Artes cénicas Outros (declamação de poesias com música ao vivo - guitarra acústica) Artes Artes cénicas Outros (Contador de histórias) UNESCO Thesaurus 1. Educação 1.60. Ensino e treinamento Contador de história 3. Cultura 3.40. Literatura Poesia 3. Cultura 3.55. Artes Performativas Música 6. Política, Leis e Economia 6.80. Autogestão Freelance		
Objetivo	Observar as interações entre os frequentadores, o dinamizador do evento e o agente cultural convidado, Sr. Thomas Bakk.		
N.º participantes	16	Donativo sugerido: 2 €	
Arrecadação	Potencial: 32 €	Real: 23 €	Percentual: 72 %

Descrição
<p>Após o jantar vegetariano, como de costume, iniciou-se a atividade noturna.</p>  <p>Figura: mesa do jantar vegetariano. 2016. Foto © André Príncipe.</p>

A noite de poesia de hoje teria uma surpresa não revelada. O início da observação ocorreu com o início do evento, às 22h30.

Havia 16 pessoas presentes, sendo uma da Galícia, duas de Angola, uma húngara, dois brasileiros e o restante portugueses.

Quatro estavam vindo pela primeira vez, em companhia de amigos. A faixa etária teve pessoas entre os 20 e os 60 anos. Havia pelo menos dois senhores na faixa entre os 50 e 60 anos.

O Sr. Vitor Hugo Moreira veio da sala da biblioteca com cerca de 40 livros de poesias da casa bô e os colocou numa mesinha ao centro da sala de concerto.

O Sr. Joel Nachio posicionava-se com a guitarra num dos cantos do palco. Um cadeeiro foi posicionado ao meio da sala.

O evento começou com uma música para quebrar o gelo e iniciar a sessão de maneira suave e agradável.



Figura: Vitor Hugo Moreira e Joel Nachio. Foto © André Príncipe.

Após às 23 horas, chegaram mais pessoas, cerca de seis, porém, não ficaram por muito tempo e desta forma não foram contabilizadas entre o número total de participantes.

Cerca de 45 minutos da sessão ter começado, o Sr. Vitor Hugo, ao perceber o som de alguém a subir as escadas, disse que a surpresa estava a chegar. Como ele poderia saber que era a surpresa do evento, sem ao menos ter acesso visual ao corredor das escadas?

Os passos pesados e espaçados, e um outro som peculiar denunciou, entretanto, como o Sr. Vitor sabia que se travava de sua surpresa para aquela noite.

Entra na sala o Sr. Thomas Bakk. Uma pessoa de meia idade, com uma aparente limitação de mobilidade e uso de uma bengala de madeira chegou e ficou em pé à beira da sala de concerto enquanto uma das poesias estava a ser declamada.

Ao término da poesia, o Sr. Vitor apresenta o Sr. Bakk, um brasileiro radicado em Portugal há mais de 25 anos e que vive a vida a criar e vender histórias no formato de cordel. Uma modalidade pouco difundida atualmente e que o artista tenta preservar esse património cultural difundindo sua arte por Portugal em feiras e em apresentações com a que fez brilhantemente na casa bô.

Com uma oratória muito acima da média, o Sr. Bakk, que tem o nome artístico de “O Senhor dos Cordéis²⁰”, já foi orador de eventos TEDx Porto em 2014²¹.

O Sr. Thomas Bakk contou duas de suas histórias de cordel. A “Phoda-se” e “Peido, logo existo”.



Figura: Thomas Bakk , o contador de história . Foto © André Principe.

As duas histórias, em tom de comédia irreverente, e em versos no formato de cordel, declamou as duas histórias de cabeça, com uma eloquente desenvoltura, atraindo os

²⁰ Página na rede social Facebook. Thomas Bakk (2016) “O Senhor Dos Cordéis”, Facebook, <https://www.facebook.com/OSenhordosCordeis?fref=ts>, acedido em 10 setembro 2016.

²¹ O webiste do TEDx Porto com informações do orador é TEDxOporto, “Orador: Thomas Bakk”, <http://tedxoporto.com/2014/orador-thomas-bakk/>, acedido em 10 setembro 2016.

olhares e ouvidos de todos na sala. Muitas risadas e sorrisos saíram de todos, numa mostra do reconhecimento ao talento ao trabalho do artista. No final de sua apresentação, ainda em tom de comicidade, ofereceu as histórias para venda em pequenos livretos feitos em formato de edições independentes. Eram dois livretos, com cada uma das duas histórias contadas. Cada livreto foi oferecido a dois euros cada um, ou os dois por três euros. Formou-se uma pequena fila para se adquirir os livros. Cerca de metade do público presente comprou ao menos um dos livretos.

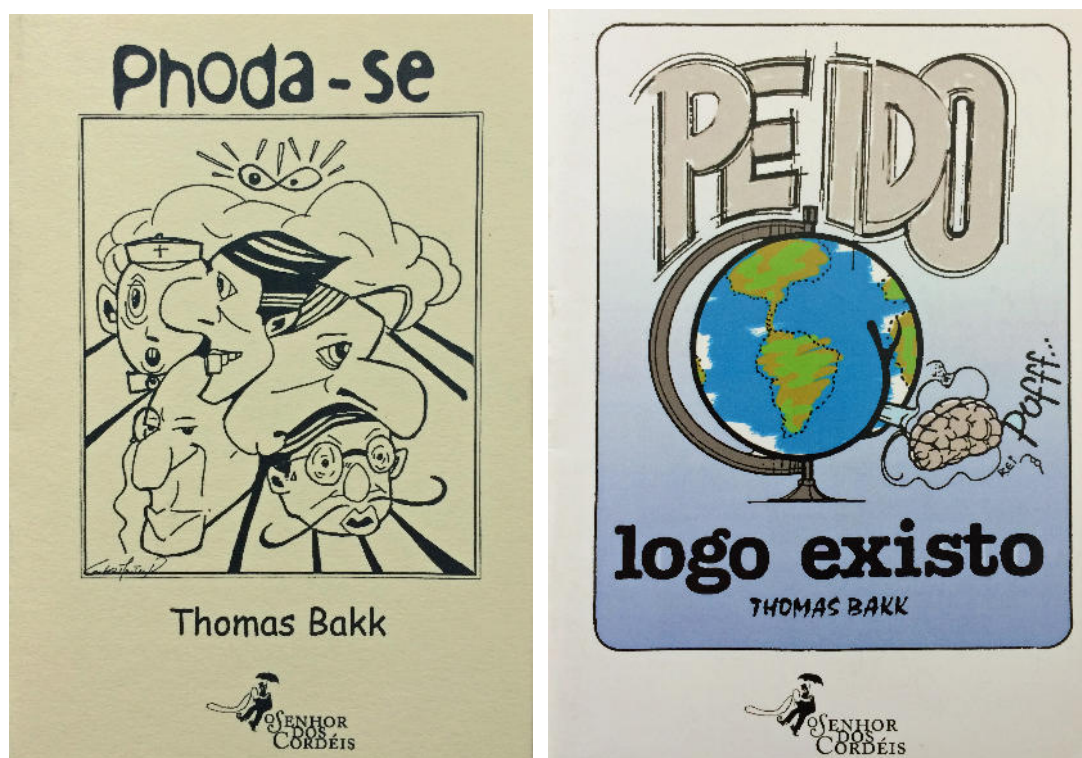


Figura: livretos do artista Thomas Bakk vendidos ao final da apresentação. Foto © André Principe. Pouco depois houve um intervalo por volta da meia noite. Cerca de 20 minutos depois o público foi retornando à sala de concerto, quando esta observação foi encerrada.

Reflexão

Este evento teve uma performance bastante dinâmica com a tradicional noite de poesia, evento semanal na casa bô, juntamente com a presença do contador de histórias Thomas Bakk.

O público presente teve a oportunidade de presenciar praticamente dois eventos numa mesma ocasião, além de conhecer um novo artista de uma categoria pouco difundida atualmente, com a possibilidade de revê-lo em atuações itinerantes que o

artista faz por boa parte de Portugal.

Foi uma oportunidade de conhecer o trabalho de um artista de muito talento e que dificilmente o público presente teria contato, não fosse por meio do convite do Sr. Vitor Hugo a dividir o espaço de sua noite de poesia. Foi mais um exemplo de sinergias que ocorreram entre os artistas, favorecendo os dois agentes culturais, uma vez que o Sr. Thomas Bakk mencionou no intervalo do evento que recomenda a casa bô e as noites de poesia para o seu público de outros lugares que passa para o público com destino ao Porto.

Diário de observação 8 | *Workshop* produção de almofadas

Data	12/08/2016 sexta-feira		
Horário	Início da observação: 17h00		Final da observação: 19h00
	Agendado: período da tarde		Atraso: não aplicável
Local	casa bô Rua do Bonfim 356, Porto		
Evento	Workshop – Produção de almofadas para o festival bô		
Classificação	UNCTAD Indústrias Criativas		
	Patrimônio Expressões culturais tradicionais Artesanato		
Objetivo	UNESCO Thesaurus		
	1. Educação 1.45. Estudo Geral e Básico Ensino de Artesanato;		
	3. Cultura 3.50. Artes Visuais Artes Têxteis;		
	5. Informação e comunicação 5.10. política de comunicação e pesquisa Ferramentas de comunicação;		
	6. Política, Leis e Economia 6.80. Autogestão Artesãos.		
Objetivo	Observar a confecção de almofadas de um dos membros da casa bô e o <i>workshop</i> ministrado para a visitante húngara Valéria Keller com a finalidade de produção de almofadas para o Festival bô;		
	Observar o atendimento ao público quem vem pela primeira vez em busca de informações sobre a atividade externa, o Festival bô;		
	Observar como é a recepção e acolhimento de agentes culturais que vem em busca de abrigo temporário e como se dá a interação e a troca entre o agente cultural e a casa bô.		
N.º participantes	2		Donativo sugerido: gratuito
Arrecadação	Potencial: não há	Real: não há	Percentual: não há

Descrição
<p>Fui à casa bô para observar uma atividade interna, divulgada apenas para os membros dinamizadores de atividades ou colaboradores mais ativos da casa.</p> <p>Esses membros se chamam por família bô, e a comunicação entre eles é feita por um grupo no Facebook. Não que não considerem as novas pessoas que entram como da família, mas tem a certeza quando as novas pessoas percebem o intuito e os valores da casa bô a ponto delas mesmas se sentirem parte da família. Não é a família que</p>

decide ou Não quem faz parte, mas todos aqueles que se sentem parte de uma mesma comunidade, a família bô.

Uma das participantes, a Sra. Emmanuelle Guenot, estava a cozer almofadas para uso nos *workshops* do Festival Bô. A meta é a confecção de 25 almofadas para o evento. O local foi a sala de concertos. A Emmanuelle já havia publicado no grupo e feito algumas almofadas no dia 10 de agosto, como forma de avisar que estaria na casa bô novamente, que serve de convite para quem desejasse participar da atividade.

Quando adentrei a casa, estava a Emmanuelle a ensinar a residente húngara, a Sra. Valeria Keller na confecção das almofadas. As instruções foram dadas em inglês.



Figuras: Emmanuelle Guenot e Valleria Keller no *workshop* e as almofadas em cima do sofá.

Fotos © André Principe.

A Sra. Emmanuelle é portuguesa e francesa, sendo filha de um francês e uma portuguesa. O pai é engenheiro têxtil e a mãe trabalha na área têxtil. A família é da zona próxima da Serra da Estrela, onde há um cluster do setor. Ao indagar a Emmanuelle se houve influência dos pais no ofício da costura, ela respondeu que foi mais por causa da avó que a incentivou desde pequena.

Por volta das 18h00, ouve-se batidas na porta. Uma mulher entra e pergunta sobre o Festival bô. Ficou sabendo na Junta de Freguesia do Bonfim. Foi informada pela Emmanuelle sobre o que estava incluso ou não no evento, e sobre a possibilidade de transporte rodoviário por uma empresa que opera entre o Porto e Amarante e que opera próximo dos Aliados.

Cerca de trinta minutos depois, bate a porta uma rapariga. Está com um mochilão. Abre-se a porta e ela diz ter conhecido um dos membros da casa bô no Porto e pede

para conhecer o local. Seu nome é Blanca, italiana de Milão, estudante de Filosofia e tem 20 anos. Fala bem o português. Estava a cursar Erasmus há seis meses em Lisboa.

Após conhecer a casa, foi lhe perguntada se estava de passagem e onde ficaria no Porto. Informou que ficaria três noites e que ainda estava à procura de Hostel. Foi oferecida estadia na casa, e a Blanca aceitou. Após se estabelecer, ajudou a Sra. Valeria Keller a preparar o jantar e a colocar a mesa.

A Blanca além de estudante de Filosofia é uma agente cultural, na área do Teatro, tendo já participado de peças e encenações.

Aproveitei a oportunidade de haver uma pessoa nessa condição nova de residente temporária para uma entrevista semiestruturada para perceber o que trazia a estudante a casa bô, quais suas motivações, se era da classe criativa e qual a finalidade de sua viagem.

Ainda durante a observação, houve mais uma chamada à porta. Era de um serviço de mudanças, que estava a transportar um sofá cama de três lugares que foi oferecido em doação. O sofá foi levado até a sala de concertos para acomodar mais pessoas sentadas em dias de evento. Normalmente há almofadas para quem também quiser se sentar no chão, além de dois outros sofás lá existentes e algumas cadeiras.

Reflexão

Em relação ao *workshop*, percebeu-se que a atividade foi bastante proveitosa do ponto de vista da produção, e da possibilidade de a Sra. Valeria Keller contribuir com a estadia ajudando não só na limpeza das áreas da casa bô, como também na confeção das almofadas.

Foi também uma oportunidade nova para a Sra. Valeria aprender um novo ofício, pois havia dito que nunca havia operado uma máquina de cozer. E depois da terceira almofada, já estava a fazer as operações sem a necessidade de acompanhamento.

Em relação a visita da moradora do Bonfim interessada o Festival bô, a atividade externa serviu não só como forma de atrair pessoas da comunidade do Bonfim para ir em direção à natureza, local das atividades do festival, como também a levou para conhecer a associação casa bô. Lá foi informada das atividades regulares da associação e teve a oportunidade de saber de mais uma opção de cultura e lazer nas proximidades de sua casa.

Em relação à estudante italiana que visitou a casa bô pela primeira vez, pode-se perceber que houve uma preocupação inicial em saber como a estudante teve conhecimento da casa, de forma a se ter alguma referência da pessoa. Como normalmente não moram membros da associação na casa bô, o espaço é oferecido às pessoas que demonstram e inspiram um mínimo de confiança apenas por questões de segurança e falta de condições de dar melhores oportunidades aos que vem pela primeira vez sem referências. Normalmente uma breve conversa com algum membro do grupo já serve como triagem para satisfazer a essa única restrição inicial para pernoite na casa.

Pode-se perceber um interesse imediato da estudante a ajudar no jantar para os presentes: Emmanuelle e Valeria, sem que lhe fosse necessário pedir ajuda. Blanca também ajudou com a loiça e conheceu a casa bô acompanhada de alguém da casa para que lhe contasse um pouco mais sobre o espaço, a história e a finalidade da casa bô.

Diário de observação 9 | Descrição casa bô

Data	12/08/2016 sexta-feira		
Horário	Início da observação: 19h00		Final da observação: 22h00
	Agendado do evento: não há		Atraso: não aplicável
Local	casa bô Rua do Bonfim 356, Porto		
Evento	Descrição física da casa bô		
Classificação	Não aplicável		
Objetivo	Realizar a descrição física e a identificação dos espaços funcionais e os ainda não funcionais. Identificar o espaço físico da casa bô em sua totalidade; perceber onde ocorrem as interações entre os membros da casa bô, os artistas e frequentadores.		
N.º participantes	Não aplicável		Donativo sugerido: não há
Arrecadação	Potencial: não há	Real: não há	Percentual: não há

Descrição
<p>Fiz uma visita à casa bô fora do horário de algum evento a fim de passar por todos os ambientes a casa, incluindo os espaços ainda desativados para atividades ou uso da associação.</p> <p>Área externa:</p> <p>Fachada da casa: a fachada é composta pela porta dupla de madeira em madeira, com duas pequenas janelas basculantes de vidro gradeadas em ferro, com a numeração da casa logo acima da porta. Há duas caixas de correio, uma em cada porta, sendo uma em ferro e outra em alumínio.</p> <p>Ainda a frente da casa, há uma outra pequena fachada em granito preto, com uma pequena janela e porta de vidro, ambas protegidas por uma grade pantográfica (basculante) em ferro, onde fica o número 358 da Rua do Bonfim, imediatamente abaixo de parte do imóvel da casa bô e ao lado da porta de acesso da associação. Trata-se de um pequeno empreendimento na área de restauração, mas que na altura da recolha de dados desta investigação ainda estava com as portas cerradas ao público.</p> <p>No primeiro andar, pode-se avistar as três janelas da sala de concertos. São janelas</p>

duplas de madeira e vidro, em vermelho, combinando com a cor da porta de entrada principal da casa bô.

No segundo andar, avista-se uma pequena sacada em grade de ferro e três janelas no mesmo estilo das janelas do segundo andar, exceto por não estarem pintadas em vermelho. Aparentemente mantiveram a cor e o material original das janelas.

A parede da fachada é de azulejos amarelos com pequenos mosaicos em marrom.



Figura: fachada da casa bô. 2016. Foto © André Príncipe.

Área Interna:

Rés-de-chão: a entrada e saída da associação se dá pela Rua do Bonfim 356, por meio de uma porta dupla em madeira com pé direito alto já citada na fachada.

Corredor (rés-de-chão): corredor que dá acesso à casa da rua, e aos pavimentos superiores. Trata-se de um longo corredor leva até os fundos da casa, onde fica o jardim da associação. Na parede do corredor logo à frente da escada, há uma mesinha em um pequeno gaveteiro em madeira, para colocação de avisos e folhetos dos eventos e da associação. A escada em madeira dá acesso ao segundo andar. Mais um pouco a frente, há uma porta do lado esquerdo que dá acesso a uma ampla sala. Nas paredes do corredor, há uma exposição de fotos de permacultura do trabalho do Sr. Henrique Bastos, num pequeno varal em que estão dispostas fotografias de hortas em formato de mandala.



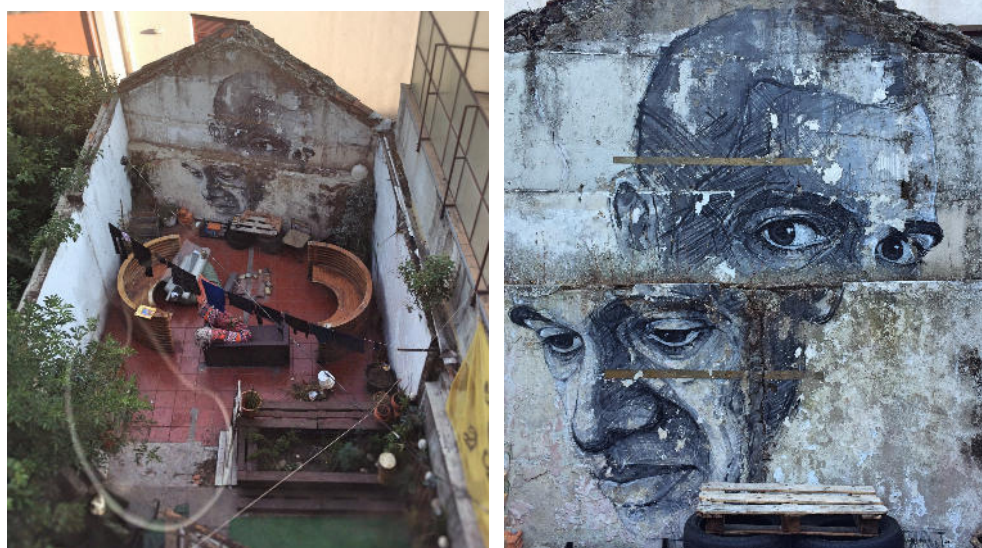
Figuras: detalhes do corredor (rés-de-chão), casa bô. 2016. Fotos © André Príncipe.

Sala (rés-de chão): com diversos tipos de materiais e doações que foram recebidas pela casa bô. A intenção é desocupar este espaço para uso em *workshops* e ateliês fixos ou temporários. Atualmente abriga numa parte da sala um ateliê do Sr. Jonas Andrade, para trabalhos em serigrafia e alguns tipos de artesanato.

Jardim: no jardim, logo à esquerda, há uma outra parte de materiais e madeiras acomodados no canto, por falta de espaço no interior da casa. Há um banco feito com o uso de paletes, pintado em marrom e envernizado para uso dos frequentadores.

Na parede dos fundos da casa bô, há uma obra de arte de rua feita pelo Sr. Frederico

Draw, artista que possui obras espalhadas em paredes de grandes espaços urbanos na cidade do Porto e outras cidades da Europa.



Figuras: vista superior do Jardim e detalhe da obra de Frederico Draw. 2016. Fotos © André Príncipe.

A área externa do jardim é descoberta. Há um candelabro improvisado feito de material reciclável, em que se usou uma lata de metal com furos em sua volta, em formato de abajur, a cobrir uma lâmpada do tipo incandescente, pendurada no meio do jardim pelo cabo de força que passa de um lado ao outro.

Lareira: nos fundos do jardim, há uma área de convívio com dois bancos em madeira com encosto em formatos circulares, um pequeno sofá em vime e um assento improvisado com pneus e parte de uma paleta. Ao centro, há pedras para delimitação do lugar onde normalmente são feitas fogueiras para reuniões, convívio e rodas de guitarra acústica, canto e outros instrumentos.

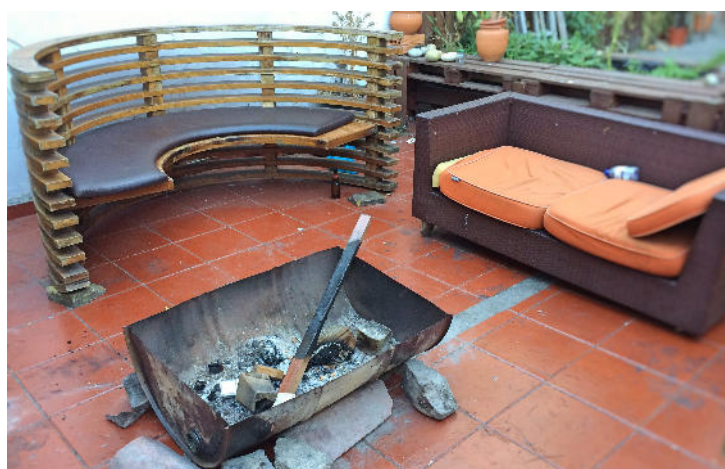
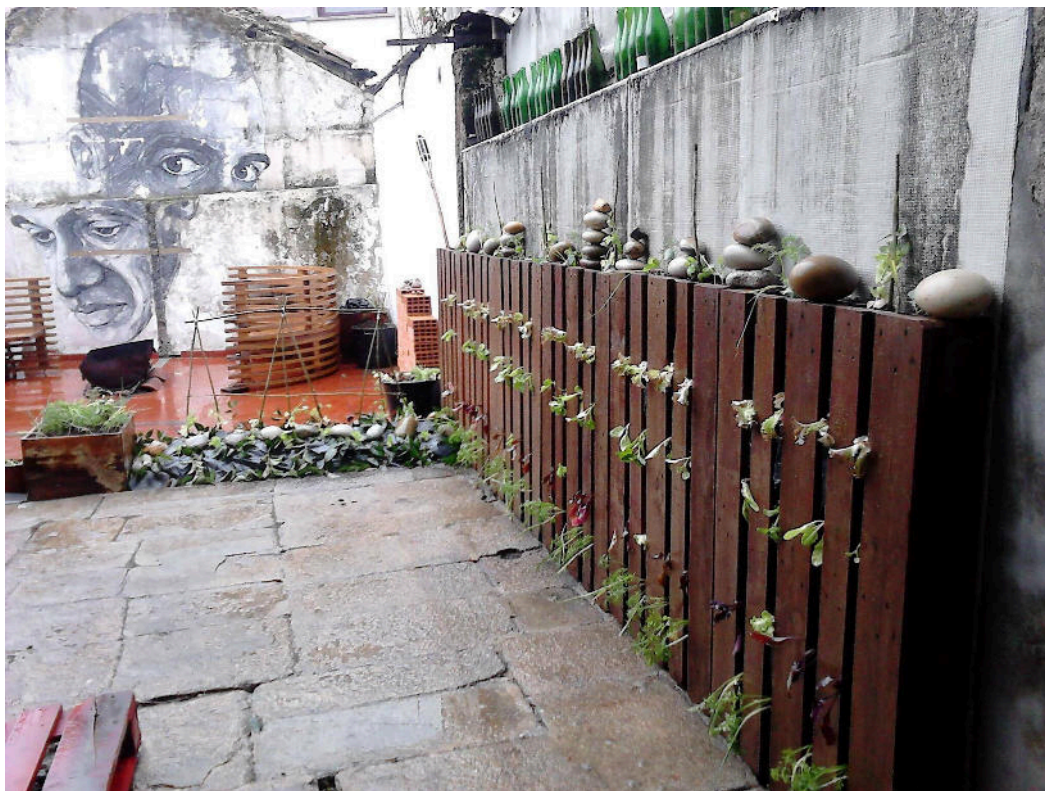


Figura: lareira e bancos no jardim, casa bô. 2016. Foto © André Príncipe.

Horta vertical: na parede do lado direito do jardim, há uma pequena horta vertical, fruto de uma dinâmica ocorrida em 2015 pelo Sr. Henrique Bastos, utilizando técnicas de permacultura para o cultivo de leguminosas e folhas para consumo interno da casa, principalmente nos jantares sociais.



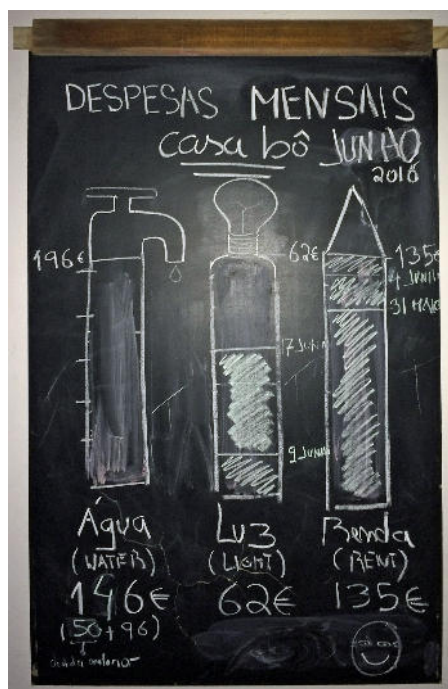
Figuras: horta vertical no jardim à direita, casa bô. 2015. Foto © Sérgio Romano Pires.

Casa de banho (rés-de-chão): há uma casa de banho na área do jardim, logo à esquerda ao término do corredor de acesso à entrada da casa. Não há chuveiro.

1.º andar: o acesso se dá por uma escada e corrimão de madeira pelo corredor da entrada da casa. Nesse andar há a sala de concertos, a sala da biblioteca, a sala de jantar, a cozinha, uma varanda com vista aos fundos da casa e uma casa de banho.

Corredor do primeiro andar: ao final das escadas que ligam o rés-do-chão e o primeiro andar, há um segundo lance de escada imediatamente do lado direito, que dá acesso ao segundo andar. Do lado esquerdo do corredor tem-se acesso à parte da frente da casa, onde fica a sala de concertos, e do lado direito, tem-se acesso aos ambientes da biblioteca, sala de jantar, cozinha, varanda e casa de banho. Ainda no corredor, na parede imediatamente a frente das escadas, há um quadro com informações sobre as despesas mensais (gastos fixos da casa: energia elétrica, água e

arrendamento). Tem a função de informar ao público sobre a sustentabilidade social da casa, da importância ambiental na economia do uso dos recursos e sobre a função do donativo consciente. Logo abaixo do cartaz, há uma mesinha em madeira que apoia um cartaz com os dizeres donativo consciente, onde em alguns eventos ousa-se a caixinha para recolha dos donativos. Algumas velas servem de decoração. Na parede, escrito em giz, pode-se ler os dizeres: “Dê o seu contributo”.



Figuras: no corredor do primeiro andar, casa bô. 2016. Foto © André Principe.

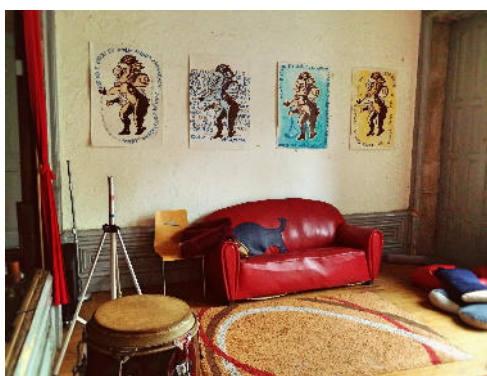
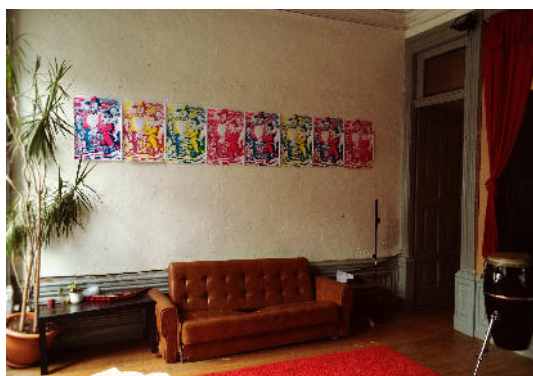
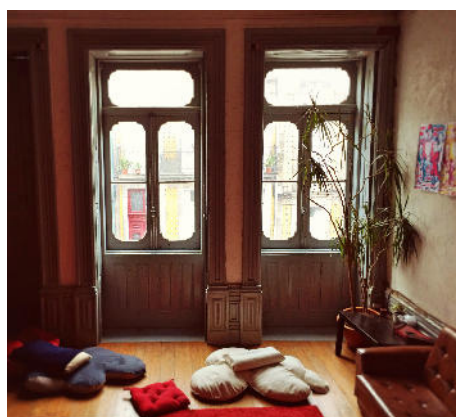
Sala de concertos: do lado esquerdo do corredor, em sentido à frente da casa, há uma porta que fica sempre aberta e faz divisão para a sala de estar que é usada como palco da sala principal da casa, no final do corredor. Uma outra porta dá acesso a sala de concertos, que só é fechada durante as apresentações em que há necessidade de maior silêncio ou quando há maior movimento pelos demais espaços da casa.

A sala de concertos possui logo na entrada um candeeiro, uma mesinha em madeira com todo de mármore, normalmente usada para apoio de livros e para a caixinha para o donativo consciente das atividades.

Há também três sofás, sendo um em couro marrom com os braços soltos escorados por mesinhas em cada um dos lados, um sofá vermelho em couro e outro em tecido, verde. Há ainda puffes e almofadas para eventos com maior quantidade de público que não caibam nos lugares limitados dos sofás.

Há ainda dois tapetes de médio tamanho, uma pequena poltrona e nas paredes dos dois lados do palco, há artes diversas como gravuras e ilustrações. O palco da sala de concerto tem um nível em relação ao chão e cortinas vermelhas decorando seu entorno. As três janelas duplas e a presença de alguns instrumentos musicais como uma cítara e instrumentos de percussão completam o ambiente.

Do outro lado da sala de concertos, há um segundo corredor que liga esta sala até a sala de jantar. Normalmente este espaço é utilizado apenas como local de apoio para materiais dos eventos usados no palco ou na sala de concertos, como piso de borracha para as sessões de ioga e instrumentos musicais.



Figuras: sala de concertos (visão das quatro paredes), casa bô. 2016. Fotos © André Principe.

Sala de estar: nesta sala há uma mesa redonda com seis cadeira em madeira sendo três pares em estilos e formas variadas. Há também uma poltrona em tecido. Nas paredes há obras gráficas como gravuras, litografias, serigrafias e silk screen decorando o ambiente ou como parte de exposição de algum artista ou outra associação cultural, como a Associação Verde-rubro. Dois abajures pendurados em forma invertida iluminam a sala de estar. Há ainda um bengaleiro para quem vem ao jantar possa pousar seu casaco e algumas peças decorativas, como um baú antigo.



Figura: sala de estar, primeiro andar, casa bô. 2016. Foto © André Príncipe.

Biblioteca: a biblioteca é um espaço que fica na sala de estar na área da cozinha e sala de jantar. A pequena biblioteca está disposta em uma das paredes com três prateleiras. Há cerca de 120 livros no local.



Figura: biblioteca, primeiro andar, casa bô. 2016. Foto © André Príncipe.

Sala de jantar: a sala de jantar está inserida no mesmo espaço da sala de estar, da biblioteca e da cozinha, esta com divisa por meio de um balcão tipo americano. Há cerca de 10 mesas pequenas com base de ferro e topo de madeira e fórmica, dando capacidade para cerca de 22 a 24 pessoas numa grande mesa retangular que

se cria com a junção das mesas individuais. As cadeiras são de tipos e formatos variados.

A sala é decorada com obras gráficas penduradas no teto do local.

Há três bancos na sala de jantar em que se pode sentar à beira do balcão da cozinha para tomar um café ou simplesmente como área de convívio. Na parede que dá acesso à varanda, há uma prateleira com elementos decorativos e velas, e onde costuma ficar um cartaz com a informação do valor sugerido pelo jantar macrobiótico feito pela Sra. Olga Rodrigues e a caixinha para depósito dos donativos.

A sala de jantar dá acesso à varanda e casa de banho.



Figura: sala de jantar, primeiro andar, casa bô. 2016. Foto © André Príncipe.

Varanda (1.º andar): A varanda possui acesso por uma porta da sala de jantar e possui janelas em alumínio e vidro com vista para o jardim da casa. A parede da janela da varanda é decorada com vasos com plantas e alguns instrumentos de percussão.

Casa de banho (1.º andar): no fundo da varanda tem-se acesso a uma casa de banho para uso do público. Não há chuveiro.

Cozinha: a cozinha tem acesso pelo fim do corredor do primeiro andar. Possui pia, um fogão de seis bocas com forno, micro-ondas, frigorífico, e outros utensílios de cozinha como panelas, pratos, copos, varinha mágica, cafeteira, um aparelho de som portátil e demais acessórios.

No azulejo branco e verde da cozinha pode-se perceber alguns desenhos feitos à mão livre que decoram o local. Parte da loiça fica numa prateleira numa das paredes e em cima do balcão que divide a sala de jantar há um abajur pendurado no teto de cabeça para baixo para iluminar o local e servir de decoração criativa.

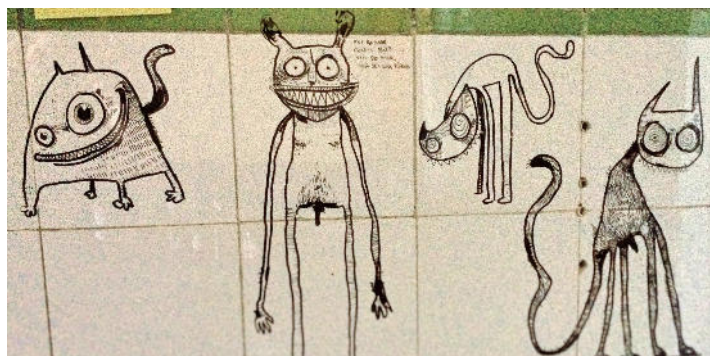


Figura: detalhe dos desenhos nos azulejos da cozinha, casa bô. 2016. Foto © André Príncipe.

Balcão (cozinha/sala de jantar): o balcão tipo americano da cozinha foi feito com o uso de paletes e madeiras recicladas. Serve como divisa de ambientes entre a cozinha e sala de jantar, além de um espaço para se tomar um café ou para socializar com amigos e frequentadores da casa bô. Há três bancos onde se pode ficar sentado a fim de utilizar o balcão para o consumo de alguma bebida ou alimento.



Figura: balcão, primeiro andar, casa bô. 2016. Foto © André Príncipe.

Eco ponto (lixo reciclável): Dentro da cozinha, foi montado um ponto para a separação do lixo reciclável, com um cartaz com as informações para a separação do plástico e metal no depósito amarelo, vidros no verde e papel e cartão no azul.

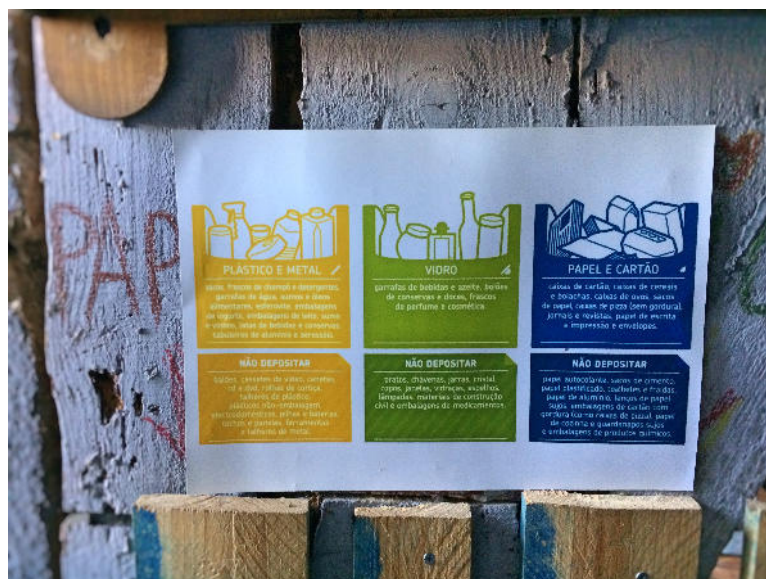


Figura: eco ponto, casa bô. 2016. Foto © André Príncipe.

Mural de avisos institucionais: logo após a porta que dá acesso a cozinha, no caminho para a sala de jantar, há um mural na parede que serve para divulgação de eventos da casa bô e de outras associações que trabalham em conjunto ou no mesmo sentido social da casa bô. Há cartaz sobre a G.A.S. Porto, que é uma ONGD – Organização não governamental para desenvolvimento, informações em um cartaz plastificado sobre a casa bô e festivais e eventos de outras organizações sem fins lucrativos.

Mural de avisos (social): no corredor do primeiro andar, do lado direito, ao lado do lance de escada que leva ao piso do segundo andar, há um outro mural, de cortiça, que serve de espaço para recados, avisos e mensagens de pessoas que passaram pela casa. Um dos recados que há é uma mensagem de agradecimento de duas raparigas que ficaram hospedadas na casa bô. Há também no mural mensagens da casa para estimular os frequentadores para se expressarem nesse espaço, e pequenos avisos sobre as atividades de voluntariado que são necessárias para requerem consciência da coletividade como a manutenção e limpeza do local, o conserto de algo, ajuda em alguma atividade, e recursos como itens de cozinha perecíveis de uso comum como óleo de cozinha, temperos, etc..

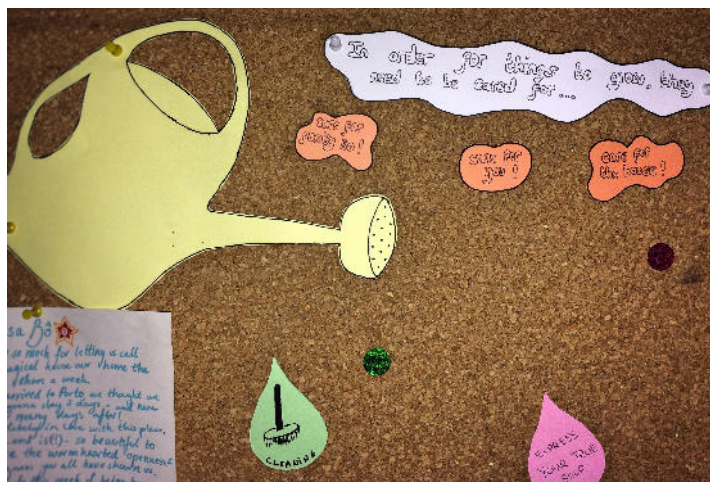
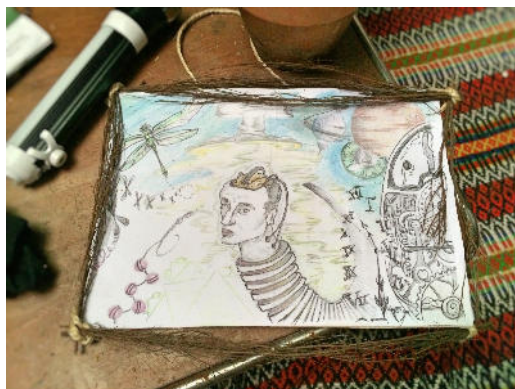
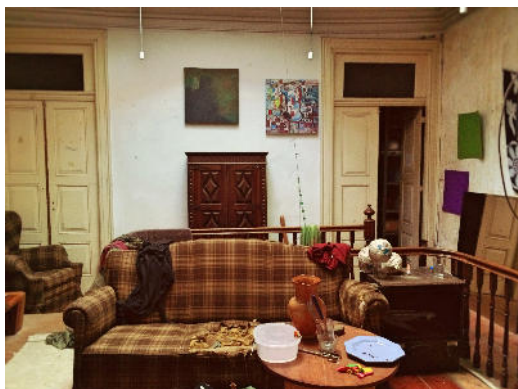


Figura: detalhe no mural de avisos (social), casa bô. 2016. Foto © André Principe.

2.º andar: o segundo andar é composto de um pequeno hall (área comum), e sua volta há duas pequenas salas (usadas de forma improvisada como quartos de descanso), uma sala que serve de depósito, uma sala de instrumentos musicais, um acesso entre as salas (quartos de descanso) onde fica um escritório, uma casa de banho e a varanda do segundo andar, com vista para o jardim.

Hall - sala de estar: no teto do segundo andar, há uma grande claraboia. Está danificada e parcialmente coberta nos locais onde o vidro está ausente. Ao redor do hall, há móveis como cómoda, mesinha de centro, pufes, sofá (com estofado danificado), poltrona e armário em madeira, tudo à volta do vão e corrimão do lance de escadas, criando uma sala de estar e área de convívio. Nas paredes do hall, há alguns quadros pintados em óleo, lenços decorativos e um espelho apoiado ao chão. Alguns objetos como artesanato em papel, ou desenhos estão espalhados pela sala decorando o local.



Figuras: hall – sala de estar e desenho, segundo andar, casa bô. 2016. Fotos © André Principe.

Quarto de descanso 1: neste quarto há dois colchões de solteiro lado a lado formando um espaço para duas pessoas dormirem. Há uma pequena comoda para apoiar roupas e objetos pessoais.

Quarto de descanso 2: neste quarto há uma cama de solteiro e no chão um colchão para que duas pessoas consigam pernoitar neste espaço. Há também um armário aberto com prateleiras sobre uma comoda de madeira com gavetas, no fundo do espaço, e uma mesinha que apoia um espelho.

Escritório: no meio dos dois quartos de descanso, há uma porta de dá acesso ao escritório da casa bô. Há duas secretárias, duas cadeiras, um pufe e alguns arrumos.

Saleta: ao lado do escritório, há uma pequena sala, com uma comoda com gavetas e um pequeno armário em madeira.

Varanda (2.º andar): em frente ao escritório e a saleta, tem-se acesso à varanda do 2.º andar que tem a vista do jardim da casa bô. A varanda tem as paredes em azulejo branco e em algumas delas há desenhos como manifestações de arte livre. Nas duas paredes laterais, há duas gravuras coladas como decoração do espaço. No fim da varanda tem-se acesso a mais uma casa de banho.

Casa de banho (2.º andar): esta casa de banho está sem a porta e está desativada. Não há chuveiro.

Sala (depósito): do lado oposto dos quartos, nesta sala há materiais diversos como molduras, ventilador, um baú, uma prateleira em ferro com materiais.



Figura: sala (depósito), segundo andar, casa bô. 2016. Foto © André Príncipe.

Estúdio: o estúdio fica ao lado da sala (depósito) e serve para ensaios de bandas. Atualmente a banda Lights On(e) e ocasionalmente outras bandas ensaiam no local. Abriga alguns instrumentos musicais como os de percussão, guitarra acústica, e serve de camarim improvisado em dias de concertos e eventos.

Varanda frontal: no final da sala (depósito) e da sala de instrumentos há acesso à varanda na parte frontal da casa, com parapeito em grade de ferro, com vista para a Rua do Bonfim.

Reflexão

A sede da casa bô tem uma boa parte da casa em operação, porém, devido à necessidade de reformas e recuperação do edifício, parte dos seus espaços está atualmente sem condições de acesso ao público ou uso pela associação.

Ao todo, foram identificados 28 espaços físicos na casa bô, a saber:

Rés-de-chão

- Corredor (rés-de-chão);
- Sala do rés-de-chão;
- Jardim;
- Horta vertical;
- Lareira
- Casa de banho (rés-de-chão).

1.º andar

- Corredor do 1.º andar;
- Sala de concertos;
- Biblioteca;
- Sala de estar;
- Sala de jantar;
- Varanda (1.º andar);
- Casa de banho (1.º andar);
- Cozinha;
- Balcão (cozinha/Sala de jantar);
- Ecoponto (lixo reciclável);
- Mural de assuntos institucionais;

- Mural de avisos (social).

2.º andar

- Hall – sala de estar;
- Quarto de descanso 1;
- Quarto de descanso 2;
- Escritório;
- Saleta;
- Varanda (2.º andar);
- Casa de banho (2.º andar);
- Sala (depósito);
- Estúdio;
- Varanda frontal.

Dos 28 espaços, alguns ainda não estão abertos ao público, ou por serem espaços de uso administrativo da casa bô, ou são espaços que necessitam de reforma, ou que atualmente abrigam materiais de doações ainda não utilizados. São eles a sala do rés-de-chão e as dependências do segundo andar, exceto a sala do estúdio. Eventualmente quando algum artista ou frequentador da casa bô necessita de um espaço para pousar, é facultado o uso de uma das salas de descanso do segundo andar.

Diário de observação 10 | 1ª Missão e preparativos Festival bô, parte 1

Data	13/08/2016 sábado		
Horário	Início da observação: 16h00	Final da observação: 02h30	
	Agendado do evento: 13h00	Atraso: 3 horas	
Local	Aldeia de Aboadela Amarante		
Evento	1.ª Missão casa bô – Aldeia de Aboadela e; Preparativos para o Festival bô		
Classificação	UNCTAD Indústrias Criativas Património Expressões culturais tradicionais Festivais e comemorações UNESCO Thesaurus 3. Cultura 3.65 Lazer Festivais; 4. Ciências Sociais e Humanas 4.25. Políticas Sociais e bem-estar Voluntariado		
Objetivo	Observar as atividades e interações dos membros voluntários da casa bô com a aldeia em Aboadela nas ações de voluntariado; verificar a organização e divisão de papéis sobre os preparativos para o Festival bô.		
N.º participantes	9	Donativo sugerido: 10 €	
Arrecadação	Potencial: 90 €	Real: 90 €	Percentual: 100 %

Descrição
<p>A casa bô tem como um de seus pilares a oportunidade de voluntariado. Para além das atividades que já acontecem no Lar de Idosos na zona do Bonfim, em que alguns membros da casa bô visitam o Lar para fazer companhia e oferecer entretenimento, seja por meio da música ou outras dinâmicas artísticas, os membros da casa bô manifestaram interesse em expandir esse voluntariado para aldeias mais isoladas e com menor oferta de ajuda. Optaram por uma aldeia próxima de Amarante, por questões de proximidade em relação ao Festival a decorrer de 26 a 28 de agosto em Amarante, e também pelo suporte da União das Freguesias de Aboadela, Sanche e Várzea, que disponibilizou uma casa equipada com capacidade para receber até 12 pessoas, que servirá como base de operações e estadia para o voluntariado.</p> <p>O período da missão vai de 13 a 21 de agosto.</p>

O Sr. Ângelo Lopes marcou ponto de encontro e saída em grupo para a missão em frente à casa bô, por volta das 13 horas. Ao chegar na casa, esperei na sala de concertos onde estavam a húngara Valéria Keller e a italiana Blanca. A Valéria se ofereceu em participar da missão como forma de retribuir a estadia, enquanto a italiana Blanca haveria de seguir viagem na segunda feira pela manhã, dia 15 de agosto, com destino à Barcelona.



Figura: membros da família bô a caminho de Aboadela. No detalhe, caravana de Ângelo Lopes.

2016. Foto © André Príncipe

Houve um certo atraso nos preparativos para a saída, uma vez que os membros que ficarão residentes durante todo o período de missão na aldeia de Aboadela precisaram trazer materiais e preparar a logística, como o reboque de um pequeno trailer. Os membros reuniram-se por volta das 15 horas em frente à casa bô, almoçaram num restaurante próximo, e saímos por volta das 16 horas rumo à Aboadela. Estávamos em três veículos. Eu vim no veículo de Sérgio Romano Pires, juntamente com a húngara Valéria e seu cão Sissi. Durante o caminho Sérgio contou um pouco de sua história sobre a casa bô. Conheceu o Ângelo há cerca de 6 anos atrás, no Grupo de Ação Social do Porto (G.A.S. Porto), uma organização voltada para ações de voluntariado em várias frentes, incluindo apoio à reinserção social de desabrigados e apoio a tóxico dependentes. Sérgio contou um pouco de sua experiência nesse voluntariado e disse como foi importante para seu desenvolvimento pessoal. Contou sobre como foi difícil no começo a tentativa de

recuperação de moradores de rua, uma vez que não tinham experiência e dificuldades em relação ao melhor tipo de abordagem. Após cerca de um ano, os resultados começaram a acontecer, depois de muitas tentativas e erros, e isso foi muito gratificante. Ao perguntar sobre o índice de reinserção à sociedade, Sérgio informou que não chega a 1% das pessoas assistidas. No caso dos idosos, muitos preferem a rua ao Lar de idosos, a não ficaram expostos aquele tipo de ambiente com regras que não se adaptaram. Sérgio ainda fez uma crítica, dizendo que mais vale ser um drogado ou um criminoso, do que um simples morador de rua ou um desempregado em busca de emprego, uma vez que os benefícios para são maiores, e a impressão que se tem é que muitos sabem disso e acabam por seguir este perfil em troca da maior contrapartida financeira do Estado. Por exemplo, um desempregado recebe apenas o RSI (Rendimento Social de Inserção), enquanto os demais acumulam para além deste, outros benefícios.

Ao chegarmos na aldeia, fomos até o alojamento que foi oferecido pela Junta de Freguesia e Aboadela. Uma casa de pedra muito bem equipada, com dos grandes quartos com três beliches cada e uma casa de banho espaçosa. A cozinha e a sala eram amplas, com muito bom espaço para convívio e trabalho.



Figura: casa em Aboadela disponibilizada pela Junta de Freguesia de Aboadela para os membros da casa bô. 2016. Foto © André Príncipe.

Ao adentrar, todos deixaram suas bagagens na sala. Não houve preocupações com escolha de quartos e camas. Havia uma TV na sala, que não foi ligada durante todo o período de observação. O grupo se dividiu para fazer as compras para alimentação durante os próximos dias, e foi recolhido um valor de 10 euros para esse propósito. Ângelo ficou na casa a trabalhar no portátil e eu fiquei com o mesmo intuito.

O jantar daquela noite foi sardinhas na brasa, servidas com arroz e salada. O grupo ficou reunido em volta das duas churrasqueiras à beira da autocaravana do Sr. Sérgio Campos, que veio em companhia de sua namorada Sra. Joana, enquanto Sra. Miriam e Sra. Valeria preparavam o restante do jantar na cozinha.

Durante o preparo do jantar, recebemos a visita do Presidente da Junta de Freguesia de Aboadela, o Sr. Henrique, que veio se apresentar a todos e se colocar à disposição para o que se fizesse necessário. O grupo fez algumas perguntas sobre como e onde poderiam começar os trabalhos voluntários, e decidiram por começar pelo Lar de Idosos. Além disso, decidiram interagir na festa da aldeia nos dois dias seguintes à noite como forma de conhecer melhor o povoado.

Após o jantar, juntaram-se todos à beira do fogo ao pé da caravana para conversar e cantar ao som de guitarra e instrumento de percussão.

Durante este convívio do lado de fora da casa, apareceram cinco adolescentes da aldeia que estavam a conversar em roda próximo de nós. Prontamente o Sr. Sergio Campos se aproximou do grupo com uma bola e perguntou se não queriam bater uma bola com ele e ofereceram algo para comer e beber, porém já tinham todos jantado. Nesta interação, os adolescentes convidaram o grupo da missão para conhecer uma piscina natural do rio Ovelha no dia seguinte com acesso por uma das trilhas da região. Marcaram encontro por volta das 15 horas.

Foram todos dormir por volta das 02h30.

Reflexão

Percebeu-se uma grande motivação de todos os envolvidos nesta atividade.

De início, algo que chamou a atenção foi o atraso acima da média em relação aos eventos internos da casa bô. Do horário marcado para encontro e saída para Aboadela e ponto de encontro em frente à casa bô, houve três horas de atraso. Foi interessante notar que mesmo após a chegada com o demasiado atraso, não havia qualquer tensão ou preocupação com o atraso.

A residente temporária foi convidada e aceitou o convite para atuar como voluntária da missão, além de poder trazer consigo seu cão.

Em conversa com o Sr. Sérgio Pires, percebeu-se que a casa bô tem uma forte base de membros que frequentaram a Organização Não Governamental e Desenvolvimento G.A.S Porto. A base da casa bô é de pessoas com experiência em ações de voluntariado e solidariedade social, e não somente ligação com habilidades culturais ou ligações com as artes.

Havia uma televisão na casa em Aboadela onde ficaram todos hospedados, e em nenhum momento ligou-se a televisão. Percebeu-se dessa forma um total desinteresse por esse veículo de mídia.

Algo que chamou a atenção: nenhum dos voluntários usa relógio. Há um grande desprendimento em relação ao tempo quando estão os membros da casa bô reunidos. Outra percepção que se teve foi uma forte empatia de todos com o contato com a natureza e meio ambiente. Havia nos comportamentos e interações de todos ainda mais alegria que o habitual, criando uma sinergia ainda maior no grupo.

Houve também uma primeira interação ocasional com adolescentes da aldeia e que resultou num agendamento para às 15 horas do dia seguinte para conhecerem um pouco mais dos atrativos naturais da região. Uma boa oportunidade para convívio na natureza e para entender um pouco da realidade dos jovens da região.

Diário de observação 11 | 1ª Missão e preparativos Festival bô, parte 2

Data	14/08/2016 sábado		
Horário	Início da observação: 06h00	Final da observação: 08h00	
	Agendado do evento: não há	Atraso: não aplicável	
Local	Aldeia de Aboadela Amarante		
Evento	1.ª Missão casa bô – Aldeia de Aboadela		
Classificação	UNCTAD Indústrias Criativas Património Expressões culturais tradicionais Festivais e comemorações UNESCO Thesaurus 3. Cultura 3.65 Lazer Festivais; 4. Ciências Sociais e Humanas 4.25. Políticas Sociais e bem-estar Voluntariado		
Objetivo	Observar a vizinhança da aldeia e perceber a rotina matinal dos moradores da aldeia de Aboadela.		
N.º participantes	Não aplicável		Donativo sugerido: não há
Arrecadação	Potencial: não há	Real: não há	Percentual: não há

Descrição
<p>Ao acordar ao som do primeiro dos muitos galos da vizinhança, por volta das 05h46, resolvi andar pela vizinhança da aldeia para ter uma ideia de sua dimensão e tentar um possível contato com moradores para entender sua rotina matinal.</p> <p>Todos da missão ainda dormiam, já que na noite anterior foram dormir por volta das 02h30.</p> <p>Ao sair do portão lateral direito da casa onde a missão estava hospedada, segui pela rua de terra que do lado esquerdo tinha um milharal, e depois um relvado onde pastavam alguns cavalos.</p>



Figura: milharal, Aboadela. 2016. Foto © André Príncipe.

Andei até uma das ruas que dá acesso à estrada principal de acesso à aldeia, onde já havia asfalto, e durante 30 minutos não vi ninguém a passar, até que a primeira moradora da aldeia estava a caminhar. Com ar desconfiado, fitou-me e cumprimentou-me com um “bom dia”. E seguiu seu caminho.

Ao caminhar no sentido de contornar o quarteirão onde ficava o alojamento, encontrei o Sr. Joaquim, de 72 anos. Havia acabado de sair de sua casa, e estava num banco de pedra do lado de fora a calçar suas botas. Olhei-o primeiramente de longe, e ao vê-lo com curiosidade sobre minha presença, aproximei-me. Deu-me bom dia, e nos apresentamos. O Sr. Joaquim disse que ir cuidar de algumas cabras, e que este era um de seus serviços.



Figura: Sr. Joaquim, morador de Aboadela. 2016. Foto © André Príncipe.

Aproveitei para perguntar sobre a população do povoado, e me disse que está cada

vez menor. As pessoas estão ou a imigrar para França ou Suíça (muitos fizeram isso desde 30 anos atrás), e outros mudaram-se para o Brasil, onde tinham já familiares ou alguém da família que foi primeiro, trazendo o restante posteriormente. O Sr. Joaquim me informou que com o êxodo, os moradores quase não interagem mais entre eles, muitas vezes por falta de motivação ou oportunidade. Vivem sós em seus núcleos familiares e com suas rotinas. Mostrou-me à frente de sua casa um centro comunitário que foi inaugurado em 2007, e que era utilizado entre outras coisas como o lar de idosos da aldeia. A casa havia sido doada por uma antiga moradora, por questão de sua vontade quando do seu falecimento e de não haver herdeiros. O local está fechado há cerca de dois anos, pois o Lar foi deslocado para as proximidades da igreja da aldeia, na parte alta da região, e que o local anterior estaria sob litígio judicial, uma vez que houve uma pessoa que financiou a reforma do local e não teve o retorno que estava a espera com a utilização do imóvel para tal fim.



Figuras: centro comunitário fechado há dois anos, Aboadela. 2016. Fotos © André Príncipe.

Despedi-me do Sr. Joaquim e resolvi caminhar em direção ao portão do lado oposto do alojamento por onde saí, no intuito de completar a volta no quarteirão, porém, ao ver uma ponte românica, decidi atravessá-la para ter uma vista do rio e da paisagem. O local faz parte da rota dos românicos, como parte de incentivo ao turismo rural da região. Ao fim da ponte há um bar na beira do rio para os moradores e visitantes da região. Na altura, havia somente eu pelas redondezas, quando avistei um morador a falar em voz alta consigo mesmo que estava a caminho da igreja por questão da

missa matinal e que era nessa ocasião que a comunidade da aldeia interagia em maior grupo.

Retornei para o alojamento por volta das 8h00, onde todos ainda dormiam.

Reflexão

Percebeu-se que os membros da casa bô são pessoas que, pelo menos quando estão em conjunto, são pessoas de hábitos mais boêmios. Optam por começar o dia após às 10 horas e optam por aproveitar a madrugada para expressar artes musicais em conjunto, ou mesmo conversando à volta de uma fogueira, como ocorreu na noite anterior.

Numa primeira volta pela aldeia, pode-se perceber que há necessidades não supridas.

A rotina do meio rural e a falta de oferta de cultura, lazer e entretenimento faz da aldeia um local muito pacato e monótono. A falta de recursos e condições de explorar economicamente a área também contribui para este cenário.

Em uma breve conversa com um morador local, pode-se perceber que a evasão do meio rural transforma esses locais em sítios sem condições de aproximar as pessoas para uma convivência mais próxima e feliz. A impressão que se tem é cada um cumpre seu papel social, que é o mesmo a muitos anos, como as poucas atividades físicas e económicas que restam no meio rural e que ainda podem ser exercidas em sua maioria por moradores de idade mais avançada, muitas vezes, como forma de ocupar o tempo.

Diário de observação 12 | 1ª Missão e preparativos Festival bô, parte 3

Data	14/08/2016 domingo		
Horário	Início da observação: 10h00	Final da observação: 22h00	
	Agendado do evento: não há	Atraso: não aplicável	
Local	Aldeia de Aboadela - Amarante		
Evento	1.ª Missão casa bô Aldeia de Aboadela; Preparativos para o Festival Bô (1.º dia missão: reconhecimento da aldeia)		
Classificação	UNCTAD Indústrias Criativas Património Expressões culturais tradicionais Festivais e comemorações UNESCO Thesaurus 3. Cultura 3.65 Lazer Festivais; 4. Ciências Sociais e Humanas 4.25. Políticas Sociais e bem-estar Voluntariado		
Objetivo	Observar o comportamento do grupo no 1.º dia de missão. Verificar as ações, interações entre o grupo e a comunidade de Aboadela.		
N.º participantes	10	Donativo sugerido: não há	
Arrecadação	Potencial: não há	Real: não há	Percentual: não há

Descrição
<p>Por volta das 10h00 os primeiros membros acordaram. Aos poucos, tomavam banho, iam à cozinha para o preparo de algum desjejum ou iam para fora da casa para fumar. Desloquei-me até a cozinha para observar a Sra. Joana Sousa que estava a preparar café no fogão. Era um fogão a gás e algo naquele momento me chamou a atenção: como estavam preparando o café, sabendo que não havia sido encontrado filtros de papel nem pano desde o dia que chegamos? Quando as compras de mercado foram feitas, esse item não foi considerado, uma vez que se desconhecia essa fato. Ao me aproximar da Juda, como ela é chamada pelos amigos, percebi que ela estava a aquecer uma faca em uma das bocas do fogão, enquanto a água para o café estava sendo fervida juntamente com o pó de café dentro da chaleira ao lado. Ao perguntar a Juda do porquê de estar a deixar em arder em brasa a ponta da faca,</p>

ela calmamente me disse que era para coar o café. Naquele momento minha curiosidade inicial havia se transformado no objetivo do dia: descobrir qual a relação entre uma faca a arder e o coar de um café numa chaleira com água a ferver com o pó já dentro também. Calmamente, a Joda desligou a chama da chaleira e enquanto terminava de esquentar a ponta da faca de metal (cerca de uns 5 a 10 cm em brasa vermelha), ela vira para mim e diz que a faca quando mergulhada quente dentro da água com o café baixava automaticamente o pó, podendo servir o café diretamente da chaleira na chávena sem a necessidade de se filtrar. Atentamente, esperei até que a Joda colocou a faca na chaleira e ouvia-se o café a borbulhar ainda mais forte. Em seguida a Joda me serviu uma chávena e a mágica estava feita: não havia o menor sinal de pó no café. Ao questionar a Joda sobre a prática, ela me disse que havia aprendido esta técnica numa vindima na época de colheita de uvas em França, onde estive a trabalhar em um período de férias. Disse-me que o local tinha poucos recursos e usavam esse recurso para o preparo do café. Um bom exemplo de como uma situação de improviso por dar direito ao uso da criatividade e aprendizagem de novas técnicas. Aquele foi com certeza o café que tomei com mais gosto durante a missão.

Por volta das 11h30 estavam todos acordados e já com o pequeno almoço cumprido. Saíram todos em grupo para conhecer o entorno da aldeia. Tentaram encontrar algum ponto do rio Ovelha próximo da ponte românica algum ponto onde pudessem achar alguma pequena praia fluvial para se refrescarem. Não encontrando, dirigiram-se para um café próximo do alojamento, onde interagiram com as pessoas presentes.

O clima de alegria do grupo cativou os presentes e logo foram convidados a experimentar à borla a Feijoada que era preparada para ser servida no almoço no pequeno restaurante anexo ao bar. Sérgio Campos e mais alguns prontamente aceitaram. Após conversar e interagir com os presentes, voltamos para o alojamento por volta das 14 horas para fazer o almoço.

O almoço foi arroz, feijão temperado, batatas, brócolos e salada.

O almoço com todos à mesa começou por volta das 15 horas, mesmo horário que os adolescentes da aldeia chegaram no horário combinado para levar o grupo até à piscina fluvial.

Saímos todos da casa por volta das 16 horas. Seguimos a pé em cerca de 12 pessoas, sendo cinco amigos da aldeia e os membros da casa bô. A Valéria Keller resolveu ficar para descansar na companhia do seu cão.

Caminhamos cerca de 40 minutos num percurso com subida pelo asfalto em direção do morro que faz parte da região e no início da trilha, com acesso por uma estrada de terra apenas para peões seguimos num trecho mais plano que depois era em declive. Ao chegarmos no local, fomos convidados a conhecer a “casa” na mata feita pelos adolescentes. Entre um conjunto de árvores ao pé do rio, cercado por bambus entrelaçados e coberta com um conjunto misto de lonas e plásticos. No interior, cadeiras feitas de bambus, aproveitando-se o desnível do solo. Um ponto de encontro e de convívio dos amigos. Houve uma boa interação com os jovens, que falaram um pouco de suas vidas e principalmente queriam saber mais sobre a missão e os membros da casa bô. Após cerca de 30 minutos de conversa, fomos em direção da piscina fluvial, a poucos metros dali.

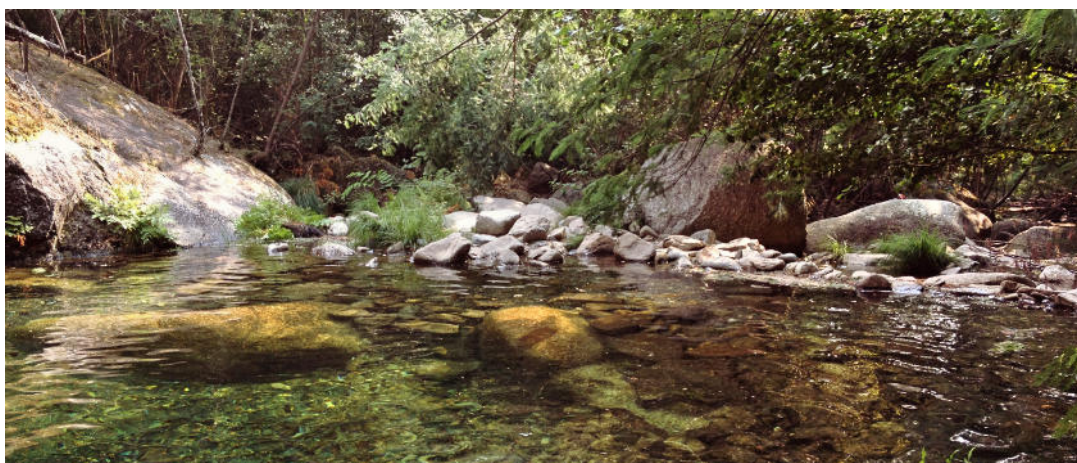


Figura: piscina fluvial, rio Ovelha, Aboadela. 2016. Foto © André Príncipe.

Depois de cerca de uma hora aproveitando a água gelada para aliviar o calor, voltamos em direção ao alojamento. O Sr. Sérgio Ramos que havia insistido para que se levasse a guitarra e o fez com a dificuldade do calor a carregá-la nas costas dentro da bolsa com alças, reclamava da falta de oportunidade por não terem chegado a tocar no local.

No retorno, dois momentos distintos chamaram a atenção. No primeiro, Sr. Sérgio Ramos pega uma mangueira que estava conectada numa torneira de uma casa de dois andares, ao pé do passeio e resolve ligá-la para molhar os colegas em tom de

brincadeira. Logo em seguida, uma senhora aparece na varanda e começa a reclamar do uso não autorizado da água. Ainda em tom de brincadeira, o outro Sérgio do grupo, Sr. Sérgio Campos, pede gentilmente à senhora se não poderia molhar aquele grupo todos, uma vez que mereciam ser molhados. A senhora estava a negar o pedido, quando de repente Sra. Miriam dá a ideia de oferecer uma serenata à senhora, e o grupo se une ombro a ombro, e começam a cantar ao som da guitarra. A música preenche o local de alegria e uma ternura, contagiando quem passava. Demais membros da casa saem curiosos pela porta térrea, e espreitam a delicadeza daquele momento. Vizinhos saem a porta para ver o que se passa. Durante alguns minutos, o clima foi alterado de uma situação corriqueira para uma verdadeira serenata. Via-se sorriso em todos os rostos, e no final, a senhora emocionada, agradece e oferece que o grupo use a mangueira à vontade. O grupo agradece, mas segue o caminho rumo ao alojamento. Ao olhar para trás, via-se os vizinhos e os moradores da casa a acenar e agradecer por aquele momento propiciado.



Figura: serenata, Aboadela. 2016. Foto © André Principe

Alguns momentos depois, outro momento inesperado. O Sr. Sérgio Campos, ao ver um trator com uma carreta engatada, estacionada em frente a uma das casas, chama pela atenção do proprietário. Ao sair para atender o chamado, Sérgio sobe na carreta e começa a pedir em voz alta para que nos levassem de boleia para o alojamento. Após alguma insistência feita de modo sempre cômico, o proprietário se rende aos apelos e decide dar boleia a todos. Mesmo parte do grupo não imaginava ser possível tal pedido, porém todos logo subiram no trator que nos levou por cerca de

pouco mais de 1 km pela aldeia em direção do alojamento. Ao invés de parar no alojamento, o condutor do trator, o Sr. Álvaro, passou reto pelo alojamento, atravessando a ponte, e nos deixou à beira do rio, ao lado do bar. Decidiu-se imediatamente convidá-lo para beber algo no bar e houve novamente mais uma interação espontânea com um morador da região. O Sr. Álvaro contou um pouco de seu trabalho, na área de venda de madeira para o consumidor final, e sobre um pouco do histórico da aldeia.



Figura: boleia num trator, Aboadela. 2016. Foto © André Príncipe.

Juntaram-se ao grupo o Sr. Nuno e Sra. Sandra, que haviam chegado há pouco tempo na aldeia e por coincidência estava no bar do rio à espera da chegada do grupo.

Após cerca de 30 minutos de conversa, foram todos ao alojamento para se preparar para o jantar.

O jantar foi preparado pela Sra. Sandra Semblano. Foi servido arroz branco, uma salada com um molho de azeite com levedura de cerveja diluída e vinagre, abóbora cozida e salteada e o prato principal: um refogado de legumes com grão de bico, curgete, champignons, cebola, temperado com caril e outras especiarias. Para beber,

o Sr. Nuno que trabalha com representação de algumas marcas de vinhos portugueses para o consumidor final, trouxe dois vinhos portugueses conceituados. Após o jantar houve uma pequena pausa para a reunião de ponto de situação, que se iniciou às 23h10.

Reflexão

O grupo consegue de uma diferente da tradicional, conciliar um trabalho ou obrigação em momentos de prazer. A abordagem pelo entendimento das necessidades para voluntariado começou sem uma preocupação imediata em um mapeamento em locais públicos ou em um trabalho de campo. Houve uma preocupação em se integrarem com o espaço, uma integração com a natureza. O reconhecimento da aldeia no primeiro dia começou pela procura de locais onde pudessem interagir com a natureza ou mesmo pudessem conhecer o entorno.

A primeira interação com os moradores locais foi algo que despertou interesse. A vibração e energia do grupo contagiou os presentes em um dos restaurantes da região e foram convidados a comer à borla, num local onde se é supostamente ir para pagar por uma refeição. Foi um indicativo de que atos gentis e caras novas são muito bem-vindas no meio rural.

Houve atraso para o almoço. Era suposto de se terminar o almoço por volta das 15 horas para ir com o grupo de adolescentes até uma piscina fluvial por uma das trilhas da região. O grupo de adolescentes chegou pontualmente às 15 horas. Nessa altura, estavam todos se sentando à mesa para iniciar o almoço. Ao verem o grupo de adolescentes, à porta da casa, convidaram-nos para almoçar. Como já tinham almoçado, foram convidados a esperar no sofá da sala de estar.

O fato do grupo estar supostamente atrasado com os adolescentes à espera em nada modificou o comportamento e relacionamento dos membros da casa bô durante o almoço. O ritmo foi o mesmo que em outras ocasiões. Perto das 16 horas, quando todos estavam satisfeitos e conversados, foram de encontro com os adolescentes em direção a trilha. Foi uma surpresa inicial ver a tranquilidade do grupo em seguir o fluxo natural do tempo, ao invés de se estressarem a fim de minimizar o atraso que já era evidente.

No retorno do passeio, houve dois momentos inusitados e inesperados que saíram muito do comum. O grupo quando está unido consegue uma interação quase

irresistível com as pessoas com as quais se relacionam. Isso aconteceu não só no evento do uso da mangueira de uma das casas no caminho da trilha, como também na boleia no trator de um dos moradores da região. Essas interações em grupo, com iniciativas criativas e uso da arte, evidencia um estreitamento das relações humanas não só do grupo, como também todos que estão a sua volta. É uma espécie de voluntariado randômico que atinge boa parte das pessoas que cruzam o caminho desse grupo de membros da casa bô. É verdadeiramente uma valorização das relações humanas por meio de ações simples como afeto, carinho, disseminação e prática de artes e cultura, numa relação em que todos que participam deste processo ganham algo em troca, algo genuíno.

Estar aberto ao novo propicia viver novas experiências e permite pensar a vida em outros moldes. O fato de sairmos do paradigma e da rotina que vivemos no nosso meio para experimentar vivências como essa, automaticamente abre-nos espaço para sermos mais criativos, ao pensar a vida e termos comportamentos fora do mainstream. É perceber que há sempre novas possibilidades a nossa volta, por mais absurdas que pareçam, como uma serenata surpresa e um passeio de trator pelas ruas de Aboadela, experiência que dificilmente aconteceriam, pela menos da forma que foram, se tivéssemos ao menos imaginado a hipóteses dessas ações improváveis acontecerem.

No jantar, algo chamou a atenção: o molho da salada. Era algo que poucos tiveram contato antes. Uma mistura de azeite, limão, molho de soja e o ingrediente mais inusitado: levedura de cerveja. Uma ideia simples e diferente que fez até os que não gostavam de salada se arriscarem para provar o elogiado molho. Ideias criativas e abertura para o novo para ter a mudança como regra, como forma de tirar a formatação das regras e monotonias da vida movida por rotinas programadas.

Diário de observação 13 | 1ª Missão e preparativos Festival bô, parte 4

Data	14/08/2016 domingo		
Horário	Início da observação: 23h10	Final da observação: 00h00	
	Agendado do evento: não há	Atraso: não aplicável	
Local	Amarante Aldeia de Aboadela - Alojamento		
Evento	1.ª Missão casa bô – Aldeia de Aboadela; Preparativos para o Festival bô (Reunião do grupo: Ponto de situação sobre o Festival bô)		
Classificação	UNCTAD Indústrias Criativas Património Expressões culturais tradicionais Festivais e comemorações UNESCO Thesaurus 3. Cultura 3.65 Lazer Festivais; 4. Ciências Sociais e Humanas 4.25. Políticas Sociais e bem-estar Voluntariado		
Objetivo	Observar a condução da reunião sobre objetivos em comum para a missão e preparativos para o Festival bô.		
N.º participantes	10	Donativo sugerido: não há	
Arrecadação	Potencial: não há	Real: não há	Percentual: não há

Descrição
<p>Após o jantar vegetariano feito por pela Sra. Sandra Semblano, juntaram-se todos os presentes na Missão bô para reunião para alinhar objetivos, ideias e abordagens.</p> <p>Novos membros presentes: Miguel e Liliana (namorados) e Sandra Moreira.</p> <p>Ponto de situação: apoio da Câmara, será pontual. Estavam a esperar maior apoio.</p> <p>Há apoio de pontos focais em Amarante, e alguma ajuda financeira será feita pela Junta de Freguesia do Bonfim.</p> <p>Estima-se um orçamento de 7.000 euros, que se espera concretizar em torno da metade do valor.</p> <p>Muito do valor dos gastos adiantados será apenas cobrado após o evento.</p> <p>Acredita-se no sucesso do projeto, e o retorno do investimento será de 150 pagantes.</p> <p>Estratégia: cada um pode criar mais coesão com o grupo todo. Por Facebook,</p>

mensagem de texto e outras redes sociais.

São cerca de 50 colaboradores e cerca de 100 parceiros que realizam *workshops*.

Perguntou-se pelos bilhetes. A Sra. Sandra Moreira ficou responsável e ainda não houve vendagem.

Tarefas específicas: folhetos e material de divulgação. Há ainda bastante material para ser divulgado.



Figura: convite festival bô²².

Próximos passos: no dia 15 de agosto, às 15 horas, haverá uma visita ao Lar de idosos para começar a interação e participação da casa bô.

Licenças para o Festival: faltam licenças nos Bombeiros, dentre outros órgãos.

Divulgação: haverá força tarefa no dia 15 de agosto para divulgar o Festival.

Houve bastante discussão entre os participantes no sentido de procura de solução para a captação de recursos e soluções para a vendagem de bilhetes.

Meios de comunicação

Quem tem o ADN da casa bô? Organizações afins e parceiras, como Espaço Compasso, dentre outras. Há a probabilidade de maior vendagem de bilhetes para o público que frequenta estes espaços ao invés da publicidade indiscriminada em jornais da região.

Serão levantados contatos para ligação via telefone, uma vez que há maior risco que e-mails não sejam lidos quando são para este propósito.

Ainda não há certeza se será preciso material de som e iluminação.

Não se sabe ainda o apoio que da Câmara de Amarante.

²² Imagem divulgação retirada do webiste do festival bô. casa bô (2016) “Descrição do Festival bô”, <http://festivalbo2016.wixsite.com/festivalbo>, acedido em 11 setembro 2016.

<p>Refeição: disponibilizar mais dois voluntários refeições para 150 pessoas.</p> <p>Coordenação de boleias, e carrinhas.</p> <p>Organizar na casa bô um dia para angariar fundos para a o Festival Bô.</p> <p>Após o fim da reunião, todos se prepararam para a Festa da aldeia a fim de interagir com a comunidade e divulgar o Festival Bô a decorrer de 26 à 28 em Amarante.</p>
Reflexão
<p>Percebeu-se que um evento de grande proporção estava por vir, a ser organizado pela primeira vez, e há 12 dias do início do evento, havia sido feito muito pouco. Havia muitas incertezas, e quase nada de concreto. O que havia de mais concreto era o compromisso de participação de uma massa de voluntários da casa bô e de toda uma rede colaborativa que se criou em prol do evento.</p> <p>O cenário que se identificou e o ponto de situação não desanimou o grupo. Pelo contrário. Serviu de motivação para procurarem formas de suprirem as necessidades para a realização do festival bô.</p> <p>Percebeu-se isso logo após a reunião, em que o Sr. Ângelo Lopes se mobilizou em conjuntos com outros membros da família para iniciar a divulgação ainda naquele dia, na festa da padroeira da Aldeia de Aboadela.</p> <p>Verificou-se também que nesse tipo de organização, é preferível ao investimento e uso dos recursos humanos em detrimento de técnicas de gestão moldados em prazos e recompensas ou punições.</p>

Diário de observação 14 | 1ª Missão e preparativos Festival bô, parte 5

Data	15/08/2016 segunda-feira		
Horário	Início da observação: 00h10		Final da observação: 02h00
	Agendado do evento: não há		Atraso: não aplicável
Local	Amarante Aldeia de Aboadela – Festa em honra de Santa Maria de Aboadela		
Evento	1.ª Missão casa bô – Aldeia de Aboadela; Preparativos para o Festival bô (Participação da festa anual da aldeia)		
Classificação	UNCTAD Indústrias Criativas Património Expressões culturais tradicionais Festivais e comemorações UNESCO Thesaurus 3. Cultura 3.65 Lazer Festivais; 4. Ciências Sociais e Humanas 4.25. Políticas Sociais e bem-estar Voluntariado		
Objetivo	Observar a interação dos membros da casa bô com a população da aldeia durante a festa anual de Santa Maria de Aboadela com o objetivo de divulgar o Festival Bô e perceber necessidades da Aldeia a serem abordadas pela missão.		
N.º participantes	12		Donativo sugerido: não há
Arrecadação	Potencial: não há	Real: não há	Percentual: não há

Descrição
<p>Após a reunião para discutir o ponto de situação do festival Bô, todos os 12 membros presentes na missão foram até o local da festa em honra de Santa Maria de Aboadela. O Sr. Ângelo Lopes, o Sr. Sérgio Pires e Sr. Miguel Festas ficaram responsáveis pela divulgação de folhetos aos moradores e interação com os moradores a fim de perceber alguma potencial necessidade da aldeia que pudesse ser trabalhada durante a missão.</p> <p>Ao chegar no local da festa, que aconteceu numa das ruas da aldeia, cerca de 300 metros do local onde a missão está hospedada, dirigiram-se todos em direção ao palco. A festa estava animada com música ao vivo e havia cerca de três casais no</p>

momento da chegada dos membros da casa bô, enquanto os demais participantes da festa observavam no entorno.

Após cerca de duas a três músicas em que os membros estiveram a dançar, houve uma mobilização natural do povoado que começou a encher o espaço em frente ao palco, tornando a festa mais animada.

Era perceptível que a presença dos membros causava curiosidade aos moradores da região, que logo se resumiu numa interação próxima e alegre com as danças típicas, como passos ensaiados, e danças em conjunto entre os moradores e membros da casa bô.

Havia cerca de 100 moradores da aldeia a participar da festa.

Além de música ao vivo, havia barracas com doces típicos, pipocas, balões para os miúdos e barraca de bebidas. Os membros da missão abordaram quase a totalidade dos presentes, um a um, explicando quem era, o que faziam na região e falando um pouco sobre o Festival com a distribuição dos folhetos.



Figura: cartaz da festa em Aboadela onde foi feita a divulgação do festiva Bô.

2016. Foto © André Príncipe

Por volta das 01h30, os membros se reuniram numa barraca de caipirinhas mais afastada da festa para conversar um pouco, descansar ou aproveitar a festa entre eles.

Reflexão

A presença da família bô mostrou mais uma vez a importância da interação do grupo em trabalhos de voluntariado focados no fortalecimento das relações humanas. Ao irem em frente do palco, mobilizaram em poucos minutos um grande número de presentes para dançarem ao som do grupo musical da festa, animando a festa como um todo.

O Sr. Ângelo Lopes assumiu mais fortemente o papel de divulgador do festival bô, enquanto o Sr. Miguel Festas e o Sr. Sérgio Pires uniram-se para animar os presentes na pista de dança. Não houve nenhum tipo de censura ou julgamento por parte do grupo da missão em os dois membros terem mudado de ideia e terem preferido aderir a uma outra atividade.

Diário de observação 15 | 1ª Missão e preparativos Festival bô, parte 6

Data	15/08/2016 segunda-feira		
Horário	Início da observação: 10h00	Final da observação: 16h45	
	Agendado do evento: não há	Atraso: não aplicável	
Local	Aldeia de Aboadela Amarante		
Evento	1.ª Missão casa bô – Aldeia de Aboadela e; Preparativos para o Festival bô. (Divulgação do Festival bô em Amarante e Aboadela e levantamento de locais para ações de voluntariado)		
Classificação	UNCTAD Indústrias Criativas Património Expressões culturais tradicionais Festivais e comemorações UNESCO Thesaurus 3. Cultura 3.65 Lazer Festivais; 4. Ciências Sociais e Humanas 4.25. Políticas Sociais e bem-estar Voluntariado		
Objetivo	Verificar a dinâmica organizacional dos membros da casa bô na gestão e divisão de atividades para divulgação do festival e levantamento de locais para ações de voluntariado		
N.º participantes	12	Donativo sugerido: não há	
Arrecadação	Potencial: não há	Real: não há	Percentual: não há

Descrição
<p>No segundo dia da missão, o grupo acordou mais cedo e quem acordava foi acordando os demais para um melhor aproveitamento do dia. Após o pequeno almoço, os membros se dividiram em grupos para a distribuição de folhetos e colagem de panfletos sobre o Festival bô. Parte do grupo fez o trabalho em Aboadela e entorno, e dois grupos dividiram-se em Amarante. Parte do grupo ficou de retornar mais cedo para o preparo do almoço por volta das 13h30, uma vez que haviam marcado com o Lar de Idosos a primeira visita para as 15 horas do mesmo dia.</p> <p>Por volta das 13h30 já havia retornado parte do grupo e começou-se o almoço. Massa com molho de legumes e salada de alface e tomate.</p> <p>Por volta das 14h30 estavam já todos presentes e prontos para o almoço, que se</p>

iniciou às 14h40. A Sra. Miriam Jorge lembrou a todos para almoçarem com brevidade pois haviam de estar às 15 horas no lar de Idosos, à beira da Igreja da aldeia.



Figura: folheto (frente e verso) do Festival bô. 2016.

O Sr. Ângelo Lopes aproveitou o almoço em que estavam todos à mesa para informar que eles haviam identificado mais um local para as ações de voluntariado. Trata-se de um orfanato, com cerca de 12 crianças, de menos de um até 12 anos. Ao visitar o local, fizeram um acordo para visitas regulares durante o período da missão e ofereceram ao orfanato convites para os três dias do Festival bô para que todas as crianças possam ter acesso ao evento. O custo individual do bilhete é de 10 euros por dia, ou 20 euros para os três dias. O valor aumenta para 25 euros depois do dia 20 de agosto.

Por volta das 15h15, estava o grupo ainda à mesa, e decidiram por tomar um café antes de partirem.

Por algum motivo não compreensível, a preocupação e a pressa existentes antes das 15 horas deu lugar novamente ao ritmo mais tranquilo e suave do grupo. Esse ritmo seguiu assim até por volta das 16h45, quando estavam todos prontos nos carros em

direção do Lar de Idosos.
Reflexão
<p>Duas ações chamaram a atenção nessa observação: a primeira, foi a mobilização voluntária do grupo em acordar mais cedo para cumprirem o maior número de pontos de divulgação do Festival bô. A divisão dos grupos foi feita de acordo com as pessoas que tinham veículo disponível e maior conhecimento dos locais para divulgação.</p> <p>A manhã foi bastante proveito e todos cumpriram o horário de retorno para o almoço. Sentia-se um clima de descontração e alegria com as ações voltada para o festival da casa bô. Talvez por este motivo, tenha acontecido um atraso considerável de forma quase involuntária. Com o almoço servido à mesa todos deveriam almoçar se possível em 20 minutos para atrasarem o mínimo possível, uma vez que haviam marcado a primeira ação de voluntariado às 15 horas no Lar de Idosos. Como não conseguiram cumprir a meta, perdeu-se a preocupação inicial com o horário e partiram para o Lar de Idosos apenas quase duas horas de atraso com o horário previamente combinado, sem que houvesse alguém a ligar para avisar ou remarcar o horário.</p> <p>No final das contas, a falta de preocupação se mostrou acertada, pois chegaram num bom horário em que os idosos estavam no horário todos reunidos no jardim do lar, e a ação de voluntariado ocorreu muito bem.</p>

Diário de observação 16 | 1ª Missão e preparativos Festival bô, parte 7

Data	15/08/2016 segunda-feira		
Horário	Início da observação: 17h00	Final da observação: 00h00	
	Agendado do evento: 15h00	Atraso: 2 horas	
Local	Lar de Idosos Aldeia de Aboadela – Amarante; Restaurante em Amarante: jantar de despedida de parte do grupo		
Evento	1.ª Missão casa bô – Aldeia de Aboadela e; Preparativos para o Festival Bô (1.ª ação de voluntariado da missão em lar de idosos)		
Classificação	UNCTAD Indústrias Criativas Património Expressões culturais tradicionais Festivais e comemorações UNESCO Thesaurus 3. Cultura 3.65 Lazer Festivais; 4. Ciências Sociais e Humanas 4.25. Políticas Sociais e bem-estar Voluntariado		
Objetivo	Observar a abordagem e as interações dos membros da casa bô na ação de voluntariado no Lar de Idosos; observar a efetividade e relevância da ação; observar como a arte e a Criatividade são exploradas nesta atividade.		
N.º participantes	12	Donativo sugerido: não há	
Arrecadação	Potencial: não há	Real: não há	Percentual: não há

Descrição
<p>O dia de hoje não era um dia comum no Lar de Idosos. A rua ao lado da igreja estava cheia. Havia bancas vendendo doces típicos, brinquedos entre outros. O Lar também estava com muitas visitas.</p> <p>Por se tratar da Festa da Santa Maria de Aboadela, havia muitos visitantes e parentes que não mais residem na aldeia, inclusive famílias a conversar com seus filhões em outras línguas, como o Francês.</p> <p>Chegamos às 17 horas. Ao entrarmos no quintal do Lar de Idosos, estavam quase todos na varanda sentados encostados nas paredes que faziam um “L”. Assim que entravam no quintal, os membros da casa bô foram logo interagindo procurando os</p>

idosos e a interação foi imediata.

Não houve um planeamento. Cada um procurou quem estava sem companhia e começaram a conversar dizendo quem eram, o que estavam ali a fazer e perguntando sobre a vida de quem estavam conhecendo. Abraços foram dados como forma de carinho e afeto. Enquanto isso, Ângelo conversava com o responsável pelo local, para acertar como seriam as próximas visitas durante a semana.



Figura: ação de voluntariado | visita ao Lar de Idosos. 2016. Foto © André Príncipe.

Assim que o Sr. Ângelo terminou de conversar com o gerente do Lar, o grupo começou a cantar músicas festivas, com acompanhamento de guitarra, tocada pelo Ângelo e trompete, pelo Sr. Nuno Santos.

Todos cantaram e bateram palmas. Entre a pausa de uma música e outra, o grupo aproveitava para se revezar entre os residentes do lar, para que todos pudessem conversar e conhecer uns aos outros.

Havia pelo menos uma senhora me cadeira de rodas.

Ao todo são seis idosos, com idades entre 70 e 103 anos. Há pelo menos três deles acima dos 90 anos e são cinco mulheres e um homem. Duas das mulheres são irmãs. Ao todo foram cantadas cerca de 10 músicas, e a animação chamava a atenção dos presentes do lado de fora da casa, que estava à espera da procissão, marcada para as 18 horas.

Ao conversar com a Sra. Carla, uma das responsáveis pelo Lar, fomos informados que são três idosos da região, e outros três de aldeias mais distantes. O Lar existe há cerca de quatro anos, e em todo esse período, somando-se o período desde 2007 quando foi aberto o Lar anterior no Centro de Convívio na parte baixa da aldeia, nunca havia ocorrido uma ação de voluntariado para se dar um pouco de atenção aos idosos.

O Lar chama-se Associação de Desenvolvimento Social Santa Maria de Aboadela. Está cadastrada no CAE com a categoria 87301 – atividades de apoio social para pessoas idosas, com alojamento – atividades de saúde humana e apoio social.

Houve por um pequeno período de tempo a contratação de uma profissional que fazia trabalhos manuais com os idosos, como tapetes, artesanato, pintura, entre outros. Porém, como o ordenado era alto, cerca de três vezes maior que o de uma funcionária comum, o serviço teve que ser dispensado.

Alguns dos idosos já moram há muitos anos lá. Alguns não enxergam bem e outros não ouvem bem. Há outros com necessidades de locomoção. Há apenas uma TV para distração, mas todos passam a maior parte do tempo a dormir. Há apenas um jogo de dominó na casa e um tabuleiro de xadrez. Não se sabe se há as peças.



Figura: Sra. Miriam Jorge, morador do Lar de idosos e Sr. Ângelo Lopes. 2016.

Foto © André Príncipe

Por volta das 18h00, iniciou-se a procissão, passando bem a frente do Lar.

Ficamos com os idosos até próximo das 19 horas, e na sequência, o grupo resolveu dar mais uma passada na piscina de água fluvial para mostrar aos membros da casa bô que haviam chegado no dia anterior à tarde e à noite.

Retornamos ao alojamento por volta das 20h30.

Decidiu-se sair para se jantar fora.

Sáímos por volta das 21h30 e fomos num restaurante em Amarante. Durante todo o jantar, houve um clima de muita descontração e bem-estar pelo bom início da missão. Mesmo durante o jantar, o grupo fez questão de interagir com as demais pessoas no restaurante.

Numa das interações, o Sr. Sérgio Campos pergunta se a francesinha da casa é boa, e o garçom responde que não sabia dizer pois nunca tinha provado. Sr. Sérgio decidiu provar, já que tinham bom aspeto as que foram servidas em outras mesas. Pouco tempo depois, chega uma família de 8 pessoas, e uma delas pergunta sobre a francesinha. O garçom decide por perguntar ao Sr. Sérgio se estava a gostar do prato. Sem ao menos pestanejar, o Sr. Sérgio levanta-se e diz em voz alta: O Sr. não prefere experimentar? Eu dizer não será a mesma coisa, pois há francesinhas de todo modo em cada localidade. A família e o restaurante riem, e o Sr. aceita provar a francesinha que lhe foi levada pelo Sérgio em seu prato. O Sr. acabou por pedir também a tal francesinha.

Ao ser questionado em nossa mesa sobre a nota de zero a 10 para aquela francesinha, Sérgio respondeu: no máximo um 2, talvez um 3 se eu estiver com muita fome! E perguntaram: mas, porque ofereceu se dá esta nota? Sérgio respondeu: há sítios que esta francesinha teria uma nota 10. E não sei qual é a referência deste pobre senhor. Caíram todos na risada, num ótimo clima de confraternização.

Ao final, o grupo se reuniu num círculo, e cantaram um mantra: “Força da paz”. O restaurante parou para ouvir e muitas palmas foram dadas ao final. Mais uma vez o senso cómico veio à tona: alguém do grupo disse em voz alta: ok, obrigado, o jantar nosso já está pago, não? Muito obrigado, obrigado... O restaurante mais uma vez se encheu de boas gargalhadas. Ao chegar no caixa, os olhares eram todos em direção do grupo, tanto dos empregados, quanto dos clientes.

Fui embora de boleia em direção ao Porto com o Sr. Sérgio Romano e a Sra. Liliana. Chegamos às 02h30. Outros também precisaram voltar, e os que puderam ficar, permaneceram, aguardando novos voluntários que se juntarão durante a semana.

Reflexão

Percebeu-se que o trabalho de voluntariado da família bô foi muito efetivo e pertinente no contexto em que foi inserido.

Foi a primeira ação de voluntariado no local escolhido em mais de sete anos de atividade do Lar de Idosos, contando a antiga morada.

Percebeu-se um forte empenho de todos em transmitir alegria, carinho e atenção aos idosos, que tiveram alguém para abraçar, sorrir e conversar.

A música foi um importante elemento para facilitar na integração e no voluntariado. O uso dos instrumentos musicais como a guitarra acústica e o trompete, usando outros elementos como o sino que ficava ao pé do pilar do jardim tornou a atividade muito dinâmica e prazerosa para todos.

Houve muita preocupação de todos em não deixar ninguém com mais ou menos atenção, apesar de nada disso ter sido previamente combinado. Não houve nenhuma instrução ou planeamento da atividade. Tudo ocorreu de forma livre e espontânea.

O atraso de duas horas se mostrou como um elemento de serendipidade, pois naquela altura parte dos idosos não estaria presente pois estariam no horário de repouso naquele momento, como foi informado pela funcionária do Lar.

No jantar de despedida de parte do grupo, ocorreram interações muito engraçadas e que praticamente animaram todo um restaurante com a simples presença espontânea do grupo, que aparentemente estava num clima para a criatividade e alegria propícios com os acontecimentos recentes. Foi interessante ver como propagar o bem em forma de voluntariado aumenta ainda mais o potencial criativo dos agentes culturais envolvidos. Podia-se ver no olhar dos clientes do restaurante uma satisfação enorme por estarem presenciando as interações que ali aconteceram perante a família bô.

Diário de observação 17 | Jantar, concerto Musical Manifesto e festa

Data	21/08/2016 domingo		
Horário	Início da observação: 18h00	Final da observação: 00h45	
	Agendado do evento: 19h00	Atraso: 3 horas	
Local	casa bô Rua do Bonfim 356, Porto		
Evento	Jantar macrobiótico (feito por Olga Rodrigues); Concerto – Duo brasileiro Musical Manifesto; Festa surpresa de aniversário de um dos membros da casa bô (Sérgio Campos).		
Classificação	UNCTAD Indústrias Criativas Artes Artes cénicas Música ao vivo UNESCO Thesaurus 1. Educação 1.45. Estudo de assuntos básicos e gerais 3. Cultura 3.10. Política e planeamento cultural Preparação de comidas 3. Cultura 3.55. Artes Performativas Música 4. Ciências Sociais e humanas 4.15. Sistemas Sociais Relações interpessoais		
Objetivo	Observar as interações entre os músicos com a casa bô, com a família bô e público; as interações ocorridas antes e pós jantar; o público participante no jantar e no concerto e as interações na festa surpresa de aniversário.		
N.º participantes	Jantar: 50 pessoas Concerto: 18 pessoas Aniversário: 40 pessoas	Donativo sugerido: Jantar: 5 € Concerto: 3 € Aniversário: gratuito	
Arrecadação	Potencial: Jantar: 250 € Concerto: 54 € Aniversário: não há	Real: Jantar: \$ não obtido Concerto: 36 € Aniversário: não há	Percentual: Jantar: não há Concerto: 66% Aniversário: não há

Descrição
<p>Cheguei por volta das 18h. Estava presente apenas a Sra. Olga Rodrigues para preparar o jantar macrobiótico.</p> <p>O menu foi um refogado de cenoura e ervilha, servido com arroz branco e salada mista, além de uma sopa de cenoura com cebolinha de entrada.</p>

Aos poucos foram chegando as primeiras pessoas.

Parte dos presentes veio diretamente de Amarante, voltando da 1.^a Missão na aldeia de Aboadela.

Parte das pessoas que chegaram foram conhecendo as pessoas que vinham pela primeira vez, numa integração no jardim da casa. Durante as conversas, alguém acabava por começar a cantar alguma música, sendo acompanhada por parte dos demais. Era um clima bastante festivo.

O jantar começou por volta das 21h30. Foi servido jantar para cerca de 50 pessoas. Havia pessoas da Espanha, como a Pâmela, que está no Porto a estudar canto com um professor inglês que mora no Porto. Há também uma francesa, que mora há dois meses no Porto, a Gwen. Havia também duas holandesas, que vieram intermédio de amigos em comum.

O concerto começou às 22h45.

A turnê da banda Musical Manifesto chama-se projeto caos e cosmos. Uma alusão às trocas de energia entre nós e o universo.



Figura: Duo brasileiro Musical Manifesto, antes do concerto, casa bô. 2016. Foto © André Príncipe. A dupla de músicos é de Piracicaba, São Paulo, e começaram uma turnê por Berlin,

onde se hospedaram e tocaram numa comunidade cultural chamada “Green House”, onde também puderam se hospedar.

Ambos também passaram por Amsterdão apenas de passagem e em Dublin chegaram a tocar em alguns lugares.

O músico Sr. Parma²³ (Valdemar Pinto Júnior) com o sitar indiano e a Sra. Nicoli Siqueira com o cajón, instrumento de percussão.

Na segunda música, a Sra. Nicoli tocou a guitarra indiana e o Sr. Parma tocou baixo.

No meio da música, trocou o baixo pela caixa de percussão.

No cajón... tocou o ritmo brasileiro do baião.

Estavam presentes 18 pessoas a esta altura.

Na terceira música, a Sra. Nicoli estava com novo instrumento. Guitarra elétrica.

E o músico Sr. Parma com o cajón (caixa de percussão).

Havia um cão de uma das presentes que se retirou depois da terceira música. Uma criança de um casal presente também assistia o concerto.

Na terceira música já não havia misturas com o ritmo indiano. Era algo próximo de world music.

Durante a terceira música, uma nova troca de instrumento. A Sra. Nicoli trocou o cajón pela guitarra, com o acompanhamento do baixo pelo Sr. Parma.

Na música seguinte, a dupla estava a tocar com a guitarra elétrica (Nicoli) e guitarra Indiano (Parma).

A Sra. Nicoli na pausa diz que o sitar (guitarra indiana) tem mais de 3.000 anos e que a vibração para os indianos é que forma todo o universo.



Figura: a sitar usada na apresentação do Musical Manifesto , casa bô. 2016. Foto © André Príncipe.

Depois de mais uma música indiana, a dupla toca um ritmo de música brasileira (Samba), com guitarra elétrica e cajón.

Há uma pausa, em que a Sra. Miriam lembra da doação consciente sugerida para o

²³ Nome artístico do músico Valdemar Pinto Júnior.

concerto (3 euros) e aviso sobre o festival de Amarante.

A dupla toca uma última música. Um mantra. O público improvisa com um coro de várias vozes intercaladas. Há uma grande harmonia entre os músicos e o público. O Parma com o sitar e a Nicoli com a guitarra elétrica. E depois com o cajón.

O público pede mais uma música e é atendido. O novo mantra é tocado. A Sra. Miriam se levanta e dança ao ritmo do mantra. O concerto terminou por volta das 23h45.

Em seguida, houve a preparação da festa surpresa de aniversário do Sr. Sérgio Campos. A sua namorada, a Sra. Joana, chamou a todos para descerem e entreter o Sr. Sérgio na fogueira enquanto se montava a sala de concerto com o projetor para um vídeo com depoimentos dos amigos. A Sra. Olga Rodrigues fez um bolo de aniversário para a ocasião. Houve um atraso um pouco demasiado, pelo fato da dificuldade em se configurar o projetor no computador portátil, entretanto a alegria e celebração continuou independente do relógio.

Reflexão

A casa bô teve um evento de grande proporção, muito pelo fato do aniversário de uma das pessoas da família bô e por ser final de férias e estarem mais pessoas já disponíveis para os eventos. O Sr. Ângelo disse que em agosto há uma queda na frequência do público e colaboradores por conta das férias.

Apesar de a lotação para o jantar ser praticamente o dobro do número de lugares sentados, como não há muitas preocupações com regras sociais ou alguma postura mais formal, todos foram se acomodando em outros pontos da casa, ou aguardavam os que terminavam o jantar para ter um lugar a mesa. Como foram chegando pessoas em diferentes horários, uma boa dinâmica nesse sentido.

O duo não se incomodou em tocar mais tarde por conta da mudança de planos tendo em vista a festa surpresa de aniversário e ficaram interagindo e jantaram com as pessoas presentes.

Percebeu-se que boa parte do público veio para o aniversário e optou por não participar do concerto (cerca da metade dos presentes).

Em relação ao Duo, o concerto foi muito interessante, pois partiu do improvisado. A ideia inicial era tocarem com uma bateria, porém, com a festa surpresa a acontecer em seguida, e como o concerto foi adiado para mais tarde, poderia incomodar os

moradores próximos, mudaram de plano e tocaram com o instrumento de percussão cajón.

O resultado saiu melhor que o esperado, dando um ar acústico ao concerto.

A arrecadação do concerto ficou dentro da média do histórico da casa bô e o duo ficou satisfeito com o valor arrecadado.

Sobre o aniversário surpresa, viu-se muita animação entre a família bô e convidados. Foi um clima muito festivo.

A fogueira nos fundos da casa se mostrou um lugar de muita conexão e interação entre os presentes que conversavam todos em pequenos grupos em volta da fogueira.

A observação terminou à meia noite e quarenta e cinco, e nesta altura já havia sido cantado os parabéns para se repartir o bolo de aniversário enquanto se ajustava os últimos detalhes da projeção.

A informação recebida é de que a festa durou até às quatro da manhã.

Diário de observação 18 | Música e fotografia na rua das Flores

Data	23/08/2016 terça-feira		
Horário	Início da observação: 19h00	Final da observação: 21h00	
	Agendado do evento: não há	Atraso: não aplicável	
Local	Rua das Flores Porto		
Evento	Música de rua – Duo Musical Manifesto; Fotografia – fotos para portefólio da húngara Valeria Keller		
Classificação	UNCTAD Indústrias Criativas Artes Artes cénicas Música ao vivo Artes Artes visuais Fotografia UNESCO Thesaurus 3. Cultura 3.55. Artes Performáticas Música 3. Cultura 3.50. Arte Visuais Fotografia		
Objetivo	Observar as atividades do Duo Musical Manifesto (que tocou dias antes na casa bô) em apresentação de música de rua em um dos locais de reunião de agentes culturais de rua, a Rua das Flores, no Porto; Verificar a dinâmica da apresentação e como a Criatividade emerge nesse tipo de trabalho e quais as motivações para essa atividade externa; Perceber a importância da rua das Flores como um dos locais criativos na cidade do Porto.		
N.º participantes	Não aplicável		Donativo sugerido: livre
Arrecadação	Potencial: não há	Real: 8 € / hora	Percentual: não há

Descrição
<p>Entrei em contato com o duo Musical Manifesto, Nicoli e Parma, via WhatsApp no dia 23 de agosto a fim de encontrá-los para uma entrevista para a tese. Informaram que estariam na Rua das Flores para uma performance no local na qualidade de artista de rua. Estariam no local das 19 às 22 horas.</p> <p>Informaram-me que de domingo para segunda-feira acabaram por dormir na casa bô após o concerto, uma vez que ficaram no local até o final de seu concerto e da festa de aniversário surpresa do membro Sérgio Campos. Tinham local para dormir na Associação Rés-da-Rua onde tocarão na sexta-feira dia 25 de agosto, porém optaram</p>

em ficar na casa bô devido o adiantado da hora.

Cheguei na Rua das Flores às 19 horas via autocarro 207 que me deixou ao pé da Estação de Metro São Bento. Havia muito movimento na rua. A maior parte turistas, de várias nacionalidades, por conta das diferentes línguas que podia-se reparar ao andar pelo local. Desci a Rua das Flores e cerca de 200 metros sentido Ribeira, ouço um cantor a tocar guitarra acústica. Estava a cantar canções em inglês. Naquele momento cantava uma música em inglês. Ao lado deste artista de rua, estava o Duo Musical Manifesto. Como a Rua das Flores já estava com outros artistas, em pontos mais movimentados, considerados mais nobres pelos artistas, os que vão chegando mais tarde tem de se posicionar em pontos mais na parte de cima da rua, mais próximo do sentido da Estação São Bento.

O Duo Musical Manifesto estava a esperar o final da performance do artista de rua, denominado de “Zé”. O Sr. Zé é morador do Porto e trabalha nas imediações. Sempre que possível após o expediente, apressa-se até a Rua das Flores para complementar o rendimento fixo com suas performances.

Como os artista Zé estava no meio da Rua das Flores, o Duo Musical Manifesto optou por aguardar vagar o ponto, a convite do Sr. Zé que estava em sua penúltima música quando cheguei. Quando terminou sua apresentação, recolheu o case com as moedas acumuladas durante a performance e com um grande sorriso no rosto apresentou-se e se despediu rapidamente para seguir em direção aos seus compromissos pessoais.

Enquanto alguém conversava com a percussionista Sra. Nicoli em pé, o Sr. Parma começou a tocar um solo em seu sitar indiano. A Sra. Nicoli estava a explicar que no intervalo entre os concertos que conseguiram nas associações culturais casa bô, Rés-da-Rua e Casa D’Horta, que complementam os rendimentos para financiar a viagem europeia com performances ao vivo nas ruas das cidades por onde passam. Disseram que o melhor local até o momento foi em Dublin, em frente ao famoso Temple Bar. Em cerca de duas horas, arrecadaram cerca de 95 euros.

Após a terceira música solo do Sr. Parma, haviam conseguido apenas uma moeda de 20 cêntimos. O ponto não era o melhor de todos, diz ele à pessoas que conversava com o grupo.

Por volta das 19h30, repentinamente, uma surpresa. A Sra. Valeria Keller, húngara

que está hospedada na casa bô há cerca de duas semanas, aparece descendo a rua. Está sozinha (o cão ficou na casa bô) e estava a tirar fotos com sua câmara Canon modelo EOS Rebel T6s. Estava a fotografar o Porto para seu portefólio pessoal.



Figura: Sr. Parma, músico do Musical Manifesto, Rua das Flores. 2016. Foto © André Príncipe.

Já por volta das 20h30, o Duo Musical Manifesto já havia tocado algumas músicas até fazer uma pequena pausa. Nesse período houve muitos turistas que paravam para ouvir a música, e muitos que paravam para apreciar o sitar indiano, um instrumento virtuoso e cheio de adereço, além de sua sonoridade peculiar. Inclusive músicos de rua que passavam pela rua das Flores se aproximaram para ver de mais perto aquele instrumento, não muito comum pelas ruas do Porto. Por volta das 21 horas, Sra. Nicoli e Sr. Parma arrumaram suas coisas e rumaram de volta para seu local de alojamento, na Associação Rés-da-Rua. Arrecadaram uma certa quantia de dinheiro, mas que não foi provavelmente um bom dia. Normalmente isso ocorre no primeiro dia enquanto ainda não se conhece bem o local onde se está a tocar.

Reflexão

Percebeu-se que a motivação para o duo tocar na rua das Flores é financiar a turnê europeia em que pretendem viajar durante aproximadamente um ano.

Durante a apresentação havia um público bastante heterogêneo que parava para

assistir ao duo. Uns paravam pela música, outros pelo sitar indiano e havia pessoas de todas as faixas de idade e de diferentes nacionalidades.

Havia quem ouvisse a apresentação e nada deixasse, e quem mal passava e contribuía com algumas moedas.

O Sr. Parma informou que o valor recebido na rua é muito variável. Pode variar entre menos de 5 euros a até 50 euros em uma hora de apresentação. Em Dublin, por exemplo, em frente ao Temple Bar, arrecadaram cerca de 95 euros em aproximadamente um pouco menos de duas horas.

O duo percebeu que na rua das Flores não chegariam perto do valor de Dublin. Um dos motivos para isso é o fato da grande concorrência de agentes culturais a realizarem suas atividades performáticas no mesmo local. Artistas locais ou mais antigos no seu ponto de atuação tem maior possibilidade de rendimentos.

O duo Musical Manifesto informou que quanto mais o artista está na parte baixa da rua, em direção à Ribeira, melhor é o movimento e a arrecadação. Quanto mais estiver acima, menor será. Como eram novatos no local, eram um dos grupos na parte mais alta da rua das Flores, já mais próximo do final da rua, próximo a estação de metro São Bento.

Percebe-se que ser um agente cultural de rua tem dificuldades e barreiras à entrada, e a possibilidade de tocar por mais tempo por um cachê menor.

Na casa bô, ficaram bastante satisfeito com o valor recebido, pois estiveram num local com mais estrutura, tiveram direito ao jantar, arrecadaram líquidos 25 euros (30% dos 36 euros ficou retido pela casa bô como acordo e sustentabilidade financeira da Associação). E depois de se apresentarem, puderam aproveitar a festa de aniversário e foram convidados a pousar na casa bô pelo adiantado da hora.

Nesse sentido, verifica-se que nesse tipo de situação a casa bô se mostra como uma boa alternativa para o agente cultural, para os frequentadores da casa bô e para o próprio mercado de rua, com a diluição da concorrência informal de parte dos agentes culturais criativos.

Outra observação interessante foi encontrar outra agente cultural criativa durante a observação do duo musical manifesto. Trata-se da Sra. Valeria Keller, a húngara que estava como voluntária e residente temporária na casa bô. A Sra. Valeria apareceu repentinamente onde tocava o Duo Manifesto e ficou a tirar fotografias do local e da

apresentação musical do duo. Ao ser questionada, disse que soube da rua das Flores ao perguntar na rua sobre locais turísticos no Porto, e decidiu fazer fotos do movimento para seu portfólio pessoal.

A certa altura da apresentação resolvi deixar de observar o duo para observar por alguns momentos a Sra. Valeria Keller. Como fotógrafa, ela buscava ângulos um pouco diferentes das fotos dos turistas, que normalmente acontecem em spots onde o posicionamento e o fluxo de pessoas permita uma fotografia rápida. A Sra. Valeria trouxe um tripé e fez algumas experiências com a vista noturna do Porto que aparecia com o fim da tarde.

Diário de observação 19 | Jantar e concerto no Rés-da-rua

Data	26/08/2016 sexta-feira		
Horário	Início da observação: 20h00	Final da observação: 00h30	
	Agendado do evento: 21h00	Atraso do evento: 45 minutos	
Local	Associação Cultural Rés-da-rua Rua de Álvares Cabral 263		
Evento	Jantar Vegetariano; Concerto com o Duo Musical Manifesto.		
Classificação	UNCTAD Indústrias Criativas Artes Artes cénicas Música ao vivo UNESCO Thesaurus 1. Educação 1.45. Estudo Geral e Básico Preparação de alimentos; 3. Cultura 3.10. Política cultural e planeamento Hábitos Alimentares; 3. Cultura 3.55. Artes Performativas Música 4. Ciências Sociais e Humanas 4.15. Sistemas Sociais – Relações Interpessoais		
Objetivo	Observar o funcionamento da comunidade autogestionária Rés-da-rua; identificar semelhanças e diferenças em relação à casa bô, observar o concerto do Duo Musical Manifesto, que já havia tocada na casa bô em 14 de agosto. Verificar as interações da banda com o público e a Rés-da-rua.		
N.º participantes	Jantar Vegetariano: 50 Concerto: 25	Donativo sugerido: Jantar: Livre Concerto: Livre	
Arrecadação	Potencial: não há	Real: 35 euros	Percentual: não há

Descrição
<p>Ao chegar por volta das 20h, encontrei no portão da Rés-da-rua três pessoas. O Sr. Pedro e a Sra. Daniela, moradores da casa comunitária, e um senhor de mais idade, olhar triste e profundo. Ao chegar, cumprimentei aos três. Recebi aperto de mão do Sr. Pedro e beijo da Sra. Daniela. O senhor que estava à porta, do lado do passeio, limitou-se a interromper a conversa, e curvar a cabeça para baixo.</p> <p>Ao adentrar, logo numa escada à minha direita, um gatinho preto e branco, muito bem cuidado. Fiz uma festinha e segui em direção da cozinha. Havia um grande</p>

quintal na parte de trás do prédio de quatro andares que faz parte da casa comunitária. Havia pessoas jantando em mesas no terraço ao pé da cozinha, em quatro mesas diferentes. Havia ainda uma grande mesa no meio do quintal, entre as muitas árvores e plantações de algumas culturas ao entorno.

Entrei na cozinha, e havia uma pia muito bem organizada à minha esquerda, com alguns recados escritos de maneira criativa com algumas orientações para os visitantes e os frequentadores da casa. Um deles: “por favor, lava aqui teu prato. E se tiver mais louça pousada, podes lavar também! ☺”

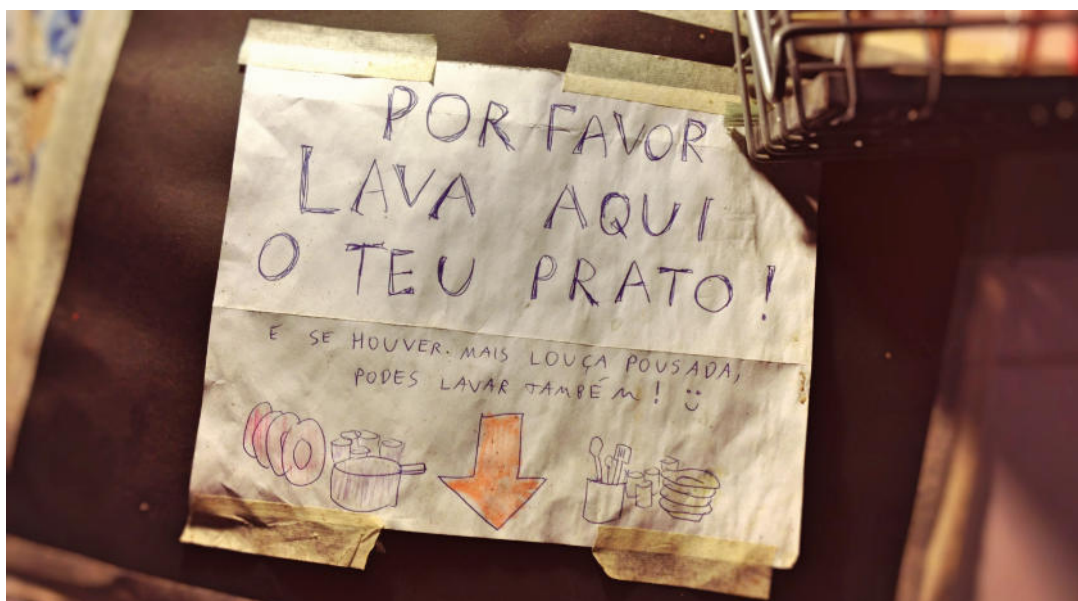


Figura: recado criativo, Rés-da-rua. 2016. Foto © André Príncipe.

Percebe-se que a dinâmica da cozinha é do tipo sirva-se você mesmo. Havia ainda na cozinha uma outra grande mesa com muitas pessoas a comer.

Havia dois cães a passear pelos ambientes, e três crianças a correr por entre as pessoas a brincar.

Havia ainda no fundo da cozinha uma sala sem separação de ambiente. Uma pequena biblioteca e sofás compunham o espaço, onde algumas pessoas socializavam.

Cheguei perto da mesa de apoio, ao pé do fogão industrial e da geladeira, na esperança que alguém me abordasse para entender a mecânica para usufruir do jantar comunitário.

Perguntei a um dos presentes que estava próximo da mesa, e era um dos residentes e estava ali para apoio aos frequentadores. Explicou-me que o jantar era à vontade,

cada um se serve, e havia uma caixinha simpática com os dizeres donativo consciente, onde ficava ao encargo do frequentador o valor que achava justo por aquela refeição. Não havia valor mínimo sugerido, ao contrário da casa bô. Ao invés disso, havia uma placa informativa, toda ilustrada e decorada, e que com muito bom humor explicava como era a receita daquele jantar comunitário, desde o processo de escolha dos alimentos, aos gastos diretos e indiretos envolvidos no processo. Era uma forma interessante de conscientização para se valorar na hora do donativo consciente. Uma abordagem simples e simpática.



Figuras: placas informativas e criativas, Rê's-da-rua. 2016. Fotos © André Príncipe

Havia muita variedade no jantar.

Desde a sopa de legumes, o arroz branco, um arroz roxo, provavelmente de legumes, feijão preto bem temperado com cebola e outras especiarias, fava cozida com molho de tomate, acompanhada de pêssegos paraguaios, algo que nunca havia provado daquela forma. Havia também uma salada mista de folhas, e um outro tipo de feijão com um tempero picante. Não era o feijão convencional servido nos restaurantes, e chamou-se a atenção experimentar mais algo novo.

Experimentei um pouco de cada alimento, exceto pelo arroz branco e pelo feijão preto. Estava a procura do novo, alimentos que não tinha ainda provado.

As bebidas eram a parte. Cervejas e vinhos à 1 euro cada. Peguei uma cerveja e fui para o lado de fora da casa, em busca de uma mesa ao ar livre, algo que não faço

com a frequência que gostaria pela falta de oportunidade.

Sentei-me propositalmente ao lado de algumas pessoas, deixando meu lado direito livre para quem mais quisesse se juntar aquela mesa no meio do jardim. Havia lugar para aproximadamente 10 a 12 pessoas. Havia cerca de seis pessoas sentadas quando cheguei. Fui procurar bebida, e quando voltei havia uma nova pessoa, já sentada próxima a mim. Não tive oportunidade de iniciar uma conversa com o grupo que já lá estava. Era visível que já se conheciam e estavam a perguntar uns aos outros o que tinham feito na semana passada. Conversei um pouco com a pessoa ao meu lado. Já conhecia o local e era visitante regular. Conhecia também a casa bô, porém tinha ido poucas vezes lá, para eventuais concertos.

Por volta das 20h45, chegaram os músicos do Musical Manifesto à nossa mesa. Estava a preparar os instrumentos na sala de concerto, que fica depois do corredor que liga a sala e cozinha.

Ambos pegaram um prato e foram comer connosco na mesa. Disseram que o prédio é muito organizado, e que estavam a pousar lá desde o dia seguinte do concerto na casa bô em 14 de agosto. Um dos residentes da casa estava a viajar e havia espaço para que eles fossem recebidos na casa.

O duo informou que moram 10 pessoas na casa, duas crianças de cerca de 6 anos, dois cachorros e dois gatos.

Disseram que a comida de lá é sempre variada e com fartura e variedade. Ajudaram nas atividades da casa como forma de retribuição, e nos tempos livre foram até os pontos turísticos e criativos do Porto em busca de apresentações de rua para fazer dinheiro para viagem que estão a fazer. Disseram ainda que pretendem ficar cerca de um ano viajando pela Europa, e que no domingo irão para o Marrocos, uma vez que fará três meses que estão viajando pelo espaço Schengen e precisam sair e voltar para conseguir novo período de entrada como turistas. Como estavam desavisados da necessidade de passar pelo Serviço de Estrangeiros e Fronteiras (SEF) quando entraram em Portugal, teriam que pagar uma multa de 50 euros cada um, entre outras taxas para extensão da estadia como turistas, e preferiram assim a outra via de sair e voltar ao Espaço Schengen. Disseram que ao tocar na rua das Flores dois dias atrás, conheceram um brasileiro que lora lá e indicou um lugar onde pudessem ficar, o que os incentivou ainda mais na ida ao Marrocos. Pensam em ficar entre um e três

meses, dependendo como tudo correr por lá.

Disseram-lhes no CNAI que via de regra teriam que ficar três meses fora do Espaço Schengen para voltar, mas ouviram relatos de que um mês já bastaria para tal fim.

No fim do jantar, o senhor que havia me servido a bebida se aproximou e combinou com os músicos de fazer o concerto em cerca de 15 minutos. Normalmente há alguns concertos ao ar livre, porém, como iam tocar bateria, viram por bem tocar na sala de concerto, pois há vizinhos que se incomodam com o “barulho”, e riram quando tem sua música classificada de tal forma por quem se incomoda com o volume que invade as residências vizinhas.

Fomos todos até a pia, e cada um lavou seus pratos e talheres. Havia ainda sobremesa, uma espécie de creme ou baba de camelo, digestivo, muito apetitoso. Deixei cinco euros na caixinha do donativo consciente, certo de que não teria uma refeição assim tão variada e saborosa em restaurantes que pagaria muitas vezes ainda amais por um prato tradicional em um restaurante ou tasca do Porto.

Por volta das 21h30, dirigi-me para a sala de concerto. Enquanto os músicos ajeitavam fios e afiavam instrumentos, pessoas se juntavam nos pufes e no sofá. Havia uma outra antessala na lateral direita da sala de concertos, com mais um grande sofá com pessoas a se acomodar por lá.

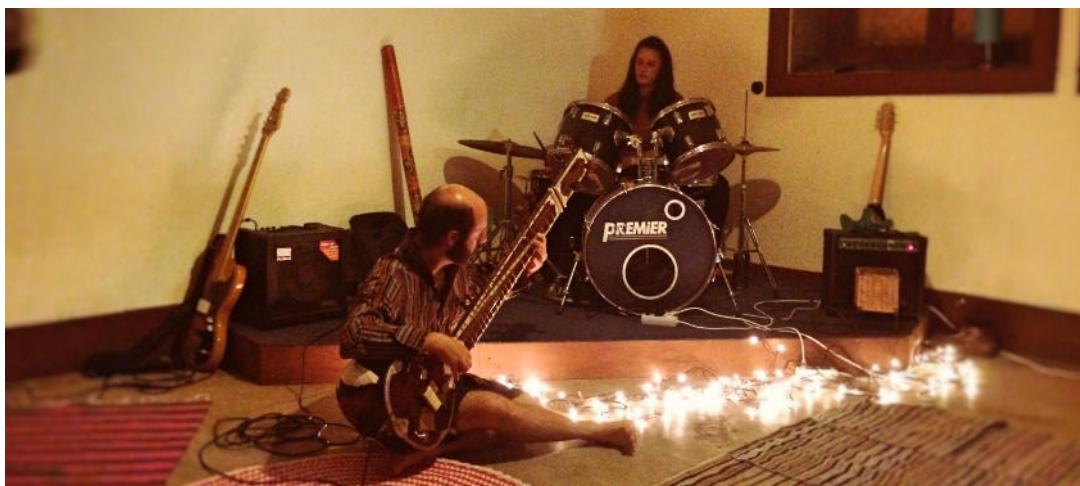


Figura: Duo Musical Manifesto, Rés-da-rua. 2016. Foto © André Príncipe

Por volta das 21h45 começou o concerto. Eram cerca de 18 pessoas que depois chegaram a 25. Havia três crianças, sendo duas residentes da casa e uma terceira de um dos frequentadores, um dos cães se acomodou num dos tapetes, e o público entre homens e mulheres era equilibrado. A faixa etária média era entre 20 e 30 anos, mas

havia algumas pessoas na faixa dos 50 anos, como um dos casais residentes da casa que estavam a ver o concerto.

Na terceira música, passou uma caixinha plástica transparente que tinha a função de recolha do donativo consciente

O grupo tocou cerca de sete músicas até o final desta observação.

Reflexão

Observou-se que as dinâmicas da casa bô e Rés-da-rua estão em alinhamento, porém com objetivos um pouco diferentes, uma vez que a casa bô é uma associação cultural com sede específica e exclusiva para esse fim, enquanto a Rés-da-rua é uma comunidade de 10 pessoas com edifício próprio, que compartilham acesso ao público de quintas-feiras aos domingos para exercerem sua programação cultural.

Há pequenas diferenças foram notadas em relação à arrecadação monetária: enquanto na casa bô há um donativo consciente com valor sugerido, o valor do donativo na comunidade é livre, tanto para o jantar, quanto para os concertos.

O agente cultural na casa bô recebe cerca de 70% do total arrecadado do donativo consciente como forma de se promover sustentabilidade financeira, enquanto na Rés-da-rua o agente cultural recebe o valor integral da arrecadação.

Há na verdade um balanceamento nos modelos de negócio: enquanto na casa bô existe uma pessoa da família bô que se encarrega dos custos integrais e dos riscos de se preparar as refeições sem um número certo de pessoas, com a proposta de recebimento entre 50% a 100% do valor, dependendo do número de refeições oferecidas, o valor integral das refeições oferecidas vai para usufruto da própria comunidade, uma vez que sempre duas pessoas da casa ficam responsáveis pelos jantares.

A Rés-da-rua tem algumas limitações em relação aos concertos. Os concertos externos não podem começar tarde nem podem ser de muito barulho, pois há vizinhos à volta que se incomodam com frequência. Na casa bô isto é mais difícil de ocorrer, uma vez que está circundada e próxima de muitas moradias devolutas.

Em relação ao concerto do Duo Musical Manifesto, eles optaram em tocar na sala de estar reservada para concertos por tocarem desta vez com uma bateria completa. O que agradou bastante ao público, e outra diferença logo se percebeu. A recolha do donativo livre é feita logo durante as primeiras músicas do concerto, e não

de forma livre. Isso impede que alguém que não fique até o fim que não esqueça ou deixe de contribuir por falta de oportunidade.

Outra diferença pode se notar: as interações entre as pessoas eram em pequenas células, ou grupo de amigos conhecidos. Havia divisões entre os diferentes grupos de pessoas que já se conheciam. Enquanto na casa bô há uma interação mais homogênea entre a maioria das pessoas, na Rés-da-rua o mais comum é as pessoas irem em grupos e permanecerem nessas células.

Outra observação que se fez foi o número de pessoas que foi para o jantar e para o concerto. Cerca de metade do público presente optou apenas pelo jantar. Na casa bô essa dinâmica também aconteceu, porém em muitos casos em menor proporção. Enquanto na casa bô o jantar é um elemento que aproxima as pessoas conhecidas das novas pessoas, numa integração entre o público e o artista, na Rés-da-rua há uma maior dispersão das pessoas. Não há uma grande mesa para que caibam todos ou a maioria das pessoas, e sim múltiplos pequenos espaços, o que favorece o surgimento dos grupos segregados. O artista nesse caso pouco interage com seu público, ou interage de forma muito mais limitada.

Além disso, boa parte do público presente nos concertos é da própria comunidade que vive na casa, o que pode sugerir em alguma altura num valor de donativo mais próximo do simbólico em relação do sugerido valor considerado na casa bô como justo pelo trabalho do agente cultural. Não há nada de errado nisso, porém o valor do donativo pode ser possivelmente menor nessa situação específica.

A casa Rés-da-rua é muito inclusiva e acolhedora com o público. Tem a presença de crianças e de animais inclusive nos concertos, numa clara demonstração de um local de unidade familiar.

Uma grande diferença em relação à casa bô é a condição que a Rés-da-rua oferece em termos de conforto e estrutura. Como se trata de um edifício onde moram uma comunidade, o local é todo preparado para esse fim, e muito bem cuidado e com aspeto muito aconchegante e acolhedor.

O perfil do público também difere. Há mais pessoas fora da faixa entre os 20 e 45 anos na Rés-da-rua, sugestionando dessa forma uma possível maior integração social de pessoas mais próximas da terceira idade. Porém, da mesma forma, há também uma quantidade de menor de pessoas ligadas diretamente às artes, o que por

um lado reforça a questão da diversidade, e de outro enfraquece o empoderamento da força de atração que esta classe dos agentes culturais provou ser capaz de fazer na casa bô, criando laços e relações humanas fortes e duradouros.

A cozinha da Rés-da-rua é muito maior e mais equipada, oferecendo assim mais opções e na ementa, agregando valor ao donativo livre que será dado.

Trata-se de um lugar com mais condições físicas e estruturais para os jantares comunitários, porém com mais limitações para os concertos. Adicionalmente, as relações humanas na Rés-da-rua tem uma dinâmica um pouco mais limitada na casa bô, devido ao que foi apontado acima, e muito também pelas relações humanas serem a grande base e prioridade da casa bô como finalidade da associação, como está apregoado no título do parágrafo da finalidade da organização cultural. Nesse sentido, a casa bô atinge seus objetivos com louvor.

Diário de Observação 20 | Festival bô, parte 1

Data	27/08/2016 sábado		
Horário	Início da observação: 11h00	Final da observação: 02h30	
	Agendado do evento: não há	Atraso do evento: não aplicável	
Local	Parque de campismo Amarante		
Evento	Festival bô		
Classificação	UNCTAD Indústrias Criativas Património Expressões culturais tradicionais Festivais e comemorações UNESCO Thesaurus 3. Cultura 3.65 Lazer Festivais; 4. Ciências Sociais e Humanas 4.25. Políticas Sociais e bem-estar Voluntariado		
Objetivo	Observar as múltiplas interações entre os agentes culturais e as ações de voluntariado durante o festival bô; Verificar como ocorre a organização do evento e a solução de imprevistos; Observar as reações do público presente e a sua diversidade; Analisar o grau de satisfação pessoal do público e dos agentes culturais voluntários; Observar como a Criatividade e a Economia Social é explorada.		
N.º participantes	Voluntários: 170 Público pagante: 290 Público convidado: 140	Ingresso: 10 € (1 dia) 25 € (3 dias)	
Arrecadação	Potencial: não há	Real: 2.900 €	Percentual: não há

Descrição
<p>O festival bô é o primeiro tipo de evento de médio/grande porte da casa bô. Um passo arriscado e audacioso quando se vê que outras associações do mesmo género com mais de cinco anos de existência sequer chegaram perto de cogitar uma iniciativa complexa e deste padrão. O desenvolvimento e resultado do evento eram muito imprevisíveis, uma vez que desde a ideia original e o início do evento houve apenas dois meses para se organizar tudo. E perto da data do evento, a menos de duas semanas do início, pode-se ver que pouco ainda se tinha feito em termos de estrutura e que naquela altura não havia sido vendido ainda um ingresso sequer,</p>

o que aumentava ainda mais as incertezas sobre o evento.

O evento teve início no dia 26 de agosto, sexta-feira. Houve relatos do público e relatado na entrevista da Sra. Catarina Ferreira que há poucas horas do início do festival, muito ainda estava por se montar. O palco, local dos eventos principais do festival, foi terminado no início da tarde, coincidindo com o início do evento.

Houve ainda relatos sobre as dificuldades em termos de logística, principalmente em se manter a energia elétrica para os concertos do primeiro dia. Houve muitas quedas de energia em um considerável atraso por conta dessa dificuldade que foi sanada mais tarde a tempo de que os concertos noturnos efetivamente ocorressem.

Optei por realizar a observação nos dias 27 e 28 de agosto apenas, uma vez que realizei uma observação do duo Musical Manifesto na Associação Rés-da-rua na noite do dia 26. Para me deslocar ao festival, optei por me inscrever no grupo do facebook que foi criado para as boleias para o festival²⁴. O grupo de boleias em menos de duas semanas contabilizou 91 membros, viabilizando a ida de muitas pessoas principalmente da área do porto, mas também de locais bem mais afastados, como Algarve e Lisboa, como foi visto nos postagens. Consegui uma primeira boleia dois dias antes, porém, desisti porque haveria uma dificuldade em me deslocar logo cedo para o ponto combinado. A segunda boleia também consegui pelo grupo boleias, mas desta vez por um dos membros da família bô ter visto minha mensagem e ter entrado em conta com uma amiga que viria ao festival no sábado. A única restrição que havia era o horário para vir, a partir das 11 horas e haveria já uma pessoa que viria de boleia, e o cão da dona da carrinha.

Perto do horário de saída, recebi um telefone sobre um atraso para a saída. Havia furado um pneu da carrinha e seria necessária que a Sra. Catarina comprasse um novo para seguir viagem com pneu reserva em condições. O que parecia ser uma falta de sorte pode ser visto pelo lado contrário, uma vez que o furo poderia ter ocorrido a caminho de Amarante, tornando o atraso ainda maior sem contar o risco de algum despiste.

A saída ficou marcada para as 13 horas. Foi uma surpresa ver que a outra pessoa que teve boleia era uma voluntária frequente na casa bô para os jantares principalmente

²⁴“Boleias Festival Bô”, casa bô, Facebook, <https://www.facebook.com/groups/938332359611838/?fref=ts>, acedido em 13 setembro 2016.

nas noites de poesia, a Sra. Ana Salta.

A viagem para Amarante foi tranquila e chegamos por volta das 14 horas. Havia uma considerável fila de carros estacionados na saída do Parque de Campismo, sugerindo que havia uma quantidade considerável de pessoas no evento.

Apesar de já ter almoçado em casa antes de sair, optei em acompanhar a Sra. Catarina e Sra. Ana Salta para o refeitório destinado aos voluntários do evento (que na prática foi estendido aos voluntários e membros da família bô mais ativos e que haviam ido a Amarante apenas para assistir ao festival.

Ao entrar no parque de campismo, comprou-se o ingresso para o dia e seguiu-se para o refeitório. Havia placas indicativas informando sobre a direção do Festival bô, devido ao tamanho do parque de campismo e as várias direções das ruas internas do local.



Figura: quadro na entrada do parque onde foi o Festival bô, Amarante. 2016.

Foto © André Príncipe.

As placas eram simples em papel cartão e escritas a mão. Houve capricho em sua confecção.



Figura: placa indicando caminho do festival no parque de campismo, Festival bô, Amarante. 2016. Foto © André Principe

O parque de campismo tinha muitos campistas naquela altura, uma vez que se travava de agosto, mês de férias e estava um calor agradável naquele final de semana.

Chegando ao local do refeitório dos voluntários, tive contato com mais cartazes que foram afixados com toda a programação do festival. Havia marcações feitas em caneta, sugerindo que houve alterações e ajustes de última hora a serem feitos.

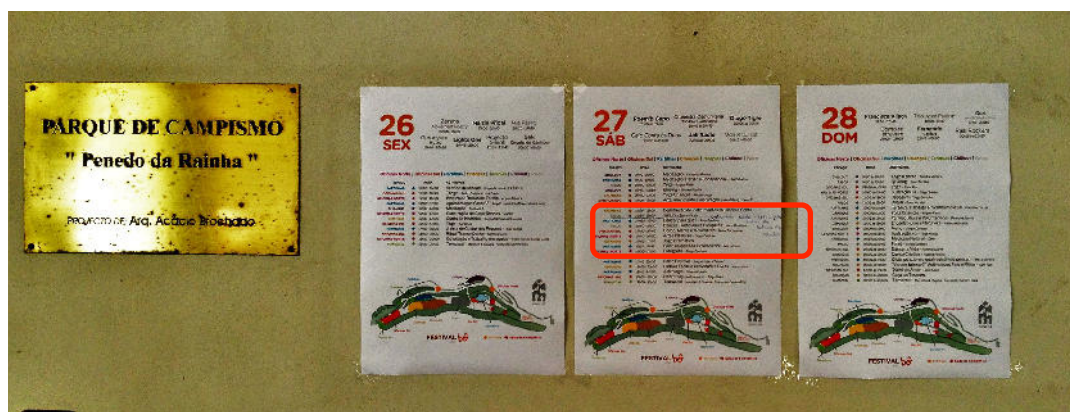


Figura: cartazes com a programação do festival no parque de campismo, Festival bô, Amarante. 2016. Foto © André Principe.

Ao subir as escadas, na porta do refeitório, encontro Sra. Miriam Jorge a almoçar com o prato de comida ao lado de um computador portátil em uma das salas destinadas para a organização do festival. Estava a preparar sua oficina para às 17h30 “Expressão Criativa”. Naquele momento eram 14h30. Ao ser indagada, a Sra. Miriam informou que esteve todo o tempo a ajudar para a organização do

festival, mas que não teria problemas em preparar sua contribuição pessoal e voluntária já próximo do horário da oficina.



Figura: espaço para refeições, Festival bô, Amarante. 2016. Foto © André Príncipe.

No refeitório, pode-se perceber a preocupação com a comunicação com quem não era fluente em Língua Portuguesa, com a maioria dos cartazes e avisos em duas línguas: português e inglês.

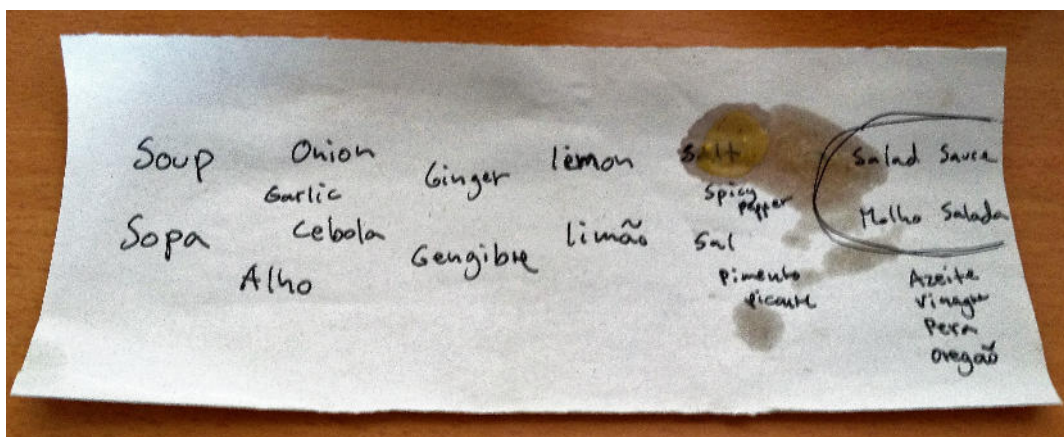


Figura: cartaz bilíngue descrevendo os ingredientes da sopa servida ao almoço do dia 27 de agosto, Festival bô, Amarante. 2016. Foto © André Príncipe.

Além da preocupação com a comunicação, percebeu-se interessantes iniciativas criativas, como o uso da comunicação visual como forma de passar uma mensagem.



Figura: cartaz bilíngue orientando a cooperação na limpeza, Festival bô, Amarante. 2016. Foto © André Príncipe.

O almoço foi vegetariano e com diversas opções na ementa, incluindo sopa e sobremesa.

Os horários das refeições foram dispostos em um cartaz feito com papel cartão, de forma simples e eficaz. Outros cartazes com o uso de recursos visuais mostraram a criatividade presente dos agentes culturais criativos no local.



Figura: cartazes bilíngues com orientações, Festival bô, Amarante. 2016. Foto © André Príncipe.

Em relação à organização, houve bastante uso de material visual feito de maneira criativa e improvisada. Nos arredores do festival, houve a montagem de muitas barracas, indicando que uma boa parcela dos frequentadores do festival foram para ficar mais de um dia, indicando uma boa adesão.



Figura: barracas onde os participantes do festival dormiram, Festival bô,
Amarante. 2016. Foto © André Príncipe.

O festival usou um bom espaço da área de campismo, com a presença de tendas e palcos e área de oficinas em três diferentes níveis, próximos uns aos outros. Dessa forma as pessoas puderam ir de um evento ao outro facilmente.



Figura: tendas onde ocorriam os eventos simultâneos, Festival bô,
Amarante. 2016. Foto © André Príncipe.

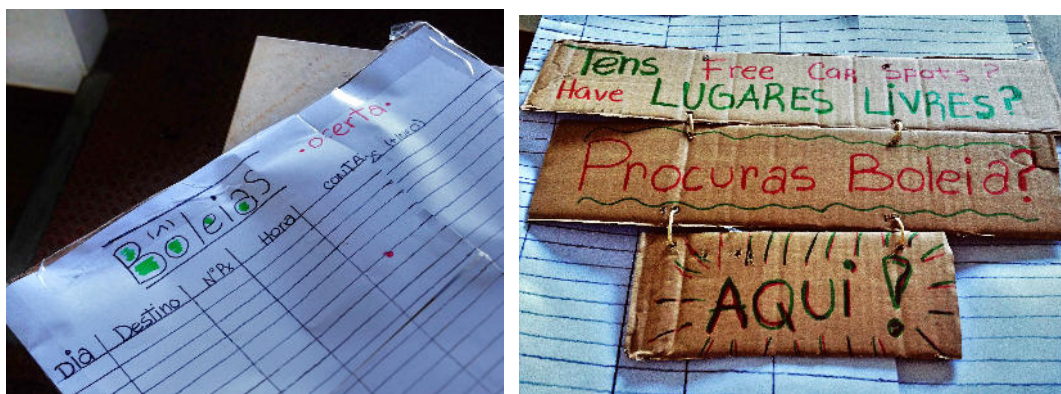
Houve um espaço criado chamado bar bô, em que houve a venda de bebidas, comidas e outros itens. Segundo dados da organização, a arrecadação do bar superou os 1.000 euros.

Detalhe para forma improvisada e organizada para a venda de bilhetes.



Figura: organização para vendas de bebidas e comidas, Festival bô, Amarante. 2016. Foto © André Principe.

Durante o festival, percebeu-se a necessidade de se montar uma bolsa de boleias. Criou-se com materiais recicláveis um quadro em que os visitantes puderam oferecer e pedir boleias durante o festival. Foi uma ação que ocorreu de improviso e que teve uma resposta rápida e criativa.



Figuras: cartaz feito durante o evento para promover boleias entre os participantes, Festival bô, Amarante. 2016. Fotos © André Principe.

Na parte mais baixa do festival, já à beira do rio, havia tendas de colaboradores como de comidas preparadas em forno solar, foodtrucks de comida vegana, entre outras áreas de convívio e espaços para oficinas.



Figura: espaço para venda de alimentos, Festival bô, Amarante. 2016. Foto © André Príncipe.

Em outra área do festival, foi criado um espaço *chillout*, para descanso, meditação e convívio. Na imagem do lado direito, detalhe para uma pequena área de alimentação saudável montado pela Associação Sol em Movimento de Braga.



Figuras: *chillout* (espaço com música relaxante), Festival bô, Amarante. 2016.

Fotos © André Príncipe.

Entre as 15 e 16h30 horas houve em frente ao palco principal o evento Danças tradicionais europeias, com a participação de cerca de 30 pessoas nesta atividade.



Figura: oficina “Danças Tradicionais Europeias”, Festival bô, Amarante. 2016.

Foto © André Príncipe.

Com a vista do palco principal na foto abaixo, pode-se ver os preparativos para o evento sobre declamação de poesias realizado pelos Sr. Vitor Hugo Moreira e Sr. Diogo. O evento Poemó Copo ocorreu com cerca de uma hora de atraso, iniciando por volta das 18 horas.



Figura: evento “Poemó’Copo”, Festival bô, Amarante. 2016. Foto © André Príncipe.

Já a noite, houve sessões de concertos. Detalhe para o concerto do Galo Canta às Duas, que estava planeado para as 21h00 e começou com quase três horas de atraso, motivado pelos pequenos atrasos consecutivos que ocorreram durante as demais atividades do dia.



Figura: concerto “Galo Canta às Duas”, Festival bô, Amarante. 2016. Foto © André Príncipe.

No final da noite, os concertos terminaram por volta das 03h30 horas, porém, houve ainda outras partilhas entre alguns membros da casa bô, como rodas de música na área do festival, sendo que houve atividades até às 05h00 da manhã.



Figura: junto com a iluminação mensagem acolhedora e inclusiva,
Festival bô, Amarante. 2016. Foto © André Príncipe

Reflexão

Considerando que os 170 voluntários tiveram seus ingressos oferecidos, o festival contou apenas com os ingressos vendido para pessoas externas da organização, uma vez que houve acordo entre o Clube de Campismo do Porto e o festival bô para que os campistas não tivessem os ingressos cobrados.

O festival bô contou com alguns imprevistos no dia 27, segundo dia de festival, porém a grande maioria dos ajustes foram feitos a tempo. Percebeu-se alguma

necessidades de alterações nos locais programados para alguns eventos.

Houve alguns eventos com menor movimento, não pelo número de pessoas, mas pela diversidade de opções no mesmo horário. Foi bom pela diversidade de opções, mas em alguns casos os eventos de menor interesse tiveram menor público.

Foi gerada Economia Social com as vendas do bar bô, venda de ingressos na porta do Parque de Campismo, venda de livros por doativo consciente, pelas terapias alternativas de colaboradores que montaram tendas para esse fim, pelas associações culturais que montaram barracas para venda de alimentos e algumas atrações adicionais que foram cobradas à partes, sempre como o estímulo do doativo consciente.

Diário de Observação 21 | Festival bô, parte 2

Data	28/08/2016 domingo		
Horário	Início da observação: 09h00		Final da observação: 18h00
	Agendado: em anexo		Atraso do evento: não aplicável
Local	Parque de campismo Amarante		
Evento	Festival bô		
Classificação	UNCTAD Indústrias Criativas Património Expressões culturais tradicionais Festivais e comemorações UNESCO Thesaurus 3. Cultura 3.65 Lazer Festivais; 4. Ciências Sociais e Humanas 4.25. Políticas Sociais e bem-estar Voluntariado		
Objetivo	Observar as múltiplas interações entre os agentes culturais e as ações de voluntariado durante o festival bô; Verificar como ocorre a organização do evento e a solução de imprevistos; Observar as reações do público presente e a sua diversidade; Analisar o grau de satisfação pessoal do público e dos agentes culturais voluntários; Observar como a Criatividade e a Economia Social é explorada.		
N.º participantes	Voluntários: 170 Público pagante: 290 Público convidado: 140		Ingresso: 10 € (1 dia) 25 € (3 dias)
Arrecadação	Potencial: não há	Real: 2.900 €	Potencial: não há

Descrição
<p>Iniciou-se esta observação às 09h00 para verificar se as atividades começaram no horário previsto e qual a adesão para os eventos matutinos. Considerando os atrasos na programação do dia anterior, havia muitas pessoas dormindo no início das atividades matinais. Porém, em todas as atividades houve a presença de público a participar das atividades.</p> <p>Houve alguns ajustes nos quadros da programação em relação ao dia anterior, de acordo com as necessidades mais imediatas e a disponibilidade dos voluntários.</p>

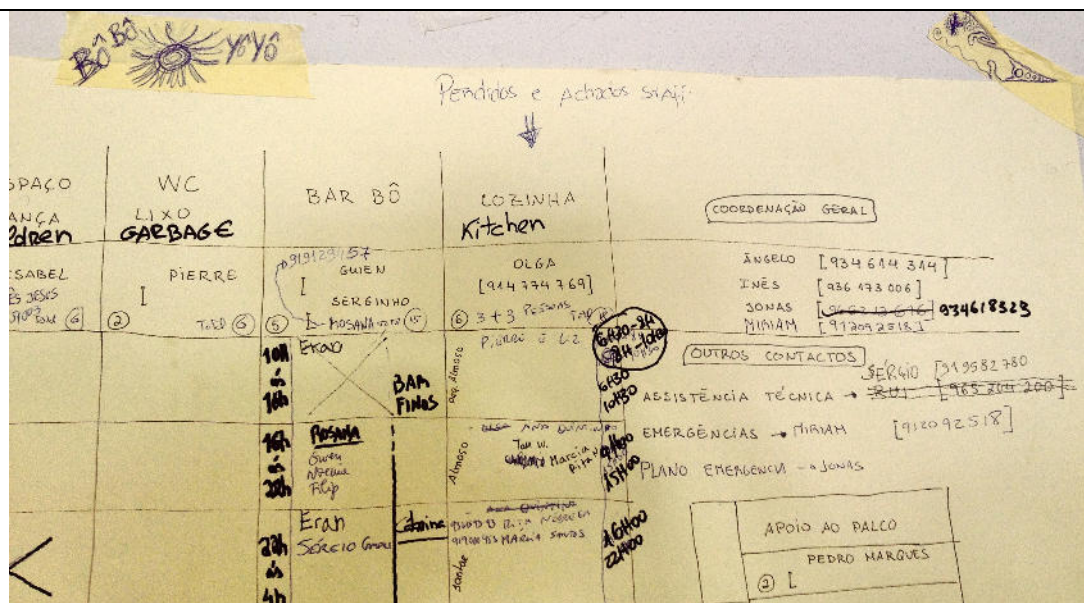


Figura: quadro com a divisão de tarefas com as alterações,
Festival bô, Amarante. 2016. Foto © André Príncipe.

Percebe-se na foto abaixo as anotações com as mudanças de local de alguns eventos ou remanejamento do horários que aconteceu em poucos dos casos.

As informações dos eventos e a comunicação visual estava presente em todo o Parque de Campismo, e houve a adesão de boa partes dos campistas nas atividades.

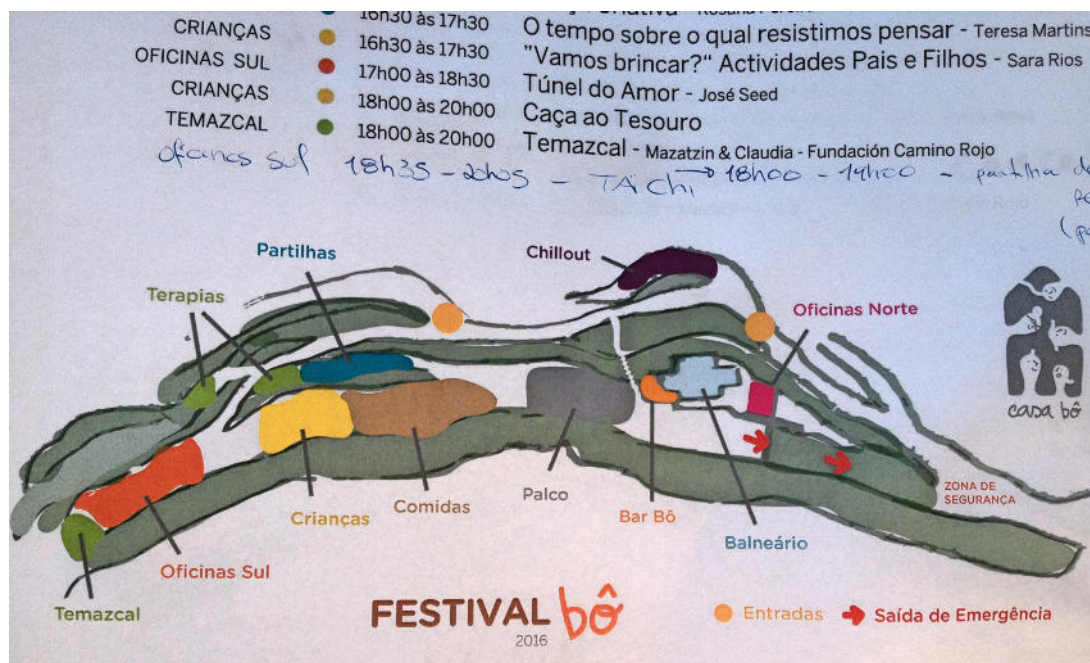


Figura: cartaz com a comunicação visual com as alterações,
Festival bô, Amarante. 2016. Foto © André Príncipe.

Durante a manhã, parte dos voluntários e do público aproveitou o calor para se banhar numa das praias fluviais ao pé do Rio Tâmega, com acesso pelas dependências do festival. Percebeu-se a presença de naturalistas e não houve qualquer tipo de constrangimentos em relação a esse tipo de comportamento.

Voltando ao local das atividades, percebe-se que os cartazes criativos feitos para as boleias aos poucos foram sendo preenchidos, o que mostrou que a iniciativa resultou numa boa ação social, a partir de uma ideia simples.



Figura: cartaz para boleias, Festival bô, Amarante. 2016. Foto © André Principe.

Detalhe para cartaz de participante a pedir boleia para Berlim. Houve a presença de muitos estrangeiros no festival bô, entre residentes no país e outras que estavam em viagem por Portugal.

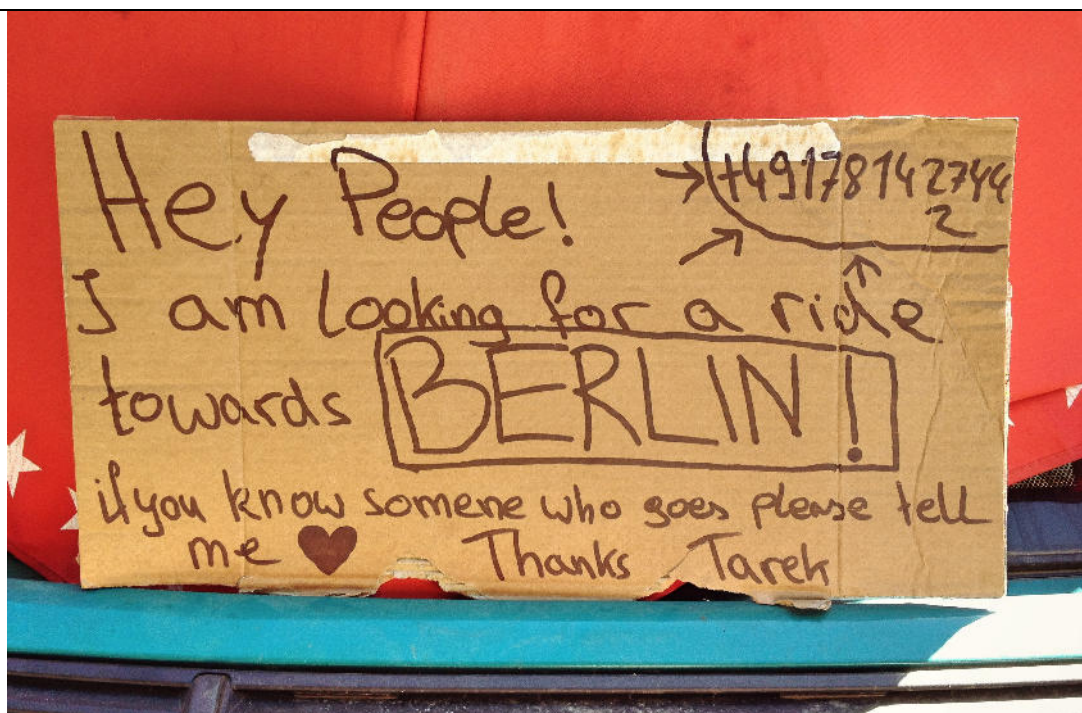


Figura: cartaz com pedido de boleia, Festival bô, Amarante. 2016. Foto © André Príncipe.

Percebe-se a preocupação com público internacional com todos os cartazes em duas línguas: inglês e português.



Figura: cartaz informativo bilíngue, Festival bô, Amarante. 2016. Foto © André Príncipe.

As atividades da manhã foram mais relacionadas com práticas de meditação e aulas de ioga, ou atividades infantis. No começo da tarde houve atividades como oficinas e eventos ligados à conscientização ambiental. Após às 15 horas começaram os eventos com danças e atividades mais agitadas.



Figura: atividade meditativa, Festival bô, Amarante. 2016. Foto © André Principe.

Detalhe da foto acima para uma das atividades meditativas que ocorreram no dia 27.
Na foto abaixo, detalhe da foto do evento de dança de forró.



Figura: atividade de forró, Festival bô, Amarante. 2016. Foto © André Principe.

Enquanto ocorria o evento de forró, na outra área de atividades ocorria o evento dançar a vida, em simultâneo com o evento de forró.



Figura: atividade dançar a vida, Festival bô, Amarante. 2016. Foto © André Príncipe.

Detalhe para um das barracas de um dos membros voluntários da família bô, que serviu para a prática de massagem terapêutica.



Figura: barraca onde se realizou massagem terapêutica, Festival bô, Amarante. 2016.

Foto © André Príncipe.

A terapeuta atendeu os pacientes das 09h00 às 14h00, para depois conseguir participar de outros eventos, ou para auxiliar em alguma atividade em que houvesse uma necessidade mais urgente.

Havia um cartaz em que era possível fazer o agendamento e havia os horários disponíveis para os três dias. A terapeuta foi umas das pessoas que trouxeram o seu

ção, o que mostrou que o evento era bastante inclusivo.

Detalhe para a atividade Temascal, que teve grande procura durante os três dias de festival. Foi preciso fazer marcação prévia para participar e houve o custo de donativo consciente sugerido de 10 euros. O Temascal é uma atividade em que os participantes ficam dentro de uma espécie de sauna enquanto ocorrem cantos xamânicos, pelo período de aproximadamente uma hora.



Figura: atividade Temascal, Festival bô, Amarante. 2016. Foto © André Principe.

Tive a oportunidade de participar do evento no domingo e foi uma experiência única, em que cerca de 40 pessoas estiveram em comunhão num mesmo local em que houve muitas sinergias e um clima muito acolhedor e de partilhas durante a cerimônia.



Figuras: local da atividade Temascal e cartaz indicando o caminho e os horários, Festival bô, Amarante. 2016. Foto © André Principe.

No detalhe acima à esquerda, a tenda em que são aquecidas pedras para serem depositadas na tenda ao lado em um buraco no meio do local. Com as pessoas à volta,

joga-se água para que crie uma espécie de sauna em que a temperatura pode chegar aos mais de 70° C.

No detalhe à direita, placa com um horário adicional para a sessão extra que foi improvisada, devido a grande procura deste evento específico.

Um dos colaboradores do evento montou uma barraca de comidas com aquecimento por forno solar. Os fornos conseguem atingir altas temperaturas, sendo que foram preparados pratos como arroz, lasanhas e tortas durante o festival e foram vendidos e consumidos entre os participantes.



Figura: forno solar, Festival bô, Amarante. 2016. Foto © André Príncipe.

Na foto abaixo, detalhe de uma frase inspiradora numa das tendas para descanso dos participantes.



Figura: tenda para descanso, Festival bô, Amarante. 2016. Foto © André Príncipe.

A observação deste evento terminou às 18h00, sendo que o evento continuou até o

final da sua programação para às 20 horas.

Reflexão

Observou-se que mesmo com boa parte do público ter dormido até mais tarde, as atividades matinais começaram no horário e todas tiveram público.

Os eventos do domingo tiveram boa adesão e percebeu-se muitos estrangeiros no festival, incluindo alemães, australianos, franceses, espanhóis, brasileiros entre outros.

Parte dos colaboradores da casa também eram estrangeiros, caso da terapeuta inglesa e de um colaborador australiano especialista em danças tribais.

Houve a presença de iniciativa ambientais, como palestras sobre permacultura e a presença de *foodtruck* com alimentação feita em forno solar.

Foi interessante ver a prioridade de alguns colaboradores que foram oferecer seus serviços, como a terapeuta inglesa, que preferiu atender apenas parte do período para poder se dedicar ao aproveitamento das atividades do festival à tarde, ao invés de atender outras pessoas que tiveram interesse na terapia.

O Temascal foi o evento de terapia mais procurado do evento, com lista de espera para os horários agendados. Uma surpresa para boa parte do público que sequer conhecia a prática, e ao ver nos dias anteriores criou curiosidade e interesse por boa parte dos presentes.

Percebeu-se que muitos dos voluntários estavam com ar de cansados, o que sugeriu que não houve uma escala de trabalho com um número de horas de descanso adequada. Provavelmente algo que pode servir de lições futuras para os próximos eventos dessa monta.

BIBLIOGRAFIA

- Amabile, T. M. (2001), “How to kill Creativity”, in *Creative Management*, London; Thousand Oaks; New Delhi: SAGE Publications Ltd, 2nd ed, pp. 3–10.
- Amabile, T. M., R. Conti, H. Coon, H., J. Lazenby e M. Herron. (1996), “Assessing the work environment for creativity”, *Academy of Management Journal*, Vol. 39, pp. 1154–1184.
- Amabile, T. M., e M. Khair (2008), “Creativity and the role of the leader”, *Havard Business Review*, Vol. 86, pp. 100–109.
- Associação Cultural, Ambiental e de Solidariedade Social casa bô, *Estatuto Social* (2016), Portugal: Cartório Notarial de Sónia Pereira.
- Azevedo, C., R. C. Franco e J. W. Meneses (2010), *Gestão de Organizações Sem Fins Lucrativos - o desafio da inovação social*, Porto: Imoedições - Edições Periódicas e Multimédia, Lda. (Grupo Editorial Vida Económica).
- Bauer, M. W. e G. Gaskell. (2015). *Pesquisa qualitativa com texto: imagem e som: um manual prático*, Rio de Janeiro: Vozes.
- Carvalho, A. M. de. (2002), *Associativismo, inovação social, desenvolvimento*, Alges: Confederação de Desporto de Portugal.
- Deming, D. J. (2015), “The Growing Importance of Social Skills in the Labor Market”, *National Bureau of Economic Research Working Paper Series*.
- Dolog, P., L. Yujian, P. P. Grube e K. Schmid (2009), “Creativity support at the workplace”, in A. S. Hambach, B. U. Martens, & D. Tavagarian (editors), *e-Learning Baltics 2009: Proceedings of the 2nd International eLBa Science Conference*. Fraunhofer Verlag.
- Ernst & Young (2014), *Creating growth: Measuring cultural and creative markets in the EU*, http://www.ey.com/Publication/vwLUAssets/Measuring_cultural_and_creative_mar

[kets_in_the_EU/\\$FILE/Creating-Growth.pdf](#), acessado em 08 agosto 2016.

- Florida, R. (2002), *The rise of the creative class: and how it's transforming work, leisure, community and everyday life*, New York: Basic.
- Harping, P. (2016), *Introdução aos vocabulários controlados: terminologia para arte, arquitetura e outras obras culturais*, São Paulo: Secretaria da Cultura do Estado de São Paulo; Pinacoteca de São Paulo; ACAM Portinari.
- Helgason, S. (1997), “International benchmarking experiences from OECD countries”, in *Proceedings of the Danish ministry of finance conference on international benchmarking. The Stationery Office, Copenhagen*, pp. 20–21.
- Hult, G. T. M., R. F. Hurley e G. A. Knight, (2004), “Innovativeness: Its antecedents and impact on business performance”, *Industrial Marketing Management*, Vol. 33, pp. 429–438.
- Graça, M. (2003), «ORGANISATION» E «ORGANISING»: a ontologia na análise organizacional, *Cadernos de Ciências Sociais*, N°. 23, pp. 5-19.
- Kleba, M. E. e A. Wendausen (2009), “Empoderamento: processo de fortalecimento dos sujeitos nos espaços de participação e democratização política”, *Saúde Soc. São Paulo*, Vol.18, pp. 733–743.
- Landry, C. (2013), *Origens e futuros da cidade criativa*, São Paulo: SESI-SP.
- Lopes, A. P. P. O. (2009), *O Associativismo na cidade educadora: o caso do Porto*, Universidade do Porto.
- Magalhães, S. A. (2012), As Entidades do Setor Não Lucrativo: aspetos particulares ao trabalho de auditoria numa ESNL. *Revisores E Auditores*, 59, 16–35.
- March, J. G. (2006), “Rationality, foolishness, and adaptive intelligence”, *Strategic Management Journal*, Vol. 27, pp. 201–214.
- Organização das Nações Unidas (2012), *Relatório de economia criativa 2010: economia criativa uma opção de desenvolvimento*. Brasília; São Paulo,

http://unctad.org/pt/docs/ditctab20103_pt.pdf, acessado em 20 julho 2016.

Osterwalder, A., e Y. Pigneur (2013), *Criar Modelos de Negócios*, Alfragide: Publicações Dom Quixote, Editora Leya, 4ª ed.

Pocinho, M. (2012), *Metodologia de Investigação e Comunicação do Conhecimento Científico*, Lisboa: Lidel.

Portaria nº. 57-A e B/2015 (2015), *Diário da República*, Vol. 41, 1ª série.

Potts, J. (2011), *Creative industries and economic evolution*, Cheltenham (UK), Northampton (MA, USA): Edward Elgar Publishing.

Ramos, M. da C. P. (2005), “Economia Social, Inclusão e Responsabilidade Social Empresarial”, *Investigação E Debate Em Serviço Social*, Associação de Investigação e Debate em Serviço Social (Portugal).

Salamon, L. M., H. K. Anheier, Johns Hopkins Institute for Policy Studies. e Johns Hopkins Comparative Nonprofit Sector Project (1996), *The international classification of nonprofit organizations: ICNPO-revision 1*, Baltimore: Johns Hopkins University Institute for Policy Studies, N. 19, http://ccss.jhu.edu/wp-content/uploads/downloads/2011/09/CNP_WP19_1996.pdf, acessado em 26 agosto 2016.

Santos, J. G., J. N. Raimundo e R. Lima (2012), *Entidade do setor não lucrativo (NCRF-ESNL e fiscalidade)*, Ordem dos Técnicos Oficiais de Contas, http://conteudos.otoc.pt/2012/DIS3412/Sebenta_DIS3412.pdf, acessado em 20 agosto 2016.

Severino, A. J. (2007), *Metodologia do Trabalho Científico*, São Paulo: Cortez, 23ª ed..

Singer, P. (1998), *O que é Economia*, São Paulo: Contexto, 2ª ed.

Um Guia do Conhecimento em Gerenciamento de Projetos: Guia PMBOK® (2013), Pennsylvania: Project Management Institute, 5ª ed.

Vivant, E. (2012), *O que é uma cidade criativa*, São Paulo: Editora SENAC São Paulo.

ANEXOS

Anexo 1 – casa bô na média	302
1.1 <i>Newsletter</i> da Freguesia do Bonfim.....	302
1.2 Artigo de Marcelo Baptista na Tracker Magazine.....	305
1.3 Clube de Campismo do Porto, divulgação do Festival bô.....	308
1.4 Artigo no Jornalismo Porto Net.....	309
1.5 Website do Festival bô, agosto 2016.	311
1.6 Website da Câmara Municipal de Amarante , agosto 2016.	312
1.7 Website da Santa Casa da Misericórdia de Amarante.....	313
1.8 Artigo de Marcelo Baptista na Tracker Magazine , 01 setembro 2016.....	314
1.9 Artigo no Notícias do Tâmega , 15 setembro 2016.....	319
Anexo 2 – Estatuto Social da casa bô	320
Anexo 3 – Missão e visão da casa bô	324
Anexo 4 – Divulgação e convite para participação da abertura casa bô.....	325
E-mail	325
Folheto informativo sobre o projeto	326
Lista de bens solicitados para doação.....	328
Anexo 5 – Business Model Canvas	329
Imagem da ferramenta.....	329
Transcrição	330
Anexo 6 – Captação de recursos financeiros	334
6.1 Folheto divulgação do Website Portugal Inovação Social	335
6.2 Quadro: medida Acesso ao emprego do PO ISE.....	337
6.3 Quadro: medida Formação do PO ISE	339
6.4 Quadro: medida Grupos Específicos do PO ISE	347
6.5 Quadro: medida Serviços e respostas do PO ISE	349
6.6 Quadro: medida Modernização e abordagens do PO ISE	353
6.7 Quadro: medida Inovação Social do PO ISE.....	355
6.8 Quadro: medida Investimento área equipamentos sociais e saúde do PO ISE.....	356

Anexo 1 – casa bô na média

1.1. *Newsletter* da Freguesia do Bonfim, Agenda de evento, 08 a 14 de agosto.²⁵



EXPLORE BONFIM



Agenda de eventos – 08 a 14 de agosto

Há sempre algo a acontecer no Bonfim...
Consulte as nossas sugestões e venha descobrir o Bonfim!



Concerto na Casa Bô
09 de agosto | 21h30
Local: Casa Bô
Morada: Rua do Bonfim, n.º 356, 4300-067, Porto
Custo: por donativo
Descrição:
Concerto na Casa Bô com o cantor e compositor brasileiro Felipe Antunes.



Poesia na Casa Bô
10 de agosto | 22h00
Local: Casa Bô
Morada: Rua do Bonfim, n.º 356, 4300 067, Porto
Custo: por donativo
Descrição:
A Casa Bô promove todas as quartas-feiras uma sessão de convívio dedicada à partilha de poesia e música. Os participantes são convidados a trazer os seus poemas preferidos e/ou instrumentos musicais.

²⁵ Freguesia do Bonfim (2016, agosto 07). “Agenda de evento - 08 a 14 de agosto”. Comunicação pessoal (e-mail).



Feira Solidária de Velharias e Artesanato

13 de agosto | 09h00-18h00

Local: Largo Soares dos Reis

Morada: Largo Soares dos Reis, 4300-096, Porto

Custo: Gratuito

Descrição:

Todos os segundos sábados de cada mês, o Largo Soares dos Reis acolhe uma feira de velharias e artesanato com o propósito de contribuir para fins de solidariedade da freguesia do Bonfim.



Sessão de cinema ao ar livre

13 de agosto | 21h30

Local: Associação de Moradores da Lomba

Morada: Rua de Vera Cruz, n.º 24-A, 4300-495, Porto

Custo: Entrada livre

Descrição:

Sábado, dia 13 de agosto, o projeto "Nove e Meia - Cineclube Nómada" transformará a Lomba numa sala de cinema a céu aberto. Pelas 21h30, será exibido o filme "Bugsy Malone" (1976), de Alan Parker. A entrada é livre.

Ainda não é tudo...

Não se esqueça também das **exposições** patentes na freguesia do Bonfim!

Exposição "Bocage, 250 anos"

até 31 de agosto | Seg. a Sex., das 10h00 às 18h00

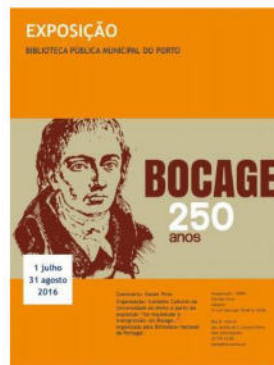
Local: Biblioteca Pública Municipal do Porto

Morada: Rua de D. João IV, 17, 4049-017, Porto

Custo: Gratuito

Descrição:

Exposição que assinala os 250 anos do nascimento de Bocage, organizada pelo Conselho Cultural da Universidade do Minho, com curadoria do Doutor Daniel Pires, do Centro de Estudos Bocageanos. A exposição estará patente na Biblioteca Pública Municipal do Porto até ao dia 31 de agosto. A entrada é livre.



**Exposição Coletiva de Verão, na Galeria AMLarte
até 17 de setembro | Ter. a Sáb., das 15h às 19h**

Local: Galeria AMLarte

Morada: Rua da Lomba, n.º 153-159, 4300-301, Porto

Custo: Entrada livre

Descrição:

Exposição Coletiva de Verão com 30 obras de 27 artistas:

Alfredo Luz, Pólen & Alua, Alvarenga Marques, André Lemos Pinto, António Cunha, António Guladas, António Pais Presa, Da Costa, Damião Matos, Dionísio Souto Abreu, Domingos Loureiro, Fátima Botelho, Fernando Gaspar, Henrique Do Vale, Humberto Nelson, João Carqueijeiro, José Barbosa, Júlio Resende, Leopoldino Silva, Maria Rafael, Mário Couto, Mário Rebelo de Sousa, Rogério Abreu, Stela Barreto, Telmo Castro, Teresa Vilar, V. Juarez.

A exposição tem por finalidade a angariação de fundos para a ação humanitária da AML. Poderá ser visitada até ao dia 17 de setembro, de terça a sábado, entre as 15h e as 19h.

**Exposição no Académico Futebol Clube
até 22 de outubro | Seg-Sex, das 14h30 às 21h00**

Local: Académico Futebol Clube

Morada: Rua de Costa Cabral, n.º 182, 4200-208, Porto

Custo: Gratuito

Descrição:

"Pavilhão do Lima - 50 anos de história no património desportivo nacional" é uma exposição fotográfica alusiva à atividade do Pavilhão do Lima, inaugurado no dia 29 de maio de 1966. A exposição estará patente até dia 22 de outubro e poderá ser visitada de segunda a sexta, entre as 14h30 e as 21h00.

Exposição "Do Sagrado Ao Profano"

até 31 de dezembro | Seg-Sex, das 10h às 12h e das 14h às 17h

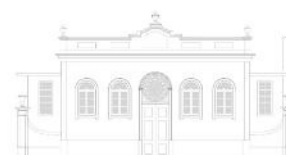
Local: Casa Oficina António Carneiro

Morada: Rua de António Carneiro, 363, 4300-027, Porto

Custo: Gratuito

Descrição:

Não há um único artista a quem seja indiferente o local de trabalho, desde o espaço físico ao qual se confina o atelier, passando pelo espaço geográfico onde este se insere, passando mesmo pelo espaço espiritual que os dois configuram. Esta exposição centra-se precisamente no conceito de "revelação" de uma das principais obras de António Carneiro - "Camões lendo Os Lusíadas Aos Frades de S. Domingos".



Exposição
PAVILHÃO DO LIMA
50 ANOS DE HISTÓRIA
NO PATRIMÓNIO
DESPORTIVO NACIONAL

Inaugurado a 29 maio 1966



1.2. Artigo de Marcelo Baptista na Tracker Magazine, 13 agosto 2016²⁶

Felipe Antunes e Hélio Flanders na Casa Bô no Porto: Uma noite dentro de nós.

Sentem-se. A sala não é muito grande mas é cómoda. Cómoda o suficiente para nos fazer sentir em casa. Não mais que vinte pessoas espalhadas à volta da sala e dos dois sofás. À frente, dois amigos que se encontraram no Porto. Duas cadeiras, duas cervejas, duas guitarras, dois cantatores, dois pontos de vista. Mas nenhum duelo entre eles. Felipe Antunes e Hélio Flanders juntos na Casa Bô. Consigo trazem [Lâmina](#) e *Uma Temporada Fora de Mim*, respectivamente. Álbuns que se podem ouvir gratuitamente (e recomendam-se vivamente!) nas suas páginas.

Desde cedo que se percebe que este não será um concerto igual aos outros. É tudo muito mais natural. A distância para com os músicos é quase nula. Os mesmos conversam com as pessoas e ensaiam antes de começarem o concerto naquela mesma sala, ao lado de quem ia assistir. Era uma espécie de pré-concerto.



As hostilidades abriram “caseiramente” pela responsável do espaço. Se já nos sentíamos em casa, a partir de agora era como se fizéssemos parte dela. Dividiram a *setlist*; metade para cada um. Mas com direito a duetos. E começaram, assim, a “Telepatizar” entre eles. A música é retirada do álbum de Felipe e é interpretada pelos dois, como o fizeram na versão original.

O passado dos dois é semelhante: vieram ambos de bandas de algum renome no Brasil. Vitrola Sintética de Felipe Antunes (com Otávio Carvalho e Rodrigo Fuji) e Vanguard de Hélio Flanders (com David Dafré, Fernanda Kostchak e Reginaldo Lincoln). São dessas mesmas bandas que retiraram temas para tocar. O

²⁶ Baptista, M. (2016, agosto 13). “Felipe Antunes e Hélio Flanders na Casa Bô no Porto: Uma noite dentro de nós”. *Tracker Magazine*. Retrieved from <http://tracker-magazine.com/felipe-antunes-e-helio-flanders-na-casa-bo-no-porto-uma-noite-dentro-de-nos/>, acedido em 02 setembro 2016.

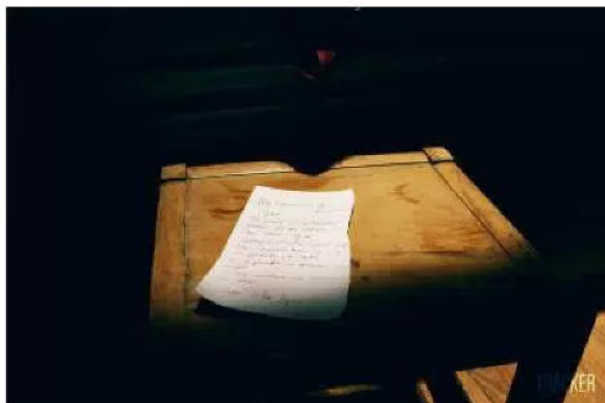
primeiro foi Hélio com o tema “Depressa” do álbum *Boa Parte de Mim Vai Embora* de 2011. A seguir, “Cru” da *Lâmina* de Felipe. Em conversa, a história dessa música/poema foi contada e poderá ser vista posteriormente na entrevista a lançar. A chamar por Isabela, Isadora e Milena, Hélio traz “Onde A Terra Acaba” e mostra uma versão completamente despida da grandeza que o original tem. Há um excelente trabalho de exploração vocal neste projecto a solo e uma busca de novas sonoridades que trouxe para o disco uma nova faceta de Hélio. Como se o John Lennon se juntasse a Damon Albarn e fossem todos viver para casa de Astor Piazzolla. Mas aqui soa como se ainda estivesse em casa a ensaiar e a pensar como iria trazer vivacidade a tão crua e directa versão.



Há uma pausa. Não é um intervalo. Mas uma pausa. Entre conversa com o público, entre cerveja e enquanto o cão da casa passa (sim, havia um cão a assistir) há um momento inesperado. Que mesmo para o Felipe era novidade: recitou “Veio do Tempo”. Esta faz parte do álbum mas em forma *spoken word*. Um poema da sua autoria, sem instrumental, apenas voz. À memória vem-nos nomes como Leonard Cohen, Nick Cave, Patti Smith ou mesmo Carlos Drummond de Andrade. É uma bela surpresa, inesperada e que trouxe outro encanto ao concerto. Uma das referências de Hélio Flanders, e que o próprio afirma, é Cida Moreira. Cantora que já interpretou temas dele e de Thiago Pethit e com quem já partilhou o palco. Há “Forasteiro” por parte dele e precedido de “Essa Moça” de Felipe.

Houve um novo recuo ao trabalho antigo com “Minha Garota” e “Inconsistente Inconsistente” ambas retiradas do último disco dos Vitrola Sintética. Para Hélio houve o clássico “Romeo” dos tempos de colaboração com Thiago Pethit e, para acabar, “Dentro do Tempo Que Eu Sou” do disco a solo. Esta última tem a colaboração de Cida Moreira que, dada a impossibilidade de estar presente, foi ‘substituída’ por Felipe. Assim, acabam o concerto como começaram: os dois juntos, em dueto. Uma bela versão que teve

direito a convite ao improviso do público a meio da mesma. Tímidas vozes se ouviram mas que muito encantadas estavam por este concerto.



Dado o término e de alma preenchida, foi tempo de reflectir e conviver com os músicos. Não estivéssomos nós numa sala de estar entre amigos e conhecidos.

Aproveitando o momento para fazer referência ao projecto [Casa Bô](#). É uma associação sem fins lucrativos que tem como objectivo criar um espaço de união e de trocas de valores culturais, ambientais e pessoais. A casa é aberta a todos, um *work in progress* constante de reabilitação de um local no centro do Porto. Um espaço antigo mas à procura de meios para ser melhorado, com um jardim óptimo para fins de tarde de verão. Visitem e apoiem a causa. Mais concertos poderão surgir. A Casa Bô certamente irá agradecer.

1.3. Clube de Campismo do Porto, divulgação do Festival bô, 19 agosto 2016.²⁷

PROCURAR

CLUBE CAMPISMO DO PORTOPARQUESSECÇÕESACTIVIDADESÓCIOREVISTACONTACTOS

NOTÍCIAS / ACTIVIDADES

FESTIVAL BÔ

19 AGO 2016

PARQUE DE CAMPISMO DO PENEDO DA RAINHA

26 A 28 AGOSTO 2016

PREÇO BILHETE PARA 3 DIAS: 20 EUROS

A Casa Bô - Associação Cultural, Ambiental e de Solidariedade Social - sediada no Bonfim, Porto, convida toda a comunidade para o Festival Bô, a decorrer no Parque de Campismo Penedo da Rainha, em Amarante, nos dias 26, 27 e 28 de Agosto.

Totalmente organizado por cerca de 150 voluntários, contará com aproximadamente 20 concertos, 30 oficinas, dança e performance, partilhas, meditação e actividades para crianças. Numa óptica de integração e coesão sócio-económica, são bem-vindas pessoas de todas as idades e todos os fundos angariados reverterão para projectos sociais a desenvolver em Amarante e no Porto.

O valor para os três dias, com parque de campismo incluído, é de 25euros (entrada livre para crianças até aos 6 anos e adultos a partir dos 65 anos, inclusive)

Para a família e a força colectiva para a Paz, fomentando uma vivência comunitária, para a nossa saúde e bem-estar, desenvolvimento pessoal e social, de forma divertida, com actividades e dinâmicas variadas e para todos os gostos, dentro das áreas da Arte e Cultura, Terapias alternativas, Alimentação consciente, Meio Ambiente e Permacultura, com muito Amor e alegria, a Casa Bô convida a Celebrar a Vida Juntos.

[voltar](#)

NOTÍCIAS RECENTES

19 Ago 2016
FESTIVAL BÔ

19 Ago 2016
ACAMPAMENTO INTER-SÓCIOS

19 Ago 2016
69.º ANIVERSÁRIO DO CLUBE DE CAMPISMO DO PORTO

06 Jul 2016
69.º ANIVERSÁRIO DO CCP

07 Jun 2016
ACORDO DE PARCERIA COMERCIAL

1 de 9 seg. >

ACTIVIDADES RECENTES

12 Abr 2013
SECÇÃO DE MONTANHA

12 Abr 2013
SECÇÃO DE PEDESTRIANISMO

12 Abr 2013
SECÇÃO DE CICLOTURISMO

©2016 CLUBE DE CAMPISMO DO PORTO. TODOS OS DIREITOS RESERVADOS.

²⁷ Clube de Campismo do Porto. (2016). FESTIVAL BÔ. <http://www.ccporto.pt/noticias/festival-b%C3%B4>, acedido em 19 agosto 2016.

1.4. Artigo no Jornalismo Porto Net , 23 agosto 2016.²⁸

Casa Bô cria festival: Com um pé no Porto e outro em Amarante

19:27 23 de Agosto, 2016

Entre sexta e domingo, a associação do Porto organiza um festival em Amarante com muita música e atividades, de oficinas de meditação a palestras sobre “A Arte de Cuidar das Pessoas”.



A Casa Bô abriu no Bonfim há cerca de ano e meio. [Foto: Casa Bô](#)

Estão no Bonfim há cerca de um ano e meio e assumem-se como uma associação cultural, ambiental e de solidariedade social. Nos próximos dias vão estar em Amarante onde de 26 a 28 de agosto organizam o [Festival Bô](#) no Parque de Campismo Penedo da Rainha.

A [Casa Bô](#) – uma abreviatura de avô com sotaque da Invicta – quer ser uma casa de família, mas com uma extensão rural. Aqui entra Amarante – pelo menos no presente – e a aldeia da Aboadela onde membros da associação portuense andaram durante uma semana, com visitas diárias ao centro de dia e a dar uma ajuda na organização de festas populares.

A organização do Festival Bô tem por objetivo angariar fundos. “Vão ser usados, essencialmente, para financiar estas missões que temos aqui em Amarante. Se houver excedente, iremos canalizar para a Casa Bô, para o projeto no Porto, onde temos uma casa para reabilitar e, finalmente, para esta comunidade no

²⁸ Silva, F. (2016, agosto 23). Casa Bô cria festival: Com um pé no Porto e outro em Amarante -. Jornalismo Porto Net. Porto. <https://jpn.up.pt/2016/08/23/casa-bo-cria-festival-um-pe-no-porto-amarante/>, acedido em 02 setembro 2016.

meio rural que potencialmente será em Amarante”, explica Ângelo Lopes, presidente da associação, ao JPN.

Do programa do festival fazem parte cerca de 20 concertos e 30 atividades. No lote destas estão essencialmente oficinas – de Tango a Ritual Trance Dance, Meditação ou Artes Plásticas –, partilhas – de Parto Positivo a Astrologia – e sessões a pensar nos mais novos – de Conto de Histórias a Yoga para Crianças.

O programa só é possível com um largo número de voluntários que, de acordo com Ângelo Lopes, chega às duas centenas. Os preços variam entre os 10 (um dia) e os 25 euros (três dias) e incluem o campismo.

Trata-se de uma primeira edição, e como tal de uma nova experiência para todos. “O festival no fundo é um reflexo de tudo o que estamos a fazer no dia a dia e de tudo o que queremos fazer. Criar sinergias, dar espaço a que todos partilhem as suas valências, as suas paixões, mostrar outras possibilidades a quem venha assistir ao festival”, explica.

A ambição é a de “trabalhar para um mundo melhor” com base no “desenvolvimento social, pessoal de cada um”. Política, garantem, não está nas bases do projeto. “O que existem são valores que são universais e que estão presentes em todos os nossos princípios de intervenção. Valores como a liberdade, a partilha, o amor, o respeito”, declara o fundador da associação.

No Porto, a Casa Bô tem para oferecer ao público exposições, música, sessões de poesia todas as quartas-feiras e comida vegetariana e macrobiótica. Tal como em Amarante, também trabalham com idosos e projetam no futuro fazê-lo com crianças. É um trabalho de “integração social”.

“É um coletivo e não um sonho individual”, sublinha o fundador da associação que vê o futuro a poder passar “deste espírito comunitário para o meio rural”. “Eventualmente Amarante, ou não, vamos ver o que a vida nos reserva. E assim começarmos a trabalhar em sinergia, no meio rural e no meio urbano, com os dois polos e conseguir um cruzamento que será mais rico do que simplesmente nos isolarmos nalgum sítio”, remata.

1.5. Website do Festival bô, agosto 2016.²⁹

FESTIVAL bô

HOME

PROGRAMAÇÃO

BILHETES

INFORMAÇÕES

DESCRIÇÃO DO FESTIVAL BÔ

Este site foi criado por WIX.com. Crie seu site GRÁTIS >>

nossa saúde e bem-estar, desenvolvimento pessoal e social, de forma divertida com actividades e dinâmicas variadas e para todos os gostos, dentro das áreas da Arte e Cultura, Terapias alternativas, Alimentação consciente, Meio Ambiente e Permacultura... com muito Amor e alegria vamos Celebrar a Vida juntos?

Todo o Festival resulta de trabalho voluntário e os fundos angariados revertem para projetos sociais.

FESTIVAL

FESTIVAL

ARTISTAS CONFIRMADOS

BILHETES DISPONÍVEIS

10 €

1 dia

c/ campismo

20 €

3 dias

(compra antecipada até dia 20 de Agosto)
c/ campismo

25 €

3 dias

(compra no local)
c/ campismo

NOTA: entrada grátis até aos 6 anos de idade e a partir dos 65 anos. Crianças entre os 6 e 10 anos o bilhete para os 3 dias fica por 10€.

f

HOME

PROGRAMAÇÃO


BILHETES

More






²⁹ Festival bô. (2016). <http://festivalbo2016.wixsite.com/festivalbo>, acedido em 22 agosto 2016.

311

1.6. Website da Câmara Municipal de Amarante , agosto 2016.³⁰



Seleccione o idioma

VISITAR

INVESTIR

VIVER

PARTICIPAR

SERVIÇOS

COMUNICAÇÃO

Viver > Eventos

VIVER

Município

Freguesias

Eventos

Projetos e Iniciativas

Contratação Pública

Obras Públicas

Cortes/Condicionamentos de Trânsito

Equipamentos

VIA- Viagens de Amarante


Contactos

Contatos úteis

26 a 28 de agosto

Festival Bô

Parque de Campismo Penedo da Rainha



A primeira edição do "Festival Bô" decorre no Parque de Campismo Penedo da Rainha, em Amarante, entre 26 e 28 de agosto.

O evento contará com cerca de 20 concertos, 30 oficinas, dança, performance, partilhas, meditação e atividades para as crianças. Todos os fundos angariados reverterão para projetos sociais a desenvolver em Amarante e no Porto.

O Festival Bô é uma iniciativa da Casa Bô, Associação Cultural, Ambiental e de Solidariedade Social.

Tudo em festivalbo2016.wixsite.com/festivalbo

Facebook


Twitter

Google +

Pinterest

Email

Imprimir



Balcão Único Online

Plataforma Social

Balcão Do Empreendedor





Contactos

Contactos Úteis





Subscreva a Newsletter

Receba todas as novidades no seu email

introduza o seu email

© 2016 CÂMARA MUNICIPAL DE AMARANTE. TODOS OS DIREITOS RESERVADOS

³⁰ Festival Bô - Parque de Campismo Penedo da Rainha. *Município de Amarante* (2016). <http://www.cm-amarante.pt/pt/eventos/festival-bo>, acedido em 25 agosto 2016.

1.7. Website da Santa Casa da Misericórdia de Amarante.³¹

Convite da casa bô para a Santa Casa em *workshop* no Festival bô.

Festival Bô



A Casa Bô - Associação Cultural, Ambiental e de Solidariedade Social - sediada no Bonfim, Porto, convidou os nossos idosos para o Festival Bô, que decorreu no Parque de Campismo da cidade.

Foi no dia 26, que um grupo de utentes se dirigiu ao Festival cheios de expectativas e entusiasmo. Das inúmeras actividades que o programa apresentava a escolha voltou-se para uma Sessão de Yoga (adaptada para idosos), e um Encontro de Partilhas, onde os participantes puderam contar e ouvir histórias de outros tempos do concelho de Amarante.

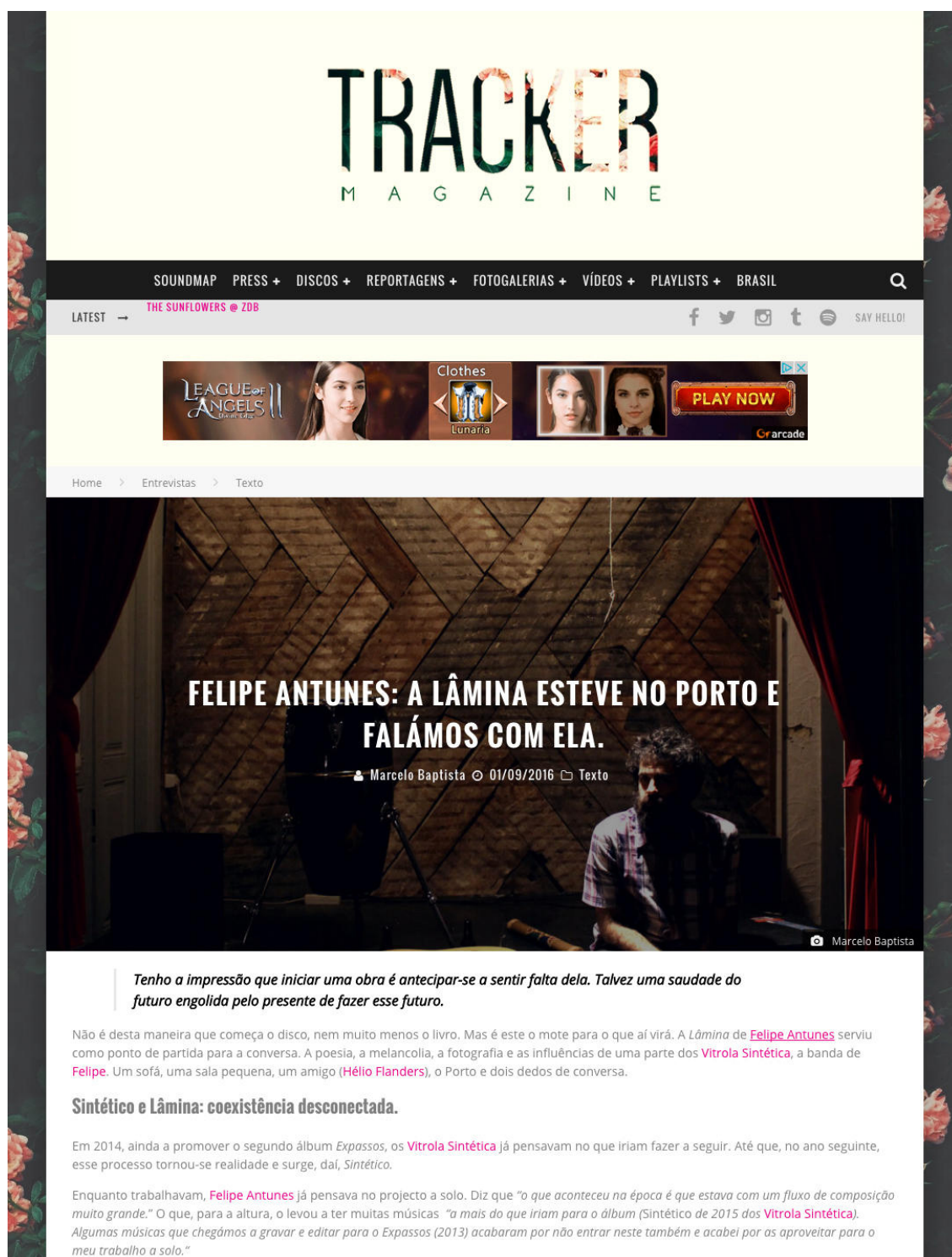
Estas duas diferentes actividades fomentaram a vivência comunitária, de uma forma serena e tranquila, por um lado, e dinâmica e divertida por outro.



³¹ Festival Bô. Santa Casa da Misericórdia de Amarante (2016).

http://www.scmamarante.pt/testes/index2.php?option=com_content&do_pdf=1&id=362, acedido em 30 agosto 2016.

1.8. Artigo de Marcelo Baptista na Tracker Magazine , 01 setembro 2016.³²



³² Baptista, M. (2016, setembro 01). "Felipe Antunes: A Lâmina esteve no Porto e falámos com ela". Tracker Magazine. <http://tracker-magazine.com/felipe-antunes-lamina-esteve-no-porto-e-falamos-com-ela/>, acedido em 02 setembro 2016.

Mas não foi um projecto resultante apenas da sua veia inspiradora da época. Foi todo um processo de experimentação, de evolução. De poder trazer coisas que em banda poderiam não ser feitas. Mas também serviu para 'resgatar' canções mais antigas que se encontravam perdidas.

Isto também nasceu numa vontade paralela de tocar com outras pessoas, de criar com outras pessoas e de exercer uma autoria um pouco mais individual. Porque em banda é muito interessante por isso mas também muito complicado por isso mesmo. O facto de decidir tudo junto, é muito bonito, é muito forte, muito potente, porque tomamos todas as decisões, mas muitas das coisas que a gente pensa sozinho se prejudica um pouco nesse sentido. Se é que se pode chamar de prejudicar. Então eu optei por fazer um outro álbum, um a solo, para poder exercer essa autoria.

*Nesse tempo é como se já tivesse gravado o disco porque as músicas já existiam, as músicas eram outras (as de Sintético). Para mim a viagem era outra já. E o Lâmina também demorou mais de um ano para ser gravado. E então apesar de eles coexistirem, de serem muito próximos, as gravações e composições serem muito próximas, eles não são muito ligados assim. Por causa dos tempos que os próprios discos demandaram. Algumas composições têm o mesmo tempo, aconteceram simultaneamente, outras são mais desconectadas. Algumas são recuperadas, mais antigas. O Sintético tem uma música de 2010 que eu compus aqui em Portugal que nós na altura não sabíamos se encaixava. Então o nosso baixista (**Otávio Carvalho**) resgatou-a para este disco de 2015. O Lâmina traz coisas de 2013/2014 que não foram usadas no Sintético e que eu quis usar. Outras não foram usadas nem antes nem depois. A maioria faz parte desse contexto, mas algumas eu puxei de outro tempo. Eu tenho-os muito conectados mas ao mesmo tempo não.*



Lâmina é, como o nome faz prever, um álbum 'cortante'. A maneira como é escrito e gravado é crua. Há uma espécie de separação entre o que pode fazer em grupo e sozinho. Mas não tão sozinho, assim como explicou. Pôde ser mais autor, de uma forma mais "profunda e pessoal". Algo que, em banda, "talvez não fosse possível fazer. Seria mais difícil. Talvez não quisesse fazer isso mesmo (em banda). Acho que a compreensão é outra".

Sobre o disco e a sua exposição diz:

Eu acho que tem uma coisa dolorosa, que é quase agressiva. E então por isso acaba por ser muito pessoal. O caminho de composição muito expositivo. E quando digo 'expositivo' é por ser muito pessoal. E cada vez mais foi afunilando, afunilando. Ao mesmo tempo que é muito expositivo também é muito expansivo, porque colaboro com muita gente. (...) Eu entendo ele (o álbum) como muito pessoal – com aquela coisa da cassette, do livro – mas também muito expansivo – com toda aquela gente que colabora.

Contudo, o Brasil poderá ver essa dimensão assim que **Felipe** voltar a casa.

Vou fazer um show com toda a gente que participou no disco. O Hélio (Flanders) por exemplo vai participar. Algo grande para muita gente. E a banda é maior que os Vitrola! Somos três, mas tem um baterista que não gravou no último álbum mas entrou logo na sequência e está connosco. Também é quem toca no meu disco a solo. Então somos quatro. E em princípio a banda-base (a solo) que vai tocar vão ser 6!

A Lâmina não é só um disco: há um livro para ler, ver, reler (...)

Quem ouviu o álbum, talvez perceba que a gravação parece 'caseira'. Imaginar uma sala pequena (como da **Casa Bô** onde **Felipe** tocou) em que a proximidade é tanta que nos imaginamos lá, sentados a ouvi-lo. Ouvir as histórias que quer contar – mesmo que não se considere um contador de histórias por natureza. *Lâmina* é um livro com histórias dele próprio em forma de poema. Um livro e um disco. Quase um guia pelo imaginário do álbum. E para perceber esse caminho, Felipe conta como nasceu esse processo.

*Eu acho que ele nasceu um pouco ao mesmo tempo, apesar do disco já estar a ser gravado. Na altura quando começamos a pensar esteticamente, falei com um amigo que tem uma editora (**Urutau**) e chegamos a uma ideia de que o livro tem uma proximidade com a literatura, uma intenção poética e que seria interessante juntar ao material literário. Daí também me ter dado força para lançar uma faixa com uma leitura de um poema, porque podia ter um livro onde podia escrever textos, podia ter um prefácio, posso exercitar isso. Eu podia ter um livro de artista, como um amigo meu da editora disse. É um livro de processos. Tem fotos, tem poemas.*



Esse processo de 'transformação' de poemas em música já é antigo. E para dar mais força à crueza do disco, há uma canção em particular que transporta esta mesma mensagem: "*Cru* – que é só guitarra e voz e que parece mais caseira – e é, porque a gravei no meu quarto". Mas assim como esta, que fora enviada para uma revista como poema, também "*Essa Moça*" surge na mesma linha:

*Enviei como poema para outro compositor, o **Enzo Banzo**, e ele musicou-a. Tem um claro poema ali. E foi assim naturalmente que foi surgindo a ideia. Mostrando uma intenção com o livro. Um livro de processos onde vou mostrando todo o procedimento, até tem um manuscrito do próprio "*Cru*".*

Estas duas músicas em específico tem características especiais. Vendo o livro, há uma algo que salta à vista no meio daqueles poemas. Não se trata apenas do que está escrito mas de como está. De todos os textos, este é o único que aparece ao centro da página. Não podia apenas ser um acaso do livro.

Foi um tipo de poema concreto que trabalha também com a parte visual, da forma, foi uma brincadeira por aí. Não vou falar muito do que é a forma, mas acho que se pode imaginar. Tem uma leve – não tão leve assim – conotação sexual ali. E a intenção foi que realmente se diferenciasse das outras porque também surgiu num contexto diferente, por ter surgido como um poema concreto.

A outra canção é "*Essa Moça*" e vendo apenas um seguimento das músicas, fica-nos a impressão das "duas faces da mesma moeda" por causa de "*Esse Moço*". No entanto, a primeira não foi pensada dessa maneira. Foi, como referido, pensada como poema e musicada por Enzo Banzo.

Em "*Essa Moça*", involuntariamente, houve um "jogo entre dois homens conversando" que, mais tarde, foi propositado em "*Esse Moço*". Pensando "nessa possível dupla figura feminina falando sobre uma suposta figura masculina. Não nasceram como contraponto." A história tornou-se maior do que isto. Acabou por se tornar em todo um conceito e até na referência a uma das influências de **Felipe**.

*"Essa Moça" inicialmente chamava-se "Pó de Vidro" mas no estúdio começaram por gravar o ficheiro com esse nome e então comecei a pensar nessa relação de "Essa Moça"/ "Esse Moço" que seria interessante ter no disco. E esta brincadeira tornou-se em algo maior. O (Enzo) Banzo também costuma brincar e falar sobre a "Esses Moços" de **Lupicínio Rodrigues** que gosto muito. Então essa história acabou por fechar por aí e fechou bem."*

(...) e voltar a ver: a fotografia também é música.

Como livro de autor, não funciona apenas o texto. A palavra escrita em poema. A fotografia fala por si. Transmite muito do espírito do álbum. Pode-se dividir até em três grupos:

- Uma secção de fotos analógicas que funcionam como 'diário gráfico' da vida de Felipe;
- Fotografias de promoção do disco e de referência direta ao conceito de 'lâmina', algo agressivo – da autoria de **Wladimir Vaz**;
- E uma última de retratos cinematográficos, dada a luz utilizada. São dispostas aos pares por página, uma em cima da outra, que dá a ideia de movimento.

Em comum têm a cor: preto e branco. Transmitem também um pouco do espírito do álbum: uma certa solidão e tristeza. São "fotos com pouca luz, difícil mas triste, esse ar melancólico. Muito contraste."

Esse contraste não é só dentro da fotografia mas entre fotografias. Tanto tem fotos de uma carga emotiva pesada, como de alguma 'claridade' vinda das fotografias analógicas. Assim como em *Lâmina* tem momentos onde predomina a luz e que traz novo fôlego ao disco.

Os retratos foram uma proposta posterior. São retratos de quem esteve ligado ao processo.

Andei a percorrer todos os sítios, atrás destas pessoas. Foi muito difícil porque São Paulo é grande e não dá para encontrar todo mundo de novo facilmente. Mas foi muito interessante poder encontrar todo o mundo antes do disco sair.

A capa do disco não surge conforme as músicas. Elas apesar de existirem e de terem um conceito camuflado por trás, esse mesmo só aparece com a fotografia da capa e um autor em especial: **Chema Madoz**. Ou seja, "a luz corta e só aparece uma parte. Isso conversa muito com a lâmina, o corte, talvez a solidão, a dor, as páginas cortantes do livro que eu imaginava com a própria ideia do disco". O nome então surge depois de ver uma fotografia em específico – não a que se encontra na capa – deste fotógrafo espanhol, com quem Felipe esteve aquando a sua visita a Madrid para ver a sua exposição.

Tem uma foto dele que tem um livro aberto com várias lâminas em páginas diferentes. E aí veio a ideia. Estávamos a trabalhar no disco como um livro. Eu acho que são canções e poemas que às vezes são difíceis, cortantes mesmo. E para mim fez muito sentido que as páginas pudessem, ou não, cortar dependendo da maneira como pegas nas páginas porque tem lâminas. E então acabei por usar outra foto dele que achava que casava melhor com o disco, porque deixa mais em aberto. Deixa o conteúdo em aberto e que pode ser mais doloroso, porque as páginas estão em branco. E aí eu pensei que o disco tinha de se chamar 'Lâmina'.



As influências: Vinicius, Estoril, física quântica e Buda.

Facilmente se percebe que a MPB está presente na música de **Felipe Antunes**. Há algo de **Tom Jobim**, **Vinicius de Moraes** ou até **Caetano Veloso**. Mas também da música brasileira dos últimos anos que também veio beber destas influências como **Cícero** ou **Rodrigo Amarante**. A *spoken word* e a simplicidade da poesia acompanhada da guitarra também se faz ouvir em **Nick Cave**, **Patti Smith**, **Leonard Cohen** ou, até mais recentemente e em alguns momentos, **Jehny Beth**. São todos nomes que, de uma maneira ou de outra, chegam ao universo dele. São nomes que estão ligados entre si. Poesia e, porque não, voz grave – ou potente.

Tinha uma coisa de (Serge) Gainsbourg – que gosto muito – e que ouvia muito na altura, e de Cohen. Talvez também o Cave por causa dessa coisa do violão e pretensão de ter uma coisa mais suja. Mas acho que o Cohen por causa do texto e interpretação. Todos eles influenciaram bastante nessa relação da poesia com a canção e ter isso no disco foi muito da influência – que já é antigo mas as pessoas devem conhecer – de Vinicius de Moraes que tinha poemas no meio. Eu tenho um vinil que de um lado é Carlos Drummond de Andrade e do outro lado é Vinicius de Moraes. Do lado do Drummond é só leitura de poemas, que me influencia muito, e do outro tem canções do Vinicius e poemas. Tem alguns atores brasileiros e também portugueses que ouvi no outro dia um interpretação muito bonita de "Tabacaria" de Fernando Pessoa, muito forte, penso que na Casa Pessoa. Tem um vídeo muito bonito. Tem outros como o Antonio Abujamra, que morreu recentemente, que era um grande leitor de poemas. A Maria Bethânia também faz isso muito bem, essa relação entre poema e canção muito bonita. Tem um disco que se chama "Que Falta Você Me Faz" em que só canta Vinicius de Moraes que gosto muito. É um disco que ela intercala poemas e canções.

As influências não fazem apenas parte da música ou de intérpretes. O silêncio também pode servir para tal. Durante a conversa surgiu um tema interessante e – que acabou por se tornar –, importante. O "retiro do silêncio" ou, mais especificamente, "retiro budista zen" serviu para escrever "Veio do Tempo". A faixa-poema do disco. Esta que, segundo Felipe, se fez usar da "voz dele (de Antonio Abujamra) lendo o poema na minha cabeça. Assim podia perceber a fluidez do texto.". Do retiro trouxe ideias para o projeto a solo, de passagens recitadas pelo monge de discursos budistas. Dos quais ficavam na cabeça. Lembra-se da "ideia da serpente, que Buda dizia 'que a paixão era uma serpente adormecida no canto da mente e que não pode alimentá-la porque é perigosa'. Essa coisa do desapegar, 'de ter e não ter', fala muito no poema. Principalmente o poema foi muito influenciado nesse retiro."

As viagens, por consequente, também se tornaram influências. A vivência brasileira da cultura e da sociedade – claro está – são importantes mas os tempos em que estudou e tocou em Portugal, bem como a família aqui presente, servem de transmissores de conhecimento. Espanha e, mais uma vez, Vinicius também entram na equação.

Estas viagens permitiram uma recolha e pesquisa de nomes que lhe interessam. Principalmente cantautores. Fala de Sérgio Godinho e de "discos antigos muito bonitos". São estes nomes que traz para o seu leque de inspiração e cultural.

Vinicius de Moraes aparece aqui como fonte transmissora de raízes. Neste caso portuguesas. Assim como a família.

Sobre os Vitrola Sintética, essa música de 2010 "Deus te Ouça" que eu fiz aqui em Portugal, eu fiz porque eu tenho um livro do Vinicius que traz um cartão-postal de quando ele esteve aqui e ele escreveu o "Soneto da Fidelidade" quando esteve aqui num hotel em Estoril. Era o Hotel Paris que agora pertence à cadeia Sana Hotéis. Continua a ter as mesmas instalações, até um coqueiro à frente! E então eu fui lá passar uma noite, beber uns whiskeys e fumar uns charutos, só para sentir aquela energia. E então escrevi lá. Eu acho que tem uma relação muito direta com a canção, a cultura, com a sociedade, da forma como a sociedade se desenvolveu. Eu tenho família aqui também e fico pensando como é que se desenvolveu aqui e lá, o momento que vive aqui e lá.

A sociedade, como um todo, entra num esquema pouco usual de pensamento para **Felipe**. Mas serve para explicar como se podem criar ligações entre culturas e haver uma troca direta e indireta de ideias.

Eu penso que existe bandas de energia entre pessoas, como na física quântica. Eu acho que a gente vive muito numa frequência e dentro dessa frequência existem pessoas dessa mesma. É claro que às vezes saís disso e é aí que existem os descontroles e os problemas que passamos. Mas é dentro dessa ideia de frequência de energia em que as pessoas estão que acabamos por encontrar outras de todo o mundo com a mesma frequência. E aí deixa de haver barreira entre países mas passa apenas por haver barreiras de energias. Todos os países onde estás, as pessoas que convives que foram indicadas por alguém que conheces que tem essa energia parecida, o contacto vai funcionar. Essa casa aqui vai ser igual a uma em São Paulo se as pessoas tiverem essa mesma energia parecida com esta, que pensam da mesma maneira. Eu acho muito bonito essa história das tradições, muito interessante e que se deve conservar até pela cultura dos povos e para a compreensão da História. Mas acho que deve cada vez mais acabar com as fronteiras, porque isso faz com as pessoas pensem diferente, pensem melhor ou pior. Isso não existe de melhor e pior culturalmente, do país do género. Apesar de respeitar as tradições e culturas, devíamos cortar essas diferenças entre países, povos e raças.

Uma família portuguesa, com certeza (que conta histórias).

De volta ao disco, *Lâmina* começa com uma pequena introdução. Uma chamada para o que acaba por não acontecer, diretamente. Abre com uma pequena cantiga da avó – que é portuguesa – que aprendeu quando era pequena e que nunca mais se esqueceu. Nem da letra, nem da melodia. A relação com o disco está na memória. Essa também está presente ao longo do disco. Ou não fosse ela que amargurara as letras.

A minha avó conta histórias, gosta muito de contar mas não é uma contadora de histórias. O meu avô – marido dela – sim, gosta de contar, ele lê muito e gosta de contar muitas histórias, tanto dos livros como da vida dele. Cada vez que fica mais velhinho mais histórias tem para contar, cada vez mais profundas ou diferente. O dela, o interessante, é que não conta muitas histórias. Mas essa canção em especial, ela lembra-se sempre, canta sempre com a mesma letra, a mesma melodia. Eu tentei procurar mas não encontrei de quem era. Talvez fosse da professora da altura que tenha inventado na época ou fosse uma coisa de cantos populares. Foi uma coisa que ficou presa na memória dela e a relação com o disco é com a memória. Trabalhar um pouco a memória, a beleza da memória.

Os pais também entram na inspiração artística. É deles que, segundo **Felipe**, vem uma “fusão talvez genética (...), um pouco de descrever e um pouco de poesia. Uma descrição poética.”

A minha mãe é uma pessoa muito descritiva, as poucas coisas que ela escreve e que eu li – como as viagens a Portugal – ela descreve muito bem, tem uma capacidade descritiva muito boa. O meu pai tem uma maior relação com a poesia e o amor. E ele gosta. Quando ele vai escrever uma mensagem de feliz aniversário ele escreve num jeito poético, bonito.

Para terminar, fala da rabeca feita pelo avô, das habilidades manuais que contrariavam a sua pretensão de tocar o instrumento. Dessa rabeca surgem duas músicas – e uma terceira com outra rabeca:

*Numa é usada só esta, noutra é tocada uma rabeca do **Thomas (Rohrer)** e na terceira são usadas as duas rabecas (no entanto, foi apenas **Rohrer** é que as gravou).*

Lâmina é assim: um álbum com mistérios de histórias desvendadas e com um misto de escuridão com claridade. É muito recomendável ouvir com atenção o que se vai passando por lá. E ler o livro.

Brasil Casa Bô Felipe Antunes Vitrola Sintética

1.9. Artigo no Notícias do Tâmega , 15 setembro 2016.³³

Notícias do Tâmega
quinta-feira, 15 de setembro de 2016

/// amarante

16

1ª Edição do Festival Bô em Amarante superou as expectativas



Decorrido entre 26 e 28 de Agosto, no Parque de Campismo Penedo da Rainha, em Amarante, o Festival Bô apresentou 15 partilhas, 30 oficinas, 20 concertos, actividades para crianças e diversas terapias.

Organizado pela Casa Bô, Associação Cultural, Ambiental e de Solidariedade Social, sem fins lucrativos e sediada no Porto, o Festival contou com o apoio e determinação de cerca de 180 voluntários, e apresentou actividades para diversos públicos, desde a arte, cultura, terapias alternativas, alimentação consciente, ambiente, permacultura, tudo num ambiente de paz e harmonia com a Natureza.

"Esta primeira edição do Festival Bô foi um êxito e superou todas as expectativas! Contou com cerca de 700 visitantes de várias idades e nacionalidades", afirmou a organização em nota enviada à imprensa.

A organização reforçou

ainda que "foi graças aos fundos obtidos através de donativos e dinheiro angariado na Casa Bô que se conseguiu assegurar a alimentação, os materiais, e todas ferramentas necessárias à realização do Festival. Também o tempo, o amor e a energia são a oferta de um grupo verdadeiramente dedicado que altruistamente tornou este festival possível".

O Festival procurou fomentar a vida comunitária, o bem-estar geral e a saúde entre todos os participantes, em particular dos habitantes de Amarante, promovendo fortemente o município e a Marca Amarante.

Todos os fundos recolhidos reverterão, em primeira mão, para a liquidação das despesas e o remanescente será investido em projectos de cariz social a decorrerem em Amarante e Porto.

"Na verdade, a ideia de criar o Festival Bô nasceu da semente do serviço, da intenção de criar um estilo

de vida comunitário, assente nos mais elevados valores de paz, amor, respeito e ajuda ao próximo", ressaltou a organização.

O Festival envolveu fundamentalmente as seguintes entidades: o Clube de Campismo do Porto, o Espaço Compasso, Sol em Movimento, Associação Gatilho, Escada 1, Casa da Juventude de Amarante, a Quinta do

Lobo Branco, o G.A.S. Porto, a Câmara Municipal de Amarante e a Junta de Freguesia do Bonfim, entre outros que contribuíram para a realização do mesmo. Contou ainda com a presença de várias pessoas da Santa Casa da Misericórdia, da Terra dos Homens, de Amarante e da Casa de Santa Isabel, de Seia.

A Casa Bô rematou de-

monstrando "manifestação imensa gratidão por todos os que tornaram este evento possível, convidando desde já a participarem na 2ª edição do Festival Bô, o qual manterá, certamente, o cariz de natureza solidária em prol de um mundo melhor".



³³ 1ª. Edição do Festival Bô em Amarante superou as expectativas. (2016, setembro 15). Notícias Do Tâmega, p. 16. Amarante, https://issuu.com/mediatamega/docs/nt_30_-_15_de_setembro/17?e=16837696%2F38825437, acedido em 02 setembro 2016.

Anexo 2 – Estatuto Social da casa bô

ESTATUTOS

ASSOCIAÇÃO “CASA BÔ, ASSOCIAÇÃO CULTURAL, AMBIENTAL E DE SOLIDARIEDADE SOCIAL”

Artigo 1º

Denominação sede e duração

1. A Associação, sem fins lucrativos, adopta a denominação “**CASA BÔ, ASSOCIAÇÃO CULTURAL, AMBIENTAL E DE SOLIDARIEDADE SOCIAL**”, tem sede na Rua do Bonfim, nº 356, 4300-066 Porto, freguesia do Bonfim, conselho do Porto e constitui-se por tempo indeterminado.
2. A Associação tem o número de pessoa colectiva XXXXXXXXXX

Artigo 2º

Fim

- 1- Esta Associação tem por Objecto Social:

Contribuir para a realização última de todos os Seres, através do desenvolvimento holístico do Ser Humano para a sua felicidade, paz e harmonia consigo no Universo.

Nomeadamente:

_criando uma Comunidade de pessoas interligadas por valores éticos como a partilha, o amor, o respeito, a integração, a humildade, a consciência e a sustentabilidade;

_intervindo nas áreas da Arte e Cultura, do Ambiente (consciência ecológica) e criar actividades de Intervenção Social para a promoção da coesão e inclusão social (nomeadamente com a envolvente social do projecto);

_na promoção do desenvolvimento do potencial individual e colectivo, através do cruzamento de diversas áreas de intervenção e formação multidisciplinar, fomentando a curiosidade, a criatividade, o acesso à cultura, consciência e relações humanas saudáveis;

_na criação de uma rede de cooperação entre entidades e pessoas (em território nacional e internacional).

2- De acordo com os princípios da Economia Social, de transparência contabilística e financeira, e no sentido do desenvolvimento da consciência nos juízos de valor, pretendemos trabalhar, sempre que possível, com o voluntariado, donativo ou contribuição consciente, como base da sustentabilidade financeira do projecto.

Artigo 3º

Receitas

Constituem receitas da associação, designadamente:

- a) a jóia inicial paga pelos associados;
- b) o produto das quotizações fixadas pela assembleia geral;
- c) os rendimentos dos bens próprios da associação e as receitas das actividades sociais;
- d) as liberalidades aceites pela associação;
- e) os subsídios que lhe sejam atribuídos;
- f) os donativos que lhe sejam atribuídos;
- g) o produto de actividades de voluntariado.

Artigo 4º

Órgãos

- 1. São órgãos da associação a Assembleia Geral, a Direcção e o Conselho Fiscal.
- 2. O mandato dos titulares dos órgãos sociais é de três anos.

Artigo 5º

Assembleia Geral

- 1. A Assembleia geral é constituída por todos os associados no pleno gozo dos seus direitos.
- 2. A competência da Assembleia Geral e a forma do seu funcionamento são os estabelecidos no Código Civil, designadamente nos artigos 170º e do 172º a 180º.

3. A mesa da Assembleia Geral é composta por três associados, um presidente e dois secretários, competindo-lhes dirigir as reuniões da Assembleia e lavrar as respectivas actas.
4. A convocação da Assembleia Geral é realizada mediante publicação do respectivo aviso na sede da associação, com antecedência mínima de oito dias; no aviso indicar-se-á o dia, a hora e o local da reunião e a respectiva ordem de trabalhos.
5. A Assembleia não pode deliberar, em primeira convocação sem a presença de metade, pelo menos, dos seus associados. Porém, a Assembleia iniciará, podendo deliberar, trinta minutos após a hora prevista para o início da reunião com o número dos associados que estiverem presentes.
6. As deliberações são tomadas por maioria de votos dos associados presentes.

Artigo 6º

Direcção

1. A direcção eleita em Assembleia Geral, é composta por três associados, Presidente, Vice-Presidente e Tesoureiro.
2. À Direcção compete a gerência social administrativa e financeira da associação e representar a associação em juízo e fora dele.
3. A forma do seu funcionamento é estabelecida no artigo 171º do Código Civil.
4. A associação obriga-se com a intervenção de dois membros da direcção conjuntamente. Para os assuntos em geral, é obrigatória a intervenção do Presidente ou do Vice-presidente da Direcção e, nos assuntos bancários, é obrigatória a intervenção do Tesoureiro em conjunto com o Presidente ou com o Vice-Presidente da Direcção.

Artigo 7º

Conselho Fiscal

1. O Conselho Fiscal, eleito em Assembleia Geral, é composto por três associados.
2. Ao Conselho Fiscal cumpre fiscalizar os actos administrativos e financeiros da direcção, fiscalizar as suas contas e relatórios, e dar parecer sobre os actos que impliquem aumento das despesas ou diminuição das receitas.
3. A forma do seu funcionamento é a estabelecida no artigo 171º do Código Civil.

Artigo 8º

Admissão e exclusão

As condições de admissão e exclusão dos associados, suas categorias, direitos e obrigações, constarão de regulamento interno a aprovar em assembleia geral.

Artigo 9º

Extinção. Destino dos bens

Extinta a associação, o destino dos bens que integrarem o património social, que não estejam afectados a fim determinado e que não lhe tenham sido doados ou deixados com algum encargo, será objecto de deliberação dos associados.

Artigo 10º

Omissões

Nos casos omissos nos presentes Estatutos, regem o Regulamento Interno bem como as normas do Código Civil que regulam o funcionamento das associações.

Anexo 3 – Missão e visão da casa bô

Reprodução de imagem no mural da casa bô.



Casa Bô

Associação Cultural, Ambiental e de Solidariedade Social

Visão

Contribuir para a realização última de todos os Seres, através do desenvolvimento holístico do Ser Humano para a sua felicidade, paz e harmonia consigo no Universo.

Missão

Ser uma comunidade assente em valores éticos que potencia o indivíduo e o colectivo, intervindo nas áreas da arte e cultura, ambiente e economia social, promovendo a cooperação, coesão e inclusão social.

Valores

Partilha, Respeito, Integração, Humildade, Consciência Amor e Sustentabilidade.

Sustentabilidade Financeira

De acordo com os princípios da Economia Social, de transparência contabilística e financeira, e no sentido do desenvolvimento da consciência nos juízos de valor, pretendemos trabalhar, sempre que possível, com o voluntariado, donativo ou contribuição consciente, como base da sustentabilidade financeira do projecto.

Anexo 4 – Divulgação e convite para participação da abertura casa bô

Aos 20 dias antes da abertura da casa bô, o Sr. Ângelo Lopes enviou um e-mail aos colegas do Mestrado em Economia e Gestão de Inovação, convidando os colegas para participarem enviado em anexos um folheto informativo sobre o projeto e uma lista de bens que pede contribuição para doação.

Seguem abaixo: e e-mail; o folheto informativo; e a lista de bens para doação.

4.1. E-mail

Date: Thu, 5 Mar 2015 15:09:14 +0000
Subject: Fwd: Queres participar na criação da "Casa Bô"?
From: angelopess@gmail.com
To: Andreprincipe@hotmail.com

Caros colegas

Já vos foi apresentado este projecto numa aula de competitividade, mas para quem não sabe, esta a nascer uma comunidade que esta sediada numa casa no Bonfim.... será uma organização sem fins lucrativos que irá actuar no meio artístico, cultural e ambiental.

Esta-se a começar sem recursos económicos, a casa esta vazia, são necessárias uma série de coisas para avançar, que eventualmente poderão ter no v/sotão ou arrumos, sem lhes darem utilidade...

A Casa Bô é um projecto de cariz social e sem fins lucrativos que pretende criar comunidade, intervindo nela através de valores humanos profundos, nas áreas da Arte, Cultura e Ambiente.

A Casa Bô localiza-se no Bonfim e tem 3 andares. O rés-do-chão e o 1º piso serão utilizados para as actividades que viremos a desenvolver nestas áreas e o último piso servirá de residência aos membros da cooperativa, criando a base da comunidade que iremos gerar.

Estamos super motivados, acreditamos mesmo no nosso projecto e que este poderá fazer a diferença na vida de todos os envolvidos, mas precisamos da tua ajuda.

Estamos a criar este projecto sem recursos financeiros, apenas com uma intensão positiva e altruísta e necessitamos do apoio, envolvimento e participação de todos!






Já temos o espaço, faltam os bens necessários à sua utilização.
Gostaríamos que esta Casa fosse construída por todos nós e que cada pessoa sensível ao projecto participasse com algo pessoal. Criámos uma lista de coisas (em anexo) que iremos precisar rapidamente para o desenvolvimento da Casa Bô e, se tens algum destes itens esquecido na garagem, sótão ou mesmo no fundo de um armário, sem utilidade para ti e que nos possas dar, ficaríamos muito agradecidos e cuidaríamos dele da melhor forma! Se sentires que há bens que poderias ceder temporariamente também são bem-vindos e serão devolvidos assim que os quiseres de volta.

Segue também em anexo uma pequena apresentação do projeto...
Deixa a tua marca na Casa Bô!;)

4.2. Folheto informativo sobre o projeto

Cooperativa de Intervenção Social, Cultural, Artística e Ambiental



projecto sem fins lucrativos




Equipa:

Ângelo Lopes
Bruno Rajão
Luís Miguel Festas
Sandra Pimenta
Ana Carvalho
Inês Cruz


Apoios:




G.A.S. PORTO
Grupo de Ação Social de Porto




ies
INSTITUTO DE INVESTIGACÃO E INOVAÇÃO EM SOCIOLOGIA



espaço
compasso



CATHOLICA
PORTO



spinlogic

Entidade jurídica

Cooperativa de Intervenção Social, Cultural, Artística e Ambiental
Projecto sem fins lucrativos

Visão

Ser uma referência enquanto entidade que promove o desenvolvimento pessoal, social e cultural, em vivência comunitária.

Missão e objetivos do projecto

Assente numa vivência comunitária, pretendemos integrar áreas multidisciplinares, com relação à arte, cultura e ambiente, que visem e assentem na cooperação, formação e desenvolvimento integral do ser humano.

Pretendemos ainda:

- Promover ligações entre artistas e projectos culturais e ambientais, potenciando possibilidades e sinergias;
- Promover e difundir a arte, a cultura e a sustentabilidade a nível nacional;
- Apoiar iniciativas e projectos-piloto a nível artístico, cultural e ambiental;
- Contribuir para a preservação do património artístico, cultural e histórico;
- Promover o empowerment do indivíduo através do envolvimento a vários níveis com as actividades desenvolvidas numa prática de "learning by using, doing e interacting";
- Sensibilização para a importância da arte, cultura e meio ambiente no desenvolvimento social e individual;

Valores e princípios de actuação

Partilha Amor Consciência Felicidade Integração Sustentabilidade

Para cumprirmos a nossa missão, acreditamos ser essencial que exista uma comunicação interpessoal entre todos os usuários do espaço, procurando continuamente desconstruir as barreiras de comunicação existentes nas relações sociais. Para atingirmos esse objectivo, acreditamos que as pessoas que estão a desenvolver o projecto vivenciem e fomentem relacionamentos com base em valores éticos.

Como

Para cumprirmos os nossos objectivos, iremos reabilitar uma casa de 3 andares na comunidade do Bonfim, no centro do Porto, possibilitando aos criativos e a todos os que estão sensibilizados com os nossos princípios de actuação, ferramentas para a dinamização da construção pessoal, num espaço que possibilita sinergias, cooperação, formação e expressão ao mesmo tempo que oferecemos ao público o acesso a uma casa "viva" que respira cultura e onde se partilham experiências e saberes.

4.3. Lista de bens solicitados para doação

Lista de MATERIAIS / MÓVEIS / ELECTRODOMÉSTICOS necessários à CASA BÔ

MÓVEIS

Mesas
Cadeiras
Bancos
Secretárias
Cadeiras de escritório
Bancos altos
Móveis de arrumação (estantes, armários, etc)
Poufs
Salamandra

CASA DE BANHO

Poliban
Cilindro
Torneira (quente+frio) + tubo e manípulo de chuveiro
3 lavatórios pequenos
3 torneiras para os lavatórios das casas de banho (água fria)
3 torneiras de cozinha (água quente e fria)
3 suportes de toalha pequenos de fixar na parede

SOM

Sistema de Som (amplificador, 4 colunas, mesa de mistura, leitor de CDs, leitor de vinil)
Bateria
Piano vertical
Microfones

ELECTRODOMÉSTICOS

Televisões antigas grandes (podem estar avariadas)

Frigorífico

Fogão

Microondas

Torradeira

Máquina de café (expresso)

Batedeira

Varinha mágica

Chaleira eléctrica

Congelador (de preferência vertical)

Máquina de lavar roupa

Máquina de lavar louça

Aquecedores

FERRAMENTAS

Black & Decker
Ferramentas variadas

OBJECTOS DIVERSOS

Spots de luz (focos direccionáveis)
Candeeiros de pé antigos
Espelhos
Lâmpadas led
Telefone antigo
Estendal
Painéis
Utensílios de cozinha
Paletes
Toalhas de banho

Plantas grandes de exterior em vaso
Plantas de interior em vaso

Esse modelo foi apresentado na cadeira de Competitividade, do Mestrado em Economia e Gestão de Inovação pelos alunos: Ângelo Lopes, Armando Sena e Rui Almeida, em janeiro de 2015.³⁴

5.1. Imagem da ferramenta

³⁴ O Sr. Ângelo Lopes disponibilizou este trabalho para consulta nesta investigação.

5.2. Transcrição

Parcerias

- _ Junta da Freguesia do Bonfim
- _ Grupo de Acção Social do Porto | Organização Não Governamental para o Desenvolvimento
- _ Universidade Católica Portuguesa - Spin Logic- Incubadora projectos sociais
- _ Centro Juvenil de Campanhã - Escola Profissional no Porto
- _ Uninorte | União Cooperativa Polivalente
- _ Instituto Empreendedorismo Social
- _ ESMAE - Escola Superior de Música e Artes do Espetáculo
- _ Rede de potenciais colaboradores individuais a integrar no projecto
- _ Alianças estratégicas com associações do mesmo âmbito:
 - _ Espaço Compasso - Associação Cultural e Artística
 - _ Sol em Movimento - Associação Recreativa e Cultural

Actividades

- _ Exposições
- _ Concertos/ *jam session*
- _ *Workshops*/ cursos/ aulas regulares (música, dança, culinária, permacultura, artes plásticas, hortas urbanas, yoga, meditação, reiki, qi gong...)
- _ Peças de teatro/ performances
- _ Tertúlias
- _ Visualização filmes/ documentários
- _ Festas temáticas (música tradicional, festas aniversário/ casamento...)
- _ *Cowork* - trabalho em cooperação
- _ Vivência comunitária
- _ Noite de jogos de tabuleiro
- _ Jantares temáticos
- _ Actividades específicas de apoio à comunidade próxima e à comunidade artística do Porto
- _ Apoio à criação de novos projectos
- (...)

Recursos:

- _Equipa multidisciplinar de cooperadores muito motivados
- _Voluntários
- _Bens pessoais dos cooperantes (instrumentos musicais, objectos utilitários, ...)
- _Capital social da cooperativa
- _Acesso a uma casa no Bonfim por uma renda simbólica

Proposta de valor:

- _Criação de comunidade entre usuários do espaço e integração social do projecto Casa Bô na envolvente contextual; (freguesia do Bonfim);
- _Possibilitar aos criativos um espaço de exposição e expressão;
- _Oferecer aos usufruidores do espaço e das actividades o acesso a uma casa viva que respira cultura e onde se partilham experiências e saberes;
- _Usar as potencialidades da arte, da interação com o meio ambiente e da harmonia nas relações humanas, como ferramenta p/a dinamização da construção pessoal;
- _Oferta de um ambiente de conforto/ segurança que estimula a valorização pessoal, criatividade e a autenticidade;
- _Integração social_ permitir acesso às n/ actividades a pessoas sem meios económicos para tal;

Bem estar associado à participação de um projecto humanitário que visa o bem comum”

Relação com clientes:

- _Cliente como utilizador da casa e usufruidor das actividades/ eventos;
- _Cliente como futuro parceiro/ colaborador_ envolvimento c/a visão e missão do projecto;
- _Relação interpessoal de proximidade c/ base na amizade

Canais de distribuição:

- Relações interpessoais comunitárias: servir de comunicação do projecto c/o exterior através de publicidade "boca-a-boca"; servir p/ envolver novos colaboradores e os utentes do espaço em geral

_Casa: espaço familiar e acolhedor

_Convites pessoais: (e-mail, telemóvel, carta, redes sociais gratuitas)

_Convites institucionais: (contacto pessoal, e-mail, telefone)

Segmento clientes:

_Pessoas sensíveis às áreas de intervenção do projecto, com foco para:

_A comunidade artística do porto (ex: faculdade Belas Artes, Esmae);

_Pessoas a integrar na cooperativa (pessoas dinâmicas/criativas com interesse pluridisciplinar e pessoas que buscam um constante desenvolvimento e realização pessoais e pessoas que se revejam na n/visão, missão e valores)

_Propostas e actividades especificamente direccionadas para:

_Vizinhos da casa da freguesia do Bonfim

_Jovens e crianças (da escola do Bonfim e do Centro Juvenil de Campanhã)

_Idosos (Centro de Dia e Junta da Freguesia do Bonfim)”

Estrutura dos custos (relativos a recursos):

_Humanos: custos de investimento (mão de obra recuperação da casa e outras colaborações pontuais /desenvolvimento projecto (curto, médio e longo prazo); e de gastos correntes; equipa cooperativa dependente do desenvolvimento do projeto (voluntariado no curto prazo), colaborações regulares (médio e longo prazo), colaborações pontuais (relativas a actividades e eventos);

_Materiais - custos de investimento (materiais necessários às obras da casa, bens inerentes ao funcionamento da casa e actividades, instalações de contadores e dispositivos) e de gastos correntes (equipamento administrativo, custos deslocações, bens necessários à manutenção e vivência comunitária na casa e realização de actividades pontuais)

_Financeiros - custos de investimento (capital social da cooperativa, custos inerentes à criação da entidade jurídica e formalização do contrato de arrendamento da casa, adiantamento da última prestação do contrato de arrendamento)

_E de gastos correntes (renda mensal, água, luz, internet, seguro(s), custos transportes de bens deslocações,...) organizacionais- custos de investimento- sistema de informação/

comunicação a implementar (médio prazo); e de gastos correntes- custos meios de comunicação;

Fluxos de rendimento:

_Do resultado económico de todas as iniciativas e actividades existentes, uma percentagem a determinar de acordo com a natureza da actividade deverá reverter para o projecto;

_Como recursos humanos, para além dos já existentes, estaremos abertos e procuraremos o apoio de forma voluntária de quem esteja receptivo a essa colaboração, permitindo aos n/ voluntários acesso às actividades desenvolvidas;

_Na lógica de Cowork, quem pretender usar o espaço p/ trabalhar de forma regular deverá contribuir c/ um valor mensal;

_A zona residencial poderá vir a ser usada como residência artística existindo uma colaboração da parte de quem lá ficar;

_Festas e eventos específicos poderão ter uma contribuição simbólica a reverter para o projecto;

_O bar que dará apoio aos eventos que justifiquem, será também uma fonte de rendimento;

_Recorrer a financiamentos elaborando candidaturas a fundos estatais e europeus;

_Recorrer ao apoio da Junta de Freguesia do Bonfim para a realização de projectos específicos de apoio social;

_Confecção de refeições...

_Utilização do palco como sala de ensaios c/utilização diurna p/bandas seleccionadas p/ o efeito- contribuição monetária;

Anexo 6 – Captação de recursos financeiros

Nos subitens a seguir neste Anexo 6 encontram-se um informativo do webiste Portugal Inovação Social que explica o programa PO ISE, e a seguir as tabelas que reúnem quais os são as potenciais fontes para captação de recursos financeiros para a casa bô a partir do PO ISE. Este programa está aberto para candidatura de 20 de julho de 2016 até o dia 7 de outubro de 2016. Para além disso neste anexo é colocado também.

Em cada tabela colocada neste anexo, as linhas de cor cinza escuro estão destacadas na intenção de apontar quais os potenciais programas os quais a casa bô pode desenvolver projetos e se candidatar aos apoios financeiros.

6.1. Folheto divulgação do Website Portugal Inovação Social³⁵

v.27/06/2016



INOVAÇÃO SOCIAL E INVESTIMENTO SOCIAL: UMA APOSTA ESTRATÉGICA EM PORTUGAL

O que é a iniciativa Portugal Inovação Social?

Criada no âmbito do Portugal2020, a iniciativa [Portugal Inovação Social](http://inovacaosocial.portugal2020.pt) é o primeiro programa de um Estado Membro destinado à dinamização da Inovação Social financiado por fundos estruturais europeus. É uma iniciativa pioneira e transversal que vai mobilizar mais de 150ME de verbas do Portugal 2020 para o apoio a iniciativas de inovação e empreendedorismo social (IIES) em Portugal, bem como para a dinamização de práticas de investimento social que tragam novos investidores e maior escala ao financiamento da inovação social.

O que é Inovação Social?

Inovação social é uma solução distinta para um problema da sociedade com impacto positivo comprovado e superior às soluções existentes, tendo em conta o custo de oportunidade dos recursos utilizados. Uma inovação social deve, idealmente, ser simples na conceção, replicável para outros contextos e assente em recursos baratos e abundantes, ou então em recursos e modelos de negócio altamente escaláveis. A inovação social é o resultado bem sucedido de um processo de empreendedorismo social. Existem em Portugal numerosas iniciativas de inovação e empreendedorismo social (IIES) de elevado potencial de impacto em áreas como a empregabilidade, a prevenção de problemas de saúde, a promoção do sucesso escolar, a redução de desperdícios, o combate à pobreza e exclusão, entre outras. Estas iniciativas necessitam de um ecossistema de capacitação e financiamento para crescerem e terem mais impacto, podendo surgir no seio de organizações já estabelecidas ou ter origem em novas gerações de empreendedores sociais. A inovação social é assim um motor fundamental para a melhoria das respostas aos desafios sociais, tanto ao nível do dinamismo e sustentabilidade da economia social como da inovação em políticas públicas.

O que é Investimento Social?

Investimento social pressupõe a aplicação de capital em projetos, organizações ou fundos para o desenvolvimento de IIES, com o objetivo de obter um retorno/reembolso do capital e um retorno de valor para a sociedade. A monitorização dos dois tipos de retorno é um elemento diferenciador do investimento social, influenciando a tomada de decisão do investidor. O investimento social comporta um espectro amplo de modelos de financiamento, desde a filantropia de impacto em que o retorno é medido apenas em termos do impacto social gerado, aos fundos de empreendedorismo social em que prevalece a expectativa de obtenção de retorno financeiro associado ao impacto social. As características distintivas do investimento social são o acompanhamento e capacitação das iniciativas apoiadas, a adequação do instrumento de financiamento à natureza do projeto, e a preocupação com a medição de impacto.

INICIATIVA PORTUGAL INOVAÇÃO SOCIAL
www.inovacaosocial.portugal2020.pt



³⁵ Inovação Social e Investimento Social - uma aposta estratégica em Portugal. (2016, junho 27). Portugal Inovação Social. <http://inovacaosocial.portugal2020.pt/wp-content/uploads/2016/07/Portugal-Inova%C3%A7%C3%A3o-Social-S%C3%ADntese-Investimento-Social-publicado-julho2016.pdf>, acedido em 05 setembro 2016.

Quais os instrumentos de financiamento da Portugal Inovação Social?

A Portugal Inovação Social dispõe de quatro instrumentos de financiamento em 2016, com dotações do Fundo Social Europeu (FSE), que apoiam iniciativas de inovação e empreendedorismo social com intervenção nas regiões de Norte, Centro e Alentejo:

- 1) **Capacitação para o Investimento Social** (15M euros): subvenções para reforçar as capacidades organizativas e as competências de gestão das IIES, com o objetivo de as tornar mais preparadas para captar e aplicar investimento social.
- 2) **Parcerias para o Impacto** (15M euros): subvenções para cofinanciar, a par com investidores sociais que invistam na lógica de filantropia de impacto, os planos de desenvolvimento de iniciativas de inovação e empreendedorismo social.
- 3) **Títulos de Impacto Social (TIS)** (25M euros): contrato entre investidores sociais, entidades públicas e entidades da economia social ou privadas, para concretizar resultados sociais específicos. Se os resultados sociais contratualizados forem alcançados, os investidores são reembolsados pelo seu investimento inicial.
- 4) **Fundo para a Inovação Social (FIS)** (95M euros): fundo grossista que co-investe, numa lógica reembolsável através de intermediários financeiros (bancos, capitais de risco e *business angels*), em IIES com o objetivo colmatar falhas de mercado no acesso deste tipo de iniciativas a financiamento.

O desenvolvimento destes instrumentos de financiamento, alavancando fundos públicos e privados, promoverá a prática de investimento social com o objetivo último de aplicar mais recursos financeiros em projetos sociais sustentáveis, geradores de impacto e promotores da melhoria do bem-estar social.

Qual a relevância internacional dos temas da inovação social e investimento social?

O tema da inovação social está crescentemente presente na agenda nacional, com o Grupo de Trabalho Português de Investimento Social, na agenda europeia com a *Social Business Initiative*, e na agenda mundial. Portugal foi convidado em 2015 para fazer parte de um restrito grupo de cinco países que se juntam aos países do G8 na liderança da agenda mundial de investimento social.

Links úteis para saber mais sobre o tema de investimento social:

Grupo de Trabalho Português de Investimento Social: <http://investimentosocial.pt/>

EU Social Business Initiative: <http://ec.europa.eu/growth/sectors/social-economy/enterprises/>

Global Steering Group on Social Impact Investing: <http://www.socialimpactinvestment.org/>

Relatório da OCDE sobre investimento social: <http://www.oecd.org/sti/ind/social-impact-investment.pdf>

Global Impact Investing Network (GIIN): <https://thegiin.org/impact-investing/need-to-know/>

European Venture Philanthropy Association: <http://evpa.eu.com/knowledge-centre/>

Informações: www.inovacaosocial.portugal2020.pt Perguntas: geral@inovacaosocial.portugal2020.pt

6.2. Quadro: medida Acesso ao emprego do PO ISE

Medida	Tipologias de operações	Acções	Beneficiários	Apoios
Acesso ao emprego	Estágios		IEFP, INA, Autarquias, CIM, AICEP, MNE, ...	
	Apoios à contratação		IEFP	
	Programa de incentivo à empregabilidade de parcial de país		ISS	
	Trabalho socialmente necessário		IEFP	
	Apoio técnico à elaboração, monitorização de execução e avaliação dos planos para a igualdade	Ações relativas ao desenvolvimento de diagnósticos, à elaboração, implementação, monitorização, divulgação e avaliação de planos para a igualdade	a) As pessoas coletivas de direito público, pertencentes à administração local; b) As pessoas coletivas de direito privado sem fins lucrativos; c) As pessoas coletivas de direito privado com fins lucrativos, com prioridade para as PME; d) As entidades do setor cooperativo.	Subvenção não reembolsável, até ao montante máximo de financiamento público de 35.000 euros, aplicando-se a modalidade de concessão de um montante fixo com recurso a um orçamento prévio
	Desenvolvimento e modernização das instituições		Pessoas coletivas de direito público pertencentes à administração central	
	Desenvolvimento de estruturas de apoio ao emprego - inclui GIP	a) De apoio técnico b) De apoio financeiro às despesas de funcionamento	IEFP	

		o		
	Mobilidade laboral no espaço europeu		Membros e parceiros do EURES; IEFP	
	Investimento na infraestrutura do serviço público de emprego		IEFP	
	Reforço da capacitação institucional dos parceiros sociais com assento na Comissão Permanente de Concertação Social		Parceiros sociais com assento na CPCS	

6.3. Quadro: medida Formação do PO ISE

Medida	Tipologias de operações	Acções	Beneficiários
Formação	Formação modular para empregados e desempregados	Formações modulares certificadas, estruturadas sob a forma UFCD, realizadas de acordo com os referenciais previstos no CNQ, no quadro de um determinado percurso formativo, com vista à obtenção de uma qualificação correspondente a uma determinada saída profissional	a) As pessoas coletivas de direito público da administração central; b) A rede de centros do IEFP, I. P., incluindo os centros de gestão participada; c) As pessoas coletivas de direito privado, com ou sem fins lucrativos - podem candidatar-se a financiamento na qualidade de entidades formadoras certificadas, entidades empregadoras ou outros operadores
	Formação modular para desempregados de longa duração		
	Vida ativa	a) Percursos de formação modular, com base em UFCD que integram o CNQ; b) Formação prática em contexto de trabalho, que complemente o percurso de formação modular ou as competências anteriormente adquiridas pelo desempregado em diferentes contextos.	IEFP
	Cheque-formação	Formações modulares certificadas, estruturadas sob a forma de UFCD, realizadas de acordo com os referenciais previstos no CNQ, disponível em www.catalogo.anq.gov.pt , no quadro de um determinado percurso formativo, com vista à obtenção de uma qualificação correspondente a uma determinada saída profissional	IEFP

Qualificação dos trabalhadores de setores afetados por sazonalidade e por alterações conjunturais		IEFP
Programa de reconversão profissional AGIR da Região Autónoma dos Açores		Direção Regional do Emprego e Qualificação Profissional, da Região Autónoma dos Açores
Capacitação para a inclusão	Ações de formação que favoreçam o desenvolvimento de atitudes e capacidades de aprendizagem, incluindo formações modulares certificadas, e que visem, de forma integrada ou isoladamente, as dimensões pessoal e social	a) As pessoas coletivas de direito público da administração central e local; b) A rede de centros do IEFP, I. P., incluindo os centros de gestão participada; c) As pessoas coletivas de direito privado, com ou sem fins lucrativos — podem candidatar-se a financiamento na qualidade de entidades formadoras certificadas ou outros operadores
Português para Todos	a) Ações de formação em língua portuguesa; b) Ações de formação em língua portuguesa técnica nos diferentes setores de atividade onde se manifeste a sua necessidade.	a) A Direção-Geral dos Estabelecimentos Escolares (DGEstE), através dos estabelecimentos de ensino público; b) O IEFP, I. P.

	<p>Cultura para Todos</p>	<p>a) Ações de dinamização de práticas artísticas e culturais por e ou para grupos excluídos ou socialmente desfavorecidos, em como para idosos;</p> <p>b) Ações de sensibilização, promoção e intermediação, bem como outras ações complementares de divulgação e implementação de projetos destinados a pessoas em risco de exclusão social, de forma a habilitá-las para o exercício de uma cidadania ativa, que valorize designadamente a participação cívica, a fruição cultural e patrimonial e a responsabilidade social;</p> <p>c) Ações de intermediação que favorecem o desenvolvimento de atitudes e capacidades de aprendizagem, com vista à aquisição de competências básicas, pessoais e sociais, recorrendo designadamente à inclusão de conteúdos e ou práticas artísticas e culturais;</p> <p>d) Desenvolvimento de projetos inovadores ao nível de respostas integradas no âmbito da infância e juventude, população idosa, pessoas com deficiência, família e comunidade que aumentem a coesão social e os sentimentos de pertença à comunidade, através da participação cultural e artística;</p> <p>e) Desenvolvimento de</p>	<p>a) As pessoas coletivas de direito público, pertencentes à administração central, incluindo institutos públicos, e local;</p> <p>b) As pessoas coletivas de direito privado, com ou sem fins lucrativos.</p>
--	---------------------------	--	--

	<p>projetos de âmbito local, regional ou nacional que concorram para a melhoria do acesso à cultura e à arte, nomeadamente através da supressão de obstáculos ao nível da comunicação e da programação em espaços, equipamentos e eventos culturais;</p> <p>f) Desenvolvimento de projetos que tenham como objetivo promover a elaboração e a divulgação de conteúdos culturais digitais acessíveis a pessoas com deficiências e incapacidades e ou a grupos excluídos ou socialmente desfavorecidos.</p>	
<p>Formação e sensibilização para um voluntariado de continuidade</p>	<p>a) Ações de formação e de sensibilização para voluntários, tendo em vista a promoção do voluntariado de continuidade e para informação dos direitos e deveres dos voluntários;</p> <p>b) Ações de sensibilização para entidades da economia social, tendo em vista a promoção do apoio voluntário, da sua importância e das suas vantagens nas atividades diárias destas entidades.</p>	<p>a) As pessoas coletivas de direito público pertencentes à administração central, incluindo institutos públicos;</p> <p>b) As pessoas coletivas de direito privado, com ou sem fins lucrativos</p>

	<p>Ações de sensibilização e campanhas</p>	<p>a) Promoção de campanhas e ações de sensibilização, de informação, de divulgação e de produção de conhecimento sobre a temática da igualdade de género e da prevenção e combate à violência doméstica, de género e tráfico de seres humanos, estimulando a implementação de boas práticas nestas áreas;</p> <p>b) Promoção de campanhas de sensibilização, de informação e de divulgação no domínio da luta contra a discriminação racial, disponibilizando ferramentas para apoio à gestão da diversidade, o combate aos preconceitos, o diálogo inter-religioso, o conhecimento dos serviços e redes de apoio aos cidadãos estrangeiros, visando a afirmação da interculturalidade na sociedade e também ações de apoio ao regresso de emigrantes portugueses residentes no estrangeiro.</p>	<p>a) As pessoas coletivas de direito público da administração central, no âmbito das ações previstas na alínea a);</p> <p>b) O ACM, I. P., no âmbito das ações previstas na alínea b);</p>
--	--	---	---

	<p>Formação de públicos estratégicos</p>	<p>a) Ações de formação de públicos estratégicos com intervenção no domínio da promoção da igualdade de género e da prevenção e combate à discriminação em razão do sexo, da orientação sexual e da identidade de género;</p> <p>b) Ações de formação de públicos estratégicos com intervenção no domínio da prevenção e combate à violência doméstica e, em geral, à violência de género, incluindo a mutilação genital feminina;</p> <p>c) Ações de formação de públicos estratégicos com intervenção no domínio da prevenção e combate ao tráfico de seres humanos;</p> <p>d) Ações de formação de públicos estratégicos com intervenção no domínio do apoio e acompanhamento especializados a vítimas e agressores;</p> <p>e) Ações de formação de formadores para obtenção da certificação ou especialização em igualdade de género.</p>	<p>a) As pessoas coletivas de direito público;</p> <p>b) As pessoas coletivas de direito privado, habilitadas para a promoção da formação neste domínio, nos termos da regulamentação aplicável.</p>
--	--	---	---

Formação de técnicos especializados	<p>a) Ações de formação de técnicos, docentes e outros profissionais que atuam junto das CPCJ;</p> <p>b) Ações de formação de técnicos de reabilitação que intervêm na área das políticas integradas de reabilitação profissional das pessoas com deficiência e incapacidade;</p> <p>c) Ações de formação associadas ao desenvolvimento de competências dos profissionais de saúde ou outros agentes que atuam na área da saúde, designadamente:</p> <p>i) Formação a realizar no exterior, a decorrer em território nacional ou no estrangeiro, quando se trate de candidaturas apresentadas pelas entidades empregadoras e desde que os destinatários sejam trabalhadores ao seu serviço;</p> <p>ii) Estágios dos profissionais da saúde noutras entidades congéneres, desde que relacionados com o aperfeiçoamento profissional dos formandos</p> <p>iii) Formação dirigida a prestadores de cuidados a pessoas com demência.</p>	<p>a) O ISS, I. P., no âmbito das ações previstas na alínea a);</p> <p>b) As pessoas coletivas de direito público, a rede de centros do IEFP, I. P., e as pessoas coletivas de direito privado, com ou sem fins lucrativos, no âmbito das ações previstas nas alíneas b) e c)</p>
Sensibilização e (in)formação de suporte às reformas nos serviços sociais e de saúde	<p>a) Ações de formação e ou informação junto de utentes dos serviços sociais e de saúde para os habilitar à mobilização de respostas inovadoras nesse domínio, com recurso às TIC, nomeadamente no domínio da teleassistência</p>	<p>a) As pessoas coletivas de direito privado, com ou sem fins lucrativos;</p> <p>b) As pessoas coletivas de direito público pertencentes à administração central, incluindo institutos públicos, e à</p>

	<p>e telemedicina;</p> <p>b) Ações de sensibilização e ou informação para a prevenção de comportamentos de risco que limitem as necessidades de recurso a estes serviços, em particular os de saúde, incluindo ações de sensibilização e ou informação a realizar em ambiente escolar, nomeadamente ações de divulgação e ou formação sobre higiene oral, sobre nutrição e integradas no Plano Nacional de Ética no Desporto;</p> <p>c) Promoção de campanhas de sensibilização e informação sobre a temática dos comportamentos aditivos, dependências e problemáticas associadas, de forma a contrariar preconceitos e estereótipos e inverter as crenças e a perceção negativa em torno deste grupo, de forma a favorecer a igualdade de oportunidades e a integração social.</p>	<p>administração local.</p>
--	--	-----------------------------

6.4. Quadro: medida Grupos Específicos do PO ISE

Medida	Tipologias de operações	Ações	Beneficiários
Grupos específicos	Qualificação e emprego de pessoas com deficiência e incapacidade	a) Qualificação de pessoas com deficiência e incapacidade; b) Apoio à inserção e colocação no mercado de trabalho de pessoas com deficiência e incapacidade; c) Emprego apoiado de pessoas com deficiência e incapacidade; d) Financiamento de produtos de apoio para pessoas com deficiência e incapacidade.	a) As entidades formadoras certificadas, com estruturas especificamente vocacionadas para a área da deficiência, no âmbito das ações relativas à qualificação; b) O IEFP, I. P., enquanto organismo responsável pela concretização dos respetivos instrumentos de política pública, no âmbito das restantes ações.
	Inserção socioprofissional da comunidade cigana	Ações desenvolvidas no âmbito da Estratégia Nacional para a Integração das Comunidades Ciganas (ENICC)	Entidades públicas e privadas, sem fins lucrativos
	Projeto de mediadores municipais interculturais	Ações que visam promover a integração de públicos em situação de vulnerabilidade social, assentes nos princípios da mediação, da interculturalidade e da intervenção comunitária, privilegiando a formação e a contratação de mediadores das comunidades alvo. Encontram-se abrangidas pelas disposições previstas na presente secção, designadamente, a criação de equipas de mediadores interculturais e de intervenção municipal dirigida à integração das comunidades imigrantes e das comunidades ciganas.	a) As pessoas coletivas de direito público, pertencentes à administração local; b) As pessoas coletivas de direito privado, sem fins lucrativos; c) As entidades da administração indireta do Estado, com responsabilidades na área a que se refere a presente secção.

	<p>Apoio financeiro e técnico a organizações da sociedade civil sem fins lucrativos que atuam no âmbito da promoção da igualdade de gênero e da prevenção e combate à violência doméstica e de gênero e ao tráfico de seres humanos</p>	<p>Ações que visam apoiar a capacitação técnica e financeira das ONG e outras entidades da sociedade civil sem fins lucrativos, que atuam nos domínios da promoção da igualdade de gênero, da prevenção e combate às discriminações em razão do sexo, da orientação sexual e da identidade de gênero, da prevenção e combate à violência doméstica e de gênero e da prevenção e combate ao tráfico de seres humanos</p>	<p>ONG e outras entidades da sociedade civil sem fins lucrativos, em cujos objetivos estatutários estejam previstas a promoção da igualdade de gênero e ou a prevenção e combate à violência doméstica e de gênero e ou a prevenção e combate ao tráfico de seres humanos</p>
	<p>Instrumentos específicos de proteção das vítimas e de acompanhamento dos agressores na violência doméstica</p>	<p>1.a) Sistemas de vigilância eletrónica; 1.b) Sistemas de teleassistência. 2.a) De atendimento, acompanhamento e apoio especializados a vítimas de violência doméstica, violência de gênero e tráfico de seres humanos; 2.b) De acolhimento de emergência de vítimas de violência doméstica; 2.c) De acolhimento de vítimas de tráfico de seres humanos; 2.d) De acompanhamento e apoio especializados a agressores de violência doméstica e de gênero; 2.e) De sensibilização para o público em geral e ou para públicos específicos; 2.f) De produção e divulgação de material formativo, informativo e pedagógico.</p>	<p>a) A Direção-Geral de Reinserção e dos Serviços Prisionais, no âmbito das ações previstas na alínea a) do n.º 1; b) A Comissão para a Cidadania e a Igualdade de Género (CIG), no âmbito das ações previstas na alínea b) do n.º 1; c) As entidades públicas ou privadas, quando pretendam desenvolver ações nos domínios da igualdade de gênero, da violência doméstica e de gênero e de tráfico de seres humanos e apresentem, para o efeito, um plano concreto de intervenção, no âmbito das restantes ações previstas no n.º 2.</p>

6.5. Quadro: medida Serviços e respostas do PO ISE

Medida	Tipologias de operações	Ações	Beneficiários
Serviços e respostas	Modelos de apoio à vida independente	a) Cuidar dos cuidadores; b) Reabilitação de proximidade; c) Assistência pessoal; d) Modelo de intervenção integrada para situações de diagnóstico duplo; e) Rede de Centros Especializados (RCE).	a) As pessoas coletivas de direito privado sem fins lucrativos; b) As pessoas coletivas de direito público, pertencentes à administração central e local.
	Rede de cuidadores de proximidade	Ações que visem o desenvolvimento de projetos preventivos, reforçando os mecanismos de apoio, dirigidos a pessoas idosas e a pessoas com deficiência e incapacidade	a) As pessoas coletivas de direito privado sem fins lucrativos; b) As pessoas coletivas de direito público, pertencentes à administração central e local.
	Suporte ao doente em casa ou na comunidade através do uso de tecnologias	Ações que promovam: a) A proximidade das populações mais isoladas ou com dificuldades de acesso aos serviços de saúde; b) A qualidade de vida e bem-estar das populações mais isoladas; c) O aumento da qualidade das respostas sociais e de saúde.	a) As pessoas coletivas de direito público; b) As pessoas coletivas de direito privado, com ou sem fins lucrativos.
	Idade Mais	Ações que promovam: a) A oferta de atividades culturais, educacionais e de convívio, com carácter regular, para um envelhecimento saudável de idosos em exclusão social; b) A autonomia e a independência dos idosos, nas tarefas do quotidiano; c) O contacto intergeracional e a troca de experiências; d) A qualidade de vida e os níveis de bem-estar físico e mental; e) Contactos com comunidades e espaços diferentes e vivências em grupo como formas de integração social; f) A integração social dos idosos, combatendo o isolamento e a exclusão; g) Um envelhecimento saudável;	a) As pessoas coletivas de direito privado, sem fins lucrativos; b) As pessoas coletivas de direito público, pertencentes à administração central e local.

	h) A capacitação das instituições visando a promoção da qualidade de vida e o bem-estar físico e mental dos idosos.	
Cuidados especializados	<p>Ações:</p> <p>a) De sensibilização e informação para a prevenção de situações de demências;</p> <p>b) De sensibilização e informação para os cuidados específicos em prematuros;</p> <p>c) De capacitação de técnicos e famílias nestas áreas;</p> <p>d) De sensibilização de crianças e jovens para a lógica preventiva da prática de estilos de vida saudável;</p> <p>e) De capacitação e formação na prevenção de situações de demências ou em cuidados específicos em prematuros.</p>	<p>a) As pessoas coletivas de direito privado, sem fins lucrativos;</p> <p>b) As pessoas coletivas de direito público, pertencentes à administração central e local.</p>
Qualificação do sistema nacional de intervenção precoce na infância	<p>a) Ações para detetar e sinalizar todas as crianças com risco de alterações de funções do corpo ou risco grave de atraso de desenvolvimento, procedendo ao seu encaminhamento e das respetivas famílias para o SNIPI, desde que reúnam as condições de elegibilidade;</p> <p>b) Ações de intervenção precoce na infância que assegurem às crianças a proteção dos seus direitos e o desenvolvimento das suas capacidades;</p> <p>c) Avaliação periódica das crianças e famílias que possam vir a necessitar de um Plano Individual de Intervenção Precoce (PIIP);</p> <p>d) Elaboração e execução do PIIP, em função das necessidades de contexto familiar das crianças elegíveis de forma a prevenir ou a reduzir os riscos de atraso no desenvolvimento;</p> <p>e) Ações de apoio às famílias nos acessos e recursos dos sistemas da Segurança Social, Saúde e Educação;</p> <p>f) Ações de formação contínua dos docentes, técnicos e outros</p>	<p>a) As pessoas coletivas de direito privado, sem fins lucrativos;</p> <p>b) As pessoas coletivas de direito público pertencentes à administração central e local, incluindo institutos públicos.</p>

	<p>profissionais com vista ao reforço da rede de equipas locais de intervenção precoce na infância, potenciador da criação de mecanismos articulados de suporte social em cada comunidade;</p> <p>g) Ações para assegurar os processos de transição adequados para outros programas, serviços ou contextos educativos de cada criança;</p> <p>h) Ações de sensibilização de pais e qualificação de pessoal das instituições, com o objetivo de prevenir o risco, junto das amas, creches familiares, creches e estabelecimentos de educação pré-escolar.</p>	
Apoio à parentalidade positiva	<p>Ações que promovam:</p> <p>a) A capacitação das famílias, nomeadamente em situação de vulnerabilidade social, para o exercício de uma parentalidade responsável;</p> <p>b) A capacitação de técnicos, outros profissionais e colaboradores de ação social, no âmbito da formação para o desempenho parental.</p>	<p>a) As pessoas coletivas de direito privado, sem fins lucrativos;</p> <p>b) As pessoas coletivas de direito público, pertencentes à administração central e local.</p>
Qualificação do apoio institucional a crianças e jovens	<p>Ações:</p> <p>a) De intervenção psicossocial com crianças e jovens em acolhimento institucional, com vista à definição dos seus projetos de vida, bem como a promoção da sua relação familiar;</p> <p>b) De supervisão das equipas das instituições de acolhimento de crianças e jovens;</p> <p>c) De supervisão e qualificação e reforço da capacitação dos interventores.</p>	ISS

	Centros Nacionais de Apoio ao Imigrante	Ações de apoio à criação e funcionamento de CNAI que assegurem o atendimento especializado, a informação em diferentes suportes e línguas e o apoio à integração social e profissional dos imigrantes, designadamente através de parcerias com a sociedade civil organizada	ACM, IP
	Rede local de intervenção social	Ações que assentem numa lógica de intervenção articulada e integrada de entidades com responsabilidade no desenvolvimento de ação social, visando potenciar uma atuação concertada dos diversos organismos e entidades envolvidas na prossecução do interesse público e promover a implementação de novos mecanismos de atuação e diferentes estratégias de ação em resposta às necessidades sociais	a) As pessoas coletivas de direito privado, sem fins lucrativos; b) As pessoas coletivas de direito público.

6.6. Quadro: medida Modernização e abordagens do PO ISE

Medida	Tipologias de operações	Ações	Beneficiários
Modernização e abordagens	Contratos Locais de Desenvolvimento Social	Ações enquadradas nos CLDS, previstas no diploma normativo enquadrador da política pública, a qual integra os seguintes eixos: a) Emprego, formação e qualificação; b) Intervenção familiar e parental, preventiva da pobreza infantil; c) Capacitação da comunidade e das instituições; d) Auxílio e intervenção emergencial às populações inseridas em territórios afetados por calamidades.	a) As pessoas coletivas de direito público; b) As pessoas coletivas de direito privado, sem fins lucrativos, incluindo associações empresariais, comerciais ou industriais; c) As pessoas coletivas de direito privado, com fins lucrativos, desde que integrem os Conselhos Locais de Ação Social.
	Programa Escolhas	Ações enquadradas no Programa Escolhas, que visam promover a inclusão social de crianças e jovens provenientes de contextos socioeconómicos mais vulneráveis, tendo em vista a igualdade de oportunidades e a coesão social	ACM, IP
	Bolsa especializada de voluntariado	Ações, desenvolvidas através da criação de uma plataforma informática de âmbito nacional: a) Sistematização da oferta disponível e de certificação das entidades, com intervenção social, promotoras de voluntariado; b) Identificação das necessidades existentes em determinados territórios de procura e de oferta no âmbito do voluntariado; c) Inscrição de voluntários em ações de voluntariado, de âmbito social, considerando que as entidades inscritas preenchem as regras e são acreditadas para disponibilizar aos voluntários os meios essenciais para	CASES

		a valorização e acompanhamento de um voluntariado ativo, responsável e certificado.	
	Capacitação institucional das organizações da economia social membros do conselho nacional para a economia social	Ações, com vista ao reforço da capacitação institucional das organizações da economia social membros do CNES:a) Criação de gabinetes de apoio à economia social com polos de atendimentos;b) Desenvolvimento de bases de dados que utilizem tecnologia web, garantindo a partilha de acesso a informação sobre a economia social;c) Ações que permitam a criação de condições de trabalho em rede, a nível nacional e europeu; d) Ações que possibilitem a troca de experiências e a divulgação de boas práticas na economia social;e) Ações de desenvolvimento, inovação e empreendedorismo, associadas às novas tecnologias;f) Intervenções formativas organizadas com recurso à metodologia de formação-ação.	Organizações da economia social membros do CNES, conforme definido pela Resolução do Conselho de Ministros n.º 55/2010, de 4 de agosto, alterada pela Resolução do Conselho de Ministros n.º 103/2012, de 7 de dezembro

6.7. Quadro: medida Inovação Social do PO ISE

Medida	Tipologias de operações	Acções	Beneficiários	Apoios
Inovação social	Programa de capacitação para o investimento social	Ações de capacitação para o investimento social, suportadas em planos de capacitação que incluam, nomeadamente, consultoria, formação organizada com recurso à metodologia de formação-ação e formação certificada até um máximo de 20 % do custo total da operação	Entidades da economia social, públicas e privadas, promotoras de iniciativas e investimentos em inovação e empreendedorismo social	Subvenção não reembolsável, com um limite máximo de financiamento público de 50.000 euros, aplicando-se a modalidade de concessão de montante fixo com recurso a um orçamento prévio
	Programa de parcerias para o impacto	Ações de criação, desenvolvimento e ou crescimento de IIES de elevado potencial de impacto, que contem com o apoio e cofinanciamento de investidores sociais	Entidades da economia social, públicas e privadas, promotoras de iniciativas e investimentos em inovação e empreendedorismo social	
	Títulos de Impacto social	Intervenções desenvolvidas por entidades da economia social, públicas e privadas que visam oferecer respostas orientadas para os resultados e com elevado potencial de impacto na resolução de problemas sociais nos domínios de atuação de políticas públicas	Parcerias compostas por, pelo menos, uma entidade pública, um investidor social e uma organização da economia social ou outra entidade privada que realize a intervenção	

6.8. Quadro: medida Investimento na área dos equipamentos sociais e da saúde do PO ISE

Medida	Tipologias de operações	Ações	Beneficiários
Investimento na área dos equipamentos sociais e da saúde	Investimento na área dos equipamentos sociais	<p>Operações e ações de construção, reconversão, ampliação, remodelação e adaptação dos espaços físico e aquisição de equipamentos da rede de equipamentos sociais, bem como o apetrechamento e ou substituição de equipamento móvel que cumpram os seguintes critérios:</p> <p>a) Promovam a reconversão de equipamentos sociais com vista a adaptação face às necessidades territoriais no âmbito das respostas sociais;</p> <p>b) Visem a remodelação e adaptação das infraestruturas para garantir o acesso a todos os cidadãos, independentemente das respetivas capacidades motoras;</p> <p>c) Visem a modernização e o ajustamento das infraestruturas às necessidades presentes e futuras;</p> <p>d) Promovam a requalificação de infraestruturas e da sua rede em função da alteração das realidades sociais verificadas e que se justifiquem.</p>	<p>Pessoas coletivas de direito público e as entidades de direito privado sem fins lucrativos que atuam na área social</p>

	Investimento na área da saúde	<p>Ações que visem apoiar o reequipamento e consolidação infraestrutural do SNS que cumpram os seguintes critérios, em função do previsto nos respectivos PO:</p> <p>a) Qualificação e consolidação da rede de equipamentos de saúde no âmbito dos cuidados hospitalares, bem como o reforço da diferenciação e a complementaridade de serviços;</p> <p>b) Remodelação e beneficiação de serviços de urgências hospitalares;</p> <p>c) Qualificação e consolidação da rede de equipamentos de saúde no âmbito dos cuidados primários, nomeadamente na adaptabilidade e adequabilidade das infraestruturas a um modelo de cuidados prestados por equipas multidisciplinares;</p> <p>d) Construção, ampliação, requalificação e apetrechamento de unidades prestadoras de cuidados de saúde primários, nomeadamente Unidades de Saúde Familiar (USF) e de Unidades de Cuidados Continuados, consolidando a rede;</p> <p>e) Aquisição e desenvolvimento de sistemas de informação integrados que visem melhorar a qualidade dos serviços de saúde;</p> <p>f) Aquisição e instalação de equipamentos para prestação de serviços de telemedicina e de equipamentos de tecnologia avançada para unidades do SNS, designadamente nas áreas da oncologia, cardiologia e oftalmologia;</p> <p>g) Adaptação de equipamentos com vista à sua conversão em USF.</p>	Entidades públicas que prestam serviços de saúde ou outras entidades públicas mediante protocolo com os serviços e organismos do ministério responsável pela área da saúde
--	-------------------------------	---	--